



SENADO  
FEDERAL

.....

# VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL

*Auguste de  
Saint-Hilaire*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

*Volume 190*



## EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

SAINT-HILAIRE: Um botânico erudito

Apesar das duas edições destes preciosos originais, continua geralmente muito pouco conhecida a narrativa desta parte das grandes jornadas do ilustre botânico francês, a quem o Brasil tanto deve, efetuadas em nosso País. Veio a lume, aliás, em publicação póstuma divulgada trinta e quatro anos após o passamento do autor pelo Sr. R. de Dreuzy.

Nada podemos dizer sobre as relações deste editor com o sábio ilustre, a quem se devem as tão célebres narrativas de viagens realizadas em nossa terra de 1816 a 1822 e livros absolutamente notáveis pela valia científica e pela probidade dos informes, como não há quem o ignore.

Falecendo em 1853 deixou Saint-Hilaire volumoso manuscrito inédito: a Viagem ao Rio Grande do Sul, livro muito mais raro que as suas demais obras. Negocia-se hoje por preços incomparavelmente mais altos do que os das outras Viagens.

Coisa que geralmente chama a atenção dos leitores é a fidelidade com que o grande botânico soube gravar as palavras portuguesas, prova de quanto chegou a conhecer bem a nossa língua.

A Viagem ao Rio Grande do Sul e a Segunda Viagem a São Paulo, porém, trazem os nomes próprios e os toponômios extraordinariamente estropiados.

Isto nos faz crer que o autor tivesse má letra e seu revisor, o Sr. de Dreuzy, ou alguém por ele, nada entendesse de português.

Assim não é crível que Saint-Hilaire haja escrito caxuro por cachorro, corgo fondo, Pinhamongaba, Jacurahy, Nossa Senhora da Apparanda! (Aparecida), e uma infinidade de outras coisas, como ainda, São João de Manque em lugar de São João Marcos, etc., etc.

O senhor de Dreuzy dedicou a publicação ao Conde d'Eu pelo fato de ser este príncipe o esposo da herdeira do trono brasileiro, declara-o no prefácio.

## EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Do Rio Grande do Sul regressou Saint-Hilaire, por mar, ao Rio de Janeiro, em fins de agosto de 1821.

Notou então que as suas coleções se achavam em grande parte estragadas pelas traças; sobretudo o herbário. Os trabalhos de taxidermia fizeram-lhe muito mal à saúde e o clima carioca o deprimiu muito, afirma-o.

Assim, para fazer novas coleções, e recolher o material deixado em São Paulo, ao seguir para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, entendeu partir para a capital paulista, saindo do Rio, a 29 de janeiro de 1822, com os dois criados, seus velhos companheiros, Firmiano e Laruotte, dois índios montados e um tropeiro.

Na primeira viagem a São Paulo, viera de Goiás depois de atravessar o Triângulo Mineiro. Na segunda resolveu ir do Rio de Janeiro a Minas, passando pelo registro do Rio Preto, Barbacena, São João d'el-Rei, Aiuruoca, Baependi e Pouso Alto, para depois, descendo a Mantiqueira, chegar à Cachoeira e Guaratinguetá. Daí tomaria o rumo de Taubaté, Jacareí, Mogi das Cruzes e, afinal, São Paulo.

Na viagem de volta foi-lhe este o itinerário: Mogi das Cruzes, Nossa Senhora da Escada, Jacareí, Taubaté. Desta última localidade rumou em direção à capital brasileira, por Aparecida, Guaratinguetá, Areias, Bananal, São João Marcos, Itaguaí e Santa Cruz.

É muito interessante a série destes depoimentos sempre tão inteligentes e sobretudo sinceros...

Trazem valioso contingente de informes sobre a mais importante região brasileira, a que se estende entre as duas maiores cidades do País.

Estamos certos de que o nosso público, amante dos assuntos nacionais, apreciará realmente este relato probo e elevado, saído da pena do grande viajante, a cuja memória devem os brasileiros muitos motivos de verdadeira gratidão.

AFONSO DE E. TAUNAY  
[Introdução]



*Gaúchos* – 1954. Da série cenas Brasileiras, de Cândido Portinari



.....

VIAGEM AO  
RIO GRANDE DO SUL



*Mesa Diretora*

Biênio 2017/2018

Senador Eunício Oliveira  
*Presidente*

Senador Cássio Cunha Lima  
*1º Vice-Presidente*

Senador João Alberto Souza  
*2º Vice-Presidente*

Senador José Pimentel  
*1º Secretário*

Senador Gladson Cameli  
*2º Secretário*

Senador Antonio Carlos Valadares  
*3º Secretário*

Senador Zeze Perrella  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador Eduardo Amorim  
Senador Sérgio Petecão

Senador Davi Alcolumbre  
Senador Cidinho Santos

*Conselho Editorial*

Senador Edison Lobão  
Presidente

Joaquim Campelo Marques  
Vice-Presidente, editor

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim

Wilson Roberto Theodoro

Ilana Trombka

.....  
*Edições do Senado Federal – Vol. 190*

VIAGEM  
AO  
RIO GRANDE  
DO SUL

*Auguste de Saint-Hilaire*

Tradução de  
Adroaldo Mesquita da Costa



*Brasília – 2019*



EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL  
Vol. 190

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto  
© Senado Federal, 2019  
Congresso Nacional  
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF  
CEDIT@senado.gov.br  
[Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho](http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho)  
Todos os direitos reservados  
ISBN: 978-85-7018-967-7

.....

Saint-Hilaire, Auguste de, 1779-1853.

Viagem ao Rio Grande do Sul / Auguste de Saint-Hilaire ; tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.

572 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 190)

1. Rio Grande do Sul, descrição. 2. Viagem, memórias, Rio Grande do Sul. I. Título. II. Série.

CDD 918.165

.....

.....

## *Sumário*

PREFÁCIO

*pág. 19*

DEDICATÓRIA

*pág. 27*

CAPÍTULO I

Torres – Índios prisioneiros empregados na construção do forte – Itapeva – Estância do Meio – Sítio do Inácio – Tramandaí – Firmiano mordido por uma cobra – Fazenda do Arroio – Cultura da mandioca e do trigo – Pitangueiras – Diálogo com a hospedeira à porta da casa – Lagoa dos Barros – Boavista – Curtume de José Egídio, Barão de Santo Amaro – O Sr. Gavet – Descrição da fazenda – Sítio – Capela do Viamão – Bela igreja – Criação de gado.

*pág. 31*

CAPÍTULO II

Porto Alegre – Descrição da cidade – Sua imundícia – Costumes carnívoros – O Conde de Figueira, general – Sua boa administração – Derrota de Artigas em Taquarembó – Prisioneiros guaranis – Sua semelhança com os cossacos – Caminho Novo – Artigas – Duas vacas hermafroditas – Grande seca – Dificuldades na organização do serviço de abastecimento das tropas – Soldo em atraso – Rendas da capitania – Sistema de arrendamentos gerais – Sua adjudicação feita no Rio de Janeiro – Grandes abusos – Junta criminal – Frutos – Vinha – Inexistência de estufas – Clima salubre – O General Lecor – Um baile – Origens da guerra – os povoadores desta capitania são originários de Açores – Comparação com os de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul – Continuação da descrição de Porto Alegre.

*pág. 50*

CAPÍTULO III

Capela do Viamão – População da capitania – Boavista – Administração das aldeias (povos) das Missões – Palmares – Negros escravos – Estância

dos Barros – Os capitães-gerais – Estância de S. Simão – Bujuru – Mostardas – Gado, ovelhas – Freguesia do Estreito – Rio Grande do Sul – Recepção ao conde de Figueira – Exportações, areias – A lagoa dos Patos – Ganhos excessivos da fazenda geral – Baile em casa do sargento-mor Mateus da Cunha Teles – Posição do Rio Grande – Má educação das moças – Negociantes quase todos europeus – Doenças – Aldeia do Norte.

*pág. 75*

#### CAPÍTULO IV

A barra do Rio Grande – Profundidade variável – Padre Francisco Ignácio da Silveira, cura do Rio Grande – Sistema de temporização do general Lecor em Montevidéu – Influência do clima – Descrição do Rio Grande – Provável decadência desta cidade – Seu comércio – Nascimento em 1819 e 1820 – Rio Pelotas – Visita ao sr. Chaves – Navegação do canal e do rio Pelotas – Descrição da morada e do curtume do sr. Chaves – A paróquia de São Francisco de Paula – O sr. Paiva, coletor-geral dos dízimos – Dois franceses estabelecidos em São Francisco de Paula – Estado da exportação do Rio Grande de 1805 a 1819 – Cultura do cânhamo – Mau tratamento dos escravos das charqueadas – O sr. Chaves – São Francisco de Paula – Importação do Rio Grande.

*pág. 98*

#### CAPÍTULO V

Arroio das Cabeças – O Tenente Vieira – Cães de guarda dos rebanhos, chamados ovelheiros – Estância do Silvério – Invasão das areias – Cultura do trigo – Estância do velho Terras – Estância de José Correia – O mate – Os campos neutrais – Propriedade disputada – Estância da Tapera – Estância de José Bernardes – Estância de Francisco Correia – Estância de Médanos-Chico – Estância do Curreal Grande – Chiripá – Oftalmias causadas pela areia – Jerebatuba – O Sr. Delmont, francês – Rendimentos das estâncias, segundo opinião dele – Estância do Xuí – Estrados – Cultura do milho – Bodes – Rio e serra de São Miguel – Bela paisagem – Fortaleza de São Miguel – Morro da Vigia – Estância de Angelo Nuñez, lugar destinado à formação de uma aldeia – Xuí – O capitão Manuel Joaquim de Carvalho – Limites entre o Rio Grande e o Uruguai.

*pág. 128*

## CAPÍTULO VI

Santa Teresa – Fortaleza – Aluguel de uma carroça – Excessiva carestia de todas as coisas – Colheita e trilha do trigo – Angustura – Castilhos – Impostos sobre as mercadorias que vão do Rio Grande para Montevidéu – Cavalos selvagens – Castilhos (continuação) – Chafalote – D. Carlos Conxas – Vila de Rocha – Herborização no Cerro Áspero – Marcação do gado – Arroio de las Piedras – A missa no Rocha – Paixão do jogo – Arroio do Joze Ignacio – Gaúchos ou Garuchos – Estância dos Bragados – Oração à noite, as graças – Villa de San Carlos – Manteiga – Cercas com abóboras espinhosas.

*pág. 154*

## CAPÍTULO VII

Maldonado – Um jovem cirurgião francês estabelecido em Maldonado – Excelentes qualidades das terras – O Almirante Jurien – Sr. Ebert, negociante francês – Os oficiais das embarcações *Colosse* e *Galathée* – Ilha dos Lobos – Lobos-marinhos – Arroio del Sauce – Pan d'Azucar – Ódio dos espanhóis contra os portugueses – A égua madrinha – Arroio de Solis Grande – Nada de pratos – Ao ar livre, Arroio de Solis Chico – Zorrillo, animal de líquido fétido – Arroio dos Meireles – Serpentes.

*pág. 173*

## CAPÍTULO VIII

Montevidéu – Padre Gomes – Cavaleiro del Host – Certa noite, o autor perde-se na periferia – General Lecor – Boa administração – Danças de negros – Vice-Almirante José Rodrigo Ferreira Lobo – Coronel Flangini – Sr. Cavailler – Mons. Larrañaga, pároco de Montevidéu – Seu herbário – Rápida invasão de plantas europeias – Baile e espetáculo em casa do general Lecor – Herborização no Cerro de Montevidéu – Redação de uma terceira memória sobre as plantas cuja placenta se liberta após a fecundação – Gênero Pelletiera – M. Puyredón, antigo governador de Buenos Aires – D. Miguel Barrero – Comentários sobre este país – Cemitério – Sr. More – Biblioteca pública – Hospital – Negociações do Duque de Richelieu com Buenos Aires para dar o governo ao Duque de Orléans – Negociação continuada pelo Sr. Decazes em proveito do Príncipe de Lucques.

*pág. 183*

## CAPÍTULO IX

Parroquia de las Piedras – Povo de Canelones – Notas sobre a cidade de Montevideu – Coronel Manuel Marques de Sousa – Povo de Santa Lúcia – Estância de Suarez – Povo de San José – Corridas de Cavalos – Rancho del Pavón – Cultura de trigo – Às margens de um arroio perto da estância Duran, ao ar livre – A aldeia del Colla – Ao ar livre, às margens do arroio del Sauce – Riachuelo.

*pag. 202*

## CAPÍTULO X

Colônia de Sacramento – Dom Antônio de Sousa, administrador da alfândega – Herborização no rio de la Plata – Descrição da Colônia – San Pedro – San Juan – Cerro de San Juan – Porcos selvagens – O tigre *uncus pintadus* – Às margens do arroio de las Tunas, ao ar livre – Antiga estância dos jesuítas – Rincão – Arroio de las Vaccas – Estância perto da Aldeia de las Víboras – Cardos – Povo de las Víboras – Estância de Dom Gregório – Descrição de las Víboras – Tabernas – Espinillo – Arenal Chico – O Rosário e as graças – Povo de San Salvador – Dom Isidoro Mentraste – Arroio de Bizcocho – San Domingo Soriano – Gradagem com um ramo de árvore – Vaqueano – O rio Negro – Charruas – Pilhagem de Soriano – Descrição – Legião de São Paulo – Falta de padres.

*pag. 218*

## CAPÍTULO XI

Estância de Brito – Trinta anos de trigo no mesmo campo – Capilla de Mercedes – Descrição ao ar livre, margem direita do rio Negro, defronte da Capilla de Mercedes – Acampamento del Rincón de las Gallinas – Brigadeiro João Carlos Saldanha de Oliveira e Daun – Descrição, o Uruguai – Dois tigres e dois avestruzes para o Museu – Ramírez – Notas sobre os índios charruas – Sanga Honda – Roman Chico.

*pag. 237*

## CAPÍTULO XII

Estância de Bellaco – Estância de – Paisandu – Ao ar livre, às margens do Queguay. – Estância do Tenente Jacinto – Margens do rio

São José – Coronel Galvão – Boa administração dos portugueses – Sua situação política sobre a margem do Uruguai – Estância de Guabiju – Tenente-coronel Inácio José Vicente da Fonseca – Ao ar livre, às margens do arroio Xapicuí – Margens do arroio Daimán  
– Preguiça dos mestiços – Inconvenientes da miscigenação dos índios com os brancos – Campo do Salto – Aversão dos soldados do Rio Grande para com os soldados paulistas – Comerciantes – Índios e índias – Doenças venéreas – Pormenores sobre Entre-Rios  
– Pilhagens de Ramírez – Índias baicurus.

*pag. 249*

### CAPÍTULO XIII

Salto Grande – Habitação dos índios guaranis – Vilarejo de Manduré – Ilha de Santo Antônio – Índios minuanos e charruas – Parada sobre a margem do pequeno lago perto da estância de Dresnal – Estância do Tenente Mendes – Estragos causados pelo governo de Artigas  
– Campo de Belém – Soldo atrasado – Ilha do Mico – Remanescentes da população das aldeias índias, fundadas pelos jesuítas – Docilidade dos índios e seus maus costumes – Sábia administração dos jesuítas  
– Tolerância dos portugueses – Ao ar livre, às margens do arroio Guabiju  
– Ao ar livre, às margens do arroio Mandiju – Jumentos selvagens, cervos e avestruzes – Guarda de Quaraim – Política sábia do General Lecor  
– Margens do rio Quaraim – Ao ar livre, às margens de um arroio – Ninho de avestruz.

*pag. 265*

### CAPÍTULO XIV

Margens do arroio Santana – Índio guaicuru visto em Belém. – Vocábulos do dialeto desses índios – Reflexões sobre Portugal e Brasil  
– Os dumestes, insetos nocivos – Tigres – Ao ar livre, margens do arroio Guarapuitã – Mel de abelhas – Envenenamento – Ao ar livre próximo às nascentes de Guarapuitã – Os três índios comem do mesmo mel, sem que lhes faça mal – A vespa é chamada pelos guaranis lechiguana  
– Ingratidão de Firmiano – Incapacidade dos índios em conceber o futuro – Ao ar livre, junto ao arroio Imbaá – Ao ar livre, perto de um arroio sem nome – Estância de São Marcos – Rincão de Sanclón  
– Costumes – Retorno à barbárie – Nenhuma religião.

*pag. 285*

## CAPÍTULO XV

Ao ar livre, nas margens do Ibicuí – Travessia em Piroga. Na outra margem do Ibicuí – Estância do Alferes Antônio Francisco Souto – Rincão da Cruz – Pedras de limites – Produtos da criação – Produtos da lavoura – O marechal Chagas – Chácara de Pedro Lino – Sentido da palavra chácara – Fazenda do Salto. O Padre Alexandre e sua insolência – Fazenda do Deumairo (sic) – Colonos europeus – Seus filhos – Siti, chefe dos índios.

*pag. 307*

## CAPÍTULO XVI

Margens do rio Butuí – Estância de São Donato do Marechal Chagas – Estância de Butuí, margem direita do rio Butuí – As pelotas, barcos de couro cru – São Borja – Igreja – Notável partido que os jesuítas sabem tirar da imbecilidade dos índios – Música – Decadência das missões depois que abandonaram o sistema dos jesuítas – Mistura com brancos – Doenças – Despovoamento – Retorno à barbárie – Caráter infantil dos guaranis – Opinião do Coronel Paulette – Descrição da aldeia – Estância de Santos Reis – Antiga plantação de mate – Regimento dos guaranis. Suas mulheres. Bicharia. – Ruína da região por causa das requisições militares – Observações recolhidas por meio do cura de São Borja – Ramírez.

*pag. 322*

## CAPÍTULO XVII

Estância do Silva – Estância do Sousa – Aventura de um miliciano, de uma índia e de um prisioneiro negro – Fealdade das índias; paixão que elas inspiram aos brancos – Bonita paisagem – Estância de São José – Propriedades do Marechal Chagas – Escândalo dessas aquisições – Estância de Itaroquém – Ruínas das velhas estâncias dos jesuítas – Chácara de Chico Penteadado – Os moscardos – Significação das palavras estância e chácara – Notas agrícolas – Chácara de Santa Maria – Passagem de Piratini – Administração de São Borja – Aldeia de São Nicolau – Descrição – Ruínas – Ao ar livre, às margens do arroio de Caotchobaí – Ao ar livre, a meio quarto de légua de São Luís.

*pag. 342*

## CAPÍTULO XVIII

São Luís – O respeito pelos jesuítas, inspirado através das ruínas da civilização que implantaram – Atual indigência dos índios – Os índios de São Nicolau têm melhor aparência que os de São Borja, prova que eles se corrompem em contato com os brancos – Conversa com uma índia – Hospital construído pelos jesuítas – Administração antiga e atual – Descrição de São Luís – Alguns artífices e um bom administrador – Variola – Chácara do administrador de São Lourenço – Chácara da comunidade de São Luís – Bom aspecto desse estabelecimento – São Lourenço – Miséria dos índios – Mau administrador – Descrição do povoado – Antigo quincunce de erva-mate – Colheita do mate – São Miguel – Bom estado dessa aldeia – O Marechal Chagas – Abusos – Soldados não pagos – Igreja de São Miguel – Hospital sem médico e sem remédios – Esse povoado é o menos pobre de todos – General-Índio Siti, bêbado e ladrão – Pequenos índios frequentemente roubados – Engenho de açúcar construído pelos jesuítas – São João – O cura de São Miguel – Santo Ângelo – O Juimirim e o Juiguaçu – População do povoado – Triste condição das índias – Miséria e costumes dos índios – Agricultura dos guaranis: seu arado, trigo, mandioca, milho, algodão, feijão – Impudor ingênuo das índias.

*pág. 358*

## CAPÍTULO XIX

Choupana de Piratini – Notas sobre São João – Habilidade manual dos índios, escrita, escultura – Ao ar livre, às margens do Itapiruguaçu – Estância de Tupaceretã – Estância de Santiago – Respeito que se devia ter pelos direitos dos índios sobre suas terras – Uma mulher que viveu à época dos jesuítas – Estância de Salvador Lopes – Entrada do mato – Cultivo de tabaco – São Xavier – Maus costumes do Brasil – Comparação entre os negros e os índios – Toropi-Chico – Serra de São Xavier, de São Martinho e de Botucaraí – Fertilidade desta região, saturada de requisições – Ao ar livre, às margens de Toropi-Grande – Estância de São Lucas – Estância de Filipinho – Estância de Durasnal de São João da Coxilha do Morro Grande – Estância do Rincão da Boca do Monte – Propriedade duvidosa – Títulos de Sesmaria.

*pág. 380*



## CAPÍTULO XX

Capela de Santa Maria – Notícias da revolução no Brasil – A capela depende da paróquia de Cachoeira – Simonia – Estância da Tronqueira – Nota sobre os cavalos selvagens – Violento furação – História de Firmiano – Estância de Restinga Seca – Família do Silveira, camponês de Tronqueira – A Sexta-Feira Santa – Rigoroso jejum.

*pág. 398*

## CAPÍTULO XXI

Margens do rio Jacuí – Anotações sobre a administração de Chagas – Chácara de Pedro Morales – Vila de Cachoeira – Margens do rio Botucaraí – Acidente – Os brasileiros desejam uma Constituição – Conversação sobre a Província das Missões – Impossibilidade de empregar os negros – A meia légua da casa do major Filipe Carvalho – Lição de civilidade – Vila do Rio Pardo – O sargento-mor José Joaquim de Figueiredo – Seiscentas léguas sem uma ponte – Venda da carroça para continuar a viagem por água – Decadência dos índios completada pelos portugueses – Comércio de Rio Pardo – Couros e trigo – Descrição da cidade – Paixão do jogo, luxo de arreios, comércio nas mãos dos europeus.

*pág. 416*

## CAPÍTULO XXII

Sobre o rio Jacuí, perto da estância dos Dourados – O cirurgião-mor Vicente – Passagem das cataratas ou cachoeiras – Porto de Dona Rita, sobre o Jacuí – Vila de Santo Amaro – Sobre o Jacuí, a três léguas de Porto Alegre – Freguesia Nova – Canoas – Porto Alegre – O Sargento-Mor João Pedro da Silva Ferreira – Embarque para Rio Grande – As Pedras Brancas – Barra do Rio Pardo – Separação do Guaíba e do rio do Porto Alegre ou lagoa do Viamão – Ancorado junto ao Morro do Coco – Notas sobre Porto Alegre – Inconvenientes do poder absoluto dos capitães-gerais – O pôr do sol à altura dos Três Irmãos – Reflexões sobre as capitânicas do Brasil – Saco do Bujuru – Tempestade – Partida do Rei para Portugal – Ausência inconcebível de balizamento do lago, para a navegação – À vista da Ponta dos Lençóis – O autor leva consigo o um jovem guarani.

*pág. 435*

LIVRO DE VIAGEM  
QUE TRATEI DE FAZER DO RIO DE JANEIRO  
A VILA RICA E DE VILA RICA A SÃO PAULO,  
PARA IR BUSCAR AS 20 CAIXAS QUE DEIXARA  
NESTA ÚLTIMA CIDADE

CAPÍTULO XXIII

Rio de Janeiro – Cuidado com as coleções – Preparativos de partida –  
Arredores do Rio de Janeiro – Freguesia de Inhaúma – Stº Antônio de  
Jacutinga – Pé de Serra – Senhor d’Engenho – Engenhos  
– Café – Caminho Novo de Comércio – Falta de perseverança nos  
empreendimentos feitos no Brasil – Varge – O Paraíba – Registro do  
Caminho do Comércio – Engenhoca – Aldeia das Cobras  
– O Desembargador Loureiro – Má distribuição das terras concedidas  
– O rio Preto – Limite da capitania do Rio de Janeiro – Registro de Rio  
Preto – A Serra Negra – S. Gabriel – Polidez do povo – Fazenda de S.  
João – Os pequenos guaranis Diego e Pedro – Um cirurgião – O rio  
de Peixe – Rancho de Manuel Vieira – Os Campos – Rancharia –  
Brumado – Rancho Antônio Pereira – Fazenda do Tanque.

*pág. 455*

CAPÍTULO XXIV

Serra da Ibitipoca – Rio do Sal – Rochedo de Stº Antônio – Ponte Alta –  
Fazenda da Cachoeira – Pulgas – Vila de Barbacena – Dom Manuel de  
Portugal e Castro – Fazenda de Barroso – Rancho d’Elvas –  
Bichos-de-pé – S. João d’el-Rei - J. Baptista Machado, cambista –  
A missa no presbitério – Conversa sobre a revolução brasileira – Rancho  
do rio das Mortes Pequeno – Carta – Fazenda do Ribeirão – Fazenda  
da Cachoeirinha – Travessia do rio Grande que se torna mais adiante rio  
de la Plata – Negras – Rio da Juruoca – Fazenda de Carrancas –  
Rancho da Trituba – Caravanas de sal, toucinho e queijos  
para o Rio de Janeiro – Fazenda do Retiro.

*pág. 477*

CAPÍTULO XXV

Fazenda dos Pilões – Caminho da Paraíba novo – Venda do dízimo do  
gado – Prejuízo causado aos agricultores pelos animais selvagens  
– Juruoca – O pároco – Descrição da vila – Não se acha mais ouro nessa

região – Colheita do milho e do feijão – Criação de gado – Pequeno número de escravos – Agricultura – Excursões à serra do Papagaio – Quedas d'água – Rio de Juruoca – O pinheiro do Brasil não atinge mais que alturas medianas – Rego d'Água – Rio de Baependi – St<sup>a</sup> Maria de Baependi – D. Gloriana, mulher do Capitão Meireles, proprietário de Itanguá.

*pág. 497*

#### CAPÍTULO XXVI

Fazenda de Paracatu – Cultura do fumo – Pouso Alto – Casa do Capitão Miguel Pereira – Córrego Fundo – Linda região – Registro da Mantiqueira – Inspeção das malas – Firmiano doente – Matas virgens – Caminhos horríveis para descer a serra – Pé da serra – Porto de Cachoeira – Cultura do café e da cana-de-açúcar – Travessia do Paraíba – Bifurcação do caminho para São Paulo e Rio de Janeiro – Rancho dos Canhões – Cidade de Lorena – Vila de Guaratinguetá – Rio de São Gonçalo – Rio dos Mortos – Mulheres indo à missa – Nossa Senhora da Aparecida – Capela do Roseiro – Caminho magnífico – Campos d'Inhá Moça – Matas virgens – Pindamonhangaba – Vila de Taubaté.

*pág. 509*

#### CAPÍTULO XXVII

Descrição da cidade de Taubaté – Albergue – Japebaçu – Tabuão – Caragunta – Capão Grosso – Ramos – Piracangava – Jacaraí – Papeira – Mestiços de índios – Nossa Senhora da Escada – Água Comprida – Parasitos – Mogi das Cruzes – O sargento-mor Francisco de Melo – Indiferença política da população – Serra do Tapeti – Descrição da cidade de Mogi – Rio de Jundiá – O Taiampera – Rio do Guaião – Pântanos – Inhazinha – Penha – Barba-de-bode – Banana-do-brejo. Casa Pintada – O Tietê – A Capitania de São Paulo salvou o Brasil – Os irmãos de Andrada e Silva – Tatuapé – São Paulo – Guilherme – O brigadeiro Vaz – O general d'Oeynhausen.

*pág. 524*

#### CAPÍTULO XXVIII

São Paulo – Aluguel de oito mulas para a volta – O coronel Francisco Alves – Festas da Páscoa de 1822 – Baixo das Bananeiras – Mogi

das Cruzes – Frio – Eleitores – Fazenda de Sabaúna – Freguesia de Nossa Senhora da Escada – Vila de Jacareí – Vila de Taubaté – O povo nada ganhou com a revolução – Ribeirão – Rancho das Pedras – Nossa Senhora Aparecida – Rancho de Tomás de Aquino – Firmiano – Rancho de sapé – Falsos ruídos sobre a prisão do Príncipe na Província de Minas – Rancho da Estiva – Ferro importado do estrangeiro – O Príncipe entrado em Vila Rica – Composição ridícula da junta provisória de Goiás – Plantações de café – Vila das Areias – Cultura do café – Um francês – Má imigração francesa – Rancho do Ramos – A cidade de Cunha – Pau-d’Alho – Rancho do Pedro Louco – Bananal – Nota sobre os botocudos – Rancho de Paranaquitanga – Rancho dos Negros – Rio Pirai – Ponte inacessível – Rancho do Pisca – Vila de São João Marcos – Rancho de Matias Ramos – Tropa de negros novos – Rosa d’el-Rei – A Serra – Venda de Toledo – Rio da Texura transbordado – Mula roubada – Grande vale na extremidade do que se encontra o Rio de Janeiro – Taguai – Planície de Santa Cruz.

*pág. 536*

NOTAS SOBRE A  
AGRICULTURA EM RIO PARDO

*pág. 561*

ÍNDICE ONOMÁSTICO

*pág. 565*



.....

## *Prefácio*

GUILHERMINO CÉSAR

**A** OBRA DE AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE (1779-1859) trouxe-nos uma contribuição exemplar. Poucos investigadores estrangeiros, dentre os muitos que nos visitaram com propósitos científicos, se mostram tão compreensivos e cordiais a nosso respeito.

*As peculiaridades da flora, da fauna, a mesma variedade das espécies solicitam a atenção apaixonada desse naturalista francês. Não foi menor também a argúcia com que buscou observar a nossa sociedade oitocentista, dela nos dando um painel de cores nítidas. O autodidata de Orléans, com modéstia digna de nota, conquistou por isso mesmo renome universal como “brasilianista” consumado.*

*A região meridional foi escolhida para suas demoradas e afanosas excursões. Pode-se dizer que da Bahia para baixo, compreendendo uma área extensíssima, em que assentam os atuais Estados de Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e a República Oriental do Uruguai (então Província Cisplatina), a pesquisa de campo*

*efetuada por Saint-Hilaire respondeu generosamente a muitas perguntas. Ninguém mais atento do que ele no empenho de desvendar aos olhos da Europa a ecologia dessa parte do mundo.*

*O resultado que obteve não se limitou, porém, à coleta, classificação e preservação do material encontrado. À medida que o examinava, Saint-Hilaire redigia comunicações, relatos de viagem, e permutava informações com botânicos e instituições diversas; tratava, em suma, de tornar conhecida a opulência da natureza brasileira, imperfeitamente conhecida, naquela época, inclusive por nós mesmos.*

*Todos o sabem: a curiosidade daquele homem excepcional, ao invés de se fechar na contemplação do mundo físico, igualmente se abriu à contemplação do homem, das instituições, dos costumes, das formas de trabalho do aborígine, do branco, dos negros, livres ou escravos, vale dizer, da pintalgada humanidade que aqui desabrochava, antes de se libertar o Brasil do imobilismo colonial, a caminho da independência política.*

*Servindo-se do diário e de outras observações orais ou impressas, levou anos a polir a Voyage à Rio Grande do Sul. Note-se o seguinte: penetrou ele pela primeira vez nas terras de São Pedro do Sul em junho de 1820, veio a Porto Alegre, fô à Cisplatina, percorreu as Missões, desceu o Jacuí; sua permanência foi demorada: só regressou ao Rio de Janeiro em maio de 1821, embarcando no porto de Rio Grande.*

*Há mais, porém. No final deste volume, formando cinco capítulos, do XXIII ao XXVIII, encontra-se o “Livro de Viagem”, que mais não é do que o relato da expedição que fez a São Paulo, em 1822, para buscar as coleções botânicas ali deixadas três anos antes. Sobre as províncias vizinhas, Minas e Rio de Janeiro, pelas quais novamente passou, o naturalista nos dá igualmente preciosas observações, no seu tom característico. Portanto, a Viagem ao Rio Grande do Sul, que o leitor tem em mãos, abrange a maior parte do Brasil meridional.*

*Destino singular, o deste livro. Sabe-se, por exemplo (v. Abeillard Barreto, Bibliografia Sul-Rio-Grandense, II), que afamados museus do mundo, em Paris, Berlim, Chicago, Gênève, Montpellier, New York e Washington, guardam, em suas coleções, material coligido no Brasil pelo ilustre botânico. Seu herbário original, porém, fora por ele próprio confiado à guarda do Museu de História Natural de Paris. Estudos posteriores, levados a cabo e circunstâncias mais favoráveis, num estágio evoluído das ciências naturais, não só assimilaram os dados pioneiramente oferecidos pelo nosso autor, como também esgotaram, por assim dizer, o interesse de suas investigações.*

*Não é exatamente isto o que sucede à Viagem ao Rio Grande do Sul. Enquanto relato de excursão científica, poderia ter ficado adstrita à botânica, principal objetivo do viajante. Para quem redigia tal documento, nas pausas de desconfortável visita a sítios agrestes, ermos e ignorados, o texto ora impresso era um subproduto, em face da primazia dada por Saint-Hilaire ao seu herbário, que levava consigo como o maior tesouro por ele descoberto no Novo Mundo. Entretanto, nos dias de hoje, para todos nós, a Viagem é que é o documento vivo. Quer dizer: quanto mais o tempo transcorra, mais valiosas serão suas páginas, vivificadas pela abrangência de um espírito observador.*

*Nenhum dos botânicos que in loco puderam apreciar a flora sul-americana teve ocasião de registrar flagrantemente sociais como os que aqui se alinham. Desinteressadamente, do modo que melhor convém às coisas belas, Saint-Hilaire excedeu a si mesmo na tarefa de sumariar \_ primeiro no atropelo das viagens, e após no sossego de seu lar francês \_ minuciosamente, em anos de labor \_ o que vira no extremo austral do nascente Império.*

*Viagem ao Rio Grande do Sul não fora ainda editada na íntegra, em língua portuguesa. O texto até hoje divulgado – inicialmente pela Ariel Editora Ltda., 1935, e mais tarde pela Cia.*



*Editora Nacional, na série “Brasiliiana” \_ omite a parte relativa à Banda Oriental do Uruguai, coisa que evidentemente desfigura uma obra em que são frequentes as alusões comparativas aos povos e coisas do Prata e do Brasil.*

*Devemos a presente tradução ao Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, natural de Taquari, onde nasceu em 1894 e faleceu em 12 de dezembro de 1985. Desinteressadamente a fez o eminente homem público, em circunstâncias que convém referir. Na mocidade, atraído pela excelência da obra, publicou ele na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ano 2º, 1º trim. de 1992, a tradução de alguns capítulos, alusivos à primeira estada do autor em terra gaúcha, antes de percorrer a Cisplatina, de onde voltaria passando pelas antigas Missões da margem esquerda do rio Uruguai. Correm os anos. Mas, cedendo a apelos do mesmo Instituto Histórico, de que é presidente perpétuo, apesar de inúmeros afazeres, o ex-Ministro da Justiça do Governo Dutra, ex-parlamentar e advogado militante, encontrou forças, apesar de avançada idade, para retomar o livro de Saint-Hilaire e concluir sua esperada tradução.*

*No momento em que escrevia este prefácio, o nobre amigo estava em vésperas de completar noventa anos de idade. Nessa altura da existência, cercado da admiração de todos, dava-nos mais uma prova de energia intelectual, prestando à sua terra mais um tributo de amor.*

*Dessa forma, no seu texto integral, um livro ímpar da bibliografia oitocentista é agora confiado à atenção do leitor, na Estante Rio-Grandense União de Seguros (ERUS). Desinteressadamente escrito e desinteressadamente posto em vernáculo, volta este livro a confirmar, em nova roupagem, a notória validade de suas observações.*

*Coincidentemente, esta primeira tradução integral do famoso livro de Saint-Hilaire vem a lume em Porto Alegre no centenário de seu surgimento em 1887 na primeira e única edição francesa conhecida (impressa em Orléans por H. Herluison).*

*Foi tardia a iniciativa de vertê-la integralmente ao nosso idioma mas o reconhecimento de todos os estudiosos nunca faltou aos méritos \_ em verdade raros \_ deste livro magistral.*

*Por todas estas circunstâncias estou certo de que o texto atual renovará o interesse dos leitores, especialmente no Rio Grande do Sul e na vizinha República do Uruguai, regiões que o autor percorreu afanosamente, pondo sua acuidade de cientista em permanente alerta para registrar com amoroso interesse as peculiaridades da vasta região sulina.*





*A.C. de SAINT-HILAIRE,*  
*membro do Instituto de França,*  
*professor de botânica do Museu,*  
*nascido em Orléans em 4 de outubro de 1779*  
*e morto em Turpinière em 30 de setembro de 1856.*

*H. Herluison, éditeur.*

*Imp. A. Clément*



.....

## *Dedicatória*

A SUA ALTEZA REAL E IMPERIAL  
O SENHOR CONDE D'EU

**S**enhor,

*Auguste Prouvansal de Saint-Hilaire foi, creio, o primeiro sábio francês ao qual foi dado penetrar no interior do Brasil.*

*Saindo da França para o Rio de Janeiro em 1º de abril de 1816, com a embaixada do duque de Luxemburgo, empregou seis anos nas mais diversas explorações através do imenso Império do Brasil. Percorreu nada menos de 2.500 léguas no lombo de muares no interior do País, visitando alternadamente Jequitinhonha, as nascentes do rio São Francisco, o rio Claro e o Uruguai.*

*De regresso a Paris, em agosto de 1822, ocupou-se inicialmente com os resultados científicos de suas viagens, e começou em 1825 a publicação da Flora Brasiliae Meridionalis, que lhe abriu as portas da Academia de Ciências.*

*Em 1830, editou seu primeiro relato intitulado: Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais; e em 1833, o segundo: Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil.*

*Em 1º de fevereiro de 1821, às margens do riacho Guarapuitã, próximo a Belém, não longe das orlas do Uruguai, foi envenenado com o mel da abelha Lechiguana e esse acidente originou longa e cruel doença que retardou a publicação da terceira e da quarta parte da sua viagem.*

*Essas duas obras só vieram a lume em 1848 e 1851, respectivamente, sob os títulos: Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e à Província de Goiás e Viagem pelas Províncias de São Paulo e Santa Catarina.*

*Morreu no ano de 1853, em Turpinière (Loiret), sendo membro da Academia de Ciências do Instituto de Paris, professor da Faculdade de Ciências de Paris, Cavaleiro da Legião de Honra, das Ordens de Cristo e do Cruzeiro do Sul etc.*

*Outra honra lhe estava reservada.*

*Sua Majestade o Imperador do Brasil, em audiência particular concedida a um orleanista adido à Embaixada da França, quis de forma inequívoca manifestar espontaneamente a estima que nutria pelo sábio cujo nome e trabalhos estavam presentes em sua memória.*

*Em obediência à última vontade de Auguste de Saint-Hilaire, publico agora a última parte dessa longa viagem. Trata-se do diário redigido a cada noite durante penosa exploração na Província do Rio Grande do Sul, prosseguida até Montevidéu, às margens do Uruguai e através das antigas missões jesuíticas desse país<sup>1</sup>.*

---

1 Creio dever respeitar a ortografia dos nomes brasileiros, tal qual soaram nos ouvidos do Autor e como se acham reproduzidos nos manuscritos. Assim, ele escreve *Jiquitinonha*, embora o uso tivesse consagrado depois a forma *Jequitinhonha*.

*Este diário de viagem, precisamente por sua data já antiga, deverá provocar nos leitores brasileiros um interesse quase arqueológico. O tempo e o progresso marcham tão velozmente no Império do Brasil, que seria curioso, parece-me, possuir uma descrição consciente e pormenorizada, uma espécie de inventário escrito em 1821, dos lugares e regiões visitados pelo autor.*

*Eis o que me encoraja, Senhor, a solicitar de Vossa Alteza o favor de poder inscrever seu nome no pórtico deste livro.*

*Esse augusto patrocínio seria honra insigne prestada à memória do sábio íntegro que votou ao Brasil uma afeição sincera, não deixou senão boas lembranças com preciosas amizades e consagrou a esse belo País uma grande parte de seus trabalhos e de sua existência.*

*Dignai-vos aceitar, com esta dedicatória,*

*Senhor,*

*a homenagem do profundo respeito com que tenho a honra de ser de Vossa Alteza Real e Imperial o mais humilde e obediente servidor.*

*La Turpinière, 3 de janeiro de 1884.*

R. DE DREUZY

\*

*Em resposta a esta dedicatória, a Senhora Condessa D'Eu dignou-se, em 5 de março de 1884, dar-nos ciência de que o Senhor Conde D'Eu "aceita com prazer a dedicatória da publicação que deve completar as viagens de Auguste de Saint-Hilaire. O nome desse sábio é bastante conhecido no Brasil, e seus trabalhos, que forneceram tantas informações sobre grande parte do País, gozam desde então da maior estima.*

*É, pois, com grande prazer que tomamos conhecimento dessa preciosa obra que vai ser completada pelo último volume."*



*Estas linhas são a mais preciosa recompensa de nosso trabalho de editor, e procedem de príncipes tão esclarecidos, que significam também a mais alta recomendação para o leitor.*

.....

## *Capítulo I*

TORRES – ÍNDIOS PRISIONEIROs EMPREGADOS NA  
CONSTRUÇÃO DO FORTE – ITAPEVA – ESTÂNCIA  
DO MEIO – SÍTIO DO INÁCIO – TRAMANDAÍ –  
FIRMIANO MORDIDO POR UMA COBRA – FAZENDA  
DO ARROIO – CULTURA DA MANDIOCA E DO TRIGO  
– PITANGUEIRAS – DIÁLOGO COM A HOSPEDEIRA  
À PORTA DA CASA – LAGOA DOS BARROS – BOAVIS-  
TA – CURTUME DE JOSÉ EGÍDIO, BARÃO DE SANTO  
AMARO – O SR. GAVET – DESCRIÇÃO DA FAZENDA –  
SÍTIO – CAPELA DO VIAMÃO – BELA IGREJA – CRIA-  
ÇÃO DE GADO.

**T**ORRES, 4, segunda-feira, 4 de junho de 1820. – Sempre areia e mar. Enquanto nos dias anteriores só avistávamos uma praia esbranquiçada que se confundia com o céu na linha do horizonte, hoje, ao menos, deparamos dois montes denominados Torres, porque realmente avançam mar adentro, como duas torres arredondadas. Para as bandas do oeste, recomeçamos a avistar a grande cordilheira que há muito tempo não víamos. Cerca de uma légua daqui, encontramos-nos à margem do rio Mampituba (pai do frio), que, atravessando a praia, se lança no mar, após separar a Província de Santa Catarina da Capitania do Rio Grande; passamo-lo do mesmo modo que o rio Araranguá. É também à guarda de Torres que se paga o pedágio. Continuando a viagem, chegamos aos montes que têm esse nome; um

relvado muito rente ao chão, um pouco mais elevado que a praia, estende-se à beira-mar, acima do monte que fica mais ao norte. Como há projeto de se localizar em Torres a sede de uma paróquia, começaram a construir aí uma igreja, da qual até agora existe apenas o madeiramento. Depois de passarmos por essa igreja, chegamos a um forte, cuja construção está sendo ultimada neste momento e junto ao qual se acha o alojamento dos soldados do posto e o do alferes que os comanda. Estas construções estão situadas no lado ocidental do monte, local donde gozei um panorama que se me afigurou mais encantador do que efetivamente era, por causa da monotonia dos areais áridos, batidos pelas ondas.

Quase ao pé do monte estende-se, paralelamente ao mar, um lago de águas tranquilas e cercadas de altas ciperáceas; do outro lado, crescem matas em terreno plano. À direita veem-se ainda areais puros e, por fim, o horizonte limitado pela grande cordilheira, cujo cimo forma um imenso planalto.

Chegado à residência do alferes, mostrei-lhe meus documentos, sendo muito bem recebido e hospedado numa pequena casa, onde ficarei sozinho e donde se avista o lago. A construção do forte, a que me refiro acima, estava em andamento, embora não se acreditasse na invasão espanhola. Mas desde Laguna até aqui, a costa é tão baixa e de tal modo castigada pelas ondas, tão perigosas para as pequenas embarcações, que nem se podia imaginar que os inimigos delas ousassem desembarcar.

De qualquer modo, o forte está sendo levado adiante, voltado para o norte e podendo ser dotado de quatro peças de artilharia.

Empregaram-se em sua construção cerca de trinta prisioneiros, tomados a Artigas. À exceção de apenas um, os demais são índios. Entretanto a maior parte revela traços de sangue espanhol. Uns vieram das Missões, outros de Entre-Rios e do Paraguai. Parece que só o gosto pela pilhagem os havia reunido como a tantos outros, sob a bandeira de seus chefes.

Esses homens são de estatura baixa, peito exageradamente largo, rosto de um bistre carregado, cabelos negros e lisos, pescoço muito curto, fisionomia verdadeiramente ignóbil. O alferes fez o elogio de sua docilidade. Alguns haviam fugido com o propósito de voltar para os pagos, atravessando a grande cordilheira; mas, encontrando na passagem da serra obstáculos insuperáveis, voltaram e foram capturados. Todos conhecem o espanhol e a língua geral. Notei, porém, que, quando falam esta última lín-

gua, utilizam vocábulos às vezes diferentes dos que se acham consignados no dicionário dos jesuítas.

TORRES, 6 de junho. – Fiquei de tal maneira fatigado pelas duras jornadas anteriores, que exigi de meu guia a permanência aqui, por um dia. Aproveitei para pôr em ordem minhas coleções e passear pelos montes denominados Torres. Tendo já descrito uma parte que fica ao norte, vou concluí-la. É alongado, desigual e quase totalmente coberto de relva; o avanço que faz para o mar é arredondado como uma torre; oferece às ondas uma muralha de rochedos cortados a pique e termina por um terraço onde vegeta uma erva rasteira. Pelos flancos do monte crescem, em alguns lugares, duas espécies de cactus, um grande *eryngium*, bromeliáceas e arbustos, entre os quais reconheci, com surpresa, a mirtácea denominada pitanga, que nunca tinha visto nesta costa.

O mais meridional dos dois montes principais está situado a algumas centenas de passos do primeiro; avança bastante pelo mar adentro, porém não apresenta forma regular e quase por toda parte é coberto de relva. Do lado do mar, igualmente escarpado, exhibe uma chanfradura profunda, onde as ondas vêm quebrar-se contra as negras rochas.

À entrada dessa chanfradura, do lado norte, há uma enorme caverna onde dificilmente se entraria, por causa do mar e da direção vertical dos rochedos.

Além desse último monte, vê-se ainda um terceiro, muito menos importante que os dois outros, com o feitio de uma albarda, sendo quase todo coberto de relva. Na frente, um rochedo exatamente paralelo ao seu corte, configurando uma inacessível muralha íngreme.

É do primeiro dos três montes que se frui o mais agradável panorama; pois dele se avista, ao mesmo tempo, o alto-mar e o lago de água doce de que falei ontem.

ITAPEVA, 7 de junho, três léguas. – Após percorrer ainda cerca de três quartos de légua de praia, achamo-nos um pouco afastados do mar e entramos numa grande planície úmida, revestida de espessa erva disposta em tufos, na qual se percebem, aqui e ali, pequeninos capões; a grande cordilheira ergue-se a oeste dessa planície, quebrando a monotonia da paisagem.

O terreno é bastante arenoso e, principalmente do lado da serra, áreas consideráveis são cobertas de butiás. Agora não se vê quase nenhuma

planta em flor. A relva mostra-se amarelada, seca, assemelhando-se pelo aspecto ao das pastagens alagadiças da Sologne. O *ericaulon* n° 1.805<sup>1</sup> e uma *villarsia* crescem em abundância, nos lugares mais úmidos. Fizemos uma parada junto a uma choupana, em cuja vizinhança herborizei até o pôr do sol, chegando à margem de um grande lago. O dono da choupana informou-me, esta tarde, da existência de três outros lagos que se comunicam uns com os outros por estreitos sangradouros; que o mais setentrional, visto por mim, chama-se lagoa das Conchas; que os quatro juntos poderiam medir cerca de quinze léguas de comprimento. Terminado meu trabalho, pedi licença ao dono da choupana para pernoitar em sua casa, sendo atendido. Esta é construída em madeira encruzada, revestida de folhas de palmeiras, que também entram na sua cobertura. Compõe-se de um celeiro sem porta e um quarto desprovido de janela e mobiliário, onde a roupa branca e o vestuário de toda a família são estendidos sobre traves.

Apesar da indigência que revela essa triste morada, a dona da casa se veste muito melhor que nossas camponesas francesas. Soube, por seu marido, que nos arredores daqui se cultivava mandioca, feijão, trigo e milho que, em geral, só dá uma espiga.

A localidade pertence à Freguesia da Serra, que dista daqui quinze léguas, e por isso os moradores vão à missa só pela Páscoa e morrem sem receber os sacramentos.

A viagem vai-se tornando cada vez mais penosa, minhas forças e meu ânimo se esgotam; a lembrança de minha mãe não me sai do pensamento e justamente quando mais preciso de distrações, vejo-me cercado de pessoas descontentes. Torno-me pouco a pouco escravo de José Mariano<sup>2</sup>; Firmiano<sup>3</sup> só me fala com ar insolente; Manuel<sup>4</sup> é ainda o melhor,

---

1 Este número e os que aparecerão no correr da leitura se referem ao catálogo descritivo organizado, diariamente, por Augusto de Saint-Hilaire. Este catálogo e herbário do Brasil são conservados no Museu de Paris.

2 Tropeiro mestiço, alugado em Ubá, perto do Rio de Janeiro, encarregado de ferrar os animais, cuidar do arreamento, caçar e preparar os pássaros.

3 Índio botocudo, trazido pelo autor, das margens do Jequitinhonha. Era encarregado de transportar e preparar as provisões e de ajudar Manuel.

4 Criado livre (camarada), negro forro, alugado em São Paulo. Suas obrigações consistiam em campear os animais, carregá-los e descarregá-los.

mas de uma suscetibilidade que exige as mais fatigantes precauções. Para mim é um suplício inexprimível achar-me sempre entre esses aborrecidos personagens, e se à tarde gozei alguma tranquilidade foi porque me refugiei sozinho nessa choupana.

ESTÂNCIA DO MEIO, quatro léguas e meia, 8 de junho. – A casa em que pernoitei ontem fica tão próxima do mar, que ouvi toda a noite o marulhar das ondas.

A estrada continua a atravessar a mesma planície úmida, já descrita, e que a vizinhança da serra, a mistura de pequenos bosques com pastagens e o aspectos dos butiás<sup>5</sup> tornam muitíssimo agradável.

Os bosquezinhos, espalhados nas pastagens, assemelham-se bastante ao que chamamos pousos; as árvores aí, muito próximas umas das outras, têm pouco vigor e altura. O caminho vai gradativamente se aproximando da serra e, perto de uma légua daqui, vimos o lago de que falei ontem e que se estende sobranceiro ao pé das montanhas. Até aqui desfrutamos esta magnífica vista, e a choupana, junto à qual estivemos parados, se localiza à margem do lago. Este lugar seria delicioso se os arredores do lago fossem cultivados e povoados de casas, uma vez que a mais bela paisagem precisava ser animada pela presença e trabalho do homem. Entretanto mal se veem, de longe em longe, algumas miseráveis choupanas. Parei perto de uma, tão úmida que não ousei fazer nela a minha cama.

Mas a dona da casa aqui se veste de modo idêntico ao da senhora da choupana de Itapeva; usa um vestido de nanquim azul, mangas compridas e um fichu de musselina; os cabelos alteados por uma travessa. Enquanto escrevo, desenrolam uma esteira no chão, e aí servem a sopa, reunindo-se toda a família em redor da esteira. Convidaram-me a tomar parte nessa refeição, mas recusei. Perguntei o nome do lago aos moradores da casa, mas não me souberam responder.

Quando a ele se referem, dizem simplesmente o lago, e como aí não existe outro, todos entendem.

SÍTIO DO INÁCIO, 9 de junho, três léguas. – Sempre as mesmas planícies, as mesmas moitas de mata, apazivelmente disseminadas no meio das pastagens. O terreno continua muito arenoso, porém menos

---

5 Palmeira anã. Ver *Viagem a São Paulo*, Aug. de Saint-Hilaire, tomo II, p. 367.

úmido. A relva é espessa e mais amarela que a das pastagens que percorri nos dias anteriores.

De vez em quando, encontro algumas flores, tal como acontece no mês de outubro em nossos campos; mas aqui, como na França, as plantas tardias são menos vigorosas e sua inflorescência muitas vezes difere da que se apresenta no tempo próprio.

Raramente se veem árvores sem folhagem, e os moradores daqui me disseram que as matas nunca ficam totalmente desfolhadas como ocorre nesta mesma época em Minas Novas. Durante muito tempo víamos apenas trechos do lago, mas já neste ponto começamos a avistá-lo melhor e, afinal, chegando ao sítio, onde paramos, encontramos-nos em suas margens.

O sítio, sendo ainda uma choupana, oferece melhor aparência que os encontrados ontem e anteontem. Aí deparamos somente um preto velho, cujo senhor o deixara para receber a correspondência vinda de Porto Alegre e que deve destinar-se à guarda de Torres. Por esse negro fiquei sabendo que seu amo tinha moradia principal e plantações do outro lado do lago, não tendo o sítio outra utilidade além de cria de gado nas pastagens vizinhas. O mesmo se dá, ao que parece, com todos os agricultores da região; plantam na margem ocidental do lago, coberta de mata, deixando o gado nessa margem, onde as pastagens são muito boas.

É preciso, porém, que o número de animais não ultrapasse a capacidade das pastagens; mas os moradores das vizinhanças são pobres demais para poder aumentar o rebanho.

Da outra margem do lago, é ainda a mandioca a principal cultura, mas planta-se também milho e feijão. A cana-de-açúcar aí dá bem; o proprietário do sítio onde hoje devo pernoitar, ao que parece, tem nele grandes plantações destinadas ao fabrico da aguardente. Vi alguns algodoeiros ao redor das choupanas em que parei ontem e anteontem. Ao deixar Laguna, o céu apresentava-se sempre sem nuvens e mostrava quase a mesma cor que na França, durante as belas geadas do inverno. Hoje o tempo está coberto e provavelmente choverá, se não soprar um vento forte. Como todos os meus instrumentos estão parados há muito tempo, já não observo o termômetro; mas as noites me parecem muito menos frias do que as do ano passado, à mesma época, na Capitania de Goiás; creio

que esta diferença provém, sem dúvida, do fato de que em Goiás os dias são bem mais quentes do que os daqui.

Lastimo a mudança de comportamento de Firmiano; essa transformação se deve não só aos maus exemplos, mas ainda por se tornar objeto contínuo das chacotas que recebe de José Mariano e, sobretudo, do negro Manuel. Não se cala nunca, discute, responde com grosserias, e assim torna-se desonesto, mentiroso, contrariando todo o mundo. A opressão o irrita e lhe transforma o caráter. Humilhado, revolta-se e fica de intolerável mau humor. Há tão pouca lógica em suas ideias, tão pouco discernimento e noção das coisas, que se torna impossível fazê-lo ouvir a voz da razão. Não compreende o quanto seria infeliz se eu o despedisse; apenas reconhece ser justo que me sirva porque o alimento é visto. Seu trabalho é tão malfeito quanto possível; já não me dispensa nenhuma afeição, mas o suporto por piedade, pois se perderá caso o abandone e tenho esperança de que ficando só comigo voltará ao que era antes.

SÍTIO DO INÁCIO, 10 de junho. – Fiquei aqui porque choveu todo o dia. Algumas pessoas chamam a parte do lago que fica na vizinhança do sítio de lagoa do Inácio, mas para a maioria é simplesmente o lago. Falei ontem que as plantas encontradas ainda em florescência são raquílicas e pouco vigorosas. Aqui, como na Europa, essa floração tardia é, muitas vezes, a consequência de mutilação devida aos animais, que comem a haste principal, provocando a brotação de gomos laterais, que só mais tarde poderão florir, depois da época normal.

TRAMANDAÍ, 11 de junho, cinco léguas. – O aspecto da região que percorremos hoje é o mesmo de sempre; o terreno plano e arenoso continua a apresentar pastagens entremeadas de capões e cobertas de uma erva espessa e amarelada. De vez em quando, percebemos, através da mata, trechos do lago, mas depois do sítio do Inácio, as montanhas se distanciam e tomam a direção do sudoeste.

Nenhum gado no campo, nenhuma casa, apenas uma leva de índios prisioneiros, que eram conduzidos a Torres. Entre eles, mulheres, muito feias e ainda mais desavergonhadas. Após a saída dos jesuítas, os índios das Missões tiveram como preceptores soldados e homens corrompidos; vivem atualmente da pilhagem, no meio das desordens da guerra, não sendo de admirar se suas mulheres não mais conheçam pudor. O conde de



Figueira, governador da Capitania do Rio Grande, envia os índios de que estou falando para Torres, pois aí tenciona fundar uma aldeia, projeto que só pode ser louvado.

O Brasil precisa de braços e é melhor para o Estado que seja povoado de índios, do que por ninguém. Esses que foram mandados para Torres não poderão mais ser nocivos. Mas levando consigo suas mulheres, terão depressa esquecido seu país e tornar-se-ão, ao cabo de pouco tempo, cidadãos desta província, tanto quanto os índios podem sê-lo de uma província qualquer.

Esta manhã o dia estava radiante, mas à tarde, se cobriu de nuvens, provocando uma chuva fina, semelhante à que cai frequentemente na França, durante o mês de novembro. O aspecto e o tempo da região me trouxeram recordações da Sologne e da viagem que minha família costuma aí fazer no outono; a minha imaginação aproveita tudo o que me pode rememorar os meus familiares e a França; minhas saudades se renovam a cada instante; a solidão em que vivo me fatiga e entedia; tremo cada vez que me lembro de não ser possível rever minha mãe...

Chegamos até o rio Tramandaí, mas como fosse muito tarde, somente amanhã o atravessaremos. Achamos, à margem desse rio, uma espécie de choupana, coberta de caniços, onde se amontoam umas doze pessoas, e junto à qual existe um pequeno galpão que serve de abrigo a uma canoa; é debaixo dele que dormiremos. As plantas sofreram alterações na cabana, em meio da espessa fumaça.

TRAMANDAÍ, 12 de junho. – Raras vezes tenho passado uma noite tão mal. Logo que nos deitamos, soprou um vento oeste, violento e muito frio; tremi a noite toda em completa vigília. Ao levantar-me, entrei na choupana, aproximei-me do fogo e custei a me aquecer. O dono da casa ficou indignado com o meu pessoal por ter tomado os melhores lugares no galpão e se abrigado com as malas, deixando-me exposto a todo o rigor do frio. Segundo me informou esse honrado homem, o rio Tramandaí se lança no lago, junto ao sítio do Inácio, local em que o lago toma o seu nome. Depois de me aquecer um pouco, saí em direção ao campo, seguindo a margem do rio até ao mar. De acordo com o que disse, conclui-se que o rio Tramandaí estabelece uma ligação entre o lago e o mar, ou, para ser mais exato, ocorre a comunicação e o lago se estreita acima do ponto em que

o Tramandaí recebe as suas águas. Passando Itapeva, o lago se estende de norte a sul, paralelamente ao oceano, mas um pouco acima da choupana onde pernitoamos forma ele um cotovelo, dirige-se para leste e daí em diante até ao mar não tem mais do que a largura do braço do Montées<sup>6</sup> em sua embocadura. As suas margens, em extensão bastante considerável, são cobertas por uma areia bem limpa, onde encontrei, não obstante, algumas plantas. Como o vento estivesse muito forte, não pude transpor o rio; após um passeio demorado, retornei à casa, onde analisei minhas plantas, no meio de espessa fumaça. No campo, e muitas vezes nas cidades, não há chaminé, sendo o fogo aceso no meio da cozinha; mas a fumaça pode levantar-se, escapando pelas paredes empenadas, geralmente, com frestas. A miserável habitação onde passei o dia só tinha por saída uma porta estreita, prejudicando-me sensivelmente a vista. O seu mobiliário se resumia a jiraus<sup>7</sup> dispostos ao redor, uma mesa e alguma louça de barro. Dos homens que ontem conheci, só um mora efetivamente aí; os outros são amigos e compadres que voltavam de uma festa nas vizinhanças. Passam o dia todo se aquecendo, cozinhando e comendo peixes. Mostram ser gente muito boa, todos brancos, cultivam a terra e parecem extremamente pobres.

Por volta de meio-dia, mandei Firmiano procurar lenha; partiu com muito mau humor; ao cabo de algumas horas, como não voltasse, comecei a acreditar que tivesse fugido, quando o avistei de longe, mas sem trazer o menor pedaço de lenha. Logo que chegou, disse que tinha sido picado por uma serpente. Pedi-lhe que me mostrasse a mordedura e reconheci, ao lado do tornozelo, a marca dos dentes da cobra; apressei-me em aplicar na ferida algumas gotas de álcali e fiz o doente beber umas quatro gotas num copo d'água. Repeti, de hora em hora, essa medicação; fiz o meu índio deitar-se, sobrevivendo-lhe apenas uma diminuta inchação no calcanhar. Teve a coragem de guardar no bolso a cobra que o mordera; retiramos daí a víbora ainda viva. Era minha intenção empalhá-la, mas infelizmente ela se estragou. Media apenas um pé de comprimento, cabeça muito chata e sensivelmente mais grossa que o pescoço; cinzena

---

6 Sobre o Loiret, perto de Orléans.

7 Leitos rústicos. Ver *Viagem ao Rio São Francisco*, Aug. de Saint-Hilaire, tomo I, p. 189, e *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, tomo I, p. 396.

com manchas circulares pretas, e José Mariano me garantiu ter-lhe visto as glândulas venenosas.

Ao cair da tarde, o vento amainou um pouco e passamos para a outra margem do rio, onde se acha a casa de meu guia. Hospedou-me em uma miserável cabana sem janela, coberta de palha, na qual o vento e o frio penetram de todos os lados, e onde me sinto muito mal.

TRAMANDAÍ, 13 de junho. – Ontem à tarde, o vento só abrandou por alguns instantes; recomeçou logo depois com violência brutal, perdurando toda a noite e todo o dia, acompanhado de um frio cortante. O meu pessoal, acostumado aos calores intensos, estava transido de frio e eu não me apresentava em melhores condições. Somente na cozinha foi-nos possível fazer fogo; nela não havia porta, mas frestas por todos os lados. O meu guia deseja permanecer aqui alguns dias para consertar sua carroça, e é difícil encontrar-se lugar mais triste. Umhas choupanas pobres, mal fechadas, espalham-se à margem do rio e, por todos os lados, apenas areia fina, da qual o vento faz levantar redemoinhos: imagem da mais perfeita miséria e esterilidade. Disse-me o meu guia que possui outra casa, com plantações, mas que vem aqui de tempo a tempo, devido à abundância da pesca.

TRAMANDAÍ, 14 de junho. – O vento e o frio continuaram toda a noite; entretanto saí a passeio, mas pouco encontrei. A vegetação dos campos apresenta-se amarelada e ressequida, vendo-se apenas arbustos sem flores. A carroça foi consertada com muito cuidado, e o meu guia me deu a esperança de partirmos amanhã, caso ele encontre os bois.

FAZENDA DO ARROIO, 15 de junho, uma légua e meia. – O dono da choupana, onde o meu guia me alojara, chegou ontem à tarde, queixando-se, muito amargamente, porque tudo estava desarrumado em sua casa. Como só existissem nessa miserável palhoça as quatro paredes, sua queixa não tinha fundamento; fiz ouvidos de mercador e entre nós não houve discussão. Os meus camaradas me acostumaram à paciência e ao silêncio, virtudes cuja prática não me custa nada.

Partimos muito tarde, como em geral acontece depois de uma jornada. O lago que venho seguindo desde Itapeva não termina junto ao rio Tramandaí, vai muito mais longe e sempre paralelamente ao mar; nós o avistamos durante toda a viagem de hoje. Assim, o que se chama rio Tramandaí nada mais é do que uma espécie de canal de descarga. Somente

ali se encontra água salgada; em todo o resto do lago, é doce. Logo após deixarmos a choupana de Tramandaí, entramos em vasta planície muito uniforme e coberta de relva bem rasteira, onde pastavam inúmeros bois; notavam-se, aqui e ali, capoeiras de árvores raquíticas.

O lago e a serra que divisávamos a distância quebravam a monotonia da vista. Aos poucos, os capões se tornam mais numerosos, e o capim, mais espesso; aí não observei nenhuma flor, mas, entre as plantas mais comuns, reconheci uma mimosa nº 1.842 e uma vernônia nº 1.840.

Estes campos e os que atravessei desde Torres têm o nome de campos de Viamão, devido à proximidade da paróquia desse nome. Paramos numa estância pertencente aos campos percorridos. É uma pequena casa muito malconstruída, de pau-a-pique, mas coberta de telhas. Em redor, vi diversas carroças; aos lados, laranjeiras, currais e algumas casas de negros. O dono da casa deixou-me pernoitar ali, embora me tratasse friamente. Porém, mostrou-se um pouco mais afável quando me viu trabalhar; tinha ele um jogo de dominó, cujo uso não conhecia; ensinei-lhe a jogar e logo nos tornamos muito bons amigos.

A mandioca, segundo me disse ele, é ainda a planta mais cultivada nas cercanias. O mesmo ocorre com o trigo, que rende de 10 a 30 por um. Lavra-se a terra a charrua e semeia-se a mão. Na serra onde o solo é argiloso e os ventos menos violentos, podem-se plantar bananeira e cana-de-açúcar, mas estas culturas não medram bem, aqui. Devo lembrar que, mesmo na serra, a cana-de-açúcar só é boa para cortar-se no terceiro ano, porém ela produz rebentos duas vezes consecutivas, do que se pode tirar partido. Continua o vento oeste ainda hoje, permanecendo o frio. Chamam-no, na região, minuano e pode-se dizer que não dura nunca menos de três a quatro dias.

PITANGUEIRAS, 16 de junho, três léguas. – A casa onde pernoitei ontem está situada em pequena elevação, dominando vasta planície semeada de capões. Vários amigos do meu hospedeiro estiveram reunidos em casa deste ontem à noite. Depois que aprenderam o dominó, jogaram-no durante muito tempo. Todos eram brancos e tinham pouco mais ou menos a aparência e os hábitos dos nossos camponeses. Trajavam calças de algodão ou de lã, botas, e esporas de prata, colete de pano de lã, e, por cima, um poncho. Nada tão belo como os campos que hoje percorremos.

Os do distrito de Curitiba são ondulados, e as araucárias, vistas de longe, tornam o panorama um pouco austero. Aqui, o terreno é mais uniforme, o quanto possível, do que as nossas planícies de Beauce, avistando-se imensas pastagens a perder de vista. Mas nada há de monótono no aspecto desse campo: grande quantidade de animais, cavalos e mulas estão espalhados nestas extensas pastagens; notam-se aqui e ali grupos espessos de plantas; de quando em quando, se observa trechos de um lago que, sem dúvida, é a continuação do de Itapeva; finalmente, do lado oeste, o horizonte é limitado pelas montanhas da serra Geral, que se percebem a distância. Deixando a fazenda do Arroio, atravessamos um pedaço de campo coberto de butiás, onde o terreno é formado de uma mistura de areia e húmus denegrido. Aí tornei a encontrar exatamente as mesmas plantas que tinha colhido entre os butiás das vizinhanças de Vila Nova, principalmente as compostas nºs 1.784 e 1.789, a rosácea 1.776, a labiada 1.788, a verbenácea 1.791 bis, *etc.*; mais adiante rareiam os butiás, e, das espécies que acabo de citar, a labiada 1.788 é quase a única que encontrei em abundância entre essas palmeiras; por último, quando desapareceram os butiás, a vegetação mudou completamente, e as pastagens não apresentam nenhuma das espécies mencionadas. É evidente, como se vê do que fica dito, que a presença dos butiás coincide forçosamente com a das outras plantas, do mesmo modo que se encontra à beira de nossas lagoas a *linum radiola* no mesmo lugar em que se vê a *gentiana filiformis*. Onde não se notavam butiás, a terra se apresentava menos arenosa, e as pastagens eram constituídas, principalmente, de gramíneas, dispostas em tufos copados. Mesmo sendo o aspecto dos campos hoje percorridos mais aprazível que o dos campos gerais, percebe-se que a qualidade das pastagens é aí pior. Não se encontra mais aquele capim fino e tenro que engorda os burros, ainda que se lhes não dê milho. Aqui o capim é duro e áspero, também os animais geralmente são pequenos. Parei numa estância a pouca distância da estrada, sobre uma elevação do terreno. Cheguei à tardinha, com tempo perfeitamente calmo e o céu sem nuvens; descortinei uma vasta planície coberta de pastagens, onde havia muitos animais e vi, além, os cumes da serra Geral coberta de nevoeiro esbranquiçado. A natureza possuía um ar de vida e de alegria como nunca tinha visto, desde que estou no Brasil, afastando por alguns momentos a tristeza que me oprime. A dona da estância, que estava só, não me

convidou a entrar; recebeu-me do outro lado de uma meia-porta, porém mandou preparar um quarto muito cômodo e bonito, que dá para fora, onde confortavelmente me instalei. Depois de Laguna, foi essa a primeira habitação decente onde pernoitei. Conversava com a minha hospedeira, sempre do outro lado da porta, achando-a alegre e conversadeira; tinha, entretanto, para comigo aquele mesmo ar frio e um pouco desdenhoso, igual ao do meu hospedeiro de ontem à noite, e que não notei em nenhuma pessoa de Minas, mesmo não sendo eu conhecido.

A minha hospedeira não tardou a perceber que eu era estrangeiro; disse-lhe que era francês, e ela custou a persuadir-se de que eu era batizado; à noitinha recebi a visita do marido, muito cortês. O lago que vi hoje não é, conforme me declarou ele, o de Itapeva, mas outro que não se comunica com ele, e que se chama lagoa do Barros.

Meu hospedeiro queixou-se da má qualidade das pastagens dos arredores, dizendo-me que, por isso, o casco dos bois se tornava de uma espessura fora do comum.

Não possuem boa qualidade as terras das redondezas, e quase todos os proprietários fazem suas plantações ao pé da serra, embora sua localização fique distante umas três léguas daqui. Esta região pertence ainda à Freguesia da Serra. Há neste lugar alguns negros escravos, mas nenhum mulato. Todos os homens livres que conheci depois de Laguna eram brancos; geralmente corados, de cabelos louros; as mulheres têm uma bela cor e nunca se escondem à aproximação de forasteiros. Todos afirmam que esta é a época das chuvas e que a seca atualmente não é normal.

BOAVISTA, 17 de junho, seis léguas. – Esta manhã, bem cedo, os meus hospedeiros me mandaram, por uma crioula, mate e um prato cheio de biscoito e de fatias de queijo. De acordo com o hábito local, foi-me servido o mate, em uma pequena cuia posta sobre um guardanapo dobrado em triângulo. A cuia fora esculpida cuidadosamente mostrando vários desenhos. A bomba<sup>8</sup>, que nela se achava, era de prata. Percorremos hoje campos parecidos com os de ontem, mas onde o capim é ainda mais ressequido, porque o terreno é menos úmido. O trecho da serra Geral, que

---

8 Tubo munido de uma cabeça em forma de pomo irrigador, com que se aspira a infusão de mate, sem perigo de se engolir as folhas.

avistamos de longe, já não é tão elevado como os montes, diante dos quais passamos nos dias anteriores. Localizam-se à beira da estrada duas ou três estâncias pouco distantes daqui; tomamos a dianteira, eu e o pai de meu guia, que nos vem acompanhando desde Tramandaí. Mesmo assim, chegamos já noite fechada.

Esta fazenda, uma das mais importantes da Capitania do Rio Grande do Sul, pertence a José Egídio, barão de Santo Amaro, que começou sua carreira como secretário do conde da Barca, chegando a conselheiro do Rei, que o agraciou com o título de barão, acabando por perder essa graça. Tendo concebido a feliz ideia de aproveitar a situação favorável de sua fazenda para aí estabelecer um curtume, José Egídio, com essa intenção, mandou vir alguns operários franceses. Logo que aqui cheguei, disseram-me que ele estava em Porto Alegre e apresentaram-me ao sr. Gavet, outrora curtidor em Paris, e a quem o Barão pusera à testa de seu novo curtume. Desde o primeiro instante, fui recebido por ele com toda a cortesia, mas quando me dei a conhecer, redobrou-se de gentilezas; disse-me que o barão me esperava há algum tempo; fez-me entrar para os aposentos do dono da casa, mandando preparar-me uma boa ceia. Nesse momento chegou a carroça, mas os bois não a podiam puxar até o alto da coxilha, onde se acha a casa.

Mal eu entrava, começamos, o sr. Gavet e eu, a conversar sobre a França. Faz apenas um ano que o sr. Gavet a deixou, pondo-me a par de fatos que eu desconhecia. A cada momento fazia-lhe certas perguntas que demonstravam tamanha ignorância dos fatos passados entre nós, desde quatro anos atrás, que ele ficava admirado.

Encontro aqui o *Constitucional*, o *Times* e a *Gazeta de Lisboa*, que me obrigaram a passar o dia inteirando-me do que acontecera no mundo durante algum tempo. Desejo, também, ter o prazer de ouvir falar sobre a França e de conversar com meu compatriota, que me parece bem ilustrado.

BOAVISTA, 18 de junho. – A fazenda Boavista tem 28 léguas portuguesas de superfície e está completamente coberta de excelentes pastagens. Garantem que trinta mil reses podem pastar à vontade nessa área; mas atualmente só há seis mil, porque a fazenda foi administrada por um homem que só cuidava de seus interesses, reduzindo muitíssimo o gado. O número de ca-

valos necessários dos habitualmente a serviço da fazenda se eleva a quinhentos; mas acham que tal quantidade mal dá para isso. Nas estâncias da região, onde o gado é a única renda, não há necessidade de numerosos escravos, como nos engenhos de açúcar ou na exploração das minas. Também aqui não há mais de oitenta crioulos, incluindo nesse número os que trabalham na construção do curtume, e que serão, em seguida, aí aproveitados. Quase todos os escravos do barão pertencem à tribo mina, bem superior às outras, por sua inteligência, fidelidade e amor ao trabalho.

As habitações da estância estão situadas numa pequena coxilha, que domina extensa planície. A casa do proprietário se compõe de algumas peças, mas estão mobiliadas com gosto.

Ocupam-se, no momento, na construção do curtume que será erguido ao pé da coxilha para receber água em abundância. A parte já começada ostenta um ar de grandeza, anunciando a importância que vai ter o estabelecimento. O tanque se acha sob um teto cujo vigamento, muito belo, é sustentado por colunas de madeira; mede duzentos e cinquenta pés de comprimento por cento e cinquenta de largura. O Sr. Gavet está muito contente com as experiências já feitas. Para curtir os couros, emprega casca de mangue, importada dos arredores de Santos; assegurou-me que essa casca contém a sexta parte de tanino e que, com seu emprego, bastam menos de quinze dias a fim de preparar os couros.

Em nenhuma outra parte do Brasil seria tão acertada a instalação de um curtume, devido à abundância de couros e de preços baixos. Assim, um couro de boi custa apenas três patacas<sup>9</sup> e o de vaca, duas patacas. Consideram humilhante usar égua como montaria, e, sendo esses animais encontrados facilmente, não se vendem por mais de uma pataca ou pataca e meia. O barão as compra em toda a vizinhança, unicamente para matá-las; manda curtir-lhe o couro, fabricando sabão com o sebo.

SÍTIO, 19 de junho, três léguas. – O Sr. Gavet tinha preparado alguns pássaros para um de seus amigos, mas estavam tão malconservados que dificilmente se poderia aproveitá-los; quando viu os de José Mariano, revelou-me o desejo de aprender com ele tal processo, pedindo-me licença para isso. Concordei, talvez mais para me ver livre dele, durante algum

---

9 A pataca vale 320 réis ou dois francos.



tempo, pois sua presença me atormentava, do que no interesse da coleção, que devia aumentar mais em Boavista do que em Porto Alegre.

O sr. Gavet me acompanhou até uma légua em redor e, neste espaço, percorremos uma região plana e coberta de pastagens, como a que atravessei nos dias anteriores. O sr. Gavet se despediu de mim numa coxilha pedregosa, donde se descortina um vasto panorama. A altitude dela é tão insignificante que mal se nota, a não ser comparando-a com as outras planícies, razão de lhe darem o nome de Morro Grande. Ela tem no cume uns pés de uma árvore que já vi em Boavista, merecendo ser mencionada por seu porte muito pitoresco. Chamam-na aqui de aroeira; as suas folhas, como as das aroeiras de Minas, exalam, quando esmagadas, forte cheiro de terebintina, e suas cinzas são muito apreciadas para fabricar sabão. Esta árvore é muito copada, mas de pequena altura; é tortuosa e os galhos, que começam a nascer perto da base do tronco, ramificam-se em considerável número de ramos menores e carregados de folhas.

Passando Morro Grande, o terreno vai ficando mais arenoso, as pastagens muito secas e quase por toda a parte reduzidas a um capim rasteiro. Constantemente aparecem capões onde as árvores pouco crescidas, carregadas de líquens e divididas desde a base em numerosos ramos, relembram as árvores espessas dos nossos jardins ingleses. Vi, em certos pontos, encostas baixas e arredondadas, muito pouco elevadas, às quais dão o nome de lombas. Como são mais secas que as várzeas (vargem), o capim aí tem vigor, e as vacas que se habituam a pastar nas lombas só dão cria de dois em dois anos, enquanto nas várzeas o fazem anualmente.

Durante os dias passados, não encontrei um só regato; informaram-me, entretanto, da existência de muitos na região por mim visitada, mas desaparecidos pela seca, sem precedentes, deste ano. Hoje, contudo, atravessei o que se chama arroio das Águas Claras, porque efetivamente é de uma rara limpidez.

Já quase noite quando chegamos a uma estância, onde paramos; pertence ela a um comandante da Freguesia da Capela de Viamão, e, como todas da região, está situada numa pequena elevação. A casa do fazendeiro não é grande, contudo bem arrumada e limpa. Constituem seu mobiliário camas, mesas e bancos. O estancieiro, após inteirar-se a meu respeito, recebeu-me muitíssimo bem. Quando cheguei, fazia muito frio, mas repa-

rei que todas as portas e janela estavam abertas. Geralmente, os habitantes desta região resistem às intempéries mais facilmente que nós. Apesar das geadas quase todas as noites, tudo está aberto; não há aquecimento em nenhuma casa, nem meios de fazê-lo.

Frequentemente meu guia tem sido convidado a pernoitar dentro das casas em que me hospedo, mas sempre recusa; dorme com os companheiros em volta do fogo que acendem fora para cozinhar. Dormem sobre um couro, quase sem agasalho e de cabeça descoberta; não é ele a única pessoa insensível ao frio; todos os viajantes que encontro procedem assim. Nesta região, ao contrário de Minas, não há ranchos, o que provoca nesse pessoal acanhamento de entrar na casa, principalmente quando chove.

20 de junho, cinco léguas. — Saindo da estância onde passei a noite, deixei a carroça e, com o pai de meu guia, segui por outro caminho, para conhecer a Vila de Viamão, mais conhecida aqui pelo nome de Capela. Esta vila é, segundo me disseram, a povoação mais antiga da capitania.

A fundação de Porto Alegre lhe é bem posterior e quase se ignora no interior do Brasil a existência desta última vila.

Nos arredores de Viamão, os mineiros e paulistas faziam antigamente suas compras de mula; mas, havendo baixado muito o preço desses animais, os estancieiros abandonaram a criação. Por outro lado, como a população da capitania se tornou mais numerosa no litoral que no interior, os muleteiros não precisaram ir tão longe para negociar; deixaram, assim, de vir até Viamão, mas, pelo hábito, conservaram o nome de Sertão de Viamão à planície desabitada que se estende entre Lapa e Lajes, designando em geral Campos de Viamão os campos desta capitania.

Viamão está encravada numa coxilha donde se descortina vasta extensão de campos levemente ondulados, no meio dos quais se levantam tufo de bosque. Embora desfrute agradável situação, foi ela quase abandonada depois da fundação de Porto Alegre, que está melhor posicionada para o comércio. Compõe-se, principalmente, de duas praças contíguas e de formato irregular; numa delas se ergue a igreja. Depois de São Paulo, ainda não conheci outra igual a essa. Possui duas torres, sendo bem conservada, muito limpa, clara e ornamentada com gosto. Pelas igrejas do Brasil pode-se julgar de quanto seria capaz este povo se os meios de sua instrução fossem multiplicados e tivessem alguns bons modelos para orientá-los.

Quem conhece na França as nossas igrejas de aldeia acreditaria que as artes entre nós estão ainda engatinhando, pela falta de bom gosto, o estilo bárbaro dos ornatos, a violação das regras de arte e tantas coisas inconvenientes; no entanto, não há um só operário que haja aí trabalhado, que não tenha conhecido obras-primas; mas não procuram imitá-las, porque as olharam sem vê-las, e não lhes compreenderam as belezas. Não se poderá concluir, daí, que os brasileiros possuem um mais natural e maior sentimento artístico que nós. E que, se se entregarem um dia à cultura das artes, custar-lhes-á menos trabalho e esforços?

Passando por Viamão, encontrei um grande número de homens reunidos, não sei o motivo; todos eram brancos, porte atlético e de boa aparência; a maioria tinha cabelos castanhos e a tez corada. O que me chamou a atenção, depois que cheguei a esta capitania, é o ar de liberdade de todos com que me deparo e o desembaraço de seus gestos; não possuem a apatia que caracteriza os habitantes do interior; ao contrário, seus movimentos são mais enérgicos, há menos delicadeza em seus gestos. Numa só palavra: são mais homens.

Hoje percorri uma região um pouco ondulada, as casas se tornam mais frequentes e se localizam sempre em pequenas elevações. As pastagens não passam de capim muito rasteiro. Parece que outrora crescia aí uma relva espessa, queimada todos os anos; mas, de tanto servir de pasto, ficou reduzida ao estado atual. Os animais são de pequeno porte, há também mulas que, embora oferecidas a cinco patacas, no máximo, não encontram compradores. Era noite fechada quando aqui chegamos; o fogo, segundo o hábito do lugar, tinha sido aceso fora, perto da carroça; mas como soprasse um vento muito frio, pedi licença ao proprietário para passar a noite em sua casa, e ele, por incrível que pareça, me alojou num quarto aberto de todos os lados, onde fabricam a farinha de mandioca.

Nesta região, a pecuária quase não exige cuidado; deixam os animais vagarear pelos campos e não há necessidade, como acontece em Minas, de dar-lhes sal. A única preocupação que julgam necessária consiste em acostumá-los a ver gente e a entender-lhes os gritos, para que não fiquem completamente selvagens, se deixem marcar, quando necessário, e possam apanhar os que se destinarem ao corte e à castração. Para isso, reúne-se o gado, de tempos em tempos, em cada fazenda; homens a cavalo

cercam o campo; vão gritando alto e ajuntando os animais para um local apropriado. Lá o gado fica reunido durante alguns dias; depois o conduzem para o campo, deixando-o em plena liberdade. A essa prática chamam fazer rodeio, e ao lugar onde prendem os animais dão o nome de rodeio, assim como também à área de terreno cercada para essa espécie de batida. Há na fazenda da Boavista seis rodeios, e, de oito em oito dias, junta-se o gado. As vacas dão cria de setembro a janeiro; nessa época procuram-se os bezerros no campo, guardam-se num curral, onde as vacas vêm instintivamente amamentá-los de manhã e à tarde.

.....

## Capítulo II

PORTO ALEGRE – DESCRIÇÃO DA CIDADE – SUA IMUNDÍCIA – COSTUMES CARNÍVOROS – O CONDE DE FIGUEIRA, GENERAL – SUA BOA ADMINISTRAÇÃO – DERROTA DE ARTIGAS EM TAQUAREMBÓ – PRISIONEIRO GUARANIS – SUA SEMELHANÇA COM OS COSSACOS – CAMINHO NOVO – ARTIGAS – DUAS VACAS HERMAFRODITAS – GRANDE SECA – DIFICULDADES NA ORGANIZAÇÃO DO SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DAS TROPAS – SOLDADO EM ATRASO – RENDAS DA CAPITANIA – SISTEMA DE ARRENDAMENTOS GERAIS – SUA ADJUDICAÇÃO FEITA NO RIO DE JANEIRO – GRANDES ABUSOS – JUNTA CRIMINAL – FRUTOS – VINHA – INEXISTÊNCIA DE ESTUFAS – CLIMA SALUBRE – O GENERAL LECOR – UM BAILE – ORIGENS DA GUERRA – OS POVOADORES DESTA CAPITANIA SÃO ORIGINÁRIOS DE AÇORES – COMPARAÇÃO COM OS DE SANTA CATARINA E DO RIO GRANDE DO SUL – CONTINUAÇÃO DA DESCRIÇÃO DE PORTO ALEGRE.

**P**ORTO ALEGRE, 21 de junho, duas léguas. – Desde o lugar em que passei a noite de ontem até Porto Alegre, a região continua um pouco ondulada e as casas tornam-se ainda mais frequentes. São pequenas, mas bem conservadas e sempre construídas sobre as elevações do terreno. Junto de cada casa, um laranjal, carregado de magníficos frutos, e nas vizinhanças veem-se, em geral, plantações de mandioca, cercadas por um fosso profundo, e limitadas internamente por uma sebe de cactos. Empregam, para isso, duas espécies de cactos: uma pertence à família dos *cereus* e outra à das *opuntia*. As pastagens são rasteiras, quase ressequidas e entremeadas

com flores de uma *oxalis*. Pouco antes de Porto Alegre, o caminho, que se vinha orientando de nordeste para sudoeste, faz um cotovelo para oeste. Descortina-se a cidade e, em seguida, o cimo de uma coxilha que, avançando sobre um lago, dá início à lagoa dos Patos, formando um istmo, sobre o qual está situada a cidade de Porto Alegre.

À esquerda da coxilha, aquém da cidade, há um vale amplo e pouco profundo, coberto de pastagens bem rasteiras, idêntica às dos arredores daqui. À direita da coxilha, entre ela e o lago, estendem-se terrenos baixos, povoados de casas de campo, de plantações de mandioca e cana-de-açúcar. Em todo o Brasil, os campos cultivados são muito distantes uns dos outros; na região de que estou falando, eles se tocam como nas mais densas regiões da Europa, e denunciam a proximidade de uma cidade populosa.

Do pouco que disse da posição de Porto Alegre se deduz quanto agradável ela é; já não se trata de zona tórrida, com seus sítios majestosos e menos ainda desertos monótonos. Aqui lembra o sul da Europa e tudo quanto ele tem de mais ameno.

Ao entrar nesta cidade, surpreendeu-me o seu movimento, bem como o grande número de casas de dois andares que ladeiam as ruas e a quantidade de brancos aqui existentes. Veem-se pouquíssimos mulatos; a população se compõe de pretos escravos e de brancos, em número muito mais considerável, que se constituem de homens grandes, belos, robustos, tendo a maior parte a pele corada e os cabelos castanhos. Fácil perceber-se, desde o primeiro instante, que Porto Alegre é uma cidade nova; todas as casas são novas, e muitas ainda em construção; mas, depois do Rio de Janeiro, não tinha ainda visto uma cidade tão imunda, talvez mesmo a capital não o seja tanto.

João Rodrigues, negociante de couros nesta capitania, me tinha dado uma carta de recomendação para seu sócio, o capitão José Antônio de Azevedo; escrevi a este, antes de chegar, para pedir-lhe que me alugasse uma casa.

Acompanhado do pai de meu guia, tomei a dianteira, a uma légua daqui. Apresentei-me em casa do capitão, que me recebeu muito bem e me levou à casa que ele havia alugado para mim, muito grande e confortável. A princípio o capitão José Antônio pareceu-me muito frio, mas logo senti que sua indiferença não passava de timidez e falta de convivência.

Entregou-me uma correspondência dos Srs. Bourdon e Fry, com várias cartas da minha família, onde felizmente só encontrei boas notícias; mas estou admirado de não receber nenhuma carta de João Rodrigues. Esta tarde fui conhecer o sargento-mor João Pedro, ajudante-de-campo do general, que morava no Rio de Janeiro, em casa de João Rodrigues; acolheu-me muito bem e amanhã iremos juntos à casa do general e de outras pessoas a quem fui recomendado. Desde que me encontro nesta capitania, já tive oportunidade de presenciar os hábitos carnívoros de seus habitantes; em redor das estâncias encontram-se espalhados muitos ossos de animais; e, logo que se entra nessas fazendas, sente-se logo cheiro de carne e de sebo.

Em toda parte onde parávamos pelo caminho, meu guia perguntava se lhe podiam vender uma manta. Ela é um pedaço comprido de carne-seca; e sempre lhe era oferecida. Ele e meus companheiros dividiam pedaços de pau para fazer espetos; cortavam nacos de manta, colocados alguns instantes ao fogo e logo os devoravam.

PORTO ALEGRE, 22 de junho. — Acompanhado do major João Pedro, fui ao palácio para apresentar meu passaporte ao general e entregar-lhe as cartas de recomendação que trazia. Após subir a escadaria, entramos numa saleta, onde fui condignamente recebido por um ajudante-de-campo, que se encarregou de levar ao conhecimento do general a finalidade de minha visita; este, depois de examinar meus documentos, falou-me com muita delicadeza e me ofereceu cavalos, empregados e hospedagem no palácio. Agradei-lhe muitíssimo, retirando-me instantes depois. O conde de Figueira (tal é o título do general) pertence a uma das mais antigas casas de Portugal. Antes de sua nomeação, era frequentador assíduo da sociedade; tendo esbanjado muitos haveres, consideravam-no um estroina. Houve espanto geral com sua nomeação e lastimou-se a sorte da capitania que ele iria governar. Logo que aqui chegou, porém, quis provar que merecia melhor reputação; mudou de conduta, viveu muito retirado, consagrando-se inteiramente ao cargo. Todos são unânimes em elogiar-lhe a probidade e o amor à justiça; não é estimado pelos funcionários de categoria e pelos ricos, que não lhe reconhecem a retidão e integridade; mas parece ser estimado pelo povo, cujos impostos procura aliviar, tanto quanto permitem as circunstâncias da capitania.

Aos olhos de seus jurisdicionados, ele possui outro mérito extraordinário, por saber atirar o laço, montar a cavalo tão bem quanto eles, transportando-se com a rapidez de um relâmpago de um ponto a outro da capitania. Ultimamente os soldados de Artigas haviam invadido a província e pilhado mais de oitenta mil reses. O conde reuniu rapidamente, sob seu comando, oitocentos milicianos. As tropas de Artigas, ainda que bem armadas e em superioridade numérica, se renderam em Taquarembó; cerca de quinhentos homens foram mortos e quatrocentos aprisionados. Os portugueses só perderam um homem e, desde então, o inimigo não mais reapareceu nas fronteiras. Entretanto, essa extraordinária vitória ficou desvalorizada quando se soube o tipo de inimigo que os portugueses enfrentaram. Quase todos míseros índios que, realmente, montam com uma destreza de que não há exemplo na Europa; transportam-se com incrível rapidez a grandes distâncias. E, apesar de excelentes para uma luta corpo a corpo, não possuem valentia nem disciplina e, mesmo bem armados, fogem quando se pressentem inferiorizados numericamente. As tropas que os derrotaram em Taquarembó não lhes eram inferiores na arte de atravessar rios a nado, pois conheciam, igualmente, palmo a palmo a região e adotavam costumes quase idênticos aos dos índios; além disso, conseguiram sobrepujá-los por sua bravura natural e por essa imensa superioridade que os brancos têm sobre os índios. E, finalmente, pela ânsia de defenderem suas famílias e suas propriedades.

Exceção feita dos que vi em Torres, os que foram aprisionados em Taquarembó se encontram todos aqui, onde são empregados em obras públicas; veem-se entre eles uma dúzia de espanhóis provenientes de Montevideu e alguns negros foragidos das estâncias desta capitania; os outros pertencem à tribo dos guaranis. Parece que Artigas arregimentou grande número desses índios, fazendo-lhes crer que a capitania estava inteiramente desguarnecida de tropas; que não encontrariam resistência alguma e poderiam apoderar-se impunemente do gado das estâncias portuguesas. Vários prisioneiros a quem interroguei disseram-me serem paraguaios, e que trabalhavam como peões na Província de Entre-Rios, tendo sido obrigados por Artigas a pegar em armas. É muito provável que esta gente esteja mentindo e que tenha acompanhado seu chefe na esperança de praticarem a pilhagem. Como quer que seja, os prisioneiros guaranis são, em geral,



homens de baixa estatura, mas parecendo pequenos, em razão do corpo apresentar desmesurada largura, têm pescoço muito curto, cabeça grande e alongada, cara muito larga, olhos compridos, estreitos e pouco divergentes; sobrancelhas negras, bastas e arqueadas, nariz comprido e grosso, boca muito grande; cabelos pretos e lisos; pele roxo-amarelada e as nádegas volumosas. Entre esses traços, os que os distinguem particularmente das outras tribos que tenho conhecido, até agora, são a forma alongada da cabeça, a ligeira divergência dos olhos e o comprimento do nariz; têm ainda espádua e peito mais largo e os membros geralmente mais carnudos. Os guaranis são mais feios e mostram na fisionomia uma expressão de baixaza, devido talvez unicamente ao sentimento de sua inferioridade, à dependência em que vivem habitualmente, e ao estado de cativo a que se encontram atualmente reduzidos. Mas, examinados com atenção, percebe-se, entre os traços repugnantes que os caracterizam, um ar de docilidade, indicador de seu bom caráter.

Quando Artigas se assenhoreou de Montevideú, tinha dado aos seus soldados uma espécie de uniforme, que consistia de uma túnica de pano azul, com um debrum encarnado; mas, depois que foi obrigado a sair dessa cidade, suas tropas vestem-se como podem; alguns prisioneiros trazem ainda restos de seu antigo uniforme; os demais, roupas em péssimo estado, de diferentes cores e chapéus sem abas. Vários enrolam na cintura um cobertor listrado, formando uma espécie de saiote (saia, chiripá). A maior parte conserva os cabelos compridos e trançados; pela fisionomia e grossura dos membros, os guaranis lembram os cossacos, como também os recordam pelos costumes. Dá-se aos prisioneiros uma ração de farinha e duas libras de carne por dia, mas eles não acham suficiente.

PORTO ALEGRE, 24 junho. – Visitei o conde de Figueira em uma casa de campo, onde passa as tardes, e que está situada a uns três quartos de légua daqui. O caminho que vai para lá tem o nome de Caminho Novo, porque foi aberto recentemente. É continuação da grande estrada de Porto Alegre e, sendo muito plano, torna-se mais cômodo para as carroças do que aquele por meio do qual cheguei. Estende-se ao norte da cidade, margeando primeiramente o lago e, em seguida, o rio Gravataí, afluente desse lago; de um lado, o caminho é limitado por uma fileira de salgueiros; de outro, por casas de campo e jardins cercados de sensitivas espinhosas.

Os terrenos planos e cultivados que vi à minha direita, logo que cheguei a Porto Alegre, ficam apertados entre este caminho e a coxilha, em cuja extremidade se localiza a cidade. Raramente se encontra passeio mais agradável que o do Caminho Novo; recorda tudo quanto existe de mais encantador na Europa. O conde recebeu-me com toda consideração, repetiu-me os mesmos oferecimentos de préstimos e convidou-me para o jantar de domingo. Enquanto estava em sua casa, chamou um pequeno guarani, que servira como pífaro nas tropas de Artigas, e que ele transformou em criado. Perguntou-lhe, em minha presença, se preferia ficar em sua companhia ou voltar para Artigas. “Ir juntar-me a Artigas”, respondeu a criança com vivacidade. Momentos após, acrescentou que era pelo prazer de tornar a ver a sua mãe; mas é evidente que esta tardia explicação, manifestada muito friamente, só lhe fora inspirada pelo medo de haver ofendido o conde. Esse jovem guarani estava bem-vestido, bem-alimentado, mas, por ser criado nos campos, afeito às liberdades de uma guerra de partido, preferia a independência que desfrutava em sua tribo às doçuras da vida doméstica, acompanhada de alguma sujeição. É incontestável, aliás, que Artigas tem particular habilidade para se fazer estimado dos índios e dos camponeses; e parece ser esse o seu único talento. Desconhece a arte militar, sendo provável que não tenha nenhuma valentia, pois nunca foi visto combatendo; mas possui os mesmos costumes dos índios; sabe montar tão bem quanto eles, vive do mesmo modo, veste-se com extrema simplicidade; repete aos soldados que só trabalha para assegurar-lhes a independência e a de seus filhos. Quando sofre qualquer revés, chora com eles e diz-lhes que é infeliz, atribuindo suas derrotas às cóleras do Céu, em consequência de seus pecados e dos de seus soldados. Todos são unânimes em afirmar que, dos soldados de Artigas, os que em todas as ocasiões mostraram mais coragem foram os negros fugidos; o que é natural, porque eles lutam por sua própria liberdade; além disso, o negro é mais valente do que o índio, porque menos alheio do que este à ideia do futuro, donde sua valentia em arriscar tudo em busca de um destino melhor.

PORTO ALEGRE, 26 de junho. – Fui hoje jantar na casa de campo do conde, onde me mostrou duas vacas com atributos próprios do sexo masculino. Os traços da cabeça assemelham-se aos do touro; a vulva é menor e menos próxima do ânus do que nas vacas comuns; as quatro te-

tas são muito pequenas e por baixo trazem dois corpos grossos, ovóides, semelhantes aos testículos do touro; laçada uma delas e dominada, pude eu próprio verificar a existência dessa espécie de testículos, apalpando-os e fazendo-os mover. Afirmaram-me que esses dois animais demonstravam mais atração pelas vacas do que pelos touros.

Depois do dia 21, o minuano cessou; o tempo está bem calmo, o céu sem nuvens e o termômetro marca cerca de 74° Farenheit ao meio-dia. Nesta época, as chuvas caem geralmente com abundância, e os mais antigos moradores daqui não se recordam de seca igual à deste ano. Ela força os agricultores a adiarem suas sementeiras de trigo e as plantações de laranjeiras, que se fazem normalmente nesta estação. Colhe-se o trigo em dezembro.

Esqueci-me de dizer que os agricultores dos arredores de Laguna, plantadores de cânhamo, gozam de alguns privilégios; é isto que os induz a continuar trabalhando, embora não sejam bem pagos pelo que produzem.

PORTO ALEGRE, 27 de junho. – Tenho por vizinho um comissário de guerra da antiga armada portuguesa, que acaba de ser mandado para cá, a fim de organizar, regularmente, o serviço de abastecimento das tropas que defendem esta capitania. Encontra inúmeros obstáculos, não só em virtude da natureza da região e dos costumes dos soldados, como ainda dos provenientes da rapacidade dos chefes militares, acostumados a tirar proveito da desordem até agora reinante nesse ramo de serviço. Parece, realmente, que não existe nenhuma escrita. Os oficiais tomam os animais dos estancieiros e dão vales que devem ser resgatados pela Junta da Fazenda Real. Durante algum tempo os pagamentos foram feitos com exatidão, mas atualmente estão suspensos, por falta de dinheiro.

As tropas estacionadas na fronteira da capitania são em número de três mil homens, compostas de soldados da região e de uma legião de paulistas. Esses homens não recebem soldo há vinte e sete meses, e há três anos que vivem apenas de churrasco, sem pão, farinha e sal. A ração de cada homem é de quatro libras de carne por dia, e apenas se alimentam das partes mais gordas e carnudas do animal. Os oficiais comem fígado com carne, como se fosse pão; os soldados usam esse alimento, torrando parte de suas rações, que comem com o resto, assado de maneira comum.

Os soldados da região acostumaram-se facilmente a tal regime, que, na verdade, pouco difere de seu modo habitual de vida; não obstante surgiram doenças devido ao excesso de alimentação carnívora, principalmente disenterias entre os paulistas, mais habituados ao feijão e farinha do que à carne.

PORTO ALEGRE, 28 de junho. – As rendas desta capitania constituem-se de direitos alfandegários, incluindo os de Santa Vitória, do quinto dos couros exportados, dos dízimos e do tributo cobrado pela travessia dos rios.

O quinto dos couros é arrendado, sendo a adjudicação estabelecida no Rio de Janeiro. Uma das condições estipula que o contratador forneça carne pelo preço de 30 réis às tropas estacionadas em Porto Alegre, Rio Grande, Aldeia dos Anjos e Rio Pardo.

É evidente que, se fosse consultado o verdadeiro interesse da capitania, o contrato não se faria no Rio de Janeiro, mas em Porto Alegre, onde se conhece melhor o valor da renda a ser cobrada. Mas o que surpreende muito mais é que os dízimos desta capitania sejam igualmente entregues a um contratador-geral e que a adjudicação se faça também no Rio de Janeiro.

O sistema de fazendas gerais, que priva o estado de uma parte de suas rendas, nunca devia ser escolhido para as capitânicas do interior; e, entretanto, se fosse razoável adotá-lo, apenas o seria para as capitânicas onde os recursos são escassos, onde não se pudessem encontrar arrecadadores que oferecessem uma garantia suficiente, e onde a fazenda real se encontrasse em dificuldade pelos inúmeros negócios difíceis.

Mas como se explica que tenha sido admitido esse sistema em uma capitania rica, onde os arrecadadores particulares, muito ricos, se apresentam em massa? Como admitir se adjudique à fazenda geral, distante mais de trezentas léguas da capitania, numa cidade onde os recursos não são conhecidos e, por conseguinte, não pode haver concorrência?

Está claro que tal sistema não podia ser adotado, e que apenas se mantém para favorecer interesses particulares, e o Ministério tem disso a prova evidente, pois que, receando que pudesse haver pouca concorrência, decretou a prorrogação, por seis anos da última adjudicação, violando assim, em dois pontos fundamentais, a lei que estabelece um prazo máximo

de três anos. O arrecadador-geral entra em conluio com os subarrecadadores (ramistas-dizimeiros), que recebem diretamente os impostos, os quais introduzem na cobrança diversos abusos, de que se queixam os proprietários. Todas as vezes que estes marcam seus animais, os dizimeiros devem arrecadar o décimo, mas assim não sucede; não cobram o que lhes deve caber, para arrecadar três anos após, e até esta época, não assinalam com marca o seu gado, para diferenciá-lo dos proprietários.

Assim, ao cabo de três anos, são proprietários de bois que foram engordados, durante um ou dois anos, nos campos de outrem, sem que nada lhes tenha custado; e não correm o risco da perda, em caso de peste, porque, se o proprietário tiver perdido animais, não há como provar que entre esses se encontravam também animais do arrecadador.

Em sua última incursão, Artigas arrebanhou todo o gado de algumas fazendas, mas não pôde levar senão uma parte dele. Nos lugares em que restou algum gado, os arrecadadores recusaram-se a sofrer as perdas com os proprietários e pretenderam conservar até direitos sobre os anos que eles tinham deixado atrasados.

PORTO ALEGRE, 1º de julho. – Antes do governo do marquês de Alegrete, predecessor do conde de Figueira, os criminosos desta capitania eram enviados ao Rio de Janeiro para aí serem julgados. Mas, como nessa distante cidade se tornava difícil reunir provas suficientes para condená-los, e como ninguém agisse contra eles, era costume deixá-los padecer durante vários anos nas prisões, terminando por libertá-los sem julgamento. O marquês de Alegrete solicitou e obteve do rei a criação de uma junta criminal, que deve reunir-se anualmente, composta do general, do ouvidor e do juiz de fora de Porto Alegre, do juiz de fora do Rio Grande e o de Rio Pardo, e de dois desembargadores, que moram atualmente em Porto Alegre. A composição dessa junta apresenta um grande inconveniente de obrigar os juizes de fora do Rio Grande e de Rio Pardo a abandonar suas funções ordinárias e a se distanciar, um, sessenta, e outro, trinta léguas de suas residências habituais.

Em consequência dessa morosidade que há em tudo o que diz respeito à administração, a junta deixou, durante vários anos, de se reunir e, quando o fazia, era sempre por pouco tempo. Este ano, ela se dissolveu depois de haver julgado quatro indivíduos, entre os duzentos acusados que estão en-

carcerados em Porto Alegre. Segundo o depoimento de um dos membros da junta, os crimes são muito frequentes nesta capitania, principalmente entre os negros, o que não é de se admirar, devido ao costume, no Rio de Janeiro, de mandar vender aqui todos os escravos de que se querem livrar.

As amendoeiras, os pessegueiros, as ameixeiras, as macieiras, as pereiras e as cerejeiras desenvolvem-se muito bem nos arredores de Porto Alegre, produzindo bons frutos; mas só um número reduzido de pessoas se dedica a essas plantações e, em geral, as espécies trazidas para aqui são de qualidade inferior. Plantaram-se algumas oliveiras que produziram muito bons frutos, mas em pequena quantidade. A vinha medra muito bem; há quem fabrique vinho, mas de qualidade inferior e sem aceitação.

As pessoas, embora pouco abastadas, usam o vinho generoso do Porto e, como a pequena quantidade de vinho que se produziu até agora no Brasil está muito longe de ser boa, torna-se desprezado, escarnekido, o que desestimula aqueles que se ocupam com tais experiências. Não há dúvida, porém, que o pior vinho daqui é mais apetecível às pessoas pobres, impossibilitadas de comprar o vinho português, do que a água ou a cachaça com açúcar.

A implantação generalizada do hábito de beber qualquer qualidade de vinho, entre os brasileiros, seria, pois, um verdadeiro benefício e, por consequência, o Governo devia encorajar, por todos os meios possíveis, o plantio da vinha e a fabricação do vinho nas regiões do Brasil onde possa haver esperança de sucesso, tais como nesta capitania de Goiás, no Distrito de Diamantes e na Comarca de Sabará, na capitania de Minas.

As amendoeiras e os pessegueiros florescem em princípios de setembro; a florescência das outras árvores segue-se na mesma ordem observada na Europa.

PORTO ALEGRE, 4 de julho. – Durante vários dias o tempo se manteve muito frio; hoje está sombrio, como na França, antes de nevar, tendo chovido uma boa parte do dia. Cai geada quase todas as noites, e o conde tem podido recolher bastante gelo para fazer sorvetes. Acostumado, como já estou, às altas temperaturas da zona tórrida, sofro bastante com o frio; ele me tira toda espécie de atividade, privando-me quase da faculdade de pensar.

Esse frio se repete anualmente; todos se queixam dele, o que é de admirar-se, pois ninguém toma providências para defender-se do inverno; só cuidam de agasalhar o corpo com roupas pesadas. Os porto-alegrenses vestem, no interior de suas casas, um espesso capote que lhes embaraça os movimentos e não os impede de tremer de frio; ninguém pensa em aquecer os aposentos, trazendo-os bem fechados e neles acendendo uma lareira.

Há aqui grande número de belas casas, bem construídas e bem mobiliadas, mas nenhuma delas possui lareira ou chaminé. Os aposentos são muito altos; as portas e as janelas fecham-se mal; estas, geralmente, têm vidros quebrados, que ninguém se importa de substituir e há casas em que não se consegue procurar um objeto senão abrindo as venezianas e até mesmo as portas.

Além disso, parece que foram os portugueses que trouxeram da Europa o costume de se precaver tão pouco contra o frio, porque garantem que, em Lisboa, as estufas são objetos de luxo.

Como já assinalai, o campo é seco; não se acha nele uma só flor, nem se vê voar um só inseto; as pastagens têm uma cor cinzenta, as árvores e os arbustos conservam as folhas, mas apresentam uma coloração verde desbotada.

Não tenho absolutamente nada a fazer, mas receio pôr-me em marcha por causa do frio, tanto mais que daqui a Rio Pardo tenho de viajar por via marítima e parece que serei obrigado a dormir ao relento. Por outro lado, tendo escrito duas vezes para Boavista, sem obter notícias de José Mariano, não sei o que é feito dele. Passo o tempo em completa tristeza.

Aqui, as mulheres não se escondem; mas não há mais vida social em Porto Alegre do que nas outras cidades do Brasil; cada um vive em casa ou visita o vizinho, sem cerimônia, de casaco ou de capote. Vão frequentemente palestrar nas lojas, mas não há nenhum local de reunião. Desde que aqui cheguei, tenho jantado na casa de José Antônio de Azevedo. Aliás, embora tenha trazido muitas cartas de recomendação, que me têm valido gentilezas, não recebi nenhum convite, a não ser do conde e do major João Pedro, que são mais traquejados e sociáveis. Geralmente, em todos os

lugares do Brasil por onde tenho andado, o estrangeiro é recebido na casa daquele a quem foi recomendado, mas não o apresentam aos demais.

Jantei hoje em casa de João Pedro em companhia de um espanhol dos arredores de Santa Teresa (Ângelo Núñez), vítima da tirania de Artigas, do qual me falou muito. Quando os portugueses invadiram as terras desse espanhol, este rendeu-se a eles e teve ocasião de lhes ser útil. Voltando como conquistador da região, Artigas tratou esse homem como a um traidor. Obrigou-o a ficar em sua companhia durante vários meses, submetendo-o a ignomínias e mal o alimentando. Nessa ocasião, roubaram-lhe o gado e suas propriedades foram igualmente devastadas pelos soldados de Artigas e pelos portugueses. A fim de reclamar o que esses últimos lhe tomaram, é que se encontra atualmente em Porto Alegre.

Os principais seguidores de Artigas são índios civilizados, que se juntaram a ele para poderem levar uma vida licenciosa e roubar impunemente o gado. Há também entre eles aventureiros brancos que nada possuem e querem se enriquecer saqueando os proprietários ricos. Vários destes fugiram e retiraram-se para Montevideu; outros, embora detestando Artigas, obedeceram às suas ordens, para salvarem suas propriedades. Artigas conservou o antigo sistema de administração nas aldeias em que se tornou chefe; aliás, não há outra lei além da sua vontade e a de seus caprichos. Confisca os bens aos ricos, condena ao açoite ou à morte, sem nenhuma regra ou formalidade e só pode ser considerado como um chefe de bandidos; sua ignorância é extrema, mas possui como secretário um monge que abandonou o hábito, no qual deposita cega confiança e que dirige todos os seus negócios. O governo português fez várias vezes ofertas vantajosas a Artigas para persuadi-lo a depor as armas; mas o monge, que não podia aspirar mais do que ao perdão, induziu-o a repelir todas essas propostas. Alguns dos chefes que servem sob as ordens de Artigas são proprietários nessa região, e foram levados a aderir pelas circunstâncias; outros, como já disse, são aventureiros saídos da escória da sociedade.

O major João Pedro foi mandado, faz alguns anos, pelo marquês de Alegrete ao encalço de Ortugues<sup>1</sup>, um dos capitães de Artigas, atual-

---

1 Ortugues é provavelmente o mesmo personagem que, na cidade do Rio Grande, era conhecido pelo nome de Torgues.



mente preso no Rio de Janeiro, e que, antes da revolução, não passava de um simples capataz<sup>2</sup>.

Conhecendo o ódio dos colonos espanhóis contra os europeus, João Pedro se fez passar por brasileiro, montando sem dificuldade os cavalos fogosos que lhe entregaram, bebendo chimarrão e conquistando, assim, a confiança de Ortugues. Um dos primeiros cuidados deste foi se informar se o marquês de Alegrete era bom escudeiro e, quando João Pedro lhe respondeu afirmativamente, manifestou maior deferência para com o marquês. Ortugues criticou duramente os reis; mas as suas censuras recaíam somente na facilidade com que os soberanos recrutam soldados e, imediatamente depois de emitir sua opinião, vangloriava-se da autoridade sem limites que exercia sobre seus soldados e sobre os habitantes da região. Realmente, era ela de tal ordem, disse-me João Pedro, que pelas menores faltas, ele condenava à morte. Mandava comparecer à sua presença aqueles de quem tinha queixas, obrigando-os a pedir perdão e acabava por mandá-los “passear”. O acusado se retirava mas era seguido por um assecla de Ortugues, que o matava. Os “passeios de Ortugues” transformaram-se em provérbio em todo o país. Esse homem aliava à ferocidade uma espécie de devoção. Queixou-se amargamente a João Pedro de que os soldados acabavam de saquear uma capela. Trazia consigo uma imagem da Virgem dali roubada pela qual mostrava enorme respeito, tendo encomendado em Montevideu roupas para vesti-la.

O roubo de gado deve ter sido uma das primeiras consequências da guerra numa região em que o povo só se alimenta de carne e onde os rebanhos constituem a principal riqueza. Outrora, o número de bovinos reduziu-se consideravelmente nos campos de Montevideu e Entre-Rios. O general Lecor acaba de proibir a exportação de gado e as charqueadas na capitania de Montevideu, e Artigas restringiu a seus soldados a ração. Em meio à desordem da guerra, ocorreu tamanha confusão em Entre-Rios, que o gado se tornou propriedade comum.

O clima de Porto Alegre é muito saudável; não se conhecem aqui as febres intermitentes, mas no tempo do frio, os resfriados e as doenças de garganta são muito comuns. Nessa mesma estação, o tétano se manifesta frequentemente, sobretudo em seguida a um ferimento.

---

2 Chefe de um grupo de trabalhadores.

PORTO ALEGRE, 6 de julho. – O frio continua, choveu durante o dia e não pude sair.

José Mariano chegou, dizendo-me que tinha embarcado em Boavista, para ser enviados a esta cidade, os pássaros que matou. Acredito muito que a chuva e a umidade os tenham estragado. Ao chegar, José Mariano demonstrou seu habitual mau humor, que já começou a influir sobre os demais companheiros. Firmiano, que se mantivera bom durante sua ausência, já se mostra menos alegre, e Manuel recomeça a lastimar-se.

PORTO ALEGRE, 8 de julho. – Visitei o general, e ele me disse, como várias pessoas, que a estação era pouco favorável para se ir a Missões, porque nesta ocasião muitos rios se constituíriam em obstáculo, por não serem vadeáveis; enfim que, terminada a minha viagem pelo Rio Grande, teria a oportunidade de conhecer as dunas, numa época em que a vegetação se mostra em pleno vigor, e as regiões da capitania, onde poderia esperar melhor colheita em tempo de falta de flores. O general acrescentou que estava prestes a partir para o Rio Grande e convidou-me com insistência a acompanhá-lo. Estou certo de que não usufruirei em sua companhia da necessária liberdade para o meu trabalho, mas em todo caso, como sei que durante um mês nada poderei fazer aqui, passarei o tempo de maneira mais agradável.

Do Rio Grande seguirei em companhia do conde para Santa Teresa, daí para Montevideu e depois para as Missões. Durante o tempo em que estive em casa do general, ele recebeu uma carta do marechal Chagas, comandante das Missões, informando-o de que as tropas de Artigas se achavam reduzidas a duzentos e cinquenta homens. Após a batalha de Taquarembó, Frutuoso Rivera, o mais hábil de seus lugares-tenentes, rendeu-se ao general Lecor com sua tropa, considerada a mais bem disciplinada de quantas tinham sustentado o partido de Artigas. Esses magníficos resultados foram fruto de uma ação conjunta envolvendo oitocentos luso-brasileiros, homens da região, que possuíam os mesmos costumes dos seus inimigos e que combatiam, por assim dizer, com armas iguais mas com superioridade de coragem e inteligência.

Esta guerra teria fatalmente acabado há muito tempo, se, em vez de ter começado com tropas europeias, tivessem, desde o início, oposto

a Artigas forças de homens da região, e se o general Lecor não houvesse transigido, evitando assim murmurações dos oficiais e soldados.

Assim que as tropas de Portugal, que compõem atualmente a divisão de Lecor, atravessaram a capitania, trataram seus habitantes com desprezo e dureza de que ainda hoje falam com ressentimento. Mas logo foram vingados por uma humilhação sofrida pela cavalaria portuguesa em Serrito. Foi aí que lhes deram cavalos, e como todos dessa região, estes animais, semisselvagens, não estavam acostumados ao equipamento das cavalarias europeias, nem às suas manobras; assustaram-se, lançando por terra os cavaleiros, debandaram pelos campos e, apesar das inúmeras buscas feitas pelos habitantes da região, houve grande perda de selas. Habitados a comer pão, os soldados portugueses não podiam viver só de carne. Quando entraram em campanha, foi necessário levar, acompanhando a tropa, quase duzentas carroças carregadas de víveres e de bagagens. Numa região descoberta, onde não há nenhuma fortificação, o exército não podia forçar ao combate um inimigo cujo interesse era evitá-lo, e que sabe transportar-se com a rapidez de um raio, de um lugar para outro; estava ele inteiramente ocupado em proteger sua bagagem e só era de fato senhor do lugar que ocupava. Depois que Lecor entrou em Montevideú, não empregou sua divisão nem fez agir as tropas da fronteira, sob suas ordens e sob o comando do marechal Curado. Tendo mostrado extrema benevolência para com os rebeldes, tornou-se estimado pelos habitantes da região, mas o criticam por levar tal indulgência ao excesso; parece ter aprendido essa prática de brandura e contemporização com o presidente do cabildo de Montevideú, que conserva em seus lugares todos os servidores espanhóis, que possuam parentes e amigos entre os insurretos<sup>3</sup>.

PORTO ALEGRE, 10 de julho. – Por haver sido esta capitania, durante muito tempo, teatro de guerra, o governo militar empregou aqui mais força que nas outras províncias. Os habitantes acostumaram-se a suas irregularidades, e cada um comete, por sua vez, injustiças e humilhações que recebem, suportando-as com menos sofrimento quando por elas atingidos.

---

3 O que digo aqui, sob a influência das ideias que, então, predominavam na província do Rio Grande, deve ser modificado. Lecor tomou o partido que devia tomar com as tropas europeias.

O regime militar age melhor do que a morosidade da administração ordinária de homens pouco instruídos, que vivem uma vida ativa, montados sempre a cavalo e possuindo todos os costumes dos povos semi-civilizados. Nesta capitania, os homens apenas são considerados pelas suas patentes militares, e os funcionários civis e os juízes não gozam da menor consideração. Evitam-se as formalidades da Justiça, e o general é nomeado árbitro em quase todas as questões. O caráter pessoal e a integridade do conde, comparados à venalidade comum dos juízes, devem ter contribuído, também, para inspirar essa confiança.

PORTO ALEGRE, 12 de julho. – Um francês, que negocia aqui para um estabelecimento do Rio de Janeiro, veio convidar-me para passar a noite em uma casa onde devia realizar-se um pequeno baile. Sabedor de que essa casa era uma das mais prestigiosas de Porto Alegre, não hesitei em aceitar o convite; e encontrei, num salão bem mobiliado e forrado de papel francês, uma reunião de trinta a quarenta pessoas, entre homens e mulheres. Em se tratando de parentes e amigos íntimos, não havia luxo nos trajés. As mulheres estavam vestidas com simplicidade e decência; a maior parte dos rapazes trajava fraque e calças de tecido branco. Dançaram valsas, contradanças e bailados espanhóis; algumas senhoras tocaram piano, outras cantaram com muita propriedade, acompanhadas ao violão, e o sarau terminou com jogos de salão.

Encontrei maneiras distintas em todas as pessoas da sociedade. As senhoras conversavam sem constrangimento com os homens; estes as cercavam de gentilezas, mas não demonstravam desvelo ou desejo de agradar, qualidade, aliás, quase exclusiva dos franceses. Desde que estou no Brasil ainda não tinha visto uma reunião semelhante. No interior, como já o afirmei centenas de vezes, as mulheres se escondem; não passam de primeiras escravas da casa, e os homens não têm a mínima ideia dos prazeres que se podem usufruir com decência. Entre as senhoras que vi, hoje, em casa do Sr. Patrício, havia algumas bonitas; na maior parte eram muito brancas, de cabelos castanhos escuros e olhos negros; algumas graciosas, mas sem aquela vivacidade que caracteriza as francesas.

Os homens, geralmente muito claros e de cabelos e olhos da mesma cor que os das mulheres, eram grandes e bem-feitos; desembaraçados, mas sem a brandura que caracteriza os mineiros.

PORTO ALEGRE, 15 de julho. – Não se pode negar que nesta guerra os portugueses não tenham sido os agressores; ela é fruto da política injusta do conde de Barca, que acreditava que, para expandir suas fronteiras, os portugueses não podiam achar momento mais favorável que aquele em que os espanhóis se insurgiram contra o seu soberano, divididos entre si.

Sem dúvida era necessário tomar algumas precauções contra vizinhos que queriam mudar de governo e que tinham pegado em armas, mas podiam contentar-se em estabelecer um cordão nas fronteiras, porque o bem do país exigia que se guardasse neutralidade, contra a qual Artigas não teria nenhum interesse em se opor. Supondo-se mesmo que os portugueses dominassem toda a região até ao rio da Prata, o que é muito duvidoso, teriam eles comprado bem caro esse aumento de território, por causa das despesas que seriam obrigados a fazer e do empobrecimento de três de suas mais importantes províncias: as de São Paulo, Rio Grande e Santa Catarina.

Antes de começar a guerra, encarregou o ministro ao marquês de Alegrete de enviar um oficial a Buenos Aires, com o pretexto de reclamar embarcações portuguesas que haviam sido detidas nesse porto, mas, na realidade, seu propósito era sondar as intenções do Governo em relação a Artigas e saber se a república nascente o defenderia no caso de ser atacado pelos brasileiros.

Para chegar a Montevideú, esse oficial foi obrigado a passar pelo distrito comandado por Ortugues, com quem teve a conferência, cujas principais circunstâncias já foram por mim relatadas. Ortugues concedeu-lhe passaportes, e ele chegou são e salvo a Montevideú, onde solicitou ao cabildo permissão para prosseguir livremente sua viagem. Os membros do cabildo nada quiseram decidir sem consultar Artigas que, como se sabe, nunca residiu na cidade. Este censurou duramente o cabildo por ter recebido um estrangeiro que, dizia ele, só podia ser um espião, e deu ordens para que, no prazo de vinte e quatro horas, o oficial deixasse o país, fazendo-o regressar pelo caminho por onde tinha vindo.

O tratamento dado a esse oficial e a proteção que Artigas concedia aos negros fugidos da capitania foram as razões alegadas para o rompimento da guerra.

Diziam no Rio de Janeiro que os asseclas de Artigas tinham sido os primeiros a fazer incursões em território português roubando gado, mas não era bem assim.

Um padre espanhol, digno de fé, que foi obrigado a deixar Entre-Rios, onde era cura, e a se refugiar em Porto Alegre por ser fiel ao rei, assegurou-me, ao contrário, que, antes mesmo das primeiras hostilidades, os estancieiros portugueses haviam muitas vezes invadido as terras dos espanhóis, retirando daí grande número de bovinos.

Quanto às selvagerias que alguns portugueses atribuem aos partidários de Artigas, parece, segundo o testemunho dos mais respeitáveis oficiais, que têm sido inteiramente recíprocas.

Os hábitos carnívoros dos habitantes desta capitania os tornam cruéis e sanguinários. Na batalha de Taquarembó, massacraram, covardemente, mulheres e crianças e teriam matado todos os prisioneiros se os oficiais a isso não se opusessem.

Em geral, os portugueses, bem como o seu governo esqueceram-se completamente de que, nesta guerra, o pessoal de Artigas tinha direitos iguais aos deles. E tinham a pretensão de tratar os inimigos como rebeldes.

Entretanto, a conduta política dos espanhóis nada se parecia à de Portugal, que sempre agiu por sua própria conta e jamais como aliado do rei da Espanha. Os portugueses deviam, portanto, fazer guerra a seus vizinhos como uma nação civilizada faz a outra; a eles não competia julgar da legitimidade do poder dos oficiais de Artigas. Estes deviam, por consequência, ser tratados com o respeito devido às suas patentes militares; ninguém tinha o direito de algemá-los, como algumas vezes o fizeram, e não deviam acorrentar os soldados prisioneiros, como acontecia à maior parte dos índios capturados em vários combates<sup>4</sup>.

Os habitantes desta capitania são originários dos Açores, tal como os de Santa Catarina; entretanto, uns e outros poucos se assemelham: os primeiros são grandes; os outros, pequenos; aqueles, geralmente, são corpulentos; estes, magros. Os catarinenses têm a cútis amarelada, os

---

4 Como disse em outros escritos, Artigas não passava de um chefe de salteadores, e é de acreditar-se que as hostilidades tenham sido começadas, ao mesmo tempo, pelos seus soldados e pelos portugueses.

rio-grandenses são muito brancos, corados e muito mais desembaraçados. Tal diferença decorre naturalmente dos seus hábitos alimentares e costumes.

Os catarinenses vivem quase sempre da pesca ou do trabalho da terra. Os desta capitania estão continuamente a cavalo; entregam-se a exercícios violentos respirando o ar mais puro e saudável da terra. Os primeiros alimentam-se à base de peixe e farinha de mandioca; os outros comem carne e, às vezes, pão.

Se, a uma distância tão pequena, essa diferença de costumes e de alimentação pôde produzir tamanha diferença entre homens saídos há tão pouco tempo da mesma região, não é de se admirar que uma mudança total de clima e nutrição tenha determinado desigualdades bastante sensíveis para a constituição das raças. Não há quem não tenha observado que os negros brasileiros estão muito menos afastados de nossa raça que os da costa da África. Poder-se-ia atribuir à educação a superioridade que demonstram em relação à inteligência; mas, ao mesmo tempo, são comumente de um negro menos carregado; a cabeça é menos arredondada; os lábios menos grossos; o nariz menos chato; enfim, não há pessoa que, com um pouco de prática, não distinga facilmente um negro brasileiro de um africano.

Atribuí aos índios, que foram aprisionados por Artigas, o feito alongado da cabeça e nariz. Esses traços, porém, não se encontram em todos eles, mas só nos mestiços com espanhóis.

PORTO ALEGRE, 21 de julho. – Porto Alegre, sede da capitania do Rio Grande do Sul, residência do general e do ouvidor, está situada em aprazível posição, sobre uma península formada por uma colina que avança na direção norte-sudeste, sobre a lagoa dos Patos. Esta lagoa mede sessenta léguas de comprimento, tem, em sua origem, os nomes de lagoa de Viamão ou lagoa de Porto Alegre. Estende-se, a princípio, de norte a sul; suas águas, de uma correnteza sensível são, ordinariamente, doces, numa extensão de trinta léguas. A lagoa deve sua origem a quatro rios navegáveis, que reúnem suas águas em frente de Porto Alegre e que, divididos em sua embocadura, num grande número de braços, formam um labirinto de ilhas; três desses rios, o Gravataí, que é o mais oriental, o rio dos Sinos e o rio Caí, vêm do norte, nascem na serra Geral e têm pequeno curso. O

quarto rio, de nome Jacuí ou Guaíba<sup>5</sup>, é muito maior que os outros; vem do oeste e recebe em seu curso numerosos afluentes.

A cidade de Porto Alegre se eleva em anfiteatro, sobre um dos lados da colina de que já falei, voltado para noroeste. Compõe-se de três longas ruas principais, que começam um pouco aquém da península, no continente, estende-se, em todo o comprimento, paralelamente à lagoa, sendo atravessado por outras ruas muito mais curtas, traçadas sobre o declive da colina. Várias dessas ruas transversais são calçadas; outras só em parte, mas todas em muito mau estado. Na chamada Rua da Praia, que é a mais próxima da lagoa, existe, por quase toda a parte, defronte de cada grupo de casas, uma calçada feita de lajes diante da qual são colocados, de distância em distância, marcos estreitos e bastante altos.

As casas de Porto Alegre são cobertas de telhas pintadas de branco em sua parte anterior, construídas em tijolo sobre alicerces de pedra e bem conservadas; a maior parte possui sacadas; são, em geral, maiores que as das outras cidades do interior do Brasil e muitas possuem um andar além do térreo; outras têm mesmo dois.

A Rua da Praia, a única comercial, é extremamente movimentada. Nela se encontram numerosas pessoas a pé e a cavalo, marinheiros e muitos negros, carregando fardos. É provida de lojas muito bem instaladas, de vendas bem sortidas e de oficinas de várias profissões. Quase a igual distância desta rua há um grande cais que avança para a lagoa, e à qual se tem acesso por uma larga ponte de madeira de aproximadamente cem passos de comprimento, guarnecida de peitoris e sustentada por pilares de pedra. As mercadorias, que aí se descarregam, são recebidas na extremidade dessa ponte, debaixo de um armazém de vinte e três passos de largura por trinta de comprimento, sustentado sobre oito pilastras de pedra, em que se apoiam outras de madeira. A vista desse cais seria de um belo efeito para a cidade, se não fosse prejudicada pela construção, à entrada da ponte, de um edifício muito pesado e rústico que mede quarenta passos de comprimento, para servir de alfândega.

Uma das três grandes ruas, chamada Rua da Igreja, estende-se sobre o cume da colina. É aí que se acham os três principais edifícios da ci-

---

5 Toma este último nome em sua foz.



dade: o Palácio, a Igreja Paroquial e o Palácio da Justiça. Estão construídos em alinhamento, um ao pé do outro, voltados para o noroeste e, do outro lado da rua, em frente, levantaram apenas um muro de apoio para não prejudicar um dos mais belos panoramas existentes. Abaixo desse muro, sobre a encosta da colina, uma praça, infelizmente muito irregular, cujo terreno é sustentado por pedras que mal afloram à superfície, formando canteiros dispostos em losangos.

Além da Rua da Igreja, do Palácio, dos edifícios próximos a essa praça e das casas construídas mais abaixo, avista-se a lagoa, que pode ter a mesma largura do Loire em Orleans, rodeada de ilhas baixas, cobertas de vegetação pouco crescida. Entre elas, veem-se serpentear os braços dos quatro rios que mencionei acima, mas é impossível determinar, exatamente, a que rio pertencem porque, antes de chegar à lagoa, eles se cruzam e se confundem. As águas que correm na direção do Gravataí, na extremidade mais oriental da lagoa, aí chegam descrevendo uma imensa curva, apresentando-se como um belo rio, distinto dos demais. Um pouco mais ao norte, outras águas formam uma grande bacia, compreendida entre duas faixas de terra, que ambas se curvam em semicírculo deixando em sua extremidade só uma abertura muito estreita. Alguns trechos dos rios mostram-se por trás das ilhas, e dessa mistura de água e terra resulta um conjunto muito agradável. Para completar esse quadro, acrescentarei que o horizonte é limitado pelos cumes da serra Geral, que toma a direção de leste para o norte e se perde à distância.

Desejando-se apreciar uma paisagem diferente, mas também cheia de belezas, basta, logo que se chega ao ponto mais alto da cidade, na Rua da Igreja, voltar-se para o lado oposto àquele que acabo de descrever.

A parte da lagoa que banha a península do lado sudoeste forma uma grande enseada de forma semi-elíptica, de águas geralmente tranquilas. Um vale, largo e pouco profundo, limita a parte mais baixa da enseada; nas margens o conde de Figueira mandou plantar, recentemente, uma aleia muito larga de figueiras selvagens que, futuramente, constituirá aprazível lugar para passeios. Mais adiante, o terreno se acha coberto de árvores e principalmente de arbustos; veem-se, aqui e ali, casas de campo; mais além, afinal, estendem-se vastos gramados cobertos de bosques, capões e filas de arbustos copados que desenham os contornos irregulares de grande número de sebes. A lagoa se estende obliquamente para o sul, orlada de co-

linas pouco elevadas; confunde-se no horizonte com as nuvens e ao longe avista-se um rochedo esbranquiçado que surge no meio das águas. O panorama que se observa diante dos olhos, do lado noroeste, é mais aprazível e mais animado; alguma coisa de calmo que convida ao sonho.

Os edifícios construídos no topo da colina não apresentam, afóra isso, outra beleza senão a de sua situação; pode-se mesmo afirmar que eles não estão à altura da importância da cidade e riqueza da capitania.

O Palácio do Governador não passa de uma construção comum, de um só andar e nove varandas na frente. Internamente mal dividido, não possui uma peça onde se possa receber uma sociedade tão numerosa como a que se reuniria facilmente em Porto Alegre. O Palácio da Justiça é ainda muito mais mesquinho; só tem o pavimento térreo. A igreja paroquial, cujo acesso se faz por uma escadaria exterior, tem duas torres desiguais; é clara e bem ornamentada, com dois altares, além dos que se encontram na capela-mor; mas é muito pequena, pois contei apenas quarenta passos da capela-mor até a porta.

Os outros edifícios públicos de Porto Alegre são menos importantes do que esses que venho descrevendo. Além da igreja paroquial, veem-se mais duas outras ainda não terminadas. Numa, contudo, celebram missa; a outra, ainda não coberta, está com sua construção paralisada. A Casa da Câmara não passa de um pavimento térreo. Um particular, desde que medianamente rico, não quereria habitá-la. Aqui, a cadeia não faz parte do edifício da Casa da Câmara. Há duas muito pequenas, localizadas à entrada da cidade. Na extremidade da Rua da Praia, duas construções vizinhas servem de armazéns para a marinha, de depósito de armas, e onde se instalaram, para as necessidades das tropas, oficinas de armeiro, carreiro e seleiro. Admirei a ordem, o arranjo; poderia mesmo dizer a elegância reinante na sala destinada às armas de reserva. Do lado da lagoa, onde esses prédios têm fachada, cada um apresenta uma espécie de corpo principal alongado, só de pavimento térreo e em cuja extremidade há um pavilhão de um andar. Entre os dois edifícios, há um espaço considerável a que corresponde, em plano mais elevado, a igreja das Dores, uma daquelas de que já falei. Defronte à igreja, além dos armazéns, e portanto, próximo à lagoa, vê-se uma coluna encimada por um globo, que indica ser a cidade sede de uma comarca. Diante dela construiu-se um duplo quebra-mar de pedra,

destinado a servir de cais para os dois armazéns. Esse conjunto formaria um belo efeito, se a igreja estivesse concluída, se o terreno existente entre ela e os dois armazéns tivesse sido nivelado e se estes, embora construídos sob o mesmo modelo, não apresentassem diferenças chocantes. Fora da cidade, sobre um dos pontos mais elevados da colina, onde ela se acha construída, iniciou-se a construção de um hospital, cujas proporções são tão grandes, que provavelmente não seja terminado tão cedo; mas a sua posição foi escolhida com rara felicidade, porque é bem arejado, bastante afastado da cidade, para evitar contágios; ao mesmo tempo, muito próximo para que os doentes fiquem ao alcance de socorro de qualquer espécie; se escolheram o lado noroeste da península para aí construir a cidade, foi porque os navios só por este lado podem ancorar. Entretanto, há, também, casas no lado oposto da colina, porém esparsas e mal alinhadas, entremeadas de terrenos baldios, na maior parte pequenas, malconstruídas e quase todas habitadas por gente pobre. Desde que aqui me encontro, já contei cerca de vinte a vinte e cinco embarcações no porto, e asseguraram-me que há, muitas vezes, até cinquenta. Podem entrar no porto sumacas, brigues e embarcações de três mastros.

Situada à margem de uma lagoa, que se estende até o mar, podendo, ao mesmo tempo, comunicar-se com o interior por vários rios navegáveis, cuja foz fica diante de seu porto, a cidade de Porto Alegre deve, necessariamente, tornar-se em breve rica e florescente. Fundada há cerca de cinquenta anos, já conta uma população de dez a doze mil almas, e alguém, aí residente há dezessete anos, me informa que, nesse espaço de tempo, ela aumentou em dois terços. Pode ser considerada como principal entreposto da capitania, sobretudo das regiões que ficam ao noroeste. Os negociantes adquirem quase todas as mercadorias no Rio de Janeiro e as distribuem nos arredores da cidade; em troca exportam, principalmente, couros, trigo e carne-seca; é, também, de Porto Alegre que saem todas as conservas exportadas da província. O rápido aumento da população fez com que os terrenos se tornassem mais valorizados aqui do que nas cidades do interior; poucas casas possuem jardins e muitas não têm sequer quintal; daí um grave inconveniente de atirarem à rua todo o lixo, tornando-as imundas. As encruzilhadas, os terrenos baldios e, principalmente, as margens da lagoa são entulhadas de sujeira; os habitantes só bebem água da

lagoa e, continuamente, veem-se negros encher seus cântaros no mesmo lugar em que os outros acabam de lavar as mais emporcadas vasilhas.

Sobre a população de Porto Alegre já disse que se compõe, principalmente, de brancos, em geral, grandes, bem constituídos, de bela tez; acrescentei que as mulheres são muito claras, coradas e várias delas muito bonitas, não se furtam a conversar com os homens, possuindo maneiras delicadas e um tom distinto. Aqui não há tanta vida social como nas cidades europeias; porém há muito mais do que nas outras cidades do Brasil.

São frequentes as reuniões nas residências para saraus, e algumas senhoras tocam, com mestria, o violão e o piano, instrumento este desconhecido no interior, por causa das dificuldades de seu transporte. É na Rua da Praia, próximo ao cais, que fica o mercado; nele vendem-se laranjas, amendoim, carne-seca, pão, feixes de lenha e legumes, principalmente couve. Como no Rio de Janeiro, as vendedoras são negras; algumas vendem acoradas junto à mercadoria; outras possuem barracas, dispostas desordenadamente. Veem-se, também, em Porto Alegre, negros que mascateiam fazendas pelas ruas. Atualmente vendem muito o fruto da araucária, a que chamam pinhão, nome que se dá, na Europa, às sementes de pinheiro. Usam-no cozido ou ligeiramente assado, ao chá ou entre as refeições, sendo frequente presentear com ele os amigos.

PORTO ALEGRE, 26 de julho. – Parece que seguirei amanhã com o conde para o Rio Grande. Levarei comigo somente José Mariano; Firmiano e Laruotte<sup>6</sup> seguirão pela lagoa, com a minha bagagem. Quanto ao negro Manuel, a quem eu pagava desde Curitiba, sem que me fosse de utilidade alguma, e do qual tenho suportado, com tamanha paciência, os excessivos melindres, resolveu deixar-me no justo momento em que me podia prestar algum serviço, pois que devia conduzir, nesta viagem, duas mulas carregadas de malas. O único motivo que me alegou foi o de que desejava voltar à sua terra. Reduzi, por isso, minha bagagem a duas malas, que poderão ser transportadas por um dos animais do conde, conduzido por um empregado de seu ajudante-de-campo. Esta viagem me contraria mais do que posso dizê-lo. Devemos ir muito depressa; chegaremos tarde

---

6 Criado francês.

e partiremos cedo; não gozarei de nenhuma liberdade; nada poderei fazer além deste diário.

Com o imprestável José Mariano, estarei à mercê de toda a gente e não saberei o que será feito de minha bagagem. Afora isso, é preciso que eu deixe aqui quase toda a minha bagagem com Laruotte e Firmiano, empregados, também, sem nenhuma experiência. Não sei quando poderão embarcar, sendo muito provável que eu me demore muito mais tempo no Rio Grande, à espera deles, desprevenido de tudo e sem saber que resolução tomar.

PORTO ALEGRE, 27 de julho. – Não partimos hoje, como era esperado, porque choveu durante todo o dia; passa-se o tempo, nada faço e esta viagem se prolonga mais do que desejava.

.....

### *Capítulo III*

CAPELA DO VIAMÃO – POPULAÇÃO DA CAPITANIA – BOA-VISTA – ADMINISTRAÇÃO DAS ALDEIAS (POVOS) DAS MISSÕES – PALMARES – NEGROS ESCRAVOS – ESTÂNCIA DOS BARROS – OS CAPITÃES-GERAIS – ESTÂNCIA DE S. SIMÃO – BUJURU – MOSTARDAS – GADO, OVELHAS – FREGUESIA DO ESTREITO – RIO GRANDE DO SUL – RECEPÇÃO AO CONDE DE FIGUEIRA – EXPORTAÇÕES, AREIAS – A LAGOA DOS PATOS – GANHOS EXCESSIVOS DA FAZENDA GERAL – BAILE EM CASA DO SARGENTO-MOR MATEUS DA CUNHA TELES – POSIÇÃO DO RIO GRANDE – MÁ EDUCAÇÃO DAS MOÇAS – NEGOCIANTES QUASE TODOS EUROPEUS – DOENÇAS – ALDEIA DO NORTE.

**C**APELA DO VIAMÃO, 28 de julho. – Choveu e trovejou a noite inteira e ainda chovia pela manhã, quando recebi uma carta do senhor Lemos, ajudante-de-campo do general. Nela me comunicava que este pretendia partir após o jantar e me convidava para almoçar. Dirigi-me, então, ao Palácio, com toda a minha bagagem, bastante contrariado por ser obrigado a enfrentar o mau tempo e os péssimos caminhos. Encontrei o conde almoçando; disse-me que havia resolvido partir, porque as chuvas impediriam os habitantes de Porto Alegre de o acompanharem e que, se fizesse bom tempo, a metade da cidade se sentiria no dever de acompanhá-lo até Viamão. Ao descer, encontrei José Mariano à porta do Palácio, o qual

me informou, com muito bom humor, que nenhum dos criados do conde queria encarregar-se de minha bagagem. Voltei para casa muito triste, mal-dizendo minha própria fraqueza em não recusar o convite que me havia feito o conde de viajar com ele. Ao cabo de duas horas, este mandou-me chamar por um soldado, voltando eu imediatamente ao Palácio. Minha bagagem já havia partido. Ordenou o conde que me dessem um cavalo, mandou o carro seguir na frente e nos pusemos a caminho, acompanhados de cerca de vinte oficiais. Alguns destes nos fizeram companhia até a distância de uma légua; outros, duas; e meia-dúzia veio até aqui. Alguns passos à frente, ia o conde; os que o acompanhavam iam em silêncio ou falando a meia-voz. O conde é alegre, sem arrogância e orgulho; põe à vontade os que vivem com ele; mas a autoridade absoluta de que se acha investido, inspirando muito respeito, mantém todos a uma grande distância dele e não lhe falam senão com ar da mais profunda humildade.

Continuou chovendo de Porto Alegre até aqui. A noite surpreendeu-nos em caminho; este era escorregadio, mas chegamos sem acidentes.

Por sua benevolência e simplicidade, o conde não avisara ninguém de sua chegada, a fim de não causar incômodos. Instalou-se em uma casa, cujo dono se achava ausente e imediatamente nos pusemos à mesa. Uma parte das mulas chegou depois de nós, mas várias delas ficaram para trás, segundo me disseram os condutores, e entre essas as que traziam as minhas malas; foi preciso enviar outras mulas para substituir as primeiras, e a minha bagagem chegou toda molhada. Esse não será, sem dúvida, o último contratempo sofrido. Só desejo salvar este diário e o livro de botânica; o resto estou disposto a sacrificar. O carro do conde chegou ainda mais tarde que a minha bagagem; e os criados nos disseram que os cavalos haviam chegado a muito custo.

Nesta capitania, todos possuem grande número de cavalos; mas não se lhes dispensa o menor cuidado; não lhes dão milho e, nesta estação, com as pastagens secas, estes animais ficam magros e fracos. Para a menor viagem é necessário, por isso, levar-se grande número de cavalos de reserva; ou então, vai-se trocando de cavalo em cada estância. Fazem pouco caso dos cavalos, não os prendem e os estancieiros só conhecem os que lhes pertencem pela marca.

Já havia atravessado a região que percorri hoje; é, como já disse, acidentada, de pastagens rasteiras, semeada de capões. Nos pontos mais altos veem-se, de quando em quando, pequenas casas, e nos arredores destas, campos protegidos do gado por fossos profundos, cercados do lado oposto por uma sebe de cactos. Ultimamente, via-se de Porto Alegre a fumaça da queima das pastagens do outro lado do lago. É nesta estação que isto acontece todos os anos.

As oliveiras dão muito bem nos arredores de Porto Alegre e, ali, pude comer deliciosas azeitonas; contudo, não passam de objeto de curiosidade; mas quando a população aumentar e o número de propriedades tornar-se maior, a cultura da oliveira poderá vir a ser para esta região uma nova fonte de renda. A falta de braços impede atualmente que os brasileiros aproveitem todos os recursos que o país oferece, mas será bom que os conheçam, para que possam aproveitá-los no momento oportuno.

Segundo dados que me foram fornecidos pelo senhor José Feliciano Fernandes Pinheiro, que é inspetor da alfândega e se ocupa atualmente com a publicação de uma *História da Capitania*, sua população se eleva a 32.000 brancos, 5.399 homens de cor livres, 20.611 homens de cor escravizados, e 8.655 índios. Nas Missões, em particular, contam-se 6.395 índios e 824 brancos<sup>1</sup>. Tudo isso coincide com o que me têm informado outras pessoas.

BOAVISTA, 29 de julho de 1820, seis léguas. – Ainda hoje, o tempo mostrou-se encoberto, mas não choveu. Percorri a primeira metade do caminho no carro do conde e o resto a cavalo. Enquanto estivemos no carro, li para o conde artigos da *Biografia dos homens vivos*; o que foi seguido de comentários e anedotas, contribuindo assim para melhor passar o tempo.

Pouco terei a acrescentar ao que já escrevi sobre esta região. As pastagens continuam cinzentas e secas; nunca se vê uma flor. Esquecera-me de dizer que a cerca de três quartos de légua de Boavista, o caminho atravessa um pequeno lago, denominado lagoa da Estiva, circundado de imensos pântanos.

---

1 De acordo com os relatórios dos administradores, a população das Missões não vai além de 3.000 guaranis-portugueses.



Disse-me o conde que as aldeias das Missões (povos) são administradas assim: os homens e as mulheres trabalham para a comunidade; armazenam-se os produtos; distribui-se a cada família o necessário para o consumo; vendem o restante empregando o dinheiro apurado na aquisição de ferramentas e roupas que se partilham do mesmo modo. A administração da comunidade é confiada a um cabildo, composto de índios e dirigido por um português. Tal forma de governo é exatamente a adotada pelos jesuítas, mas o interesse desses padres era o bem-estar dos índios. Ao contrário dos administradores, pessoas sem idoneidade, sem honra nem probidade, que só cuidam de se enriquecer à custa desses desgraçados. Nenhum homem de bem aceita exercer tais funções, porque os vencimentos são insignificantes e o cargo não dá nenhuma honraria.

BOAVISTA, 30 de julho. – Passamos o dia aqui. Fiz um longo passeio, mas não me adiantou quase nada. Os campos estão secos e muito raramente se encontra uma flor. Os arredores de Boavista apresentam uma imensa planície e alguns outeiros (lombas). No meio das pastagens veem-se capões inteiramente cobertos de *tillandsia usneoides* e de uma outra espécie. Os sítios baixos estão atualmente alagados. Nesses pântanos predomina um grande *eryngium*, cujas folhas espinhosas se assemelham perfeitamente às das bromeliáceas, e um *eriocaulon* de folhas largas.

Havendo eu me perdido, dirigi-me a uma casa que avistei ao longe; aí uma mulher trabalhava acorada sobre um pequeno estrado. Recebeu-me com delicadeza, mas sem levantar-se, e deu-me um negro para me ensinar o caminho. Ao ficarmos sozinhos, apressou-se em demonstrar sua admiração por ver-me a pé, pois nesta região, toda gente, mesmo pobre, inclusive os escravos, não dão um passo sem ser a cavalo.

Observei uma grande quantidade de plantas europeias não só nas ruas de Porto Alegre, como em seus arredores ou mesmo aqui, perto das casas; agora estão sem flores; creio, no entanto, haver reconhecido, com segurança, o *conium maculatum*, o *rumex pulcher*, a *urtica dioica*, o *geranium robertianum*, um *linum*, a *alsina media*.

PALMARES, 31 de julho, seis léguas. – Durante toda a viagem encontramos uma planície imensa, coberta de pastagens, de longe em longe, disseminadas em alguns capões. Afora as duas *oxalis*, nº 1.811 e 1.814 bis, nenhuma flor encontrei. Até à estância onde paramos, não me recordeo

de haver visto outra casa senão a de Capivari, nome oriundo de um rio próximo e afluente da lagoa dos Patos. Este curso de água é navegável desde a casa de que falei e, por conseguinte, muito útil aos agricultores que moram às suas margens. Por ele vêm de Porto Alegre os objetos que o proprietário de Boavista necessita, e é por ele que pretende enviar para a capital os couros de seu curtume. Havia outrora uma ponte sobre o Capivari, junto à casa desse nome; mas atualmente está quase em ruínas.

Nos arredores da estância de Palmares, as pastagens são rentes ao chão, o que sempre acontece perto das habitações, porque é principalmente aí que o gado pasta. As construções dessa estância constam de algumas choupanas esparsas e da casa do proprietário, coberta de telhas, porém pequena e de um só andar. O interior, quase desguarnecido de móveis, não oferece comodidade. Dizia-nos, no entanto, o proprietário que possuía de 10 a 12 mil reses, equivalente a um capital de cerca de 250 mil francos, além de ser ao mesmo tempo senhor de muitos escravos e ter grande número de cavalos. Parece, em geral, que esta capitania é muito rica, mas não se encontra nem no mobiliário das casas nem no modo de viver dos habitantes coisa alguma que denuncie tal riqueza. A maior parte dos estancieiros afirma que um proprietário pode vender todos os anos a quinta parte do seu gado sem diminuir o número do rebanho. Outros estancieiros opinam que esse número poderá subir a um quarto e até mesmo a um terço. Penso que a diversidade de lugares deve influir muito na reprodução e, por conseguinte, na quantidade de reses que se podem vender anualmente. As vacas começam a dar cria aos três anos.

Como já disse, os habitantes do Rio de Janeiro, desgostosos de seus escravos, vende-os para esta capitania e, quando querem intimidar um negro, ameaçam-no de enviá-lo para o Rio Grande. Entretanto não há talvez, no Brasil, lugar algum onde os escravos sejam mais felizes do que nesta capitania. Os senhores trabalham tanto quanto os escravos; conservam-se próximos deles e tratam-nos com menos desprezo. O escravo come carne à vontade; não veste mal; não anda a pé; sua principal ocupação consiste em galopar pelos campos, o que constitui exercício mais saudável do que fatigante; enfim, ele faz sentir aos animais que o cercam uma superioridade consoladora de sua condição baixa, elevando-se aos seus próprios olhos.

ESTÂNCIA DO BARROS, 1º de agosto, cinco léguas. – Continua a mesma planície, sem a menor ondulação de terreno, com muito poucos capões. Numerosos butiazeiros, de cerca de 10 a 12 pés, aparecem disseminados pelas pastagens. Por toda a parte o terreno é arenoso. Vimos apenas uma casa entre Palmares e a estância em que paramos. Esta é menos rica em rebanhos que a de Palmares, e a casa ainda mais desguarnecida. Desde Palmares, viajamos sobre uma faixa de terra que se estende entre a lagoa e o mar. Aqui, informaram-me, esta península só tem três léguas de largura.

Os capitães-gerais representam o Rei em suas capitánias e se acham investidos dos mais amplos poderes. Sua autoridade é ao mesmo tempo militar, administrativa e judiciária, não havendo nenhum posto acima deles. Contudo esse cargo é temporário, pois quando deixam as capitánias, perdem-no, reassumindo o cargo que tinham antes. Disse-me o conde de Figueira haver proibido ao cura de Porto Alegre enterrar cadáveres na igreja.

Há em Porto Alegre três olarias de alguma importância. As louças são bem feitas e a maior parte coloridas de vermelho, como as de Santa Catarina, porém mais grosseiras. São preparadas com uma argila preta que se extrai dos terrenos pantanosos dos arredores da cidade, tornando-se amarelada, após o cozimento.

Ao deixar Porto Alegre, a violeta e várias espécies de narcisos floriam nos jardins; observei também outras flores, mas em pequena quantidade, podendo-se afirmar que nasceram fora da estação. Contudo, há aqui muito menos regularidade do que em França na sucessão da florescência das plantas ornamentais, fato proveniente da irregularidade térmica das estações. Enquanto permaneci em Porto Alegre, sofri calores muito fortes, seguidos logo depois de excessivo frio. Os frutos amadurecem em dezembro, janeiro e fevereiro; sucedem-se mais ou menos na mesma ordem observada na Europa, no entanto seu amadurecimento se opera primeiro, permitindo comer-se ao mesmo tempo frutos que, na França, nunca aparecem no mesmo mês.

ESTÂNCIA DE S. SIMÃO, 2 de agosto, 10 léguas. – Continua a mesma planície, quase nenhuma árvore nos campos. A cinco léguas da estância dos Barros encontramos uma choupana. O terreno, em geral, é bastante arenoso, acentuando-se mais ainda perto dessa casa. Os campos estão

ainda mais ressequidos que nos dias precedentes. Durante oito meses não choveu, e o gado tem sofrido bastante. Desde Boavista não deparamos com um só viajante; aqueles que viajam de Porto Alegre a Rio Grande preferem ir pela lagoa, o que faz com que este caminho seja pouco frequentado.

A uma légua daqui, deixamos à direita a estância dos Povos, que mede doze léguas. Pertencia ao Rei, mas este presenteou-a ao chefe de polícia, Paulo Fernandes. Por certo, o Rei não conhecia o valor daquilo que doava, nem provavelmente Paulo Fernandes o do presente recebido. Chegamos à noitinha ao lugar onde paramos. Embora o conde não tenha prevenido a ninguém de sua chegada, para não incomodar os agricultores, estes adivinharam os lugares em que o general devia parar e encontrávamos casas preparadas para recebê-lo.

Nesta capitania cultiva-se muito a mandioca; essa planta produz ao cabo de dois anos; perde as folhas no inverno, e na entrada dessa estação tem-se o cuidado de cortar-lhe os ramos. Não a cultivam na península existente entre a lagoa dos Patos e o mar. Aqui o mamoeiro perde as folhas. No quintal de todas as estâncias por onde passamos, notei muitos pés de sabugueiros; no momento se cobrem de folhas novas. Fazem-se cercados com eles, devido à rapidez com que se desenvolvem.

BUJURU, 3 e 4 de agosto, 20 léguas. – José Marcelino, governador desta capitania, tinha mandado vir índios do aldeamento dos povos das Missões, para localizá-los perto de Porto Alegre, na Aldeia dos Anjos, onde tencionava criar um colégio para jovens de ambos os sexos. A fim de mantê-lo, criou ele a estância dos Povos. Como disse, essa estância foi doada pelo Rei a Paulo Fernandes, chefe de polícia. Contam-se 12.000 reses e, no entanto, o título da doação reza que ela é apenas o começo das recompensas que o Soberano destina ao chefe de polícia. De S. Simão até aqui continuamos a percorrer uma região muito plana e arenosa, coberta de pastagens muito magras.

A cinco léguas de S. Simão encontra-se a aldeia de Mostardas, sede de uma paróquia, existente sobre o istmo, em uma extensão de 25 léguas, compreendendo 1.500 habitantes de mais de dois anos. A aldeia está edificada no meio de areias e se compõe de cerca de quarenta casas que formam uma larga rua, muito curta, em cuja extremidade está a igreja, situada a igual distância das duas filas de casas. Há entre estas algumas

cobertas de telhas, mas na maioria não passam de choupanas pobres. Em frente a Mostardas, do lado oeste, um lago do mesmo nome da aldeia. É muito piscoso, mas como aí só vivem peixes de água doce, com muitas espinhas, tal como a traíra, são desprezados pelos habitantes da região, acostumados a comer carne.

O proprietário de Palmares acompanhou o general e só nos deixou anteontem, pela manhã. O comandante do distrito, em cuja casa pernoitamos ontem, acompanhou-nos também até a estância de S. Simão. O cura de Mostardas só tinha vindo ao nosso encontro a um quarto de léguas da povoação, tendo nos preparado um excelente jantar. Mostrou-nos a igreja, cujo altar-mor, recentemente construído, é muito bonito. A nave, muito mais antiga, está em ruínas, mas pensam em reconstruí-la.

Não se planta mandioca na paróquia de Mostardas, mas, em compensação, cultivam-se o trigo e o centeio. O gado é aqui geralmente pequeno, mas possui carne saborosa. A principal riqueza do lugar é a criação de carneiros. Cada estancieiro possui um rebanho constituído, muitas vezes, de vários milhares de carneiros, e com a lã produzida as mulheres fabricam no tear ponchos muito grosseiros que se vendem a seis patacas, enviando-os a Porto Alegre, Rio Grande e outros lugares da capitania. Esses ponchos são brancos com listras pardas ou pretas, e usados exclusivamente pelos negros e índios.

Dizem na região que as ovelhas dão cria duas vezes ao ano, em maio ou junho, e em seguida em dezembro ou janeiro; mas é de se crer, como muito bem me explicou o comandante do distrito, que as que dão cria em junho não são as mesmas que o fazem em janeiro. Como os rebanhos vivem entregues à própria sorte, não se pode ter a esse respeito uma opinião segura. A lã dos carneiros e das ovelhas paridas corta-se em outubro, mas tosa-se em março a dos animais nascidos em junho. Castram-se os carneiros aos seis meses de idade pela supressão completa dos testículos, ou a um ou mais anos pela torção dos vasos espermáticos. Como já referi, não há o menor cuidado com os rebanhos; não são vigiados, e a única precaução tomada é a de mantê-los em pastagens abrigadas nas proximidades da casa. Perde-se, por isso, grande número de cordeirinhos; mal as ovelhas dão cria, os urubus e carcarás se atiram sobre os indefesos animais, comendo-lhes os olhos, caso não sejam defendidos corajosamente pelas

mães. Morrem muitos também por não poderem acompanhar o resto do rebanho em que se acham confundidos.

Após deixarmos Mostardas, deparou-se-nos, logo à esquerda, um lago chamado lagoa do Peixe, mas que não se nota quando se percorre a estrada. Caminhamos assim entre duas lagoas: a de Mostardas e a do Peixe. Paramos na casa do comandante do distrito, chamada Guaritas, mas não pude continuar escrevendo este diário, ontem à tarde, porque as mulas de carga se desgarraram, só chegando ao meio da noite. A lagoa do Peixe se estende por detrás da casa em que nos hospedamos; têm pouca profundidade suas águas salobras. Como fica muito próxima do mar, os moradores da região habituaram-se a abrir, de quando em quando, um sangradouro que comunica com o oceano; a lagoa enche-se de peixes que se apanham sem dificuldade. Nos arredores de Guaritas, as terras são impregnadas de sal, e as pastagens transmitem um excelente sabor à carne das reses.

O tempo está horrível, hoje, mas nada sofri, porque viajo no carro do conde.

Paramos em casa de um capitão, cuja moradia, embora pequena, era cômoda. Havia em todas elas poucos móveis, mas em compensação os leitos eram confortáveis. Os lençóis muito finos, guarnecidos de musselina bordada; os cobertores, as cobertas dos pés são de chita, sendo as do conde, de damasco. Em toda a parte servem-nos refeição logo à chegada; cardápios compostos unicamente de carne, aves domésticas e carne de vaca sob vários modos, assada, cozida ou guisada. Em lugar algum comemos legumes, a não ser em Barros, onde nos ofereceram um delicioso prato de nabos. A carne é suculenta e de bom paladar, mas, sendo comida logo após o abate do animal, apresenta-se muito dura. Sempre nos servem pão e vinho excelentes.

FREGUESIA DO ESTREITO, 5 de agosto, seis léguas. — O terreno é sempre uniforme e arenoso. As pastagens rasas e disseminadas, como as dos arredores de Porto Alegre, de duas *oxalis*, nºs 1.811 e 1.814 bis e composta nº 1.846. Do lado leste, paralelamente ao caminho, estende-se uma orla de mata definhada. Vê-se aqui maior número de casas que no resto da estrada.

Todos os agricultores queixam-se da seca que vem assolando, há oito meses; os animais só encontram no campo erva ressequida; estão

muito magros, encontrando-se diariamente grande número deles mortos pelos campos.

A algumas léguas daqui, o istmo estreita-se consideravelmente, não tendo mais de meia légua de largura; e da estrada se avista a lagoa dos Patos. Paramos em uma aldeola chamada Freguesia do Estreito, nome que se deve à sua situação no lugar mais estreito do istmo e por ser a sede de uma paróquia. O cura veio ao encontro do general e, quando nos aproximamos, soltaram foguetes. As primeiras casas que vimos acham-se situadas à beira da estrada e quase enterradas na areia. Assim que o general apeou do cavalo, o cura o conduziu à igreja, ainda por acabar e que nada apresentava de notável. Em seguida fomos à sua casa e, enquanto esperávamos o jantar, levou-nos a passear no jardim, onde havia um bellissimo parreiral e diferentes espécies de legumes, chicória, cebola, mostarda, nabos, aipo, couve, brócolos e até couve-flor, que produzem bem na região. Os narcisos, as violetas e os pessegueiros florescem agora. O jantar foi excelente e compunha-se de carnes, peixes e legumes. À noite houve fogos de artifício.

A aldeia do Estreito era outrora mais para leste mas, como as casas foram enterradas pelos turbilhões de areia que o vento atira sem cessar das margens do mar, foram transferidas para o lugar onde se encontram atualmente e onde, sem dúvida, terão em breve a mesma sorte. Em número de quarenta, afastadas umas das outras, pequenas e, geralmente, em mau estado, bastante altas, estas casas são cobertas de palha e acham-se enfileiradas em torno de uma larga praça revestida de grama. Quase todas apenas são habitadas aos domingos e dias festivos. A paróquia do Estreito estende-se desde a de Mostardas até à extremidade do istmo e mede dezoito léguas de comprimento e uma largura pouco considerável, que é a do próprio istmo. Dois terços da população compõem-se de escravos, o que não deve causar admiração, pois o norte, pertencente à paróquia, é o porto do Rio Grande do Sul.

RIO GRANDE DO SUL, 6 de agosto, seis léguas. – Em seguida à paróquia do Estreito, o istmo se alarga; o terreno é sempre arenoso e a pastagem rasa. Veem-se aí muitas reses, porém excessivamente magras. As choupanas continuam a ser frequentes. A uma meia légua do norte, o tenente-general Marques, comandante da parte mais oriental da fronteira, veio ao encontro do general, acompanhado das pessoas gradas do vilarejo.

Como aí só estivemos de passagem, não poderei fazer a respeito uma descrição minuciosa. Ela pertence, como disse, à paróquia do Estreito, e sua igreja não é mais do que uma dependência da paróquia da sede.

Atravessamos duas ruas largas, bem traçadas, cujas casas, contíguas, bonitas, se acham em bom estado; algumas de um andar, e outras de pavimento térreo. Andando pelas ruas, atolam-se os pés até os tornozelos numa areia muito fina, trazida pelos ventos. À entrada do conde na aldeia, soltaram foguetes, repicaram os sinos, quando se dirigia para a igreja, onde foi recebido pelo cura que nos acompanhara desde o Estreito até lá. Como era intenção do conde chegar nessa mesma tarde ao Rio Grande do Sul, não aceitamos o jantar que nos haviam preparado. Entramos numa barca conduzida por vários remadores vestidos de branco que, a intervalos, bradavam vivas ao conde de Figueira, sendo este grito repetido pela tripulação das embarcações que se achavam no porto. Era noite quando chegamos ao Rio Grande. O conde foi recebido no cais da cidade pelos membros da Câmara, todos de traje completo, de bengala à mão. Tanto quanto pude verificar à noite, o cais tinha sido muito bem ornamentado. No meio da ponte de desembarque, construíram um pequeno arco de triunfo e à extremidade da mesma ponte ergueram dois imensos pedestais, encimados cada um por uma estátua. Esses diferentes trabalhos eram feitos de madeira e pano pintado, tendo sido executados por um francês. Sob um pálio foi o conde conduzido à igreja, que logo se apinhou de gente; fizeram-no sentar-se numa poltrona na capela-mor. Esta se achava enfeitada com faixas de damasco vermelho, como nos maiores dias de festa; e os degraus do altar-mor completamente cheios de velas acesas; cantaram o *Tè Deum*, acompanhados por música e, quando este começou, forneceram aos principais assistentes, sobretudo aos oficiais, círios acesos. Após o *Tè Deum*, um pregador subiu ao púlpito e fez o panegírico do conde. Falou longamente de seus nobres antepassados; repetiu uma centena de vezes que o vencedor de Taquarembó possuía todas as virtudes; disse que o conde era um original sem cópia; que o povo estava contente, satisfeito e mil outras lisonjas igualmente vulgares e mal expressadas. Durante todo esse tempo ficara exposto o Santíssimo Sacramento, mas a assistência nem por isso guardava respeito, portando-se quase como se estivesse num mercado.



Após a prática, o padre deu a bênção, e o conde dirigiu-se à casa do tenente-general Marques, para onde o seguimos. Fomos recebidos num lindo salão e, em seguida, levados para uma sala de refeições onde nos serviram um esplêndido jantar. A mesa estava coberta de uma quantidade de travessas, guisados e ensopados de toda qualidade. Um segundo serviço, composto de assados, saladas e massas, sucedeu ao primeiro; retiraram a carne e acrescentaram novas massas às primeiras. Depois, levantamo-nos da mesa e fizemos passar a uma outra sala, onde encontramos uma sobremesa magnífica, composta de uma variedade de bombons e doces. De fruta só havia laranjas de uma qualidade deliciosa, chamada laranja-de-umbigo ou laranja-da-bahia. Após a sobremesa nos serviram café, seguido de licores. Durante o jantar, foram trocados vários brindes, repetidos agora com os licores. A reunião prolongou-se até alta madrugada e a maioria dos convivas estava de pileque quando se retirou. Não pude deixar de admirar a mulher do tenente-general que, com setenta e quatro anos, respondeu a todos os brindes, comeu e bebeu mais que todos e conservou perfeita lucidez, mostrando uma vivacidade rara, mesmo entre pessoas jovens. Os portugueses e os brasileiros costumam beber o vinho puro, e nos grandes banquetes, o nocivo hábito de erguer brindes excita-os a tomarem em excesso.

RIO GRANDE DO SUL, 7 de agosto. – Hoje todos estavam tristes e fatigados. Visitei a senhora do tenente-general, talvez a única de todos os convivas do jantar de ontem à noite que não demonstra cansaço. Além dessa visita, fiz uma ao cura do Rio Grande, que conhece francês e não é absolutamente estranho à história natural. Tem ele em sua companhia uma sobrinha, também apreciadora dessa ciência, e que aprendeu a falar sem mestre a nossa língua.

Como me é absolutamente impossível alugar o meu pessoal e minha bagagem na casa que ocupamos, já atravancada, pedi ao cura que me consiga uma pequena habitação, onde me possa instalar quando Larrotte chegar. Solicitei-lhe, também, que me descobrisse um moço capaz de aprender a empalhar os pássaros, porque José Mariano me avisou de que pretendia deixar-me, embarcando para o Rio de Janeiro. Disse-me que tal atitude se prendeu ao fato de o deixar morrer de fome, de Porto Alegre até aqui; alega que os criados do conde nunca o chamavam para comer e que era preciso, para conseguir sua ração, atirar-se à carne destinada aos

soldados, como urubu sobre carniça. É absolutamente possível que tudo isso seja verdade, mas creio que o mau humor de José Mariano provém, grande parte, de não ter podido dominar seus companheiros de viagem, como estava habituado na minha pequena caravana.

RIO GRANDE DO SUL, 8 de agosto. – Esta manhã José Mariano entrou no meu quarto e pediu-me a minha roupa para limpá-la. Tal delicadeza, a que não estou acostumado, fez-me desconfiar que ele não deseja deixar-me.

Afirmei-lhe já ter informações de um pretendente a seu lugar e que para isso era necessário que me dissesse francamente quais eram as suas intenções. Respondeu-me, então, que continuaria a meu serviço, com a condição de que o desculpasse junto ao seu coronel. Para se dar importância, ele se diz soldado do regimento de cavalaria da Capitania de Minas. Finjo me haver esquecido de que o encontrei descalço pelas estradas e prometi que o atenderia.

Desde que deixamos Porto Alegre, o tempo continua nebuloso, como em França no mês de dezembro; e hoje venta muito forte. Segundo me informaram o cura e outras pessoas, há ventania durante todo o ano; os de oeste e sudoeste, os mais frequentes no inverno, levantam redemoinhos de uma areia fina que penetra nos móveis mais bem fechados, enche ruas e já encobriu grande número de casas. No verão, predomina o nordeste, que varre pequena parte das areias amontoadas pelos ventos do inverno. Todos os legumes e árvores frutíferas da Europa dão muito bem a algumas léguas do Rio Grande, mas os ventos derrubam muitas vezes as flores das árvores, desprendendo as frutas novas.

RIO GRANDE DO SUL, 9 de agosto. – A cidade do Rio Grande está situada, aproximadamente, a uma légua da barra da lagoa dos Patos, à entrada de uma espécie de enseada ou canal, prolongado na direção leste-oeste e fica compreendido entre a terra firme e a ilha dos Marinheiros (ver diário de 16 de agosto). Do lado oeste, existe apenas entre a ilha e o continente uma passagem estreita, só navegável por pirogas. Passei hoje na parte leste da cidade, entre esta povoação, a lagoa, o Rio Grande<sup>2</sup> e a lagoa da

---

2 Os quatro rios formam diante de Porto Alegre o que se chama impropriamente um lago; mas o desagudouro que o continua e se estende além de São Gonçalo até o mar toma o nome de rio Grande.

Mangueira. Os terrenos são muito baixos, pantanosos, um pouco banhados pelas águas salgadas, constituídos de areia e de uma terra muito preta, e cobertos principalmente de gramíneas e salicórnia nº 1.829. Esta planta é a mesma encontrada no Rio de Janeiro, perto do curtume do Siqueira e que produz uma excelente soda-cáustica, da qual o sr. S. Lambert fez a análise, após nossa chegada ao Rio de Janeiro. É ela aqui muito abundante e poderia dar margem a um novo ramo de comércio. É minha intenção comunicar essa descoberta ao barão de Santo Amaro, que pretende estabelecer em sua propriedade uma fábrica de sabão e que já me pediu informações sobre os lugares onde encontrei a salicórnia. Quanto às gramíneas que crescem com ela, não estão agora floridas, mas presumo pertencerem à espécie nº 1.667.

Seguindo as margens da lagoa, a leste, descortina-se a aldeia chamada Norte, terminal da península que percorri para chegar aqui e que fica mais a leste que o Rio Grande do Sul. Não há manancial nem fonte nos arredores do Rio Grande do Sul, mas a alguns palmos do solo acha-se água muito boa, da qual se utilizam os habitantes da região. Quando se abre um poço (cacimba), tem-se o cuidado de protegê-lo com barricas, a fim de impedir que a areia o encubra. Para tirar água, os negros usam um chifre de boi preso pelo meio a uma vara comprida. Informou-me o cura do Rio Grande que o valor das mercadorias exportadas da província o ano passado se eleva a quatro milhões de cruzados; consistem principalmente em charque, couros e trigo; exportam-se também crinas e chifres de bois.

RIO GRANDE DO SUL, 10 de agosto. — Tencionava dar um passeio a pé até o mar, porém, tendo saído muito tarde, não pude fazê-lo. Cheguei até a Mangueira, espécie de enseada que se encontra a meio quarto de légua a sudoeste da cidade e que se prolonga mais ou menos de leste para oeste, com uma extensão de duas léguas. Recentemente construíram, através do banhado, uma larga estrada que vai da cidade à Mangueira. É ladeada de valas para escoamento das águas. Este caminho seria bastante agradável se tivessem o cuidado de arborizá-lo, o que é necessário, porquanto não há, nos arredores, nenhum local de sombra. A leste e sudeste estendem-se, como já disse, banhados lamacentos.

A oeste e a sudoeste, um areal de finura extrema que fatiga a vista pela sua cor esbranquiçada; forma montículos que avançam até as casas situadas atrás da cidade, elevando-se tanto que ameaçam aterrá-las a

cada instante. Vi negros ocupados em desentulhar os arredores das casas de seus donos, que me informaram serem obrigados a repetir, sem descanso, esse trabalho. Os montículos de areia se estendem, em geral, na direção sul a norte, resultando dos ventos que os formam; mas esses mesmos ventos os fazem voar em redemoinhos, aumentar, diminuir, mudar de lugar, vegetando no meio deles só plantas pertencentes a diversas variedades do senécio alvaco e rasteiro nº 1.853 bis.

RIO GRANDE DO SUL, 11 de agosto. – Em 1818, a quantidade de charque que saiu da barra do Rio Grande para os países estrangeiros, como Cuba, Estados Unidos, elevou-se a duzentas mil arrobas. Taxaram em seis tostões (600 réis) o imposto por arroba, o que até então tinha sido de dois tostões (200 réis) apenas. Em 1819, a exportação não foi além de quarenta mil arrobas, e espera-se que seja ainda menor este ano. As embarcações de quatorze palmos de calado não podem transpor a barra<sup>3</sup>.

Em frente ao Rio Grande, não há profundidade bastante para outras embarcações além de pequenos iates; os maiores ancoram diante da Aldeia do Norte, que pode ser considerada como porto de São Pedro. Seria, pois, muito provável que esta cidade, não possuindo verdadeiramente um porto, situada em terreno estéril, no meio de pântanos e areais, ameaçada constantemente de ser aterrada pelas areias, seria provável, repito, que esta cidade fosse em breve abandonada, se não tivessem colocado a alfândega e não fossem obrigados a transportar para aí todas as mercadorias que chegam ao Norte.

Descrevi a lagoa dos Patos como principiando em Porto Alegre, mas isso talvez não seja rigorosamente exato. As águas que correm diante dessa cidade pertencem em grande parte ao Jacuí, que é infinitamente mais importante que os rios Caí, Sinos e Gravataí<sup>4</sup>.

Na verdade, depois de haver corrido muito tempo, de oeste para leste, o primeiro desses rios toma a direção sul, no local onde se acha situada a capital da capitania, mas ao formar esse cotovelo, não se alarga repen-

---

3 Ver José Feliciano, que diz dezoito a vinte dois.

4 O Jacuí é muito mais importante que os rios Caí, Sinos e Gravataí, considerando cada um, em particular; mas creio que todos esses rios juntos levam à lagoa mais água que o Jacuí.

tinamente como seria lógico para que se lhe pudesse legitimamente dar o nome de lagoa; ao contrário, até a ponta de Itapuã, distante cerca de nove léguas de Porto Alegre, ele se alarga progressivamente como todos os rios<sup>5</sup>.

O modo pelo qual os moradores da região conhecem essas águas está de acordo com o exposto precedentemente. O rio de que nos ocupamos tem realmente o nome de Jacuí até o lugar chamado Freguesia Nova, a umas doze léguas de Porto Alegre. Na Freguesia Nova, toma o nome de Guaíba e o conserva até Itapuã<sup>6</sup>.

Além desse ponto, são sempre as mesmas águas que se estendem até Rio Grande e não recebem nenhum outro afluente digno de mencionar, a não ser o Camaquã, que vem talvez da Coxilha Central; por conseguinte, seria correto tirar-lhe o nome de rio, considerando-se que um verdadeiro lago é uma porção de água sem correnteza e sem comunicação com o mar?

No entanto, como além de Itapuã o Guaíba se alarga repentinamente e ocupa uma superfície de onze a doze léguas, isto é, o sêxtuplo do que as águas cobrem antes, deram-lhe o nome de lagoa dos Patos, entre Porto Alegre e Itapuã.

O Guaíba corre de norte para sul; a lagoa dos Patos toma a sua direção de nordeste e sudoeste e se estende por espaço de mais ou menos trinta léguas, até a ponta de Canguçu, sem experimentar estreitamento muito sensível. Em Canguçu ela se contrai, forma um ângulo, tomando a direção norte-sul até a barra. É nesse trecho, calculado em mais ou menos sete léguas, que recebe propriamente o nome de rio Grande.

---

5 Os rios Caí, Sinos e Gravataí não são afluentes do Guaíba; mas os quatro se reúnem em um reservatório comum, em que se distingue perfeitamente a foz do último entre eles; este não descreve nenhum cotovelo até a foz; mas desemboca exatamente no reservatório que se prolonga na direção da foz dos rios Caí, Sinos e Gravataí. Não é verdade que não haja nenhuma diferença notável entre a largura da foz do Jacuí e a do reservatório onde ele se lança; ela existe, e até muito sensível; é esta diferença que faz dar às águas que se estendem de Porto Alegre a Itapuã um nome particular, algumas vezes o de lagoa de Viamão ou de Porto Alegre, e mais frequentemente o de rio de Porto Alegre.

6 Algumas pessoas dão o nome de Guaíba ao Jacuí mesmo acima da Freguesia Nova; mas, se deve ele mudar de nome, é natural, segundo me parece, que mude no lugar em que aumenta sensivelmente de largura (ver sobre tudo isto o que escrevi no diário de 18 de junho de 1821).

De Porto Alegre até a cidade do Rio Grande, os navegantes são obrigados, para evitar os bancos de areia e os baixios, a seguir determinada rota chamada Canal de Navegação e mais comumente só Canal, que tiveram a precaução de assinalar com balizas até Itapuã. No rio Guaíba, esse canal descreve zigzagues e mede geralmente três braços de profundidade; além de Itapuã, alarga-se diretamente de norte a sul, atravessa a lagoa, aproxima-se da ponta de Cristóvão Pereira, situada à margem direita da lagoa. Entre Itapuã e Cristóvão Pereira, há uma extensão de umas nove léguas, com quatro braços de profundidade. De Cristóvão Pereira à Freguesia do Estreito, continua ele a se afastar pouco a pouco da margem direita da lagoa, sempre com quatro braços de fundo; em seguida toma a direção noroeste até a ponta do Canguçu, que fica na margem até a barra de São Gonçalo e daí se dirige para sudeste, alcançando o porto da Aldeia do Norte e a barra. Tudo o que escrevi neste artigo é resultado de informações verbais obtidas e do exame de um mapa que o conde de Figueira me emprestou. Já disse que, até agora, os dízimos da capitania eram postos em hasta pública no Rio de Janeiro. O conde, que tenciona esclarecer o Rei sobre o prejuízo que há com semelhante modo de cobrança, colheu informações sobre o preço pelo qual o arrecadador-geral cedeu aos subarrecadadores as diferentes parcelas do dízimo. Apurou que, em seis anos de arrendamento, o arrecadador-geral cobra dos subarrecadadores de novecentos e setenta e um conto até setecentos mil-réis, ao passo que paga ao Rei somente duzentos e cinquenta conto. Segundo me informaram o conde e o cura, a alfândega rendeu seis contos de réis durante o último mês. Disse eu, no diário do dia 10, que seria desejável que se plantassem árvores às margens da estrada de Mangueira, mas, como o terreno é montanhoso e impregnado de sal, seria difícil encontrarem-se espécies capazes de medrar aí; entretanto, parece-me que se poderia tentar com sucesso a aricínia, que cresce naturalmente em terrenos semelhantes.

RIO GRANDE DO SUL, 12 de agosto. – De acordo com o que relatei em data de 10, com referência ao Guaíba e ao Jacuí, cumpre-me retificar alguns pontos em minha descrição de Porto Alegre. Por exemplo: dizer que o Guaíba, depois de correr muito tempo, de leste para oeste, forma um ângulo, muda de direção e toma o curso de norte a sul; acrescentar que, à sua margem esquerda e imediatamente acima desse cotovelo, recebe

ele, quase no mesmo ponto, as águas de três pequenos rios navegáveis, que, nascendo na serra Geral, têm cursos de pequena extensão; que dois dentre eles, o mais ocidental chamado Caí, e o rio dos Sinos, engrossado pelas águas do rio de Santa Maria, procedem do norte; e que o terceiro, Gravataí, vem do nordeste; que esses pequenos rios, dispostos à maneira de um leque, formam, em suas embocaduras, um labirinto de ilhas baixas e cobertas de bosques, por entre as quais serpenteiam canais variados pela forma e extensão em que se cruzam, confundem e dividem alternativamente; que adiante dessas ilhas e imediatamente abaixo do cotovelo formado pelo Guaíba, a península dá para a foz dos três rios: Caí, Sinos e Gravataí.

À sua margem esquerda, uma península formada por uma colina que avança pelo rio adentro, de nordeste a sudoeste, em frente da cidade de Porto Alegre e se eleva em anfiteatro do lado da península que dá para o noroeste.

Será preciso mudar também alguma coisa na descrição do panorama obtido da praça e da Rua da Igreja; dizer que do lado oriental se avista o ângulo formado pelo rio, quando ele se dirige para o sul; e acrescentar que as águas que desenham essa curva, não havendo nenhuma ilha numa largura bastante grande, apresentam-se como um belo rio independente das águas adjacentes.

Aliás, empregando o termo rio Guaíba, em lugar da palavra lago, quando necessário, poderei conservar o resto de minhas descrições. Hoje, soprou um vento violentíssimo, nuvens de areia extremamente fina enchiam o ar; saí por alguns instantes, sendo muito importunado pela areia que me entrava nos olhos e me cobria as vestes. Todas as lojas e vendas estavam fechadas

RIO GRANDE, 13 de agosto. – O sargento-mor Mateus da Cunha Teles, em cuja casa nos alojamos, havia convidado o conde para um baile, tendo mandado para isso preparar uma grande casa vizinha, ainda não habitada. Para lá nos dirigimos às dezenove horas, onde encontramos cerca de sessenta senhoras, reunidas em um salão forrado a papel francês. Todas muito bem trajadas; usavam vestidos de seda branca, sapatos e meias de seda; jovens e velhas, traziam a cabeça descoberta, os cabelos armados por uma travessa e enfeitados com flores artificiais. Estavam sentadas ao redor do salão, em cadeiras colocadas umas diante

das outras. Os homens, em muito menor número, conservavam-se de pé. Todos os oficiais rigorosamente fardados, de calças e botas; os civis trajavam fraque, camisa com jabô de renda, colete branco, geralmente de seda, meias de sede brancas, sapatos com fivela, finalmente calça branca de seda ou de casimira.

Os oficiais traziam à cintura esses espadins, de um pé a um pé e meio de comprimento, usados pelos portugueses e pelos oficiais da marinha inglesa, tendo à mão um chapéu de três bicos. Vários padres, entre eles o cura da paróquia, assistiram ao baile, e um deles fazia parte da orquestra; todos estavam de batina. O baile começou poucos instantes após a chegada do conde, mas nunca vi coisa tão monótona. Era preciso, por assim dizer, obrigar os homens a tirar as senhoras para dançar e, à exceção do conde, nenhum cavalheiro lhes dirigia a palavra. Dançaram-se “inglesas” e valsas. Entre os portugueses, esta última dança não é executada com tanta rapidez como na Alemanha e na França; aqueles fazem, na valsa, um grande número de posições, algumas vezes muito voluptuosas. Uma jovem dançou um solo, mas, embora reconhecendo sua graciosidade, não pude deixar de lamentar que uma mãe honesta expusesse sua filha aos olhares de todos. Não tendo com quem conversar e achando-me francamente aborrecido, resolvi retirar-me logo que começou a ceia.

Dizia-se, por toda a parte, que o general Lecor e o marechal Curado haviam ficado tanto tempo sem agir contra Artigas, porque receberam ordens da Corte e atribuíam-se a razões políticas essa inação contra a qual murmuravam os soldados. O que há de certo é que, se essa inação resultasse de ordens superiores, ela não o poderia ser sempre, porquanto o conde me deu ciência de despachos de Tomás Antônio, escritos antes da batalha de Taquembó, e onde o ministro diz expressamente que deu ordem ao general Lecor para pôr em ação as tropas do general Curado. Provavelmente, a avançada idade deste constitui a única e verdadeira causa de sua inação.

RIO GRANDE, 14 de agosto. – O proprietário de uma estância situada em Camaquã, perto da margem oriental da lagoa dos Patos, me disse que os algodoeiros medram perfeitamente em suas terras; mas o algodão que produzem é de qualidade inferior.



Os arredores de Rio Pardo e, principalmente, a paróquia de Taquari são, ao que parece, a parte desta capitania que produz mais trigo.

RIO GRANDE, 15 de agosto. — Esta capitania é, certamente, uma das mais ricas de todo o Brasil e das mais favorecidas pela natureza. Situada à beira-mar, é atravessada por lagos e rios que facilitam os meios de transporte. A terra produz, com abundância, trigo, centeio, milho e feijão; e várias experiências têm demonstrado que todas as árvores, legumes e cereais da Europa aí produzirão igualmente bem, se forem cultivados.

Vastas pastagens alimentam inúmeros rebanhos e os fazendeiros não são obrigados, como os proprietários de minas e engenhos de açúcar, a lançar mão de escravos. Encontram-se, frequentemente, estâncias que produzem de dez a quarenta mil cruzados de renda, e, como os proprietários não têm quase nenhuma despesa, sua fortuna tende a aumentar rápida e consideravelmente.

RIO GRANDE, 16 de agosto. — Já falei da posição do Rio Grande e o que relatei exige alguns comentários. Esta cidade é construída à extremidade de uma faixa de terra muito estreita, de cerca de duas léguas de comprimento leste a oeste, compreendida entre Mangueira e Rio Grande; percorri cerca de uma légua dessa península.

Como disse, encontrei em sua extremidade oriental terrenos pantanosos que se prolongam em estreita orla às margens de Mangueira; além disso, vi, apenas, cômoros de areia esbranquiçada e extremamente fina, onde crescem, aqui e ali, alguns pés de senécio (1.833 bis). Em todo trecho da península por onde andei não vi uma árvore sequer e é bem possível que haja no Rio Grande mulheres que nunca tenham visto outras, a não ser algumas laranjeiras, pessegueiros e figueiras selvagens plantadas em seus pomares.

Conforme relatei, a cidade do Rio Grande está situada à margem de uma lagoa sobre a faixa de terra a que me acabo de referir, à entrada de uma espécie de enseada ou canal compreendido entre essa península e uma ilha, chamada ilha dos Marinheiros. Entretanto, não é esta que se vê em frente da cidade, mas, sim, uma outra muito menor, denominada ilha dos Cavalos, muito rasa e alagadiça. Aqui não existem outras plantas a não ser uma mirsinácea de quatro a cinco pés de altura. Apenas se encontram, aí, algumas gramíneas e o funcho-marinho, nº 1.829, e além dessas espé-

cies, apenas me recorde de ter visto o cravo-de-paris, da espécie recolhida em Cabo Frio, uma umbelífera, a tetragônia nº 1.853 e o *Polygonum* nº 1.855, cuja haste é lenhosa, aliás, e notável por sua semelhança com o *Polygonum aviculare*.

Não estive na ilha dos Marinheiros, mas todos concordam que tem ela duas léguas e meia de comprimento. É em grande parte coberta de mato, e é lá que se vai buscar a lenha necessária para os hospitais e quartéis. Encontra-se aí uma excelente fonte de água potável, cuja qualidade pude bem apreciar, à mesa do major Mateus.

O conde estava, hoje, convidado para um baile em casa de um dos mais ricos negociantes da cidade. Encontramos grande número de senhoras bem trajadas, reunidas num belo salão; na maior parte, as mesmas que haviam comparecido ao baile anterior; possuem olhos e cabelos negros, bela tez e boa cor mas, em geral, sem graça, sem atrativos, dados pela educação social que as mulheres desta região não recebem.

Em todas as partes do Brasil que tenho percorrido até aqui, não há escolas nem pensionatos para as moças, criadas no meio dos escravos; desde a mais tenra idade, têm elas diante de si o exemplo de todos os vícios, adquirindo, via de regra, o hábito do orgulho e da baixeza. Uma infinidade delas não sabe ler nem escrever: aprendem algumas costuras, a recitar orações que elas próprias não entendem, e é tudo; por isso as brasileiras, em geral, ignoram os encantos da sociedade e prazeres da boa conversação. Entretanto, nesta região, em que as mulheres se ocultam menos do que as das capitânicas do interior, têm elas, é preciso convir, melhores noções de vida; são bem desembaraçadas, conversam um pouco mais, porém, ainda estão a uma infinita distância das mulheres europeias.

Entre os homens do Rio Grande, todos negociantes, talvez a mesma indiferença e os mesmos modos desdenhosos dos habitantes do Rio de Janeiro. São, em parte, europeus, nascidos em um meio inferior e que não receberam educação alguma. Começam como caixeiros de lojas e terminam fazendo negócios por conta própria. Como os lucros do comércio são consideráveis neste país, não tardam a fazer fortuna que jamais conseguiriam em sua pátria; seu orgulho cresce à medida que vão enriquecendo e chegam, então, ao cúmulo de comprar à Secretaria do Estado a comenda da Ordem de Cristo, hoje, considerada como símbolo da riqueza e fruto da

corrupção. Fora do Rio de Janeiro, não vi, em parte alguma, um número tão grande de homens condecorados; isso nada mais é do que uma das provas da riqueza do lugar.

RIO GRANDE, 17 de agosto. – Como o ar desta região é continuamente renovado pelos ventos, certas moléstias, tais como as febres intermitentes, são aqui completamente desconhecidas. As mais comuns são as disenterias, doenças do pulmão, doenças de garganta e os reumatismos causados por contínuas mudanças de temperatura.

Os brasileiros são, em geral, prestativos, mas o hábito de castigar os escravos lhes entorpece a sensibilidade. Nesta capitania acresce, ainda, outra modalidade cruel: a facilidade com que os habitantes podem renovar seus cavalos os impede de se afeiçoarem a estes, podendo impunemente tratá-los sem piedade alguma; vivem, por assim dizer, em matadouros; o sangue dos animais corre incessantemente em torno deles e, desde a infância, se acostumam ao espetáculo da morte e dos sofrimentos. Não é, pois, de estranhar se eles forem, ainda, mais insensíveis que o resto de seus compatriotas. Fala-se aqui das desgraças alheias com o mais inalterável sangue-frio. Contam que um navio naufragou e a tripulação pareceu afogada, como se relatassem fatos os mais desinteressantes.

RIO GRANDE, 18 de agosto. – Fui hoje passear na aldeia Norte, situada, como disse, na extremidade da península que separa a lagoa dos Patos do mar. Embarcações, chamadas catraias, movidas tanto a remo como a vela, servem para o transporte de pessoas entre o Rio Grande e o Norte.

Os habitantes da região distinguem esses dois lugares simplesmente pelos nomes de Sul e Norte; mas a aldeia do Norte se chama, propriamente, São José do Norte e faz parte da paróquia que tem nome de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Estreito do Norte de Rio Grande de São Pedro. Essa paróquia, que abrange, na península, uma extensão em torno de dezoito léguas, conta 2.000 almas, das quais dois terços são homens de cor, negros e mulatos, livres ou escravos, e um terço de brancos. A metade da população está dispersa nos campos, o resto habita a aldeia do Norte, que possui cento e vinte e sete casas.

Essa aldeia é muito baixa e arenosa, como a cidade de São Pedro, e até nas ruas se veem pequenos montes de areia. Três as ruas principais e

muito largas. As casas são contíguas, como em nossas cidades; caiadas e, em geral, bem conservadas; muitas têm um andar além do térreo e indicam bom nível de vida. Entrei em algumas das principais e as encontrei bem mobiliadas. A igreja é muito pequena e nada apresenta de notável. Nada mais é do que uma sucursal da aldeia do Estreito; sob todos os pontos de vista, a aldeia do Norte foi extremamente pouco favorecida pelo Governo.

Em São Pedro do Sul apenas podem ancorar iates, porém todas as embarcações que passam a barra podem aportar na aldeia do Norte; mas é em São Pedro que está a alfândega e, por conseguinte, se faz necessário conduzir para lá, em iates, todas as mercadorias que chegam à aldeia do Norte, mesmo aquelas destinadas ao comércio desta aldeia. Pode-se facilmente concluir o quanto esses transportes facilitam o contrabando, tendo, além disso, o inconveniente de majorar os riscos e as despesas. Entretanto, como o centro do comércio do sul da capitania se acha, de há muito, localizado em São Pedro, pois os negociantes mais ricos da região têm aí suas residências e seus armazéns, fazendo dessa cidade a sede da administração, é claro que não seria conveniente privá-la repentinamente dos privilégios usufruídos, atualmente, embora sejam estes contrários à ordem natural das coisas. Mas, caso se estabeleça um posto alfandegário no Norte, sem se suprimir o do Sul, o Norte entraria de novo, sem prejuízos, na posse dos direitos que sua posição parece lhe assegurar; sua população e seu comércio aumentarão pouco a pouco; os inconvenientes atuais cessarão, pelo menos em parte, e nenhum interesse será sensivelmente lesado.

.....

## *Capítulo IV*

A BARRA DO RIO GRANDE – PROFUNDIDADE VARIÁVEL – PADRE FRANCISCO INÁCIO DA SILVEIRA, CURA DO RIO GRANDE – SISTEMA DE CONTEMPORIZAÇÃO DO GENERAL LECOR EM MONTEVIDÉU – INFLUÊNCIA DO CLIMA – DESCRIÇÃO DO RIO GRANDE – PROVÁVEL DECADÊNCIA DESTA CIDADE – SEU COMÉRCIO – NASCIMENTOS EM 1819 E 1820 – RIO PELOTAS – VISITA AO SR. CHAVES – NAVEGAÇÃO DO CANAL E DO RIO PELOTAS – DESCRIÇÃO DA MORADA E DO CURTUME DO SR. CHAVES – A PARÓQUIA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA – O SR. PAIVA, COLETOR-GERAL DOS DÍZIMOS – DOIS FRANCESES ESTABELECIDOS EM SÃO FRANCISCO DE PAULA – ESTADO DA EXPORTAÇÃO DO RIO GRANDE DE 1805 A 1819 – CULTURA DO CÂNHAMO – MAU TRATAMENTO DOS ESCRAVOS DAS CHARQUEADAS – O SR. CHAVES – SÃO FRANCISCO DE PAULA – IMPORTAÇÃO DO RIO GRANDE.

**R**IO GRANDE, 19 de agosto. – Hoje acompanhei o conde à barra. Embarcamos numa galera pertencente ao Rei, e cuja tripulação trajava roupas brancas. Do Rio Grande à barra contam-se, aproximadamente, duas léguas. O canal de navegação segue quase sempre a direção norte-sul e é indicado por balizas, que têm o inconveniente de serem muito frágeis e que podem facilmente ser arrastadas pela correnteza. Chegados à barra, desembarcamos na ponta sul, onde o terreno é completamente arenoso. Na mar-

gem, há uma casa bastante grande, coberta de colmo, na qual se estabeleceu uma guarda de ordenanças, encarregada de visitar as embarcações que saem, para impedir a fuga de algum desertor. Junto dessa casa estão peças de artilharia sem reparos, destinadas a defender a entrada da barra. Embarcamos na ponta sul, atravessamos a barra, que tem pouca largura, para chegar à ponta norte, onde estão colocadas, igualmente, algumas peças de artilharia.

De Laguna até o Rio Grande, a própria natureza se incumbiu da defesa da costa, e aqui, onde a barra apresenta difícil transcurso, poderia ela ainda ser defendida por fogo cruzado, partido das duas margens. Junto às baterias há uma casa coberta de telhas, destinada a alojar um destacamento de soldados. Além, avista-se uma torre quadrada que serve de sinalização aos navegadores e que se divisa à distância de seis léguas do mar; nos arredores, algumas choupanas construídas desordenadamente.

Nada se iguala à tristeza desses lugares. De um lado, o bramir do oceano; e do outro, o rio. O terreno, extremamente plano e quase ao nível do mar, é todo areal esbranquiçado, onde crescem plantas esparsas, principalmente o senécio. As choupanas, malconservadas, só anunciam miséria: destroços de embarcações semienterradas na areia recordam pungentes desgraças e nossa alma se enche, pouco a pouco, de melancolia e terror. O refluxo das águas do rio, produzido pelo mar, e a falta de profundidade são as causas das dificuldades que a barra apresenta à navegação e dos naufrágios frequentes que ali ocorrem. Para preveni-los, foram tomadas, entretanto, várias precauções. A torre, da qual já falei, indica aos navegantes a embocadura do rio. Um homem encarregado de sondar constantemente a barra, por meio de sinais, informa às embarcações se a quantidade de água, que varia sem cessar, lhes permite a entrada; estas também fazem sinais indicativos sobre o calado de suas embarcações; enfim, quando saem ou entram, o práctico da barra, num pequeno barco denominado catraia, vai mostrando, por meio de uma bandeira, que ele inclina de um lado ou de outro, o caminho a seguir. O práctico recebe dez mil-réis de cada embarcação que sai ou entra.

A barra do Rio Grande apresenta uma notável singularidade: é que não fica sempre no mesmo lugar. Nesses últimos vinte anos, passava-se por um canal mais ao norte que a barra atual, mas as areias o foram obstruindo, pouco a pouco, e no decorrer do último ano, dá passagem apenas a pirogas. A nova barra começara a ser aberta há cerca de cinco anos,

tornando-se navegável à época em que a outra ficou impraticável. Pode-se transpô-la com os ventos de leste a sul e de sul a oeste<sup>1</sup>.

RIO GRANDE, 27 de agosto. – Rio Grande se estendia outrora bastante para o lado oeste. As areias cobriram ruas inteiras. A população se estendeu, gradativamente, para leste, conquistando terreno ao lago, por meio de aterros de areia e entulhos. Casas que, há trinta anos, se achavam no centro da cidade estão hoje à sua extremidade ocidental. Não há dúvida de que, só depois da insurreição das colônias espanholas, foi que esta cidade começou a florescer e que se construiu a maioria das casas mais importantes que ainda hoje aí se encontra.

Como a barra é muito perigosa e a carne-seca dos arredores de qualidade inferior à de Buenos Aires e de Montevideú, era principalmente nesses portos que se ia buscá-la antigamente; mas, depois da guerra, Rio Grande tornou-se centro desse comércio e, por isso, um importante porto para o Brasil. Não há em toda a Capitania do Rio Grande do Sul nenhum convento. A dar crédito ao que se diz, os padres não são aqui mais edificantes que em outro lugar. Paga-se aos curas meia pataca pela comunhão pascal. Há alguns deles extremamente ricos. O do Rio Grande<sup>2</sup>, a quem fui recomendado, é um homem sexagenário, com alguma instrução e muito dedicado à História Natural. Recebeu-me muitíssimo bem e prestou-me alguns serviços de pouca monta, mas confesso que fiquei perturbado, vendo em sua casa tão grande número de moças. Uma era sua afilhada, outra sua sobrinha, a terceira uma filha adotiva. Entre elas, a sobrinha, de Maria Clemência, um verdadeiro fenômeno, pois conseguiu aprender francês sem nenhum mestre, falando regularmente este idioma; lê bastante; possui alguma instrução e conversa muito bem.

Como já tenho redito, os habitantes desta capitania passam a vida, por assim dizer, a cavalo e, frequentemente, transportam-se a grandes distâncias com tal rapidez, que parece superior às forças humanas.

---

1 Tudo o que disse aqui sobre a barra do Rio Grande deve ser alterado (ver o diário de 18 de junho de 1821).

2 Padre Francisco Inácio da Silveira. Este excelente pastor já morreu. Os habitantes do Rio Grande chorarão sempre.

Um moço, conhecido meu, acaba de percorrer em dois dias as sessenta léguas portuguesas, do Rio Grande a Santa Teresa. Entretanto, um exercício tão violento acarreta, quase sempre, graves inconvenientes à saúde; ocasiona, mais de uma vez, hemorragias, não sendo raro verem-se, nesta região, pessoas com aneurismas.

Os portugueses, após a guerra, tomaram dos espanhóis um número considerável de animais; são acusados por estes de terem iniciado esses roubos, antes mesmo de começadas as hostilidades. Por seu turno, os portugueses acusam os espanhóis de terem sido os primeiros a dar exemplo desses furtos.

Um honesto oficial que acompanha o conde e que parece digno de crédito contou-me que, no começo da guerra, comandava, na fronteira, como alferes, um destacamento de soldados, e que lhes tinha dado ordens expressas de não agirem contra os espanhóis, qualquer que fosse a situação; e que estes faziam continuamente incursões em terras portuguesas; que o seu comandante recebia os escravos fugitivos e os fazia passar para o interior, entregando-os a Artigas; que um dia, perdendo a paciência, resolvera agir pela força, sendo por isso punido com prisão.

Segundo o caráter bem conhecido dos gaúchos, é lícito crer que, logo proclamada a independência, aproveitaram eles os primeiros momentos de desordem a fim de pilhar o gado nas estâncias dos portugueses e que estes, por sua vez, também o roubavam das estâncias espanholas.

Não é também de estranhar que o governo português tenha severamente proibido seus oficiais de iniciarem qualquer hostilidade, uma vez que não tomou decisivamente nenhum partido.

Quase não se encontra um oficial que não brade contra o sistema de temporização adotado pelo general Lecor. Dizem que o resultado desse propósito foi o despovoamento de três capitânicas, as de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande, e a submissão do Estado a despesas colossais.

Acrescentam que Lecor, sem hostilizar os proprietários rurais de Montevidéu, podia, ao mesmo tempo, provocar a guerra ativa contra Artigas, conduta que me parece nada incompatível.

Entretanto, para justificar o procedimento de Lecor, dizem que ele encontrava os maiores obstáculos nos hábitos das tropas sob seu comando.



Não se pode negar ao exército português-europeu valor e experiência, mas ele não tinha o mínimo conhecimento da região e devia se tornar inútil em meio a uma guerra de partido que tomava caráter particular quanto aos hábitos totalmente estranhos aos europeus. Como poderiam, por exemplo, os soldados europeus sujeitar-se a viver unicamente de carne sem sal, farinha e pão? Como precisassem de outra alimentação, era necessário que o exército fosse acompanhado de considerável bagagem, o que lhes impedia de agir com a indispensável rapidez. Os caçadores, acostumados às guerras de escaramuças, foram, em toda a divisão, a tropa de que se tirou mais partido; mas a cavalaria, obedecendo a manobras muito exercitadas, não tinha o hábito de montar cavalos semisselvagens nem de se deslocar continuamente, para poder opor-se à de Artigas. Sei indiretamente, pelo sr. D.D.D.S., que a divisão do general Lecor custou ao governo português quatorze milhões de cruzados, após sua passagem por Santa Catarina, por volta de 1819.

RIO GRANDE, 28 de agosto. – Há vários dias que o conde de Figueira partiu do Rio Grande. Não o acompanhei porque os meus preparativos ainda não estavam acabados. Eu projetara ir daqui, por água, a uma aldeia nova e, diz-se, muito florescente, situada junto ao rio São Gonçalo, canal que estabelece comunicação entre a lagoa Mirim e a dos Patos, devendo acompanhar, nessa viagem, um charqueador chamado Chaves, um dos homens mais esclarecidos da região. Mas, como parece que o sr. Chaves<sup>3</sup> vai transferir sua partida, e como nada mais tenho a fazer aqui, pretendo renunciar a essa excursão.

Tenho observado frequentemente em minhas viagens quanto é poderosa a influência do clima. Ela se manifesta até nos animais, pois na zona tórrida, os cães latem menos, são tímidos, fogem à menor ameaça; ao contrário, nesta capitania, ladram muito e, constantemente, perseguem os transeuntes com audácia e obstinação. Nada mais comum aqui do que a pilhagem de animais; é tão comum essa espécie de roubo, que o consideram quase como legítimo, tendo-se concebido até uma palavra honesta para expressá-lo.

RIO GRANDE, 29 de agosto. – Disse-me hoje, o Sr. Chaves, que partirá amanhã, o que me deu grande prazer, pois esta viagem já se tem

---

3 Sr. Antônio José Gonçalves Chaves.

prolongado demais; a lembrança de minha mãe me persegue sem cessar, e presentemente, conto os instantes que passo longe dela. O sol já se demora mais tempo no horizonte, o frio desapareceu e todos os pessegueiros estão floridos. Fiz um longo passeio às margens da enseada de Mangueira, e encontrei em flor um cerástium e duas arenárias e compostas. Os diversos passeios que tenho feito pela faixa de terra onde está construída a cidade do Rio Grande provaram-me que ela é inteiramente coberta de areia, exceto nas margens do Rio Grande e nas de Mangueira.

RIO GRANDE, 30 de agosto. – Soprou, hoje, um vento muito forte que nos impediu ainda de partir. Tenho já falado, em vários artigos deste diário, sobre o Rio Grande e sua situação; vou reunir agora os traços principais de minhas descrições. Em Canguçu, a lagoa dos Patos se comprime, forma um cotovelo e toma a direção nordeste-sudoeste até a barra; neste espaço, que pode ter cerca de sete léguas, perde ela seu nome primitivo para o Rio Grande. A uma légua da barra há uma península muito estreita para que se estende aproximadamente duas léguas, na direção leste-oeste, e é apertada entre duas enseadas ou canais: um ao sul, que se chama de Mangueira, é formado pela penetração das águas do rio terra adentro; o outro, ao norte, acha-se compreendido entre a península e as ilhas dos Cavalos e dos Marinheiros, das quais a primeira tem pouca extensão e a segunda, cerca de duas léguas de comprimento, deixa, entre sua extremidade e a terra firme, uma estreita passagem, apenas navegável por pirogas.

Na extremidade oriental da península, as margens da Mangueira e do rio são constituídas de terrenos pantanosos e banhados pelas águas do mar. Por toda parte, porém, areias amontoadas, esbranquiçadas e extremamente finas, onde só crescem esparsadamente alguns pés de senécio.

É para a extremidade oriental da península, à entrada do canal compreendido entre elas e as ilhas, que se encontra a cidade do Rio Grande de São Pedro do Sul, residência de um juiz de fora e sede de uma paróquia<sup>4</sup>. Estende-se a cidade paralelamente ao canal, portanto de leste para oeste; compõe-se de seis ruas muito desiguais, atravessadas por outras excessivamente estreitas, denominadas becos. A mais comprida, chamada Rua da Praia, se localiza à margem do canal; a que se segue é um pouco menor, as

---

4 Escola Nacional de Latim, aberta em 2 de outubro de 1820.

outras quatro vão decrescendo em tamanho, à medida que se afastam desta última, a mais comprida dentre elas, e que não excede a metade da Rua da Praia. Como todas essas ruas começam no mesmo ponto, resulta pelos seus comprimentos e respectivas posições que a cidade apresenta, em seu conjunto, a forma aproximada de um triângulo alongado com base a leste.

A Rua da Praia é larga, mas não perfeitamente reta; edificada de casas cobertas de telhas, construídas com tijolo, possuindo janelas envidraçadas; a maior parte delas é de um andar, várias com sacadas de ferro. É nessa rua que estão situadas quase todas as lojas e a maioria das vendas, umas e outras igualmente bem sortidas. No resto da cidade, não se contam pouco mais de seis a oito casas assobradadas, e as quatro últimas ruas compõem-se quase unicamente de miseráveis casebres de teto bastante alto, porém malconservados, pequenos, construídos de pau-a-pique e onde moram pessoas pobres, operários e pescadores. Nas duas ruas principais, veem-se lajes na frente das casas, entretanto nenhuma delas é calçada; enterram-se aí os pés na areia, o que dificulta o caminhar.

À entrada da cidade, um pequeno forte erguido há cerca de vinte e cinco anos, tão mal situado que parece destinado ao ataque da cidade<sup>5</sup>. Junto desse forte, uma praça quadrangular, cercada de velhas casas, afastadas umas das outras, no centro da qual se acha um grande tanque de pedra que fornece muito boa água. Deixou-se na metade da Rua da Praia uma área, de aproximadamente seiscentos passos, sem construção no alinhamento das casas mais próximas da água, formando desse modo uma praça alongada, onde cresce uma relva finíssima e que poderia ser muito bonita se aí se plantassem algumas árvores. Dessa praça avistam-se, além, das águas as ilhas dos Cavalos e dos Marinheiros; e ao nordeste percebe-se o norte distante, bem como as embarcações ancoradas defronte à aldeia. Essa paisagem, porém, é pouco agradável, não oferecendo nenhum ponto onde os olhos possam deter-se prazerosamente. As ilhas são, como disse, muito chatas e tudo na paisagem parece nivelado.

Numa das extremidades da praça referida, um belo cais, constituído por um galpão de dezesseis passos de comprimento por vinte de largura, coberto de telhas, sustentado por barrotes de madeira muito fra-

---

5 Começou-se a destruí-lo em 1826.

cos. Por meio de um guindaste, descarregam-se as mercadorias no galpão, e o acesso a este se faz por uma ponte de madeira que mede setenta pés de comprimento entre pilares e guarnecida de um peitoril dotado de bancos.

Além da igreja paroquial, só há no Rio Grande mais duas, a de São Francisco e a do Carmo. Estas apresentam uma particularidade muito interessante: são apoiadas uma à outra. A igreja paroquial possui duas torres e seis altares, além do da capela-mor. Contudo é pequena e nada apresenta de notável sobre as duas outras. O escritório da alfândega está situado na praça, quase defronte ao cais e merece apenas ser citado. O mesmo acontece com o edifício da Câmara Municipal (Casa da Câmara), tão pequeno, de um só pavimento, que não serviria para uma residência particular. Há no Rio Grande um hospital onde se recebem os soldados de linha, os milicianos e alguns mendigos. Nada mais triste que a posição do Rio Grande, pois, de todos os lados, só se avistam areais, pântanos e água, e em todos os arredores não há nada que possa recrear a vista, nem mesmo uma árvore. Só um pequeno número de casas com jardim, e este, em geral, não passa de um estreito quadrado de terra onde, aliás, se cultivam legumes com êxito; veem-se ainda alguns pessegueiros, figueiras e laranjeiras. Costuma-se plantar aqui também a figueira nº..., porque o seu crescimento é rápido e fornece boa sombra.

A situação do Rio Grande é também pouco favorável ao comércio, tornando-se triste, pois somente iates podem ancorar diante da cidade; as embarcações de maior calado são obrigadas a ficar ao norte. O progresso desta cidade é devido unicamente ao fato de ali estar situada a alfândega, e de ser ponto obrigatório para transportar todas as mercadorias destinadas ao norte. Prive-se dessa proteção oficial, inteiramente contrária à ordem natural das coisas, e ela entrará em decadência.

Como quer que seja, esta cidade é, no momento, o centro de considerável comércio de carne-seca, couros, sebo e trigo, produzidos em grande parte da capitania. Contam-se aí vários negociantes riquíssimos; o mobiliário das casas e a aparência dos homens revelam, em geral, a riqueza. Entretanto, tal situação de, aproximadamente, há oito anos, vale dizer, após a insurreição das colônias espanholas, quando esta cidade começou a florescer. Antes dessa época, só existiam choupanas. Como em todas as cidades comerciais, os salários dos operários e a mão de obra são muito

caros no Rio Grande, mas a carne encontra mercado; o pão menos caro e mais abundante do que em outras partes do Brasil, por causa da produção do trigo nos arredores. Como não há madeira no Rio Grande, ela é muito cara. A que se queima aqui vem de Camaquã, perto da lagoa. Há, de fato, na ilha dos Marinheiros alguma lenha, mas reservada ao consumo do hospital, ao corpo de guarda e a pobres, a quem se permite ir ali cortá-la.

Numa das ruas do Rio Grande, um mercadinho (quitanda) onde negros, acorados, vendem legumes, tais como: couves, cebolas, alfaces e laranjas. Como já tenho dito, não há aqui nascentes nem fontes de água doce, mas atrás da cidade, entre montículos de areia (em lugar denominado Jeribanda), cavaram-se poços, onde a pequena profundidade se encontra muito boa água. Os negros vão buscá-la em barris e retiram-na do poço com chifres de bois, no meio dos quais é introduzida uma vara comprida, instrumento que eles chamam de guampa (*sic*). Estima-se a população do Rio Grande em cerca de dois mil habitantes, entre os quais há muitos europeus e apenas um pequeno número de mulatos. O sangue dessas pessoas é geralmente muito bom; os homens são de belo porte e de agradável aparência. As mulheres têm lindos olhos, são quase sempre bonitas mas de traços pouco delicados e de maneiras pouco graciosas; no entanto, repito, são infinitamente superiores às das capitânias centrais.

RIO GRANDE, 2 de setembro. – Os diversos produtos de animais são aqui os primeiros objetos que se encontram à mão e se empregam de todos os modos. Já relatei que os negros iam buscar água, providos de uma longa vara enfiada num chifre de boi, que também é visto sobre os muros dos quintais; e no transporte de areia ou tijolos, utiliza-se, à guisa de veículo, um couro arrastado sobre a terra, por dois bois e atado à canga, por meio de uma corda igualmente de couro. Percebe-se que, desse modo, apenas se pode conduzir uma pequeníssima quantidade de materiais, multiplicando-se inutilmente as jornadas e retardando-se o trabalho. A julgar da sua lentidão e dos poucos meios empregados para economizar o tempo, dir-se-ia que os brasileiros se julgam eternos.

RIO GRANDE DO SUL, 3 de setembro. – Faz, como disse, oito anos que o comércio do Rio Grande prosperou e que esta cidade começou a florescer. Antes dessa época, Montevideú e Buenos Aires estavam, principalmente, de posse do comércio de couros e de carne-seca, mas o comércio

se trasladou para esta capitania, depois que as colônias espanholas desta parte da América se tornaram o teatro de discórdias civis, e a planície de Montevideú, em particular, o de uma guerra externa. Mateus da Cunha Teles relata que no decorrer da guerra atual os portugueses roubaram um milhão de reses das estâncias espanholas; as charqueadas dos arredores de Montevideú tiveram, assim, de ser defendidas, para não ficar o país na contingência de morrer de fome. A Capitania do Rio Grande do Sul tornou-se, pois, riquíssima em gado, à custa de pilhagem, ao mesmo tempo que desfrutava, pelo menos no interior, uma paz favorável ao seu comércio e da qual os mesmos vizinhos estavam privados.

Há oito anos, não se viam aqui senão choupanas e, atualmente, conta-se grande número de casas bonitas e assobradadas. Naquela época, um iate, apenas, bastava ao comércio do Rio Grande; hoje os negociantes possuem mais de cem iates, que transportam de mil a dois mil alqueires. Exportavam-se por ano perto de vinte mil couros do porto do Rio Grande, mas em 1813, a exportação elevou-se a 215.500; em 1814, a 298.140; em 1815, a 269.830; em 1816, a 207.525; em 1817, a 172.045; em 1818, a 189.280; em 1819, a 150.860. Essas informações são as últimas e rigorosamente exatas, pois me foram dadas pelo sargento-mor Mateus da Cunha Teles, sócio de João Rodrigues Pereira de Almeida, numa empresa de couros. O Sr. Mateus forneceu-me, também, a relação das quantidades de couros que saíram de Porto Alegre, durante os mesmos anos, mas ele as considera como aproximativas; avalia em 150.000 os exportados daquela cidade em 1813; em 170.000, os que o foram em 1814; em 155.000 a exportação de 1815; em 140.000, a de 1816; e, afinal, em 125.000, a dos anos de 1817, 1818 e 1819. Do volume dessas exportações, pode-se avaliar a de carne-seca e a de sebo, pois cada animal produz quatro arrobas de carne-seca e doze de sebo. Os estancieiros matam grande número de animais para seu próprio sustento, mas o consumo de couros está, aproximadamente, na mesma proporção, pois, conforme já disse, o couro é largamente empregado no país. Se as exportações atingiram, em 1819 e neste ano, cifras menos consideráveis, foi devido à escassez de sal, que não permitiu matar-se tão grande número de reses como nos anos anteriores. Espera-se, por isso, que o preço dos animais diminuirá no decorrer das próximas charqueadas, porque os estancieiros, embora geralmente bastan-

te ricos para poderem esperar, são obrigados a vendê-los, a fim de preservar as pastagens e evitar que o gado, reunido em grande número, se torne selvagem. A cada animal que se mata, precisa-se de meio alqueire de sal. Eleva-se a duzentos mil alqueires a quantidade de trigo, que sai, anualmente, do Rio Grande. É exportado em grandes sacos de couro, contendo oito alqueires cada um.

RIO GRANDE, 4 de setembro. – Segundo me informou o cura do Rio Grande, a sua paróquia mede, aproximadamente, sessenta léguas de comprimento, por vinte de largura, compreendendo, em 1819, 5.125 indivíduos, a saber: 1.195 brancos, 1.388 brancas, 17 índios, 26 índias, 61 mulatos livres, 98 mulatas livres, 32 negros livres, 38 negras livres, 1.391 negros e mulatos escravos, 879 negras e mulatas escravas.

Neste ano, os nascimentos elevaram-se a 225 e as mortes a 163, a saber: 38 brancos, 25 brancas, 2 índias, 6 mulatos livres, 4 mulatas livres, 4 negros livres, 5 negras livres, 4 mulatos escravos, 4 mulatas escravas, 44 negros escravos, 27 negras escravas.

MARGENS DO RIO PELOTAS, 5 de setembro de 1820. – Estive ontem, à tarde, em casa do sr. Chaves, que me disse que partiria esta manhã. De fato, embarcamos às 10 horas em uma lancha que nos conduziu ao iate do sr. Chaves, ancorado a pequena distância do Rio Grande. Trouxe comigo Firmiano, deixando Laruotte na cidade. Quanto a José Mariano, passou ele todo o tempo em que estive no Rio Grande, na estância da Mangueira, situada entre a enseada do mesmo nome e a lagoa, conseguindo aí uma bela coleção de pássaros. Essa estância pertence a um amigo de Mateus da Cunha Teles, o tenente Vieira, que tratou muito bem a José Mariano. Para desembaraçar-me deste meu empregado, durante uma parte de minha viagem a Montevidéu, pedi ao tenente-general Marques que o recomendasse a alguém de São Miguel, lugar situado à extremidade da lagoa Mirim. Consegui uma passagem para ele num iate que deve tocar em São Miguel e, até a minha chegada, ele ali me esperará, caçando e preparando pássaros.

Retorno à minha viagem de hoje. Dirigimo-nos, a princípio, para o norte, depois para o noroeste, seguindo sempre a mesma rota das embarcações que se destinam a Porto Alegre. Até Itapeva o canal de navegação é muito estreito e as águas pouco profundas; o que não é de admi-

rar, porque seu volume quase não aumenta entre Itapuã e Rio Grande ao mesmo tempo que ao sul de Itapeva elas se espalham sobre uma superfície mais considerável do que as de maré alta. Resulta daí ser muito difícil a navegação na lagoa e, durante as tempestades, muito frequentes os naufrágios.

Hoje, o tempo está muito calmo; navegamos lentamente e não sentíamos o mínimo balanço.

Temos, de início, à nossa direita, as costas vizinhas do Rio Grande e, à esquerda, a ilha dos Marinheiros. Passamos em seguida defronte à ilha de Torotoma, que fica abaixo da dos Marinheiros. Nela há madeiras; disseram-me que também algumas casas.

À margem oriental da lagoa, deixamos para trás montículos de areia, chamados areias gordas, e ainda vimos desse lado uma ilhota conhecida como ilha dos Ovos, porque, dizem, um número prodigioso de diferentes espécies de aves vão ali pôr seus ovos. Entretanto uma chuva muito forte obrigou-nos a descer do convés do iate, privando-nos do prazer de observar os lugares por onde passávamos. Apenas subi ao convés à entrada do rio São Gonçalo, que não é propriamente um rio, mas um canal estreito, ligando as lagoas dos Patos e Mirim.

Disse-me o sr. Chaves que a corrente do rio São Gonçalo se dirige, conforme os ventos, ora para a lagoa dos Patos, ora para a Mirim, mas que nas enchentes é na direção da lagoa dos Patos que ele corre. À embocadura do rio São Gonçalo, a lagoa dos Patos tem, segundo dizem, duas léguas.

Aí deixamos a rota de Porto Alegre e entramos no rio que pode ter a largura do Loire defronte a Orléans. As margens, muito planas, são cobertas de pastagens entremeadas de algumas árvores. A noite nos surpreendeu cedo, impossibilitando-me de distinguir as coisas.

De Porto Alegre à entrada do rio São Gonçalo contam-se sete léguas; fizemos até agora duas léguas e, em seguida, passamos a um outro rio chamado Pelotas, em cujas margens está situada a residência do sr. Chaves, onde chegamos após meia légua de viagem.

O rio Pelotas, disseram-me, tem doze léguas de curso e apenas é navegável pelos iates numa extensão de meia légua, pois é obstruído por troncos e galhos de árvores. A viagem de hoje foi muito agradável. O sr.



Chaves é um homem culto, que sabe latim, francês, com leitura de História Natural e conversa muito bem. Pertence à classe dos charqueadores, fabricantes de carne-seca. Os charqueadores compram o gado dos estancieiros; mandam matá-lo e retalhá-lo; a carne é salgada e, depois de seca, vendida aos comerciantes.

As marés se fazem sentir no Rio Grande, mas com irregularidade. Os ventos mantêm sobre ela grande influência.

MARGENS DO RIO PELOTAS, 6 de setembro de 1820. – Como fosse muito tarde quando chegamos ontem à residência do sr. Chaves, nada pude dizer, ainda, a respeito.

Está situada num ponto extremamente favorável, pois que os iates podem chegar junto dela e mesmo muito além. A residência do proprietário só tem um pavimento, mas é muito grande, coberta de telhas e um pouco elevada do solo. O interior é dividido em grandes peças, que se comunicam umas com as outras, e ao mesmo tempo se abrem para fora.

Instalei-me num quarto escuro, que dá para uma sala de jantar, gênero de distribuição adotado em todo o Brasil. Mesas, cadeiras e canapés constituem o mobiliário do sr. Chaves; as cômodas e as secretárias são móveis inteiramente novos no Brasil e somente se encontram em um restrito número de casas. O rio Pelotas, quase da largura do Essone, em Pithiviers, passa ao lado da habitação. Serpenteia numa vasta planície, tendo ao lado oposto uma pequena elevação com algumas casas cobertas de telhas.

Diante da residência do sr. Chaves, um belo gramado e, mais ao longe, várias fileiras compridas de grossos moirões cravados na terra. Têm cerca de quatro pés, terminando, cada um, por uma pequena forquilha. Estas forquilhas recebem varas grandes transversais para sobre elas se fazer secar a carne no tempo das charqueadas. Ao lado desses secadouros, a casa onde se salga a carne e onde está construído o reservatório, chamado tanque. Quando se abate o animal, retalha-se, salgam-se os pedaços e colocam-se, uns sobre os outros, no tanque, em que se impregnam de salmoura. No fim de vinte e quatro horas são retirados, e é, então, que se estendem sobre os secadouros, onde ficam oito dias, quando há bom tempo. A carne-seca não pode ser conservada mais de um ano. Desta região é exportada principalmente para o Rio de Janeiro, Bahia e Havana, servindo aí de alimento aos negros.

O gado emagrece no inverno, mas engorda logo que o solo se cobre de pastagem nova. Em novembro, quando já se acham regularmente gordos, começam as charqueadas, as quais duram até abril ou maio. Mais além do secadouro, de que acabo de falar, o sr. Chaves tem um pomar rodeado de fossos e mimosos espinheiros, atualmente desprovidos de folhas. É o maior pomar que tenho visto desde que estou no Brasil, excetuadas algumas quintas dos arredores de São Paulo. Compõe-se de extensas alamedas oblíquas de pessegueiros, entremeados de laranjeiras.

Essas alamedas convergem para um centro comum, e entre elas canteiros de hortaliças, tais como: couves, favas, alfaces e ervilhas. Vi, também, neste pomar, macieiras, pereiras, ameixeiras, cerejeiras e parreiras, que se elevam a apreciável altura. O sr. Chaves queixa-se de que todas as espécies de árvores frutíferas, introduzidas no país, são de qualidade inferior.

O pomar do sr. Chaves foi novamente todo plantado: admirei pessegueiros de três anos apenas e laranjeiras de quatro anos, com doze a quinze pés de altura.

Choveu todo o dia, impedindo-me de passear no campo.

RIO PELOTAS, 7 de setembro. — Apesar do tempo chuvoso, fiz hoje uma longa herborização, recolhendo várias plantas que se relacionam com gêneros europeus. É a anérmona nº 1.864, a ranunculácea nº 1.843 bis, o cerástium nº 1.871 e o carex nº 1.865. O que há de notável, aqui, é que as espécies pertencentes a esses gêneros em nosso país florescem igualmente ao início da primavera.

Os gramados já estão mais verdes, porém os brejos ainda apresentam só vegetação seca. Nos bosques, quase um terço das árvores e arbustos perderam as folhas durante o inverno e ainda não principiaram a cobrir-se de novas folhas. Quando passei pela freguesia do Estreito, vi os pêssegos novos, já crescidos. Aqui, como no Rio Grande, a vegetação está um pouco atrasada, pois as pétalas das flores dos pessegueiros apenas começam a cair.

PELOTAS, 8 de setembro. — Fui hoje com o sr. Chaves à paróquia de São Francisco de Paula, em cabriolé descoberto. Nada mais belo que a região percorrida por nós. Oferece vasta planície, com alguns pontos ligeiramente ondulados. Por toda a parte o terreno apresenta gramados com árvores e bosquetes esparsos, onde pastam cavalos e bois. Um grande

número de belas casas cobertas de telhas aparece aqui e ali, tendo cada uma delas um pomar cercado de valas profundas, protegidas por um renque de bromeliáceas. Algumas cercas são feitas de tufo de ervas, outras com crânios de bois, munidos de chifres, e comprimidos uns contra os outros. Nos pomares, na maior parte muito grandes, são plantadas laranjeiras, pessegueiros, parreiras, legumes e algumas flores. Do lado do poente, o horizonte é limitado pela serra dos Tapes; a leste, pelo rio São Gonçalo, que estabelece uma comunicação fácil entre este belo recanto e todas as partes das lagoas Mirim e dos Patos. O aspecto da região recorda tudo o que a Europa tem de mais pitoresco: os pomares, onde só se veem árvores novas, e as casas recém-construídas dão a estas regiões um ar de frescura e novidade que ainda mais as embeleza.

Antes de irmos à paróquia de São Francisco de Paula, distante meio quarto de légua do canal de São Gonçalo, visitamos uma casa situada à margem do canal, diante da paróquia, e que pertence ao coletor-geral dos dízimos, para o qual eu trazia uma carta de recomendação. Defronte a essa casa, o canal de São Gonçalo pode ter a mesma largura que o braço do Montées, diante da solidão de Plissai; aí navegam continuamente muitos iates, animando a paisagem; do outro lado do canal se estende uma orla de bosque. Fui recebido em casa do coletor-geral, num salão baixo, de paredes somente caiadas, mas muito limpo, mobiliado com elegância, o que me fez lembrar certas casas de campo dos arredores de Hamburgo. Vários negociantes do Rio Grande e alguns proprietários da vizinhança, todos muito bem vestidos, estavam reunidos em casa do coletor-geral. Entre eles, um velho, que se estabeleceu na região há cerca de vinte anos, e que foi o seu primeiro habitante. Então, as margens do canal eram cobertas de matas e pântanos; ele desmatou-as, drenou o terreno, loteando uma grande parte de sua propriedade.

A região, que venho descrevendo, e que se estende entre o rio Pelotas, o rio São Gonçalo e a paróquia de São Francisco de Paula, pertence a charqueadores, e as casas das quais já falei são as suas habitações. Não podiam escolher local mais favorável, pois aí recebem, sem nenhuma dificuldade, os animais criados nas gordas pastagens situadas ao sul do Jacuí e, em seguida, embarcam a carne-seca e os couros através dos rios Pelotas e São Gonçalo. Há entre eles homens riquíssimos. O sr. Chaves, por exemplo,

que iniciou como simples caixeiro, possui, hoje, uma fortuna de seiscentos mil francos. O estabelecimento dos charqueadores às margens do rio São Gonçalo deu lugar à formação da paróquia de São Francisco.

Após deixarmos a casa do sr. Paiva, coletor-geral dos dízimos, seguimos para essa aldeia, que, como já relatei, dista meio quarto de légua do rio São Gonçalo e situada numa vasta planície; foi erigida em sede da paróquia e conta para mais de cem casas. Adotou-se um plano regular na construção da aldeia. As ruas são bem largas e alinhadas; a praça pública, onde está construída a igreja, é pequena, mas muito bonita. A frente da maior parte das casas é asseada. Não se vê em São Francisco de Paula um único casebre; tudo aqui denuncia bem-estar. Na verdade as casas só têm um pavimento, mas muito bem construídas, cobertas de telhas e guarnecidas de vidraças.

Os homens que encontrei estavam trajados com asseio, e há várias lojas sortidas com mercadorias de toda a qualidade. Os habitantes de São Francisco de Paula são operários e, principalmente, negociantes. Algumas famílias do Rio Grande mudaram-se para aqui, e acredita-se que, dentro de pouco tempo, esta aldeia será aumentada de um grande número de novos habitantes, atraídos pela posição favorável, pela beleza da região e riqueza dos que já se acham aqui estabelecidos. Não resta dúvida que São Francisco de Paula é um pouco afastada do rio São Gonçalo, mas o caminho que vai do canal à vila é belíssimo, sendo provável que, brevemente, formará mais uma rua da aldeia. As terras da paróquia de São Francisco de Paula apresentam uma mistura de areia e terra negra, próprias para todo gênero de cultura; mas, já o disse, são muito divididas e pertencem a charqueadores, que não se interessam em lavoura, contentando-se em ter um pomar. Os víveres consumidos na região vêm, em grande parte, da serra dos Tapes, localizada a quatro léguas de São Francisco de Paula, onde o solo é fértil, cultivando-se, com vantagem, milho, feijão e, sobretudo, trigo.

Dois franceses se estabeleceram em São Francisco de Paula. Visitei-os. Um deles, M. T., é cirurgião gasconês, muito jovem ainda, meu conhecido do Rio de Janeiro, onde me divertira pela sua vaidade. Após essa época, conheceu o mundo, casou-se aqui, tornando-se mais sensato. Entretanto notei-lhe ainda essa falta de prudência e esse espírito difamatório que os franceses revelam muito, quando estão em país estrangeiro. Retratou-

-me fielmente o povo desta região, sob certos aspectos, mas exagerou sob vários outros. Relacionarei os traços coincidentes com as minhas próprias observações. Os habitantes desta capitania são ricos e não ambicionam senão enriquecer mais; sua fortuna, porém, pouco contribui para lhes tornar mais agradável a existência; nutrem-se mal e não conhecem nenhum divertimento honesto. Os instantes de lazer são dedicados aos jogos, ou a pequenas intrigas que uns forjam contra os outros. A maioria é ignorante e sem educação; como não conhecem nenhum princípio de honra e de moral, agem, via de regra, de má-fé em seus negócios.

O segundo francês que fui ver é um homem culto, mas muito singular. Há muito tempo deixou seu país, fala perfeitamente o português e compõe até versos nessa língua. Entretanto, não esqueceu a sua, e isto pode ser citado como exceção, pois tal a semelhança entre nossa língua e o português, que, ao fim de um par de anos, quase todos os franceses que convivem muito tempo com os portugueses misturam os dois idiomas... M.T. demonstra bom senso, instrução, alegria, mas acredita ter visões; imagina que a Virgem lhe fala e faz milagres em seu favor. Essa mania, contudo, só o leva a praticar atos virtuosos. Ele se julga obrigado a ensinar a mocidade e frequentemente tem ido a localidades muito distantes lecionar, para obedecer, disse-me ele, às ordens da Virgem, que atendera às preces das boas mães de família em favor de seus filhos. É ainda por ordem da Virgem que ele reside em São Francisco de Paula, instruindo as crianças sem exigir retribuição alguma, não aceitando nem sequer o indispensável para satisfazer as necessidades mais urgentes da vida. Fiquei sensibilizado pelo ar de persuasão e simplicidade com que me falou das revelações de que é honrado pela Virgem e não o fiquei menos pelo carinho que ele demonstra por seus alunos e a doçura com que lhes fala. “Tenho a missão”, disse-me ele, “de lhes ensinar o Evangelho; falo-lhes do Menino Jesus, represento-O belo e bondoso, tal como deve ser, e lhes proponho tomarem-NO por modelo.” M. T. louva muito a docilidade e a boa vontade de seus discípulos; mas queixa-se de que os pais destruam sua obra. Clama contra a pouca religião dos padres, contra a falta geral de instrução, cobiça e a má-fé dos habitantes desta capitania.

Vou transcrever o extrato dos dados de exportação do Rio Grande, durante vários anos, e que me foi fornecido pelo sr. Chaves.

ANO DE 1816. *Carne-seca*. Para o Rio de Janeiro, 169.879 arrobas; Bahia, 236.371; Pernambuco, 215.136; Santa Catarina, 9.500; Campos, 2.000; Havana, 74.230. Total: 707.116 a \$700 = 494:981\$200.\* *Sebo*. Para o Rio de Janeiro, 36.698 arrobas; Bahia, 14.242; Pernambuco, 4.836; Santa Catarina, 640; Campos, 159; Havana, 480. Total: 57.055 a 1\$200 = 68:466\$000. *Graxa*. Para o Rio de Janeiro, 4.836 arrobas; Santa Catarina, 390; Nova Iorque, 56. Total: 5.282 a 1\$200 = 6:338\$400. *Crinas*. Para o Rio de Janeiro, 657 e 1/2 arrobas a \$700 = 460\$250. *Barris de carne salgada*. Para o Rio de Janeiro, 250 a 9\$600 = 2:400\$000. Couros de boi. Para o Rio de Janeiro, 153.866; Bahia, 26.224; Pernambuco, 7.555; Santa Catarina, 300; Campos, 32; Guernesey, 4.407; Porto, 11.452; Nova Iorque, 13.675; Havana, 1.311; Alexandria, 6.816. Total: 225.638 a 1\$200 = 270:765\$600. *Couros de égua*. Para o Rio e Janeiro, 1.746; Guernesey, 63; Nova Iorque, 320. Total: 2.129 a \$400 = 851\$600. *Alqueires de trigo*. Para o Rio de Janeiro, 224.958 e 1/2; Santa Catarina, 2.023. Total: 226.981 e 1/2 a 1\$600 = 363:170\$400. *Chifres*. Para o Rio de Janeiro, 365.700; Bahia, 500; Pernambuco, 21.100; Guernesey, 700; Porto, 4.800; Nova Iorque, 96.800; Havana, 24.350; Alexandria, 14.500. Total: 528.450 a 1\$000 = 5:284\$500. *Total das exportações de 1816*: 1.212:617\$950.

ANO DE 1817. *Carne-seca*. Para o Rio de Janeiro, 164.180 arrobas; Bahia 234.103; Pernambuco, 61.260; Santa Catarina, 2.771; Laguna, 800; Maranhão, 12.075; Campos, 3.500; Montevidéu, 8.800; Havana, 72.796. Total: 560.285 a 1\$360 = 761.987\$600. *Sebo*. Para o Rio de Janeiro, 21.584 e 1/2; Bahia, 10.719; Pernambuco, 1.070; Santa Catarina, 400; Maranhão, 125; Campos, 110; Salém, 15. Total: 34.023 e 1/2 a 1\$920 = 65:325\$120. *Graxa*. Para o Rio de Janeiro, 5.268; Bahia, 30; Santa Catarina, 114; Laguna, 50; Campos, 20; Montevidéu, 2.722. Total: 8.204 a 1\$920 = 15:751\$680. *Crinas*. Para o Rio de Janeiro 478; Bahia, 38; Salém, 81. Total: 597 a 2\$560 = 1:528\$320. *Barris de carne salgada*. Para o Rio de Janeiro, 100; Montevidéu, 644. Total: 744 a 12\$800 = 9:523\$200. *Couros de boi*. Para o Rio de Janeiro, 138.754; Bahia, 15.890; Pernambuco,

\* Lê-se: \$700 (setecentos réis); 494:981\$200 (quatrocentos e noventa e quatro contos, novecentos e oitenta e um mil e duzentos réis). O conto valia dez vezes cem mil-réis. No atual sistema monetário do Brasil equivale a um cruzeiro. (N.T.)

5.063; Maranhão, 85; Havana, 59; Salém, 3.190; Antuérpia, 6.193. Total: 169.234 a 1\$440 = 243:696\$960. *Couros de égua*. Para o Rio de Janeiro, 3.389; Salém, 4.000. Total: 7.389 a \$400 = 2:955\$600. *Alqueires* de trigo. Para o Rio de Janeiro, 102.409; Bahia, 141; Pernambuco, 4.093; Santa Catarina, 1.503; Campos 100; Montevidéu, 1.200. Total: 109.446 a 2\$000 = 218:892\$000. *Chifres*. Para o Rio de Janeiro, 172.489; Bahia, 8.000; Pernambuco, 16.800; Havana, 14.500; Salém, 36.000. Total: 247.789 a 2\$000 = 4:955\$780. *Total das exportações de 1817*: 1.324:616\$260.

ANO DE 1818. *Carne-seca*. Para o Rio de Janeiro, 187.484; Bahia, 227.898; Pernambuco, 88.909; Santa Catarina, 6.840; Espírito Santo, 2.500; Havana, 120.790. Total: 634.421 1\$600 = 1.015:073\$600. *Sebo*. Para o Rio de Janeiro, 34.390 arrobas; Bahia, 11.699; Pernambuco, 1.377; Santa Catarina, 330; Espírito Santo, 50; Havana, 60. Total: 47.906 a 2\$000 = 95:812\$000. *Graxa*. Para o Rio de Janeiro, 8.055; Pernambuco, 124; Santa Catarina, 400. Total: 8.579 a 2\$000 = 17:158\$000. *Crinas*. Para o Rio de Janeiro, 304; Nova Iorque, 2.422. Total: 2.726 a 2\$560 = 6:978\$560. *Barris de carne salgada*. Para o Rio de Janeiro, 324; Montevidéu, 29. Total: 353 a 12\$800 = 4:518\$400. *Couros de boi*. Para o Rio de Janeiro, 158.152; Bahia, 14.840; Pernambuco, 2.410; Santa Catarina, 120; Nova Iorque, 4.536; Havana, 44. Total: 180.102 a 1\$440 = 259:346\$880. *Couros de égua*. Para o Rio de Janeiro, 773; Santa Catarina, 1.108; Nova Iorque, 109. Total: 1.990 a \$400 = 796\$000. *Chifres*. Para o Rio de Janeiro, 243.696; Bahia, 4.400; Pernambuco, 3.120; Havana, 24.600; Nova Iorque, 20.000. Total: 295.816 a 2\$000 = 5:916\$320. *Total das exportações de 1818*: 1.405:599\$760.

ANO DE 1819. *Carne-seca*. Para o Rio de Janeiro, 165.458 arrobas; Bahia, 204.193; Pernambuco, 148.069; Santa Catarina, 5.650; Maranhão, 8.700; Havana, 44.990. Total: 577.060 a 1\$600 = 923:296\$000. *Graxa*. Para o Rio de Janeiro, 5.902 arrobas; Pernambuco, 246; Santa Catarina, 120; Montevidéu, 800. Total: 7.068 a 2\$000 = 14:136\$000. *Sebo*. Para o Rio de Janeiro, 30.651 e 1/2 arrobas; Bahia, 9.240; Pernambuco, 2.393; Santa Catarina, 308; Maranhão, 110. Total: 42.702 e 1/2 a 2\$000 = 85:405\$000. *Crinas*. Para o Rio de Janeiro, 211 e 1/2 arrobas; Bristol, 6.000; Boston, 2.588. Total: 157.551 a 1\$500 = 236:323\$500. *Couros de égua*. Para o Rio de Janeiro, 2.604 a \$320 = 833\$280. *Alqueires de trigo*. Para o Rio de Janeiro, 110.254 e 1/2; Pernambuco, 1.112; Santa Catarina, 751



e 1/2; Montevideu, 100. Total: 112.218 a 1\$280 = 143:693\$040. *Mulas*. Para Suriname, 203; Caiena, 80. Total: 283 a 2\$000 = 1:566\$000. *Chifres*. Para o Rio de Janeiro, 205.978; Pernambuco, 8.280; Maranhão, 2.500; Havana, 9.970; Bristol, 16.000. Total: 242.728 a 2\$000 = 4:854\$560. *Total das exportações de 1819*: 1.409:753\$640.

No ano de 1805, exportaram-se do Rio Grande 196.762 couros de boi, 574.051 arrobas de carne-seca, 40.684 arrobas de sebo, 95.061 alqueires de trigo, 254.471 chifres. Em 1806, 183.405 couros de boi, 475.258 arrobas de carne-seca, 36.832 arrobas de sebo, 62.863 alqueires de trigo, 232.004 chifres. Em 1807, 231.784 couros de boi, 600.135 arrobas de carne-seca, 44.712 arrobas de sebo, 93.298 alqueires de trigo, 279.620 chifres. Em 1808, 141.456 couros de boi, 494.102 arrobas de carne-seca, 37.036 arrobas de sebo, 108.648 e 3/4 arrobas de trigo, 232.681 chifres, 920 barris de carne salgada. Em 1810, 200.985 couros de boi, 564.150 arrobas de carne-seca, 44.773 arrobas de sebo, 143.983 alqueires de trigo, 224.694 chifres, 753 barris de carne de salgada. Em 1811, 230.870 couros de boi, 5.802 couros de égua, 713.953 arrobas de carne-seca, 58.229 e 1/2 arrobas de carne-seca, 69.617 e 1/2 de sebo, 151.185 e 1/4 alqueires de trigo, 297.766 chifres, 177 barris de carne salgada. Em 1813, 224.474, couros de boi, 756.635 arrobas de carne-seca, 69.103 arrobas de sebo, 257.342 alqueires de trigo, 172.698 chifres, 4.935 arrobas de graxa, 455 barris de carne salgada. Em 1814, 285.578 couros de boi, 959.295, arrobas de carne-seca, 82.545 e 1/2 arrobas de sebo, 211.926 e 1/4 alqueires de trigo, 254.068 chifres, 8.518 e 1/2 arrobas de graxa, 790 barris de carne salgada. Em 1815, 227.241 couros de boi, 754.060 arrobas de carne-seca, 58.093 arrobas de sebo, 255.782 arrobas de trigo, 286.830 chifres, 4.617 e 1/2 arrobas de graxa, 1.237 barris de carne salgada.

RIO PELOTAS, 9 de setembro. – Fiz hoje uma demorada herborização, mas nada obtive. Como disse, a grama dos prados está bem verde; porém não se dá o mesmo com as pastagens um pouco afastadas das habitações, e nas quais o gado não pasta frequentemente. As folhas secas do ano anterior encobrem ainda os rebentos novos; não se vê nenhuma flor e os campos conservam sempre a cor acinzentada do inverno. O sr. Chaves vai enviar ao Rio Grande o seu iate, carregado de carne-seca; devo aproveitar a ocasião, regressando à tarde.



RIO PELOTAS, 10 de setembro. – Um vento muito forte soprou ontem à tarde, continuando até agora e não me permitindo partir. Como o clima desta região se assemelha muito ao da Europa, as plantas de Portugal aqui devem medrar, todas as vezes que suas sementes são plantadas, ou mesmo quando casualmente lançadas à terra. Encontram-se nos jardins e nas vizinhanças das habitações várias espécies pertencentes à flora europeia e que se multiplicam com tal abundância, que se poderia quase duvidar se suas sementes são trazidas com as dos legumes cultivados, ou se nativas. Posso citar a malva comum, a mostarda, uma cariofilácea, *poa annua* que forma quase todos os prados, uma linária, o *rumex pulcher*, a alsina media e algumas outras. A ranuncula nº ... é menos abundante que as espécies precedentes, mas custa-me crer seja ela natural da região. Será necessário comparar na Europa todas essas plantas com as espécies a que elas me parece se relacionarem, para verificar se, realmente, existe alguma diferença.

Depois do Ministério do marquês de Pombal, o governo português procurou introduzir a cultura do cânhamo nesta capitania, mas até agora seus esforços têm sido inúteis. Os agricultores receiam que o Governo se apoderará, sem compensação alguma, do fruto de seus trabalhos; e seguros do benefício oriundo da cultura do trigo, não se arriscaram a experiências cujos resultados lhes pareciam incertos. Creio, entretanto, que o cânhamo não produz muito bem em terras úmidas, negras e misturadas com areia, tão frequentes nesta região. O sr. Chaves mostrou-me o cânhamo que colheu em sua fazenda, em terreno semelhante, e que achei muito bom, embora um pouco grosso. Pretende dedicar-se a essa cultura, devendo enviar para isso um memorial ao conde de Figueira.

RIO PELOTAS, 11 de setembro. – O tempo está hoje horrível, não pude nem sequer sair, e o vento ainda me impede de partir. A mesa do meu hospedeiro é farta; principalmente a carne de vaca aí se apresenta sob as mais variadas formas; entretanto comemos pão e bebemos vinho. Nas charqueadas os negros são tratados com muito rigor. O sr. Chaves é considerado um dos charqueadores mais humanos, no entanto ele e sua mulher só falam a seus escravos com extrema severidade, e estes parecem tremer diante dos seus patrões. Há sempre na sala um negrinho de dez a doze anos, que permanece de pé, pronto a ir chamar os outros escravos, a oferecer um copo de água e a prestar pequenos serviços caseiros. Não

conheço criatura mais infeliz do que esta criança. Não se assenta, nunca sorri, jamais se diverte, passa a vida tristemente apoiado à parede e é, frequentemente, martirizado pelos filhos do patrão. Quando anoitece, o sono o domina, e quando não há ninguém na sala, põe-se de joelhos para poder dormir; não é esta casa a única onde há este desumano hábito de se ter sempre um negrinho perto de si para dele utilizar-se, quando necessário.

Já tenho declarado que nesta capitania os negros são tratados com brandura e que os brancos com eles se familiarizam mais do que noutros lugares. Isto é verdadeiro para os escravos das estâncias, que são poucos, mas não o é para os das charqueadas que, sendo em grande número e cheios de vícios trazidos da capital, devem ser tratados com mais rigor.

Acordaram-me hoje, muito cedo, avisando-me de que o vento amainara e que podíamos partir. Embarquei no iate do sr. Chaves com um de seus amigos e seguimos o mesmo caminho por onde viéramos. Pouco terei de acrescentar a respeito da região.

As margens dos rios São Gonçalo e Pelotas são muito planas, o campo é aprazível e coberto de capões e pastagens. Chegados ao norte, desembarcamos numa sumaca pertencente ao sr. Chaves, e daí partimos numa lancha para o Rio Grande. A primeira pessoa que encontrei, ao chegar, foi o José Mariano. Disse-me ele que partira para S. Miguel, mas que não fora além de São Francisco de Paula, porque o iate em que embarcara devia permanecer vinte dias naquela paróquia. Fingi acreditar nessa mentira, mas estou convencido de que ele voltou porque se aborreceu da viagem. De tudo isso o que mais me desagrada é ter de levá-lo comigo.

Reencontrei, aqui, o conde de Figueira, que fora até Santa Teresa, fortificação situada na fronteira. Recebeu-me com a sua habitual bondade, fazendo-me inúmeras perguntas sobre a minha viagem a São Francisco de Paula. O sr. conde de Figueira conquistou, com toda a justiça, a simpatia e o reconhecimento dos habitantes desta capitania, porque a salvou, duas vezes, da destruição vandálica de Artigas; mas não foi só por esse motivo que se tornou ídolo do povo. O marquês de Alegrete, seu predecessor, era um homem frouxo, que deixava o comandante de distrito e o mais simples oficial exercerem livremente uma autoridade despótica sobre os seus inferiores. Cercara-se de ajudantes de campo que vendiam todas as concessões e cujo exemplo era seguido pela maioria daqueles que tinham

algum poder. A capitania estava entregue ao mais terrível latrocínio; mas tudo se transformou depois que o conde foi nomeado governador-geral, cercando-se, tanto quanto pôde, de homens honestos; gosta de ver tudo por seus próprios olhos; ouvir a todos, e fazer justiça sem distinção de rico ou pobre. Não é um homem instruído, só possui ideias vulgares, mas tem a vantagem de conhecer perfeitamente a província que governa, percorrendo-a toda; espírito reto, justo, bom, alegre, educado, acessível e animado do ardente desejo de fazer a felicidade do povo e de impedir que os seus subalternos sofram vexames. Como já assinalei, ele tem ainda um grande mérito aos olhos dos habitantes desta capitania: monta a cavalo tão bem quanto eles, é ativo, transporta-se com prontidão de um lugar para outro e se conforma, sem queixar-se, com todas as circunstâncias.

RIO GRANDE, 13 de setembro. — Os governadores têm aqui uma residência, mas, não tendo sido bem cuidada, falta-lhe condições de os receber. Há no Rio Grande duas prisões, uma civil e outra militar, ambas muito pequenas e separadas da Câmara. Entre os negociantes do Rio Grande, muitos são europeus, começaram como marinheiros e nem mesmo sabem ler.

Como já disse em minha viagem a Minas, os portugueses que se estabelecem no Brasil, quase todos ignorantes e sem educação, retardam muito a civilização deste país em vez de fazê-la progredir.

Quando um dos estados europeus está em guerra, todas as suas províncias fornecem soldados e, por consequência, se a nação entra em luta, toda ela se torna beligerante. No Brasil tal não se verifica; a fronteira meridional deste país, há muito tempo, não goza senão de curtos intervalos de paz; mas, à exceção de algumas tropas enviadas de São Paulo e Santa Catarina, todos os soldados que lutaram contra a Espanha são naturais da capitania. Nenhum recrutamento foi realizado nas províncias do centro e do norte. Disso resulta que, enquanto os hábitos desta capitania são militarizados, os habitantes das outras províncias caem gradativamente na inércia, na indolência. Está claro, no entanto, que é do máximo interesse do soberano de um império tão vasto evitar a menor diferença possível entre as províncias que o compõem procurando incutir-lhes o mesmo espírito. Sei que os mineiros e os goianos lamentam acostumar-se ao modo de vida

desta região, mas estão mais próximos dela que daqueles da Europa, e não se pode mandar vir regimentos de Portugal.

A frugalidade dos mineiros e sua pouca exigência tornam, certamente, menos incapazes que os europeus de se adaptarem aos hábitos desta região, e aqui seriam menos inúteis. Para introduzir, com mais facilidade, o mesmo espírito militar nas diversas províncias do Brasil, poder-se-ia, creio eu, devolver, cada ano, uma parte dos velhos soldados das outras capitanias a seus lares e substituí-los por novos recrutas. Esta capitania, de qualquer modo, seria uma espécie de escola para as outras, dotada, então, de atividade, espírito militar e deste sentimento nacional que a guerra faz sempre nascer.

RIO GRANDE, 14 de setembro. – São Francisco de Paula é, sem favor, a aldeia do Rio Grande em que há maior número de charqueadas. Existem, atualmente, dezoito nesta paróquia, e a média de animais abatidos por ano é de, aproximadamente, cento e vinte mil. A paróquia de São Francisco é limitada ao norte pelo rio Camaquã; ao sul pelo arroio das Pedras e rio Piratinim; a leste pela lagoa dos Patos e rio São Gonçalo; a oeste pela serra dos Tapes.

Embora há vários meses não se abatam animais nas charqueadas, sente-se ainda, nos arredores, um cheiro bastante forte de matadouro e, por isso, pode-se fazer ideia do quanto deve ser desagradável esse odor nos tempos de matança. Nessa época, dizem que não se pode aproximar das charqueadas sem ficar logo coberto de moscas. Quando imagino essa porção de animais degolados, jorrando sangue, ossos amontoados, a prodigiosa quantidade de carne exposta nos secadouros, parece-me que esses lugares devem inspirar náuseas e horror.

Tenho já observado, muitas vezes, que os mineiros não têm muito apego à terra natal. Com efeito, nenhum hábito particular aí os prende, e não se preocupam em melhorar suas condições. Cumpre acrescentar, também, que sua inteligência, natural, lhes garante meios fáceis de subsistência. Os habitantes desta capitania, ao contrário, nunca emigram, porque sabem que alhures serão obrigados a renunciar ao hábito de andar constantemente a cavalo e, em parte alguma, encontrarão carne em tamanha abundância. Temem, sobretudo, embarcar, e todas as embarcações que fazem o comércio desta capitania são tripuladas por estrangeiros.

Inferre-se das estatísticas que me foram fornecidas pelo sr. Chaves que o valor dos objetos importados pelo Rio Grande, em 1816, se eleva a 1.000:441\$380. As maiores somas foram para objetos fornecidos pelo Rio de Janeiro. Esta cidade exportou para cá: 12.496 alqueires de sal; 4.676 alqueires de farinha de mandioca; 567 alqueires de arroz; 10.657 arrobas de açúcar branco; 989 arrobas de açúcar bruto; 89 cestas de marmelada; uma grande quantidade de caixas de doces e chocolate; 1.012 e 1/2 arrobas de café; 36 caixas de chá, 604 pipas de vinho; 659 barris de vinho, 938 pipas de aguardente; 71 barricas de cerveja; vinhos e licores em garrafas; 27 barris de presuntos; 1 caixa de presunto, 100 cestas de toucinhos; 217 barricas de bacalhau seco; 188 barris de manteiga e queijo de diversos países; 746 ancoretas de azeitonas; 31 barris e 36 garrafas de azeitonas; 6.833 arrobas de fumo; 620 escravos; tecidos, entre outros, 167.904 e 1/2 varas de tecido de algodão de Minas; fazendas, drogas, louças, vidraçarias; enfeites; quinquilharias, artigos de luxo para senhoras, móveis, em uma palavra, todas as mercadorias que vêm da Europa.

Da Bahia para o Rio Grande as mercadorias montam a 91:307\$200. E são: 35.285 alqueires de sal, 400 alqueires de farinha, 201 de arroz, 108 pipas de vinho, sete barris de vinho, 35 pipas de aguardente, 12 escravos, 364 arrobas de açúcar branco, 11 arrobas de açúcar mascavo, 4.628 arrobas de cal, 1/2 arroba de estopa do país, móveis e diversas mercadorias da Europa. As mercadorias vindas de Pernambuco importam em 21:357\$800, a saber: 20.850 alqueires de sal, 573 arrobas de açúcar, quatro pipas de vinho, 16 barris de vinho, 1/2 pipa de aguardente, quatro escravos, 28 arrobas de estopa do país, 1.000 cocos, móveis e alguns artigos da Europa. As importações de Santa Catarina montam a 11:752\$900. E são 27.943 alqueires de farinha; 3.724 alqueires de arroz, 174 arrobas de açúcar branco, 44 arrobas de açúcar mascavo, 212 barris de melaço, 732 arrobas de café, 169 pipas de aguardente, seis barris de aguardente de cana, 38 escravos, 296 peças de riscado, sete peças de tecido de linho, 15 arrobas de fio de algodão, 11 arrobas de algodão em lã, 500 cântaros, 195 peles de veado curtidas, 504 alqueires de milho, 169 de amendoim, 81 dúzias de tábuas, 414 peças de madeira para construção, 6.520 ripas, 40 portas, 30 portadas, 36 mocós de cal, 4.000 telhas, 6.000 tijolos, e mercadorias da Europa. Santos exportou mercadorias no valor de 26:641\$800, a saber:

1.534 arrobas de açúcar branco, 848 arrobas de açúcar mascavo, 18 alqueires de farinha de mandioca, 76 alqueires de arroz, sete arrobas de café, 43 arrobas de fumo, dois barris de vinho, 43 pipas de aguardente de cana, 11 escravos, 4.739 varas de tecido de algodão, 17 sacos de fios de algodão, 200 alqueires de cal, 500 dúzias de ripas, 20 vigas, oito e 1/2 dúzias de gamelas e alguns artigos da Europa. As remessas feitas por Paranaguá elevam-se a 4:459\$500 a saber: 246 alqueires de arroz, 250 alqueires de mate, 282 cestos de mate, 14 arrobas de café, 30 arrobas de toucinho, dois escravos, duas mós (de moinho), 1.582 ripas, 184 dúzias de caibros, 206 1/2 dúzias de tábuas, 107 portadas, 415 vigas, nove barrotes de prumo, oito vergõntes, 149 1/2 mocós de cal. Vieram diretamente de Lisboa: sete pipas de vinho, 26 barris de vinho, 276 garrafas de vinho, 72 medidas de aguardente, 4.600 alqueires de sal, salsichas, chocolates e algumas tapeçarias da Europa e da Índia, 50 machados, 100 enxadas, 198 foices, montando tudo a 8:741\$410.

Porto forneceu 122 pipas de vinho, azeite, chapéus, machados, enxadas, quinquilharias, etc., num total de 22:648\$300. São Sebastião, na Província de São Paulo, enviou 86 pipas de aguardente de cana, 800 arrobas de açúcar branco, 90 arrobas de açúcar mascavo, 90 arrobas de café, 416 arrobas de fumo, oito escravos, alguns objetos de louça e mercadorias da Europa, totalizando 1:113\$310. Parati forneceu quatro pipas de vinho, 57 pipas de aguardente de cana, três barris de laranja, 38 arrobas de fumo, 15 arrobas de açúcar bruto, 26 arrobas de café, 30 alqueires de farinha de mandioca, 54 jacás de toucinho, algumas miudezas da Europa, perfazendo 431\$900. A Ilha Grande enviou 16 pipas de aguardente de cana, no valor de 960\$000. Campos de Goitacazes forneceu 87 pipas de aguardente de cana, quatro de melaço, 1.823 arrobas de açúcar branco, 506 arrobas de açúcar mascavo, 1.160 varas de algodão, 33 alqueires de arroz, tudo no valor de 9:458\$600. A Capitania do Espírito Santo forneceu 135 arrobas de fio de algodão, 540.000 1/2 varas de algodão, um escravo, 12 alqueires de arroz, num total de 720\$000. Rio São Francisco enviou 2.091 alqueires de farinha, 261 alqueires de arroz, dois carros de açúcar, 42 arrobas de café, 30 pés de ripas, 10 mocós de cal, 100 1/2 dúzias de ripas, tudo valendo 1:855\$000. Cananeia enviou 2.289 alqueires de cal, 93 dúzias de ripas, 34 vigas, no valor de 383\$500. Laguna forneceu 1.600 alqueires de farinha,

400 alqueires de amendoim, tudo no valor de 824\$000. Da ilha Boavista (Cabo Verde) vieram 7.930 alqueires de sal, no valor de 3:172\$000; e da ilha de Maio, 4.200 alqueires por 1.680\$000. Gibraltar forneceu 1.514 alqueires de sal, um de azeite, genebra, alguns presuntos e um pouco de papel, totalizando 901\$600. De Cadiz vieram 1.568 alqueires de sal no valor de 620\$000. De Filadélfia, 30 alqueires de sal, genebra, uma pequena quantidade de vinagre, alcatrão, alguns móveis, no valor de 624\$000. De Guernesey, 10 pipas de vinho, 600\$000; vinagre, cerveja, louças, vidros, no valor de 160\$000. De Nova Iorque, 1.800 alqueires de sal, 10 pipas de genebra, 1/2 pipa de aguardente, objetos de porcelana, alcatrão e móveis, valendo 2:653\$000.

RIO GRANDE, 15 de setembro. – O major Mateus da Cunha Teles, em cuja casa está hospedado o conde, ofereceu-lhe hoje um baile; estava menos concorrido do que os anteriores, apesar disso contei cinquenta e poucas mulheres, todas vestidas com muita elegância e bom gosto. Os homens eram em menor número que as mulheres e, para que estas dançassem, era preciso rogar-lhes com insistência; nada tenho a acrescentar às observações já feitas sobre elas. São, na maioria, de pele branca, coradas, olhos e cabelos negros; algumas bonitas, mas todas sem atrativos; portam-se mal, e são para com os homens muito desembaraçadas, ou excessivamente tímidas. Em geral, porém, parecem ter presença de espírito e, à vista da pouca educação que recebem, é de se admirar que conversem tão bem. Quanto aos homens, são poucos solícitos junto às senhoras, falam-lhes raramente e não mostram o menor desejo de lhes ser agradáveis.

À meia-noite, as senhoras passaram a um salão onde foi servida a ceia, sendo acompanhadas pelo conde, seu ajudante de campo, dois ou três cavalheiros e por mim. O conde ofereceu o braço a uma dama, nós o imitamos, mas as senhoras deste lugar, pouco habituadas a essa gentileza, só acederam visivelmente contrafeitas.

A ceia compunha-se de prodigioso número de pratos que cobriam completamente a mesa, mas todos muito bons. Após a refeição passaram todos para uma outra sala, onde foi servida magnífica sobremesa. Esse hábito de servir a sobremesa em sala diferente da de jantar ou de ceiar é comum nos banquetes. Como nos outros bailes a que assisti, havia neste

vários padres, entre os quais o cura da paróquia, acompanhado de sua sobrinha e de suas filhas adotivas.

RIO GRANDE, 16 de setembro. – Como já disse, cultivava-se a cana-de-açúcar na serra de Santo Antônio, ao norte de Porto Alegre; e, também, a mandioca nos arredores dessa cidade, mas, caminhando para o sul, essas plantas não medram. Assim, Porto Alegre deve ser considerada o seu limite meridional. A cultura do algodão estende-se um pouco mais longe, produzindo ainda muito em Canguçu, nas margens da lagoa dos Patos, mas o algodão que ela dá é de qualidade inferior. Ao chegar aqui, o conde recomendou ao sargento-mor Mateus da Cunha Teles que me proporcionasse os meios de transporte até Montevidéu, tendo este se prontificado, na presença do conde, a se encarregar disso. Entretanto, até à partida do conde para Santa Teresa, nada me disse a respeito, e como sempre o vejo atarefado, não ousei falar-lhe de mim. Mas, depois que o conde partiu, eu soube que ele me destinara uma carroça perfeitamente equipada, que, aliás, tinha sido preparada para ele.

Durante a ausência do conde, fiquei só com o sr. Mateus; fizemos íntima camaradagem e, no momento oportuno, lhe falei da minha partida. Respondeu-me que, quando eu quisesse pôr-me a caminho, bastava preveni-lo com alguns dias de antecedência. Neste ínterim, fui a São Francisco de Paula, e até à minha volta ignorava de que modo faria a viagem. Aqui chegado, expliquei-me francamente com o sr. Mateus e soube, então, que ele desejava emprestar-me, se fosse necessário, a sua carroça, seus negros e seus bois, para ir até Santa Teresa ou até mesmo mais longe. Sinto-me constrangido com tamanha generosidade, que muito deve incomodar o sr. Mateus; entretanto, sou obrigado a aceitar seus oferecimentos, porque não há quem me queira alugar uma carroça nem bois. Além disso, o conde de Figueira fez-me presente dos cavalos de que necessito, e ainda está tratando de arranjar um bom soldado para acompanhar-me.

RIO GRANDE, 17 de setembro. – Mais um baile, e é o conde que oferece. Tudo transcorreu como nos anteriores. O uso de trocar brindes leva sempre os convivas a excessos e, após a ceia, ficam geralmente mais do que alegres.



Faço para esta viagem consideráveis provisões, pois me afirmaram que, excetuada a carne, nada acharei até Montevidéu. Fazem-me crer que depois de Santa Teresa não encontrarei meios de transporte.

As pereiras estão atualmente em flor; os pessegueiros despídos; os marmeleiros se cobrem com as primeiras folhas; percebem-se os botões nas laranjeiras.

O homem, em cuja casa foi recebido o conde, à sua chegada, chama-se, como disse, Mateus da Cunha Teles. Nasceu na ilha dos Açores, fez fortuna neste país e foi promovido a sargento-mor; é sócio de João Rodrigues numa empresa de couros. Pareceu-me de temperamento muito simples, é liberal e magnífico para com os hóspedes; fez, em diversas circunstâncias, imensos sacrifícios pelo rei; é quem recebe todos os oficiais que vão a Montevidéu, e até hospedou, em sua casa, durante quarenta dias, todo o estado-maior do barão de Laguna. Possui duas casas, uma muito pequena, onde mora, e outra muito maior, de um só andar, destinada, exclusivamente, aos hóspedes.

É uma casa mal repartida, como todas as casas portuguesas. Os quartos de dormir são sempre pequenos compartimentos escuros que se comunicam com grandes salas; entretanto é mobiliada com o luxo das nossas mais belas casas da Europa, podendo-se sobretudo citar a sala de visitas como modelo de elegância. Desde que chegamos, a mesa não tem sido servida com menos luxo. Um vinho do Porto delicioso brilha em garrafas e copos de cristal, as iguarias são servidas em pratos de finíssima louça inglesa, e a sobremesa em pratinhos de porcelana. A comida é excelente, e muito variada; quase que, em cada refeição, dois terços das iguarias ficam intactas; ninguém lhes toca. A despesa que o sr. Mateus tem feito, desde que estamos em sua casa, deve ser considerável, pois tudo é extremamente caro no Rio Grande, e o conde traz em sua comitiva mais de trinta pessoas, da qual uma grande parte aqui permaneceu durante sua viagem a Santa Teresa.

RIO GRANDE, 18 de setembro. — O conde seguiu, hoje, para a freguesia de São Francisco de Paula, com o sr. Lemos, seu ajudante de campo, e o sargento-mor Mateus. Como não tornarei mais a vê-lo, apresentei-lhe as minhas despedidas, não sem grande pesar, pois, em dois meses de convívio, não cessou de me testemunhar sua amizade. Terei muitas saudades, também, do sr. Lemos, militar honrado, alegre, de extrema bondade,

que procurou sempre, como o conde, prestar-me toda a sorte de obséquios, e a quem me afeiçoei de um modo particular. Quando aqui chegamos, disse-me o conde que poria à minha disposição dois soldados para me acompanhar na viagem que vou empreender. Agradei-lhe muitíssimo, mas só aceitei um, porque nada adiantaria, para minha tranquilidade, aumentar minha comitiva.

Um paulista, chamado Teixeira, filho do proprietário de Cocambaí, desejava, ardentemente, acompanhar-me, mas sua grande amizade para com José Mariano obrigou-me a recusá-lo. Deram-me um voluntário do Rio Grande, que começou por me pedir dinheiro, o que não é muito bom sinal.

.....

## *Capítulo V*

ARROIO DAS CABEÇAS – O TENENTE VIEIRA – CÃES DE GUARDA DOS REBANHOS, CHAMADOS OVELHEIROS – ESTÂNCIA DO SILVÉRIO – INVASÃO DAS AREIAS – CULTURA DO TRIGO – ESTÂNCIA DO VELHO TERRAS – ESTÂNCIA DE JOSÉ CORREIA – O MATE – OS CAMPOS NEUTRAIS – PROPRIEDADE DISPUTADA – ESTÂNCIA DA TAPERA – ESTÂNCIA DE JOSÉ BERNARDES – ESTÂNCIA DE FRANCISCO CORREIA – ESTÂNCIA DE MÉDANOS-CHICO – ESTÂNCIA DO CURRAL GRANDE – CHIRIPÁ – OFTALMIAS CAUSADAS PELA AREIA – JEREBATUBA – O SR. DELMONT, FRANCÊS – RENDIMENTOS DAS ESTÂNCIAS, SEGUNDO OPINIÃO DELE – ESTÂNCIA DO XUÍ – ESTRADOS – CULTURA DO MILHO – BODES – RIO E SERRA DE SÃO MIGUEL – BELA PAISAGEM – FORTALEZA DE SÃO MIGUEL – MORRO DA VIGIA – ESTÂNCIA DE ÂNGELO NÚÑEZ, LUGAR DESTINADO À FORMAÇÃO DE UMA ALDEIA – XUÍ – O CAPITÃO MANUEL JOAQUIM DE CARVALHO – LIMITES ENTRE O RIO GRANDE E O URUGUAI.

**A**RROIO DAS CABEÇAS, 19 de setembro, três léguas. – Ao cair do sol, o termômetro registrava 12 graus. Deixei, hoje, o Rio Grande, onde passei um mês muito agradável, em boa companhia, alimentando-me bem e tratado por todos com a maior consideração. Era tempo, entretanto, de partir, pois o repouso das cidades me torna indolente; trabalho, mas com extrema lentidão e, podendo dispor de todo o meu tempo, aproveitei-o menos. Ao contrário, o movimento das viagens me anima e, como tenho

raros momentos de folga, procurei desfrutá-los bem. Antes de sair do Rio Grande, entreguei três caixas de pássaros e mamíferos ao major Mateus, pedindo-lhe que as fizesse chegar às mãos do major João Pedro de Sousa Ferreira em Porto Alegre; deixei-lhe, também, a mala cheia de papel para secar as plantas e outros pequenos objetos, para que ele me enviasse a Montevidéu, endereçado ao padre José Gomes Ribeiro, a quem estou recomendado.

No momento da partida, o conde me presenteou com quatro excelentes cavalos, principalmente o que monto. Um sem-número de incidentes, que surgem quase sempre quando começo uma viagem, retiveram-me no Rio Grande até às onze horas. Após algum tempo, José Mariano convidava-me a passar, quando saísse desta cidade, pela estância do tenente José Vieira, em cuja casa se hospedou um mês, a matar e preparar pássaros. Desejando agradecer ao tenente, acedi aos desejos de José Mariano, que foi, durante toda a viagem de uma amabilidade a que já não estava acostumado.

Deixamos a carroça seguir o caminho direto e tomamos a dianteira, por um outro rumo, contornando quase sempre a Mangueira; caminhamos durante muito tempo sobre um gramado muito fino, mas tínhamos, à direita, montões de areia pura, no meio dos quais só crescia o senécio nº 1.853 bis, chamado mal-me-querer, no Rio Grande.

Ao cabo de duas léguas, chegamos à casa do tenente Vieira, situada junto à extremidade do istmo que separa a Mangueira da lagoa dos Patos. É recém-construída, coberta de telhas e muito bonita. Fui introduzido num salão bem mobiliado e, em seguida, o proprietário conduziu-me ao terraço, construído no telhado, donde se avistam a Mangueira, Rio Grande e uma imensa área da região; esse panorama, entretanto, nada tem de agradável, porque a vegetação apenas se mostra no campo em pequenos intervalos e por toda parte, imensos espaços, cobertos de uma areia fina e esbranquiçada. A casa do tenente Vieira é inteiramente cercada de areia, obrigando-o a ocupar, continuamente, os negros a desentulhar seu jardim.

Após deixarmos o tenente Vieira, dirigimo-nos, através dos campos, à casa onde parei e já havia pernoitado, quando acompanhava o conde de Figueira, no começo de sua viagem a Santa Teresa. Essa casa pertence a

um particular do Rio Grande, chamado Justino, que a habita temporariamente. No momento não se encontrava; pedi permissão a seu capataz para ficar na casa; a princípio recusou-me, mas, dando-me a conhecer e lembrando-lhe que já dormira ali, por ocasião da passagem do conde, as portas me foram abertas. O tenente Vieira possui um rebanho de ovelhas que, como os demais da região, permanece sempre nos campos, mas é guardado por um desses cães, chamado ovelheiro, de que fala o abade Casal.

Eis o que me contou o tenente sobre esses animais. Toma-se um cachorrinho, antes que tenha aberto os olhos, separa-se da mãe, obriga-se uma ovelha a amamentá-lo, e constrói-se-lhe um pequeno abrigo no meio do rebanho. Os primeiros seres vivos que se oferecem à sua vista são os carneiros; o cachorro acostuma-se a eles, toma-lhes afeição e erige-se em seu defensor, repelindo com valentia os cães selvagens e outros animais que os vêm atacar. Habitua-se a vir comer pela manhã e à tarde na estância; além disso, nunca mais abandona o rebanho e, quando as ovelhas se afastam da casa, priva-se até de alimento para acompanhá-las.

ESTÂNCIA DO SILVÉRIO – 20 de setembro, cinco léguas. – A casa do sr. Justino não passa de uma cabana, mas seu pomar, muito bem cuidado, é um dos maiores que tenho visto no Brasil. Em Minas e Goiás, um pomar quase sempre configura apenas uma nesga de terra, onde se acumulam, sem ordem, laranjeiras, cafeeiros, bananeiras, para os quais não se toma nenhum cuidado. Os pomares que conheci até agora na Capitania do Rio Grande em nada se assemelham, é verdade, àqueles lugares deliciosos, onde, em nosso país, a arte embeleza a natureza e onde tudo é consagrado ao prazer dos olhos; porém ao menos aqui se encontram ordem e simetria; veem-se poucas flores, mas as árvores frutíferas e várias hortaliças exóticas, tais como diversas espécies de couves, alfaces, ervilhas, são muito encontradas; no pomar do sr. Justino, as árvores estão dispostas em quincôncio e muito bem alinhadas; os próprios legumes são plantados com simetria e o terreno, bastante limpo. O sr. Justino observa, para com suas árvores frutíferas, uma prática digna de elogio e que não pode deixar de ter felizes resultados – é a de enxertar as mesmas espécies umas nas outras. A vizinhança da cidade permite-lhe tirar compensação bastante considerável na venda de seus frutos e legumes, e o rio Grande lhe fornece um meio de transporte fácil.

É de notar-se que, para cuidar desse pomar, emprega ele doze negros e, no entanto, três jardineiros franceses seriam suficientes para cultivar muito melhor tal espaço de terra. Os negros são por sua natureza pouco ativos; quando livres, geralmente não trabalham senão o estritamente necessário para não morrerem de fome; quando obrigados pelo temor, trabalham mal e com excessiva lentidão.

Comecei hoje a viajar pela península que separa a lagoa Mirim do mar, e se estende na mesma direção que esse outro istmo, situado entre o oceano e a lagoa dos Patos. O terreno que hoje percorri, mais chato que nossas planícies de Beauce, não oferece a mínima ondulação; durante alguns instantes, atravessamos areais, mas, em seguida, caminhamos, sempre sobre um relvado muito raso; contudo, principalmente à direita, percebíamos ao longe extensos areais.

Apesar da igualdade do terreno, o aspecto do campo, onde pastam grande número de cavalos e bois, nada tem de monótono.

As casas são pouco afastadas umas das outras; veem-se aqui e ali pequenos bosques e, continuamente, passa-se diante de campos de trigo; excetuando duas casas cobertas de telhas, e entre as quais aquela onde pernoitei, todas as outras são cobertas de palha; pequenas, mobiliadas de maneira pobre e construídas de pau-a-pique. Causa admiração o contraste que apresentam as casas com o traje das mulheres que as habitam. Vi, à janela de uma dessas cabanas, uma encantadora jovem, cujos cabelos estavam penteados com gosto, e que trazia um vestido de indiana e fichu de seda.

As pastagens são muito menos verdes que as da Freguesia de São Francisco de Paula, porque o terreno não é tão úmido. Existe apenas um pequeno número de espécies com flores, e quase todas muito comuns; a oxális nº 1.874 enfeita os gramados de um vermelho agradável, e com ela se encontra, abundantemente, a cerástium nº 1.875, a anêmona nº 1.864, uma outra oxális nº 1.875-5, o cárex nº 1.875 ter, e a composta nº 1.875 quater, que, algumas vezes, quase ela só cobre espaços consideráveis. Como as que florescem na Europa, no começo da primavera, a maior parte das plantas que acho floridas é pequena e de consistência delicada.

As plantas que florescem, atualmente, possuem pouco crescimento, devido à pouca seiva que conseguem extrair da terra diluída em grande quantidade de água, e quase não recebem aquecimento dos raios

solares; portanto não se deve admirar serem elas tenras, pouco crescidas, exigindo considerável tempo para secarem no herbário. As plantas da Europa e as que neste momento colho aqui, sendo arrancadas e logo expostas ao sol, fenecem muito mais rapidamente que as da zona tórrida, porque estas últimas contêm, geralmente, muito menor parte aquosa. Em toda a região que hoje percorri, a terra apresenta uma mistura de areia e húmus de um pardo-escuro. Este solo, contudo, é pouco profundo; embaixo se encontra areia pura, fina e amarelada, semelhante à do Rio Grande e, como acontece que os animais frequentemente cavam a camada superior da terra vegetal, a areia toma, nesses casos, o lugar das pastagens. Assegurou-me meu hospedeiro que a extensão dessas pastagens diminui cada ano; é provável que outrora todo esse istmo tivesse sido coberto pelas águas, que se teriam retirado paulatinamente; quando tinham apenas profundidade rasa, eram invadidas pelas plantas aquáticas aí nascidas, formando a primeira camada de solo, depois encoberto pelas areias, aumentadas pelos detritos dos vegetais que sucederiam às plantas aquáticas.

De qualquer sorte, o trigo nasce perfeitamente nessas terras lavradas e, embora os sulcos não fiquem perfeitamente retos, como em nossos campos, admirei-me de achá-los tão bem traçados. Devido ao gado que se deixa errar livremente nos campos, há necessidade de cercar todas as culturas. Cava-se em redor um fosso profundo; do lado das plantações, moitas de verdura, à semelhança de pequenos muros que, de ambos os lados, descem em talude, feitas com grande cuidado; entre essas moitas plantam-se cactáceas e bromeliáceas de enormes folhas espinhosas, que se mostram em largas rosetas; e, ainda que estes vegetais cresçam pouco, formam espécies de sebes muito difíceis de transpor.

Ao chegar aqui, encontrei diante da casa todo o aparelhamento de uma parada militar. Soldados, deitados pelo chão, acabavam de jantar. Seus fuzis estavam ensarilhados. Os cavalos que deviam montar se achavam selados e enfrenados, e um número prodigioso de cavalos formava uma tropa de reserva. Como os poucos soldados que restavam a Artigas, após a batalha de Taquarembó, se haviam retirado para o norte de Entre-Rios, o trecho da fronteira vizinha de Santa Teresa de há muito não corre o risco de ser atacada. O conde de Figueira deu ordem às tropas que guarnecem esse forte de se retirarem, e permitiu aos soldados que encontrei aqui em minha

chegada para retornarem às suas sedes; pedi ao proprietário da estância para entrar em sua casa, mas disse-me ele que a mesma estava ocupada, sugerindo-me esperar pela partida dos militares. Retiraram-se estes ao fim da noite e, então, fui recebido na casa. Meu hospedeiro é um bom velho, cuja hospitalidade é notória na região. Ofereceu-me uma excelente ceia, serviu-me pão e vinho, e mandou preparar-me um bom leito. Sua casa é limpa, mas pouco mobiliada, as paredes são caiadas.

ESTÂNCIA DO VELHO TERRAS, 21 de setembro, cinco léguas. — O bom Silvério quis fazer-me almoçar esta manhã, e esta refeição, como a de ontem à tarde, era só composta de carnes. Nesta região ninguém come outra coisa. Carne assada, carne cozida, carne em guisado ou cortada em pequenos pedaços; sempre carne e, quase sempre, de vaca ou de boi. A região hoje percorrida é absolutamente semelhante à que ontem atravessei; igualmente plana, só oferecendo pastagens extremamente rasas, onde pastam numerosos animais. As casas são muito menos frequentes.

Cerca de duas léguas da Estância do Silvério, comecei a avistar, à minha direita, um grande lago que se estende paralelamente ao caminho. A quase uma légua daqui, parei alguns instantes numa estância situada às margens do lago, e que se compõe de algumas choupanas muito baixas, e construídas, ainda, de pau-a-pique. Fui recebido por uma senhora idosa, alegre, honesta, muito conversadora. Trajava-se como todas as mulheres da região. Apenas entrei na casa, fez-me servir dois mates e, segundo o uso, numa pequena cuia de ponta recurvada, onde estava enfiada uma bomba de prata. A casa fica defronte ao lago; está um pouco afastada e o terreno que a separa dele é declivoso, coberto de grossas árvores pouco altas, mas muito frondosas, separadas umas das outras. A seus pés crescem grandes cipós que, depois de se apoiarem contra seus troncos, enleiam-se em seus ramos, formando uma cobertura impenetrável aos raios solares. Um pequeno trecho do lago, que se percebe debaixo dessa ramagem, serve para atenuar o demasiado aspecto sombrio. Disse-me a dona da estância que o lago podia ter três léguas de comprimento, chamava-se lagoa de Caiová (talvez a que Casal denomina Cajubá), e que dá nome à estância. Conversando com esta senhora, perguntei-lhe como se adubava a terra para plantar o trigo. Outrora, respondeu-me ela, guardava-se o gado num curral, perto da casa, e transportava-se o esterco, em pequenos carros para as terras



que se queria semear; mas nestas partes da capitania, todos renunciaram a tal prática; hoje, cerca-se com estacas a parte do terreno que se vai cultivar, e aí se encerra o gado todas as tardes. Quando essa parte do campo já recebeu bastante estrume, transporta-se o cercado para mais longe e assim sucessivamente, até que o campo esteja inteiramente adubado.

Logo que saí da Estância de Caióá, um dos negros da carroça me informou que estavam carneando uma vaca, e ofereceu-me um pedaço dela; deu-me, muito gentilmente, uma enorme porção, sem aceitar recompensa em dinheiro; mas devo este favor, creio, ao fato de saber que mantenho estreitas relações com o conde, de quem espera receber algum obséquio. Apenas chegado ao lugar onde pernoitei, o meu soldado acendeu uma grande fogueira; cortou a carne em grandes nacos da espessura de um dedo, fez ponta numa vara de, aproximadamente, dois pés de comprimento, cravou-a em forma de espeto numa porção de carne, atravessou nesta outros pedaços de madeira em sentido transversal, para que ela ficasse bem estendida; enfiou o espeto obliquamente na terra, levando ao fogo um dos lados da carne e, quando o julgou suficientemente assado, expôs o outro lado ao fogo. Ao fim de um quarto de hora, o assado podia ser comido; era uma espécie de *beef-steack* suculento, mas extremamente duro. Na viagem que fiz em companhia do conde, já vira seus peões e soldados prepararem as refeições desse modo.

Parei numa choupana, construída de barro, como todas desta zona. Até que chegasse a noite, estive herborizando, e verifiquei que a lagoa de Caiová termina próximo da choupana; um pouco mais longe, outros dois lagos de extensão muito menor, sem nomes particulares, conhecidos sob a denominação geral de lagoa de Caiová. Os negros do major Mateus disseram-me residir perto daqui um homem que, antes de minha partida do Rio Grande, tinha sido encarregado por seu amo de me arranjar uma carroça, e que achara uma. Mandei vir esse homem; disse-me ele que efetivamente tinha encontrado alguém que estava disposto a conduzir-me até Montevideú por duzentos mil-réis; que escrevera sobre este assunto ao major, mas não obtivera nenhuma resposta. O sr. Mateus já me havia falado dessa proposta, tendo acrescentado, porém, que não era aceitável. Entretanto, como me asseguraram que teria muita dificuldade em encon-

trar uma carroça em Santa Teresa, e como me acho constrangido pela generosidade do major, estou decidido a alugar a carroça em questão.

ESTÂNCIA DE JOSÉ CORREIA, cinco léguas, 22 de setembro. – Ainda tomei dois mates antes de partir. O uso dessa bebida é geral aqui: toma-se mate no instante em que se acorda e, depois, várias vezes durante o dia. A chaleira cheia de água quente está sempre ao fogo e, logo que um estranho entre na casa, oferecem-lhe mate imediatamente. O nome de mate é propriamente o da pequena cuia onde ele é servido, mas dá-se também à bebida ou à quantidade de líquido contido na cabaça; assim diz-se que se tomaram dois ou três mates, quando se tem esvaziado a cuia duas ou três vezes. Quanto à planta que fornece essa bebida, chamam-na erva-mate ou simplesmente erva. A cuia pode conter cerca de um copo d'água; enche-se de erva até a metade e, por cima, põe-se a água quente. Quando a erva é de boa qualidade, pode-se escaldá-la até dez ou doze vezes, sem renovar a erva. Conhece-se que esta perdeu sua força e que é necessário mudá-la quando, derramando-se-lhe água fervente, não se forma espuma à superfície. Os verdadeiros apreciadores do mate tomam-no sem açúcar, e então se obtém o chamado mate-chimarrão. A primeira vez que provei tal bebida, achei-a muito sem graça, mas cedo me acostumei a ela e, atualmente, tomo vários mates seguidamente com prazer, até mesmo sem açúcar. Acho no mate um ligeiro perfume misturado de amargor, que não é desagradável. Muito se tem elogiado esta bebida; dizem que é diurética, combate dores de cabeça, descansa o viajor de suas fadigas; e, na realidade, é provável que seu sabor amargo a torne estomacal e, por isso, seja talvez necessária numa região onde se come enorme quantidade de carne, sem mastigá-la convenientemente. Aqueles que estão acostumados ao mate não podem privar-se dele, sem sofrerem incômodos.

Num espaço de cerca de duas léguas após a Estância do Velho Terras até Capilha, o terreno é absolutamente semelhante ao que atravesssei nos dias precedentes; é, também, plano e coberto de um relvado muito raso, onde florescem, ainda, as mesmas plantas que indiquei no diário de 20. No caminho, encontrei um homem que mora a trinta léguas daqui, e que voltava para casa, em companhia da mulher. Todos, nesta região, são exímios cavaleiros, razão por que fazem longas viagens a cavalo. Conversando com o homem de que acabo de falar, soube que em São Miguel,

em Santa Teresa e seus arredores havia um grande número de estancieiros completamente jejunos em religião; que muita gente jamais se confessou, e até se encontra mesmo quem, na idade de quinze ou dezesseis anos, jamais assistiu missa; o que não é muito de admirar, pois que, entre a fronteira e Rio Grande, somente se reza missa em Capilha, onde passei hoje.

Capilha é simplesmente uma aldeia, composta de algumas choupanas e de uma pequeníssima capela subordinada à paróquia do Rio Grande, mas sem capelão. Essa aldeia está situada numa posição muito agradável, às margens da lagoa Mirim. Silvério disse-me que sua casa ficava a cinco léguas do lago e a cinco do mar. Abaixo de Caiová, o istmo começa a se estreitar. Meus hospedeiros de ontem à tarde asseguraram-me que sua habitação ficava somente a duas léguas do lago, e a três do oceano; em Capilha, não há mais que duas léguas entre o lago e o mar. De Capilha até aqui, num espaço de três léguas, viemos sempre contornando o lago, caminhando por uma praia triste e monótona, coberta de areia fina e esbranquiçada.

Para além da praia, as areias amontoadas pelos ventos formaram uma fileira ininterrupta de montículos, sobre os quais crescem algumas árvores raquíticas, tais como a mirsínea, a figueira, o coentro. Por trás dos montículos, o terreno continua plano e coberto de pastagens.

A uma légua de Capilha, encontra-se o lugar chamado Taim, onde estão acampados alguns soldados. Outrora, Taim era o limite das divisões portuguesas. Do outro lado, os campos neutros (campos neutrais), que se estendiam numa extensão de trinta léguas, até a Estância do Xuí, onde começavam as possessões espanholas. Se é verdade o que me disseram, os campos neutrais foram, originariamente, povoados pelos portugueses, que, por força de um tratado, se viram obrigados a abandonar suas possessões. Homens pobres, vendo uma tão grande área de terras sem proprietário, sonharam aí se estabelecer, solicitando, para isso, a posse dela aos comandantes portugueses da fronteira. Esses, para não se comprometerem, recusaram-lhes autorização direta, mas se prontificaram a fechar os olhos a essa violação do tratado, e recomendaram aos agricultores procurarem entendimento com os comandantes espanhóis, que, por dinheiro, consentiam tudo. Assim foram os campos neutrais povoados pela segunda vez, pelos portugueses. Mas hoje, que essas terras são consideradas como

parte do domínio português, os primeiros donos se apresentam com títulos legítimos, concedidos pelo rei, e pretendem reaver suas terras, pois os últimos ocupantes ali se estabeleceram fraudulentamente, burlando assim o tratado.

Parece que as autoridades estão dispostas a decidir em favor dos mais antigos donos.

Pernoitei numa estância, cujo proprietário estava ausente, e onde só encontrei um negro. Esse homem alimenta-se apenas de carne, sem farinha e sem pão, como sucede a todos os escravos nesta região.

ESTÂNCIA DA TAPERA, 23 de setembro, três léguas. – Entre a região que percorri e o mar encontra-se um belo lago, muito estreito, de doze léguas de comprimento, e que, começando à altura de Tapera, se estende, paralelamente, à lagoa Mirim e ao mar, até ao capão do Franco, a uma légua e meia da Estância do Curral Grande. Nos mapas dá-se-lhe o nome de lagoa da Mangueira, mas na região é conhecida por lagoa do Albardão. É a lagoa Comprida, para o sr. Chaves. Da extremidade setentrional desse mesmo lago, vê-se um imenso banhado, que se dirige para as bandas do Rio Grande, e que, ao aproximar-se dessa cidade, disseram-me, divide-se em vários braços, cujo conjunto se parece com dedos da mão; outro banhado termina o lago na ponta sul, e se prolonga até Jerebatuba.

Chama-se banhado, como indica o nome, aos terrenos banhados por uma pequena quantidade d'água que, às vezes, se escoam. Neles crescem, ordinariamente, grandes ervas; são menos lamacentos que os pântanos propriamente ditos, e podem ser considerados como espécie de transição entre os pântanos e os lagos. Entre a lagoa da Mangueira e o mar, à altura da Estiva, junto à Estância do Velho Terras, o solo se eleva e forma uma espécie de corcova, que se estende à altura da estância de João Gomes. Essa elevação recebeu, devido à sua forma, o nome de Albardão, que significa albarda grande e, daí, a denominação de lagoa do Albardão. Tais pormenores obtive dos habitantes da região que me pareceram bastante instruídos.

Para completar essa pequena topografia, devo acrescentar que, ao chegar à Guarda de Taim, vadeei um regato, chamado arroio Taim, cujas nascentes se encontram na parte sul do banhado setentrional do lago do Albardão, e que estabelece comunicação entre esse lago e a lagoa Mirim.

O arroio das Cabeças, que corre perto da chácara do Justino, e deságua no rio Grande, não passa de um dos braços que termina esse mesmo banhado. Por conseguinte, o lago do Albardão se comunica, simultaneamente, com a lagoa Mirim e a dos Patos.

Quase imediatamente depois de deixarmos a estância de José Correia, atravessamos uma espécie de charco, chamado Passo Fundo do Curral Alto, onde a carroça passou com água até ao meio. Esse charco é a parte mais baixa do banhado que vem de Capilha e se comunica com o arroio das Cabeças. Aquém do passo, esse banhado divide-se em dois braços, entre os quais se acha a estrada. O braço da direita termina na estância de Tapera, onde pernoitei hoje; o da esquerda se prolonga paralelamente ao lago, até à sua extremidade meridional. É fácil calcular, de resto, que o comprimento e a profundidade dos banhados devem variar segundo a estação e, mesmo, conforme a quantidade d'água pluvial de cada estação.

As pastagens que atravessei hoje são mais crescidas que as dos dias precedentes, porque o gado não é aqui tão numeroso. A erva nova só começa a despontar no meio dos tufos dessecados. O terreno sempre plano.

Da casa em que pernoitei até aqui não vi nenhuma estância, além do Curral Alto. Como os bois do major Mateus começavam a ficar muito cansados, mandei o meu soldado a essa estância, para obter, mediante a portaria que trago, algumas juntas de bois. Quando cheguei, só me arranjaram duas juntas, e o proprietário se escusou por não ser possível me atender melhor, porque as tropas que acabavam de deixar Santa Teresa levaram-lhes as demais. Prontifiquei-me a pagar-lhe o que pedisse pelas duas juntas, mas nada aceitou, obrigando-me, até, a tomar duas xícaras de café. Esse homem, como muitos outros, aliás, lamenta-se muito dos vexames que lhes causam os militares, os quais, usando de violência, se apoderam dos cavalos dos estancieros, para, em seguida, vendê-los; outras vezes, também, apropriam-se de vacas, nos campos, matam-nas, para comerem um par de libra de carne, abandonando o resto.

A estância em que fiquei não passa de uma desprezível choupana, sem mobiliário, cercada de algumas senzalas. Logo que entrei, a dona da casa se ocupava em coser, acorçada sobre tábuas, colocadas em cima de pedras e cobertas por uma pele de carneiro. Estava bem apresentável e, ain-

da que tímida, respondeu às perguntas que lhe formulei. Todas as mulheres que tenho visto do Rio Grande a esta parte são bonitas. De olhos e cabelos negros e, ao mesmo tempo, muito brancas. Superam, certamente, as francesas pela beleza da tez corada. Manifestei ao meu hospedeiro o desejo de adquirir carne. Imediatamente, saiu à procura de uma vaca nos campos e abateu-a; deixou meu soldado escolher os pedaços melhores, sem olhar quais eram, recusando-se a falar em pagamento; contudo asseguraram-me que esse homem não é rico, o que, aliás, se comprova pela sua moradia e seu traje.

ESTÂNCIA DE JOSÉ BERNARDES, 24 de setembro, três léguas e meia. – Da estância da Tapera, avista-se a lagoa Mirim, mas seguindo-se o caminho, bem cedo perde-se de vista. O terreno que percorri hoje é sempre plano com pastagens. Como o gado é menos numeroso, a erva não forma aqui um gramado raso; cresce em tufos que ainda estão secos como em pleno inverno; não me lembro de ter visto uma só casa.

As matas são muito raras; apenas percebem-se, de longe em longe, algumas capoeiras ou pequenos capões de árvores raquíticas; não vi, hoje, mais flores nos campos que nos dias precedentes. Em geral a vegetação parece menos avançada. As plantas mais comuns, atualmente em flor, são: a anêmona nº 1.864, o cerástium nº 1.875, um outro cerástium, o cárex nº 1.875 ter e uma oxális vermelha, que não é a de nº 1.874. Revi hoje, surpreso, uma palmeira, que já me haviam mostrado em Palmares. Suas folhas são aladas e assemelha-se um pouco ao butiá, mas é mais alta, com o tronco mais grosso e inteiramente coberto de escamas, base das antigas folhas.

Segundo meu costume, enviei adiante meu soldado a pedir pouxada ao dono da estância, sendo muito bem acolhido. A estância de José Bernardes compõe-se, como todas as outras, da casa do dono e algumas casas de negros e de uma cozinha que forma uma choupana à parte, segundo o costume de quase todo o Brasil. A casa do estancieiro é coberta de palhas como as que vi depois da estância do Silvério: baixa como todas as outras, e construída também de pau-a-pique, construção esta usada em toda a região. Constituem o interior da casa duas peças: a sala e o quarto do proprietário, sendo este separado daquela apenas por uma cortina. A sala muito limpa, mas sem janelas, é apenas mobiliada por duas cadeiras

de assento de couro, uma mesa, um leito de madeira com fundo guarnecido de couro, como é uso geral, e, finalmente, um estrado sobre o qual a dona da casa trabalha acocorada, formado por tábuas pregadas sobre dois tocos de madeira. Perguntei a José Bernardes onde ele se abastecia de lenha e madeira, tendo respondido que acabara de comprar os destroços de um iate, há pouco tempo, naufragado em Capilha, mas que, ordinariamente, ele e seus vizinhos iam procurar lenha à margem do arroio d'el-Rei, a dois dias daqui, por viagem de carroça.

José Bernardes é filho de um velho contrabandista, que serviu de guia ao general Lecor, do Rio Grande a Montevideú, e que traçou o itinerário para minha viagem. Esse homem foi um dos primeiros a se estabelecer nesses campos, após o tratado que os declarava neutros. Logo que os portugueses se tornaram senhores absolutos da região, seu filho, José Bernardes, reclamou do marquês de Alegrete a terra que este ocupava e que nunca tinha sido doada a ninguém: seu protesto despertou no secretário particular do marquês a ideia de apossar-se desse terreno, e o pobre José Bernardes viu-se, em breve, obrigado a abandonar sua casa.

“Após o dia em que perdi minha mãe”, dizia-me ele, “não houve para mim outro mais triste que aquele em que deixei a choupana em que nasci.”

ESTÂNCIA DE FRANCISCO CORREIA, 25 de setembro, quatro léguas e meia. – É impossível ser melhor que José Bernardes; teve para comigo pequenos cuidados, sem que se tornasse importuno; deu-me duas galinhas, pão e farelo para meus cavalos, sem aceitar qualquer retribuição. Comprei, em Rio Grande, algumas quinquilharias para fazer presentes; mas, se continuo a receber tanta hospitalidade, em breve nada mais me restará.

Depois que deixei o Rio Grande, não cessou de soprar um vento cortante e muito forte; hoje, sobretudo, o tempo está desagradável, e o panorama dos campos mostra-se em harmonia com a tristeza do tempo. Um verdadeiro dia de inverno. Nos campos, sempre planos, a erva, de coloração parda, ainda está inteiramente seca; os próprios gramados ainda estão amarelados; as árvores, sem folhas, nem ao menos começaram a brotar, e quase nenhuma flor eu vi. À medida que me afasto do Rio Grande, a vegetação parece menos crescida; principalmente hoje é que a diferença

se tornou mais sensível. Quase não deixei de avistar o lago de Albardão. A meio do caminho, percebi em suas margens muitas de árvores um pouco mais consideráveis que todas as demais até agora vistas. Duas ou três casas, sempre cobertas de palha. Ainda butiás esparsos pelos campos.

Como meus bois não podiam mais prosseguir, mandei, a uma légua daqui, meu soldado procurar outros numa estância, seguindo-lhe eu muito de perto.

A casa pertencia a uma viúva, a quem ofereci uma retribuição pelo trabalho dos seus bois, o que ela recusou, pedindo-me somente que não os levasse além da estância onde devo pernoitar. Esta senhora estava ocupada em fiar lã, para fazer esses ponchos grosseiros, destinados aos negros, e que se empregam, também, à guisa de chiripá<sup>1</sup>.

Mostrou-me, também, um pano de linho, feito com perfeição. O linho foi produzido em seu terreno, fiado e tecido em sua casa; para adubar a terra onde cultivava essa planta, serve-se do meio que descrevi no diário de 21.

Parei numa estância que se compõe de miserável choupana toda aberta, e de algumas casas de negros. Esta casa é ocupada por um moço e tudo nela se encontrava na maior desordem.

ESTÂNCIA DE MÉDANOS-CHICO, 26 de setembro, cinco léguas. – Fui, ainda, obrigado a arranjar bois em casa de Francisco Correia, mas não os conservei por mais de duas léguas. Antes de partir, ofereci a este homem pagar-lhe o serviço dos bois; mas, como não me respondesse, nada desembolsei. Continua a mesma planície.

Há três dias que as pastagens não se apresentam mais rasas; mas a erva mostra-se inteiramente seca, e as flores continuam a ser extremamente raras; as poucas que se veem pertencem sempre às mesmas espécies. Os bosquetes tornam-se, cada dia, menos frequentes; suas árvores são tortuosas e de galhos muito estendidos. Observei que aqui apenas a décima parte delas não perdeu as folhas durante o inverno, e que os novos brotos ainda não apareceram; as árvores que conservaram a folhagem são as de folhas duras e de coloração verde carregado. Entre elas notei as mirtáceas, as mirsináceas, a onagrácea nº 1.886, a combretácea nº 1.885, o

---

1 Ver diário de 27 de setembro.



coentro, que floresceu durante todo o inverno, etc. Não devo esquecer a nictaginácea nº 1.850, arbusto que se encontra nos bosques e em todas as capoeiras, e que se mantém florido, desde o começo do inverno. É de notar que, atualmente, os campos estão secos, como em França daqui a um mês, aproximadamente. Mas aqui veremos, dentro de algumas semanas, os campos se cobrirem de nova verdura, ao passo que em França isso só acontecerá com a chegada do inverno. Assim o outono e a primavera da vida se parecem: ambos oferecem os mesmos sinais de fraqueza; esta é embelezada pela esperança, e o outro não inspira senão temores.

Vejo sempre, à esquerda, o caminho do lago do Albardão, donde se avista mesmo a outra margem dele. Não existe casa alguma. A estância onde me instalei compõe-se de uma choupana, habitada pelo dono, de outra para os escravos e de um alpendre que guarda os utensílios agrários. Fui recebido numa sala, cujo mobiliário consiste apenas em duas camas de madeira, um banco e uma mesa. Depois da casa do Silvério, não vi nenhum pomar, mas perto de todas as estâncias encontram-se um ou dois campos de trigo, cercados da maneira que já descrevi.

À medida que se caminha para o sul, as terras tornam-se mais propícias à cultura do trigo; perto do Rio Grande não se colhe mais que trinta a quarenta por um. Aqui, já o rendimento vai de oitenta a cem por um. Meu hospedeiro me informou que, adubando-se a terra, pode ela produzir durante quatro anos seguidos, e até mais, sem que seja necessário nova adubação e, se ao fim desse prazo for de novo adubada, poderá ainda produzir por mais quatro anos. Nas terras novas, amanha-se até cinco vezes, antes das sementeiras, que se fazem em junho. Colhe-se em janeiro; a colheita se faz neste mês por meio de foicinhas. Todos os lavradores queixam-se da ferrugem. O trigo foi vendido, ano passado, a quatro francos o alqueire. Atualmente os agricultores ocupam-se em lavrar a terra para o plantio do milho e do feijão, que serão colhidos em janeiro. Tanto quanto pude disso lembrar-me, as espigas de milho, aqui, não passam da metade do tamanho das que em Minas se colhem.

Assim que cheguei a essa estância, um soldado da Legião do Rio Grande me foi apresentado, dizendo que estava às minhas ordens. Imaginei que era simples cortesia e não lhe prestei grande atenção, mas, pouco depois, José Mariano me declarou que este homem fora enviado pelo conde para

acompanhar-me. Chamei-o e, de fato, confirmou o que José dissera. O sr. Lemos dera-lhe ordem de vir a meu encontro, mas não lhe entregou carta alguma de apresentação; desse modo não sei, verdadeiramente, qual a sua finalidade. Teria o conde julgado incapaz o primeiro soldado que me acompanha? Ou seria o segundo destinado a substituí-lo? Devo conservá-los ambos? Ignoro. Mas estou mesmo convencido de que um soldado já é demais à minha comitiva, numa região tão hospitaleira como esta. Estes homens apresentam-se com autoridade; intimidam os agricultores, cometem, às vezes, violências, e nada desejo dever nesta viagem, senão a mim mesmo, ao meu dinheiro e à benevolência dos habitantes da capitania. De qualquer modo pretendo trazer comigo esses dois militares até à casa de um francês, chamado Ambroise Delmont, residente a dois dias de viagem daqui e, como esse patrício conhece melhor que eu a região, me guiarei pelos seus conselhos.

Vi anteontem o primeiro rebanho de carneiros; era considerável, mas sem cão de guarda e sem pastor. Disseram-me que depois de Taim, muitos agricultores possuem rebanhos.

A pouca distância da casa de José Bernardes, há uma espécie de pequeno lago, que se comunica com o de Albardão. Este senhor me informou que outrora o lago não passava de um banhado; mas que o gado, à força de aí andar, cavou a terra, espalhando a água do lago. Afirmaram-me que duas léguas separam a lagoa Mirim da estância de José Bernardes. Da casa da viúva Inácio, onde consegui os bois, contam-se três léguas até ao lago e duas até ao mar; enfim, asseguraram-me haver quatro léguas entre a estância de Francisco Correia e a lagoa Mirim.

ESTÂNCIA DO CURRAL GRANDE, 27 de setembro, quatro léguas.  
– O terreno continua plano e somente com pastagens; as árvores tornam-se cada vez mais raras. A erva dos campos alta e seca como nos dias precedentes. Por toda parte, nenhuma flor; o gado e os cavalos menos numerosos. Após o Rio Grande, uns e outros são pequenos e de raça ordinária, principalmente os cavalos; viajo apenas há nove dias; não fiz senão pequenas jornadas, e os meus animais já se acham estafados. Não acostumados a comer sal nem milho, esses animais querem apenas as pastagens, que secas não lhes dão resistência alguma. Além disso, os meus empregados só fazem galopar e correr nos campos, atrás dos bois de reserva; mas nada se pode dizer, porque, nesta região, ninguém se incomoda por causa de cavalos.

Um cavalo, entretanto, é objeto de valor, pois que um de boa raça não custa menos que quarenta francos (*demi-double*).

Pernoitei numa estância dotada de algumas choupanas próxima a um campo de trigo. Instalaram-me numa casinha isolada, onde havia uma cama de madeira e que serve de celeiro. Depositam o trigo colhido em grandes vasilhames, e dependuram aos caibros da choupana molhos de espigas de milho.

Após o chá, estive herborizando num mato pantanoso, que cresce perto da estância. As árvores que o compõem são muito grandes, desprovidas de folhagem, sem brotos, ramos tortuosos e estendidos. Sob elas, pequenos arbustos com folhas e, aos seus pés, crescia uma erva que apresentava no momento bela coloração verde. Esse bosque lembra-me os de meu país, ao começo da primavera. Uma *cerástium*, aqui muito vulgar, parecida com a *estalária* francesa comum, auxiliou, ainda, a ilusão. Ao voltar de minha herborização, chamaram-me para ver amamentar cãezinhos, destinados a ser ovelheiros. As ovelhas estavam presas no curral; pegaram uma delas, logo derrubada de lado e imobilizada por dois homens. Puseram junto dela dois cachorrinhos, que se precipitaram às tetas, chupando-as com avidez. Depois soltaram a ovelha; e os cãezinhos foram encerrados, com alguns cordeiros, numa casinhola, colocada no meio do curral. Fazem amamentar esses animais duas vezes ao dia e, quando começar a comer, tem-se o cuidado de só lhes dar carne cozida, para que não devorem os cordeiros.

Já vi espanhóis nesta estância. Trazem o chiripá, espécie de cinta que desce até os joelhos, à maneira de uma pequena saia, e que é feito do mesmo tecido grosseiro dos ponchos.

Firmiano me disse outro dia: “Se minha mãe estivesse viva, eu não o acompanharia, porque ela choraria quando me visse partir, e eu ficaria com ela.” Estas palavras, em boca de um homem tão grosseiro, significaram para mim cruel reprovação.

A areia que o vento atira continuamente aos olhos das pessoas produz, no Rio Grande, oftalmias muito frequentes.

JEREBATUBA, 28 de setembro, três léguas. – Como não havia bois na estância do Curral Grande, mandei um de meus soldados procurá-los a uma estância vizinha. Pouco depois voltou, dizendo-me que o proprietário

da estância estava pronto a me emprestar algumas juntas até o Xuí, mas sob a condição de lhe dar um atestado, declarando tê-lo requisitado. Aceitei a proposta; o homem trouxe-me os bois e, inutilmente, ofereci-lhe uma recompensa. Tal generosidade não é, contudo, muito meritória, porque, no momento, os bois e carroças da região são constantemente requisitados para conduzir ao Rio Grande a bagagem das tropas que estão em Santa Teresa, e o estancieiro com quem acabava de falar, emprestando-me os bois, livra-se de um prejuízo maior.

A região é sempre plana e coberta de erva seca; a vegetação também pouco desenvolvida, a mesma ausência de flores; raras árvores; algumas casas, simples choupanas. Na primeira metade do caminho, vi, continuamente, o lago do Albardão e os montículos de areia que o margeiam do lado do mar.

A estância onde parei pertence a um francês, chamado sr. Delmont. Confirmou-me tudo o que tenho escrito nestes últimos dias sobre a cultura das terras e disse-me que, quando se lavra uma terra virgem, inicia-se plantando geralmente milho. Próximo de quase todas as estâncias planta-se abundantemente uma desenvolvida gramínea, chamada cana-do-reino e que julgo ser arundo donax. Com seus caules fazem-se rocas. Usam-na, ainda, como grades para secagem dos queijos; enfim empregam-na à guisa de latas.

JEREBATUBA, 29 de setembro. — Permaneci aqui, hoje, por solicitação do sr. Delmont. Após o jantar, diversos viajantes passaram pela estância. Foi-lhes servido mate, e eles tornaram a montar a cavalo, seguindo viagem quase sem falar. Os viajantes têm nesta região o costume de apear em todas as casas que encontram, para beber mate. Hoje, à tarde, saí a passear num pequeno bosque, situado perto da estância, num vale úmido e fiquei novamente deslumbrado com a semelhança desse bosque com os da Europa, ao início da primavera. As árvores são despidas de folhas. Sob elas cresce o pau-d'água, que conserva as suas e que, frequentemente, não ultrapassa a altura de um arbusto. A erva oferece esse verde tenro que tanto encanta os nossos bosques e prados no mês de maio. A encantadora liliácea nº 1.897 é de um azul tão agradável como nossa pervinca, mas é mais graciosa. A seu lado cresce o geranium nº 1.899, que, talvez, não seja outra coisa senão a erva-de-são-roberto; enfim cerástium se assemelha, como já tive ocasião de dizer, à estelária francesa.

Julga o sr. Delmont que os estancieiros não podem vender anualmente um número de reses superior à décima parte dos seus rebanhos, acrescentando que seu sogro, possuidor de uma considerável estância, perto do Rio Grande, fica satisfeito quando vende 400 reses, possuindo de seis a sete mil delas; enfim disse-me que ele mesmo, proprietário de 600 animais, tinha marcado 132, no ano passado. Marca-se o gado com um ano de idade, e vende-se com três a cinco anos; por conseguinte perde-se e consome-se muito neste espaço de tempo. Muitas pessoas garantiram-me em Porto Alegre e arredores que os estancieiros podiam vender a quinta parte do gado, o que acho impossível não ser isso falso nessa região, mas o mesmo não acontecerá do Rio Grande até aqui. O que prova haver essa diferença é o fato de que, em Boavista, me informaram que as vacas geram anualmente nas várzeas, e o Sr. Delmont assegurou-me que elas aqui só procriam com espaço de três a três anos. Nesta região deixam-se os cavalos e os jumentos em plena liberdade nos campos, reproduzindo-se a seu bel-prazer<sup>2</sup>.

ESTÂNCIA DO XUÍ, 30 de setembro, cinco léguas. – Região completamente plana e coberta de pastagens onde a erva está seca. Nenhuma árvore sequer. À direita, ao longe, a serra de São Miguel; à esquerda o mar, cerca de meia légua do caminho, mas que se avista, de tempo em tempo, ao longe. O sr. Delmont quis, a todo o custo, acompanhar-me até aqui. A três léguas de sua estância, entramos numa casa, a única que encontramos em todo o percurso. Senhoras, cercadas das mais lindas crianças do mundo, trabalhavam com agulhas, agachadas sobre um estrado, elevado do chão cerca de um pé, e sobre o qual estavam estendidas peles de carneiro. Esses estrados são de uso geral. Constituem móvel essencial numa sala. Veem-se, além disso, uma mesa, duas cadeiras e algumas vezes uma cama de madeira, destinada aos hóspedes. Os donos da casa dormem num pequeno quarto separado. As casas aqui nunca têm soalho nem forro.

Um pouco antes de chegar ao arroio Xuí, entramos numa outra choupana, muito mal arranjada. Em seguida tornamos a montar a cavalo e chegamos ao arroio Xuí. Este se comunica, numa de suas extremidades, com o lago do Albardão e, na outra, com o mar. Serve como que de esgoto

---

2 O sr. Chaves diz que o estancieiro possuidor de dez mil reses não marca ordinariamente mais de seiscentas.

dos banhados vizinhos. Quando suas águas aumentam, formam torrentes e lançam-se no mar; mas, logo que diminui de volume, as areias entopem sua embocadura, tornando-o estagnado durante meses.

No lugar por onde se atravessa o arroio, é ele margeado por arbustos, sob os quais a vegetação é tão fresca quanto a dos bosques de que falei ontem e no diário de 27. Isso prova de sobejo o que dizem os habitantes da região, a respeito do estado atual das pastagens tão secas, consequência da falta de chuva durante o ano. Paramos em uma estância situada do outro lado do arroio, pertencente ao cunhado do sr. Delmont. A dona da casa convidou-me a cear e, pela primeira vez depois que estou nesta capitania, vi rezar após a refeição, e as crianças pedirem a bênção à sua mãe. Do Rio Grande até aqui esta casa e a de Silvério são as únicas em que há pequenos oratórios, encontrados por toda a parte da Capitania de Minas. São colocados, entretanto, no quarto de dormir dos proprietários, onde o estranho nunca entra. Aqui se passa o arado sobre a terra tantas vezes quantas forem necessárias para torná-la fofa. Quando digo que se fazem três a cinco lavouras, nelas incluo a destinada à cobertura das sementes. Planta-se o milho em quincôncio, e deixam-se aproximadamente três palmos de distância entre os diferentes pés. Duas das lavouras reservam-se para a época em que o milho já atingiu cerca de palmo e meio de altura, tendo-se o cuidado de colocar nos bois pequenas mordanças para não comerem as plantinhas.

SÃO MIGUEL, 1º de outubro. – Parti, hoje, de Xuí acompanhado de Firmiano e de meu segundo soldado, com o intuito de procurar o comandante do distrito e perguntar-lhe se era possível alugar uma carroça nas vizinhanças, que de lá me conduzisse à serra de São Miguel. Após ter percorrido duas léguas, atravessando pastagens, onde não se avista uma só árvore, cheguei à casa do sr. J. Rodrigues, cuja residência, situada a légua e meia de lá, não passa de uma pobre choupana. Fez-me tomar mate e conversamos durante muito tempo. Assegurou-me que, no momento, não havia nenhuma carroça nos arredores daqui, mas ao mesmo tempo me prometeu escrever a um espanhol, morador em Santa Teresa, a fim de persuadi-lo a alugar-me a sua carroça; e acrescentou que, caso ela não estivesse disponível, poderia aproveitar uma das que vão atualmente a Santa Teresa, para o transporte da bagagem das tropas. O comandante confirmou o que eu já sabia a respeito

da desordem reinante há muito tempo nesta parte da capitania, e é fácil ter-se uma ideia do ocorrido, quando se considera que toda esta região é uma conquista recente, cuja posse ainda não está assegurada; que fica muito distante da residência do capitão-geral, e que é regida por um governo militar.

Da casa do comandante dirigi-me a São Miguel, guiado pelo meu soldado, atravessando pastagens, sem seguir por estrada. Vi, nesse percurso de apenas três léguas, grande número de cabritos. Nesta região, onde se despreza a caça exercida como simples distração, esses animais se multiplicam muito e são pouco ariscos. O mesmo acontece às perdizes que, desde o Rio Grande, se encontram em abundância. As pastagens que hoje percorri são de melhor qualidade que as por mim já vistas, nos dias anteriores, e a erva um pouco menos seca. Nas mais úmidas encontrei várias espécies de vicia e o *lathyrus* n° 2.006<sup>3</sup>.

Um pouco antes de chegar à serra encontra-se o rio que lhe dá o nome. Lá um soldado do destacamento das guerrilhas, acantonado em São Miguel, veio cumprimentar-me em nome do capitão que comanda esse destacamento. O rio tem pouca largura, mas é muito profundo. Nossos cavalos o atravessam a nado, e nós numa piroga chegamos à extremidade setentrional da serra, que se estende de noroeste a sudeste, e pode ter, disseram-me, cinco léguas de comprimento.

Este lugar oferece a mais linda paisagem que tenho visto desde o Rio Grande. Até agora atravessamos planícies sempre uniformes, sem a mais leve ondulação do terreno, e unicamente animadas pela presença do gado que nela pasta. Aqui um rio serpenteia por entre verdejantes pastagens. À margem direita, encontram-se algumas choupanas. À esquerda, um vasto gramado; além se vê a serra, que não é mais elevada que uma colina comum. Seu cume, desigual e arredondado, assemelha-se a uma coroa, coberto de grossas pedras, no meio das quais se eleva um pequeno forte em ruínas, cercado de arbustos e de grupos pitorescos de círios e de figueiras-da-índia. O capitão das guerrilhas encontrou-se comigo do outro lado do rio. É um mulato robusto, de cabelos brancos, aspecto bastante curioso;

---

3 2.006 – Leguminosa, *lathyrus* – flor azul-violeta, estilo achatado, espatulado, obtuso, piloso por debaixo da extremidade. Ovário glabro. Mesmo local, isto é, pastagens úmidas, perto de São Miguel.

mas foi para mim extremamente gentil. Subimos a serra e, após pequena caminhada, chegamos à residência do capitão, simples choupana, composta de uma sala e dois pequenos quartos. As portas aqui são substituídas por esteiras que se retiram durante o dia e se colocam à noite. O capitão fez-me servir mate e, em seguida, levou-me ao fortim, situado a alguns passos de sua casa, e, portanto, à extremidade setentrional da serra. É construído de pedra bruta, da vizinhança: os muros são baixos e de pouca espessura; forma um quadrado, tendo um bastião em cada ângulo. Foi edificado pelos espanhóis, mas, há muito, caiu em ruínas; não tem mais a porta; seu interior serve atualmente de curral; a erva cresce sobre as muralhas e, ao redor, elevam-se grupos fechados de círios espinhosos.

Dos muros do fortim descortina-se imensa planície, coberta de pastagens. A oeste, o rio São Miguel serpenteia no campo orlado de bosques cerrados, raquíticos e, ainda, quase desprovidos de folhas. Asseguram-me que, da parte leste, pode-se ver ao longe, a lagoa Mirim, mas o nevoeiro impediu-me de avistá-la. Em toda a região, que se descortina, apenas uma casa, a do infeliz Angelo Núñez<sup>4</sup> de quem já falei no meu diário.

Depois de sair do fortim, passamos pelas barracas que servem de alojamento aos soldados. São casebres, extremamente baixos, de barro e cobertos de palha, dispostos numa mesma linha. Em frente, o corpo da guarda, choupana cujo centro é completamente aberto. Os soldados aqui acantonados estão quase todos, atualmente, em gozo de licença. Guerrilhas são corpos de voluntários, formados no decorrer da guerra atual por um estancieiro chamado Bento Gonçalves. Segundo me relataram, este homem tinha, a princípio, reunido sob seu comando uma dúzia de desertores. Em seguida, essa tropa foi reconhecida de utilidade pelos chefes militares, e aumentada posteriormente de um número considerável de voluntários.

SÃO MIGUEL, 2 de outubro. – Estive herborizando hoje, na serra de São Miguel, e fiquei sobremaneira satisfeito com essa excursão. Depois de São Paulo, ainda não havia feito tão boa jornada. Entre as plantas que encontrei, um grande número pertence à flora europeia e, embora tenha eu percorrido lugares secos e descobertos, as plantas recolhidas são, em geral,

---

4 Ver o que escrevi em 2 de outubro.



tenras e de consistência mole. Em torno do fortim, onde o terreno é um pouco úmido, a erva se mostra bem verde, e aí crescem muitos arbustos.

Mais longe, o terreno é seco; os arbustos rareiam e, por toda parte, veem-se pedras volumosas. A serra é estreita; sua altura é a de uma colina comum e apresenta cimos arredondados, interrompidos em muitos lugares. Fui acompanhado, neste passeio, por Firmiano e de um homem a pé, porque não é desta capitania.

O morro da Vigia, aproximadamente a uma légua do fortim, considerado o ponto mais elevado da serra, foi o termo de nosso passeio. Neste momento pode-se avistar o fortim, as barracas, os soldados, a estância de Angelo Núñez, uma imensa extensão de campos e o rio São Miguel, que descreve mil voltas na planície.

Pelo que me disseram o capitão das guerrilhas e Angelo Núñez, esse rio (arroyo São Miguel) nasce no lago dos *Oulmaês*, perto de Augustura, que constitui os novos limites da capitania. Atravessa, primeiro, terrenos pantanosos, desenha mil voltas, forma uma ilha, passa aqui e vai lançar-se na lagoa Mirim, no pontal de São Miguel, que fica à extremidade desse lago, e onde podem ancorar iates. De São Miguel à lagoa, contam-se duas e meia léguas em linha reta. No inverno, os iates chegam até aqui, mas no verão ficam retidos à embocadura do rio, pelas areias e uma enorme quantidade de aguapé (*Pontedina*). Pescam-se, no rio São Miguel, várias espécies de peixes, tais como pintados, jundiás e traíras.

Deixando o morro da Vigia, seguimos o caminho que vai de São Miguel à guarda de Canhada-Chica, onde estão alguns homens. Chegados à altura da estância de Angelo Núñez, recomeçamos a atravessar os campos, e nos dirigimos para ela. Ângelo Núñez era, antes da guerra, o proprietário mais rico da região, mas tendo sido igualmente maltratado por espanhóis e portugueses, está atualmente quase arruinado. Sob o pretexto de que tomara o partido dos seus compatriotas, seus vizinhos portugueses caíram-lhe sobre as terras, pilhando reses e até os móveis de sua casa.

Uma das maiores injustiças que cometeram os portugueses, nessa guerra, foi a de terem considerado como crime de rebelião a resistência dos espanhóis. Os portugueses não agiam como aliados do rei de Espanha; apossavam-se por conta própria do território de seus vizinhos e, conse-

quentemente, era muito natural que estes se defendessem. Podiam ser tratados como inimigos, mas como rebeldes nunca.

De qualquer sorte, o conde de Figueira veio ainda agravar a situação do infeliz Angelo Núñez apoderando-se, em nome do rei, do terreno onde estava situada a estância do espanhol. A intenção do conde é a de fundar, aí, uma aldeia, e não se lhe pode negar que, sob vários aspectos, o local foi bem escolhido. Os agricultores dos arredores daqui estão muito distantes de Capilha, para recorrerem ao capelão que aí reside e, por conseguinte, se torna necessário construir outra igreja na península, se não se quiser ver grande parte da população perder toda a noção de religião e moral. É igualmente bom porque, sem precisar do rio Grande, podem sortir-se de mercadorias que lhes são necessárias, e encontrar alguns trabalhadores na vizinhança.

Numa região onde há bastante dinheiro, é preciso, a bem do comércio, proporcionar aos habitantes o meio de gastá-lo. O lugar escolhido pelo conde para formar uma aldeia oferece aprazível planície, cercada de colinas. É protegido pelo fortim; não dista mais do que meia légua do rio São Miguel, onde os iates podem chegar na estação chuvosa, nem fica mais de duas léguas e meia do pontal de São Miguel, onde se lança este mesmo rio, que forma a extremidade da lagoa Mirim. A aldeia ficaria sem dúvida melhor, no próprio pontal, ou às margens do rio São Miguel, onde passei para chegar ao fortim, mas não puderam pensar nesses dois pontos, porquanto no inverno as águas pluviais alagam os terrenos. O local preferido pelo conde já apresentava o inconveniente da excessiva umidade, além de outros, tais como: as águas não são potáveis e na vizinhança não se encontram outros bosques senão os que margeiam o rio São Miguel, cuja madeira não é aproveitável para construção; mas qualquer que fosse o lugar escolhido, de Capilha até aqui, é incontestável, careceria igualmente de madeira.

Os moradores da vizinhança dizem que esta região não é bastante povoada para que a aldeia possa constituir-se dentro de poucos anos, e acrescentam que as pessoas que já procuraram terras para aí construir suas casas, sendo extremamente pobres, só podem, realmente, ter intenção de revendê-las. Entretanto, estou convencido de que, se for construída uma igreja nesse lugar e se trouxerem um padre, os estancieiros dos arredores aí

construirão, em breve, habitações, para poderem passar os domingos e os dias de festa e, portanto, aí, se estabelecerão, dentro de pouco tempo, tavernas e, em seguida, operários e mercadores. Pretendem dar à nova aldeia o nome de Castelo Branco, que é o sobrenome do conde.

XUÍ, 3 de outubro. – Após o almoço, despedi-me do capitão Manuel Joaquim de Carvalho, de quem recebi grandes provas de gentileza, e que me acompanhou, a cavalo, até ao rio São Miguel. Esse homem era apenas um simples soldado, mas foram tais seus prodígios de valor, que, numa região onde quase só há brancos, o promoveram, apesar de sua cor, ao posto de capitão. Em geral os homens desta capitania são extremamente corajosos. Contam-se deles mil feitos que demonstram sua intrepidez. Estão sempre dispostos para as mais árduas lutas; mas, ao mesmo tempo, é difícil sujeitá-los a uma disciplina regular. Para combater, deixam sem pena alguma sua casa, família, mas após a vitória, procuram voltar para ela. Nunca desertam por covardia; mas o fazem constantemente se os deixam inativos. Quando, antes da batalha de Taquarembó, o conde de Figueira convocou os habitantes da capitania, foram os desertores que em maioria atenderam ao apelo; apresentaram-se não somente por verem seu país ameaçado, mas também por haver o conde prometido aos que seguissem deixá-los voltar aos lares, após vencido o inimigo.

Para vir de São Miguel até aqui, fiz duas léguas pelos campos cobertos de erva seca, e onde não se encontra uma só árvore. O arroio Xuí, do qual já falei, estabelecia, outrora, o limite dos Campos Neutrais, e aí havia uma guarda espanhola, à margem direita do riacho. Depois que o general Lecor se apoderou de Montevidéu, o tenente-general Manuel Marques de Sousa ficou acantonado durante mais de um ano nessa margem, com cerca de quinhentos homens. Essas tropas foram, depois, transferidas para Santa Teresa, levando consigo o material das barracas que tinham construído em Xuí: o tenente-general passou cerca de oito meses em Santa Teresa, mas nem lá nem no Xuí houve conflito algum entre ele e os espanhóis. O general Marques dependia do capitão-general do Rio Grande, ao passo que a margem do Xuí era considerada como limite da capitania e, somente no correr daquele ano, a fronteira avançou até Angustura.

Por um convênio difícil de compreender-se, conde de Figueira e o cabildo de Montevidéu enviaram cada um à sua fronteira um oficial, para

tratar dos novos limites. Esses dois homens, após combinações, recuaram a linha divisória até Angustura, que fica aproximadamente a treze léguas ao sul do Xuí, e decidiram que ela passaria pelos banhados de Canhada Grande e São Miguel, que seguiria o rio São Luís, até sua embocadura na lagoa Mirim, contornando, em seguida, a margem ocidental da lagoa, a uma distância de dois tiros de canhão; passando pela embocadura do rio Saboiati, subindo pelas margens do rio Jaguarão até às serras de Aceguá, atravessando, finalmente, o rio Negro.

Desde que cheguei à estância do Xuí, tenho sido gentilmente tratado. O dono da casa (Joaquim Silveira) está ausente, mas sua esposa, irmã do Sr. Delmont, desempenhou perfeitamente as honras da casa. Todas as senhoras que conheci desde o Rio Grande têm falado comigo, dispensando-me gentilezas, daí haver compreendido que em geral têm melhor bom senso, talvez mais que seus maridos.

.....

## *Capítulo VI*

SANTA TERESA – FORTALEZA – ALUGUEL DE UMA CARROÇA – EXCESSIVA CARESTIA DE TODAS AS COISAS – COLHEITA E TRILHA DO TRIGO – ANGUSTURA – CASTILHOS – IMPOSTOS SOBRE AS MERCADORIAS QUE VÃO DO RIO GRANDE PARA MONTEVIDÉU – CAVALOS SELVAGENS – CASTILLOS (CONTINUAÇÃO) – CHAFALOTE – D. CARLOS CONXAS – VILLA DE ROCHA – HERBORIZAÇÃO NO CERRO ÁSPERO – MARCAÇÃO DO GADO – ARROIO DE LAS PIEDRAS – A MISSA NO ROCHA – PAIXÃO DO JOGO – ARROIO DO JOZE IGNACIO – GAÚCHOS OU GARUCHOS – ESTÂNCIA DOS BRAGADOS – ORAÇÃO À NOITE, AS GRAÇAS – VILLA DE SAN CARLOS – MANTEIGA – CERCAS COM ABÓBORAS ESPINHOSAS.

**S**ANTA TERESA, 4 de outubro, sete léguas. – Em Xuí havia eu mandado carnear uma vaca para meus criados, porém minha hospedeira não me deixou pagá-la, e ainda me obrigou a aceitar o cavalo que me havia emprestado para ir a São Miguel. Atribuo tal excesso de cortesia aos pequenos serviços que prestei ao Sr. Delmont, à ideia que fazem de minha importância e ao desejo de pedirem que me empenhe com o general Lecor para conseguir a baixa de um irmão que está na fronteira.

Apesar da opinião geral ser esta, não creio que devo unicamente atribuir à presença de meus soldados e ao posto de coronel tantas facilida-

des a mim prestadas desde o Rio Grande e a hospitalidade de que tenho sido objeto. Em toda a parte é costume dar alimento e emprestar cavalos aos viajantes. Antes de deixar a estância de Xuí, a dona da casa mostrou-me tecidos de linho muito fortes, feitos em sua casa, outros de linho e algodão, sendo os de lã mais grosseiros e destinados às roupas dos negros.

Quase todos os habitantes desta região são provenientes das ilhas dos Açores e seus antepassados trouxeram de lá esse gênero de indústria. O linho é aqui semeado em junho e tratado exatamente como o trigo, sendo colhido em dezembro. Pareceu-me de qualidade inferior ao que cresce em França.

A região que hoje percorri está coberta de pastagens secas e sem árvores como as por que passei nos dias anteriores. Sempre ausência de flores; o terreno um pouco desigual, principalmente nos arredores de Santa Teresa.

Havia mandado, à frente, um de meus soldados para procurar-me alojamento. O comandante de Santa Teresa veio ao meu encontro, a cavalo, e ofereceu-me sua casa; disse-me que amanhã viria aqui uma carroça que eu poderia alugar e, em consequência, devolveria a do major Mateus. Ontem fui obrigado a interromper meu artigo sobre os novos limites entre a Capitania de Montevideu e a do Rio Grande; hoje vou continuá-lo.

Como o rei de Portugal ainda não tomou posse das terras situadas entre Xuí e o rio da Prata, supôs-se que ele não poderia impunemente anexar, por sua própria conta, uma parte desse território à Capitania do Rio Grande e foi por isso que fez intervir nesse assunto o cabildo de Montevideu. Mas em momento algum o cabildo, cujas funções são todas municipais, teve o menor direito ou mesmo a menor autoridade sobre as terras vizinhas de Santa Teresa e, por conseguinte, não podia dar o que não lhe pertencia. Há mais ainda. Supondo-se mesmo que ele tivesse direito de fazer a doação, está claro que a sua subordinação à autoridade superior bastaria para tirar a esta doação toda a sua validade. O consentimento do cabildo não dá, portanto, nenhum direito a Portugal e valeu tanto que o Rei, sem entrar em explicação alguma, declarou, pura e simplesmente, que a autoridade do governador do Rio Grande se estenderia até aos novos limites. Teria sido melhor, ainda, que se houvesse deixado ficar as coisas como estavam até definitiva combinação, porque não podia advir para

Portugal nenhuma vantagem a nova demarcação, e tal combinação poderá abalar a boa fé de seu governo.

SANTA TERESA, 5 de outubro. – Hoje fui, em companhia de meu hospedeiro, visitar a fortaleza; está situada à extremidade setentrional do cume de alongada colina, que se estende de norte a sul; em parte construída sobre rochedo, parecendo um pentágono irregular, tendo os ângulos flanqueados por bastiões. Outrora havia, no interior do forte, algumas casernas, uma capela, uma oficina de armeiro e depósitos, mas essas construções foram em parte destruídas e até a porta do forte se acha quebrada. Segundo me informaram, o forte de Santa Teresa foi começado pelos portugueses e terminado pelos espanhóis que nele despenderam somas consideráveis. Mas na guerra de 1810 a 1812, estes procuraram destruí-lo para impedir que portugueses dele se aproveitassem, deixando-o no estado em que ainda hoje se encontra. Entretanto, como as muralhas não foram danificadas, poder-se-ia reconstruí-lo, sem grandes despesas. A posição desse forte foi muito bem escolhida, pois nesta zona fronteiriça não se pode ir do norte ao sul sem passar por suas muralhas, porque, a leste, há apenas um pequeno espaço entre ele e o mar, e a oeste estão vastos pantanais além dos quais se acha a lagoa dos Palmares, igualmente ladeada de pântanos do lado ocidental. Aliás, nada se iguala à tristeza desta região.

De um lado da colina veem-se, para além de um relvado, areas esbranquiçadas e o mar que ruge; do outro lado, banhados cobertos de ciperáceas e, ao longe, as águas do lago. Além do forte, no alto da colina, estão duas fileiras de casebres, muito baixos, construídos de terra ou de palha, e cobertos de colmo, os quais serviam de alojamento às tropas. Entre estes casebres, algumas tavernas que provavelmente não permanecerão em pé por muito tempo, pois atualmente não existe aqui mais do que meia dúzia de soldados.

SANTA TERESA, 6 de outubro. – Herborizei ontem e hoje nos arredores de Santa Teresa, mas achei poucas plantas. Várias espécies da Europa estão aclimatadas no lugar, entre outras a bourache, a viperina comum, o *anethum foeniculum*, a violeta, o sileno, finalmente, a malva comum, que eu já encontrara abundantemente em quase todas as casas do Rio Grande até aqui.

SANTA TERESA, 7 de outubro. – Por estar o tempo horrível, não pude partir para fazer as 30 léguas que há daqui a Maldonado. Aluguei uma carroça com quatro juntas de bois, por setenta pesos. É preço exorbitante, embora aqui não o considerem muito elevado, pois tudo nesta região é excessivamente caro; não se aluga um peão por menos de nove a dez pesos por mês; vi pagar vinte e cinco francos por borzeguins muito malfeitos, e eu próprio dei cinco patacas por um conserto numa espingarda, muito malfeito, e que em Minas teria pago pataca e meia. Não há madeira alguma em Santa Teresa e, para cozinhar-se, é necessário mandar buscá-la na margem ocidental da lagoa de Palmares. Entretanto utilizam também um pequeno arbusto muito espinhoso, chamado espinho-da-cruz, e que cresce em São Miguel nos arredores daqui, entre as pedras. Este arbusto queima bem, mesmo verde. Dele farei descrição outro dia.

SANTA TERESA, 8 de outubro. – Saí hoje a passear com meu hospedeiro a uma pastagem (potreiro) que a própria natureza teve o cuidado de cercar por meio de extensos pantanais, medindo sete léguas de perímetro. Como os títulos da pessoa que se dizia proprietário não parecessem suficientes ao conde de Figueira, este tomou posse dessas terras para pastos dos cavalos e do gado pertencentes ao Rei.

Desde o Rio Grande até aqui, ouço os agricultores se queixarem da ferrugem. Faz-se colheita do trigo com grandes foices muito estreitas, do feitio de uma semi-elipse alongada e oblíqua. O ceifador põe dedeiras de palha na mão esquerda, e com essa mão prende um punhado de pés de colmos, abaixo das espigas, e corta a palha sob a mão. Deixa-se o restolho. Para bater o trigo fazem-se dois currais, tendo um deles uma forma qualquer e o outro a forma circular, em comunicação com o primeiro. Arranca-se a erva deste último curral, varrendo-o com cuidado, e aí se espalham as espigas. Reúnem-se jumentos selvagens no primeiro curral. Daí fazem passá-los a outro curral circular e os fecham ali. Homens a cavalo acoçam os jumentos com fortes chicotadas, e os forçam a correr à volta várias vezes, debulhando as espigas com as patas. Este processo de bater o trigo é extremamente precário. Não somente as espigas deixam de esvaziar-se completamente, como, não havendo cuidado de explorar o curral, ainda muitos grãos se ocultam sob a terra e ficam perdidos. Eu próprio vi os currais; e os outros pormenores que mencionei devo-os ao meu hospedeiro, sr. José Feliciano Bezerra, cultivador de trigo.



ANGUSTURA, 9 de outubro, seis léguas. – Colinas pouco elevadas sucedem àquelas em que está construída Santa Teresa; em seguida o terreno se torna extremamente plano e coberto por uma erva ressequida cujos brotos novos mal podiam romper. Parece que nesta região, onde as pastagens crescem muito, há o costume das queimadas. Ontem atravessei campos onde esta operação tinha sido feita recentemente. Nenhuma árvore, nenhuma casa em todo o trecho percorrido até aqui. O caminho pouco se distancia do mar e do lado ocidental não se deixa de avistar a lagoa dos Palmares, que se estende desde Santa Teresa até aqui. À extremidade da margem ocidental do lago se estendem colinas de aspecto bastante pitoresco, chamadas cerro da Maturranga, e que se ligam ao cerro de São Miguel. Nesta região dá-se o nome de cerro às cadeias de colinas ou trechos de cadeias.

O cerro é para as pequenas elevações o mesmo que as serras para as altas montanhas. O cerro da Maturranga é coberto de palmeiras muito densas, dando origem ao nome do lago próximo.

Parei junto à guarda de Angustura, colocada à extremidade da fronteira da Capitania do Rio Grande. Compõe-se, atualmente, de vinte homens comandados por um subtenente, mas acredito que esse número não tardará a ser diminuído. Uma choupana serve de alojamento para os militares, e atrás dela duas outras menores que lhe servem de cozinha.

A paisagem que se descortina da guarda de Angustura é bastante agradável. À direita avista-se a extremidade do lago e diante da casa se estendem pastagens que a certa distância são pontilhadas de palmeiras, para além das quais se divisa o cerro da Maturranga, igualmente coberto dessas árvores. Ontem, em Santa Teresa, conheci o tenente que comanda em Angustura; ele tomou a dianteira para me receber e, como querem à viva força que eu seja coronel, fui recebido pelo destacamento com honras militares, e o tenente quis dar-me uma guarda, o que recusei.

Vi hoje, às margens da estrada, um rebanho de cervos que pastavam tranquilamente ao lado de avestruzes; eles não fugiram à nossa aproximação. Mostraram-me aqui vários cãezinhos apanhados pelos soldados nos campos, pertencentes a bandos selvagens que erram pelos campos, denominados chimarrões. Esses animais, originariamente evadidos das habitações, nada possuem que os distingua de modo particular. Todos os que vi eram mestiços, mas uns tinham traços do cão de fila, outros de galgo,

etc. Os cães selvagens começam a rarear, entre Rio Grande e Santa Teresa, porque os fazendeiros, cujos rebanhos eles devoram, os exterminam.

CASTILHOS, 10 de outubro, seis léguas. – Hoje o aspecto da região mudou completamente. Não mais uma planície nua e perfeitamente uniforme; o terreno é ondulado e nele estão espalhados butiás, ora a grande distância, ora bem próximos, em grupos. Essas árvores, mais grossas e mais altas que os guaruparus, atingem perto de 15 pés, mas apresentam rigorosamente os mesmos caracteres. Esta manhã, o tenente da guarda de Angustura me fez comer cru o novo gomo de uma de suas palmeiras; o gosto me fez lembrar o da castanha crua, mas é infinitamente mais delicado.

A cerca de quatro léguas de Angustura, no lugar chamado Arguejo, entramos na casa de um velho, outrora muito rico, mas que a guerra reduziu à mendicidade. Livros latinos constituem sua leitura habitual e supõe-se na região que ele seja um antigo jesuíta; casado com uma índia, dela teve vários filhos

Junto à casa desse homem, vi à minha esquerda, vale dizer, do lado leste, um lago denominado Castilhos e que mede cerca de duas léguas de comprimento. Recebe as águas de vários arroios e, quando muito cheio, comunica-se com o mar por um estreito canal chamado Balizas. Estando o canal aberto, as águas do lago tornam-se salgadas. A estrada estende-se paralelamente ao mar; pode-se mesmo percebê-lo junto ao Arguejo, e a estância em que parei dista dele apenas quatro léguas. O senhor José Feliciano Bezerra, meu hospedeiro em Santa Teresa, e o tenente de Angustura acompanharam-me a um lugar distante uma légua daqui, chamado pelos portugueses Casa do Molina, nome do proprietário. Apesar de choupana, esta casa, como a dos portugueses, é mais limpa e mais mobiliada. A sala em que fui recebido é guarneçada de bancos e cadeiras e num dos ângulos há um grande aparador em forma de armário cujos batentes abertos deixam ver grande quantidade de pratos de louças de faiança. Esta sala é também pouco estucada como a dos portugueses, mas o madeiramento e as paredes caiados de branco. Parte desta casa é uma venda onde se achavam empilhados várias surrões de erva-mate, vindos da Capitania do Rio Grande, um grande surrão de pimenta, algumas mercadorias europeias e ponches raiados de várias cores com predominância do azul feitos em Córdova. Parei em uma estância pertencente à irmã de Angelo Núñez, e

que se constitui de várias choupanas baixas, construídas em terra parda, avultando apenas a casa do proprietário. Na sala em que fui recebido, duas armações de cama, outro tanto de cadeiras de palha pintadas de encarnado, mesas e sobre uma delas uma capela portátil, à maneira portuguesa. As paredes caiadas de branco, sem forro nem assoalho. Ao entrar, encontrei os proprietários da casa e várias jovens de dez a quinze anos, de fisionomia verdadeiramente angélica, pele fina, coradas, grandes olhos pretos, boca pequena, cabelos castanho-escuros. Estas jovens, filhas do dono da casa, trajam, como sua mãe, vestido de indiana e um fichu de algodão, trazem os cabelos trançados e alteados com um pente. A mãe está de meias e sapatos, o que não acontece às filhas.

Receberam-me com extrema frieza, mas talvez eu o devo menos ao caráter particular de meus hospedeiros que ao da nação. Como quer que seja, são nove horas e até agora só me ofereceram mate.

Recentemente criaram alguns impostos sobre as principais mercadorias que transitam da Capitania do Rio Grande para a de Montevidéu. Tais impostos são cobrados em Santa Teresa em favor da última dessas capitânicas. A erva-mate paga 26% sobre o preço de compra que se supõe sejam 12 tostões (25 soldos). O gado vacum paga \$240, os burros \$400, os potros \$200, as éguas \$100.

Comecei a descrever o modo de bater o trigo; vou terminar o que tenho a dizer a respeito. Quando o grão sai das espigas, separa-se dele a palha com forquilhas de três dentes, muito próximos um do outro, acabando-se de limpá-lo pelo processo de arremessá-lo ao ar contra o vento com pás. Para vendê-lo e transportá-lo, põe-se em grandes sacos de couros crus e inteiros. É assim que ele chega ao Rio de Janeiro.

Encontramos hoje, a pouca distância de Angustura, tropas de éguas selvagens que caracolavam e galopavam nas pastagens. Ao nos aproximarmos, uma se assustou, algumas passaram à direita da estrada; outras permaneceram do lado oposto. Vimos ainda um burro correr atrás da tropa menor e forçá-la a juntar-se à outra.

Outrora, os cavalos selvagens eram extremamente comuns nos campos neutrais, mas depois que estes campos ficaram povoados, tem-se exterminado grande número desses animais para deles tirar o couro.

Nos campos em que predominam os cavalos selvagens, são eles muito temidos pelos que viajam com cavalos domados. Eles se aproximam destes, incorporam-nos em seu bando, fugindo com eles pelos campos. Na campanha de 1810 a 1812, dom Diogo ia em seu carro acompanhado de numerosos cavalos de reserva. Conta-se que, certa vez, um oficial veio dizer-lhe que se avistava ao longe uma tropa considerável de cavalos selvagens (*bagualada*) e sugeriu-lhe mandasse atirar sobre essa tropa para espantá-la. Dom Diogo não fez caso do conselho, mas de imediato os cavalos selvagens misturaram-se com os seus; os que estavam atrelados ao carro puseram-se a galopar no meio dos outros, e o general correu risco de vida.

Para caçar cavalos selvagens, faz-se com estacas um cercado comprido de forma parabólica, somente aberto na extremidade mais larga. Homens a cavalo correm atrás deles, perseguem-nos e forçam-nos a entrar no cercado onde são presos em uma rede. Vi hoje parques (currais) muito bonitos, formados de butiazeiros plantados em redor, próximos uns dos outros; a mistura de sua folhagem produz efeito muito agradável. Estas árvores se transplantam já grandes e tornam a pegar muito bem. Utiliza-se, na região, o pedículo das folhas velhas dos butiazeiros para fazer fogo.

CASTILHOS, 11 de outubro. – Choveu durante o dia todo obrigando-me a ficar aqui. Por ser costume da casa, não me admirei de meus hospedeiros me haverem servido a ceia tão tarde, ontem à noite. Esta manhã trouxeram a meu quarto pratos grandes de milho cozido no leite. Uma hora depois serviram o jantar na sala, convidando-me a nele tomar parte; compunha-se de três pratos servidos um após outro: primeiro, costelas de carne de vaca assadas; em seguida, carne cozida; e finalmente *mazamorra cangica*. Comeu-se pão e bebeu-se vinho de Córdova. Após o jantar, o dono da casa me perguntou se queria fazer a sesta, respondi-lhe negativamente; retirou-se para o quarto com a mulher e os filhos, só reaparecendo duas ou três horas mais tarde.

Quando se dorme assim durante o dia, é fácil deitar-se à meia-noite. Após a sesta, meus hospedeiros mandaram servir o mate, que bebem sem açúcar. Ao cair da noite, abriu-se a capelinha de que falei e onde se encontrava uma imagem da Virgem, diante da qual acenderam uma vela. Não devo esquecer que, ao fim do jantar, todos renderam graças juntan-

do as mãos como se faz entre nós e, ao se levantarem da mesa, uma preta recitou, em voz alta, a ação de graças. Durante o jantar quis beber à saúde dos donos da casa, mas me advertiram que nesta região isto não é usado.

“Entre nós – disse-me meu hospedeiro – não fazemos cerimônias, desprezamos a cortesia afetada dos portugueses.”

Os homens que encontrei por aqui usam um chiripá, pedaço de tecido de lã do qual se faz um cinto e que cobre as coxas, descendo até os joelhos como um saiote. Vestem calças largas de um tecido de algodão feito em casa, e a extremidade de cada perna termina em franjas, acima das quais há muitas vezes um ponto aberto (*à jour*). Nenhuma proporção entre a maneira de trajar dos homens e as das mulheres; estas se vestem como damas, os homens um pouco melhor que nossos camponeses da França.

Aqui, põe-se fogo às pastagens, antes da primavera, nos meses de agosto e setembro.

CHAFALOTE, 12 de outubro, cinco léguas. – A região continua ondulada e coberta de pastagens. A pequena cadeia de colinas que começa em São Miguel prolonga-se paralelamente ao caminho. Até esse trecho rareiam os butiazeiros, mas tornam-se mais comuns à vizinhança dessa habitação; a cerca de meia légua daqui, vê-se uma casa, aliás a única. As pastagens são constituídas de uma erva fina e de muito melhor qualidade do que antes de Santa Teresa; e também o gado é mais bonito. A chuva que caiu ontem tornou o caminho muito ruim; acumulou-se grande quantidade de d'água e encontramos muitas dificuldades a vencer.

Parei em casa desses homens, para quem trazia uma carta de recomendação, e cuja moradia era constituída de várias casas cobertas de sapê, entre elas, duas ou três construídas de tijolo.

Quando cheguei, muita gente estava ocupada a carregar uma carroça. Perguntei ao que me pareceu o mais bem vestido se era o dono da casa; nada me respondeu, mas me levou à casa principal e, em seguida, retirou-se. Lá encontrei três senhoras bem vestidas que me receberam muito corretamente e puseram-se a conversar comigo. À exceção de uma muito bonita, as outras são entradas em anos, mas graciosas e desembaraçadas, corteses sem afetação; numa palavra, têm quase o porte de nossas castelãs bem educadas. Os homens, ao contrário, pouco falaram comigo; têm maneiras rudes, dispensaram-me pouca cortesia e na aparência não

passam de camponeses. Invariavelmente usam chiripá e as calças de que já falei; entretanto não é esta a vestimenta do dono da casa; trajam casaco curto, e calças geralmente de tecido de algodão. Farei sucessivamente algumas observações sobre as diferenças entre os espanhóis e os portugueses, mas pelo que foi dito já se pode notar uma diferença bem acentuada. Entre os portugueses, e só falo aqui dos da Capitania do Rio Grande, são os homens que recebem os estrangeiros, dispensando-lhes todas as atenções. Hoje experimentei exatamente o contrário e disseram-me que encontraria esses mesmos costumes em casa de quase todos os espanhóis. Ontem e hoje, meus hospedeiros mostraram grande desprezo pelos portugueses do interior, quando lhes contei que na casa destes as mulheres nunca apareciam. Meus hospedeiros não falaram com toda a franqueza, mas é evidente que detestam seus vizinhos.

O proprietário de Castilhos e o de Chafalote permaneceram presos vários meses nas prisões de Porto Alegre, porque, conforme se dizia, haviam favorecido o partido dos insurgentes; se tal fato, como muito bem assevera o proprietário de Castilhos, fosse verdade, é ao nosso rei que teríamos ofendido; não seríamos, portanto, responsáveis de nosso procedimento para com os portugueses e, principalmente, não agindo em nome do rei da Espanha, não tinham eles o direito de nos punir. Os habitantes dessa região encontraram-se em posição muito embaraçosa. Os insurgentes os obrigavam a obedecer ao seu partido, e os portugueses lhes incriminavam por isso. A proprietária dessa casa se refugiara no Rio Grande para se salvar dos patriotas, e foi nessa ocasião que os portugueses arrastaram para as prisões de Porto Alegre seu irmão que permanecera aqui.

Ao chegar a essa casa, as senhoras me perguntaram se já havia jantado; respondi-lhes que não; disseram-me elas, então, que iriam me mandar servir uma pequena merenda e, ao cabo de um quarto de hora, trouxeram-me pão e um prato de carne que, em França, teria sido suficiente para seis pessoas. À ceia tivemos exatamente o mesmo que em Castilhos; primeiro, um prato de assado, depois um prato de carne cozida, nadando no caldo. O assado é de sabor delicioso, mas de extrema dureza. São sempre as postas muito grandes, de pouca grossura que se levam ao fogo, primeiro, de um lado, depois, de outro, enterrando-se, como disse, o espeto, verticalmente. Em várias casas este espeto é de ferro.

VILA DE ROCHA, 13 de outubro, sete léguas. – Deixei minhas hospedeiras encantado com a correção de seu procedimento. A região que percorri hoje apresenta ainda excelentes pastagens; mas aí se veem poucos animais e o mesmo acontece nos campos que se estendem entre Angustura e Castillos. Outrora estavam cobertas de inumeráveis rebanhos, mas diminuíram singularmente durante a guerra. Os butiazeiros são raros. O terreno sempre ondulado e à direita continua a pequena cadeia de colinas de que já falei. A duas léguas de Chafalote, no lugar denominado Dom Carlos, atravessa-se um arroio guarnecido de bosques definhados e brenhosos que se assemelham às nossas matas de corte; todos os que vi desde o Rio Grande são semelhantes a este.

Há um par de casas em Dom Carlos, há ainda mais uma, no lugar chamado Conchas, mas são as únicas.

Encontrei diversas carroças grandes que, provavelmente, tinham ido levar couros a Maldonado. Parei na Vila de Rocha, da qual falarei com minúcias, quando a tiver percorrido. Alojei-me aqui na casa de um francês para o qual o sr. Bezerra me havia dado uma carta de recomendação e que está estabelecido nesta região há muitos anos. Acolheu-me muito bem e, como lhe tivesse manifestado o desejo de ir herborizar nas pequenas montanhas vizinhas da vila, convidou-me a passar em sua casa o dia de amanhã.

VILA DE ROCHA, 14 de outubro. – Acompanhado de Firmiano e de Mateus, este o mais inteligente de meus dois soldados, fui herborizar hoje no *Cerro Áspero*<sup>1</sup>, pequena montanha que faz parte desta cadeia pouco elevada, como disse, que começa em São Miguel e se prolonga paralelamente ao mar. Meu hospedeiro me havia dado uma carta para um estancieiro que mora no caminho, e a quem pedia servir-me de guia. Quando cheguei à casa desse agricultor, achava-se ele ocupado em marcar seu gado; estavam reunidas muitas pessoas; galopavam atrás das reses que deviam ser marcadas. Atiravam-lhes um laço nos chifres, e outro nas pernas, fazendo-as cair e aplicavam um ferro em brasa sobre o pelo. Reparei que, para esquentar esse ferro, queimavam-se com pedaços de madeira as cabeças e as pernas de vacas cobertas de couro. Antes de chegar à casa onde observei este trabalho, passei a um meio quarto de légua daqui por um arroio cha-

---

1 Pronunciar *áspero*.

mado arroio de Rocha. Nasce, disseram-me, a cinco ou seis léguas desta cidade em um lago denominado laguna de Rocha, que avistei ao longe do lado do mar, quando estive em cerro Áspero. Esta pequena montanha é coberta de grossos e grandes pedaços de rochas amontoadas, entre as quais crescem arbustos, principalmente uma composta de folhas muito finas com ramos em ramallete, cujas flores ainda não estão desenvolvidas (2160). Finalmente notei ali algumas palmeiras. As ervas comuns nessa montanha são a óxalis nº 2.080, a anêmona nº 2.072, uma composta; e do alto do cerro Áspero, avista-se uma imensa extensão do lugar onde o terreno é ondulado e coberto de pastagens, vendo-se à distância, da parte leste, o lago de Rocha. Persuadiram-me em Rocha a tomar uma precaução, quando percorresse o cerro Áspero, porque, diziam, as rochas dessa montanha servem de caverna aos tigres. Percorri-o em todas as direções e não vi nenhum desses animais. É certo que outrora eles eram muito comuns nesta região, mas durante a guerra o movimento das tropas afugentou a maioria deles. Conversei esta tarde com meu hospedeiro a respeito do caráter dos habitantes daqui, e tudo quanto me disse confirma o que li sobre os costumes do Paraguai e o que me foi repetido por muitos portugueses. Os vastos campos que percorri são habitados em grande parte por índios civilizados e mais ainda por mestiços que nada possuem; vão de uma a outra estância, misturam-se sem cerimônia aos moradores da casa e com eles comem carne à vontade. De tempos em tempos, esses homens ajudam os estancieiros em seus trabalhos e são regiamente pagos, mas nunca economizam coisa alguma. Quando possuem um chiripá e um poncho, sua ambição está satisfeita e gastam o resto do dinheiro jogando e bebendo cachaça. Dos índios e mestiços, estes costumes passaram aos homens brancos; quase ninguém economiza; ganha-se dinheiro com facilidade, e gasta-se da mesma maneira, e a paixão pelo jogo tornou-se quase geral. Um homem julga ter feito muito pelos filhos quando lhes dá um par de calças e uma camisa. Com os bolsos cheios de pesos, ele vai à pulperia e volta para casa sem um níquel sequer. Imagine-se quanto um estrangeiro ativo e econômico deve ter prosperado nessa terra.

Antes da guerra, os europeus que vinham se estabelecer aqui faziam fortuna rápida; muitas vezes eram vistos pedindo esmolas e, ao cabo de pouco tempo, possuíam escravos, casa e mercadorias. Faziam então sen-



tir sua superioridade à gente da terra; mostravam-lhe seu desprezo e daí esse ódio que estes concebiam contra eles e as vinganças que exerceram. A guerra empobreceu singularmente esta região; mas, se ela continuar a gozar de paz, não tardará a retornar ao que era.

ARROIO DE LAS PIEDRAS, 15 de outubro, três léguas e meia. – Deixei a cidade de Rocha bastante tarde, para antes poder ir à missa. A igreja, bem diferente da dos portugueses, é muito baixa, comprida, extremamente estreita, coberta de palha e construída de tijolos. Não é forrada e tem um único altar. Nela não se vê nenhum ornamento, mas é muito limpa. As mulheres colocam-se em duas filas junto ao santuário e permanecem de joelhos como as portuguesas ou de cócoras. Os homens mais distintos assentam-se em dois bancos dispostos um defronte ao outro no meio da igreja, a alguma distância das paredes; os demais ficam apertados uns contra os outros entre aqueles bancos e as portas.

Há na igreja de Rocha um pequeno coro onde estavam dois músicos, um com violino, o outro com uma harpa. Eles cantaram a missa acompanhados de seus instrumentos, mas o povo não os acompanhou e, como é de costume entre os portugueses, ninguém tinha livro de oração. Fazia-se ato de presença, e poucos pareciam rezar. As mulheres, muito bem vestidas, contrastavam com os homens.

Não vi aqui um só que vestisse uma roupa; à exceção dois ou três, com cabelos cortados, os demais tinham atados com uma fita. Os mais bem vestidos trajavam capote e um curto jaleco, os outros, um poncho feito na região ou de tecido de lã e seda sem forro. Durante a missa, bate-se no peito e fazem-se sinais da cruz menos frequentemente que entre os portugueses, mas depois de persignar-se, beijam com grande cuidado o polegar. Como os portugueses, nunca se esquecem de fazer o sinal da cruz na boca quando bocejam.

Perguntei à esposa de meu hospedeiro se havia o hábito de missa cantada todos os domingos; respondeu-me negativamente, mas isso acontecia com bastante frequência. A cidade de Rocha não se parece em nada com as cidades e vilas portuguesas. Ela é ligeiramente quadrangular, constituindo-se de aproximadamente quarenta e cinco casas que só têm andar térreo. Bastante altas, a maior parte muito pequenas, construídas de tijolos e cobertas de palha; as mais importantes são estreitas e compridas; as

outras, quase quadradas. Não há reboco nas paredes a não ser no ápice do telhado; as janelas sem basculantes têm um postigo de madeira.

Em Rocha encontram-se várias lojas bastante sortidas; os comerciantes mandam vir de Montevidéu e de Maldonado, em carroças, os objetos de que têm necessidade. A água que se bebe em Rocha vem do arroio de que já falei, mas não é muito boa; como tudo aqui se faz a cavalo, até os escravos dele se utilizam para buscar água; para isso coloca-se o barril destinado a tal uso sobre uma espécie de trenó, formado de três pedaços de madeira dispostos em triângulo; a um deles ata-se uma correia, o cavaleiro prende a outra extremidade à sua sela, e o cavalo, adiantando-se, puxa o triângulo e o barril. Transportaram-se do mesmo modo os feixes de lenha que se vão buscar para o uso da cozinha, colocada à margem do arroio.

Quando eu viajava com o conde de Figueira, seu carro era puxado por seis cavalos e, além disso, dois cavaleiros ajudavam a empurrá-lo por meio de uma corda de couro que, de um lado, estava presa ao carro, e de outro, à sua sela. Ao deixar Rocha, agradei vivamente ao meu hospedeiro, senhor Juan Barbote, e sua mulher, que me testemunharam muitas gentilezas. Ia partir quando uma senhora idosa se apresentou a mim dizendo que um dos cavalos que eu comprara em Santa Teresa lhe pertencia. Exibiu-me algumas provas quando vim a saber que o cavalo tinha sido tomado durante a guerra e, por consequência, não me julguei obrigado a restituí-lo. Não obstante, perguntei ao sr. Barbote se esta mulher estava necessitada, porque, nesse caso, lhe daria algumas piastras; mas como ele me garantiu que nada lhe faltava, não lhe dei meu presente.

A região percorrida até aqui é ondulada, oferecendo ainda excelentes pastagens. A oeste, continua pequena cadeia de colinas de que falei anteriormente; a leste, o lago de Rocha que, segundo me disseram, é separado do mar por uma estreita faixa de terra. Estando muito cheio, suas águas, habitualmente salgadas, abrem uma passagem; comunicando-se com o mar.

Parei numa estância cujos edifícios se compõem de duas tristes palhoças: uma, habitada pelo proprietário e onde há uma pulperia; a outra, que serve de cozinha. Esta não tem porta, e de noite, quando faz frio,

fecha-se a entrada com um couro. Em geral, desde o Rio Grande até aqui, é assim que se fecham as casas dos negros e as cozinhas; nestas, geralmente com duas aberturas, coloca-se o couro do lado onde sopra o vento. Já não existe estância ao redor da qual não se vejam cabeças de vacas, ossadas de gado, retalhos de couro e muitas vezes intestinos e pedaços de carne. Ao chegar, só havia duas crianças encarregadas de cuidar de um campo de trigo que não está cercado de fossos; mas foram procurar o dono da casa, que em seguida apareceu.

Este me confirmou tudo o que seu cunhado Juan Barbote me contara sobre os costumes da região. As crianças aprendem a jogar cartas logo que sabem montar a cavalo; é a bem dizer logo que começam a andar; cedo, igualmente, se acostumam a beber cachaça, só abandonando estas duas paixões no instante em que deixam de existir. “Eu deveria – disse-me meu hospedeiro – ser tão rico como meu cunhado, mas nesta região apenas os estrangeiros economizam; quanto a nós, gastamos nosso dinheiro tão logo o ganhamos e vivemos sempre mal. Meu cunhado começou com três onças [moedas antigas espanholas] tomadas de empréstimo e hoje possui dez negros, várias negras, a melhor casa de Rocha, uma loja bem sortida, uma olaria, uma padaria, uma oficina de serralheria, uma carroça, gado, etc. Mas este amor ao trabalho, este espírito de ordem e de economia que os europeus trazem para cá, eles jamais os comunicam a seus filhos. Estes, criados entre nós, assimilam todos os nossos defeitos, levam a vida como nós e dilapidam muitas vezes a fortuna do pai.”

ARROIO DE JOZE IGNACIO, 16 de outubro, cinco léguas. – Terreno desigual, sempre pastagens excelentes, nem vestígios de mata, a não ser à margem de alguns arroios; umas casas, de longe em longe. A oeste, continuação da mesma cadeia de colinas. Parei num lugar denominado Garzón, onde há uma pulperia; perto daí, um arroio margeado de bosques raquíticos e que recebe afluentes, indo lançar-se na laguna del Garzón; esta se estende paralelamente ao mar, ao norte do lago de Rocha. As águas salgadas desse lago, quando altas, abrem passagem através de uma faixa de terra estreita que os separa do mar.

No lugar em que parei, há também um arroio, margeado de arvoredos, onde deságuam outros que eu havia atravessado durante a via-

gem, e que, por sua vez, se lança num terceiro lago chamado laguna de Joze Ignacio.

Como os dois precedentes, este último ora se comunica com o mar, ora é fechado. De tudo isto, vê-se que, desde Angustura até aqui, domina uma cadeia de lagos que começa no de Castillos e se estende paralelamente ao mar e a pouca distância dele. Nos arredores de Rocha, assim como em toda a região percorrida ontem e hoje, não se cultiva trigo ou cultiva-se pouco, não se observando em redor das casas qualquer espécie de plantação. Somente se ocupam da criação de gado. Antigamente enchiam os campos, mas após a guerra o número diminuiu muito. Os portugueses roubaram parte deles, e os insurgentes não têm contribuído menos para sua destruição.

Estes homens sem religião e sem moral, a maior parte índios ou mestiços, que os portugueses designavam sob o nome de *Garruchos* ou *Gaúchos*, e cujos costumes já descrevi, não tardaram a se reunir a Artigas e a seus chefes, quando estes desfraldaram a bandeira da revolta. O brado de “Viva la Patria!” não era para eles senão o sinal de pilhagem; algumas vezes apoderavam-se do gado para vendê-lo e jogar com o dinheiro que por ele recebiam. Matavam-no sem necessidade e nem lhe tiravam o couro. Cada comandante não passava de um chefe de facínoras que, na maior parte do tempo, agia por conta própria, não obedecendo às ordens de ninguém. O amor da pilhagem e da licenciosidade era a motivação do soldado, o amor do comando, o estímulo do chefe. Estes homens, entretanto, tinham sempre na boca a palavra pátria, e as pessoas estavam tão acostumadas a ouvi-la repetir que o tempo em que o governavam os insurgentes é conhecido na região como o *tempo da Pátria*.

Hospedei-me numa casa de taipa, sinal de indigência, mas cujos habitantes se vestem com asseio. Vários homens trazem, sobre as calças com franjas, que já descrevi, outras calças de veludo de algodão. Convidaram-me a cear e aceitei. A mesa foi posta sobre uma toalha em muito mau estado; só eu recebi uma colher, um prato e um garfo, os demais convivas comeram da travessa com pedaços de chifres talhados em forma de bote ou calçadeira num dos lados e pontudo no outro. A ceia consistia em guisado de frango e um prato de assado. Tentei em vão comer deste último prato; a carne estava tão dura, que me era impossível separar as menores fibras dos

pedaços que punha na boca; não há dente humano capaz de triturar coisa tão coriácea. Em geral, estou convencido de que as pessoas desta região engolem quase sempre a carne sem mastigá-la.

ESTÂNCIA DE LOS BRAGADOS, 17 de outubro, três léguas (espanholas). – Sempre lindos campos cobertos de excelentes pastagens. O terreno sempre ondulado, prolongando-se à direita a mesma cadeia de colinas. Nenhum bosque desde o arroio de Joze Ignacio até aqui. As casas tornam-se mais comuns. Perto dessa estância corre um arroio, mas não se nota em suas margens um só arbusto. Este arroio – disse-me meu hospedeiro – é afluente do San Carlos, reunindo suas águas às de Maldonado.

Aqui se recomeça a cultivar o trigo, e os cercados são tão bem feitos, como entre os portugueses. Cultiva-se também o milho, cuja farinha é às vezes misturada à do trigo para fazer pão. Parece que, na região, todos os estancieiros usam deste alimento, mas em pequena quantidade.

Ao chegar aqui, estavam ocupados a aquecer o forno para nele cozer-se o pão, utilizando para isso ossos de gado misturados com um pouco de lenha; comi ainda com meus hospedeiros que se referem com medo ao tempo da pátria. Os soldados entravam nas casas dos estancieiros, tomavam o que lhes convinha, sobretudo as armas, matavam animais, levavam os cavalos e ainda era preciso aparentar satisfação; muitas vezes, um negro, um mulato, um índio se fazia, ele próprio, de oficial e ia com seu bando roubar os estancieiros. Fala-se principalmente com horror de um certo...; pelo contrário, falam bem do Frutuoso Rivera, que acaba de se entregar ao general Lecor e se encontra atualmente em Montevideú.

À boca da noite, abriu-se a capelinha e colocaram uma vela acesa; depois da refeição, deram graças de mãos postas; em seguida, o dono da casa tomou um pedaço de pão que estava sobre a mesa e beijou-o, pronunciando estas palavras: Pan de Dios.

Nos campos que se estendem entre Rio Grande e Santa Teresa, são os charqueadores que vão às estâncias comprar o gado dos proprietários. Desde que estou nas possessões espanholas, encontro em grande abundância, em redor de todas as estâncias, o *carduus marianus*, o sileno

nº 1.861, a *bursa pastoris*, o *poa annua* e um *medicago*, já muito conhecido em todos os relevados desde Rio Grande até Santa Teresa. O *erisimum officinale* não é raro tampouco desde Santa Teresa até aqui. Ontem e hoje ainda vi usarem do pequeno trenó que já descrevi, para buscar-se água.

VILA DE SAN CARLOS, 18 de outubro, duas léguas (espanholas). – Antes de minha partida da estância dos Bragados, meus hospedeiros fizeram-me saborear sua excelente manteiga. Aqui se faz muito mais manteiga do que entre os portugueses. O leite é tão cremoso nesta parte da América como no Brasil. As vacas deixam de dar leite quando não têm mais bezerro.

A cidade de San Carlos, onde parei, está situada na planície, perto de um arroio de mesmo nome. Este arroio corre serpenteando e de cada lado é margeado por uma orla de arbustos, entre os quais se vê frequentemente um *berberis*. As pastagens dos arredores são de um verde admirável.

A oeste, prolonga-se a mesma cadeia de colinas que, ao longe, descreve um semicírculo tomando a direção do mar. A sudoeste, avista-se no horizonte a torre de Maldonado. San Carlos regula ser duas vezes tão grande como Rocha e é igualmente quadrangular. As ruas bastantes largas, mas sem calçamento e, quando chove, há muita lama. As casas, em geral, são afastadas umas das outras, por cercados, construídas de tijolos sem reboco e maiores que as de Rocha. As mais ricas possuem teto à moda italiana, o que não tinha ainda visto em parte alguma, desde que estou na América. As demais são simplesmente cobertas de palha.

Aqui, como em Rocha, não se utiliza, para construir, cal nem cimento: emprega-se o barro do lugar, uma argila de um cinzento escuro que, sendo batida, forma uma argamassa tenaz e durável. Durante a guerra, muitos moradores deixaram esta cidade; veem-se ali casas desertas e outras que não foram terminadas. A cada casa corresponde um pequeno terreno quase sempre cultivado e rodeado de abóboras espinhosas, formando uma cerca impenetrável. A imobilidade desse vegetal, o verde carregado de seu talo e a cor vermelha das casas comunicam à cidade um ar de tristeza que contrasta, de maneira singular, com a alegria dos campos circunvizinhos.

No meio da cidade, uma grande praça quadrangular, coberta de relva, cujo lado ocidental é ocupado pela igreja. Há tempos não via uma igreja tão grande, construída de tijolos, com duas torres elevadas e um pequeno portal. Ainda não visitei o seu interior. Os habitantes de San Carlos, comerciantes e agricultores, ali só comparecem aos domingos. A cidade tem um alcaide e é sede de uma paróquia que começa em Santa Teresa e se separa da de Maldonado pelo arroio de que já falei.

.....

## *Capítulo VII*

MALDONADO – UM JOVEM CIRURGIÃO FRANCÊS ESTABELECIDO EM MALDONADO – EXCELENTE QUALIDADE DAS TERRAS – O ALMIRANTE JURIEU – SR. EBERT, NEGOCIANTE FRANCÊS – OS OFICIAIS DAS EMBARCAÇÕES *COLOSSE* E *GALATHÉE* – ILHA DOS LOBOS – LÓBOS-MARINHOS – ARROIO DEL SAUCE – PAN D’AZUCAR – ÓDIO DOS ESPANHÓIS CONTRA OS PORTUGUESES – A ÉGUA MADRINHA – ARROIO DE SOLIS GRANDE – NADA DE PRATOS – AO AR LIVRE, ARROIO DE SOLIS CHICO – ZORRILHO, ANIMAL DE LÍQUIDO FÉTIDO – ARROIO DOS MEIRELES – SERPENTES.

**M**

ALDONADO, 19 de outubro. – Ontem, à tarde, recebi a visita de um jovem cirurgião francês, estabelecido na região, que me convidou, amavelmente, a ir passear hoje, em Maldonado. Esta manhã me veio buscar, indo eu montado a cavalo, levando comigo Firmiano e Matias. Atravessamos amena planície, onde o rio São Carlos corre serpenteando, limitada, a oeste, pela pequena cadeia que acompanho desde São Miguel. Aqui chegado, fui à residência do cirurgião, muito pequena, mas arrumada com gosto e elegância, exigências que para nós se tornaram costume, necessidade a que os moradores dessas regiões têm tão pouca ideia. Após vestir-me com esmero, fiquei, a convite de Angelo Núñez, hospedado em sua casa; de lá fui visitar o coronel português que comanda a região. Mostrei-lhe a



portaria do conde de Figueira, e ele me recebeu muito bem. Como residiu muito tempo em Vila Boa, conversamos longamente sobre essa cidade e seus habitantes. Ainda não formei ideia suficiente de Maldonado para dela fazer uma descrição pormenorizada; no entanto, vou já relatar o que vi.

Esta cidade está situada cerca de um quarto de légua do mar, diante de uma enseada com excelente ancoradouro para a maior parte das embarcações. O terreno que se estende da cidade ao mar é bem arenoso. Defronte ao porto, na extremidade da cidade, uma torre quadrangular serve de vigia. As ruas de Maldonado, bem alinhadas e bastante largas, não possuem calçamento; mas como a terra é ali extremamente arenosa, nunca há lama. As casas geralmente afastadas umas das outras; algumas construídas de cal e areia, como as de Rocha e de São Carlos. Só têm um pavimento, mas bastante altas. Cobertas de palha as menos importantes; as outras, de teto plano, escondido pelo prolongamento das paredes, que medem cerca de três palmos de altura, e sob o qual há uma cornija. No centro da cidade, uma grande praça quadrangular. Num dos lados, vê-se uma igreja inacabada que começou a construir-se antes da guerra. A parte edificada é de cal e tijolos. As paredes largas, e o portal, já ultimado, majestoso.

Apesar de bonitos, os quartéis foram muito danificados pelos ingleses, quando aqui desceram. A casa do cabildo e da alfândega somente se prestariam para servir de habitação a particulares ricos.

Maldonado é habitado por negociantes ou agricultores. Nas vizinhanças dessa cidade cultiva-se muito trigo. As terras de tão boas dispensam adubo, podendo nelas semear trigo quatro anos seguidos, sem deixá-las descansar. Excelentes as pastagens dos arredores, e o gado ali bem mais vistoso que entre Rio Grande e Santa Teresa; mas seu número diminuiu consideravelmente durante a guerra, e o general Lecor viu-se até obrigado a defender as charqueadas para que o gado pudesse reproduzir-se. Assim, essa região, outrora exportadora de grande quantidade de couro, sebo, carne-seca, limita-se atualmente a exportar couros do gado consumido na praça.

MALDONADO, 20 de outubro. – Neste momento, há no porto de Maldonado um navio de guerra francês e uma fragata sob as ordens do contra-almirante Jurien. Fui hoje fazer-lhe uma visita, sendo por ele muito bem recebido. O senhor Jurien é homem alegre, cortês, sem nenhuma afetação e de extrema bondade. Todos os marinheiros, sob as suas ordens,

tecem-lhe os maiores elogios e lhe parecem extremamente afeiçoados. Disse-me que estará no Rio de Janeiro no próximo mês de maio e ofereceu-me voltar com ele para a França. Desejaria ardentemente poder aproveitar esse convite. Os oficiais que conheci não são menos cortesês que o almirante, principalmente o major-cirurgião e um oficial de engenharia incorporado na expedição. Estes senhores tiveram a bondade de mostrar-me a nau *Le Colosse*. Senti grande satisfação ao encontrar-me entre tantos franceses.

Nas casas de Maldonado, a sala de recepção é grande, caiada e quase sem mobília, tendo em vista o tamanho. As mulheres apresentam-se melhor que os homens. Entre estes, nenhum com fraque; quase todos só têm uma véstia redonda. Os espanhóis são de cortesia muito menos cerimoniosa que os portugueses, parecendo haver entre eles mais franqueza e camaradagem.

MALDONADO, 21 de outubro. – O homem mais rico de Maldonado é um negociante francês chamado Ebert. Ao chegar aqui, apresentei-me em sua casa. Recebeu-me com toda cortesia, convidando-me a jantar hoje com os oficiais dos navios *Colosse* e *Galathée*. No jantar só franceses e, após a partida do duque de Luxemburgo, eu não estivera ainda reunido a tantos compatriotas.

Hoje tomei uma carroça para ir a Montevideú; custar-me-á três piastras por dia, e mais duas por toda a viagem. Essa região já não é rica, mas o preço das diárias e da mão de obra permaneceu tal qual era ao tempo de seu esplendor. À tarde, vi um homem em andrajos que se recusava ir a cavalo daqui a Montevideú por sessenta francos, o que pode fazer facilmente em dois dias.

Diante da enseada que forma o porto de Maldonado, a ilha de Gorrite, onde, segundo me informaram, se encontra água. Ao tempo do rei de Espanha, havia uma guarda nessa ilha<sup>1</sup> e, desde que os portugueses se tornaram senhores do país, ali repuseram uma de sua nação. Perto da ilha de Gorrite encontra-se a ilha dos Lobos, nome que lhe deram por servir de refúgio aos lobos-marinhos, comuns nestas paragens. No verão, grande número desses animais vêm para a praia. Como sua compleição os obriga a andar lentamente, as pessoas os atacam, matando a pauladas, antes que

---

1 Provavelmente aquela que Casal chama de ilha de Maldonado.

tenham tempo de voltar à água. Sua pele fornece um forro apreciado e de sua carne extrai-se azeite. A caça do lobo-marinho é, atualmente, arrendada por conta de Portugal.

ARROIO DEL SAUCE, 22 de outubro, três léguas (espanholas). – Deixei hoje Maldonado; voltei a São Carlos, mandei carregar minha carroça nova e parti depois de haver jantado em casa de um cirurgião do lugar, que fez seus estudos em Buenos Aires, e parece muito amável.

A região percorrida é desigual, e rochedos à flor da terra aparecem sobre a colina como na pequena cadeia da qual tenho falado muitas vezes. As pastagens são excelentes, mas muito poucos animais. Várias choupanas na campanha. Ao passar diante de campos de trigo que não estavam cercados, fiquei surpreso por não haverem sido comidos pelo gado. Eis o que me informaram a respeito. As pessoas pobres, sem escravos, não cavam fossos em redor de seus campos, o que os obriga a fazer ronda, dia e noite, para afastarem os animais, e desse modo salvam suas colheitas. Parece-me que seria menos penoso abrirem fossos, pouco a pouco.

A pequena distância daqui, observei, à esquerda, a laguna da Barra, que se comunica com o mar. Parei numa estância cujas construções foram queimadas e onde só existe uma miserável choupana. Debaixo dessa habitação corre um pequeno curso de água denominado arroio del Sauce, por ser efetivamente rodeado de salgueiros da espécie nº 2.132, sexto. Este arroio deságua no lago da Barra.

PAN D'AZUCAR, 23 de outubro, quatro léguas (espanholas). – De todos os lados, pequenas montanhas, ou muitas vezes rochedos aparecem quase à flor da terra. Sempre na paisagem a montanha mais elevada, que se denomina Pan d'Azucar. As pastagens são excelentes, mas há muito não tenho visto senão pouco gado. Meu carroceiro e o senhor em cuja casa devo pernoitar esclareceram-me que ele fora consumido pelas tropas da pátria.

Outrora era o país muito rico; uma multidão de homens, a maioria deles mulatos ou índios, ali viviam sem possuir coisa alguma e sem nada fazer. Iam de uma estância para outra e, como uma vaca custasse apenas uma piastra, pouco incomodava ter-se em casa uma pessoa a mais para sustentar. Muita gente vinha do Paraguai e do Chile para passar assim a vida na ociosidade, fartando-se de carne e poder ao mesmo tempo ganhar muito dinheiro, quando por acaso lhes dava vontade de trabalhar. Decla-

rada a insurreição, estes homens, que nada tinham a perder, juntaram-se a Artigas ou aos seus capitães e começaram a roubar os pacíficos agricultores. Muitas vezes matavam uma rês unicamente para tirar-lhe a língua ou uma correia de seu couro; é assim que, sem necessidade e proveito para eles, exterminaram grande quantidade de animais.

Atualmente não existe quase nenhum desses homens. Muitos foram mortos, outros feitos prisioneiros, os restantes acompanharam Artigas e, agora, quando uma vaca custa até cinquenta francos e os estancieiros são muito menos ricos, já não suportariam tão facilmente em suas casas gente que vivesse às suas custas, sem nenhuma utilidade.

Do Rio Grande até Santa Teresa, vi campos de trigo junto a quase todas as estâncias. Os agricultores, homens trabalhadores, também criam animais. Segundo me informou meu hospedeiro, isto não ocorre nessa região. Os estancieiros limitam-se, em geral, a criar gado. Os que cultivam a terra são menos ricos e possuem somente algumas vacas para lhes tirar o leite. Suas residências não se denominam estâncias; dá-se-lhes o nome de chácara.

O homem em cuja casa parei tem, como os demais habitantes da região, pouca simpatia para com os portugueses, e convém notar que tal atitude se justifica, porque, quando o general Silveira (Bernardo da Silveira Pinto) passou por esse lugar, arrebatou-lhe o gado, prometendo-lhe pagar, mas até agora não cumpriu a palavra.

Meu hospedeiro assegura-me que os espanhóis desses rincões detestam os patriotas, no mínimo tanto quanto os portugueses, e só o que desejam é tornar a obedecer ao rei da Espanha; mas o testemunho desse homem é um pouco suspeito, porque nasceu na Europa. Como todos os seus compatriotas, acalenta a esperança de ver chegar, em breve, uma esquadra espanhola. É, em geral, a quimera dos europeus; aguardam a esquadra como os legalistas franceses esperavam o exército que devia livrá-los do jugo dos revolucionários.

PAN D'AZUCAR, 24 de outubro. – Por ser o Pan d'Azucar a montanha mais alta da região, fiquei hoje disposto a reservar o tempo para o escalar, na esperança de aí achar mais plantas que noutro lugar, saindo de casa, pelo arroio del Potrero del Pan d'Azucar, e que deságua no lago da

---

\* No original Pão de Açúcar.

Barra. Após percorrer cerca de um quarto de légua, através de excelentes pastagens, cheguei ao pé da montanha. De pequena elevação, falta-lhe muito também para ser escarpada; entretanto só pude escalar com dificuldade, por ser coberta de rochas, crescendo entre elas plantas espinhosas, principalmente o *espinho-da-cruz* e a *mimosa* nº 2.144.

Chegado ao cume da montanha, verifiquei que ela estava próxima do mar e, do lado oposto, descobri imensa extensão de terra bastante montanhosa, onde os rochedos se veem à simples vista, sobre o cimo das colinas. Voltei a casa, após uma coleta bastante expressiva. As plantas mais comuns no Pan d'Azucar, afora o *espinho-da-cruz* e a *mimosa* nº 2.144, mencionada por mim a cada momento, são o córtex, a composta nº 2.160, frondosa na base e cujos ramos erguidos e muito numerosos formam uma espécie de bola. No cume, em abundância, a composta nº 2.149 e a *labia-tiflora* nº 2.082, com flores de um perfume delicioso.

PAN D'AZUCAR, 25 de outubro. – Devia examinar grande número de plantas; entretanto, como o sol nasce muito cedo, fiquei pronto para partir antes das 10 horas.

Acordei antes de amanhecer, porque meus hospedeiros, afeitos a longa sesta, estão de pé desde o cantar do galo. Mal a carroça iniciara a andar, a mula, que serve de guia (madrinha) à minha pequena tropa de muares deitou-se e vi-me forçado a retornar aqui. Quando se viaja com cavalos de reserva, a melhor maneira de impedir que se afastem das pastagens e se percam é levar uma égua madrinha.

Aproveitei hoje a parada forçada para herborizar nas montanhas que ficam defronte do Pan d'Azucar, denominadas *cerro de las Ánimas*. A estrada que, desde o arroio del Sauce, se dirige quase sempre para o oeste, passa entre as duas montanhas cerca de uma légua (espanhola) do cerro de las Ánimas e um quarto de légua do Pan d'Azucar.

Esta última montanha é isolada, mas o cerro de las Ánimas faz parte de uma cadeia que deve, provavelmente, ligar-se à que me pareceu começar em São Miguel. Seria levado pela aparência a acreditar que o cerro de las Ánimas é mais alto que o Pan d'Azucar, visto não ser isolado como este. Muito menos pedregoso, quase coberto de pastagens, as quais me admirei de encontrar quase secas. As encostas do cerro de las Ánimas são pouco escarpadas; no entanto, em alguns lugares custou-me subir por causa dos

espinhos-da-cruz que, de todos os lados, embaraçavam meus passos. Além desse arbusto, encontra-se, ainda, em abundância, outra composta nº 2.160, cujos raminhos, numerosos e apertados, formam uma copa arredondada. Igualmente bastante comum nessas montanhas é uma composta, cujas flores são purpurinas e os ramos pouco numerosos. O subarbusto nº 2.161 está coberto de lindas flores afuniladas, de um branco azulado, apresentando no fundo de suas copas estrias brilhantes, alternativamente, amarelas e azuis. Também muito abundante nessas montanhas, a irídea nº 2.136, reputadíssima em toda a região como refrigerante *canchahayac*. Nos fundos, espaços consideráveis, cobertos unicamente do lathyrus nº 2.166, que atinge uma altura de aproximadamente quatro pés, formando espessos tapetes de um lindo azul. Do alto do cerro de las Ánimas, desfrutei ainda de uma extensa paisagem, abrangendo o mar e os campos mais baixos que o cerro.

ARROIO DE SOLIS GRANDE, 26 de outubro, cinco léguas. – A pouca distância do Pan d’Azucar avistamos o mar, mas em seguida, perdemos-lo de vista. Sempre pastagens excelentes e, à direita, a continuação do cerro de las Ánimas. Rochedos por quase toda parte, à flor da terra nas pequenas montanhas que compõem essa cadeia. Algumas casas de longe em longe. Como me preveniram que entre o arroio de Solis e Montevidéu já não encontraria gado, e a carne começava a faltar-me, detive-me na estância de Vieira e aí comprei um boi por quatro piastras, sem o couro e o sebo, o que é excessivamente caro, em relação aos preços antigos. Atiraram um laço nos chifres do animal e outro nas pernas; derrubaram-no, cortaram-lhe os jarretes, degolaram-no com uma faca e o retalharam. Toda essa operação se realiza com muita presteza. Os habitantes da Capitania do Rio Grande do Sul e os desta região sabem matar e retalhar o gado. Pode-se, com justa razão, chamá-los um povo carniceiro.

Parei numa pequena choupana situada perto do arroio de Solis Grande. Este parecia um braço de mar, porque as águas, aqui, são salgadas, embora se esteja a duas léguas do mar. Fui bem acolhido por duas mulheres que moravam nessa choupana e, à hora da ceia, convidaram-me a nela tomar parte. Desde Castillos, notei que em casa de nenhum agricultor se usa prato. Estende-se sobre a mesa uma toalha grosseira quase sempre muito suja, e nela se colocam as travessas de comida que se serve com colheres e garfos; cada um tira da travessa sua carne e come-a como pode. Em Minas,

ao contrário, as pessoas, mesmo as mais pobres, têm talheres, e a refeição é sempre servida sobre toalha de linho limpa.

Essas mulheres falaram muito mal dos portugueses, mas só após terem certeza de que eu não pertencia a essa nação. “Que desejam, pois?” disse-lhes eu; “querem retornar à obediência do rei da Espanha ou ser independentes?” Não consegui obter uma resposta categórica, mas deram a entender que não gostavam dos europeus por causa do desprezo com que tratavam os nativos.

ARROIO DE SOLIS CHICO, ao ar livre, 27 de outubro, sete léguas. – Esta manhã, meus hospedeiros me preveniram que soldados espanhóis, da Guarda de Mosquito, onde eu devia parar, tinham muito má reputação no lugar, e que se lhes atribuíam roubos e mesmo assassinatos cometidos na vizinhança. Sobre isso adverti Mateus que parece o mais sensato de meus soldados, mas verifiquei que ele já sabia de tudo e estava muito assustado. Montamos a cavalo e continuamos a seguir a grande estrada que se dirige ainda para o oeste.

A pouca distância de Solis Grande, perdemos de vista a cadeia do cerro de las Ánimas, que toma direção norte. A região que atravessamos é de excelentes pastagens, ondulada, mas já não apresenta colinas pedregosas. Em muitas direções margeiam a estrada duas fileiras de flores de um azul púrpúreo, as do *echium* nº 2.173, que comecei a ver em Santa Teresa, provavelmente, o nosso *echium* vulgare.

Como reinasse mau tempo, deixei meu cavalo; subi na carroça e nela dormi profundamente. Ao despertar, o carroceiro parou os bois e me disse que tínhamos chegado ao lugar onde deveríamos ficar. Admirei-me por não ver nessa paragem nenhuma casa e percebi que, enquanto eu dormia, havíamos percorrido uma légua mais longe do que a Guarda de Mosquito. Está claro que meu pessoal, assustado pelo que se lhes havia contado a respeito dessa guarda, se aproveitara de meu sono para fazer avançar meu carroceiro. Como se achasse privado por isso de pequenas comodidades de que necessito para trabalhar, não deixei de manifestar descontentamento a um de meus soldados que lá se achava e de lhe dizer que estava surpreso de que militares fossem acessíveis a tais temores. Respondeu-me muito mal e, quando chegou seu camarada, foi com este atear fogo bem longe daquele que meu pessoal tinha feito e instalaram sua cozinha à parte. Estes homens

vão de manhã procurar os cavalos nas pastagens e à tardinha os trazem de novo para lá; aliás, não me são de nenhuma utilidade, não prestam absolutamente para nada; é claro que estão descontentes, mas não posso adivinhar a causa disso. Sem dúvida, terão sido prevenidos por José Mariano, ou mesmo por Firmiano, que eu, ao mesmo tempo que os censuro, redija falsos relatórios para deles me vingar. De sua parte, José Mariano repete aos quatro ventos que me abandonará. Meu hospedeiro do Pan d'Azucar me advertiu que ele parecia homem mau, e não se enganava.

Acho diferenças muito sensíveis entre a fisionomia dos espanhóis e a dos brasileiros. Uns e outros são, em geral, de cabeça alongada; mas os primeiros a têm mais grossa e mais larga, sua tez é mais fortemente colorida, os olhos, maiores, o nariz, mais comprido; talvez de fisionomia mais bela, porém menos expressiva.

Os zorrilhos são comuns nesses campos; sentimos muitas vezes seu odor fétido, mas foi hoje que vi um deles pela primeira vez e confesso que o receio de ser atingido pelo líquido que lança sobre o inimigo me impediu de lhe chegar mais próximo. Pareceu-me do tamanho de uma fuinha; sua cauda, coberta de longo pelo, estava torcida sobre o dorso e ele fugia, saltando. Um cão que me segue desde Rio Grande foi atacá-lo, quando um jato de líquido fétido o obrigou de imediato a bater em retirada. O pobre cão pôs-se a rolar no pó, esfregar-se na erva; e, além de tudo isso, acredita-se que ele exalará mau cheiro ainda durante muito tempo.

ARROIO DE MEIRELES, 28 de outubro, sete léguas. – A estrada continua a se dirigir para o oeste; as pastagens se mantêm excelentes; o gado rareando; o terreno, ondulado. Entre Castillos e São Carlos, andamos sempre a três ou quatro léguas do mar; depois, mais próximo, e hoje nos afastamos dele. Atrás de nós, descobrimos o Pan d'Azucar, e adiante, ao longe, Montevidéu.

No lugar chamado Pando, passamos um arroio bastante largo, ladeado de arbustos como o de Solis Chico. Lá no campo casas diversas. A região encantadora, a erva da pastagem com seu verdor fascinante semeada de flores, vegetando entre elas com opulência o echium nº 2.173, a composta labiatiflora nº 2.002, e a silenea nº 1.861 bis, estas duas últimas vicejam a partir de Santa Teresa. Desde São Carlos, espaços bastante



consideráveis, cobertos de uma cínara, que se assemelha singularmente à nossa alcachofra por suas grandes folhas espinhosas, penatífidas e esbranquiçadas, contrastando com suas pequeníssimas flores. O gosto das folhas do involúcro e do receptáculo é o mesmo que o da nossa alcachofra, e as hastes não o têm menos agradável. Os espanhóis cortam essa planta e dão aos cavalos, ou então fazem-na secar para queimá-la como lenha.

Parei numa linda casa pertencente a um boticário de Montevideú, de quem recebi muito bom acolhimento. O ar discreto de meu hospedeiro e de sua mulher não denunciava certamente intenções hostis; entretanto, meus soldados estão ainda tomados de espanto, indo alojar-se a meio quarto de légua da casa, o que é muito incômodo, porque Firmiano os acompanhou, deixando a carroça desguarnecida. Apresentei minhas reclamações a esses homens, mas sem êxito algum. Quando os cavalos se soltam nas pastagens, só cuidam de comer e não auxiliam em nada; estou quase resolvido a devolvê-los, quando estiver em Montevideú.

Desde o Rio Grande até Santa Teresa, temos visto muito poucos pássaros pertencentes a reduzido número de espécies diferentes. Em compensação, as serpentes são muito comuns; não se passa o dia sem que José Maria tenha preparado algumas delas e continuamente as encontramos à beira da estrada.

.....

## Capítulo VIII

MONTEVIDÉU – PADRE GOMES – CAVALEIRO DEL HOST – CERTA NOITE, O AUTOR PERDE-SE NA PERIFERIA – GENERAL LECOR – BOA ADMINISTRAÇÃO – DANÇAS DE NEGROS – VICE-ALMIRANTE JOSÉ RÓDRIGO FERREIRA LOBO – CORONEL FLANGINI – SR. CAVAILLER – MONS. LARRAÑAGA,\* PÁROCO DE MONTEVIDÉU – SEU HERBÁRIO – RÁPIDA INVASÃO DE PLANTAS EUROPEIAS – BAILE E ESPETÁCULO EM CASA DO GENERAL LECOR – HERBORIZAÇÃO NO CERRO DE MONTEVIDÉU – REDAÇÃO DE UMA TERCEIRA MEMÓRIA SOBRE AS PLANTAS CUJA PLACENTA SE LIBERTA APÓS A FECUNDAÇÃO – GÊNERO PELLETIERA – M. PUYRREDÓN,\* ANTIGO GOVERNADOR DE BUENOS AIRES – D. MIGUEL BARRERO\* – COMENTÁRIOS SOBRE ESTE PAÍS – CEMITÉRIO – SR. MORE – BIBLIOTECA PÚBLICA – HOSPITAL – NEGOCIAÇÕES DO DUQUE DE RICHELIEU COM BUENOS AIRES PARA DAR O GOVERNO AO DUQUE DE ORLÉANS – NEGOCIAÇÃO CONTINUADA PELO SR. DECAZES EM PROVEITO DO PRÍNCIPE DE LUCQUES.

**M**ONTEVIDÉU, 29 de outubro. – Sempre as melhores pastagens cobrindo planícies maravilhosas. A certa distância de Montevideú, surgem as casas e, à medida que se aproxima da cidade, tornam-se mais frequentes. Antes da guerra, este país florescia, mas hoje as habitações próximas da cidade estão semidestruídas e inteiramente abandonadas. Foram arrasadas pelas tropas dos revoltosos durante os vinte e dois meses que ficaram acampados em torno da praça. Antes de chegar a Montevideú, percebem-se, à distância, as torres da igreja paroquial e o Morne, cerro

---

\* No original Larenhaya, Payredon, Barrern.

grande e pouco elevado, em frente à cidade, do outro lado da baía, e sobre cujo pico se situa a fortaleza.

Hoje é domingo; e havia tanto movimento nos subúrbios de Montevidéu como nas nossas grandes cidades da província. A todo instante, eu encontrava grupos de homens e mulheres que passeavam a cavalo. Muitas crianças soltavam pandorgas, brinquedo totalmente desconhecido no Brasil; outros jogavam bola, o que também não se vê no Brasil. Os cavalos aguardam, tranquilamente, diante das pulperias, os seus patrões satisfeitos ou embriagados.

Levei Mateus comigo e entramos juntos na cidade, perguntando pelo padre Gomes. Para chegar lá, atravessamos ruas não muito largas, mas alinhadas a cordão. Diante das casas, enormes pedras que servem de calçada, separadas do resto da rua por pedaços de madeira. As casas de tijolos, um andar e telhado plano. A imensa praça tem forma quadrangular. Eu me espantei da imundície extrema das ruas e da praça pública.

Quando cheguei à casa do Padre Gomes, apresentei-lhe as cartas que trazia para ele; disse-me que recebera a que eu tinha escrito em Maldonado, mas que não pôde encontrar-me uma casa. Essa notícia, dada com tanta frieza, sacudiu-me o ânimo, e fui ter com outro negociante a quem fui recomendado, e em cujas mãos confiei o valor de minha carroça. Ele foi muito atencioso, mas, como o padre Gomes, não encontrou nenhuma casa que me pudesse abrigar. Entretanto, voltei à casa desse último, onde tinha deixado Mateus, e ele deu-me uma carta para um padre amigo seu, morador fora da cidade. Pedi a Mateus dizer ao carreiro que parasse no lugar onde ele o reencontraria, indo eu sozinho para a casa do padre. Este, apesar do calor excessivo, percorreu todos os arredores comigo para achar uma casa, mas nossas buscas foram inúteis. Quando voltamos à casa dele, eu morria de fome, arrasado pelo calor e cansaço, francamente desesperado por não saber o que fazer de mim, de meus cavalos e de minha bagagem. O jantar do bondoso padre encorajou-me um pouco; sua casa é muito pequena para me abrigar, mas pedi-lhe permissão a fim de trazer minha carroça para as proximidades. Fui, então, buscá-la e instalei-me na casa do padre. Entrementes, chegou o padre Gomes e lembrou-se de um homem, dono de uma padaria fora da cidade, que ali possuía um quarto de reserva. Fomos até lá e, efetivamente, ele me cedeu dois quatinhos, um para mim

e outro para meu pessoal. Nesse ínterim, os soldados voltaram à cidade a cavalo e, só à noite, pude me instalar na nova moradia.

MONTEVIDÉU, 30 de outubro. – Mal me havia preparado para ir até a cidade, quando encontrei o cavaleiro del Host, ajudante-de-ordens do general Lecor, que eu conhecera no Rio de Janeiro. Acolheu-me com muita distinção e conversamos muito sobre nossos amigos do Rio de Janeiro, principalmente o conde de Flemming e o sr. Dalborga. Este cavaleiro del Host disse-me que nasceu na Toscânia; deixou sua pátria quando invadida pelos franceses, indo oferecer seus préstimos ao imperador da Alemanha e, quando este se aliou a Bonaparte, ele veio servir a Portugal. Acompanhado pelo cavaleiro, fui até a casa do general; mas, por estar ocupado, não me recebeu, dizendo ao cavaleiro que me atenderia às 7 horas. Sempre acompanhado pelo cavaleiro, encontrei-me com o sr. Herrera, assessor do general, considerado famoso juriconsulto. O sr. Herrera\* prometeu levar-me amanhã até a casa do pároco da cidade, mons. Larrañaga. Dele se elogiam os conhecimentos em História Natural. O cavaleiro ainda me levou à casa das senhoras Ourivas, onde ele passou a metade de sua vida, e que se conta entre as principais pessoas da cidade. A casa é grande e muito bonita, com peças limpas e bem mobiliadas. Quando entrei, uma dessas senhoras tocava piano e as outras costuravam. Achei-as muito educadas, de maneiras elegantes, mas muito frias. Muitos homens também se encontravam lá reunidos, mas pareceram-me mais frios e mais graves que as mulheres.

Após o jantar, fui à casa do padre Gomes, que se mostrou mais afetuoso que na primeira vez. Contou-me que encontrara uma cocheira para colocar meus cavalos durante a noite e que, durante o dia, eu poderia pô-los a pastar sob a vigilância de meus soldados. Voltei à casa para comunicar-lhes tal decisão e, para minha surpresa, não me fizeram nenhuma objeção. De lá, voltei à cidade, indo à presença do general com o cavaleiro. Encontrei-o à sobremesa. Apresentei-lhe o despacho do conde de Figueira; ele o leu, fez-me sentar ao seu lado e ofereceu-me um copo de vinho. O General Lecor é um homem de cinquenta anos, alto, magro, cabelos louros, rosto moreno e olhos negros, fisionomia fria, mas que

---

\* No texto francês Henera.

traduz bondade. Formulou-me duas ou três perguntas bem vagas, com bastante indiferença, limitando-se a isso o nosso diálogo. Por ocasião de minha despedida, disse-me, impassivelmente, que estava pronto a prestar-me o auxílio de que precisasse. Habitado às boas maneiras do conde de Figueira e do sr. João Carlos d'Oyenhausem, eu me retirei, confesso, pouco lisonjeado com tal recepção.

Ao sair, o cavaleiro cedeu-me o soldado que lhe serve de empregado para acompanhar-me até a minha casa; mas, à porta da cidade, o oficial da guarda disse a este homem que, se ele sáísse, já não poderia voltar. Então, despedi-me dele, decidindo-me ir só. Mas a noite estava tão escura, que, ao dar apenas alguns passos, já não via o sinal da estrada. O terreno, bastante extenso, que se estende entre a cidade e as primeiras casas dos arredores, era totalmente irregular; em alguns lugares, havia escavações mais ou menos profundas; em outros, rochedos. Ao longe, avistei uma luz e logo rumei em direção a ela; mas a todo instante, eu caía em algum buraco, enfiando-me num monte de espinho. Acabei por já não enxergar a luz e parei num casebre, onde o terreno era mais acidentado ainda do que o que eu vinha percorrendo. O vento soprava muito forte, de vez em quando chovia e, vendo que cada vez mais era difícil prosseguir, decidi voltar, dirigindo-me à cidade onde se avistavam luzes. Ao chegar à porta, bati bem forte. O guarda, ouvindo o barulho, veio e perguntou-me o que eu queria. Disse-lhe que desejava falar com o oficial da guarda e, em seguida, este se apresentou do outro lado da porta. Lembrei-o de que eu tinha falado há uma meia hora, quando passara acompanhado do soldado do cavaleiro del Host; perguntara-lhe se não havia um meio de voltar à cidade. Ele respondeu-me que acabara de enviar as chaves ao governador, mas que não poderia permitir nada mais do que eu trepasse pela porta. Embora esta não seja muito alta, duvido que eu me arriscasse a tal aventura de dia; imaginem, ainda, à noite.

Sendo de todo impossível dormir na cidade, pedi ao oficial que me indicasse alguma pista para achar uma casa. Ele me disse que, se eu prosseguisse sempre à margem da baía, sem me afastar das areias, encontraria infalivelmente uma casa em poucos minutos. Dirigi-me para lá entrando n'água até os joelhos, imaginando caminhar sobre a areia. A maré, alta, chegava até os rochedos. Arriscando quebrar a cabeça a qualquer momento, eu subia nas pedras, descia, atravessava regatos, mas, afinal, uma escuridão

ainda maior me anunciou a proximidade de uma habitação. Um bando de cachorros, que defendia a entrada, começou a ladrar enfurecidos. Eu os ameacei com o meu bastão e, com a outra mão, bati à janela. Uma voz de homem, muito forte, respondeu-me que aquilo não era hora de alguém bater, e que eu podia prosseguir meu caminho, implorei, pelo amor de Deus, que não deixassem um pobre viajante perdido passar a noite exposto ao frio e à chuva. Tiveram piedade de mim, a porta se abriu e me acolheram. Porém, como eu devesse dormir no chão e sentisse frio, por estar molhado, supliquei-lhes que me levassem até minha casa; mas, durante muito tempo, não me quiseram atender. Até que, finalmente, o dono da casa se levantou sem dizer nada, pôs umas calças e botas e ofereceu-me um cavalo. Eu lhe disse que preferia ir a pé, e partimos. A toda hora ele me repetia: “Não imagino como um homem possa andar a pé por estes caminhos numa noite tão escura. Eu mesmo, que conheço tão bem estes lugares, certamente não seria capaz de vir até aqui a cavalo, se o seu pedido não me tivesse comovido.” Enfim, cheguei são e salvo e despedi meu guia, após gratificá-lo.

MONTEVIDÉU, 31 de outubro. — É difícil saber qual será o destino desse país; mas se ele deve continuar com Portugal, não se poderia negar que o general Lecor empenhou-se em incentivar o ódio dos espanhóis contra os portugueses e fazê-los amar seu novo soberano. Enquanto os espanhóis da margem ocidental do rio da Prata devoram-se entre si, Montevidéu goza de profunda paz. Não mudaram as formas de administração; nem aumentaram os impostos, e a receita é aplicada às necessidades do país e ao pagamento dos funcionários espanhóis. O general escuta e faz justiça a todos, favorece, o quanto pode, os habitantes da região, mantendo uma disciplina severa entre as tropas. É o governo português que paga as despesas de suas tropas; o general tira, todos os meses, cinquenta contos de réis do Banco do Rio de Janeiro para suprir às necessidades e, como a tropa é composta de portugueses, esta soma é tirada das rendas de Portugal e não sobre as do Brasil.

Hoje almocei em casa do padre Gomes, muito delicado e bondoso. Notei que os convidados, todos portugueses, estabelecidos aqui há muito tempo misturavam bastante o espanhol em sua linguagem. Os idiomas espanhol e português assemelham-se tanto que, quando se sabe uma dessas línguas, compreende-se a outra facilmente. Desde o instante que ouvi os espanhóis, sempre os compreendi quando me dirigem a palavra, e

eles igualmente me entendiam, embora eu só fale português. Entretanto, perco muita coisa na conversação geral, sobretudo, quando se trata de mulheres, pois falam muito mais depressa que os homens.

MONTEVIDÉU, 1º de novembro. – Almocei ainda com o padre Gomes, que está ainda preocupado em proporcionar-me um meio de transporte para prosseguir. Hoje é dia de festa; passeando na cidade, cheguei a uma pequena praça, onde dançavam vários grupos de negros. Movimentos violentos, posturas ignóbeis, contorções horrorosas constituem as danças desses africanos, mas eles são apaixonados por esses exercícios, dedicando-se a eles com furor. Quando dançam, esquecem tudo, até a escravidão; esquecem o mundo, não pensam em mais nada, estão totalmente embriagados pelo prazer. O branco, atormentado por sua inteligência, não seria capaz dessa volúpia sem mistura. Uma porção de ideias estranhas apresentam-se-lhe à imaginação no meio desses prazeres, diminuindo-lhes a vivacidade. O homem branco não poderá jamais, como o negro e o índio, desassociar-se inteiramente da ideia do futuro e do passado; no mesmo instante em que a volúpia o inunda, ele ainda não está plenamente satisfeito, pois sua imaginação sempre aspira mais; abandona seus sonhos e constrói já novas esperanças.

MONTEVIDÉU, 2 de novembro. – Há muito tempo, José Mariano vem repetindo que me deixaria ao chegar a Montevideú, e eu esperava todos os dias que ele me pedisse suas contas. Foi ontem que ele me revelou não ir mais adiante. “O que o Sr. me dá – disse-me ele – não basta. Vou partir para o Rio de Janeiro, se o Sr. não me der o que vestir e calçar.” – “Farei hoje mesmo suas contas” – respondi-lhe, “e você pode ir quando quiser.” De fato, esta manhã, apresentei-lhe as contas, dizendo-lhe que pagaria na cidade. Acompanhado dele fui à presença do cavaleiro del Host, e contei a este toda a história. Ele me exortou a ter paciência, e o desejo de completar a minha coleção de pássaros forçou-me a conservar ainda este homem, que já se me afigurava insuportável. Ofereci-lhe, então, o dobro. E, mediante este aumento, ele concordou em ficar, mas estipulamos que esse dobro seria descontado do seu ordenado, se ele me deixar antes de minha volta a Porto Alegre.

Hoje, o cavaleiro del Host levou-me à casa do vice-almirante José Rodrigo Ferreira Lobo, à do tenente-coronel Gurjão, assistente do

mestre-geral, e à do coronel Flangini. Só encontrei o almirante e o coronel, sendo por ambos amavelmente recebido. O sr. Flangini, homem instruído e talentoso, falava muito bem o francês.

MONTEVIDÉU, 3 de novembro. – Há aqui um rico negociante francês, chamado Cavailler, e em cuja casa se hospedava o almirante Jurien. Fui ver este último logo que cheguei e, ao mesmo tempo, visitei o meu anfitrião. Depois da partida do contra-almirante, voltei à casa do sr. Cavailler, que hoje me convidou a jantar. O assunto girou em torno das minhas viagens, tema que devia me interessar; entretanto fui, quanto possível, bem reservado, pois não quero habituar-me a contar constantemente minhas aventuras. O sr. Chapre, cunhado do sr. Cavailler, que aqui exerce a medicina, apresentou-me, esta tarde, ao padre Larrañaga, pároco de Montevideú, de quem me fez o elogio desde Porto Alegre e do qual já me haviam dito ser exímio pesquisador de História Natural. Achei-me diante de um homem de cerca de cinquenta anos, rosto longo mas cheio, nariz comprido, agradável sorriso e olhos grandes denunciadores de espírito e vivacidade. Recebeu-me delicadamente e logo tratamos de botânica. Tive, hoje, um prazer imenso que há muito não experimentava desde o Rio de Janeiro: o de falar da ciência a que me dedico, sem cessar, com um homem que a ela também se aplica com sucesso. Sem o auxílio de um herbário, sem nunca se comunicar com um botânico, o pe. Larrañaga, somente com livros, chegou a determinar perfeitamente bom número de espécies difíceis. Redigiu um catálogo de setecentas plantas recolhidas perto de Montevideú, e observei que a maioria pertence aos gêneros da flora europeia; isto prova a analogia dos dois climas, confirmada pela facilidade com que as plantas da Europa crescem neste país.

O pe. Larrañaga viu, pela primeira vez, há dez anos, um pé de *myagrum* n° 2.217; e hoje, cobre, só com ele, quase todo o espaço que se estende entre a cidade e os arredores. As plantas europeias são aqui tiranos que tomam conta de extensos terrenos e expulsam as espécies indígenas. As que na sua terra natal se encontram isoladas, tais como a *echium* n° 2.173, apegam-se, por assim dizer, aos passos do homem, aos arredores de sua habitação, bordam os caminhos por onde eles passam e recobrem as pastagens, crescendo aqui em harmonia com outras. Além das espécies que eu já citei, pode-se mencionar ainda o *erycinum*, a cínara, o ântemis, o beta, que eu não posso deixar de considerá-los como pertencendo à Euro-



pa. A silenea nº 1.861 bis mistura-se com todas essas plantas, encontrando-se ainda nos lugares mais afastados.

MONTEVIDÉU, 4 de novembro. – Era hoje o aniversário do general Lecor. O cabildo ofereceu um baile em sua honra. O general tinha-me feito o convite ontem por meio do cavaleiro del Host, e hoje fui ao seu palácio à hora marcada. Encontrei os principais oficiais do estado-maior e, entre outros, os que me foram apresentados anteontem, reunidos numa grande sala.

O cavaleiro apresentou-me aos que eu ainda não conhecia, dentre eles o coronel Manuel Marques, filho do tenente-general que vi em Rio Grande. O general entrou e desfez-se em atenções para comigo. Em seguida, fez sentar-me ao seu lado num sofá, e falamos muito sobre minhas viagens. Passamos à sala de jantar, onde me colocou à sua direita, desfazendo-se em amabilidades durante todo o jantar, ocasião em que me prometeu dar um guia para acompanhar-me no resto de minha viagem.

Após o jantar, perguntou-me se queria ir ao espetáculo. Aceitei e colocou-me a seu lado no camarote, contíguo ao palco. A sala, bastante grande, teto não estucado, desprovida de ornamento, apresenta somente três filas de camarotes, contando as dos andares superiores. Os homens sentam-se em bancos na plateia; o teatro é pequeno e as decorações, feias. Representaram duas peças: uma tragédia e uma pequena comédia. Não se podia dizer que os atores, pelo menos os principais, sejam péssimos, mas não passam de medíocres. Na tragédia, onde o herói era Viriato, todos os artistas vestiam a antiga roupa espanhola. Não pude compreender a peça, porque meus vizinhos falavam continuamente comigo. Acompanhei melhor a comédia, cujo enredo é o seguinte: um homem tinha a mania de procurar tesouros, e um de seus amigos quis ver se o curava. Penetra-lhe no íntimo e lhe faz crer que ele é mágico, que tem comércio com os demônios e que o tesouro tão desejado pode ser descoberto por estes meios. Faz-se passar o herói por uma série de mistificações; ao fim da última, seu marido e sua mulher aparecem numa nuvem e lhe dizem que uma boa mulher e um amigo sincero são o único tesouro digno de inveja. Vê-se em tudo isso que não há nada de intriga, nem cômico, nem espiritual. Durante todo o espetáculo, os assistentes não manifestaram o mínimo sinal de aprovação e, segundo me dizem eles, ficam sempre apáticos.

Depois do espetáculo, fomos ao baile realizado numa grande sala da Casa do Cabildo, paço da Câmara Municipal. Não tinha o mínimo ornamento, mas surpreendi-me de ver, numa das extremidades, o retrato do rei de Portugal, abaixo do qual se achavam cetros cruzados sobre uma almofada de veludo. Os homens estavam de pé e as mulheres, sentadas em banquetes. Estas muito bem vestidas e, entre elas, grande número de moças muito bonitas, de boas maneiras e delicadas, que não pude deixar de admirar. Não creio que na França, numa cidade de população semelhante, pudesse realizar-se uma reunião de senhoras tão distintas. As de Montevidéu não têm, evidentemente, a graça e a vivacidade das francesas, porém talvez mais elegantes em suas maneiras. Quanto aos homens, repito o que já disse sobre sua apatia.

Todas as qualidades de refrigerantes eram oferecidas prontamente a quem os solicitasse. Mas, se no Rio Grande havia, em todos os bares, uma mesa servida com profusão exagerada, podemos convir que a mesa aqui do baile do cabildo de Montevidéu fazia pouca honra à sua generosidade. Poder-se-ia pensar que se destinasse a uma meia dúzia de meninos. Depois de ter passado algumas horas nesta reunião, saí e fui dormir em casa do Sr. Cavaller.

MONTEVIDÉU, 5 de novembro. – Fui passear hoje no cerro de Montevidéu, morro situado em frente da cidade, do outro lado da baía. Saí a cavalo com Joaquim, que levava minha carteira e logo seguimos às margens da baía. Encontramos um ribeiro chamado rio Seco, e a maré baixa permitiu-nos atravessá-lo a pé.

Um segundo arroio, o rio de Miguelito, ofereceu-nos mais dificuldades; menos extenso que o outro, porém mais profundo, lodoso, suas margens barrentas servem de moradia a uma multidão de caranguejos. Não pudemos transpô-lo como o outro, o que nos obrigou a seguir suas margens durante muito tempo, antes de encontrar lugar raso. Essas margens, a pequena distância, são cobertas de erva fresca e abundante, no meio da qual vi numerosas plantas que ainda desconhecia. Prosseguindo o caminho através de campos magníficos, cobertos de excelentes pastagens, chegamos ao pé da montanha. Isolada, com pouca elevação, apresenta, como disse, a forma de um cone, cuja aresta é bem oblíqua. No cume, construiu-se um forte que domina a entrada da baía e, desse local, descortinei uma vista

maravilhosa; de um lado, imensas pastagens, do outro, o rio de la Plata, a baía, a cidade de Montevidéu e seu porto, coberto de embarcações.

A baía, de formato oval, adentra nas terras de norte a sul. À sua entrada, uma faixa de terra a separa dessa parte da embocadura do rio, que se poderia quase considerar como pertencendo ao mar, estendendo-se na direção nordeste-sudoeste. Montevidéu está construída na extremidade desse istmo. A vegetação do cerro de Montevidéu é quase artificial e se compõe principalmente de echium nº 2.173, de um miagramum e da silenea nº 1.861 bis. Isto confirma o que já disse: estas plantas se apegam aos pés dos europeus, com os quais foram introduzidas neste país. A gente as encontra ao redor do cerro, e elas cobrem a montanha onde construíram um forte, percorrido continuamente pelos soldados.

MONTEVIDÉU, 10 de novembro. – Quando ia ao cerro, vi as margens do rio de Miguelito coberto de erva muito fresca, entremeada de numerosas flores. Nestes últimos dias, fez um calor imenso acompanhado de um vento muito forte; voltei hoje às margens do arroio e fiquei admirado de ver como, em tão pouco tempo, a erva perdeu sua frescura e as flores murcharam. Se depois de colher uma flor, eu não a tivesse posto sob a prensa imediatamente, suas folhas enrolar-se-iam e as flores ficariam logo murchas. Na zona tórrida, dá-se o contrário; muitas vezes, mantive, bastante tempo, plantas expostas ao sol e não murcharam. Tudo isso confirma o que já disse: a quantidade de partículas aquosas contidas nas plantas não está exatamente na razão inversa da intensidade do calor, pois, se assim fosse, uma flor destacada de sua haste não deveria murchar aqui mais do que nos trópicos.

MONTEVIDÉU, 14 de novembro. – Passei vários dias sem poder escrever este diário, por estar arranando minhas coleções, fazendo compras e visitas. Também redigi um terceiro relatório sobre as plantas cuja placenta central se liberta após a fecundação e enviei a Maldonado, onde deve ser remetido ao comandante do *Ariège*, navio de guerra francês, que veio trazer mantimentos ao *Colosse* e que logo volta para a Europa. Incluí este relatório numa carta aos administradores do Museu; além disso, também escrevi, na mesma ocasião, ao Sr. Deleuze, à minha mãe, ao Sr. Franchet, ao Sr. Pelletier, dizendo a este último, que lhe dediquei, no meu relatório, um novo gênero com o nome de *Pelletiera*.

Infelizmente perco muito tempo por estar bem afastado da cidade. Sou obrigado a dormir na cidade e, por isso, tenho uma cama em casa do sr. Cavailler, que continua dispensando-me todas as atenções. São igualmente delicados seu cunhado e cunhada, sr. e sra. Chapre, e também o sr. More, francês que mora com eles. Acompanhado do sr. More, fiz uma visita ao sr. Puyrredon, que deu a honra de vir me ver, mas não me encontrou.

O sr. Puyrredon é filho de francês; foi à Europa, é muito atencioso e fala muito bem nossa língua, além de extremamente honesto. Sabe-se que durante longo tempo esteve na chefia da República de Buenos Aires; ninguém governou tão bem quanto ele. Entretanto, não conversamos sobre política; só falamos a respeito do Brasil, cujo litoral o Sr. Puyrredon já percorreu. Em toda a conversa, demonstrou espírito e bom senso.

Dei a entender a dom A. Núñez meu desejo de obter algumas informações sobre a história desse país. Prometeu-me alguns apontamentos, e não deu; mas seu irmão me presenteou, ultimamente em casa de d. Miguel Barrero, que se diz muito bem informado do que se passou aqui desde a revolução. Quando vi pela primeira vez D. Miguel, fiquei com ele só alguns instantes, mas hoje passei algumas horas. D. Miguel é um homem de estatura baixa, muito magro, cerca de trinta e cinco anos, cabelos pretos e cerrados, naturalmente crespos, fisionomia delgada e fina, tez extremamente pálida, olhos negros e ardentes, profundamente encravados; ele se expressa com brilho e vivacidade demonstrando ser instruído e inteligente.

De início, falamos da Europa, mas aos poucos a conversa enveredou sobre este país. O que me disse D. Miguel confirma o que eu já pensava: um dos maiores obstáculos à independência e à tranquilidade deste país é a pouca união entre seus habitantes. Não somente querem ser livres, mas cada cidade, cada cantão, cada aldeia aspira a uma independência particular, não se entendendo com as aldeias vizinhas, mesmo sobre interesses comuns. Subsiste, desde há muito tempo, uma grande rivalidade entre a cidade de Montevideu e a de Buenos Aires, invejosa das vantagens que um porto excelente acarreta à sua vizinha. Montevideu, por seu lado, procura privar Maldonado dessas mesmas vantagens e vê-se também Buenos Aires fazer guerra a Santa Fé, etc.

Os costumes da maioria dos camponeses são ainda um obstáculo à independência do país. Esses homens, cujo caráter se plasma na dureza, indiferença e egoísmo, alheios a qualquer sentimento de religião e humanidade, demonstram também pouca previdência para com os seus índios, dos quais muitos devem a sua origem. Estes homens, repito, confundirão sempre licenciosidade com liberdade e estarão aptos a seguir o primeiro chefe que favoreça suas inclinações para a desordem e a pilhagem. Sem dúvida, os habitantes das cidades são bem superiores aos camponeses; na maioria, igualmente sem moral, sem boa-fé.

Imaginava-se, na Europa, que se reencontrariam os anglo-americanos nos espanhóis da América; mas não se pensaria que esses, descendentes de vis aventureiros, não tivessem nenhum desses nobres sentimentos que só podem conduzir à liberdade, enquanto a América inglesa é, em grande parte, povoada de sectários exaltados e virtuosos. A gente deste país não manifesta seus sentimentos políticos. Embora o governo português tenha sempre mostrado grande tolerância, cada um se fecha em sua reserva; algumas pessoas deixam transparecer o que pensam, mas não falam com franqueza como nós. “Tais são meus sentimentos e eu deles me honro.”

Os realistas, tratados pelos portugueses menos favoravelmente que os insurretos, são ainda os que se exprimem com menos precaução. Este partido se compõe quase unicamente de espanhóis nascidos na Europa, e que esperam uma esquadra da Espanha com a mesma confiança com que os realistas franceses esperavam, no início de nossa revolução, os exércitos do imperador ou do rei da Prússia.

Quanto aos americanos, eles concordam num ponto: o seu ódio para com seus compatriotas, a quem não perdoam as humilhações a que foram submetidos. Aliás, se querem ser independentes, pouco sabem a maneira de o realizar. Os homens mais lúcidos confessam que há, neste país, muito pouca virtude para fazer-lhes crer que um governo republicano lhes possa convir, e pedem um soberano com uma Constituição liberal. Uns têm os olhos voltados para San Martín, outros desejariam um estrangeiro, etc.

MONTEVIDÉU, 16 de novembro. – Tenho dormido todos estes dias na cidade. Gostaria ainda de obter algumas informações exatas sobre o que se passou no país desde a revolução, mas vejo que não as conseguirei

de ninguém e, infelizmente, dediquei a isso muito tempo que seria melhor aproveitado se o empregasse para recolher e observar plantas.

Encontrei em Montevideú um sobrecarga hamburguês, chamado Benke, que tem a mania de insetos. Este homem, enquanto estava em terra, tomou como ajudante um de seus marinheiros, jovem de caráter muito suave, demonstrando grande desejo de se instruir e muito zeloso na organização de coleções.

Um francês chamado Jourdan disse-me, há alguns dias, que o sr. Benke oferecia certamente seu jovem empregado para me acompanhar. Fui ver o sr. Benke, mas ele nada me adiantou. Ontem, entretanto, decidi falar-lhe a esse respeito, mas soube que acabava de partir para Buenos Aires, onde ficará uns quinze dias. Conversei com o jovem que me pareceu bem entusiasmado em me acompanhar. Na certeza de contar com ele, escrevi, por duas embarcações diferentes, ao sr. Benke, pedindo-lhe que me cedesse seu empregado e disse-lhe de me fazer chegar sua resposta por intermédio do sr. Jourdan. Esse pequeno acordo não me impedirá, entretanto, de partir. Se o sr. Benke aceder ao meu pedido, o cavaleiro del Host me enviará o jovem à Colônia de Santo Sacramento, e despedirei José Mariano. Sofro tanto com esse homem devido ao seu mau caráter, sempre tão perverso e obstinado, que só desejo que o sr. Benke concorde com o que lhe estou propondo. Encontrei em Montevideú o bom piloto que conheci em Paranaguá e me prestou serviços; levou-me à sua casa, onde fui apresentado à esposa dele. Todas as mulheres dessa região têm maneiras honestas e decorosas, mesmo pertencentes a uma classe inferior.

MONTEVIDÉU, 18 de novembro. – Aqui não se enterra na igreja, como é o costume entre os portugueses. O cemitério fica fora da cidade, um pouco distante das muralhas; mas é muito pequeno, desproporcional com o número de habitantes, e não cavam fossas com mais de um pé e meio de profundidade. Na maioria dos túmulos, coloca-se uma pequena cruz preta, no meio da qual há uma tabuleta pintada de branco, onde estão inscritos o nome e a idade da pessoa falecida. Vê-se, nesse cemitério, somente um monumento que nos chama um pouco mais a atenção; é o que dom Miguel Barrero construiu à memória de sua mãe, quando governava Montevideú, na qualidade de delegado de Artigas.

Vi, horrorizado, no cemitério de Montevidéu, um negrinho, completamente nu, estendido sobre a terra, sem sepultura e, segundo me disse o sr. More, que me acompanhava, é comum, esse espetáculo revoltante, quando se passeia nesses lugares tristes. O sr. More contou-me que, um dia, estando com um inglês numa pequena embarcação, que estava numa extremidade do cemitério e onde amontoam ossos, eles se assustaram com um barulho que ouviram. Havia sido causado por uma negra que acabava de pular os muros. Ela se dirigiu, com um ar tristonho, para o corpo de um negro, completamente nu, estendido no chão, como aquele que eu mesmo vi; ela o cobriu com flores e folhagens, retirando-se imediatamente.

MONTEVIDÉU, 19 de novembro. – Já havia notado várias vezes que os meninos brasileiros não tinham gosto nem vivacidade; não os via brincar e, muitas vezes, passavam dias inteiros quase sem se mover e sem sorrir. Não acontece o mesmo aos deste país. Eles se agitam, saltam e correm; atualmente, o divertimento da pandorga os ocupa, mas, segundo o que me dizem, há outros que sucederão a este, nas diferentes estações do ano. É impossível desconhecer aqui as influências climáticas.

De acordo com o que ouço, os homens daqui são muito menos preguiçosos que os brasileiros; mas, como já tive ocasião de observar, em parte alguma se dedicam com prazer ao trabalho, a menos que tenham sido habituados desde cedo. A não ser assim, trabalham somente mediante algum interesse mais forte. São preguiçosos, porque ganham muito dinheiro sem muita dificuldade; entretanto, não denunciam também aquele olhar lânguido e efeminado que têm os brasileiros. Eles não são lentos em seus movimentos; numa palavra, se não são ativos, têm naturalmente mais disposição à atividade. A maioria dos franceses ricos trabalham tão pouco quanto os brasileiros, mas demonstram em seu ócio uma vivacidade que aqueles jamais possuem, mesmo nos seus mais importantes negócios.

Espero fazer aqui duas caixas, onde fecharei um pacote de plantas e todos os pássaros que José Mariano matou desde Rio Grande; deixarei as caixas com o sr. Cavailler, para que ele as despache ao Museu pelo navio francês, *Le Bayonnais*, sob a guarda do capitão Chevalier, que deve partir em breve para o Havre. Já escrevi a Maler a este respeito, ao sr. Deleuze, ao sr. Le Chanteur, ao sr. Montagnac, diretor dos impostos no Havre e diretor da alfândega da mesma cidade, e aos srs. Lefèvre-Roussac e Labanègue, aos

quais deve ser remetida a declaração das mercadorias. Rogo ao sr. Deleuze solicitar ao ministro uma permissão para que as caixas sejam revistadas somente em Paris. Digo-lhe que é meu desejo sejam entregues à minha família e sugiro entenderem-se a esse respeito com a sra. Le Chanteur. Peço a esta recebê-las em sua casa, a menos que ache mais conveniente enviá-las a Orléans. Solicito ao diretor da alfândega do Havre adiar sua visita até que a ordem do ministro chegue de Paris; enfim, pedi ao Sr. Montagnac interceder por mim junto ao diretor. Deixei todas as minhas cartas com o Sr. Cavailler.

Hoje jantei com o sr. Puyrredon, e já não tratamos de política como na minha primeira visita. O sr. Puyrredon conta quarenta e três anos. Apesar dos cabelos grisalhos, apresenta um ar de serenidade e nobreza na fisionomia. Educado, distinto em suas maneiras, de conversa agradável, fala com facilidade o francês e aparenta bom senso e bom discernimento.

Chegou hoje a Montevidéu um brigue espanhol com três deputados das Cortes encarregados de apresentar proposições à República de Buenos Aires. Diz-se que, antes de entrar nesta cidade, pretendem escrever ao Governo para saber como serão recebidos. Todos são unânimes em afirmar que eles não serão ouvidos.

MONTEVIDÉU, 23 de novembro. – Dormi esta noite na cidade e comecei o dia indo visitar o coronel Flangini, que me tinha prometido conseguir a pólvora. O general proibiu que a vendessem, e eu a teria procurado inutilmente durante quinze dias. O sr. Flangini, que sempre demonstrou muita atenção para comigo, e pertence ao estado-maior, é um homem gentil e instruído, falando bem o francês; agradável na palestra, julga com segurança, firmeza de espírito, mas um pouco inclinado à sátira.

De lá, fui à casa de pe. Larrañaga, onde tenho passado todas as noites, quando durmo na cidade. Ele me prometeu levar à biblioteca pública e ao hospital civil e, efetivamente, visitamos estes dois estabelecimentos. A biblioteca, situada numa das salas de um edifício, quase no centro da cidade, se chama Fuerte del Gobernador. Esse edifício havia sido começado, quando Montevidéu estava sob o domínio espanhol e fora destinado para o governador da cidade; formava os quatro lados de um pátio quadrangular e devia ter o pavimento térreo e o primeiro andar, mas apresenta somente pequena parte acabada. Ainda hoje é o Fuerte del Gobernador



residência do governador da praça, e lá também estão as caixas públicas e o Tribunal de Apelação criado pelo governo português, desde que se assenhoreou dessa região.

A sala que encerra a biblioteca é pequena, mas arrumada com gosto. O número dos livros não ultrapassa dois mil; e de muitas obras estão faltando volumes que foram roubados em épocas diferentes, durante as revoltas ocorridas no país. A biblioteca só foi constituída após a revolução, e os vencimentos do bibliotecário foram assegurados por legados. No momento está fechada, mas em breve será aberta ao público.

O hospital não tem nada no exterior que chame a atenção; ele pode abrigar uns cem doentes, mas até agora está equipado somente para uns cinquenta. É atendido por enfermeiros pagos. As salas são baixas, mal arejadas e, apesar de muito limpas, exalam mau cheiro. Para cada doente um leito separado, que se compõe de dois pequenos cavaletes de pau e de um quadrado de couro, sobre o qual se estende um colchão pouco grosso.

Desde que os portugueses estão em Montevidéu, abriram no hospital um estabelecimento para as crianças abandonadas. Como em todas as casas desse gênero, elas são expostas em uma roda, aonde passam para o interior da casa; em seguida, confiadas às amas; destas, algumas as amamentam em casa e outras no próprio hospital. Há três anos que este estabelecimento existe. No primeiro ano, foram trazidas quarenta crianças, mas depois, as exposições diminuíram. A sala que abriga as crianças é separada por dois pequenos pátios da sala onde estão os doentes. Entretanto, parece-me que as crianças ainda se acham muito perto destes, para que não seja infectado o ar de miasmas.

Há ainda, no hospital, uma sala particular para os venéreos, outra para os doentes e celas para os loucos. O estabelecimento possui bens e supre o que falta de rendimento pela aplicação de alguns impostos particulares.

A igreja do asilo, também chamada igreja da Misericórdia, ostenta uma fachada primorosa; regular, mas pequena, pouco ornamentada, não apresenta nada de especial, a não ser duas enormes conchas do gênero da que serve de pia de água benta.

Ao sair do hospital, fui passear com o pe. Larrañaga na margem da baía, atrás dos muros que cercam a cidade. O estreito espaço que

se estende entre eles e a baía é coberto, em grande parte, de rochedos entremeados de areia e poços d'água. Aí encontrei muitas plantas interessantes, como tetragônia, dois atríplex, dois chenopodium, dos quais um é o murale nº 2.254, o hidrocolte nº 2.447, as compostas nº 2.237 bis e nº 2.237 quater.

Jantei em casa do pe. Gomes, onde soube que minha carroça estava pronta e, então, marquei minha partida para segunda-feira de manhã. Recebi uma carta do sr. Benke em que se recusa a me ceder o seu empregado; fui participá-lo da decisão de seu patrão; ele já tinha sido dela informado por outra carta e me pareceu bastante aborrecido por não poder acompanhar-me. O sr. Benke lhe meteu medo, dizendo-lhe que ele não me conhece, e o capitão do navio lhe fez muitas ameaças. Estas eram completamente inúteis, pois eu não seria capaz de levar esse jovem sem o consentimento daqueles dos quais depende, e ele mesmo me afirmou que seria incapaz de deixar seu patrão na ausência dele.

A honestidade desse jovem, sua amabilidade e o gosto que ele demonstra pela História Natural causam-me bastante mágoa por não levá-lo. Vou ainda mais uma vez me sujeitar à maldade de José Mariano, à grosseria dos meus soldados e ao humor de Firmiano. À noite fui me despedir de algumas pessoas, entre outras o sr. Puyrredon, que teve a delicadeza de enviar-me uma carta de recomendação para um de seus amigos em Buenos Aires.

Pela primeira vez falamos em política, girando a conversa em torno dos deputados das Cortes. O sr. Puyrredon acha que esses deputados foram enviados unicamente para que se possa dizer à nação espanhola que não se quer a guerra contra a América; “Vejas o que se fez para aproximar os americanos da mãe-pátria, todas as negociações que se foi possível tentar; mas nossos enviados foram tratados com ignomínia. É nosso dever vingar nossa honra ultrajada.” “Mas embora divididos entre eles sob a forma de governo que lhes convêm” – ajuntava o sr. Puyrredon –, “os americanos saberão reunir-se contra os espanhóis. Os habitantes de Buenos Aires abandonarão sua cidade; se for preciso, eles se retirarão para o campo, cortarão os víveres aos seus inimigos, os atormentarão sem cessar e não lhes darão descanso.” – “Nós poderemos nos submeter à Inglaterra, a Portugal, ou à França, dizia-me, outro dia, um americano, mas nunca aos

espanhóis. Este país florescia sob o governo do rei da Espanha, era rico e tinha um comércio florescente, pagava poucos impostos e a administração particular das cidades era confiada a americanos, mas os postos militares e o Governo eram sempre dos espanhóis; eles tratavam os americanos com desprezo e não perdoamos as humilhações a que nos submeteram. É quase sempre o amor-próprio ofendido que causa as revoluções.”

Os espanhóis-americanos e os europeus nasceram do mesmo sangue, têm a mesma religião, os mesmos costumes, falam a mesma língua, mas se detestam com mais furor que duas nações diferentes e rivais, porque os ódios dos filhos contra seus pais são sempre mais envenenados.

O sr. Puyrredon, antigo governador de Buenos Aires, deu-me todos os pormenores da intriga que serviu de pretexto para sua expulsão. Quando estava na chefia do governo de Buenos Aires, um coronel francês veio ter com ele, enviado pelo duque de Richelieu, então ministro das Relações Exteriores da França; ele apresentou-lhe um plano que consistia em dar um governo monárquico constitucional à América do Sul espanhola e elevar ao trono o duque de Orléans. Por outro lado, o Ministério francês comprometia-se a fazer com que a Espanha e outras potências reconhecessem a independência da América e aplainaria algumas dificuldades que poderiam advir de parte da Inglaterra. O sr. Puyrredon respondeu ao coronel francês que não dependia somente dele aceitar as proposições do Ministério francês, mas que ele participaria aos outros membros do Governo. Tais proposições pareceram a estes, como a ele próprio, bem conforme aos verdadeiros interesses de sua pátria, e todos concordaram em enviar um deputado a Paris para lá tratar secretamente deste assunto. Nesse ínterim, mudou o Ministério da França, e o deputado de Buenos Aires encontrou o sr. Decazes na chefia do Conselho. Ele lhe foi apresentado, mas o ministro lhe declarou que, não estando a par dessa negociação, iria referi-la ao Rei. Numa conferência, ele respondeu-lhe que o conjunto do plano tinha a aprovação de seu soberano, mas que no lugar do Duque de Orléans, que não podia renunciar a seus eventuais direitos à coroa da França, ele propôs o príncipe de Lucques, que pertencia à Casa da Espanha e, sendo solteiro, poderia casar com uma princesa portuguesa, conciliando mais interesses. Essa negociação foi tomando proporções cada vez maiores, mas o sr. Puyr-

redon foi afastado do Governo, enquanto o plano prosseguia de Buenos Aires. Seu sucessor publicou tudo o que se referia à negociação, e parece que o deputado que fora enviado a Paris já estava para voltar.

O sr. Puyrredon pensa que não há na sua pátria bastante virtude e união para que um governo republicano lhe possa convir; acrescenta, ao mesmo tempo, que não se encontraria um homem de autêntica liderança e superioridade bastante aceitas em geral para que se possa fazê-lo rei. Ele conclui que Buenos Aires precisaria de um príncipe estrangeiro apoiado por alguma grande potência, acrescentando que esta é a opinião de todos aqueles que não depositam suas esperanças de fortuna sobre a ruína de seu país.

O sr. Puyrredon me afirmou que, no curso das conversações mantidas com o coronel francês, de que falei, este lhe havia prometido fazê-lo subir ao trono; talvez essa proposta não passasse de uma sondagem, mas, mesmo que não fosse, o sr. Puyrredon a recusou, alegando ter muito pouca superioridade, em face dos seus compatriotas, para merecer tal honra e poder sustentá-la.

.....

## *Capítulo IX*

PARROQUIA DE LAS PIEDRAS – POVO DE CANELONES  
– NOTAS SOBRE A CIDADE DE MONTEVIDÉU – CORO-  
NEL MANUEL MARQUES DE SOUSA – POVO DE SANTA  
LUCÍA – ESTÂNCIA DE SUÁREZ – POVO DE SAN JOSÉ  
– CORRIDAS DE CAVALO – RANCHO DEL PAVÓN – CUL-  
TURA DE TRIGO – ÀS MARGENS DE UM ARROIO PERTO  
DA ESTÂNCIA DURÁN, AO AR LIVRE – A ALDEIA DEL  
COLLA – AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO DEL  
SAUCE – RIACHUELO.

**P**ARROQUIA DE LAS PIEDRAS, 28 de novembro, quatro léguas. – Foi com pesar que deixei a bela cidade de Montevideú, onde uma multidão de pessoas me deu provas de interesse e de acolhimento. Devo salientar o excelente padre Gomes, o cavaleiro del Host, o sr. Cavailler, o sr. Morse, o sr. Puyredon e o coronel Frangini.

Desde as atenções que me dispensou o general, no dia em que jantei com ele, os seus favores limitaram-se a um passaporte bem insignificante. Parti com uma carroça nova, construída com muita solidez, porém extremamente pesada. Os bois que comprei, muito vistosos, não estavam acostumados a puxar; apenas ganhamos a estrada, quebrou-se um jugo, remendou-se como foi possível, mas, em seguida, os bois recusaram-se a andar e estaríamos ainda no caminho, se um bom homem que ia adiante em sua

carroça não tivesse vindo em nosso auxílio. Ele chegou mesmo à complacência de me dar uma outra junta de bois, não aceitando nenhuma retribuição.

A região percorrida para vir até cá, relativamente acidentada, oferece ótimas pastagens; de vez em quando, avistam-se algumas casas abrigadas por umbus (*Phytolaca – dioica*), árvore que frequentemente se planta ao redor das habitações, porque ela cresce rapidamente, tornando-se muito frondosa. Aliás, não se nota nenhum rastro de cultura, e os animais, numerosos antes da guerra, hoje são bastante raros. No meio do caminho, mandei desatrelar os bois para deixá-los pastar por algumas horas. É esse o costume dos habitantes do país quando viajam e também o que adoto.

Partirei o mais breve possível; já não se trocarão as plantas. De manhã, elas serão mudadas para a carroça, enquanto os bois descansam; e aproveitarei o tempo para herborizar. Parei num lugarejo, o principal de uma paróquia, que se compõe de uma capela e de algumas casas.

Um francês estabelecido aqui com um curtume, encontrando-se no momento em Montevidéu, deu-me uma carta para sua mulher, que é espanhola. Eu lha apresentei; disse-lhe que partiria bem cedo da cidade e, entretanto, já eram 9 horas, quando me serviram o jantar sobre uma esteira, que certamente reaparecia diariamente, há seis meses; consistia num asado muito duro, de um prato de favas-do-brejo e um prato de morangos.

Antes de me deitar, Laruotte entrou no meu quarto para dizer-me boa noite. Parecia triste e, pouco tempo depois, brusco e aborrecido, encolerizando-se por tudo e com mania de perseguição. Esta noite, pareceu-me ainda mais aflito do que de costume. Pressionando-o para que me dissesse o motivo, ele desatou a chorar; confessou-me que esta viagem era insuportável para ele, pois não via a hora de chegar ao Rio de Janeiro. Procurei animá-lo, mas, não conseguindo, acabei por dizer-lhe que, se lhe custava muito, talvez fosse melhor que me deixasse agora, pois ainda estava perto de Montevidéu e eu podia voltar tomando novas medidas para o prosseguimento de minha viagem. Como nada me respondesse, eu o mandei dormir.

POVO DE CANELONES, 29 de novembro, cinco léguas. – Esta manhã Laruotte continuou calado; durante o caminho, procurei alegrá-lo conversando com ele, recordando nossas viagens, as pessoas que melhor nos acolheram e os locais onde menos nos aborrecemos. A região continua

levemente ondulada e coberta das melhores pastagens que já vi, desde que estou na América. A vegetação é ao mesmo tempo macia, espessa e bastante alta; mas nunca se veem animais. Entre Las Piedras e Canelones avistei, apenas, duas casas e nenhuma cultura.

Ao chegar a Canelones, hospedei-me na casa do pároco que atualmente está em Montevidéu, e entreguei a carta a um de seus parentes que ele deixara em sua casa. Este homem me cedeu o quarto do pároco, mas só às nove horas me ofereceu algo para comer e, como estava em jejum desde as seis horas da manhã, certamente teria desfalecido se não houvesse comido alguma coisa no intervalo. O parente do padre me viu comer, e não disse nada a respeito, parecendo achar muito natural. À tarde, fui visitar o coronel que comanda as tropas da Capitania do Rio Grande, mas não o encontrei.

O rio da Prata, após correr na direção nordeste-sudeste, alarga-se bruscamente a oeste, além da Punta de las Piedras, a leste, além da Punta-brava, terminando por uma extensa baía semi-elíptica, que mede quarenta léguas de largura, desde o cabo Santa Maria até o cabo Santo Antônio. Logo abaixo da Punta-brava, um istmo se estende de nordeste a sudeste, entre a parte do rio, que se poderia considerar pertencente ao mar, e uma baía oval que avança pelas terras cerca de três léguas, na direção norte-sul. Na extremidade do istmo, se localiza a cidade de Montevidéu, cuja forma é irregular, mas se aproxima de um longo quadrado.

A cidade é toda cercada de muralhas flanqueadas, do lado da terra, por uma cidadela; e do lado do rio, protegidas, na parte pouco elevada, por baterias. Essas fortificações se acham em mau estado e são insignificantes em si mesmas. A cidade está dividida em quadrados simétricos por largas ruas traçadas rigorosamente, em sentido longitudinal e outras transversalmente.

Uma única edificação prejudica a regularidade desse conjunto, é o chamado *Fuerte de Gobernador*, construído por um excêntrico governador, na direção dos quatro pontos cardeais.

As ruas de Montevidéu foram pavimentadas desde a ocupação dos portugueses; as calçadas pouco altas e separadas no meio da rua por marcos de madeira que, em alguns locais, foram substituídos por velhos

pedaços de canhão. Barro não se nota nas ruas, porque o terreno é arenoso; apesar disso, apresentam-se muito sujas, pois nunca são varridas.

Geralmente as casas de Montevidéu são construídas de tijolos e caiadas na frente. Todas com telhado plano e, muitas vezes, com dois andares. Veem-se algumas, grandes, demonstrando riqueza. As janelas são envidraçadas, as do rés-do-chão comumente guarnecidas de barras de ferro, as outras, de sacadas. Os aposentos mal aparelhados, as paredes, caiadas, simplesmente, sem nenhum colorido, poucos móveis sempre numa desigualdade chocante; assim mesmo, em meio a tantas coisas feias, paredes nuas e camas sem cortinados, veem-se uma escrivaninha e mesas em madeira de acaju, além de lindos vasos de flores sob frascos de cristal. As casas sem jardim, mas todas com parreiras no seu pátio, roseiras e outros arbustos. De regra, as pessoas daqui, apreciadoras das flores, gostam de cultivá-las em potes ou em caixa sobre o telhado de suas casas.

Apesar de espaçosa e quadrada, a praça pública não é calçada, e as casas que a rodeiam, totalmente irregulares.

Numa das extremidades de um dos lados, a igreja paroquial, e bem defronte desta, a Casa do Cabildo. A praça seria muito bonita se esses dois monumentos ocupassem o centro dos dois lados opostos. Aliás, a igreja é de linhas harmônicas, ampla e construída de tijolos; duas torres servem de campanário, como parte de sua fachada. Com suas naves laterais, separadas da nave por pilares de estilo dórico, é assoalhada de mármore, iluminada por uma cúpula bem elegante; contei setenta e cinco passos do santuário até a porta. Quase sem ornamento, mas o suficiente para sua encantadora simplicidade. O santuário, como em nossas igrejas, é contíguo à nave, o que convém mais à majestade desses edifícios do que à construção portuguesa. Além da igreja, há duas outras em Montevidéu pertencentes a estabelecimentos públicos: a do convento dos franciscanos e a do hospital. A Casa do Cabildo, onde se realizam as sessões do corpo municipal e também as prisões, é um edifício de um andar com fachada muito bonita, ainda por acabar.

A baía serve de porto, pois não há um cais propriamente dito. O espaço que se estende entre os muros do porto e as primeiras casas são de uma total sujeira, podendo-se considerá-las como as mais feias da cidade. No início do porto, um molhe triangular onde se descarregam as mercadorias, mas não há armazém para recebê-las. De um lado desse pequeno



quebra-mar, um edifício onde ficam os oficiais da alfândega e, em frente dele, um grande corpo da guarda.

A extremidade do porto é defendida por uma pequena fortaleza. Os muros que circundam o porto, pouco altos, permitem a vista da baía coalhada de navios, os campos circundantes e o cerro, que se eleva à sua entrada, do lado oposto. O convento dos franciscanos não tem nada que chame atenção. A igreja que dele depende é pequena e baixa; além do altar-mor, guarnecido de dourados, veem-se os demais encostados uns aos outros, dos dois lados. Fiquei muito surpreendido, confesso, ao ver as seguintes palavras escritas nas paredes dessa igreja: *“Todas las vezes que se besase el habito a los religiosos de N.P.S.F., se ganan 5 años y 5 cuarentenas de perdon por concesion de N.S.P. Juan XXII.”*

A população de Montevidéu, pelo censo do ano passado, é de cerca de quinze mil almas, registrando-se poucos negros e menos ainda mulatos. À exceção do Rio de Janeiro, Montevidéu é a cidade mais ativa das que conheci em minha estada na América.

Negociantes constituem a maior parte de seus habitantes, vendendo-se numerosas lojas muito bem equipadas; os víveres, ao contrário da mão de obra, não são caros. Todas as manhãs, há mercado de legumes e flores diante da cidadela, e os brancos fazem suas provisões sem escrúpulos. Como não existe lenha nos arredores de Montevidéu, manda-se buscá-la para o consumo a cerca de 10 léguas de distância e queimam-se também os galhos secos da *cynara cardoncellus*, planta que, conforme já referi, cobre área considerável nas imediações da cidade de Montevidéu.

Às vezes acontece que, durante as cheias, a água da baía encontra-se potável, mas, em geral, salgada; e a água que se bebe vem da chuva, armazenada em cisternas. Há, em todas as casas, essa espécie de poço, mas quem não tem é obrigado a comprar água, vinda dos arredores em pequenas carroças.

O leite é vendido de maneira muito especial. Alguns meninos, a cavalo, vendem-no pelas ruas da cidade, em garrafas de barro amarradas às duas extremidades de um couro, apoiado sobre sua sela, e anunciam aos

---

\* “Todas as vezes que se beija o hábito dos religiosos de Nosso Padroeiro São Francisco, ganham-se cinco anos e cinco quarentenas de perdão, concedidos pelo Nosso Santo Padre João XXII.”

compradores exatamente no mesmo tom que nossos limpadores de chaminés oferecem ao público seus serviços.

A presença da divisão portuguesa em Montevidéu anima aí eventualmente o comércio; mas desde a destruição dos animais que resultou da guerra, as exportações, então consideráveis, diminuíram sensivelmente. A administração portuguesa tomou a sábia determinação de proibir a fabricação de carne-seca, a fim de dar tempo aos animais de se multiplicarem, enquanto outrora entravam anualmente na cidade para serem, em seguida, exportadas um milhão, cento e cinquenta mil peles de couro sem falar naquelas que passavam em contrabando; hoje não entram mais do que dezoito a vinte e cinco mil, consumidas no país.

Antigamente, os habitantes de Montevidéu viviam no bem-estar e, ainda hoje, rareiam os pobres. Essa classe infeliz e aviltada, que entre nós se denomina população, não existe. Abaixo dos artesãos, que ganham muito dinheiro e vivem na abundância, só há escravos. Estes geralmente melhor tratados, mais bem nutridos e melhor vestidos que os do Brasil, mostram igualmente um ar de liberdade e contentamento que não demonstram os brasileiros.

Os homens de Montevidéu são na maioria bem apresentados, graves, menos afetuosos que os do Brasil e de maneiras mais frias; entretanto, seu modo particular de ser tem algo de mais nobre e distinto. As mulheres não se fecham no interior de suas casas, recebem visitas, vestem-se com gosto e asseio, saem à rua e compram nas lojas. Têm, geralmente, a pele fina, belos olhos, traços delicados e muito brancas. O seu primeiro contato é de total indiferença, não se levantam para ir receber os homens, limitando-se a lhes fazer uma leve inclinação de cabeça; não parecem muito vivas, mas têm uma excelente conduta, falam com bastante agrado, aparentam gostar de serem agradáveis, mas sem afetação. Reúnem-se em diversas casas para conversar e dançar. Poucas musicistas, mas quase todas sabem tocar ao piano valsas e contradanças, não se fazendo de rogadas. Não se observa, entre as mulheres das variadas classes, essa distância que existe entre nós. As mulheres de todos os níveis sociais revelam graça e delicadeza. Há, em Montevidéu, muitas mundanas, mas não se oferecem aos transeuntes como acontece nas grandes cidades europeias.

Os moradores da cidade demonstram desprezo aos brasileiros, por causa de um vício que com justiça lhes reprovam e efetivamente parece bem raro neste país.

Antes da guerra, havia, nos arredores de Montevidéu, quase tantos habitantes quanto na cidade, mas todas as casas foram destruídas pelos insurretos; estes queimaram as estruturas e deixaram somente os muros. Essas casas, construídas de tijolos, como as da cidade, são afastadas umas das outras, e cada uma possuía um jardim cercado de cactos ou agaves. As cercas ainda hoje existem, mas encerram somente terrenos incultos com abundância de cactos. Algumas casas foram reconstruídas. Embora o subúrbio apresente só ruínas, o aspecto é ainda atraente. Estas casas, rodeadas de cercas e pastagens; a vista da baía e dos navios que a ocultam; à das lindas campanhas que a contornam e a vista do cerro que se eleva à sua entrada, enfim, o panorama da cidade, dominada pela cúpula e as torres da igreja paroquial, tudo isso compõe um conjunto encantador.

POVO DE CANELONES, 30 de novembro. – Avisaram-me hoje de manhã que os bois não tinham sido recolhidos ao curral ontem à tarde e que escaparam para o campo. Esta negligência dos meus soldados desolou-me; verifico que não posso contar com esses homens; estão sempre descontentes, não obedecem e vivem brigados entre si. Encontramos os bois lá pelo meio-dia, mas no intervalo fui convidado a almoçar com o coronel Manuel Marques de Sousa, comandante aqui, o que me impediu de partir.

Comi em casa do coronel com muitos oficiais de São Paulo e falamos muito de seu país. O almoço estava admirável e bem servido, fazendo-me esquecer todos os aborrecimentos deste dia do qual é inútil narrar os pormenores, que me deixaram numa tal falta de coragem, há muito não experimentada.

POVO DE SANTA LUCÍA, 1º de dezembro, duas léguas. – Mateus, um de meus soldados, disse-me ontem que era impossível conduzir sozinho a carroça e os bois; que Joaquim Neves, o outro soldado, tendo-se ferido em Montevidéu, já não podia ajudá-lo e por isso pedia que eu requisitasse ao coronel Marques um de seus amigos, que ele encontrou aqui. Desde ontem, efetivamente, falei ao coronel, que me prometeu fazer por mim tudo o que estivesse a seu alcance, mas, ao mesmo tempo, não tinha permissão de enviar nenhum de seus soldados fora da colônia; de resto,

que não me preocupasse, pois o comandante da colônia não teria nenhuma dificuldade em me ceder um outro homem.

Esta manhã, voltei ao coronel para lhe falar novamente sobre o meu caso, dizendo-lhe que preferia, se possível, ter um peão honesto e seguro a um soldado. Quando estive em Montevideú, já solicitara ao padre Gomes que me arranjasse um peão, na esperança de que eu fosse mais obedecido por um homem, a quem eu pagasse, do que por soldados. Estes, além de me custarem muito caro, fazem pouco caso das minhas ordens, só conhecendo a disciplina militar. O padre Gomes e os próprios espanhóis asseguraram-me que era em vão a procura de um homem, tal como eu precisava, porque a guerra havia tirado a moral à gente do campo, capaz de matar um homem para apropriar-se da mínima bagatela. O coronel Marques repetiu-me quase o mesmo e acrescentou que, para encontrar um peão para mim, precisaria dirigir-se ao prefeito e que este precisaria tomar medidas que levariam tempo. Aceitei, então, um soldado; e voltei à casa; mandei chamar Joaquim, dei-lhe o soldo, fazendo-lhe ver que já não necessitava de seus serviços. Entretanto notei que ficou aflito e tive a fraqueza de ceder, dizendo-lhe que ele podia, então, continuar a meu serviço, mas cometi a tolice de deixá-lo com o soldo, com o que aproveitava para se embriagar.

A pequena cidade de Canelones, sede de uma paróquia, é administrada por um cabildo. Construída em meio de uma vasta planície sobre terreno um pouco inclinado, tem forma ligeiramente quadrada, com cerca de trezentas casas, entre as quais há muito poucas construídas com tijolos e terraço plano; a maioria são cabanas bem baixas, assentadas no chão e que revelam a mais extrema pobreza. Quase todas as habitações possuem quintal sem cultivo, com cercas pouco elevadas, distantes umas das outras, exceto nas proximidades da igreja. O conjunto é agradável à vista, apresentando aspecto pitoresco. As ruas espaçosas e retas, mas sem calçada. A praça pública, onde construíram agora uma igreja nova, bastante grande.

Nesta cidade há dois graves inconvenientes: a escassez de madeira e a falta d'água. A madeira vem de Santa Lucía e, quando não se quer beber a água de cisterna, precisa-se procurá-la muito longe.

Ultimamente, a cidade de Canelones aumentou de maneira considerável. As planícies que percorri nestes últimos dias eram antigamente muito povoadas, mas, durante a guerra, os homens da campanha abandonaram suas casas construídas de barro; atualmente delas não resta o mínimo vestígio, e vieram estabelecer-se aqui. Os moradores de Canelones vivem miseravelmente e na vizinhança reprova-se a inclinação deles ao prazer e à ociosidade.

Para chegar a esta cidade, ainda atravessei uma região ligeiramente ondulada, com pequenas elevações cobertas de excelentes pastagens. Passei por dois arroios, um dos quais se chama Canelón-Chico, e outro, Canelón-Grande. Enquanto a vegetação da planície já começa a amarelecer, a das margens desses arroios ainda está bem verde, havendo entre elas arbustos na maior parte cheios de espinhos. A cidade de Canelones deve seu nome a esses arroios. Ao chegar a Santa Lucía, apresentei ao pároco uma espécie de carta-circular apostólica que o padre Larrañaga me deu para todos os da província. Nela me elogia, pedindo-lhes hospitalidade para mim. Fui muito bem recebido pelo cura de Santa Lucía. Trazia eu, também, uma carta do coronel Marques para um alferes, comandante de um destacamento de tropas do Rio Grande sediado aqui, e ele me dispensou todas as atenções, oferecendo-me os seus préstimos.

ESTÂNCIA DE SUÁREZ, 2 de dezembro, quatro léguas. – Santa Lucía é menor que Canelones, mas numa situação ainda mais agradável. Como esta aldeia é construída sobre uma planície, descortina-se, de qualquer ponto da vila, grande extensão de pastagens, vendo-se, de um lado, uma orla bastante larga de bosques de um matiz verde suave, desenhando as sinuosidades de um arroio. Santa Lucía, apesar de sua pequena extensão, é a sede de uma paróquia administrada por um cabildo.

As casas, cabanas como as de Canelones, são também afastadas umas das outras, porém menos baixas e menores. Os seus quintais não estão inteiramente inaproveitados; veem-se neles árvores frutíferas e principalmente figueiras, notáveis por sua grandeza. Mais ou menos no centro da aldeia há uma grande praça, onde está construída a igreja, que é bem pequena. Santa Lucía impressionou-me no seu conjunto pela semelhança com certas aldeias da França.

Os habitantes do lugar são geralmente considerados por serem menos preguiçosos que seus vizinhos. Cultivam um pouco de trigo, e as matas que crescem às margens do rio, das quais falei, fazem parte de comércio muito importante. Empilham a lenha que vão vender em Montevidéu ou Canelones. Fazem carvão à maneira europeia e também vendem em Montevidéu. Enfim, outros habitantes de Santa Lucía recolhem couros na campanha e os transportam à capital da província. Esta manhã, antes de partir, herborizei às margens do arroio Santa Lucía, que corre aproximadamente meio quarto de légua da aldeia.

De Montevidéu até cá, não encontrei nenhum arbusto na campanha nem mesmo um raminho, mas, entre a aldeia e os bosques que circundam o arroio, as pastagens são salpicadas de pequenas sarças formadas por uma mimosa espinhosa, com folhas verdes carregadas e lustrosas. As matas que crescem às margens do arroio não têm a altura de nossas tílias de doze anos. Entretanto, o saulo nº 2.132 bis, que faz parte delas, é muito mais alto. Aqui não se notam os verdes sombrios das florestas da zona tórrida; mas sim um verde mais fresco e talvez mais agradável à vista do que o dos nossos bosques, quando a primavera veste tudo de folhagem nova. A vegetação crescida sob o arvoredado é de uma incrível frescura; aí encontrei muito mais plantas interessantes que a maioria das que já achei, pertencente aos gêneros da flora europeia. É a verônica nº 2.287, o céraiste nº 2.289, a cárex nº 2.290 ter, o phleum nº 2.288, o calltryche nº 2.286 bis.

Ao deixar Santa Lucía, ainda encontrei o arroio e, adiante dele, campos extensos, sempre cobertos de excelentes pastagens. Parei numa estância composta de várias cabanas dispostas desordenadamente à sombra de umbus e construídas em terreno bem adequado, fechado por um valado seco. Esse conjunto não evidencia muita riqueza, mas há algo de fresco e campestre que agrada à vista. Atrás da estância, um vasto pomar, onde estão plantadas, sem nenhuma simetria, árvores frutíferas, originárias da Europa: pereiras, marmeleiros, figueiras maravilhosas, pessegueiros.

Fui recebido na maior das cabanas. O quarto que me deram para dormir, quase sem móveis, era iluminado apenas por uma janela estreita. Enquanto trabalho, a dona da casa, sentada num banco, cata, sucessivamente, a cabeça de todos os filhos, e um jovem de quinze a dezesseis anos

também veio submeter-se à mesma operação. Aqui não me ofereceram a mínima coisa sequer.

POVO DE SAN JOSÉ, 3 de dezembro, três léguas. – Indo para a estância de Suárez, afastamo-nos um pouco do caminho. Para poder reencontrá-lo, fomos obrigados a atravessar um arroio, de carroça, onde ela atolou. Com isso, levamos muitas horas trabalhando para fazê-la andar novamente. Um de meus soldados teve de pedir bois emprestados na vizinhança; estes foram trazidos por um gaúcho que os ajudou a atrelar, e nos deu conselhos muito úteis. Quando já tínhamos saído da dificuldade, quis recompensá-lo, mas, enquanto eu procurava uma moeda, o homem desapareceu com os seus bois. Entre nós, numa circunstância como essa, um homem de classe inferior ficaria esperando que lhe dessem uma retribuição, e ele a teria pedido, se houvesse demora em oferecê-la.

A região que percorri tem pequenas elevações com extensas pastagens, mas muito pouco gado. Os cavalos e jumentos são aí muito menos caros. Sempre há ausência de cultura. Cerca de meia légua da aldeia de San José, corre um arroio que lhe dá o nome. Suas margens são como as do rio de Santa Lucía, desenhado por uma orla de bosques onde predomina o saulo nº 2.132 bis, árvore medíocre, com folhagem tenra e verde, mas de porte muito elegante e pitoresco. As pastagens próximas à orla do bosque conservam uma erva extremamente fresca.

Antes de chegar a San José, vi, na estrada, uma multidão de homens a cavalo que pareciam estar à espera de alguma coisa. Perguntei o que era, e eles me responderam que ia haver uma corrida de cavalos, muito apreciada aqui e no Rio Grande. A corrida consiste em saber qual dos cavalos é o primeiro a atingir a meta proposta, e a destreza deles é objeto de apostas muitas vezes bem altas.

Antes de chegar a San José encarreguei o meu novo soldado de levar ao pároco a carta do padre Larrañaga, mas ele veio logo me dizer que o padre tinha saído e não encontrara ninguém em casa. Fui com o soldado. Perguntei aos vizinhos onde estava o seu pastor e, como ninguém pudesse me indicar, resolvi apresentar-me com uma carta do coronel Marques, em casa do major que comanda as tropas portuguesas aqui acantonadas. Recebeu-me muito bem, oferecendo-me um quarto na casa que ocupa. Um pouco antes da noite, fui passear na aldeia com dois jovens oficiais que moram com o major.

San José é maior que Santa Lucía, porém menor que Canelones. Veem-se aí algumas casas de tijolos com o teto plano, mas predominam cabanas. Bem separadas umas das outras, todas com cerca, às vezes secas ou cheias de plantas espinhosas. As ruas bem largas, mas sem calçamento. A praça pública, bastante ampla; a igreja que desemboca na praça, pequena e sem ornamentos.

Os oficiais que me acompanharam em meu passeio aos arredores de San José afirmaram-me que a maioria dos habitantes dessa aldeia vivia na indigência e vagabundagem. Sua própria vida não se pode explicar sem os roubos de cavalos e bestas, que cometem nos campos e em seguida vendem em Montevideu e outros lugares. Os habitantes de Montevideu vão a pé à cidade e às vezes realizam passeios a pé pelos campos; o mesmo não acontece com os das aldeias que acabo de percorrer. Estes andam sempre a cavalo; vão a cavalo à taberna; é a cavalo que vão fazer suas compras, buscar a carne ou a água. Vão até mesmo à missa montados a cavalo. Encontrei nas ruas de San José senhoras vestidas com roupas de seda e, segundo o testemunho de alguns oficiais, são em geral delicadas, contrastando com os homens, normalmente grosseiros, sem educação; veem-se, às vezes, nos bailes, homens e mulheres com o chiripá.

RANCHO DEL PAVÓN, 4 de dezembro, três léguas. – Desde Montevideu até aqui, a região apresenta uma planície imensa, com pequenas elevações e pastagens a perder de vista. Elas não são matizadas de flores como nossos campos e não se vê nenhum arbusto, nem mesmo um subarbusto. A erva atinge aí a mesma dimensão que a dos nossos prados da França; muito fina, compõe-se principalmente de gramíneas, entre as quais as de nº 3.403 e 2.206, onde, em geral, vicejam os estipes. Sem dúvida, as melhores pastagens que vi na América.

Os animais, muito vistosos, mas, depois da guerra, tornaram-se raros; os cavalos e principalmente os jumentos são menos numerosos. Mato só se vê nas margens dos arroios e assim mesmo de baixa altura. A árvore mais comum é o salgueiro nº 2.132 sexto. E é de se notar que se acha só nas margens dos maiores arroios: o do Canelón-Chico, Canelón-Grande, Santa Lucía, San José e finalmente o Pavón.

Não há árvores nas margens dos arroios menores, mas a erva é muito fresca. Atualmente, as pastagens têm a mesma cor amarelada que em



nossos prados pouco tempo antes da ceifa, mas, em toda a parte, onde há umidade, a vegetação é de um verde mais tenro e acham-se aí numerosas plantas floridas.

Embora não se veja no campo nenhuma cultura e pouquíssimas casas, ele, entretanto, deixa transparecer um ar de alegria, que sem dúvida se deve, em parte, às cores do céu, cujo azul é tão agradável quanto o da Europa central.

Nos arredores das casas e vilas, há sempre grandes áreas cobertas de *cinara cardoncellus* e de *carduus marianus*. São os caminhos, em geral, orlados por alas azuis, formadas pelas flores de echium; a avena sativa nº 2.207 é de tal forma comum nas pastagens, que seremos tentados a considerá-la indígena.

Parei numa pobre choupana, pequena, extremamente baixa, sem móveis e habitada por pessoas que pareciam estar na extrema miséria. O dono da casa e sua mulher se apresentavam andrajosos, mas a filha se vestia como uma fidalga. Em nenhuma parte da Europa encontramos tal descompasso entre a habitação e o toalete das pessoas. Meu hospedeiro, que cultiva o trigo, me disse que as sementeiras se deram depois do mês de maio ao mês de agosto, e que as colheitas começavam neste mês. Não deixam jamais descansar a terra e, contudo, não a adubam mas, imediatamente após a ceifa, passam o arado sobre o terreno; dessa forma enterram a palha e, esta apodrecendo, age como esterco.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DE UM ARROIO, PERTO DA ESTÂNCIA DE DURÁN, 5 de dezembro, quatro léguas. – Região semelhante àquela já percorrida nos dias anteriores, ou seja, ligeiramente ondulada, oferecendo excelentes pastos. Além disso, observei que estes diferem de nossos prados, porque se compõem exclusivamente de gramíneas, não se vendo neles além de um pequeno número de flores. Mesmo pouco variado, o aspecto do campo não cansa como aqueles imensos desertos de Goiás e de Minas.

O ar de alegria reinante em todo este país retrata, talvez em parte, a ideia de riqueza e abundância que dão, também, excelentes pastos, mas é, além disso, devido à cor do céu azul, extremamente suave e agradável à vista, e à luz que, sem ofuscar como nos trópicos, tem por toda a parte uma vivacidade e um brilho desconhecidos no norte da Europa.

Meu novo soldado foi adiante para ir reconhecer a casa onde eu desejava parar e me veio dizer que ela oferecia ainda menos comodidade que aquela em que passei a última noite; então resolvi estacionar em plena campanha, perto de um arroio. Ele é margeado por uma aleia de árvores de um verde tão suave e alegre que podemos apenas compará-lo aos nossos pequenos bosques, logo que se revestem de folhas novas. Estas árvores pertencem a um pequeno número de espécies. As mais comuns são o nº 2.330 e o salgueiro nº 2.132 sexto, que se eleva a sessenta pés, com folhagem muito bonita, ramos tortuosos que, em pequeno número, causam um efeito encantador. Abaixo desses bosques, crescem gramíneas espessas de um verde fascinante. Eu me sentei sobre essa vegetação, para trabalhar, à sombra de uma árvore copada nº 2.330; as suas flores de pouca aparência embalsamam o ar com seu perfume. O cardeal repercute o seu gorjeio pelos ares. Não vendo o arroio, escuto seu murmúrio por entre as árvores. Estes pequenos lugares maravilhosos lembram os recantos mais deliciosos da Europa.

EL COLLA, 6 de dezembro, seis léguas. – Sempre com pequenas ondulações e excelentes pastagens, sem casas e sem cultura. De vez em quando, uma tropa de cavalos e jumentos, mas ausência de vacas. Pela primeira vez, desde Montevidéu, vi subarbustos em algumas pastagens pequenos e úmidos; não estavam floridos mas pareceu-me pertencerem à família das compostas.

Fiz descansar os bois à margem de um ribeiro que tem, segundo me disseram, o nome de arroio del Rosario, e em cujas margens há também uma orla de mata que, pela frescura, podem rivalizar com as do ribeiro de ontem, apresentando as mesmas espécies. Vi rochedos sobre uma costa a pouca distância do rio. Realizei uma herborização e voltei muito contente desse meu passeio. Nos países de clima temperado, como este e a Europa, onde a vegetação fica interrompida durante muitos meses, as plantas florescem quase todas simultaneamente, ou a pouca diferença umas das outras; entre os trópicos, ao contrário, elas têm todo o vigor para florescer e, ainda que as espécies sejam pouco numerosas, não se encontra tal quantidade de espécies que floresçam ao mesmo tempo.

Fiz uma parada na Aldea del Colla, situada numa espécie de plataforma, e que se compõe de algumas cabanas miseráveis, em péssimo

estado, distantes umas das outras. A igreja é bem pequena e coberta de colmo, igual às casas particulares. Os mais pobres daqui cultivam a terra e semeiam o trigo, mas só para o seu gasto. Parei na casa do cura, velhinho quase caduco, morador numa pobre cabana onde havia lugar apenas para nós dois, embora eu descarregasse só duas malas. Em sua companhia, fui ainda visitar o alcaide que não estava muito mais bem instalado que ele.

AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO DEL SAUCE, 7 de dezembro, quatro léguas. – A região é menos acidentada, mas sempre com imensas pastagens. Não há casas, nem cultivo, nem animais; porém algumas tropas de cavalos e jumentos. À distância aproximada de três léguas de Colla, encontramos o arroio del Minuano, cujas margens são entrelaçadas de rochedos e arbustos. Aquele, mais perto donde acampeei, corre num leito pedregoso entre duas alas de pouca elevação, onde predominam o salgueiro nº 2.132 sexto e o nº 2.330. Aí cresce uma erva de um verde belíssimo; o cardeal saltita de galho em galho, exibindo seus trinados; a mansa capivara vem pastar aos pés dos viajantes. Nossos campos não são mais vivos e pitorescos nem possuem mais frescura que esses daqui. No meio do caminho os bois sentiram-se tão cansados, que consenti que meus soldados fossem pegar dois que estavam pastando no campo; mas, ao chegar, recomendei bem que os enxotassem para onde tinham vindo. Ao anoitecer, meus soldados vieram me dizer que faltavam dois dos meus. Parece que foram roubados.

RIACHUELO, 8 de dezembro, cinco léguas. – Hoje, bem cedo, todos os meus empregados foram em direção ao campo para ver se encontravam meus bois; acharam um amarrado numa árvore junto a uma cabana. Acredita-se que fora roubado por um dos homens que moram ali. O outro boi não foi encontrado. Esta aventura bem desagradável para mim deu margem ao meu pessoal de investir ainda contra os espanhóis. Nada igual ao ódio que eles conservam ao povo do Rio Grande e ao que os espanhóis têm em geral contra os portugueses. Pretender que este território faça parte das possessões portuguesas é querer unir dois elementos contrários. Os portugueses europeus da divisão do general Lecor não compartilham dessa animosidade; mas, caso deixassem agir os habitantes do Rio Grande e os paulistas, este país teria sido o teatro de uma guerra de extermínio. Para escapar desse perigo, os espanhóis se uniriam e, provavelmente, haveria ainda derramamento de sangue.

Como não estavam ainda dispersos os bois que me serviram ontem, decidi usá-los ainda hoje, mas com a intenção de avisar o alcaide de Colla sobre os fatos que ocorreram. A região que percorri para aqui chegar é acidentada e coberta de pastagens a perder de vista. Ausência de casas, de gado e de culturas. Desde Montevidéu vejo alguns agricultores a cavalo pelo campo, mas encontrei somente uma carroça de viajantes. Igualmente aos últimos dias, fez hoje um calor excessivo, mas aqui se transpira como na Europa, e o calor não irrita tanto os nervos como na zona tórrida.

Parei numa estância e pedi licença para pernoitar; fui acolhido de bom grado, mas a casa era tão suja e com tal mau cheiro, que não tive coragem de fazer ali minha cama. Na Capitania de Minas, a mais pobre cabana é limpa e sem cheiro; no Rio Grande, já se encontram casas bastante sujas; aqui, as do campo são na maioria repugnantes, respirando-se um odor de graxa e sebo que revolve o estômago. Os habitantes de Montevidéu são talvez superiores aos de Rio Grande e de Porto Alegre, mas os camponeses desta parte da América estão seguramente inferiorizados em relação aos da Capitania do Rio Grande, se bem que os costumes de ambos não difiram muito. A diferença reside, em meu ponto de vista, em que, na Capitania do Rio Grande, os habitantes da campanha, filhos e netos dos açorianos, são brancos de raça pura, enquanto os camponeses espanhóis, em grande parte, mestiços de espanhóis e índios; e aqueles nos quais não há mistura de sangue adotaram, por imitação, os costumes da maioria.

Quando não passo a noite numa casa, trabalho na carroça e faço arrumar aí a minha cama, mas o pouco espaço de que disponho por causa da minha bagagem torna muito incômoda essa moradia. Nas outras viagens, o meu alimento restringe-se ao arroz e feijão; e as pessoas que me servem não comem outra coisa. Como iniciei antes deles, estava certo de poder comer, mas isso não aconteceu hoje; cada um faz a sua comida e se sacia de carne. Quando peço qualquer coisa, parece que estou cometendo um roubo. Assim que chegamos, Firmiano se apressou em encher a barriga, não pensando em mim; e o pouco que me preparou não era digerível. Acabo de passar dia e meio só a chá e chocolate.

.....

## Capítulo X

COLÔNIA DE SACRAMENTO – DOM ANTÔNIO DE SOUSA, ADMINISTRADOR DA ALFÂNDEGA\* – HERBORIZAÇÃO NO RIO DE LA PLATA – DESCRIÇÃO DA COLÔNIA – SAN PEDRO – SAN JUAN – CERRO DE SAN JUAN – PORCOS SELVAGENS – O TIGRE *UNCUS PINTADUS* – ÀS MARGENS DO ARROIO DE LAS TUNAS, AO AR LIVRE – ANTIGA ESTÂNCIA DOS JESUÍTAS – RINCÃO – ARROIO DE LAS VACCAS – ESTÂNCIA PERTO DA ALDEIA DE LAS VÍBORAS – CARDOS – POVO DE LAS VÍBORAS – ESTÂNCIA DE DOM GREGÓRIO – DESCRIÇÃO DE LAS VÍBORAS – TABERNAS – ESPINILLO – ARENAL CHICO – O ROSÁRIO E AS GRAÇAS – POVO DE SAN SALVADOR – DOM ISIDORO MENTRASTE – ARROIO DE BIZCOCHO – SAN DOMINGO SORIANO – GRADAGEM COM UM RAMO DE ÁRVORE – VAQUEANO – O RIO NEGRO – CHARRUAS – PILHAGEM DE SORIANO – DESCRIÇÃO – LEGIÃO DE SÃO PAULO – FALTA DE PADRES.

**C**OLÔNIA DE SACRAMENTO, 9 de dezembro, três léguas. – Sempre as pastagens imensas compostas de excelentes vegetações. O terreno fica cada vez mais uniforme à medida que se aproxima da *Colônia del Santo Sacramento*. Cheguei aí com o soldado que me tinham dado em Canelones, tomando com ele a dianteira. É muito triste a chegada à Colônia. Passa-se diante de pequenas casas, ao redor das quais há algumas hortas. Deste lugar, avista-se o rio de la Plata, do qual se pode ver a outra margem e que se parece com o mar; à extremidade de uma faixa de terra bem baixa,

---

\* No original, gouverneur.

divisa-se uma cidade que se compõe de pequeno número de casas agrupadas, construídas de pedras.

Fui logo à casa do sr. Antônio Francisco de Sousa, administrador da alfândega, e para quem eu trazia uma carta de recomendação muito urgente do padre Gomes. Após os cumprimentos, disse-lhe que desejava ir a Buenos Aires e lhe perguntei se havia alguma embarcação para me conduzir; e ele me informou que nesses próximos vinte dias não teria provavelmente nenhuma, e por isso tive de renunciar ao projeto de passar dois ou três dias na outra margem do rio da Prata. Assim eu tinha estado a dez léguas de uma das cidades mais célebres da América meridional e voltava à Europa sem tê-la visto. O Sr. Sousa comprometeu-me a fazer uma visita ao administrador da alfândega e disse-me que nesse entretempo me procuraria uma casa.

O administrador não estava na cidade; fui vê-lo na campanha. Era o então coronel Manuel Jorge Rodrigues, depois general e barão de Taquari. Mostrei-lhe o passaporte do conde de Figueira, muito mais honorífico que o do general Lecor; recebeu-me muito bem e convidou para o jantar. Neste intervalo, chegou a carroça, e d. Antônio de Sousa instalou-me em uma casa perto do rio a cerca de 1/4 de légua da cidade, onde mora um sargento português que lhe cultiva o jardim.

O jantar que o administrador me ofereceu foi muito bem servido, e fui alvo de muitas delicadezas da parte dos convidados. O administrador congratula-se com a docilidade dos habitantes do país e somente o que lhes reprova é a inclinação para roubar gado. Formou um regimento de cavalaria militar que vai bem, mas em todo o regimento, apenas três oficiais sabem escrever.

Durante o jantar, comentou-se muito a conduta do barão de Laguna, e o administrador disse que, com justa razão, ele era de maior utilidade à causa dos portugueses que não fizeram uma guerra impetuosa.

Os espanhóis, que os portugueses deixavam tranquilos, continuavam a lutar entre si, mas acabaram por se cansar desse estado de coisas e, seduzidos pela serenidade da administração portuguesa, renderam-se gradativamente ao general Lecor. Um de seus chefes afirmava repetidas vezes que era a moderação desse general que perdia os espanhóis.

Colônia DEL SANTO SACRAMENTO, 10 de dezembro. — Esta manhã bem cedo, fui herborizar nas margens do rio de la Plata. Apesar do ter-

reno muito arenoso, encontrei grande variedade de plantas: a de nº 2.350, a leguminosa nº 2.347, a nº 2.349, etc. são bastante comuns nos lugares secos; a ciperácea nº 2.359 nos lugares úmidos; em alguns lugares, a lobélia nº 2.556 bis e a campânula nº 2.360 bis formam lindos tapetes cobertos de flores brancas e cor de carne. O vento soprava violento e o rio, do qual não se avistava a outra margem, por causa da sua largura, confundia-se com o mar.

Colônia DEL SANTO SACRAMENTO, 11 de dezembro. – Jantei hoje em casa do sr. Antônio Francisco de Sousa, arguto observador, que parecia conhecer bem os homens. Ele me afiançou que, em suas negociações com a França, os habitantes de Buenos Aires não estavam de boa-fé, pois pareciam aceder às proposições do Ministério francês para fazer reconhecer sua independência, mas que, na realidade, não queriam um soberano estrangeiro e, menos ainda, um da casa de Bourbon.

Ele acrescentava que o povo de Buenos Aires não obedece aos seus magistrados, porque não dispõem de nenhuma força que os garanta, achando que só as tropas estrangeiras poderão conter este povo acostumado atualmente à licenciosidade e ao desprezo da autoridade. Contudo, acreditava, ao mesmo tempo, que a república nascente rejeitaria constantemente este remédio, acreditando que ela se destine ainda a percorrer mais um século de revoluções que a enfraquecerão cada vez mais.

Um desembarque de espanhóis poderia só acalmar a revolta, e o Sr. Sousa pensa, como todos os conhecedores do país, que se ocorresse um desembarque, não teria o mínimo sucesso. Os espanhóis poderiam, é verdade, apoderar-se de Buenos Aires; mas seriam rechaçados pela população local e obrigados a obter todos os seus víveres no estrangeiro.

O Sr. Sousa nasceu em Portugal, porém mora aqui há muito tempo, e ele me garantiu que a altivez com que os espanhóis tratavam os americanos justificava o ódio destes. Não somente os americanos eram excluídos dos cargos pelo Governo, mas ainda desprezados pelos europeus espanhóis que vinham enriquecer-se no país e eram quase sempre homens do povo.

Os negociantes, todos europeus, recusavam constantemente a tomar os americanos por sócios, e estes ficavam alheios a qualquer espécie de negócios.

Estas as afirmações do sr. Sousa; ele merece confiança demais para que eu o ponha em dúvida; mas, ao mesmo tempo, é impossível que eu atribua a recusa dos europeus espanhóis em empregar americanos unicamente pelo prejuízo da recusa. Não encontrando neles a mesma atividade que os impulsionou à busca da riqueza, é óbvio que preferissem seus compatriotas, nos quais podiam esperar a mesma sorte.

Colônia DEL SANTO SACRAMENTO, 12 de dezembro. – A situação da Colônia se assemelha muito com a de Montevidéu; é igualmente construída à extremidade de uma península que adentra o rio de la Plata. O lado setentrional dessa península é igualmente contornado por uma baía que constitui um excelente porto; entretanto, não se precisaria procurar aqui outra coisa senão uma representação em miniatura da capital da província. A baía da Colônia é muito menor que a de Montevidéu. A península que se estende de leste a oeste é estreita e muito baixa; enfim, a cidade, de forma quase quadrada, não possui mais que cem casas. Ela é protegida, da parte da terra, por uma muralha em mal estado e, do lado do mar, por baterias. Entra-se por uma única porta; o terreno é irregular; as ruas estreitas, mal calçadas ou sem nenhum calçamento, de uma sujeira extrema e rodeadas, em parte, por pedras bem pequenas. As casas se constroem com pedras bem pequenas, possuindo a maior parte delas telhado. Diante da entrada da cidade há uma praça irregular, sobre a qual foi construído o hospital militar, pequena construção regular, mas muito feia. A casa do governador atrai a atenção, porque é maior que as demais; além disso ela nada apresenta que mereça destaque. A igreja paroquial tem duas torres que servem de campanário; pequena, bem bonita e, como em Montevidéu, o altar-mor continua com a nave.

De tudo que relatei, fácil é concluir que a vista que se descortina do porto de Colônia deve guardar bastante semelhança com a de Montevidéu, porém não tanto agradável, porque as campanhas que orlam a baía são muito planas, não encontrando os olhos ponto algum onde possam repousar.

Mal povoada a Colônia, e quase todos os habitantes são negociantes que vendem aos moradores da campanha. Se a região não fosse tão deserta, esta cidade, bem situada para o comércio, não poderia deixar de adquirir importância; mas não tem nenhuma, porque o consumo é muito



fraco e suas exportações quase nulas. Outrora, quando os portugueses detinham a posse da cidade, confinados pelos espanhóis em limites estreitos, aproveitaram até o mínimo pedaço de terra, existindo ainda grandes árvores frutíferas plantadas por eles e que escaparam aos desastres da última guerra. Os espanhóis, transformados em verdadeiros donos do país, negligenciam as plantações dos portugueses. Mas depois que entraram aqui as tropas desta nação, os soldados, todos europeus, puseram-se a cultivar a terra nos arredores da cidade, vendo-se uma quantidade de jardins plantados de hortaliças. O governador possui um muito grande, onde recolhe todas as produções do sul da Europa. Quase todos os oficiais têm um jardim, e cada companhia o seu.

SAN PEDRO, 12 de dezembro, quatro léguas. – Deixei hoje a Colônia, onde recebi muitas gentilezas do governador e do sr. Antônio Francisco de Sousa. Para vir aqui, atravessei uma região pouco acidentada, quase totalmente coberta de *cynara cardoncellus*. Não havia gado, mas muitas tropas de cavalos selvagens. Existe hoje um grande número de animais domados que escaparam, indo juntar-se aos cavalos selvagens, porque, durante a guerra, os fazendeiros não podiam dispensar o mesmo cuidado às suas propriedades. Partimos muito cedo e devíamos deixar os bois repousar à margem de um arroio e em seguida nos pôr a caminho para ir até San Juan. Apenas tínhamos chegado à margem do arroio, cada um foi procurando fazer seu feixe de ramos de cardos para fazer fogo. José Mariano achou que não se acendia muito depressa e resolveu abrir uma cápsula de pólvora que estava pendurada no seu pescoço, espalhando-a sobre os carvões acesos. Imediatamente, a chama espalhou-se pela cápsula, saltando ao ar com forte detonação; o imprudente queimou o rosto, o pescoço, o peito e as mãos, e Firmiano, que estava ao seu lado, também foi muito atingido. Tratei as queimaduras com óleo. Atrelamos os bois à carroça e nos dirigimos a uma pequena habitação vizinha do local onde ocorreu o acidente. José Mariano provavelmente não poderá, por algum tempo, fazer nada com as mãos; ele jura que nunca mais em sua vida tocará num fuzil e fala de voltar para Montevideú. Amanhã verei que decisão se deve tomar.

A habitação onde viemos parar compõe-se de três cabanas, todas baixas, pequenas e sujas: uma está quase em ruínas, serve de cozinha; uma outra, onde mora o proprietário; e na terceira, eu me instalei. Esta possui

duas entradas, mas só uma pode-se fechar e, ainda assim, por meio de um couro; uma cabeça de vaca e alguns pedaços de madeira mal talhados servem de bancos; a cama, enfim, é um quadrado fechado grosseiramente com couro cru e colocado sobre sacos cheios de trigo. Apenas tínhamos colocado as malas nessa casa miserável, começamos a ouvir os trovões. Já há alguns dias, fazia um calor excessivo. Desencadeou-se logo uma tempestade, chovendo torrencialmente. Soprava um vento impetuoso dentro da cabana que logo se encheu de água, e tudo o que não estava dentro das malas ficou molhado. Eu vi, no Brasil, casebres bem pobres, mas não tão miseráveis como os desde Montevidéu até aqui. Entre Santa Teresa e Montevidéu, os agricultores espanhóis estão melhor alojados e por isso mais limpos. Aqui não há bichos-de-pé, mas as casas estão infestadas de pulgas, e esses insetos muitas vezes me privaram do sono.

Todas as frutas e hortaliças da Europa conseguem crescer perfeitamente em Montevidéu e nesta região. Comi na Colônia excelentes azeitonas colhidas nos arredores. Também comi ginjas muito boas, mas de uma espécie muito pequena.

SAN JUAN, 14 de dezembro, duas léguas. — Região um pouco ondulada, quase sempre inteiramente coberta de *cynara cardoncellus*. Esta planta, outrora, era mais rara, porque os animais ruminavam as hastes quando ainda novas; mas hoje já não há gado nas pastagens, e os cardos multiplicam-se em plena liberdade. Não se pode atravessar, a pé ou a cavalo, os campos de que tomaram conta, o que é muito incômodo para os agricultores que continuamente devem correr atrás dos cavalos e do gado. Entretanto vê-se bem que este vegetal não é inútil; os cavalos e os bois gostam dos brotos, comem também suas flores com prazer, enfim, como já disse várias vezes, suas hastes secas substituem a lenha para queimar, propiciando um pequeno comércio, mesmo em Montevidéu.

Paramos numa estância de muitas léguas de extensão, mas onde os animais foram exterminados, aliás, como em toda parte. O dono da casa tinha a fala de um camponês e estava com roupas rasgadas; sua mulher, pelo contrário, apresentava-se como uma senhora bem asseada. As peças da casa consistem numa cabana miserável, moradia dos proprietários, e numa outra que serve de cozinha, de um forno para cozer o pão e de um galpão onde secam a carne. Vimos nossos hospedeiros comerem; e como os de ontem

usavam conchas como colheres e os garfos eram seus dedos. Mas a faca nunca falta; eles a levam à cintura. Contaram-me que havia aqui, nos arredores, uma colina denominada cerro de San Juan. Eu me dirigi para lá com um guia oferecido pelo governo da Colônia para conduzir-me até a Aldea de las Víboras, e sem o qual nos teríamos perdido inúmeras vezes nesta campanha imensa, onde não se vê ninguém, onde há tão poucas casas, entremeadas de uma infinidade de caminhos. Integra o cerro de San Juan uma série de colinas, mas, sendo a região muito plana, sua altitude é razoável, permitindo descortinar-se, do seu pico, grande extensão de terra. As colinas que compõem o cerro são muito pedregosas; ao redor, imensas pastagens levemente onduladas; faixas estreitas de mata indicam alguns rios e, ao longe, avista-se o rio da Prata, que dista apenas uma légua. Alguns jumentos pelos campos, mas nenhum gado. Ao voltarmos, paramos numa cabana miserável onde estava amontoada uma família numerosa. Ofereceram-me o chimarrão\* que eu tomei sem descer do cavalo. Os habitantes dessa cabana, conforme disse-me meu guia, não possuem animais; mas vivem da carne de porcos selvagens que apanham com o laço. Esses animais são os porcos domésticos que escaparam para os campos e aí se reproduzem prodigiosamente. Têm a mesma origem que os cachorros e os jumentos selvagens.

Ao entardecer, Mateus veio dizer-me que, muito perto da casa, um tigre comia o potro da minha jumenta; ele chamou o cachorro para ver o que fazia, mas o pobre animal nem mesmo se aproximou para ver. Quando o fez, tratou logo de fugir. Estes tigres (*uncus pintadus*) eram muito comuns na campanha, mas a redução do gado e o tumulto da guerra tornaram-nos bem mais raros.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO DE LAS TUNAS, 15 de dezembro, seis léguas. — Para chegar aqui, segui primeiro o caminho pelo qual tinha passado para ir ao cerro. A alguns passos da estância San Juan, atravessei o arroio do mesmo nome, cercado de ambos os lados por uma faixa de mato bem semelhante às que já descrevi. De todos os que já atravessei desde Montevidéu, este é o último que desemboca no rio de la Plata. A pouca distância dali, passei por outro, igualmente cercado de mato, o arroio del Miguelito, que reúne suas águas com o de San Juan. Desde o

---

\* No original, matésito.

arroio del Miguelito e ainda um pouco adiante, o terreno se apresenta montanhoso, mas logo fica apenas ondulado. Mais além do arroio San Juan, começam as terras de uma estância que pertencia aos jesuítas e que, após sua destruição, foi dada à Casa das Órfãs de Buenos Aires. Esta fazenda, que se estende até o arroio de las Vaccas, forma um rincão de quatorze léguas, com excelentes pastagens, mas aí, como em toda a parte, o gado também não foi poupado. O nome do rincão, que significa propriamente um canto, aplica-se a toda extensão de terra separada por rios ou por outras barreiras naturais, impedindo os animais de atravessar. Um rincão é uma espécie de recanto formado pela natureza, e a gente percebe, portanto, como esses terrenos são preciosos para os seus proprietários.

Às margens do arroio de las Tunas, ficava antigamente um rancho que dependia da estância das órfãs, mas durante a guerra foi destruído, deixando-as ao relento.

A *minosa* árvore nº 2.389 serviu-nos de abrigo. José Mariano sofre muito com suas queimaduras, e Firmiano teve febre alta esta noite. Em ambos, faço os curativos com óleo (bálsamo).

UMA ESTÂNCIA PERTO DA ALDEA DE LAS VÍBORAS, 16 de dezembro, cinco léguas. – Fizemos uma parada para os bois descansarem às margens do arroio de las Vaccas e que desemboca no Uruguai.

Até lá, uma região de pastagens, ondulada como as que até agora percorri. A erva sempre muito fina, muitos espaços cobertos de cardos e, em outros lugares, a avena sativa nº 2.207 também é comum. Os caminhos continuam salpicados de echium, e o lolium nº 2.290 também se encontra com frequência.

O calor hoje foi excessivo, e eu trabalhei na minha carroça durante todo o tempo de pousada. O termômetro registrava 32 na escala Réaumur, e suei muito. Firmiano e José Mariano sofrem muito, e o sol os molestou mais ainda.

O aspecto da região muda um pouco depois do arroio de las Vaccas. O terreno fica mais irregular, e as florestas são mais raras das que vemos desde Montevideú. Avista-se antes de tudo, às margens do arroio de las Vaccas, uma orla bastante extensa que se espraia mais ao longe na campanha; à direita, percebem-se outros bosques, no meio dos quais corre

o arroio de las Víboras, que deve medir cerca de um meio quarto de légua de largura.

Depois do arroio de las Vaccas, atravessamos imensos campos de cardos muito cerrados que dificultaram muito nossa caminhada. O calor cansou os bois; eles já não podem andar e é noite. Decidi pararmos a carroça diante de uma cabana situada a 1/4 de légua da Aldea de las Víboras. Fui muito bem recebido pelo proprietário e sua esposa, que é índia. Esta cabana é bem mais limpa do que as outras em que paramos depois da Colônia del Santo Sacramento.

Ofereceram-nos jantar. A refeição consistiu de rabama, carne cozida e caldo apimentado, mistura que não tem nada de desagradável.

POVO DE LAS VÍBORAS, 17 de dezembro, 1/4 de légua. – Já ontem à noite, enviei o vaqueano à aldeia com a circular do padre Larrañaga. O cura está em Buenos Aires, mas um dominicano que o substituiu disse-me que seria muito bem recebido. Chegando aqui, instalaram-me na casa do pároco, uma pobre residência muito escura, quase sem móveis; logo recebi a visita do dominicano, muito cordial, bem como a do alcaide. Este se queixou muito da dizimação dos animais, do preço alto da carne e da miséria que se seguiu às perturbações políticas. Mal as minhas bagagens tinham sido descarregadas, ouviu-se o trovão, a chuva começou a cair, continuando o dia inteiro. No verão, o tempo é excelente nessa região como na Capitania do Rio Grande; mas durante o inverno as chuvas são frequentes.

Assim ocorre nestas terras, absolutamente o contrário do que havia na Capitania de Minas e na de Goiás. O tempo de maior seca nas províncias de lá corresponde ao tempo das chuvas, e a estação em que mais chove em Minas e Goiás é a do tempo aqui maravilhoso.

POVO DE LAS VÍBORAS, 18 de dezembro. – Esta manhã o tempo estava muito carregado, hesitei sobre que partido tomar, quando o alcaide me disse que, conforme as ordens que recebera do governador da Colônia, tinha procurado um vaqueano para mim, tendo encontrado um muito bom que me aconselhava de pôr-me a caminho o mais rápido possível, porque o rio provavelmente não tardaria a subir. Apresentei algumas objeções, mas ele insistiu com veemência e eu me decidi a partir. Chamei os meus empregados e lhes ordenei que preparassem a carroça, porém Mateus assegurou-me que, ao levar os bois para o pasto, observou o local por

onde passa o rio, constatando que o terreno estava muito escorregadio, e os bois iriam atolar. Fui então procurar o alcaide; pareceu-me de muito mau humor, porque eu me recusava a partir, e me respondeu, grosseiramente, que eu tinha confiança demais em minha gente. Eu lhe declarei que, para não me enganar, iria eu mesmo verificar o caminho, para, em seguida, me decidir. Conduzido por um jovem com que Mateus parecia dar-se muito bem, fui até o rio e constatei eu próprio que a passagem que me mostraram era realmente impraticável. Voltei à aldeia e disse ao alcaide que ia permanecer. Ele se mostrou muito contrariado, respondendo-me que não me tinham levado ao local onde as carroças passavam habitualmente, com o intuito de enganar-me. Comecei a crer que ele tinha certa razão, porque Mateus pediu-me dinheiro e passou o dia todo a dançar com as índias. À noite, veio me dizer que provaria o quanto tinha fundamento a minha desconfiança dos espanhóis; que nove entre eles tinham feito o plano de assassiná-lo para roubar-lhe o poncho e a pistola, mas que ele tinha sido avisado em tempo pelo dono de uma taberna, recentemente estabelecido na aldeia; que ele tinha passado no meio dos assassinos com a pistola na mão e ninguém ousou atacá-lo. Não acreditei, absolutamente, nessa história, aconselhando Mateus de viver bem com os espanhóis, pois esta era a vontade dos superiores. Seja como for, não sei por que o alcaide deseja, com insistência, minha partida, uma vez que não moro em sua casa e não lhe dou o mínimo trabalho. Desde que estou aqui, sempre o que comi me foi enviado pela viúva de um português, que cuida a casa do padre.

ESTÂNCIA DE DOM GREGÓRIO, 19 de dezembro, duas léguas. – A Aldea de las Víboras compõe-se das choupanas mais miseráveis que tenho visto, mas sua posição é encantadora, construída no declive de uma encosta. Abaixo da aldeia, uma larga fileira de bosques, com árvores e arbustos muito bonitos e meio esparsos, formando na maioria sarças espinhosas. O pequeno rio de las Víboras corre ao fundo do vale e, do outro lado, eleva-se um cerro, cujo prolongamento é coberto de mato, e o ápice, corado por pastagens.

As choupanas da aldeia, baixas e muito pequenas, separadas umas das outras, são na maioria alinhadas em volta de uma praça coberta de relva, de forma retangular. A igreja, pequena e caiada como as casas, ocupa a parte mais alta da praça. Não há jardim propriamente dito nas

casas, mas um recinto fechado de varas secas onde comumente se plantam pessegueiros.

Quase todos os habitantes da Aldea de las Víboras vivem na indigência. A maioria são índios ou mestiços oriundos do Paraguai, das Missões, de Entre-Rios e que, provavelmente, vieram fixar-se nessa região quando nela havia muito gado, ganhando assim muito dinheiro sem trabalhar. Estes homens se ocupam hoje em cortar o mato na margem do rio, conduzindo-o em carroça até o porto de las Vaccas, distante três léguas da Aldea de las Víboras, e donde a madeira é embarcada para Buenos Aires e Montevidéu. Muitos proprietários semeiam o trigo, mas em pequena quantidade; entretanto, como o extermínio dos animais tornará, por muito tempo, difíceis os meios de subsistência, começa-se a sentir a necessidade de desenvolver a agricultura.

Numa aldeia de população semelhante com a de las Víboras, haveria na França apenas uma taberna, mas aqui há pelo menos uma meia dúzia. É aí que os índios e os mestiços passam boa parte de sua vida deixando a metade do dinheiro que ganham. Em toda a região, as tabernas são totalmente parecidas com as do Brasil. Garrafas de cachaça, comestíveis, ponchos, fazendas, um pouco de mercearia e quinquilharias são aí expostas sobre pranchas. Um grande balcão estendido de um outro muro paralelo à porta forma uma barreira entre o comerciante e as mercadorias de um lado, e os compradores e bebedores do outro. Estes ficam de pé e muitas vezes se deitam sobre o balcão, falando com tristeza, brincando ou cantando suas lânguidas cantigas, enquanto o cavalo os aguarda pacientemente à porta.

Esta manhã muito cedo, o alcaide enviou-me um vaqueano; ele próprio teve a delicadeza de acompanhar-me até o vau que não é realmente aquele a que me conduziram os meus soldados e, portanto, é evidente que esses senhores me fizeram permanecer mais um dia na Aldea de las Víboras. Aliás, eu não tenho muito a lastimar, pois fiz uma excelente herborização nas matas que circundam o rio. A árvore mais comum neste mato é a mimosa nº 2.389. O arbusto espinhoso nº 2.402 cresce também aí com abundância.

Após termos feito 1/4 de légua nesta mata, chegamos ao vau. A carroça andou com água até pelo meio, entretanto passamos quase sem dificuldades. A pouca distância das matas que contornam o rio, as pas-

tagens são semeadas, como nos arredores de Santa Lucía, de uma mimosa que forma pequenas capoeiras de espinhos. O terreno continua bem irregular; as pastagens sempre muito bonitas, mas a vegetação começa a secar.

Paramos na estância de um homem, outrora rico, mas que perdeu muito com a guerra. Não estava quando cheguei; mas fui muito bem recebido por sua mulher e cunhada que nos ofereceram um excelente jantar. A carne estava muito tenra, por ter sido guardada, prova que, se às vezes tão dura, é somente porque a cozem mal ou a comem em seguida à morte do animal. Minha hospedeira e sua irmã pareciam bem educadas; conversavam delicadamente e mostravam-se apressadas em servir; esse desejo de agradar não tem mistura de afetação, que notei somente nas hispano-americanas. Ao informá-las de que as tropas da Independência, sob, as ordens de San Martín, tinham sido bem-sucedidas no Peru, dei-lhes um grande prazer, pois têm um irmão coronel, que comanda nessa força.

À tardinha, chegou dom Gregório e, apesar de bastante frio como o são os espanhóis, ele se mostrou tão amável e hospitaleiro quanto sua esposa e sua cunhada. Contou-me que, durante a guerra, fora sucessivamente vítima de todos os partidos; que os espanhóis europeus, as tropas de Buenos Aires e as de Artigas o tinham igualmente maltratado, matando seus animais, pilhando sua casa e obrigando-o a refugiar-se em Buenos Aires, donde saiu com a intenção de vir para cá somente depois que os portugueses tomassem posse da região.

A casa de dom Gregório se apresenta muito mais arrumada e limpa do que as que vi na campanha, desde Montevidéo; entretanto é também caiada e compõe-se igualmente de duas peças: uma que dá para fora, onde se recebem os hóspedes, e outra que se comunica com a primeira, onde dormem os donos da casa. A cozinha é, como de costume, numa choupana separada.

ESPINILLO, 20 de dezembro, cinco léguas. – Como os bois que comprei em Montevidéo já estão muito cansados, fui obrigado a adquirir dois outros de dom Gregório, bem inferiores e que custaram vinte e uma piastras; estou muito feliz por ter encontrado esta ocasião, pois, atualmente, estes animais são raros e ninguém quer se desfazer dos que possui.



Região acidentada, sempre com pastagens, até aqui; nem casas nem mato, nenhuma cultura e nenhum viajante, a campanha seca a olhos vistos. A vegetação está quase toda tão amarela quanto nossos campos de trigo, à época da colheita. Desde Santa Teresa, vi o *carduus marianus* ao redor de todas as habitações; hoje atravessei imensas extensões de campos totalmente cobertos. Em geral, a vegetação daqui é quase totalmente artificial. O vaqueano, para abreviar a viagem, nos fez passar longe do caminho e por toda a parte, onde não havia cardo, a terra estava coberta de echium nº 2.173 e de lolium nº 2.292, plantas que provavelmente não são indígenas. Para vir até cá, atravessamos alguns arroios, mas, como são muito estreitos, não creio que haja árvores nas suas margens. Fizemos os bois descansar no lugar chamado Arenal-Chico, mas ali não achamos nem gravetos secos de cardos para fazer fogo. Foi preciso nos contentarmos em comer pão e queijo. Nenhum gado nos campos, mas, em contrapartida, cruzamos com imensas tropas de jumentos selvagens. Os cavalos mais raros, muito procurados, ao passo que se desprezam as éguas. Há também muitos cachorros de cor castanha, e Mateus pegou um bem pequeno, que espero criar. Os porcos castanhos também muito numerosos nestes campos; meu pessoal pegou quatro: um macho, uma fêmea, dois filhotes, mas, como neste país se tem o costume de desprezar as melhores coisas, eles só guardaram os dois filhotes e as partes da fêmea que lhes pareceram as mais delicadas.

No lugar onde paramos, algumas casas espalhadas nos campos. Tomei a dianteira com o vaqueano para ir ver a mais próxima do caminho e encontrei uma choupana miserável, abandonada, de extrema sujeira, apinhada de crianças e mulheres. Tive quase a tentação de parar sobre o próximo arroio; entretanto, a noite que passei na minha carroça foi tão má que preferi dormir nesta casa, apesar da sujeira e da repugnância que me inspira.

Apenas apeei do cavalo, a dona de casa já me oferecia uma merenda; aceitei; ela me mandou pôr uma mezinha, fora, sobre a qual colocaram um grande prato cheio de carne e de caldo. Como estava com fome, comeci a comer a carne segundo o costume desse povo, sem faca, sem garfo, sem farinha e sem pão. Ofereceram-me o jantar, mas não consegui aceitar duas refeições em seguida, do mesmo modo. Após o jantar, a dona da casa se ajoelhou, com os braços estendidos em cruz e recitou o rosário.

O resto da família permaneceu sentado. Em todas as casas, o escravo ou o empregado que serve a mesa recita a ação de graças em voz alta. Cada um faz o sinal da cruz, e ninguém esquece de beijar o polegar como se fosse um uso comum, ao persignar-se.

POVO DE SAN SALVADOR, 21 de dezembro, três léguas. — A erva dos campos totalmente seca, e só se encontram plantas e flores às margens do rio. O *carduus marianus* substitui a *cynara cardoncellus* e cobre extensões de terra consideráveis. Os animais comem tenros brotos como os do outro cardo, mas suas hastes são queimadas demais para servir de combustível. Até aqui, a região ainda se apresenta ondulada e coberta de pastagens.

A Aldea de San Salvador, situada sobre um terreno plano, compõe-se de cabanas pequenas, baixas, separadas umas das outras, mas em melhor estado que as da Aldea de las Víboras. Elas também são de terra, e o teto prolonga-se além das muralhas para dar sombra ao redor da casa. A igreja paroquial é estreita, extremamente baixa e caiada. Há ainda na aldea um bom número de pulperias, das quais uma, muito bem guarnecida, pertence a um genovês.

A um meio-quarto de légua de San Salvador corre o rio do mesmo nome, que depois de umas trinta léguas de curso se lança no Uruguai, cerca de seis léguas da aldea. Embarcações com até quatorze palmos de água podem subir até cá, porém mais ao longe, o rio deixa de ser navegável. As barcas vêm de Buenos Aires a San Salvador para pegar lenha, pois este é, a bem dizer, o único comércio da região, depois que dizimaram as tropas. Fui conhecer o rio, parecendo-me quase da mesma largura que o braço do Monteés<sup>1</sup>. Ele serpenteia na campanha e, como todos os rios pouco caudalosos, é cercado de árvores não muito altas. Uma lancha pequena recém-chegada de Buenos Aires aguarda seu carregamento de lenha.

Fui recomendado aqui ao recebedor de impostos que me levou à sua casa situada a uma meia légua da aldea. É também uma choupana com divisões internas como todas da região, mas muito bem arrumada e de uma extrema limpeza. Isto não me causou muita admiração, quando soube que o dono era filho de um italiano que tinha morado muito tempo na Capitania do Rio Grande; sua mulher, amável e bem vestida. À refeição,

---

1 Braço do Loiret, perto de Orléans.

deram-me um prato; mas os donos da casa comiam no mesmo prato, o que prova como é generalizado este costume na campanha, pois meus hospedeiros contam entre as principais pessoas do país.

Dom Isidoro Mentraste possui um rebanho de carneiros bastante razoável; ficou muito feliz por o terem poupado durante a guerra; pelo menos tem o que comer, enquanto seus vizinhos morrem de fome, ou para subsistir acabam por matar os animais que ainda lhes sobram. Perguntei a dom Isidoro o que ele fazia da lã dos seus carneiros, e percebi que ele a destruiu toda. “Mas não poderia aproveitá-la em tecidos como fazem em Rio Grande, Tucumã e em outros lugares? – Isto é verdade, mas aqui ninguém conhece esta indústria. – O senhor deveria, ao menos, enviar sua lã para Montevideu e lá eu tenho certeza de que a venderia com facilidade e com vantagem; além disso, seus carneiros tosquiados suportariam melhor o calor e engordariam muito mais. – Eu também penso como o senhor, mas seria preciso que, no primeiro ano, eu perdesse meu trabalho, porque a lã que meus carneiros têm atualmente não serviria provavelmente, porque nunca foi cortada.” Este homem que me está dando esta resposta é um dos mais esclarecidos do país; ele tem um bom senso e espírito de julgamento. Que se deve então esperar dos outros? Não seria perdoável o desprezo que os espanhóis nutrem pelos habitantes desses países, quando se constata até a que grau de inércia eles chegaram?

O calor hoje foi excessivo, às 5 horas da tarde, o termômetro de Réaumur indicava 25°, impossibilitando-me de herborizar antes da noite, pois me sentia fraco e acabrunhado. De Santa Teresa para cá, em geral, se costuma fazer a sesta. Logo que se acaba de almoçar, deita-se, levantando-se ali pelas 4 ou 5 horas. O sono de um homem durante a sesta é sagrado; motivo para acordá-lo durante esse período precisa ser muito importante, como para nós, aí, acordar alguém entre uma hora da madrugada. Péssimo costume para mim, que não durmo durante o dia. Os moradores da região comem e dormem muito tarde, levantam-se muito cedo deixando-me repousar apenas quatro ou cinco horas, o que me cansa muito.

SAN DOMINGOS SORIANO, 22 de dezembro, quatro léguas. – Para ir de San Salvador a San Domingos Soriano atravessa-se o rio um pouco abaixo da aldeia, onde já permite a passagem a pé e, em seguida, anda-se

pela costa a certa distância. Ele é, como disse, circundado de duas filas de árvores; o *carduus marianuns* cobre quase todo o terreno que atravessamos até o arroio de Bizcocho e, entre as suas hastes, somente uma erva amarela e ressequida. A maturidade desses cardos coincide sempre na região com a do trigo, e agora estamos no tempo da colheita.

Para repousar os bois, parei numa estância situada perto do arroio de Bizcocho. Embora a casa seja um pouco mais limpa do que são geralmente as dos espanhóis, ela transparece certa indigência, e as maneiras do proprietário, nascido em Tucumã, são as de um camponês bem simples. Contudo, este homem me recebeu com muita delicadeza. Arrumou meu quarto de modo que eu possa trabalhar comodamente; ele nos deu carne e leite e não aceitou dinheiro. Queixou-se de ser vítima de frequentes roubos de cavalos e de gado. dom Isidoro já me havia dito que tais roubos eram constantes nos arredores de San Salvador e me confessou que algumas pessoas tinham no roubo o único meio de subsistência.

As pessoas do campo, a maior parte índios e mestiços, levam vida totalmente selvagem, alheia a qualquer sentimento moral e religioso. Os padres espanhóis são em geral muito mais regulares que os padres brasileiros, mas não se ocupam absolutamente da instrução dos fiéis, não se dedicam nunca às crianças e não há um só catequista nas aldeias.

De Bizcocho até cá, deparamos apenas com cardos e erva ressequida. Entretanto, mais próximo à aldeia, o terreno fica mais úmido e muda de aspecto. Desde Montevidéu, ele era excelente e de um cinza escuro; aqui ele se apresenta misturado com areia, pedaços de conchas com vegetais acinzentados.

Antes de chegar à aldeia, mandei meu vaqueano à casa do pároco com a carta do abade Larrañaga. Voltou com uma carta do cura na qual este me dizia haver estado ultimamente em Montevidéu, sendo lá avisado sobre minha chegada pelo próprio abade Larrañaga, e que está pronto a me receber da melhor maneira possível. Efetivamente, ele me recebeu muito bem, mas infelizmente não aproveitei quase nada de sua companhia, porque passei a noite toda com uma dor de dente cruel. À noite, estive em casa do major português, comandante desta região, mas não o encontrei.

Passeando ontem nos arredores de San Salvador, vi um homem que gradeava a terra com um grande ramo de árvore, com raminhos e folhas arrastado por bois. Dom Isidoro me disse que não conhecia outro ancinho na região.

Falei mais de uma vez de meu vaqueano, sem dar explicação sobre o significado desse termo. Um homem que é vaqueano de uma região é aquele que a conhece perfeitamente bem. Um bom vaqueano só pode ser um bom guia, razão por que estas duas expressões se tornaram sinônimas. Eu presumo que vaqueano vem de vaca. O vaqueano devia ser aquele conhecedor dos caminhos que as vacas seguem habitualmente e que sabem encontrá-las quando se perdem.

O soldado que o coronel Manuel Marques de Sousa me ofereceu serviu-me de vaqueano até a Colônia. Lá, o governador da aldeia me deu um vaqueano para acompanhar-me até Víboras e, de aldeia em aldeia, eu sempre peço um ao alcaide. Viajando com uma carroça muito pesada e bois cansados, não posso passar indiferentemente por qualquer caminho; a passagem pelos rios exige muitas precauções, e por isso me é imprescindível um guia seguro.

SAN DOMINGOS SORIANO, 23 de dezembro. – Passei um dia horrível com muita dor de cabeça e de dentes. Apesar disso, ainda saí a passear na vila e nas margens do rio Negro.

A Aldea de San Domingos foi originariamente fundada por uma tribo de charruas, como diz Azara;\* mas situava-se um pouco distante do local onde se encontra atualmente. Os charruas se misturaram aos espanhóis e a outros índios; não existem mais raças puras, e apenas alguns velhos sabem ainda algumas palavras da língua de seus pais. Soriano sofreu muito durante as últimas revoltas que agitaram esta parte da América. No início da guerra, uma flotilha espanhola subiu o rio Negro, e as tropas que estavam a bordo abriram fogo contra a aldeia.

Um capitão de Buenos Aires, chamado Soller, comandava nos arredores um corpo de tropas americanas. E foram dizer-lhe que os espanhóis pilharam San Domingos. “Então também vai ser pilhado por nós”, respondeu o capitão; e realmente, ele ordenou às suas tropas e o ataque durou cinco dias.

---

\* No original, Arzaio.

Soriano está construída às margens do rio Negro, sobre um terreno muito plano, baixo e úmido, formado de uma mistura de húmus, areia e restos de conchas. Esta a aldeia mais importante, dentre todas que já atravessei desde a Colônia; suas ruas são bastante largas; à exceção de muito poucas casas, construídas de tijolos, teto plano, as outras são de terra batida e cobertas de colmo, mas ainda em bom estado. Elas são afastadas umas das outras e cercadas por um recinto quase sempre sem ser cultivado, formado de cários ou de tapume secos. A igreja é feita de tijolos.

O rio Negro deve ter aqui quase a mesma largura que o Sena acima de Paris; suas margens, muito planas cobertas de pastagens e bosques, são extremamente aprazíveis. Corvetas e bergantins podem vir até cá e, agora mesmo, a paisagem do rio está enriquecida com a presença de pequenos navios de guerra portugueses e de alguns navios mercantes. Soriano, como San Salvador, fornece para Buenos Aires a lenha que se corta nas margens do rio Negro, e ainda o couro e o sebo dos animais que matam nesta região. O rio Negro lança-se no Uruguai, a cerca de uma légua de San Domingos e há muitas embocaduras, sendo a mais profunda e a maior a do Jaguari, passagem das embarcações que sobem o rio.

Do que já relatei, vós podeis concluir que, se estas bonitas campanhas gozam alguns anos de paz, e se os animais se tornam cada vez mais raros e o comércio ainda é florescente aqui, San Domingos Soriano está situada de maneira a adquirir em breve uma grande importância.

Voltei esta noite à casa do major comandante da região, e ele me recebeu com muita cortesia, prometendo-me um vaqueano para me conduzir à Capilla de Mercedes.

O destacamento por ele comandado pertence à Legião de São Paulo. Quase todos são casados os homens desta legião, apesar de o major lhes prometer que não ficariam afastados de suas casas senão por dois anos, já vão para quatro, fora do seu país. Mal alimentados, seu soldo tem um atraso de 27 meses, desde a sua partida, época em que os vestiram, dando-lhes tão somente um casaco, umas calças e um poncho. Muito descontentes, desertam quase diariamente, para voltar aos seus lares. Até mesmo portugueses da Europa que, não tendo asilo nem parentes e apoio no Brasil, desertam quase sempre para se reunir com os inimigos de sua pátria. Dizem que há muitos deles nas tropas sob as ordens de Ramírez,

em Entre-Rios. Buenos Aires está há tempos sem bispo, por isso não se realizam mais ordenações nesse país, ficando uma quantidade de paróquias sem pastores. Meu hospedeiro dizia-me hoje que mesmo que convocassem todos os religiosos dos conventos para lhes confiar uma paróquia, ainda restariam algumas vacantes. O governo de Buenos Aires enviou um cônego a Roma para tratar dos negócios da Igreja neste país; sabe-se que ele foi bem recebido, mas que sua negociação até agora não obteve resultado, sendo provável que ainda perdure esta dificuldade, pois é evidente que a Cúria Romana não seja a primeira a reconhecer a independência de Buenos Aires. E como tratar com o seu governo, sem reconhecê-la?

.....

## Capítulo XI

ESTÂNCIA DE BRITO – TRINTA ANOS DE TRIGO NO MESMO CAMPO – CAPILLA DE MERCEDES\* – DESCRIÇÃO – AO AR LIVRE, MARGEM DIREITA DO RIO NEGRO, DEFRENTE DA CAPILLA DE MERCEDES – ACAMPAMENTO DEL RINCÓN DE LAS GALLINAS\* – BRIGADEIRO JOÃO CARLOS SALDANHA DE OLIVEIRA E DAUN – DESCRIÇÃO, O URUGUAI – DOIS TIGRES E DOIS AVESTRUZES PARA O MUSEU – RAMÍREZ – NOTAS SOBRE OS ÍNDIOS CHARRUAS – SANGA HONDA\* – ROMÁN CHICO.

*E*STÂNCIA DE BRITO, 24 de dezembro, três léguas. – A região percorrida para até aqui chegar é também ondulada e coberta de *cinara cardoncellus*, cujas hastes bastante cerradas, como em outros lugares, vedam a penetração de cavalos e gado. Sob diversos aspectos, esta planta, apesar da sua utilidade, causa extremo prejuízo, mas é evidente que já não poderá mais ser destruída. Ela representará um triste sinal das discórdias civis que abalaram esta região.

Parei numa estância que, como todas as outras, se constitui de várias choupanas esparsas. Aquela onde mora o mestre compõe-se, ainda, de grande sala mobiliada com cadeiras pintadas e de quarto de dormir. A sala se mantém muito limpa, o que não é comum. Os donos da casa me

---

\* No original, Capela de Mercedes; Encampamento del Rincón de las Galinhas; Sanga una da Funda.



convidaram para fazer as refeições, mas seus filhos, alguns dos quais casados, não participaram da mesa. Comemos metade em pratos, metade em gamelas. As senhoras sempre em trajes femininos, e os homens, como camponeses, com o chiripá, calças de franjas, botas de pele de perna de novillo. Meu hospedeiro me levou a um excelente campo de trigo, garantindo-me que, há mais de trinta anos, colhia trigo neste mesmo campo sem deixá-lo repousar, jamais adubando-o de outro modo, a não ser arando a terra, enterrando nela a palha do ano precedente. Em toda a colônia, perguntei a vários agricultores sobre o produto do trigo, e de suas respostas concluí que, em média, este grão rende 20 por 1 nas boas terras. Nas terras novas, colhe-se até 50 por 1. Conforme a natureza do solo, prepara-se o campo para duas, três ou quatro lavouras.

Por onde passo, ouço dos habitantes deste país, notadamente dos paulistas, elogios à disciplina das tropas portuguesas e do caráter dos seus soldados. Em geral, desde Montevideu até Santa Teresa, já não encontro nos camponeses espanhóis este ódio aos portugueses. Ainda assim rejeitariam, como absurdo, a ideia de pertencerem definitivamente aos portugueses, mas nunca falam deles com despreço ou rancor. Tal diferença decorre de que entraram aqui, quando o país, cansado e arruinado pelas tropas da pátria, aspirava depois à paz; não os hostilizaram e foram até seus libertadores. Ao contrário dos camponeses de Rocha e Maldonado, que tiveram de suportar a passagem da divisão portuguesa, quando os soldados, recém-chegados da Europa, ainda orgulhosos dos sucessos obtidos, tratavam os americanos com desprezo. Mas o que, sobretudo, excitou sua animosidade foi que, durante a guerra, tiveram de lutar principalmente com as tropas e com a administração do Rio Grande, que os perseguiram sem cessar, levando-os fatalmente a uma rivalidade nacional.

CAPILLA DE MERCEDES, 25 de dezembro, quatro léguas. — Esta manhã, vieram dizer-me que os bois tinham desaparecido ontem à tarde, e eu não podia partir; enquanto os soldados os vigiavam às margens do rio, próximo da estância do Brito, os animais se afastaram. Meu excelente hospedeiro enviou dois negros à sua procura e, perto do meio-dia, foram encontrados.

Dos meus dois soldados, Matias mostra-se cheio de zelo, mas o outro só pensa em comer e dormir; anteontem Matias me fez muitas quei-

xas de seu companheiro, e quase prometi dar-lhe um outro, pelo brigadeiro João Carlos Saldanha, comandante das tropas estacionadas a algumas léguas daqui, no Rincón de las Gallinas.

Desde minha chegada a Montevidéu até agora, testemunhei a todos o meu desejo de alugar um peão do local para conduzir minha carroça. Mas me garantiram ser impossível encontrar um homem de confiança; isso bastou para provar até que ponto os camponeses de uma classe inferior estão desmoralizados.

Sempre cardos e pastagens amareladas. Paramos a um quarto de légua de Mercedes, à margem de um arroio, sem saber que estávamos tão perto de uma aldeia, e os bois, que tinham caminhado sob intenso calor do dia, necessitavam de absoluto repouso. Um pouco antes de chegar a Mercedes, goza-se, de repente, de uma vista encantadora. Descobre-se toda a vila, estendida sobre o declive de uma encosta, ao pé da qual corre o rio Negro. Este rio, talvez da mesma largura que o Loiret diante de Plissai, foge na campanha serpenteando entre duas orlas de bosques bastante espessas. Eleva-se do meio das águas uma ilha igualmente coberta de bosques, que contribui para embelezar a paisagem.

Localiza-se a maior parte das casas da Vila de Mercedes à volta de uma larga praça regular, em forma de um grande quadrado. A igreja, no meio da praça e isolada como as da maioria das aldeias portuguesas, é construída de pedra, mas, por singularidade bastante estranha, deram à sua fachada o feitio de triângulo. O cemitério fica ao lado da igreja, que é comum em todos os lugares em que já não se enterra no interior dos templos. Vê-se, em Mercedes, um maior número de casas de tijolos e teto liso, do que em todas as aldeias que percorri desde a Colônia; e multiplicam-se aí pulperias, bem guarneçadas. Quanto ao comércio, Mercedes não está melhor situada que Soriano, mas a vizinhança da divisão portuguesa, estacionada há muito tempo, a duas léguas daqui, deve necessariamente estimular o comércio da vila, atraindo dinheiro para cá.

Antes de chegar a Mercedes, mandei meu vaqueano com minhas portarias a um capitão português, comandante de um destacamento. Ele me alojou numa casa cujo proprietário possui uma taberna. Apesar de ausente quando cheguei, fui muito bem recebido por seu empregado.

Logo que comecei o trabalho, este homem consultou-me longamente sobre sua saúde e, por bem ou mal, foi preciso que me promovesse a médico e fizesse prescrições. Entretanto, o doente de hoje não se mostrou tão reconhecido como o boêmio de Uruçanga porque, após consumir todo o meu tempo, me obrigou a pagar um copo de vinho que tomara na sua bodega. E não foi tudo: por volta de meia-noite, seu patrão chegou; grande barulho na casa, um vaivém, abrem-se e fecham-se portas; e, havendo um quarto ao lado do meu, foi justamente este que o empregado escolheu para servir o jantar ao patrão, estabelecendo-se aí, entre eles, acalorada discussão. Extremamente cansado, dormi em seguida; mas uma frase proferida em voz alta logo me acordou. A paciência esgotou-se; levantei-me, chamei Laruotte e lhe pedi que me ajudasse a transportar minha cama para o pátio e, enquanto Laruotte se vestia, destratei o empregado. Mas era, de fato, ao patrão a quem eu visava. Apesar de todo meu sermão, este último se manteve imperturbável no seu sangue-frio, fumando cigarro tranquilamente, sem pronunciar uma palavra sequer. Acabei rindo, fazendo o papel de observador. Meu hospedeiro terminou de fumar, arrumou a mesa onde tinha comido e preparou-se com todo cuidado e sisudez que se possa imaginar, fez-me uma barretada, desejando-me boa noite, e foi se deitar.

AO AR LIVRE, À MARGEM DIREITA DO RIO NEGRO, EM FRENTE À CAPILLA DE MERCEDES, 26 de dezembro. – Eram 5 horas da manhã, quando começamos a travessia do rio e, às três da tarde, ainda não tínhamos acabado: os cavalos e, particularmente, os bois deram muito trabalho e, mais ainda, a carroça. Iniciamos por fazê-la atravessar, apoiando o leme sobre a barca que habitualmente realiza esse transporte; mas, como principiasse a afundar, foi preciso recorrermos ao capitão, comandante da vila, e lhe pedir que requisitasse uma das barcas do comércio. O arrais português encarregado da navegação do rio escolheu, ele mesmo, a barca que lhe pareceu melhor; colocaram nela o timão da carroça, amarraram às suas rodas dois grandes tonéis vazios, desfraldaram a vela da embarcação, e com o auxílio a um tempo de remos e varas compridas, depois de uma longa demora, a viatura chegou a seu destino.

O serviço de passagem do rio é feito por soldados paulistas sob as ordens do arrais, a que já me referi. Revezam-se cada três meses e ga-

nham três piastras como remuneração; não se obriga ninguém, mas sempre se apresentam muitos homens que ficam bem contentes em receber este dinheiro.

ACAMPAMENTO DEL RINCÓN DE LAS GALLINAS, 27 de dezembro, duas léguas. – A região que atravessamos é atapetada de pastagens, mas a vizinhança do rio proporcionou uma atmosfera aprazível, bem diversa da que experimentamos nos dias precedentes. O rio desenha mil sinuosidades entre duas orlas de bosques. A paisagem da campanha é encantadora. Nos arredores do campo, deixei a carroça e, acompanhado de Matias, fui à casa do brigadeiro João Carlos Saldanha de Oliveira e Daun, comandante da guarnição das tropas portuguesas encarregadas da defesa do Uruguai. Apresentei-lhe passaporte do conde de Figueira e uma carta de recomendação do cavaleiro del Host. Recebeu-me muito bem, fez-me tomar o café da manhã e convidou-me para as refeições em sua casa, durante todo o tempo em que eu permanecer aqui. E sua gentileza não se limitou só a isso: ofereceu-me alojamento, enviou carne a todos os meus acompanhantes, dizendo que fossem, diariamente, alimentar-se em sua casa. Enfim, confiou a seu capataz o cuidado dos meus cavalos e bois.

O rio Negro, após serpentear ligeiramente na direção leste-oeste até cerca de uma légua do Uruguai, dirige-se bruscamente para o sul, mas logo descreve nova curva e reenvia suas águas à do rio. Dessas tortuosidades resulta uma península de cerca de dezoito léguas quadradas, de forma quase triangular, entre o Uruguai e o rio Negro, comunicando-se com a terra firme por um istmo de apenas uma légua. Esta península se denomina Rincón de las Gallinas. Antes da guerra, pertencia à família Haedo,\* uma das mais ricas da região, e constituía parte de seus vastos domínios.

O Rincón pode ser considerado como a chave da Província de Entre-Rios e, ao mesmo tempo, é impossível encontrar ponto tão fácil para defesa. Os portugueses sentiram, de pronto, a vantagem dessa posição, e o Rincón de las Gallinas celebrizou-se pela longa estada que lá fizeram as tropas de São Paulo e de Rio Grande, sob as ordens do tenente-general Curado. Hoje são europeus que estão aí acantonados, e não muito numerosos.

---

\* O autor registra Huedo.

O campo, denominado Real Bragança, está situado muito agra-davelmente em lugar bastante elevado, quase à margem de uma espécie de alça formada pelo rio Negro. Por temer que as águas desse braço ficassem estagnadas, ameaçando a saúde dos soldados, abriu-se um canal para a comunicação com o leito do rio, e o terreno oposto ao campo, do outro lado da água, transformou-se numa ilha. O rio sinuoso e os bosques cerrados que orlam suas margens propiciam vista encantadora do local. As barracas que aí se encontram, construídas de terra batida e de paus cruzados e cobertos de colmo, não se apresentam com muita regularidade. As dos oficiais, um pouco maiores que as dos soldados, mas feitas de modo idêntico. Todos os oficiais possuem horta, onde mandam cultivar legumes europeus, e igualmente cada companhia de soldados. A casa do general não passa de uma choupana como as outras, porém o seu interior é confortável e muito asseado.

A presença das tropas portuguesas atraiu ao Rincón numerosos comerciantes e presume-se que, mesmo após a retirada das tropas, permaneça ainda aqui uma espécie de aldeia.

ACAMPAMENTO DO RINCÓN DE LAS GALLINAS, 28 de dezembro. – Esta manhã, bem cedo, herborizei às margens do rio Negro e fiquei muito satisfeito com o passeio. Depois do almoço, o general, que me cumula de gentilezas, convidou-me para ir ver com ele as margens do Uruguai; aceitei o convite e subimos na diligência. Eu disse que o Rincón estava ligado à terra por uma estreita faixa de uma légua de comprimento. Os portugueses assestaram as baterias a intervalos, guarneecendo os espaços com ramagens, espécie de fortificação que bastaria para defender a península de um inimigo que não soubesse atacar senão a cavalo e praticamente sem artilharia, ou que dela tivesse peças muito mal conservadas.

Nesse trecho, o Uruguai é um rio majestoso; julguei ter ele ao menos a mesma largura que o Loire diante de Orléans. Esses dois rios são planos e orlados de bosques muito elevados, onde se encontram árvores próprias para construção e carpintaria.

Desde algum tempo, os portugueses reuniram no Rincón vinte mil cabeças de gado, destinadas à alimentação de suas tropas e esperam aumentar esse número para trinta mil.

A região que se estende ao norte do rio Negro foi bem menos maltratada durante a guerra do que os campos que acabo de percorrer; e aqui se encontra ainda grande número de cabeças de gado bovino, mas, como a maioria dos estancieiros abandonou suas casas à época do levante, deixaram de praticar rodeios, o gado não mais foi marcado, tornando-se selvagem (alçado). Aproveitando tal circunstância, os portugueses realizaram batidas com seus soldados; estes caçam na frente deles todo o gado que encontram e fazem assim presas consideráveis. Ninguém, de fato, pode afirmar que uma vaca e um boi não marcados lhe pertencem; entretanto devemos reconhecer, ao que parece, que o animal encontrado num terreno é do proprietário deste, assim como a caça, durante o tempo em que aí permanecer. De acordo com tal sistema, não há dúvida que a maneira adotada pelos portugueses, para assegurar seu gado, é contrária à justiça, pois que, por ali, algumas estâncias são poupadas, enquanto outras inteiramente despojadas. As tropas portuguesas protegem a região, restituindo, assim, a tranquilidade de que, há muito, estava privada; é, portanto, de toda justiça que os habitantes do lugar lhes concedam os meios de subsistência, mas a totalidade dos animais arrebanhados deveria ser repartida entre todos, segundo o modo de cada um e, conseqüentemente, pareceria que, em vez de fazer a caçada, seria mais justo obrigar cada estancieiro a fornecer certa quantidade de gado em virtude do que se presume existir em sua propriedade. Entretanto, deve-se convir, também, que assim causaria sérias dificuldades, por causa do estado selvagem do gado.

Seja como for, tive a satisfação de ver no Rincón uma imagem dos campos que acabo de percorrer, tais como deviam ser, conforme se relata, antes que a guerra desolasse essas regiões. Os bois, ajuntados, percorrem os pastos; enquanto uns pastam, outros ruminam, ou ficam estendidos sobre a relva, e esse quadro vivo varia a cada momento.

ACAMPAMENTO DO RINCÓN DE LAS GALLINAS, 29 de dezembro. – Os soldados aqui acampados recebem diariamente, como ração, duas libras de carne e, alternadamente, pão, biscoito e farinha. Há vinte e sete meses que seu soldo está atrasado, o general Saldanha, sobrinho-neto de Pombal, é tão distinto por seu berço ilustre quanto por mérito pessoal. Tem aparência de nobre, bonitos olhos e suavidade na fisionomia. Con-

sideram-no excelente militar e, pela graduação atingida, não aparentando mais de trinta e cinco anos, esperam dele uma belíssima carreira. Sabe francês, inglês e espanhol, é educado sem afetação e muito distinto em suas maneiras. Sua amabilidade, seu espírito conciliador e sua serenidade contribuíram para fazê-lo ídolo dos soldados e das pessoas do lugar. Sua mesa é franqueada a todos os oficiais, e ele os trata como iguais.

Havia, em sua casa, dois avestruzes e dois tigres, com os quais teve a gentileza de me presentear; aceitei-os, mas lhe pedi permissão para oferecê-los, como presente seu, ao nosso Museu.

Esses animais serão enviados daqui ao cavaleiro del Host, a quem já escrevi, e ele fará o favor de enviá-los ao sr. Muller, no Rio de Janeiro, com o qual também já me correspondi. São os dois avestruzes tão domesticados, que iam correr de dia ao campo, mas vinham dormir na casa do seu dono. Os tigres, duas fêmeas, pertencem a espécies diferentes; uma é cinza-ruço, aquela que os espanhóis chamam indevidamente de leão; e a outra, que se denomina propriamente tigre e, no interior do Brasil, onça-pintada. Esses animais são também domesticados, o quanto sua natureza permite. A onça-pintada, de apenas três meses, foi criada por uma menina de doze anos, acostumando-se a dormir em sua companhia. Como a menina se ausentou há pouco tempo, confiaram a onça a um soldado; e este a segura, abraça e acaricia; entretanto, às vezes, a fera rugue assustadoramente, mostra-lhe os dentes, demonstrando que não se presta, senão com rebeldia, às carícias de seu guarda.

As tropas de Artigas já não existem, e todos afirmam que os habitantes do Paraguai o retêm como prisioneiro. Atualmente, Ramírez comanda Entre-Rios. Este homem começou por ser um dos capitães de Artigas e acabou por fazer-lhe guerra. É temido e detestado pelos súditos e, diariamente, oficiais e soldados desertores de suas tropas vêm procurar asilo entre os portugueses. Uns pedem para servir nas tropas portuguesas, outros para se estabelecer no país.

Ramírez vive em paz com os portugueses, sem, contudo, haver entre eles qualquer acordo. Escreveu, ultimamente, ao general Saldanha para reclamar-lhe seus desertores, mas este se recusou a entregá-los. Entre os que deixaram Ramírez, a fim de se render aos portugueses, se incluem os charruas, uma das tribos indígenas mais célebres nesta região da Amé-

rica. O general Saldanha teve um encontro com eles e observou algumas particularidades de seus costumes. Eis aí um episódio que me relatou: quando um índio cobiça a mulher do outro, vai a este diretamente pedir; se o marido não a quiser ceder, lutam até que um deles morra, e a mulher é o prêmio do vencedor. Constroem suas palhoças com estacas envolvidas por esteiras, sobre as quais colocam outras que servem de telhado. Os homens cavalgam, boleiam cavalos ou avestruzes e não têm outra atividade. Cabe às mulheres ocupar-se da cozinha, arrumar as choupanas, trançar as esteiras, cuidar das crianças e fazer os *caipis*, espécie de mantô, a única roupa dos homens. O sr. Saldanha testemunhou um chefe que obrigava sua mulher a segurar a cuia de mate, enquanto ele bebia de braços cruzados.

O caipi, a que me referi, é uma tira de couro de mula bastante longa, com cerca de três pés de largura. Exteriormente, conserva o pelo e debaixo é pintado regularmente com linhas retas ou curvas, de diversas cores. Vi um desses mantôs em casa do general; quis me certificar da fixidez de suas cores, e me convenci de que não tinham nenhuma.

Os charruas formam um grupo nômade. O general Lecor dera ordem a Saldanha de procurar reuni-los em aldeias, mas eles se recusaram. E apresentaram uma boa justificativa: são eles tão sujos que, ao cabo de alguns dias, ninguém conseguiria permanecer no campo deles, devido ao forte cheiro nauseabundo que exalam<sup>1</sup>.

SANGA HONDA,\* 30 de dezembro, quatro léguas. — Deixei hoje o Rincón cheio de reconhecimento pelas atenções do general. Os oficiais sob suas ordens também foram de extrema solicitude para comigo. Em geral, são educados e acolhedores. Muitos deles sabem francês, quase todos estiveram na França durante a guerra; e falam deste país com os maiores elogios. Infelizmente, parece que as ideias ultraliberais encontram eco entre eles; falam também, com entusiasmo, de Bonaparte, lamentando-lhe o destino. Tive pequena discussão com um deles procurando provar-lhe que, se a estada do rei no Brasil trouxe sérios inconvenientes para os por-

---

1 Creio ter cometido um engano neste artigo. Os charruas não vieram de Entre-Rios. Sempre viveram deste lado do Uruguai. Abraçaram o partido de Artigas e renderam-se aos portugueses, quando estes dominavam a região.

\* No original, *Sanga una da Funda*.



tugueses da Europa, estes deveriam resignar-se, porque tais contratemplos provinham de males ainda maiores. Na realidade, a volta do soberano a Lisboa acarretaria a revolta dos brasileiros, e que, sem o Brasil, Portugal perderia muito. Com essa desventura, os portugueses da Europa teriam ainda de se transportar para a América e combater seus irmãos. Se, por outro lado, Portugal se revoltasse contra a Casa de Bragança enquanto ela estivesse na América, perderiam eles as vantagens do comércio do Brasil, ainda consideráveis para a nação portuguesa que, em breve, se tornaria presa de algumas das grandes potências europeias.

Quando vieram buscar meus bois, o capataz, a cuja guarda tinham sido confiados, disse a meu pessoal que ele os entregaria ao portador de uma ordem assinada pelo general. Este quis, pessoalmente, tirar a limpo a questão; montou a cavalo e foi interpelar o capataz, concluindo que este simplesmente deixara escapar os bois. O general veio tranquilizar-me, porque ninguém podia sair do Rincón sem sua licença; iria enviar homens à campanha para encontrá-los; mas, enquanto esperava, ofereceu-me quatro juntas de bois e seis cavalos de propriedade real e mais dois outros cavalos que lhe pertenciam. Por ocasião de minha partida, deu-me um vaqueano, além de cartas de recomendação para os comandantes portugueses dos lugares por onde eu deveria passar até Belém.

Deixei Joaquim no Rincón, para que viesse ter comigo quando encontrasse os bois, e pus-me a caminho. Ao chegar à cerca que impede a entrada do Rincón, e no meio da qual só deixaram uma estreita abertura vigiada por um destacamento, apresentei-me a um oficial de guarda, por sinal muito correto, que me deixou passar sem nenhuma dificuldade.

Os campos que atravessei para chegar aqui, após ter saído do Rincón, já não apresentam pastagens tão crescidas, porque a terra é de má qualidade. Paramos às margens de uma espécie de barranco, onde as águas pluviais se acumulam, sem escoamento. Como a seca foi muito grande este ano, a água quase se esgotou e não tivemos outra bebida senão um lodo escuro. Matias e o vaqueano foram preparar os bois, e voltaram com os melhores nacos de uma novilha que tinham laçado, matado, deixando a maior parte dela. Fiquei muito contrariado por eles se terem permitido este

roubo, advertindo-os de que nunca mais isto acontecesse, pois sabia que tal procedimento contrariava as intenções do general.

ROMÁN CHICO, 31 de dezembro, quatro léguas. – Região acidentada, terreno pouco arenoso, pastagem quase rala. À direita, avistamos quase sempre o Uruguai. A cerca de três léguas de Sanga Honda, encontrei Joaquim com meus bois. Enquanto ajustavam qualquer peça na carroça, entrei numa choupana e entrei a conversar com a dona da casa. Sabia que estava em terras de um proprietário muito rico, chamado d. Benedito Chaim, partidário dos realistas que o general Lecor enviou ano anterior, ao Rio de Janeiro, para pronunciar-se de viva voz, contra os portugueses, quando se tratasse da questão da chegada de uma esquadra espanhola. “Minha choupana”, disse-me a mulher com quem falava, “foi queimada há pouco tempo, mas sei muito bem quem a incendiou.”

– Quem poderia ter cometido ação tão cruel? – Respondeu-me: – “O homem do caso de *maturrango*. Não vê o senhor que ele queria nos obrigar a sair daqui; mas é justo que os *maturrangos* possuam todas as terras, e que os pobres, como nós, não tenham onde repousar a cabeça? Durante a guerra, permitiram que nos estabelecêssemos aqui e estamos esperançosos de que o general português nos garantirá a nossa permanência.” Eis a explicação de tudo isto: quando Artigas governava esta província, muita gente lhe pedia terras pertencentes ao Rei, à dos emigrados, à dos realistas, à dos europeus; ele concedeu tudo o que solicitaram. O general Lecor não confirmou essas doações, mas fiel a seu sistema de favorecer o partido dos revoltosos, por ser mais numeroso, consentiu que os homens estabelecidos nas terras ocupadas aí permanecessem até segunda ordem.

Quanto ao vocábulo *maturrango*, eis o seu significado: alcunha injuriosa dada aos que montam mal a cavalo e, em geral, aos europeus. Nessas campanhas, onde nada se valoriza, senão a capacidade que se tem de montar a cavalo, a ofensa maior que se possa fazer é chamar o mau montador de *maturrango*. A palavra *maturrango*, por conseguinte, deve-se aplicar aos homens mais detestados, aos realistas, aos emigrados, àqueles que se consideravam como os inimigos do país. Poder-se-ia na verdade supor que tais homens soubessem montar a cavalo!

Parei numa espécie de cabana construída de couros e que, entretanto, é uma pulperia. Havia tão pouco espaço nesta morada horrorosa,

que fui obrigado a trabalhar na minha carroça sob um calor terrível. Por outro lado, apesar de meu hospedeiro se ter alojado com muito desconforto, permitiu aos meus empregados comerem carne à saciedade e não aceitou nenhum pagamento.

Parece-me que os meus acompanhantes gostaram do gênero de roubo, cuja aprendizagem fizeram ontem. À exceção de Laruotte, foram os outros guardar os bois e os cavalos às margens de um arroio vizinho e não trouxeram consigo senão farinha e sal. Laruotte, que saiu pouco tempo depois, encontrou uma novilha amarrada a pouca distância deles. É claro que havia sido presa por eles e deveria ter a mesma sorte que a de ontem à noite. Sei muito bem que o gado é aqui infinitamente mais abundante que o da outra margem do rio Negro, mas isso não é razão para roubo. Às 5 horas, o termômetro marcava 29 graus.

.....

## *Capítulo XII*

ESTÂNCIA DE BELLACO\* – ESTÂNCIA DE (...) – PAISANDU – AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO QUÉGUAY – ESTÂNCIA DO TENENTE JACINTO – MARGENS DO RIO SÃO JOSÉ – CORONEL GALVÃO – BOA ADMINISTRAÇÃO DOS PORTUGUESES – SUA SITUAÇÃO POLÍTICA SOBRE A MARGEM DO URUGUAI – ESTÂNCIA DE GUABIJU – TENENTE-CORONEL INÁCIO JOSÉ VICENTE DA FONSECA – AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO CHAPICUÍ – MARGENS DO ARROIO DAIÁN – PREGUIÇA DOS MESTIÇOS – INCONVENIENTES DA MISCIGENAÇÃO DOS ÍNDIOS COM OS BRANCOS – CAMPO DO SALTO – AVERSÃO DOS SOLDADOS DO RIO GRANDE PARA COM OS SOLDADOS PAULISTAS – COMERCIANTES – ÍNDIOS E ÍNDIAS – DOENÇAS VENÉREAS – PORMENORES SOBRE ENTRE-RIOS – PILHAENS E RAMÍREZ – ÍNDIAS BAICURUS.

*E*STÂNCIA DE BELLACO, 1º de janeiro de 1821, quatro léguas. – Desde Montevideú, eu não percorrera ainda paisagem tão rasa como a de ontem e de anteontem. Hoje, o terreno estava melhor, e a relva tinha adquirido seu crescimento habitual. Os campos, mais secos que nunca, não apresentam sequer um fio de capim verde. Com muita dificuldade, atravessamos o arroio que corre ao longo da estância que lhe dá o nome; foi preciso descarregar a carroça; com o calor estafante, todos estavam de mau humor.

---

\* No original, Velharo. (N.T.)

Eu trouxe uma carta do general Saldanha para o proprietário desta fazenda, um dos membros da família Haedo<sup>1</sup>, que possui imensa extensão de terra aqui nos arredores. Os srs. Haedo deixaram suas propriedades durante a guerra e só voltaram há quatro meses. Por isso, não me admirei de encontrar tão mal mobiliada esta casa; mas quando soube que os proprietários moravam aqui antes da guerra, confesso que me surpreendi, pois é uma cabana pobre, sem assoalho e sem forro no teto.

De resto fui bem recebido e ainda encontrei nas senhoras um tom acolhedor. O Rincão das Galinhas pertence aos srs. Haedo; tinham, antes da guerra, quarenta mil reses e recusaram cento e vinte mil piastras por esse terreno quando começaram as revoltas. Pacificada a província, pediram ao general Lecor que reconhecesse o direito de propriedade deles, o que este fez sem nenhuma dificuldade. Pensaram, assim, que poderiam restabelecer a estância que possuíam no Rincão e, por isso, compraram escravos e realizaram despesas iniciais que lhes pareciam necessárias. Iam retomar a posse de sua fazenda, quando o general lhes deu a entender que o Rincão, oferecendo posição mais vantajosa para o exército, devia permanecer propriedade real. Os Haedo partiram, então, para Montevidéu, com intuito de fazer valer seus direitos que o próprio general anteriormente reconhecera por escrito. Propuseram-lhe a venda do Rincão, mas ele sempre se recusava a recebê-los, contentando-se em propor-lhes, por meio de terceiros, uma renda perpétua de três mil piastras. Os Haedo não aceitaram a oferta, porque a soma era muito aquém do valor do terreno, mas, sobretudo, porque nada lhes parecia garantir o pagamento. Apenas o dinheiro à vista os contentaria; mas, como os portugueses estão aqui provisoriamente, é evidente que não possam satisfazer o preço por um terreno que talvez deixarão em breve. Foi mais justo e mais conforme as regras da justiça o que adotou a administração portuguesa, reconhecendo, o mais autenticamente possível, os direitos da família Haedo e encorajando os seus membros a terem paciência até que as circunstâncias permitam não só reintegrá-los em sua propriedade, mas também pagar-lhes o real valor.

ESTÂNCIA DE ....., 2 de janeiro, três léguas. – Durante o percurso de três dias, o terreno se mostra ondulado. Não encontro viajante

---

1 O mapa do Brasil registra: Estância Haedo.

algum, e as casas onde me devo hospedar são as únicas na campanha. A não ser nas margens dos arroios, a pastagem está completamente ressequida. Sempre as imensas extensões de terra cobertas de *carduus marianus* e *cynara cardoncellus*.

Parei numa fazenda de um homem, residente em Montevidéu, mas que tem aqui um capataz para cuidar dos seus negócios. Este senhor me recebeu gentilmente, oferecendo-me carne em abundância. Mas sua casa estava em tão mal estado de conservação e ventava tanto, que preferi trabalhar na minha carroça.

Com relação às reses que meus empregados mataram no campo estes últimos dias, sinto-me inteiramente tranquilo. Como disse, há muitos animais ainda nesta margem do rio Negro; mas eles não se sujeitam aos rodeios. Totalmente selvagens, nem marca possuem. É, portanto, muito normal apreendê-los nos campos e matá-los para comer. Um negro, que me serviu de guia, apanhou uma vaca nas pastagens vizinhas. Os meus acompanhantes fizeram o mesmo e, finalmente, outros homens, vindos depois de mim, também foram matar sua rês; no entanto, meu hospedeiro guardara no galpão uma quantidade apreciável de carne que, de boa vontade, ofereceu a todos. Assim, para o jantar de meia dúzia de pessoas, mataram umas três vacas.

Como as terras que percorri me pareceram ótimas para o cultivo do trigo, perguntei ao meu hospedeiro se não semeava na região. Respondeu-me que não tinha quem lavrasse a terra, mas que muitos traziam a farinha de Montevidéu para fazer pão. Havendo ainda animais na região, cada um se abastece de carne, ou trabalha só o necessário para se vestir, comprar cigarro e mate, passando a maior parte da vida na ociosidade.

Alguns homens chegaram aqui ao mesmo tempo que eu; sentaram-se diante da porta da casa, sobre as cabeças das vacas; assaram a carne e a comeram sem sal e sem pão, passando, assim, o dia na ociosidade, quase mudos, enquanto seus cavalos, encilhados, os aguardavam pacientemente amarrados.

PAISANDU<sup>2</sup>, 3 de janeiro, quatro léguas. – O terreno continua ondulado, sempre cardos e grama seca por causa do sol causticante. Para

---

2 No mapa, Pay Sandu.

chegar à aldeia de Sandu, fui adiante com o vaqueano. Levava uma carta de recomendação do general para o major que comanda o destacamento de paulistas sediado aqui, mas este oficial não estava, e eu me apresentei ao seu substituto, para conseguir uma casa. Após muita dificuldade e grande perda de tempo, acomodaram-me numa padaria, onde me senti tão mal que resolvi dormir na minha carroça. Para mim foi também muito difícil arranjar um vaqueano, encontrar um curral onde pudesse prender meus bois durante a noite e obter um pouco de carne para o dia seguinte. Passei o dia todo em andanças cansativas por causa do calor excessivo. Até às 11 horas da noite, eu ainda estava à procura de tempo para escrever meu diário, e ir até o rio Uruguai, que corre no alto dessa aldeia.

Sandu era, de início, apenas uma fazenda dependente de Iapeju, aldeia localizada na outra margem do Uruguai, uma destas que os jesuítas fundaram para os índios. Os espanhóis, atraídos pela situação agradável do lugar, vieram aos poucos nele se fixar, formando um vilarejo. Este, durante a guerra, foi totalmente abandonado, mas depois que o país gozava das delícias da paz, os homens das campanhas vizinhas de Buenos Aires e Entre-Rios se estabeleceram aí. Os principais habitantes exercem o comércio, e possuem tabernas; os outros alugam-se aos comerciantes como carreiros, ou como peões nas estâncias.

Sandu é construída no declive de uma encosta sobre a qual há um terreno plano de pouca largura, que se estende até o rio Uruguai; mas, embora esta aldeia não esteja situada bem à beira d'água, descortina-se vista do rio, que corre majestosamente entre duas alamedas de bosque.

À exceção de duas ou três casas construídas de tijolos e com teto plano, as demais são cabanas pobres, afastadas umas das outras, possuindo cada uma pequeno terreno baldio cercado de tapumes secos. A igreja é muito pequena e coberta de palha. Sendo o Uruguai ainda navegável até aqui e muito mais adiante, nota-se facilmente que Sandu desfruta uma situação privilegiada para o comércio, podendo com o tempo tornar-se um centro importante.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO QUEGUAY, 4 de janeiro, cinco léguas. – Terrenos acidentados, pastagens sempre secas, calor excessivo. Paramos perto de um rio margeado de bosques, mas as plantas floridas eram tão raras como no campo. Esta viagem se torna muito cansativa e pouco proveitosa. Já não encontro plantas; Laruotte, inteiramente ocupado com

os arranjos da carroça, não procura insetos; e José Mariano, para não se dar ao trabalho de caçar, diz sempre que não há pássaros. Nesta região onde não se queimam as lavouras, a não ser por imprudência dos fumantes que lançam pontas de cigarros ainda acesas, e nesta época do ano, de chuvas escassas, a erva demora bastante a nascer de novo, quando já foi consumida. Também, os estancieiros muito receiam os incêndios das pastagens. Ontem vimos imensa extensão de terra queimada e hoje ainda percorremos boa parte dela coberta somente de cinza enegrecida.

Era quase noite quando chegamos às margens do arroio Queguay, que pode ter, no ponto onde atravessamos, a mesma largura do estuário do Montées diante da solidão de Plissay; o rio corre sobre um leito de pedras escorregadias; atualmente tem pouca profundidade, mas depois de chuvas mais ou menos demoradas, pode ser transposto somente a nado. Parece extremamente piscoso, pois em poucos minutos Mateus apanhou quantidade considerável de peixes.

Meus acompanhantes pescam com anzol nas margens de todos os rios onde paramos, e os vejo sempre contentes. Os moradores da região querem comer apenas carne de boi e vaca; por isso não é de admirar que a caça e a pesca sejam fartas.

ESTÂNCIA DO TENENTE JACINTO, 5 de janeiro, três léguas. – Não foi possível para mim dormir esta noite, nem as precedentes por causa das pulgas, pois desde Montevideu até cá são talvez mais abundantes do que em qualquer outra parte do mundo. Assim que se entra numa casa, fica-se literalmente coberto de pulgas; elas invadiram também minha carroça. A privação do sono e o calor excessivo me cansam demais. Logo que começo a andar a cavalo, o sono toma conta de mim e, para não sucumbir, precisei ontem fazer a pé grande parte do caminho. A região que percorri continua ondulada, com pastagens excelentes, mas quase inteiramente ressequidas. Paramos numa casa em completo abandono e infestada de morcegos. Calor insuportável durante quase todo o dia; às 5 horas, o termômetro na escala Réaumur ainda marcava 29 graus à sombra.

MARGENS DO RIO SÃO JOSÉ, 6 de janeiro, quatro léguas. – Estávamos distante apenas quatro a cinco léguas do Campo de São José. Mas como o vaqueano não sabia o caminho para lá, andamos erradio durante 11 horas, e a noite caía; fomos obrigados a parar à beira do arroio Malo,



afluente do Uruguai, um pouco abaixo do campo. No caminho, ainda fizemos uma parada às margens do outro arroio repleto de árvores, chamado Quebracho, afluente do Queguay.

Pouco adiante do Quebracho, atravessamos o arroio de São José, afluente do Uruguai. Unicamente em suas margens encontro algumas plantas. As pastagens estão amarelecidas e secas. Desde o rio Negro, a vegetação difere da europeia. As mirtas, as malváceas e as mimosas são mais comuns. Achei uma cássia na Colônia, às margens do rio da Prata; recolhi uma segunda perto de Soriano; finalmente, hoje, dei com uma terceira. Há alguns dias, as venônias são também abundantes e não deparei nenhuma nos arredores de Montevideú. Pela primeira vez, desde a estância de Boavista, hoje uma melastomácea nº 2.524 bis. No mais, é bem possível que a divergência de estação tenha tanta influência quanto à latitude na diferença da vegetação. O salgueiro nº 2.132 sexto é sempre a árvore mais comum nas margens dos rios.

Desde a aldeia de Víboras, não chovia; hoje desabou uma tempestade; choveu um pouco e, à tarde, o calor era intenso.

CAMPO DE SÃO JOSÉ, 7 de janeiro, uma légua. – Chegamos cedo ao Campo de São José. Tinha tomado a dianteira com Matias, levando uma carta do general Saldanha ao coronel Galvão, comandante da legião de São Paulo, aqui sediada; recebeu-me muito bem; prometeu-me cavalos e bois e me ofereceu uma casa. Logo que me instalei, fui levar uma carta de recomendação do sr. Inácio Vicente da Fonseca, tenente-coronel da artilharia de São Paulo, filho do coronel João Vicente, escrivão da Junta da mesma cidade. Recebeu-me amavelmente, prestando-me também toda sorte de serviço. Pela tarde, um major, chamado Suplício, me visitou, dizendo que eu lhe havia sido recomendado. Mandou buscar minhas roupas sujas para lavar e me deu um bom presente de biscoitos. Em geral, recebi as honras de todos os oficiais a quem tive ocasião de conhecer. Tomei café e almocei em casa do coronel e, à noite, passeamos pelo acampamento, instalado apenas há um ano mais ou menos, e eis o motivo: no tempo das enchentes, o Queguay deixa de ser vadeável e, por conseguinte, não se poderia fazer transitar as tropas do Rincão, nesta parte da província. Julgaram por isso, com razão, ser necessário manter, desse lado do Queguay, um corpo de tropas permanente e instalaram o acampamento. Era impossível

escolher-se local mais agradável. Demarcou-se o acampamento à margem do Uruguai, sobre terreno de pequena elevação. Este rio, aqui um pouco menos largo que o Loire diante de Orléans, corre majestosamente entre duas alas estreitas de árvores altas e copadas, cobrindo mais adiante a margem direita do rio.

Defronte do acampamento, espessas palmeiras entre as pastagens. As barracas dos soldados, totalmente de palha, se alinham com simetria, constituindo alamedas bem traçadas. Os oficiais possuem pequenas casas, construídas de barro e cobertas de palha. Em cada extremidade do acampamento, uma fileira de lojas e tabernas; vê-se até mesmo um bilhar. Na parte mais próxima do rio, deram a forma de uma praça bem alongada, no centro da qual se acha uma pequena capela.

O general Saldanha deve brevemente deixar o Rincón vindo para cá, onde lhe construíram uma casa muito bonita às margens do rio, a pouca distância do acampamento. Esta casa é coberta de sapé, mas cômoda e bem ampla. Domina a orla do bosque que circunda o rio e nela, com pouca despesa, poder-se-ia fazer um lindo jardim inglês. Diante da casa, um cercado muito grande, dividido em quadrados pelas alamedas que convergem para um centro comum, de palmeiras, álamos, laranjeiras e pereiras. Todos se perguntam qual será o destino desta província e é realmente bem difícil dar-se uma resposta a tal indagação.

Artigas era um chefe de bandidos que certamente traria a guerra à Capitania do Rio Grande, arrasando-a se os portugueses não tivessem começado a se assenhorear da região. Por esse meio, asseguraram a tranquilidade da margem oriental do rio da Prata. A administração que estabeleceram oferece modelo de prudência e paz. Cultivaram tanto a moderação, que, exceto a carne, a região não fornece absolutamente nada às tropas portuguesas que a protegem. Por conseguinte, as províncias da margem oriental, em lugar de alguma utilidade para Portugal, lhe custaram, e custam ainda, somas imensas. Podem eles ser indenizados pela posse definitiva dessas províncias? Custar-me-ia crer. Com efeito, o mais duradouro tratado não saberia transformar os espanhóis-americanos em portugueses, e é incontestável que de momento, pelo menos, serão abandonados a si mesmos, ou se agruparão, na campanha, novos bandos que, gritando “viva la patria”, vão assaltando os estancieiros e acabarão por matar o resto do gado que ainda lhes resta. Seria

necessário que, por muito tempo, Portugal mantivesse aqui tropas, e a posse definitiva não oneraria tanto um domínio tão pobre assim.

Dir-se-ia que, se a margem oriental fosse definitivamente anexada ao Brasil, se poderia então obrigar os habitantes da província a arcar com as despesas das tropas portuguesas. Não seria igualmente antipolítico e inconsequente tratar os espanhóis tornados súditos, pior do que não foram tratados quando eram considerados habitantes de um país conquistado? Mas mesmo esta suposição que acabo de expor não tem qualquer fundamento. De fato, que tratado pode garantir a Portugal a posse definitiva dessa região? Se tivesse sido feito pelo rei da Espanha, nada valeria para os espanhóis latino-americanos e tornariam odiosos os portugueses. Seria mais razoável, sem dúvida, determinar secretamente aos cabildos, alcaides e principais habitantes oferecer ao rei de Portugal a soberania definitiva da região. Entretanto, é evidente que aceitar semelhantes ofertas seria declarar guerra à Espanha, que poderia facilmente vingar-se de Portugal. É de se crer, portanto, que as coisas permanecerão ainda por muito tempo na situação atual, porque é extremamente difícil dar-lhes solução. Portugal salvou estas províncias, que estariam perdidas se as abandonasse; ele não poderia, então, retirar as suas tropas sem que isso fosse vergonhoso; mas se a honra o permitisse, ser-lhe-ia fácil, creio, estabelecer um cordão de tropas nas fronteiras do Rio Grande.

Os latino-americanos espanhóis estão bastante enfraquecidos por ousar, de muito, atacar os portugueses em seu território. Portugal pouparia para si enormes despesas das quais não pode esperar, durante muito tempo, retirar algum proveito; e as três capitânicas, que se exauriram para sustentar esta guerra, poderiam reflorescer.

CAMPO DE SÃO JOSÉ, 8 de janeiro. – Esta manhã, bem cedo, estive a herborizar às margens do Uruguai. Esta orla estreita, revestida de bosque, se compõe, sobretudo, de marmeleiro bravo nº 2.500, árvore empregada na construção e na carpintaria, e do salgueiro nº 2.132 sexto, cujas folhas se conservam tão verdes como no início da primavera. O espaço deserto de mata está quase ao nível das águas, e por elas é banhado, exceto no verão; desse modo, acredita-se que, sob as árvores, há somente algumas herbáceas. Disse-me que era assim não só nos bosques vizinhos ao

acampamento, como em quase todas as margens do Uruguai. Mais além, o campo só de pastagens se eleva por uma rampa suave.

A legião de São Paulo está acantonada aqui; os soldados que a integram distinguem-se por sua boa conduta, obediência e tranquilidade. Tenho muito prazer em conversar com esses homens sobre sua pátria e seus conhecimentos. Às 4 horas o termômetro marca 25 graus.

ESTÂNCIA DE GUABIJU, 9 de janeiro, três léguas. – Esta manhã, o tenente-coronel Inácio José Vicente da Fonseca veio me convidar para um passeio, às margens do Uruguai. Fez seus estudos em Coimbra e não desconhece a História Natural. Sua companhia proporcionou-me um giro muito agradável. Como tivesse pouco a percorrer hoje, parti somente às duas horas. Antes de me pôr a caminho, o coronel me deu duas cangas, 10 bois e cinco cavalos da propriedade do Rei; ofereceu-me dinheiro e soldados para me acompanhar. Em suma, tudo que eu precisava. De modo geral, eu não poderia demonstrar excesso de reconhecimento para com os senhores oficiais do exército português. Cumularam-me de atenções e provas de consideração. Ao sairmos do acampamento, tivemos inicialmente de atravessar espaços consideráveis cobertos de *cynara cardoncellus*, em seguida descemos um pequeno vale juncado de palmeiras, que me pareceram pertencer à mesma espécie dos butiás, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, e aos quais se dá igualmente o mesmo nome na região. O vale é totalmente embelezado por um riacho, cujas sinuosidades são definidas por uma orla de árvores cerradas e um bosque verdejante. Este riacho, denominado arroio Nhacurutu, deságua no Uruguai.

Parei na estância do coronel Falcão, onde ele possui, há algum tempo, muitos animais selvagens, apreendidos nos campos. Nesta fazenda não existem outras construções, senão algumas cabanas de palha em que moram os peões.

Há uma multidão de oficiais portugueses que, como o coronel Galvão, se tornaram proprietários de estâncias nesta província, povoando-as de gado. O governador deve ter visto com agrado a formação desses estabelecimentos aí, porque seus donos terão, atualmente, um interesse pessoal em conservar as terras para seus soberanos. Entretanto, o estado atual é tão precário que um português não pode, parece-me, sem temeridade, vir a ser proprietário na região.

Mas perguntar-se-á por que os portugueses, que se tornaram os legítimos possuidores de terreno neste lugar, seriam perturbados em suas propriedades, no caso mesmo de se retirar o exército português? O ódio não conhece regra nem justiça, mas, embora os espanhóis reconhecessem, como deveria ser, a legitimidade das aquisições feitas pelos portugueses, admitiriam eles como legítima a posse do gado que, na realidade, se tornou selvagem, mas que foi capturado nas terras onde os portugueses não tinham direito algum?

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO CHAPICUÍ, 10 de janeiro, três léguas. – Ontem e hoje, o terreno muito mais acidentado do que antes de São José e, sobretudo, antes do rio Negro. As pastagens menos secas e de excelente qualidade.

Pouco depois de sairmos da estância de Guabiju, atravessamos o arroio do mesmo nome, afluente do Uruguai, rio do qual nos afastamos ligeiramente e que hoje o avistamos às vezes. Guabiju é a denominação de uma árvore comum, de que se come o fruto. Não cheguei a vê-la mas, segundo me disseram, creio que pertence à família das mirtáceas; quanto ao termo Nhacurutu, que designa o arroio de que falei ontem, é nesta região o nome dado aos pássaros noturnos. A campanha não é tão descoberta; a região ontem percorrida era toda, como disse, cheia de butiás, a que palmilhei hoje repleta de mimosas nº 2.389, formando árvores médias e copadas. Paramos às margens do arroio Chapicuí; afluente do Uruguai é, como os outros, orlado de árvores frondosas e pouco altas. Ventava muito, obrigando-me a trabalhar dentro da carroça, onde me molestou bastante o calor imenso que fazia.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO DAIMÁN, cinco léguas. – A região continua bem acidentada com pastagens excelentes, um pouco menos ressequidas.

Vi alguns pés de cardos espalhados aqui e acolá, mas esta planta não cobre, sozinha, extensões muito grandes. Mais ou menos a uma légua do Chapicuí-Chico, atravessamos outro arroio, o Chapicuí-Grande, afluente igualmente do Uruguai. Do outro lado desse riacho, o caminho se bifurca: o entroncamento da direita é apenas a continuação do caminho do Salto, o da esquerda conduz a Purificação, cidadezinha que Artigas construiu às margens do Uruguai, mas que foi inteiramente reduzida a cinzas; uns dizem que o próprio Artigas a incendiou quando obrigado a passar para

a outra margem do Uruguai; outros afirmam que o fogo, tendo passado acidentalmente das pastagens vizinhas, alastrou-se até a cidade, consumindo-a. A pouca distância do Chapicuí-Grande, algumas colinas pedregosas, donde se descortina grande extensão de terra revestida de pastagens.

Ao meio-dia, paramos às margens do arroio del Hervidero, atualmente quase seco. Trabalhei aí sob espessas árvores, mas pouco altas, que me proporcionaram bastante sombra. Ao cabo de algumas horas, pusemo-nos a caminho e paramos à margem do arroio Daimán. Mais considerável que todos os que atravessamos depois do Queguay, aquele corre como este sobre um leito de pedras, e por ora tem pouca profundidade. Ligeiramente menos largo que os braços do Montées antes de Plissay, serpenteia entre duas beiras de árvores não muito altas, mas frondosas, que conservam a frescura do começo da primavera.

Nestes últimos dias, temos sido molestados por um inseto áptero, de um vermelho vivo que, apesar de sua extrema pequenez, causa uma comichão muito desagradável. Estes seres, quase invisíveis, têm seu *habitat* geralmente na relva, espalhando-se pelo corpo inteiro das pessoas que nela se deitam.

Esqueci-me de dizer que abaixo de São José, da outra margem do rio, viam-se fileiras de pedras calcárias. Havia lá um forno de cal, que foi destruído durante a guerra. Faziam-se também outros fornos de cal com pedra calcária que tiveram a mesma sorte. Pode-se citar, entre outros, o da Estância das Órfãs, perto do arroio de São José.

A partir da estância de Guabiju, nem sinal de casa, e desde Sandu apenas um campo de milho plantado pelos índios, como único vestígio de cultura. A propósito desse campo, estes índios, no dizer do meu vaqueano, um mestiço espanhol, são grandes trabalhadores. Se, a seu modo de ver, estes índios são excepcionais trabalhadores, qual não deve ser a preguiça dos que apenas valem a metade!

Considero os mestiços de índios como brancos inferiores aos próprios índios, se não quanto à inteligência, pelo menos, quanto à atividade.

Tenho muitas provas da Capitania de São Paulo, e o que vejo nesta região acaba de confirmar a minha opinião. O governo português deveria, pois, evitar que as duas raças se misturassem, e os jesuítas prestavam um verdadeiro serviço ao Estado, não permitindo que os seus índios se

comunicassem com os brancos. O habitantes da Capitania do Rio Grande devem sua superioridade sobre os demais da região pelo fato de, até agora, quase não se misturarem com o sangue índio. Mas é de temer que o Rio Grande venha a perder vantagem, se, como dizem, for permitido aos índios e às índias das Missões saírem de suas aldeias e se espalharem na capitania.

CAMPO DO SALTO, 11 de janeiro, três léguas. – Às 4 horas, o termômetro marca 29 graus. O terreno irregular, as pastagens excelentes e menos ressequidas. Caminhamos sempre a pouca distância do Uruguai, do qual nos afastamos bastante para atingir o Daimán.

Tomei a dianteira com Matias e, chegando ao acampamento, apresentei ao coronel, comandante aqui dos dragões do Rio Grande, as cartas de recomendação que trazia para ele; uma, do general Saldanha, a outra do tenente-coronel Inácio José Vicente da Fonseca. Fui muito bem recebido. O coronel me ofereceu uma casa, mandou que cuidassem de meus bois e cavalos, ordenando que matassem uma vaca para o meu pessoal. Em sua casa fiz as refeições com ele e diversos oficiais, entre outros, o capitão José Rodrigues, que eu já conhecera em casa do general Saldanha.

O acampamento de Salto se formou à margem do Uruguai, sobre um terreno bastante elevado, mas sua localização é muito menos aprazível que a de São José. Lá nada mascara a paisagem, e de todos os pontos se descortina o rio que corre majestosamente; aqui, ao revés, escondido pelos matos circundantes, só é percebido à direita, descrevendo na campanha sinuosidades extensas e graciosas entre duas fileiras de bosques frondosos. As barracas dos soldados são de palha e dispostas com simetria; mas sua situação apraz muito menos à vista que a de São José. As casas dos oficiais, e particularmente a do coronel, oferecem uma diferença sensível. E isto se explica pelo fato de o acampamento São José ter sido construído por paulistas e, como os homens da Capitania de São Paulo aprendem todos os ofícios, certamente havia entre eles marceneiros e carpinteiros que vieram para as margens do Uruguai. Os habitantes da Capitania do Rio Grande, ao contrário, não aprendem ofício algum, sabem apenas montar a cavalo.

No Rincão das Galinhas, onde há somente europeus, muitas hortas bem tratadas; em São José poucas, e aqui nenhuma. Em São José fui cumprimentado por todos os soldados que me encontravam e muitos me abordavam com extrema cortesia, fazendo-me inúmeras perguntas. Aqui

os soldados não me saúdam, nem falam comigo, nem com meu pessoal. Os homens da Capitania do Rio Grande têm a aparência mais varonil que os das outras capitanias; são mais militares, porém, menos cortesões, menos simpáticos; há mais rudeza em suas maneiras. Infinitamente superiores aos espanhóis, porque a maior parte deles é branca de raça pura; mas como o país deles se parece com o dos espanhóis, devem guardar muita semelhança com estes em seus hábitos. Se deixarem os habitantes do Rio Grande entrar em contato com os índios, e se negligenciarem a educação moral e religiosa deles, em breve não passarão de gaúchos.

O coronel me disse que seus soldados pouco simpatizavam com os paulistas e que, embora em São José houvesse um hospital muito bom e aqui nenhum, os doentes preferiam permanecer neste lugar, maltratados, a se deixarem transportar para lá entre os paulistas, onde seriam melhor atendidos.

A distância dos habitantes das duas capitanias e o afastamento entre eles não é para estranhar, dada a diferença total de costumes. Como em São José, há um grande número de comerciantes no Campo do Salto; veem-se aí lojas muito bem equipadas, com mercadorias baratas. Além do acampamento, muitas casinhas habitadas por índios de todas as regiões, os quais, na maioria, vieram de Entre-Rios para se refugiar aqui.

Estes homens vivem na ociosidade, enquanto suas mulheres e filhas prostituem-se com os soldados. Estas mulheres lhes transmitem doenças venéreas, das quais eles não se curam, pela falta de remédios. Além disso, sabe-se que tais doenças, comunicadas ao branco pela índia, são muito mais perigosas do que o contágio com uma negra ou branca.

Assim que cheguei, o coronel mandou chamar, para conversar comigo, um jovem francês, empregado aqui na loja. Este jovem, sobrinho de um rico negociante de Buenos Aires, fizera vir do Paraguai um carregamento de ervas, com o qual esperava ganhar um bom dinheiro. Ramírez, querendo o privilégio exclusivo desse comércio, confiscou-lhe a carga e a todos os comerciantes que se entregaram à mesma especulação. Submeteu-o a outros vexames, e este jovem veio se refugiar entre os portugueses que lhe concederam proteção.

Como os pormenores relatados por ele a respeito de Entre-Rios me foram confirmados por muitas pessoas, vou transcrevê-los aqui. Esta



província vive atualmente na mais terrível anarquia; todo homem que exerce qualquer tipo de influência sobre seus vizinhos intitula-se capitão, praticando toda sorte de atos prepotentes. Ramírez é considerado o mais audacioso desses bandidos. Detestam-no e temem-no. Ele, no entanto, é obedecido onde se encontra; por toda parte presta-se obediência àquele que de início se mostre o mais forte. Reina a maior desunião entre os habitantes deste lugar desgraçado; não sabem o que querem e, se alguns homens têm uma ideia razoável, não ousam comunicá-la aos outros, temerosos de que isso lhes resulte em crime. Os moradores da região, cujo caráter sempre foi detestável, atingiram o último grau de desmoralização. O assassinio é comum e comete-se a sangue-frio, o que, aliás, não se pode mais considerar crime. Mata-se a um homem para lhe tirar coisas sem valor e ninguém se estarrece. Em meio a tamanha desordem, mataram os animais das estâncias, e atualmente os moradores se obrigam a comer cavalos e todos os quadrúpedes que apanham. Os homens mais sensatos desejam no íntimo que os portugueses tomem posse da região, mas ninguém ousa manifestar tal desejo, temeroso de ser considerado traidor.

CAMPO DO SALTO, 12 de janeiro. – Às 4 horas, o termômetro marcava 29°. Esta manhã, muito cedo, fui passear às margens do Uruguai; aqui, como em São José, cobertas de uma fileira de bosques, sendo as árvores frondosas, mais cerradas, muito altas, constituindo floresta impenetrável.

Seguindo as margens do rio, ao lado da embocadura, cheguei a Salto, após andar quase um quarto de légua. Far-se-ia uma ideia errada de Salto, caso se pensasse haver aí uma cascata, como o nome parece indicar. Não se vê outra coisa, senão duas fileiras de rochedos, pouco distanciados uns dos outros, atravessando o rio em toda sua largura. A mais baixa fica quase reta; a outra, oblíqua. Em certos lugares, eles se abaixam bruscamente, e a água se precipita igualmente de dois a três pés; em outros, se elevam apenas a algumas polegadas; a água de seu rápido curso vergasta nos rochedos, salta espumante, cobre-os, estendendo-se para longe. E somente até lá o Uruguai é navegável, mas o general Saldanha me disse que o Governo projetara construir lateralmente um canal para as tropas sediadas na região.

Mesmo que Portugal não ficasse com esta província, esse canal ainda traria para eles muitas vantagens, pois os moradores das Missões

poderiam transportar, por via fluvial, os produtos de suas terras até Buenos Aires.

CAMPO DO SALTO, 13 de janeiro. – À uma hora o termômetro marcava 28°,5. Hoje não saí; arrumei as plantas, os insetos e, após muito trabalho, inteirei-me do que se passava.

Esta manhã o coronel mandou me chamar para ver algumas índias guaicurus, que recentemente atravessaram o Uruguai para escapar da fome. A nação dessas índias havia tomado o partido de Artigas, apoiando-o por muito tempo.

Os guaicurus são cristãos, ou melhor, batizados, e ao que parece não menos civilizados que os guaranis. As mulheres, pés descalços e cabeça descoberta, usam um grande xale sobre os ombros; camisa de algodão em lugar de saia, um pedaço de lã listrado de azul, branco e vermelho que dá volta e meia em redor do corpo e é preso na cintura. São as próprias mulheres guaicurus que fazem esses tecidos, que os tingem com as folhas e as raízes que conhecem. Não percebi na fisionomia das que estavam na casa do coronel nenhum traço que as distinguisse particularmente das outras nações indianas. A cabeça redonda, os cabelos negros e muito lisos, o nariz pouco espesso, a tez de um amarelo-claro, o rosto bem chato. Um recém-nascido, carregado por uma dessas mulheres, tinha quase a mesma cor escura de sua mãe.

Ouvi essas índias conversar entre si, e notei em sua pronúncia os caracteres da fala, comuns a todas as línguas indígenas. Entretanto essa língua me parece distinta das outras por uma prosódia que não possuem; são mais claros os sons e menos guturais. O “r” se pronuncia, na verdade, de maneira muito exagerada, mas esse rotacismo causa até certo agrado. Escrevi algumas palavras guaicurus ditadas por essas mulheres, mas não tive tempo de fazer em seguida a leitura para elas, assim não posso assegurar-lhes a exatidão, como aquelas palavras de outras línguas indígenas, de que preparei um vocabulário.

As tropas reunidas aqui se compõem de uma centena de paulistas da legião, do regimento de dragões do Rio Grande e das milícias do Rio Pardo. Oficiais e soldados, todos demonstram extremo descontentamento e, convenhamos, não sem razão, pois há trinta meses esses homens não recebem remuneração. Comi em casa do coronel com muitos oficiais, mas

achei-os muito diferentes dos oficiais paulistas. Estes são geralmente francos, comunicativos; os outros, ao contrário, frios e falam pouco.

Assegura-se, aqui, que Portugal se sublevou totalmente contra a Casa de Bragança. Se os brasileiros forem bastante sábios para não se deixarem seduzir por esse exemplo perigoso, não perderão absolutamente nada com a separação de Portugal; mas o que será deste reino, entregue a si mesmo e privado de recursos que ainda lhe oferece o comércio do Brasil? As potências estrangeiras tomarão o pretexto de divisões internas, inevitáveis, para se imiscuírem nos seus negócios e, provavelmente, não tardará perder sua independência.

.....

### *Capítulo XIII*

SALTO GRANDE – HABITAÇÃO DOS ÍNDIOS GUARANIS – VILAREJO DE MANDURÉ – ILHA DE SANTO ANTÔNIO – ÍNDIOS MINUANOS E CHARRUAS – PARADA SOBRE A MARGEM DO PEQUENO LAGO PERTO DA ESTÂNCIA DE DRESNAL – ESTÂNCIA DO TENENTE MENDES – ESTRAGOS CAUSADOS PELO GOVERNO DE ARTIGAS – CAMPO DE BELÉM – SOLDADO ATRASADO – ILHA DO MICO – REMANESCENTES DA POPULAÇÃO DAS ALDEIAS ÍNDIAS, FUNDADAS PELOS JESUÍTAS – DOCILIDADE DOS ÍNDIOS E SEUS MAUS COSTUMES – SÁBIA ADMINISTRAÇÃO DOS JESUÍTAS – TOLERÂNCIA DOS PORTUGUESES – AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO GUABIJU – AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO MANDIJU – JUMENTOS SELVAGENS, CERVOS E AVESTRUZES – GUARDA DE QUARAIM – POLÍTICA SÁBIA DO GENERAL LECOR – MARGENS DO RIO QUARAIM – AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DE UM ARROIO – NINHO DE AVESTRUZ.

**S**ALTO GRANDE, 14 de janeiro, três léguas. – Enquanto permaneci no Campo de Salto, fiz as refeições em companhia do coronel; este não me prestou tantos serviços como aqueles de São Paulo, mas acumulou-me de atenções e honrarias. Ofereceu vários soldados para me acompanharem, mas como só trariam problemas, por não me terem utilidade alguma, aceitei apenas um cabo, que deve servir-me de vaqueano. O coronel prometera, de início, vir encontrar-me à tarde; mas creio que, em seguida, mudou de ideia, porque não compareceu, e eu estava somente a um quarto de légua do acampamento, quando chegou um alferes, dizendo que recebera ordem

para me acompanhar e mostrar o que pudesse haver de interessante no caminho. O alferes indicou ao cabo o itinerário que deveria fazer seguindo a carroça, e caminhamos a pouca distância do Uruguai. Não perdemos de vista este belo rio que serpenteia majestosamente essas duas fileiras de árvores frondosas, tornando esses campos uma delícia.

Entre a campanha e o lugar onde parei, vimos, às margens do rio, aldeias habitadas por índios guaranis vindos de Entre-Rios para se refugiar aqui. Suas casas não passam de choupanas medindo, frequentemente, a altura de um homem e construídas à semelhança de barracas de acampamento, com folhas e haste de uma gramínea dura e muito lisa.

Ao lado dessas choupanas miseráveis há, geralmente, um galpão onde se penduram nacos de carne; de vez em quando, veem-se também, em volta dessas cabanas, pés de milho, abóboras e melancias. Raramente se dão ao trabalho de roçar todo o terreno, onde semearam essas plantas de que já mencionei, mas, em meio a um terreno baldio, abriram buracos, um ao lado do outro, e ali lançaram grãos que não param de germinar, prova da intensa fertilidade do solo. Aliás, não só os índios plantam desta maneira. À exceção das hortas dos soldados portugueses, entre o Rincão das Galinhas e o Salto, isto é, num espaço de cinquenta léguas, deparei apenas uma quadra de terra cultivada; era uma cultura de milho pertencente aos índios de Sandu. Entretanto, lembro-me de que, ao passar perto de um casebre nas proximidades do Rincão, um homem gritou, repreendendo-me de que não pisasse em suas plantações. Eu procurava onde pudessem estar e via só pastagens, mas, observando no meio da relva, descobri uns pezinhos novos de melancia sobre os quais, realmente, meu cavalo ia pisar.

Volto a falar sobre os índios. Homens e mulheres, todos os que encontrei estavam sentados no chão; os homens nada faziam, mas as mulheres se ocupavam nas costuras. Algumas até bem vestidas para a gente do campo; muitos homens vestiam apenas um calção de fazenda e grande parte das mulheres, uma saia e blusa de algodão. As aldeias donde esses índios são originários tinham sido fundadas pelos jesuítas; os homens são, portanto, batizados; muitos mestiços; falam o guarani, mas todos sabem o espanhol; cada vilarejo foi constituído para subtrair-se às humilhações a que estavam submetidos e, sobretudo, à fome que, para um índio, constitui o maior dos flagelos.

Dos vilarejos por onde passei, o mais importante e o mais bem cuidado é aquele chamado Manduré, nome de seu chefe. Este homem, menos pobre do que os índios costumam ser, foi nomeado pelos chefes dos revoltosos comandante de uma pequena aldeia de índios, situada quase em frente ao acampamento e hoje destruída. Ele acabou por se indispor com Artigas e Ramírez e, receando por sua segurança, veio com os seus subordinados ficar com os portugueses. Parece que isto foi considerado muito importante para o general Lecor, pois lhe concedeu o título de tenente-coronel com soldo bem alto. Seu vilarejo domina o Uruguai, numa posição encantadora, logo acima dos bosques que margeiam o rio, estendendo-se por uma suave escarpada até a beira d'água.

Fiz parada com o alferes, meu acompanhante, na casa de Manduré, homem já idoso que nos recebeu com incrível indiferença; mas o pai da mulher, com quem ele vive, e é quase branca, prestou-nos melhor as honras da casa. Esta senhora e a irmã se ocupavam na costura, e reparei que eram bastante habilidosas. O vilarejo de Manduré é importante no seu aspecto histórico, porque foi um pouco abaixo, onde após ter perdido a batalha de Taquarembó, que Artigas passou, pela última vez, o Uruguai.

Ao sair do vilarejo de Manduré, encontramos um outro, diante da ilha de Santo Antônio, densa de arvoredos. Perto de lá paramos numa estância pouco afastada do rio, pertencente a Manduré. Nela há apenas uma cabana de palha e alguns galpões, num dos quais observei com certa admiração a fabricação de ponchos. Vestígio, sem dúvida, da indústria que os jesuítas procuraram confiar às índias, pois de Montevidéu até aqui não encontrei nenhum desses trabalhos entre os espanhóis.

Constam do mobiliário dessas choupanas: um lampião de barro, um jirau e uma rede de lã. Sob os galpões, pendem, por toda parte, pedaços de carne; e deitados no chão, sobre esteiras de couros, uma dúzia de índios se amontoam. Reparo que a rede é tão apreciada por estes índios daqui, como pelos do norte do Rio de Janeiro. Equipamento por excelência dos homens que gostam de passar a vida nas nuvens. Logo, não há nada que mais convenha aos índios. O balanço da rede confere-lhes uma espécie de embriaguez deliciosa para homens cuja existência é totalmente vegetativa.

Após um breve repouso, montei novamente a cavalo com o alferes para ir ver o Salto Grande. Tínhamos como guia um homem da estância de Manduré. Não existe mais cascata em Salto Grande; somente em Salto Chico; mas o rio encontra-se interceptado por numerosa série de rochedos de coloração vermelho-escura, quase da mesma altura, a alguns pés acima do nível das águas, no meio das quais crescem arbustos aqui e acolá. A correnteza do rio escapa murmurejante, através de estreitos canais, abertos entre os rochedos. Em muitos pontos, o rio forma pequenas cascatas; às vezes, passa sob uma estreita abóbada; outras vezes, submerge totalmente e reaparece mais adiante. Os recifes estendem-se até a ponta de uma ilha coberta de bosques, cerrados e de um verde belíssimo. Ali se interrompem, para recomeçar mais abaixo, do outro lado da ilha. Esse lençol d'água que se encontra interceptado no seu curso pelos rochedos e se prolonga irregularmente; as formas variadas de recifes fendidos; os acidentes produzidos pela fúria das águas abrindo passagem; o contraste do verde das árvores com a tonalidade escura das pedras; a ilha, os bosques que recobrem e cercam o rio, tudo se reúne para constituir no Salto Grande uma paisagem que, mesmo não apresentando nada de majestosa, é aprazível e pitoresca.

Durante a nossa caminhada, conversei com o alferes sobre vários assuntos. Falou-me, entre outros, dos índios chamados minuanos, por uns; charruas, por outros. Essas tribos uniram-se há muito tempo, daí indiferentemente os dois nomes dados à povoação indígena atual; mas parece que no momento não existem tantos charruas quanto minuanos. Estes selvagens, divididos em pequenos grupos, submetidos a diferentes chefes de poder muito limitado; em geral, se recusam terminantemente a lhes obedecer. Quando um está descontente com seu chefe, deixa-o, indo reunir-se a outro grupo. Os homens não fazem absolutamente nada, senão correr pelos campos, bolear os cervos, os avestruzes e os cavalos.

As mulheres se encarregam de tudo o mais. Lembro-me de que o general Saldanha me contou haver presenciado um cacique obrigando sua mulher a segurar a pequena cuia de mate que tomava. Os charruas não comem a carne dos animais ou, pelo menos, algumas partes. A embriaguez é a sua paixão dominante. Prontificam-se a dar tudo por uma garrafa de aguardente, e até as crianças, todos tomam essa bebida em excesso. É bem

possível que, outrora, tenham usado o barboto, como disse Azara, porém atualmente já não conhecem tal costume.

O mesmo autor assegura, ainda, que vestem ponchos, mas atualmente, só o chiripá, espécie de manto que já descrevi, denominado *caipi*. Por armas, lanças compridas e um arco pequeno levando às costas uma aljava chata e quase quadrada, onde metem suas flechas. Montam a cavalo, em pelo, não empregam freio e, para conduzi-lo, servem-se apenas de uma corda ou de uma tira de couro.

Tentaram, várias vezes, reuni-los em aldeias, mas sempre inutilmente. “Se Deus quisesse que fôssemos espanhóis ou portugueses”, dizem eles, “não nos teria feito minuanos. Passamos nossa vida de modo mais agradável que vocês, pois vocês trabalham e nós não fazemos outra coisa senão comer, beber e dormir.”

Entre os índios, encontramos uma criança de oito a dez anos, de aspecto afável, com quem conversamos. Narrou-nos que perdera os pais e fora para o Uruguai, em companhia de um casal idoso que se acha aqui e toma conta dele. O alferes chamou esta senhora, tirou da bolsa uma moeda e lhe ofereceu para que consentisse em deixar o menino em sua companhia; ela porém, rejeitou a oferta, protestando que a criança a ela pertencia.

AO AR LIVRE, À MARGEM DE UM PEQUENO LAGO, PERTO DA ESTÂNCIA DE DRESNAL, sete léguas. – Eu estava prestes a partir, quando o capitão de um desses vilarejos de índios por onde passei ontem chegou uniformizado, com a escolta de alguns homens armados de fuzis. Disse-me que o coronel Barreto lhe dera ordem para me servir de guia até o vau onde se atravessa o arroio de Tapevi-Grande<sup>1</sup>.

Pelo caminho, íamos conversando, e o índio me contou que tinha ido a Montevideú, onde o general Lecor o recebera muito bem, encorajando-o a fazer plantações, a criar vacas para obter leite. E lhe garantia que, quando os habitantes de Entre-Rios estivessem bem cansados de brigar, enviaria centenas de homens para se apoderarem da terra.

Ao chegar às margens do Arroio Tapevi,\* dispensei os índios que me acompanhavam, recompensando-os. Meu cabo português tinha recru-

---

1 Tapebu no mapa.

\* No original Taperi.



tado uma índia em Salto e, sem nenhum constrangimento, vinha com ela na carroça. Acreditando que tal exemplo seria perigoso para os meus homens, procurei desembaraçar-me dele, dizendo-lhe que não precisava dos seus préstimos, pois o caminho já não oferecia dificuldade alguma.

Encontramos uma estância cerca de 3/4 de léguas daqui e, como as construções se reduzissem a um par de galpões atulhados de índios, e índias, decidi andar mais longe. Terreno pedregoso junto ao Campo do Salto; em seguida se mistura a um areal; durante algum tempo, pastagens muito ruins, mas depois melhoram; contudo estão longe de possuir a qualidade das de Montevideú.

Região bem acidentada. Paramos perto de um pequeno lago, sob árvores frondosas; calor excessivo; às 4 horas, a temperatura era de 20° à sombra, e o tempo prenunciava tempestade.

ESTÂNCIA DO TENENTE MENDES, 15 de janeiro, uma légua. Às 2 horas, o termômetro registrava 25° – Como se armava um temporal, permaneci nessa estância, onde fui bem recebido pelo proprietário, um senhor português, que faz parte dos milicianos do Rio Pardo. A região desde Rio Negro não era antigamente tão deserta como agora. Grande número de espanhóis, a maioria deles europeus, eram aí estancieiros onde criavam gado e cultivavam trigo.

Durante o governo de Artigas, para sofrer toda espécie de vexames, bastava possuir bens, ter nascido na Europa ou ser denunciado ao general por pertencer ao partido oposto ao dele. A perseguição foi ainda maior nas proximidades de Montevideú. Mataram muitos proprietários abastados e os demais fugiram. A maior parte das habitações foi completamente destruída, ficando aqui apenas peões, mestiços, homens sem princípios, sem moral, sem caráter. Entre estes, outrora estabelecidos na região, muitos não tinham nenhum título de propriedade. Eles ou seus pais se apropriaram de terras não ocupadas e aí viviam tranquilamente sem nunca pensar que pudessem ser molestados. Desde que os portugueses se apoderaram da região, o general Lecor baixou uma ordem pela qual declarava que os proprietários de terras, sem título, que não se apresentassem no prazo de dois meses perderiam qualquer direito a sua posse e que as mesmas seriam dadas a quem as solicitasse. Permite, ao mesmo tempo, que com o consentimento das autoridades se estabeleçam nelas proprietários

possuidores de títulos, mas com a condição de comprá-las logo que eles se apresentem. Muitos oficiais brasileiros, pertencentes às tropas de linha, ou os milicianos afastados de suas casas, sofrendo continuamente atrasos no pagamento de seu soldo, aproveitaram-se das disposições contidas na ordem do general, formando estâncias onde soltam o gado selvagem pegado nos campos.

O tenente Mendes comprou por cinco mil cruzados uma estância sem gado, medindo três léguas de comprimento por um de largura. A ela anexou um terreno sem dono, de três léguas, e que ele obtivera das autoridades competentes. As edificações da estância adquirida pelo tenente Mendes escaparam aos flagelos da guerra e ainda não passam de cabanas miseráveis. Todos me garantem que o mesmo se passava em todas as terras dos espanhóis mais ricos e na de Bellaco,\* que ainda existe e disso é uma prova. Os fazendeiros dessa região, inclusive os mais abastados, levavam uma vida rude; alheios a todas as diversões delicadas, não conheciam outra maneira de gastar o dinheiro, senão no jogo.

CAMPO DE BELÉM, 15 de janeiro, três léguas. Às 4 horas o termômetro marcava 29º. – Perto da estância do tenente Mendes corre o rio Arapey,\*\* vadeável só no período das secas. O major que comanda em Belém teve a gentileza de me enviar um vaqueano mas o tenente quis acompanhar-me até o rio, sendo-me muito útil pelos bons conselhos dados aos meus empregados, durante a travessia do Arapey.

Antes de chegar a este ponto, cruzamos uma pastagem de vegetação espessa e muito dura. O tenente me esclareceu que, na região, se costuma fazer queimada nas pastagens dessa natureza, porque, sem tal precaução, a erva nascente permanece muito tempo sufocada pelas hastes e folhas velhas, impedindo, assim, os animais de pastar.

O Arapey terá aqui um pouco mais de largura que o braço de Montées diante da solidão do Plissay, perto de Orléans. Felizmente ele se acha vadeável e o atravessamos sem dificuldade. Depois que traçaram uma nova linha de demarcação, a que já me referi, entre as Capitânicas do Rio Grande e Montevideú, o Arapey serve, neste local, de limite en-

---

\* No original, Velharo.

\*\* Os mapas trazem Ygurapey. O Autor registra Arupai.

tre duas capitánias, encontrando-se sua margem direita sob a jurisdição do Rio Grande. Após caminharmos cerca de uma légua, atravessando sempre uma região irregular e coberta de pastagens, chegamos a uma espécie de pequeno planalto donde se descortina perfeitamente o Uruguai e onde se encontram duas ou três cabanas. Nelas habitam milicianos, destacados do acampamento de Belém. Pedi licença a um deles para descansar algumas horas em sua casa; ele acedeu com a maior gentileza e soube, por seu intermédio, que esta colina era antes o lugar onde ficava Belém, mas que Artigas, numa de suas retiradas, há quatro anos, fez atear fogo à vila.

Mal descarregara algumas malas, vi chegar bom número de pessoas a cavalo; era o major que comanda Belém, acompanhado do pároco, de um capitão e de oficiais. Estes senhores, após me cumprimentarem, aconselharam-me a fazer retornar a carroça e a dirigir-me ao acampamento. O major me acumulou de atenções e instalou-me em sua casa.

Durante o dia, tive de fazer várias arrumações, sempre indispensáveis depois de alguns dias de viagem, e à tarde, passei com o major pelo acampamento. Ele comanda cerca de trezentos soldados, pertencentes a milícias de Rio Pardo e, na maioria, casados. Já estão aqui há quase um ano e não lhes deram, até agora, nem soldo nem roupa; e como alimento, unicamente carne fornecida gratuitamente pelos estancieiros da vizinhança. Contudo, só um reduzido número de soldados desertou. Nos tempos atuais, Portugal talvez seja a única nação do mundo capaz de dar tais exemplos de obediência e fidelidade.

CAMPO DE BELÉM, 17 de janeiro. O termômetro registrava 28°, às 2 horas. – Bem cedinho esta manhã, fiz um grande percurso a pé nas proximidades do acampamento e, à tarde, fui andar de barco com o major pelo Jacuí e pelo Uruguai. A antiga localização de Belém, embora agradável, apresentava o inconveniente de estar distante 1/4 de légua do rio, e a gente percebe como isto é impróprio numa região onde não se dispõe de outros meios para se abastecer d'água, senão ir buscá-la à beira dos rios ou nos riachos vizinhos.

Quando os portugueses pensaram em instalar um acampamento neste cantão, procuraram um lugar mais favorável, sendo difícil encontrar

um melhor que este. O acampamento está situado no alto de uma colina, a umas centenas de passos do Jacuí que, a pouca distância daí, vai desaguar no rio Uruguai.

O Jacuí tem apenas três léguas de curso e só se torna considerável próximo ao acampamento. Ali se torna um bellissimo rio, largo, mais ou menos com a largura dos braços do Montées, e cuja corrente é apenas sensível e sem a mínima ondulação, serpenteando entre as duas orlas de bosques pouco elevados, mas frondosos. No ponto em que se lança no Uruguai, suas águas misturadas cobrem uma superfície bastante considerável e se dividem em diferentes canais por ilhas cobertas de árvores, das quais a maior, chamada ilha Grande ou ilha do Mico, é a única que tem nome.

Nessa ilha crescem duas árvores, vaporaitu e guabiju, que, segundo me dizem, dão um fruto saboroso, o ipê (o capacho dos espanhóis), que imagino ser uma begônia, conforme a descrição a mim feita, e que fornece madeira muito boa para a carpintaria e a construção.

Abaixo das seis ilhas, o Uruguai se estreita e corre com rapidez. De acordo com o meu relato, é fácil imaginar como estes lugares devem ser maravilhosos. Não haveria nada mais delicioso no mundo, se as margens do Jacuí ou do Uruguai fossem habitadas por homens trabalhadores; se um dia as casas de campanha e jardins margeassem esses rios e se, no meio das árvores que cobrem essas ilhas de que falei, avistássemos plantações e moradias. Os bosques que ladeiam o Jacuí e o Uruguai não ostentam absolutamente a majestade das matas virgens, mas também não apresentam as tonalidades sombrias.

Aí sempre predomina o saulo nº 2.132 sexto e, apesar de os campos estarem ressequidos nesta estação, o verde de suas folhagens e os das árvores vizinhas, com tonalidades diversas, conserva um frescor encontrado somente no começo da primavera nos bosquetes mais graciosos da Europa.

As rústicas habitações que compõem o acampamento de Belém são pequenas e construídas com palha, iguais às de Salto. Como projetaram estabelecer aqui uma população permanente, já demarcaram uma praça grande, retangular, em torno da qual as casas serão edificadas. Uma fila de construções forma atualmente um dos lados da praça, algumas lojas estão no lado oposto; segundo o costume, a igreja, não obstante ser ainda

um barracão coberto de sapé, foi construída na extremidade mais alta da praça, em frente da casa do major.

CAMPO DE BELÉM, 18 de janeiro. – Tencionava partir à tarde, mas a tempestade do dia inteiro obrigou-me a ficar aqui. Ao redor do acampamento, muitas choupanas de índios. Estes infelizes são os remanescentes da população das aldeias fundadas pelos jesuítas em Entre-Rios e que hoje já não existem. Faz quatro anos, o marechal Chagas, que chefiava as sete aldeias, hoje portuguesas, incendiou todas as que estavam entre o Uruguai e o Paraguai. Os habitantes fugiram, mas grande número deles reuniu-se e construiu, em Entre-Rios, um pouco mais ao sul, uma nova aldeia chamada Cambaí.

Já me referi a quanto os índios eram apegados a Artigas; verdadeiramente, por esta razão, Ramírez declarou-se seu inimigo mortal e, como queria exterminá-los a todos, abandonaram Cambaí, Iapeju e as outras aldeias que ainda subsistiam em Entre-Rios, e vieram buscar sua salvação entre os portugueses. Desde agosto último, mais de três mil desses infelizes passaram o rio Uruguai pelo vau do Quaraim; muitos outros conseguiram atravessá-lo em Salto, Belém e Missões e nos asseguram que ficaram nas aldeias apenas alguns velhos e doentes, com absoluta incapacidade de se deslocar.

Com a maior parte dos homens mortos durante a guerra, as mulheres e crianças, principalmente, vieram refugiar-se junto aos portugueses. A maioria desses índios foi encaminhada para a capela de Alegrete, onde, parece, ganharão terras. Entre aqueles que ficaram em Belém, os homens alugam-se como peões na vizinhança; alguns meninos prestam serviços aos oficiais; ou mesmo aos soldados do acampamento e as mulheres prostituem-se. Nenhum desses índios possui coisa alguma. Contudo os homens estão razoavelmente vestidos, as mulheres ainda melhores, mas as crianças, em geral, cobertas de trapos ou quase nuas. Por ser hoje domingo, a maior parte das mulheres veste a indumentária de índia, mas sem meias e sem calçados. À exceção dos coroados, nas proximidades do Rio de Janeiro, os guaranis são os índios mais feios vistos por mim até agora; geralmente atarracados, cabeça desmesuradamente grande, pescoço bem curto, rosto chato, peito muito largo. São os únicos índios dos que conheci de que se

pode afirmar, de verdade, terem a pele acobreada, ou seja, neles esta cor não é artificial, pois se observa o mesmo nas crianças.

A imprevidência que, de regra, caracteriza os índios nota-se nos guaranis com os defeitos encontrados no mesmo grau entre as outras tribos de índios, mas se distinguem, sobretudo, por sua humildade, obediência e prestimosidade, o que faz, em geral, serem muito estimados como peões. As crianças sempre dispostas a cumprir de boa vontade o que delas se exige.

Além das guarnições de Rio Pardo, há aqui uma companhia de lanceiros guaranis, que provêm das aldeias pertencentes hoje aos portugueses; e o major não se cansa de enaltecer a docilidade desses homens e a paciência com que suportam a fome e todas as privações.

Se as mulheres guaranis se entregam aos homens com tanta facilidade, não é realmente tanto por libertinagem, senão em consequência desse espírito de servilismo que as impede de nada recusar. Aqui, a maior parte dos milicianos tem uma índia por companheira. Estas mulheres são úteis para eles, porque sabem lavar e costurar razoavelmente. Mas o que há de aborrecido é que os filhos nascidos dessas uniões transitórias serão necessariamente abandonados pelo pai e mal educados, porque o serão pelas índias e assim se parecerão com os gaúchos espanhóis e, pouco a pouco, a raça branca degenerar-se-á na Capitania do Rio Grande.

Os jesuítas, que conhecem perfeitamente os índios, pressentiram que estes não teriam gosto pela religião cristã se fossem introduzidos em seus mistérios ou na sublimidade da moral evangélica; viram que todas as ideias fundamentadas no futuro desanimariam esses homens, que não se elevariam além do presente, se elas não fossem, de certa maneira, envolvidas de imagens sensíveis. Procuraram, então, atraí-los à religião, falando-lhes aos sentidos. Construíram belos templos, ornaram-nos com magnificência, celebraram com pompa as cerimônias da religião e a ela juntaram a harmonia dos instrumentos. Os índios que demonstravam os maiores pendores para a música recebiam lições dessa arte, e alguns se tornaram excelentes músicos. E, apesar da supressão da ordem, o gosto e o conhecimento musical não se extinguiram totalmente entre os guaranis. E esta noite fui presenteado com uma serenata, cujos atores não seriam, certamente, iguais aos nossos músicos de aldeia. Quando acabou, dei uma moeda aos músicos e eles foram imediatamente à taberna; minutos

depois, nós os ouvimos cantar um hino composto durante a guerra, em honra de Artigas. Na Europa, tal procedimento teria sido um crime; a tolerância dos portugueses é tal que o comandante não deu ao fato a mínima atenção. Essa indulgência é, sem dúvida, digna dos maiores elogios; e até mesmo nos casos em que a severidade seria um dever, usam uma benevolência levada muito longe.

Pouco tempo antes da minha chegada, um índio dos arredores do Salto, embriagado, matou seu filho. Voltando ao estado normal, foi pedir perdão e não lhe infligiram o mínimo castigo. Faz parte da política dos portugueses tratar bem os de Entre-Rios que vieram se refugiar no meio deles; é a maneira de se fazer benquisto nesta província; mas por isso não se compreendem as razões que possa haver de não aplicar o menor castigo ao autor de um crime atroz. Parecer-me-ia mesmo necessário fazer os índios sentir que desejamos alimentá-los e protegê-los, mas que não estamos, entretanto, dispostos a tolerar suas desordens; e que já não se acham comandados por Artigas, mas vivem sob um governo regular.

Desde Montevideu a água de todos os arroios por que passei é potável; porém, falta muito para que se iguale à dos arroios da Capitania de Minas. A melhor água que bebi nesta região foi a de uma fonte vizinha do Salto.

No dia em que pernoitei em Salto Grande, a criança de que falei ajoelhou-se, à noitinha, diante de uma lâmpada no chão, recitando em voz alta uma oração, em guarani. E a terminou entoando um cântico, igualmente, em língua vulgar.

AO AR LIVRE, À MARGEM DO ARROIO GUABIJU, 19 de janeiro, três léguas. – Durante os dois dias que permaneci em Belém, fui cumulado de gentilezas pelo major José Francisco Martins, comandante do destacamento aí acantonado, e pelo capitão Francisco Alves de Azambuja.\* Estes dois senhores fizeram questão de me acompanhar cerca de uma légua e depois me deixaram nas mãos de um vaqueano que me deve conduzir até Quaraim. A região percorrida é irregular, mas cavada sobre uma grande quantidade de barrancos que, no inverno, servem de reservatório de águas pluviais e geralmente, durante o verão, permanecem secos. Esses córregos,

---

\* O autor registra Francisco Alves Zambueo.

denominados sangas, são muito frequentes desde Montevideu até aqui; têm poucos pés de profundidade, mas suficiente para dificultar o trânsito das carroças.

As pastagens, constituídas de uma erva fina e de boa qualidade, assemelham-se às de Montevideu. Segundo o que me disse o vaqueano, essas pastagens abrigavam, outrora, considerável número de animais, o que tornava a vegetação quase rala. Os animais foram abatidos durante a guerra, e as pastagens menos sacrificadas retomaram o seu primitivo vigor. Naquelas que os animais reduziram a gramado uma quantidade de plantas, e sobretudo as espécies anuais, se destroem, e algumas gramíneas mais fortes que podem suportar as repetidas pastagens assenhoram-se do terreno. Mas, quando uma relva fica muito tempo sem ser pastada, as raízes que não haviam morrido brotam folhas e hastes novas. As sementes, levadas pelos animais, germinam no meio dessas plantas. As espécies antigas reaparecem aos poucos, e a relva volta a ser o que era antes.

Cerca de uma légua do acampamento de Belém, passamos o Jacuí, que, mesmo a pequena distância da embocadura, não passa de um córrego. Duas léguas adiante, encontramos outro arroio, também afluente do Uruguai, e que toma o nome de Guabiju. É margeado de árvores bem frondosas. A carroça teve muita dificuldade de passar por ele, porque suas margens são bastante escarpadas. Do outro lado, duas choupanas habitadas por índios e totalmente construídas com folhas de gramíneas, como as construções dos soldados portugueses. São essas palhoças tão pequenas e repletas de mulheres e crianças, que achei melhor dormir ao ar livre, às margens do arroio, a parar aí.

O major me deu cinco vacas das que eram destinadas a alimentar os soldados e, embora houvesse outra carne, meus soldados preferiram abater uma delas logo que ali chegaram. O momento em que se realiza esta expedição é para minha gente algo de felicidade; a alegria resplandece em todos os rostos; não se precisa pedir a ninguém para trabalhar, cada um quer ter o prazer em contribuir para retalhar o animal. Todos estão ao redor dele munidos de facão e, logo que expira, lançam-se sobre ele como urubus sobre a carniça. A ideia de logo se fartar de carne é um dos motivos de contentamento, mas não o único; o maior consiste em matar a vaca e esquartejá-la, independentemente de qualquer esperança de poder, em



breve, saciar sua gula. Entretanto esta paixão é, a bem da verdade, uma das que dominam os habitantes da Capitania de Rio Grande. Matias repete que se está no paraíso quando se come e não há ninguém à volta. O céu de Maomé ainda é menos grosseiro.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO MANDIJU, 20 de janeiro, cinco léguas. Assinalava o termômetro 27°, às 2 horas. – Devorado pelas pulgas e mal acomodado, quando me deitava na carroça, preferi dormir sob a minha cama, sentindo-me muito bem com a troca. Região irregular com excelentes pastagens; não há feras, mas uma prodigiosa quantidade de jumentos selvagens, veados e avestruzes. No meio deste deserto constitui divertimento presenciar esses animais correrem nos campos. Os veados andam sempre em bandos. Como jamais são caçados, deixam-se ficar bem perto de nós, e os avestruzes igualmente não se mostram mais selvagens. A todo instante encontramos codornizes e ninguém lhes faz caso.

Desde Belém, acho a erva muito menos seca, mas nenhuma planta é vista florescendo. Fizemos os bois repousar sobre as margens de um riacho, afluente do Uruguai, denominado arroio Canário. Ele é também orlado de árvores frondosas. Um pouco mais longe vimos o local de uma estância, que pertencia, antes da guerra, a um senhor que deu seu nome ao arroio. Este homem, provavelmente natural das ilhas Canárias, como parece indicar o seu nome, disseram-me, cultivava o trigo e diversas plantas europeias. Morreu durante a guerra; sua estância foi totalmente destruída e não se sabe o que foi feito de seus filhos.

Antes das perturbações que agitaram esta região, parece que havia algumas estâncias, mas hoje apenas vestígios.

Paramos às margens de um arroio, cujo nome é guarani e significa algodão. A carroça teve muita dificuldade de transpô-lo, pois suas margens são bastante escarpadas e cheias de ramagens. Hoje fiquei muito preocupado, porque a carroça, guiada pelo vaqueano, avançava pela campanha, sem seguir a estrada. Tendo eu percebido um bosqueite, o que é raro nesta região, fui até lá para descobrir plantas e então encontrei a primeira cana, desde Rio Grande. Enquanto eu herborizava, a carroça ia andando, mas eu tinha recomendado a Laruotte de não perdê-la de vista. Quando montei novamente a cavalo, já não a via, mas Laruotte me assegurou que tinha prestado atenção no rumo que ela tomou; entretanto

depois de alguns minutos, o pobre rapaz estava completamente desorientado. Avançamos pelo campo, procurando os pontos mais altos no intuito de descobrir a caravana, mas não percebíamos nada e, apesar de nossas buscas, nem traços da carroça. Sabia que esta região é completamente deserta e, por conseguinte, estava claro que, avançando mais, teríamos a chance quase certa de não reencontrar a casa e morrer de fome. Em nosso lugar um homem da região, munido de boleadeira, não teria experimentado a menor inquietação, pois de toda a parte veados e avestruzes lhe teriam oferecido meios seguros de subsistência; mas não tínhamos nenhum fuzil, e os dois, igualmente desajeitados, não teríamos podido utilizar, nem mesmo um. Pensei, portanto, que o melhor a fazer era voltarmos procurando a cabana em que pernoitamos. Depois de muito voltar, eu não sabia, na verdade, se indo em direção reta a encontraríamos a nossa direita ou a nossa esquerda, mas devíamos necessariamente reencontrar o arroio Guabiju, que avistávamos ao longe, indicado no meio de pastagens por uma linha ondulada de árvores e de arbustos. Deliberei, pois, segui-lo, desde logo do ponto em que o tivesse encontrado até o Uruguai e se, nesse trajeto, não achasse a cabana, voltaria pelo mesmo caminho e subiria o arroio até o lugar onde passamos ontem. Para executar esse plano, pus-me em marcha e já chegara ao bosquete em que havia perdido de vista a carroça, quando deparei um de meus soldados que me procurava, voltando com ele para a carroça.

GUARDA DE QUARAIM, 21 de janeiro, cinco léguas. – Região muito plana, com excelentes pastagens onde a erva não é tão amarela como nos campos do Rio Negro, quando os atravessei, mas onde não há absolutamente nenhuma flor. Se, numa estação mais avançada, se mostra aqui mais verde como não existia ainda há um mês do lado de Sandu e na estância de Bellaco, isto se deve, certamente, a que a vegetação daqui faz parte daquela dos trópicos e que muitas plantas aí tinham uma consistência não observada nas espécies de campanha de Montevidéu. As plantas mais verdes, na maioria arbustos, me parecem pertencer à família das compostas, tão frequentes também nas pastagens dos trópicos.

Desde Belém continuamos a nos afastar do Uruguai; anteontem nos desviamos muitas vezes, mas hoje quase não o perdemos de vista. Ele é sempre ladeado de árvores, mas estas não formam senão uma orla estreita

e suas margens elevam-se pouco acima do nível da água. Após deixar Mandiju, percebemos o vestígio de várias estâncias e, entre outras, uma plantação bastante considerável de pessegueiros. Durante a guerra, destruíram-se essas habitações; os proprietários foram mortos ou fugiram; os animais completamente dizimados e a região é hoje um deserto total.

Desde Castillos, encontramos frequentemente ovos de avestruzes nos campos fazendo com eles deliciosas omeletes; mas até agora eu nunca tinha visto mais de dois ou três juntos e sempre estavam postos à superfície da terra. Hoje fizemos levantar uma avestruz, ela chocava vinte e um ovos colocados sobre fragmentos de ervas que cobriam a terra e formavam uma espécie de ninho sem nenhuma arte.

A cerca de duas léguas de Mandiju, demos com o arroio Tacumbu,\* também margeado de árvores, entre as quais predomina o saulo nº 2.132 sexto e a euforbiácea nº 2.559, chamada sarandi. Nada mais difícil do que atravessar este arroio. Levamos mais de quatro horas e quebrou-se o eixo da minha carroça. Tendo chegado aqui, soube que o vaqueano nos obrigou a tomar um caminho por onde jamais passaram carroças, sendo necessário um dia para ir daqui até o lugar em que o Quaraim é vadeável e aonde devíamos ter chegado desde ontem, caso tivéssemos seguido o caminho certo. Fiz reclamações ao vaqueano; entretanto, como não queria que ele prevenisse contra mim o seu substituto, encarreguei Laruotte de lhe dar uma gratificação. Entregando-lhe, assim, minha bolsa para que pegasse algumas moedas, Laruotte achou mais fácil lhe oferecer tudo o que havia dentro dela. Certamente o homem deve ter ficado boquiaberto, sem entender por que fora regiamente recompensado, sendo um mau guia, a ponto de fazer quebrar o eixo da minha carroça. Este pobre Laruotte torna-se cada dia mais tolo e vagaroso, não há dia em que não perca qualquer coisa; nunca está pronto na hora de partir; os soldados gritam por ele e no dia seguinte ainda é preciso esperá-lo.

GUARDA DE QUARAIM, 25 de dezembro. (Ponho o dia de hoje, 25, porque houve erros nas datas precedentes). Às 2 horas o termômetro marcava 28°. – Felizmente me muni, em Montevideu, de um eixo sobressalente; precisou ser colocado e eu passei o dia aqui. Há neste lugar

---

\* O autor registra Tacombre.

uma guarda de quinze homens destacados de Belém e comandados por um alferes. Suas barracas, construídas de igual maneira que as de Belém, estão situadas na embocadura de um pequeno arroio, sem nome, afluente do Uruguai. Aqui este rio tem quase a mesma largura que o Sena abaixo do Jardim das Plantas e é margeado por uma orla muito estreita de árvores copadas, de pouca altura. Da Guarda ouve-se o barulho produzido pelas águas no embate com os rochedos no seu curso. Neste local o rio é vadeável e foi aí que passaram os três mil índios de que já falei. A aldeia de Cambaí, donde veio a maioria deles, fica na outra margem do Uruguai, a algumas léguas da Guarda, e hoje é ocupada por um destacamento das tropas de Ramírez.

Os soldados desse destacamento apresentam-se frequentemente na outra margem do Uruguai, convidando os portugueses a virem visitá-los e a trocar com eles mate e fumo por melões; mas os portugueses nunca responderam a tais convites, prudência merecedora de elogio, quando se pensa na pouca boa fé das tropas espanholas que fizeram essa guerra. Não muito louvável é ter o alferes pedido licença ao major para transpor o rio e ir atacar os espanhóis.

Parece-me provável que Portugal tenha vistas sobre Entre-Rios; mas a política do general Lecor se inclina a lidar com os portugueses. Sendo eles chamados espanhóis, já não podem ser considerados, nem pelos nacionais nem pelos estrangeiros, como conquistadores, e sim como libertadores. Pelo contrário, se fossem agressores, os espanhóis se levantariam contra eles e haveria ainda derramamento de sangue. Entretanto, como não há centralização nem unidade na administração das províncias portuguesas, eu não me surpreenderia se, enquanto Lecor segue seus planos com a sabedoria e a moderação que sempre tem demonstrado, não fossem perturbados deste lado pela irreflexão dos militares do Rio Grande e sua animosidade para com os espanhóis.

Seja como for, não vejo o que Portugal tem a ganhar estendendo-se até o Paraná. O Uruguai, dizem, não é ainda uma barreira suficientemente forte, pois em diversos trechos pode ser atravessado a pé. Mas será, pois, infelicidade tão grande ser obrigado a guardar-lhe a fronteira em alguns pontos. Quando os portugueses se estenderem até o Paraná, será necessário conservarem as tropas em Entre-Rios para manter os habitantes

da região, e eles, pelo mesmo motivo, também terão de conservá-las na Capitania de Montevidéu. Assim precisariam aumentar o número de soldados armados, fazer consideráveis despesas e durante muito tempo não poderiam receber nenhuma indenização de região totalmente arruinada.

Volto à Guarda de Quaraim. Este rio tem sua foz a cerca de uma légua abaixo da Guarda e lá me disseram que é quase tão largo como o Uruguai. Não obstante os rochedos que dificultam seu curso, vêm, às vezes, barcos das Missões até o Salto. O alferes, que é comandante daqui, desejou partilhar comigo sua refeição. Por este ato, pude julgar a triste situação das tropas aí acampadas. Comemos duas vezes durante o dia; a primeira vez, serviram um pratinho de peixe com um punhado de farinha; e a segunda vez, alguns pedaços de carne grelhada na brasa. Para mitigar a fome, o alferes não parou de tomar chimarrão no intervalo das refeições. Afirmam que o Uruguai é muito piscoso, e disso tive a prova esta tarde, pois um dos soldados do destacamento, que foi pescar com anzol, voltou com uma dúzia de traíras com cerca de um pé e meio. Pode-se considerar os dumestes\* como um dos flagelos que assolam a região; as casas estão infestadas deles, encontram-se aos milhares nos couros e eles enchem o ar. Não me canso de revistar minhas malas e nelas encontro continuamente larvas ou insetos perfeitos. Ainda não atacaram o corpo dos pássaros, mas já destruíram muitos bichos. As asas de vários morcegos também já foram bastante danificadas; redobro de cuidados, revisto constantemente as malas, mas não posso me desembaraçar desses odiosos insetos.

MARGENS DO RIO QUARAIM, 26 de janeiro, desde uma hora até às 4 horas da tarde, o termômetro marcava 30°. – Foi necessário hoje chegar ao vau do Quaraim, onde deveríamos ter chegado anteontem, se tivéssemos um vaqueano melhor. Sem seguir a rota marcada, caminhamos na campanha quase paralelamente a esse rio, cuja orla de árvores cerradas e frondosas nos indicava o curso. A região quase plana e coberta de excelentes pastagens; a erva rente à serrada. Conserva ainda um pouco de vegetação, mas não vi outras plantas floridas senão a *amaryllis* n° 2.565 ter.

Às 10h, o calor já era tão forte que os bois não tinham força para avançar, obrigando-nos a parar diante de uma pequena cabana, construída

\* O termo francês não está dicionarizado. Tudo leva a crer tratar-se de cupim.

por um cabo do destacamento de Quaraim, onde ele esperava criar vacas e cultivar plantações. A cabana era construída em forma de chifre com folhas gramíneas, das quais já falei. Passei várias horas trabalhando junto à cabana muito à vontade, debaixo de galpões que servem de moradia aos índios, empregados pelo cabo como peões. Estando o calor excessivamente forte durante o dia, só pudemos prosseguir viagem à tardinha, quando chegamos ao vau do Quaraim. Ali, este rio é cercado de árvores copadas, mas pouco elevadas, cujo tronco em geral não tem senão a grossura de nossas árvores de corte de dezoito anos. O Quaraim pode medir aqui a largura do Essone diante do Pithiviers. É pouco profundo e corre com rapidez sobre um leito de pedras. Com dificuldade tremenda conseguimos atravessar os bois, pois estavam muito cansados. Os soldados, os peões e Firmiano vão ficar de vigília à noite toda para guardar os bois e cavalos.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DE UM ARROIO, 27 de janeiro, quatro léguas e meia. Desde às 11 horas até uma hora, o termômetro registrava 29°. – Região muito plana, terreno arenoso e pedregoso, ótimas pastagens, mas onde a erva é baixa e pouco abundante; ainda um pouco de vegetação, mas nenhuma planta florida, a não ser a *amaryllis* nº 2.565 ter e a nº 2.566. Nenhuma casa nem gado; entretanto contavam-se outrora muitas estâncias, mas foram totalmente destruídas durante a guerra. São frequentes as tropas de jumentos selvagens. Meu vaqueano pegou com as boleadeiras um cavalo domado e marcado que se achava reunido a essas manadas. Fizemos os bois descansar num banhado onde existiam ainda algumas flores d'água. Aí crescem pequenas árvores e arbustos que formam um capão muito denso e em redor dele são vistas ervas inflexíveis e altas pertencentes à família das compostas. Aqui, como na França, as plantas dessa família são as que florescem por último. Na França pode-se citar como exemplo: as ínulas, o eupatório, as asteráceas, etc.

Durante nossa parada, ouvimos trovejar, o céu toldava-se de nuvens espessas, esperávamos uma tempestade, mas felizmente não passou de susto. O lugar onde descansamos é um pouco afastado de um dos vaus do Uruguai e chama-se Passo de São Pedro.

Depois que nos pusemos em marcha, andamos ainda cerca de uma légua e meia e em seguida fizemos alto próximo a um pequeno arroio,

que não é ladeado de árvores, mas perto dele há muitos pés de mimosas espalhadas nas pastagens.

Antes desta última guerra, o Quaraim servia de limite à Capitania do Rio Grande; assim é que, na verdade, foi só hoje que voltamos a esta capitania. Para celebrar nossa feliz chegada às terras portuguesas, preparei um ponche e presenteei minha gente. À noitinha, meus soldados viram um homem escondido entre os grandes *eryngium* que revestem um pântano vizinho do lugar onde estacionamos; eles o perseguiram, mas não conseguiram alcançá-lo; suspeita-se que tenha sido algum negro fugitivo.

Vi ainda hoje um ninho de avestruz com vinte e quatro ovos. O espaço ocupado pela ave era ligeiramente escavado, mas creio que ficou simplesmente mais enterrada pelo próprio peso e o da ave mãe. Por baixo dos ovos, um pouco de erva bem seca e muito pisada, que provavelmente era a mesma que cobria a terra antes da avestruz aí ter postos os ovos.

.....

## Capítulo XIV

MARGENS DO ARROIO SANTANA – ÍNDIO GUAICURU VISTO EM BELÉM. – VOCÁBULOS DO DIALETO DESSES ÍNDIOS – REFLEXÕES SOBRE PORTUGAL E BRASIL – OS DUMESTES, INSETOS NOCIVOS – TIGRES – AO AR LIVRE, MARGENS DO ARROIO GUARAPUITÁ – MEL DE ABELHAS – ENVENENAMENTO – AO AR LIVRE, PRÓXIMO ÀS NASCENTES DE GUARAPUITÁ – OS TRÊS ÍNDIOS COMEM DO MESMO MEL, SEM QUE LHES FAÇA MAL – A VESPA É CHAMADA PELOS GUARANIS LECHIGUANA – INGRATIDÃO DE FIRMIANO – INCAPACIDADE DOS ÍNDIOS EM CONCEBER O FUTURO – AO AR LIVRE, JUNTO AO ARROIO IMBAHÁ\* – AO AR LIVRE, PERTO DE UM ARROIO SEM NOME – ESTÂNCIA DE SÃO MARCOS – RINCÃO DE SANCLÓN – COSTUMES – RETORNO À BARBÁRIE – NENHUMA RELIGIÃO.

**A**O AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO SANTANA, 28 de janeiro, quatro léguas. – O trovão se fez ouvir durante a noite e, de momento a momento, relâmpagos apareciam no horizonte, como luz pálida e trêmula. A chuva, porém, só começou ao raiar do dia. Como estávamos em pleno campo, julguei melhor recebê-la em movimento do que parado; subi à carroça e repusemo-nos em marcha.

A chuva apenas cessou ao chegarmos às margens do riacho em que havíamos parado, mas durante o dia ela caía em intervalos. Não po-

---

\* No original *Imbuha*.



dia trabalhar na carroça, porque, não sendo ela fechada, a água a invadia, além de não haver claridade onde se encontrava. O dia todo passou triste e desagradável.

Há nas vizinhanças daqui uma guarda de alguns soldados destacados de Belém; devo deixar aí o vaqueano que trouxe de Quaraim e levar outro, mas, infelizmente, meu guia não sabe onde fica instalada a guarda. Procurou-a por mais de duas horas, e sem encontrá-la. É preciso que amanhã cedo meu pessoal se ponha em campo para descobri-la. Ninguém para nos dar informações, pois o lugar é totalmente deserto. Muito comuns aqui jumentos e avestruzes. Meu vaqueano diz que há, também, muitos tigres na região, e Matias viu, esta noite, os rastros de um desses animais.

Quando estive em Belém, o major mostrou-me um guaicuru que, pouco depois, atravessava o rio Uruguai e se refugiava no campo. Este homem aparenta uns quarenta anos; grande estatura, perfeitamente ereto, algo de nobre na fisionomia; a cor é de um bistre acobreado; a cabeça, grande e redonda; os cabelos muito negros e lisos; os olhos singularmente arqueados; o tórax extremamente largo. Por vestimenta usava um poncho que, preso ao redor da cintura por um cinto de couro, passava de um lado sob a axila e, do outro, sobre os ombros onde as pontas eram ligadas. Parece que esse homem procurou imitar a antiga roupa dos romanos. Disseram ser de uma aldeia chamada São Xavier, que não fica, acrescentou ele, muito longe de Santa Fé e de Rio Salgado. Deixei-o estupefato lendo-lhe as palavras de sua língua, que me foram ensinadas por mulheres guaicurus. Achou-as quase todas exatas e deu-me outras, que copio em seguida a este diário.

Após haver conversado várias vezes com esse homem, pus-me a procurar em Azara o capítulo dos guaicurus, e fiquei muito admirado de ler nele que, ao tempo do autor, não havia mais um homem dessa tribo; eis que já encontrei duas famílias, uma em Salto e outra em Belém; vi ainda em Belém uma criança guaicuru, órfã de pai e mãe. Os portugueses me asseguraram que essa tribo está muito longe de ser extinta.

Encontrei em Belém um hamburguês que emigrou ainda criança, morador por um longo tempo em Entre-Rios, e atualmente proprietário de uma venda em Belém. Este homem, muito conceituado por todos, me disse ter visto, na jurisdição de Santa Fé, uma aldeia chamada Aé-Garras,

inteiramente povoada de guaicururus; afirma que esses homens são batizados e hábeis, e suas mulheres fabricam diversos tecidos, e são numerosos. Parece incrível que Azara se tenha enganado nesse ponto, mas não seria possível terem existido duas tribos com o mesmo nome, e que o guaicuru de Azara tenha pertencido a uma outra tribo diferente daquela que vi?

*Palavras da língua dos guaicururus*

– cabeça . . . . .	<i>caik</i>
– céu . . . . .	<i>pigome</i>
– sol . . . . .	<i>navarrèra<sup>1</sup></i>
– lua . . . . .	<i>sirahègo</i>
– estrelas . . . . .	<i>avakatni</i>
– terra . . . . .	<i>lleva<sup>2</sup></i>
– homem . . . . .	<i>iallè</i>
– mulher . . . . .	<i>alo</i>
– menino . . . . .	<i>notoleke</i>
– pai . . . . .	<i>ita</i>
– mãe . . . . .	<i>ihalè<sup>3</sup></i>
– filho . . . . .	<i>yalèke<sup>4</sup></i>
– filha . . . . .	<i>yalè</i>
– cabelos . . . . .	<i>lavè</i>
– olhos . . . . .	<i>gotè</i>
– nariz . . . . .	<i>limèke</i>
– boca . . . . .	<i>allape</i>
– dentes . . . . .	<i>lovè</i>
– língua . . . . .	<i>lolegaranote</i>
– pescoço . . . . .	<i>cosote</i>
– braços . . . . .	<i>làva<sup>5</sup></i>

1 A pronúncia do r é extremamente carregada.

2 Apóia-se demoradamente nos dois LL.

3 Eleva-se a voz pronunciando a última sílaba.

4 Eleva-se sensivelmente a voz ao pronunciar as duas últimas sílabas.

5 A penúltima sílaba longa, a última pronunciada com mais força e voz mais elevada.

–dedos.....	<i>pallacate</i>
–mão.....	<i>apokenal lakalè</i>
–pés.....	<i>liti<sup>6</sup></i>
–pássaro.....	<i>cobò</i>
–peixe.....	<i>nahi</i>
–carne.....	<i>labàte</i>
–água.....	<i>ivariàke<sup>7</sup></i>
–fogo.....	<i>ànnorèkè<sup>8</sup></i>
–veado.....	<i>navanèke</i>
–cavalo.....	<i>sipègàkà</i>
–vaca.....	<i>vacà</i>
–avestruz.....	<i>mànik</i>
–bom.....	<i>iàmàcàtã<sup>9</sup></i>
–mau.....	<i>naiapèk</i>
–pau.....	<i>còippàk<sup>10</sup></i>
–folha.....	<i>lavè</i>
–negro.....	<i>avedack</i>
–branco.....	<i>làllàgàrèk</i>
–vermelho.....	<i>ètòkè<sup>11</sup></i>
–sol.....	<i>dahasubã</i>
–Deus.....	<i>Làssìgo</i>
–um.....	<i>onalek<sup>12</sup></i>
–bom dia.....	<i>làcòme</i>
–De onde vens?.....	<i>matti que gaiã?</i>
–Eu venho da minha terra.....	<i>Sattica quedaia há</i>
–casa.....	<i>ivó</i>

6 O último i participa do som de e.

7 Em *labàte e ivariàke* o e final não se faz sentir mais que o e mudo francês.

8 A primeira sílaba muito longa, as outras muito breves, a segunda um pouco menos fechada que o e francês.

9 Acentua-se a última sílaba.

10 Após a primeira sílaba uma interrupção, a última pronunciada rapidamente.

11 Apoia-se sobre os *tt*.

12 Os outros números não existem; atualmente os guairucus tomam os nomes espanhóis.

– Quando é que você quer ir à sua terra? . . . . .	<i>màlài òppèlè (o e fechado)</i>
– Quando é que eu hei de ver a minha terra? . . . . .	<i>mallakio savana ià há</i>
– igreja. . . . .	<i>atamaki</i>
– dormir. . . . .	<i>sillàcò</i>
– comer. . . . .	<i>canoke</i>
– beber. . . . .	<i>nieto</i>

Pedi ao guaicuru que me recitasse alguma canção em sua língua e me desse a significação. Eis aqui o que ele me ditou:

*sòènèr nètàpèk sòlènte ià há* – canto e me recordo da minha terra.

*sòènèr nètàcò tìoi nètàpèk sòlènte ital* – eu me recordo de meu pai e estou chorando.

*tòsàdèn* – Estará ele vivo?

*òtlèia solente iòhà* – eu me recordo muito da minha mulher.

As sílabas que indico com acento grave se pronunciam com marcada elevação de voz. É bem possível que me tenha enganado na separação das palavras que me ditava o guaicuru, pois que somente pelas pausas podia distingui-las, quase sempre pouco sensíveis, como acontece em todas as línguas entre palavras articuladas.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO SANTANA, 29 de janeiro. Às 4 horas, o termômetro marcava 22°C. – Ao anoitecer, quando eu acabava este diário, meus empregados perceberam um tigre perto do lugar onde havíamos feito fogo e restavam ainda algumas brasas. José Mariano deu-lhe um tiro, mas errou e o animal se embrenhou na mata que margeia o riacho.

Choveu e trovejou toda a noite e somente pelas três horas da tarde o tempo se firmou. Desde o raiar do dia, o vaqueano e Joaquim estiveram à procura da guarda, mas voltaram sem nada descobrir. Ela não estava sob as ordens do major que comanda em Belém, mas sob as ordens do marechal Abreu, e crê-se que tenha sido retirada sem o conhecimento do major e do alferes de Quaraim. Como o vaqueano me assegura não conhecer o caminho para além do arroio Santana, e esta região é inteiramente deserta, sem nenhum caminho traçado, vou enviá-lo, amanhã pela manhã, a Quaraim, acompanhado do Joaquim Neves. E encarrego este último de

levar uma carta ao alferes, em que lhe peço arranjar-me um outro vaqueano que me possa conduzir até à estância mais próxima.

Joaquim e o novo vaqueano não poderão estar de volta antes de dois dias; assim terei o desgosto de ficar retido durante três dias no meio de um deserto e, até agora, com um tempo horrível. Na verdade, desde que estou aqui, não choveu na carroça, mas nela me acho extremamente desconfortado e só posso aí trabalhar com grande sacrifício, temendo a cada instante perder, no meio de tantas malas e bagagens, minha lupa, canetas, canivetes, etc. Minha carroça tornou-se, ademais, um foco de insetos nocivos ou incômodos. Os dumestes aí pululam, as pulgas e os percevejos me devoram durante a noite, a carne que se dependura na cobertura atrai uma multidão de moscas que, excitadas pela luz, voam às centenas em torno de minha cabeça e muito me incomodam.

Depois de Montevidéu já não vi nenhuma serpente, os pássaros rareiam nos campos e os que se acham nos bosques se reduzem a um pequeno número de espécies. Vi hoje um grande número de indivíduos dos chamados dragões\* em Porto Alegre e ouvimos o canto do tachã (chajá, de Azara).\*

Quanto aos mamíferos, à exceção dos veados, não encontramos nenhum. Todos me haviam dito que acharíamos em abundância, nos campos que acabo de percorrer, um tatu bem pequeno chamado mulita pelos espanhóis e que dizem ser muito bom para comer; mas deles não vimos um sequer.

Não sei o que se passa neste momento em Portugal. O Rei está muito ligado ao Brasil e ao estilo de vida que leva no Rio de Janeiro, antes que possa retornar a Lisboa. Mas se ele ou seus filhos não tomarem este partido, cedo o Brasil será perdido pela Casa de Bragança, e suas províncias, como as colônias espanholas, se tornarão teatro das guerras civis. O receio de retornar ao domínio de Portugal levará os brasileiros à revolta, ou pelo menos lhes servirá de pretexto para isso. Mas como a obediência que as diversas províncias do Brasil prestam ao soberano é o único laço que as une, é evidente que elas se separarão quando este vínculo já não subsistir. Sem falar do Pará e de Pernambuco, a Capitania de Minas e a

---

\* O autor escreve Diagoes, tahar, Azzarra.

do Rio Grande, já menos distantes, diferem mais entre si do que a França e a Inglaterra. Como os habitantes, abandonados a si mesmos, poderão entender-se e concorrer para formar um só estado? Que não se venha citar o exemplo dos Estados Unidos, que não se comparem sectários entusiastas com homens na maior parte sem moral e sem virtudes. Os brasileiros, tomados em massa, são certamente superiores aos hispano-americanos; porém não há, entre eles, verdadeiro patriotismo; não os creio mais capazes de altruísmos. Numa insurreição, ver-se-ão chefes ambiciosos formarem partidos, reunirem em torno de si essa multidão ociosa e sem fortuna que pulula no Brasil; estas tropas e seus chefes serão, sem dúvida, superiores em inteligência à de Artigas, mas não farão mal menor, e o Brasil cairá numa anarquia quase semelhante à que assola as colônias espanholas.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO SANTANA, 30 de janeiro. De uma hora às quatro horas, o termômetro marcava 26°C. – Como havia projetado, mandei esta manhã o vaqueano e Joaquim à guarda de Quaraim; antes que se pusessem em marcha, Matias veio dizer-nos que acabava de encontrar quatro tigres, dois grandes e dois pequenos, que estavam comendo o melhor de meus cavalos. Estivera a persegui-los, mas se embrenharam na mata que margeia o riacho.

Bem cedo mandei limpar a carroça e matar os *dumestes* que a infestavam; eu mesmo vistoriei as malas e matei uma porção desses insetos, mas o esforço que fiz foi praticamente inútil; durante todo o dia vieram outros; o ar estava repleto deles e, tendo levantado, por acaso, uma das malas ao anoitecer, encontrei debaixo dela milhares, apesar de não se ter deixado um só desses insetos na busca que se fez de manhã. Terminada a limpeza, montei a cavalo com Matias e fui passear às margens do rio Uruguai, pouco distante do passo de Santana. Esse rio pode ter quase a mesma largura do Sena, acima de Paris; corre lentamente e descreve largas e elegantes sinuosidades. Suas margens são pouco elevadas acima do leito e apenas cobertas de árvores esparsas; mais aquém, as pastagens conservam muita frescura, mas a parte mais próxima do rio está quase unicamente coberta dessa gramínea de folhas duras e cortantes, empregadas na cobertura das choupanas do Salto, de Belém, etc.

Nas margens do rio, viam-se os rastros de vários tigres; reconhecemos o lugar onde eles se haviam deitado na relva; enfim, encontramos

nas pastagens as ossadas de cavalos e veados comidos por eles. Quando um animal morre naturalmente, seus ossos permanecem uns ao lado dos outros, mas os que vimos estavam dispersos, aqui e acolá; além disso, reconhecemos nos crânios os buracos feitos pelas garras dos tigres. Eu não havia ainda encontrado tamanha quantidade de veados como no meu passeio de hoje; apareciam de todos os lados, e deles pudemos contar até trinta mais ou menos, em um só bando.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO GUARAPUITÁ,\* 1º de fevereiro. – Não tendo podido escrever este diário ontem à tarde, aproveito, para isto, o tempo em que ficamos retidos para o descanso dos bois. Cedo saí a cavalo para ir herborizar, acompanhado de Matias e de José Mariano. Seguimos, durante muito tempo, as margens do arroio Santana e, ao cruzá-lo, encontramos pastagens semelhantes às que acabávamos de percorrer; a relva é muito verde, sem dúvida, devido às últimas chuvas; é pouco crescida mas de excelente qualidade; não havia nenhuma flor, o terreno é perfeitamente uniforme.

Chegados perto de um lugar úmido, coberto de gramínea chamada santa-fé, nossos cavalos estancaram, anunciando em todos os seus movimentos o terror; a respiração deles era acelerada e julgamos, por isso, que houvesse algum tigre escondido na relva. Com efeito, a pouca distância daí, reconhecemos na terra o rastro de um desses animais. Continuando nossa jornada, atravessamos o arroio Guarapuitã, orlado de arbustos. Seguindo-o até sua embocadura no Uruguai, encontramos em suas margens grande número de barracas abandonadas e quase destruídas. Entramos em uma delas, e no seu interior havia dois sacos de couro e um boné, feito de tecido grosso, pardo, denunciando que os insurretos espanhóis se haviam acantonado neste lugar durante a guerra. Estas barracas eram feitas como as choupanas dos índios selvagens, ou como as que os viajantes costumam construir quando passam a noite na mata, isto é, formadas de pequenos caramanchões de três a quatro pés, sobre os quais se estendiam as ramagens.

Ao chegarmos à embocadura do Guarapuitã, seguimos a foz do Uruguai que pode ter, nesse trecho, a mesma largura do Loiret diante do Pontil e é marchetado por uma estreita fileira de árvores. Achamos uma piroga

---

\* O autor escreve *Garapuita*.

nas margens do rio e, como havíamos notado perto do arroio Santana alguns cavaleiros que galopavam ao longe, concluímos, provavelmente com razão, que eram espanhóis e que a piroga tinha servido para transportá-los a esta margem. Prosseguindo a caminhada, deparamos um pequeno curral e alguns homens que, com a nossa presença, esconderam-se entre as árvores. Meus empregados deduziram logo serem insurretos espanhóis; mas, não entendendo por que teriam vindo estabelecer-se nesses desertos, pensei que poderiam ser antes alguns índios refugiados recentemente desse lado do rio Uruguai: “Se fôssemos apenas nós dois, iríamos até lá”; disse José Mariano a Matias. Eu considerava inútil esta visita, mas, julgando essencial que minha gente não me acreditasse menos corajoso que eles, disse que achava melhor irmos adiante. Demos com o curral e algumas barracas, mas ninguém apareceu. Soube pelo vaqueano, chegado ontem à noite, que era este o local da guarda, mas, provavelmente, ela fora retirada; ninguém se apresentou à nossa aproximação e, como eu previra, alguns índios tomaram o lugar dos soldados.

Ao regressar, passamos perto do lugar onde nossos cavalos haviam dado sinais de pavor, mas desta vez eles se mantiveram tranquilos, prova de que a mesma causa já não existia. Eu estava com alguma preocupação por causa da carroça; se os homens que víamos galopar ao longe fossem espanhóis, poderiam atacá-la durante nossa ausência pois encontrariam para defendê-la apenas homens que não passam de simples crianças. Foi, portanto, com grande satisfação que achei tudo em ordem.

Assim que chegamos, José Mariano e Matias montaram de novo a cavalo sem nada me dizer; imaginei que tivessem ido à procura dos homens que víamos esconder-se no mato, à nossa aproximação, e comecei a temer que cometessem alguma imprudência. Mal começara a comer, eles voltaram. No passeio da véspera, havíamos passado junto de uma colmeia de abelhas selvagens, suspensa cerca de um pé e meio da terra, a um galho de arbusto; era quase oval, tamanho de uma cabeça e de uma consistência de cartolina semelhante a das nossas colmeias da Europa. Matias e José Mariano foram destruí-las para tirar mel.

Dele comemos os três. Fui eu, no dizer de José Mariano, o que mais comi, e avalio não ter ingerido quantidade superior a duas colheradas. Em seguida senti uma dor de estômago, mais incômoda do que forte; deitei-me na terra, sob a carroça, a cabeça apoiada sobre minha pasta,



caindo numa espécie de sonolência, durante a qual me senti transportado aos espaços celestiais; ouvi uma voz que gritava; “Ele não se perderá, há um anjo que o protege.” Nesse instante, minha irmã veio me tomar pela mão. Estava vestida de branco, cinto em torno do corpo e seu rosto irradiava uma expressão rara de paz, serenidade; tomando-me pela mão, sem me olhar e sem proferir palavra, conduziu-me perante o tribunal de Deus. Lembrei-me então das últimas palavras da parábola do Bom Pastor e o sonho acabou.

Levantei-me, mas cansado; somente me foi possível dar cinquenta passos; voltei para debaixo da carroça, deitei-me de novo e senti quase imediatamente o rosto banhado de lágrimas que eu atribuía à emoção causada pelo sonho que relatei. Envergonhado de tal fraqueza, comecei a rir; mas, apesar de tudo, esse riso prolongado tornou-se convulsivo, obrigando-me a esconder o rosto para que meus empregados não reparassem. No entanto, tive ainda forças para dar algumas ordens a Firmiano, e nesse ínterim José Mariano chegou. Disse-me, com ar alegre, mas um pouco desorientado, que há meia hora se achava embriagado correndo pelos campos. Sentou-se então sob a carroça apoiando-se sobre a roda e me convidou a sentar-se a seu lado. Com muita dificuldade, arrastei-me até lá; senti-me extremamente fraco e apoiei a cabeça no ombro de José Mariano.

Foi quando começou a mais cruel agonia; uma nuvem espessa obscureceu meus olhos e já não me foi possível distinguir nada além do azul do céu manchado de nuvens e as sombras do meu pessoal. Caí no último grau de fraqueza, não experimentando grandes sofrimentos, mas todas as agonias da morte. No entanto, conservei perfeitamente a lembrança de tudo o que vi e entendi; a narrativa feita por Laruotte está perfeitamente de acordo com aquilo de que me lembro. “Há bem dois anos”, disse eu a José Mariano, “fechamos os olhos ao meu amigo; hoje você irá presenciar meu último suspiro.” – “Estou bem mal também”, respondeu-me ele, “iremos morrer juntos neste deserto.” Pedi vinagre concentrado, aspirei-o várias vezes com força, senti-me um pouco reanimado por alguns segundos, mas logo recaí na mesma prostração. Laruotte estava ausente quando comecei a passar mal, porém mandei chamá-lo e ele cuidou de mim do melhor modo possível. Com Laruotte estavam ao redor de mim Firmiano, o índio peão,

Matias e José Mariano, sendo que estes dois se achavam igualmente muito doentes.

“Meus amigos”, disse-lhes eu em português, “sinto que vou morrer neste deserto, longe de minha família e de meu país; rondam-me as sombras da morte; vou-me juntar a esses anjos que me chamam para segui-los. Não sou mau, nunca fiz mal a ninguém, minhas faltas são diante de Deus que me perdoará, assim espero, ou talvez me punirá.” Um combate cruel mas de curta duração se passou na minha alma. “Minha mãe e meu sobrinho não necessitarão de mim. Mas este pobre Firmiano, que atirei nestes desertos, que será dele quando eu já não existir? Matias, recomenda-o ao conde de Figueira; que ele jamais se torne escravo de ninguém.” Quis afastá-lo, mas em seguida chamei-o para junto de mim e vi algumas lágrimas correr-lhe dos olhos. “Matias, eu lhe perdôo o mal que me fez. Laruotte, saiba que minhas coleções pertencem ao Museu de História Natural; meus manuscritos devem ser remetidos à minha família.”

O sonho que tivera, quando comecei a cair nesta crise, apresentava-se sem cessar à minha imaginação, sentindo-me como que atraído por uma força invisível para contá-lo. As palavras que acabo de relatar não foram ditas em seguida, como as escrevi, mas com longos intervalos e de maneira entrecortada. Quis falar francês, mas só se apresentavam à minha memória palavras portuguesas e, mesmo quando me dirigia a Laruotte, era quase sempre em português.

Quando comecei a cair neste estado singular, tentei beber vinagre e água mas, não melhorando, pedi água morna para ver se conseguia vomitar o mel que me causara tanto mal. Percebi que, cada vez que engolia, a nuvem que me cobria os olhos desaparecia por instantes e me pus a sorver grandes goles de água, quase sem interrupção. Segundo me disse Laruotte, devo ter bebido dezesseis pintas.\*

Pedia-lhe sem cessar um vomitório; ele o procurou em todas as malas; mas, como estava perturbado por tudo que se passava, não pôde achar. Eu, debaixo da carroça, não podia vê-lo; no entanto parecia-me que estava vendo-o e reprovei sua lentidão; foi esta a única falta cometida por mim durante essa agonia.

---

\* *Pinta*: antiga medida portuguesa para líquidos.

Nessa mesma ocasião, José Mariano se levantou sem que eu percebesse; mas logo meus ouvidos foram atingidos pelos gritos que soltava; nesse instante eu me achava melhor, a nuvem que me toldava os olhos tornou-se menos espessa e nenhum dos movimentos desse homem me escapou. Rasgou suas vestes com furor, ficou inteiramente nu, tomou uma espingarda, deu um tiro. Matias lhe arrancou a arma das mãos; daí entrou a correr pelo campo, chamando por socorro com todas as suas forças, por Nossa Senhora da Aparecida, pedindo suas armas, gritando que todo o campo estava em fogo, que as malas ficariam queimadas, sendo preciso fechá-las. O peão índio procurou retê-lo mas, não conseguindo, decidiu ir-se embora.

Até então, Matias não se cansava de me dispensar cuidados, mas ele também começou a ficar muito doente; mas, como havia vomitado logo e era de compleição robusta, prontamente retomou suas forças; Laruothe me disse depois que sua fisionomia era assustadora de extrema palidez. “Eu vou”, disse ele de repente, “avisar à guarda do que se passa aqui.” Isso seria uma loucura, pois estávamos distantes dez léguas da guarda e já era tarde. Montou a cavalo, pôs-se a galopar no campo, mas logo Laruothe o viu cair; ele se levantou, e de novo começou a galopar; mas logo tornou a cair e, horas depois, foi encontrado profundamente adormecido no lugar onde caíra por último.

Vi-me, ainda semimorto, com um homem furioso e duas crianças para me cuidar, pois Laruothe e Firmiano não podem ser considerados homens. José Mariano me deu as maiores preocupações; no mesmo instante pensei que não era impossível sermos atacados pelos espanhóis, e esse medo acabou por transtornar-me as ideias. Quando estive pior, pareceu-me ver o cão do guia que me acompanhara até a antevéspera. Perguntei a Laruothe e a Firmiano se isso não tinha sido uma ilusão, asseguraram-me que não; concebi, então, a esperança de ver chegar Joaquim e um novo guia; isso me reanimou e não parei mais de perguntar-lhes se não viam chegar algum deles.

Nesse momento, José Mariano veio sentar-se junto de mim; estava mais calmo e envolvera qualquer coisa em redor da cintura. “Meu patrão”, me disse ele, “dê-me água, estou numa fogueira.” – “Veja, meu amigo, como estou doente, mas o riacho está a pouca distância daqui.” – “Dê-me o braço, meu patrão; faz tanto tempo que estou com o senhor e fui

sempre um empregado fiel.” Tomei-lhe a mão e disse-lhe algumas palavras para tranquilizá-lo.

Enquanto isso, a água quente, da qual eu bebera uma quantidade enorme, acabou por fazer efeito; vomitei, com muita água, parte dos alimentos ingeridos pela manhã. Achei-me bem melhor, distinguia claramente a carroça, as pastagens e as árvores; a nuvem cobria apenas a parte superior dos objetos; de quando em vez, baixava um pouco, mas logo sumia. Reconheci que estava quase nu e me envergonhei. Olhei minhas mãos, e notei com prazer que elas se moviam. As forças que vi ainda em José Mariano me tranquilizaram; no entanto, eu estava cruelmente atormentado de encontrá-lo nesse estado e acreditei que jamais recuperaria inteiramente o juízo. Um segundo vômito me deu mais alívio que o primeiro. Distingui os objetos mais nitidamente ainda; pude, com satisfação, falar francês e português; minhas ideias tomaram mais concisão e indiquei claramente a Laruotte onde se encontrava o vomitivo. Tomei-o por três vezes e acabei por vomitar, em torrentes de água, todos os alimentos que havia ingerido. Até o momento em que engoli a terceira porção do vomitório, experimentava uma espécie de prazer em tomar água quente, mas a partir daí ela começou a me repugnar e deixei de tomá-la.

Durante alguns instantes, senti uma dormência nos dedos, mas passou. A nuvem desapareceu inteiramente, minhas ideias ficaram claras e, quase à força, me achei curado. Mandei preparar um chá; dele tomei três xícaras; levantei-me em seguida; passeei; pus-me a correr e fui o primeiro a rir de tudo o que ocorrera. Quase no momento em que fiquei curado, a razão voltou de repente a José Mariano. Vestiu-se e disse ao peão índio que era preciso ir procurar Matias; montou a cavalo e o trouxe logo.

Presumo que eram dez horas da manhã quando comi mel e, apenas ao pôr-do-sol, me achei completamente bom. O novo guia e Joaquim chegaram à noitinha. Precisava de repouso, deitei-me e foi então que senti como a pessoa é feliz, estando entre os familiares. Meu pessoal sabia quanto eu havia estado doente; era-lhes fácil julgar quanto necessitava de repouso e, no entanto, não cessaram de fazer barulho durante a noite toda. Os mosquitos que, depois das chuvas, se tornam extremamente abundantes, me impediram de dormir o resto da noite.

AO AR LIVRE, NAS NASCENTES DO ARROIO GUARAPUITÁ, 1º de fevereiro, duas léguas e meia. Às 2 horas o termômetro marcava 26°C. – Percorremos duas léguas esta manhã; à tarde não mais que meia légua, para que tivéssemos tempo de matar uma vaca. Esta última deveria nos conduzir mais longe, mas os soldados que me acompanham não conhecem ordem nem economia. É um prazer para eles esbanjar, gastar, perder. Nisso não diferem em nada de Firmiano e, se eu os encarregasse de cuidar de minha bagagem, estou certo de que todas as minhas malas estariam em frangalhos.

Informaram-me, pela manhã, de que três dos cavalos reais que me foram emprestados em Belém estavam reunidos a uma tropa de jumentos selvagens. A égua que me acompanha desde Santa Teresa foi, esta noite, atacada por uma onça, pois mostra em várias partes do corpo as marcas de suas garras; estando presa e escapando de inimigo tão perigoso, foi porque provavelmente a defenderam os cavalos; prova disso é que foi encontrada protegida pelos cavalos, como se estes quisessem fazer uma muralha com seus corpos.

Esta manhã, estava ainda um pouco fraco, mas logo me refiz e esta noite voltei ao meu estado normal. Entretanto, tudo o que se passou ontem não me sai do pensamento; não pensei noutra coisa durante o dia, acabando por ter a cabeça bem cansada. Matias se queixa de estar surdo de um ouvido, José Mariano diz que sente extrema fraqueza, parecendo-lhe que todo o corpo está coberto de óleo.

Até o lugar em que havíamos parado esta manhã, atravessamos sítios onde eu já estivera, no meu passeio de ontem de manhã. Para chegarmos até aqui, seguimos as margens do arroio Guarapuitá até suas nascentes.

Havia dito a Matias que estaria bem desejoso em obter alguns exemplares das abelhas cujo mel me causara tão funestos efeitos. Um pouco antes de chegarmos aqui, ele descobriu uma colmeia e me chamou. Esta colmeia era absolutamente semelhante à outra, mesma forma, mesma consistência e igualmente presa a um dos galhos espinhosos de um pequeno arbusto. Ao entardecer, Matias se enrolou no seu poncho, acompanhado de Firmiano, foi tirar a colmeia; e voltou logo depois com duas abelhas,

que guardei cuidadosamente, e numerosos favos parecidos aos que eu comera e cheios de um mel igualmente avermelhado.

Disse-me que Firmiano e um peãozinho índio que acompanha o vaqueano dele haviam ingerido grande quantidade. Pensei primeiro que ele queria fazer graça. Mas verifiquei ser verdade. Firmiano o confirmou e, no mesmo instante, o peão índio se pôs a engoli-lo à minha vista. Havia entre nós três homens brancos, dois dos quais não sabiam o que nos ocorrera, a não ser pelo que contamos, mas à vista do mel pareceu não lhes causarem nenhum temor. Meus dois índios, ao contrário, foram testemunhas do mal espantoso que experimentamos e, no entanto, eles a isto se expuseram, de propósito, provavelmente mesmo sem estarem possuídos de grande gula, pois, se se quisessem dar ao trabalho de procurar, achariam facilmente outro mel que poderiam comer com segurança. Isso não acaba de se confirmar, o que já tenho comprovado tantas vezes, que os índios não têm absolutamente ideia do futuro, ou seja, inteiramente imprevidentes?

Não pude, então, deixar de censurar, com indignação, meus dois peões. Ficaram perfeitamente tranquilos, e eu a me inquietar por causa deles. Tirei dois vomitórios da minha mala e fiquei acordado toda a noite. O que me surpreende, no entanto, é que já fazia mais de duas horas que meus empregados ingeriram esse mel, cearam em seguida e até agora não se queixam de nada.

AO AR LIVRE, ÀS NASCENTES DO ARROIO GUARAPUITÁ, 2 de fevereiro. – Minhas inquietações sobre meus índios aumentaram ainda, depois que terminei este diário e não tinha mais nada para me distrair. Temo que Firmiano, cuja voz deixei de ouvir, tenha caído num torpor letárgico e me lembrei, com tristeza, de que ele não era batizado. Ia descer da carroça para me cientificar de seu estado, quando dei com o peão que ia vigiar os cavalos. Perguntei-lhe como se achava e ele me respondeu que não tinha sentido a mais ligeira dor. Fui me deitar e soube com surpresa, esta manhã, que os três índios não haviam sentido absolutamente nada. O mel que comeram era, entretanto, absolutamente semelhante ao que tanto mal nos causara. As duas colmeias se parecem perfeitamente, todos reconheceram as abelhas como sendo da espécie que os guaranis chamam lechiguana. Como explicar que tenhamos ficado tão doentes e esses índios não hajam experimentado a mais ligeira indisposição? Não se pode admitir

que isto seja causado pela diferença de organismo entre índios e brancos, pois José Mariano é mestiço de índio e de mulato. Pode-se supor que as abelhas lechiguana não retiram sempre o mel das mesmas substâncias, mas como admitir que esse mel possa ser para o homem ora veneno, ora agradável alimento, e não produza os mesmos efeitos sobre os insetos que dele se nutrem? Há aí algo excepcional, não menos surpreendente que os sintomas extraordinários que ontem sentimos eu e meus dois empregados.

A chuva começou ontem à tarde, continuando por toda a noite; eu me preparava, entretanto, para prosseguir viagem, quando me vieram dizer que faltavam oito dos meus cavalos. Após as buscas que duraram todo o dia, Matias avistou-os no meio de uma tropa de jumentos selvagens, pôs-se em campo, ajudado por Joaquim e José Mariano e conseguiram recobrar quatro deles.

Esta tarde Firmiano me ofendeu grosseiramente, obrigando-me a castigá-lo. Esse rapaz me viu ontem, no meio de minha cruel agonia, cuidar quase exclusivamente dele, preocupando-me de não deixá-lo entregue à própria sorte, e hoje se esquece de todo esse desvelo, e me desrespeita. Os brancos são ingratos porque, julgam eles, reconhecer um benefício recebido é admitir inferioridade, o que fere sempre o amor-próprio; mas entre eles essa ingratidão é fruto da reflexão ordinariamente tardia, não ocorrendo nunca no mesmo dia do benefício. Os negros escravos podem ser reconhecidos, porque nada lhes custa confessar sua inferioridade e porque nunca esquecem o passado. Não é que os índios o esqueçam, mas dele não tiram nenhuma conclusão sobre o futuro, que é para eles o mesmo que os sonhos são para nós; lembramo-nos muito deles, mas sem utilidade. É, pois, difícil que os índios sejam reconhecidos, porque para isso é preciso necessariamente tirar conclusões do passado para o presente.

AO AR LIVRE, PERTO DO ARROIO IMBAHÁ,\* 3 de fevereiro, cinco léguas. – Na noite de anteontem, um tigre não cessou de rondar nosso acampamento, mas hoje não apareceu. Chovia ainda quando partimos. Embarquei na carroça, mas logo o tempo passou a bom e fiz o resto da viagem a cavalo. A região hoje percorrida é a mais uniforme que tenho visto depois de Montevidéu; as planícies de Beauce não o são mais.

---

\* No original: *Imbuha*.

Como há nestes campos imensa quantidade de cavalos selvagens, a relva, pastada constantemente, não cresce nada. É um relvado raso e que, neste momento, apresenta o mais belo verde; viam-se aí poucas espécies de plantas floridas, mas existe número prodigioso de indivíduos dessas que estão com flores. É a acantácea anã nº 2.578, o narciso nº 2.625 ter e amaryllis nº 2.566 e uma outra espécie que não descrevi, planta que pouco se eleva da terra, cujos cálices e corolas, misturadas na relva, a pintam de vermelho, amarelo, róseo e esbranquiçado.

Paramos junto a um riacho chamado Itapitocai,\* marchetado de árvores, depois, continuando nosso caminho, viemos passar a noite no meio das ruínas de uma estância distante algumas centenas de passos do rio Imbahá.

De acordo com meu vaqueano, os campos que percorri desde Belém e, hoje, apenas refúgio de tigres, veados, avestruzes e cavalos selvagens, eram antigamente habitados por estancieiros portugueses, mas suas moradas foram duas vezes destruídas, durante a guerra, pelos gaúchos e eles não tiveram ainda a coragem de restabelecê-los pela terceira vez.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DE UM ARROIO SEM NOME, 4 de fevereiro, cinco léguas. – A colina sobre a qual estava construída a estância onde havíamos parado a noite passada domina, de um lado, uma vasta extensão de pastagens, e de outro, um largo vale irrigado pelo arroio Imbahá. Descendo a esse vale, seguimos durante algum tempo o leito do arroio, tornando a subir até a sua nascente. Deu-nos trabalho atravessá-lo, no entanto o conseguimos sem acidentes. Este arroio está marchetado de árvores densas e copadas.

Do outro lado, encontramos uma região absolutamente diferente da que tínhamos percorrido ontem e, certamente, a mais desigual atravessada depois de Montevidéu. Ela apresenta vales profundos, barrancos escavados pelas águas pluviais, terreno muito pedregoso, pastagens pouco ricas e quase rasas. O campo não oferece aqui esse ar de alegria que nele encontrei em toda parte durante esta viagem; tem um aspecto sombrio, devido não somente à desigualdade do solo e sua esterilidade, mas ainda à cor enegrecida das pedras dispersas nas pastagens; grandes tropas de cavalos

---

\* O autor escreve *Itapuítuocai*.



selvagens, dispersas no campo, emprestam um pouco de vida à paisagem. Paramos à margem de um arroio sem importância que nem sequer tem nome, apesar de estar marchetado por larga fila de árvores.

ESTÂNCIA DE SÃO MARCOS, 5 de fevereiro, quatro léguas. – O terreno já não é desigual nem pedregoso, mas as pastagens são ainda pouco elevadas, o que provém, sem dúvida, das incessantes aparas que lhes dão os cavalos selvagens. Apresentam neste momento um verde tão bonito quanto o que admirei nos campos de Maldonado ou de Rocha, quando os atravessei no começo da primavera, e durante muito tempo não encontrei nenhuma flor.

Quando eu estava perto de um arroio denominado Touropasso, o vaqueano me pediu permissão para se retirar e eu a dei. Esse homem leva em sua companhia uma indiazinha muito bonita, de 14 ou 15 anos, acompanhada pela mãe e um irmãozinho. Possui ele perto daqui uma estância onde o alferes da guarda lhe permitiu passar alguns dias; o vaqueano é casado, tem a mulher em sua estância e, no entanto, aí traz sua índia. Quase todos os milicianos acantonados nesta parte da fronteira do sul estão assim amasiados a índias. A facilidade com que essas mulheres se prostituem, sua docilidade, sua ignorância mesmo são outros tantos atrativos para esses homens rudes que não visam a outra coisa, além do instrumento de prazer. Mas, repito, essas misturas farão a Capitania do Rio Grande perder sua maior vantagem: a de oferecer uma população quase sem mescla. Os filhos de pais brancos e de índias guaranis já não terão esta docilidade que talvez seja a única virtude deste povo e, educados por índias, ou abandonados a si mesmos, terão todos os vícios dos índios e dos brancos.

Seja como for, este não era o verdadeiro vau, como eu o soube depois, por onde nos havia conduzido o vaqueano. Meu pessoal foi obrigado a trabalhar durante muitas horas para abrir passagem à carroça no meio das árvores que margeiam o arroio; foi preciso descarregá-la para fazê-la passar o arroio e não sei como não se fez em pedaços.

A cerca de meia légua do arroio, encontramos uma estância onde paramos. Há perto de dez dias eu não via casas, nem outras pessoas além de minha gente e meus vaqueanos; tive verdadeira alegria ao deparar finalmente algumas cabanas. Não se pode mesmo dar outro nome às mise-

ráveis moradas que compõem esta estância. Delas há uma meia dúzia, habitadas por algumas dessas famílias indígenas que deixaram recentemente Entre-Rios. A maior, construída de palha como as outras, tem, contudo, a forma de uma casa, mas é tão pequena que aí abrigará apenas umas cinco ou seis pessoas. Um banquinho e um jirau constituem todo o seu mobiliário e não existe outra abertura além da porta. O proprietário, todavia, me recebeu muito bem, sem saber quem eu era; ofereceu-me carne e me disse que amanhã poderá guiar-me até a estância vizinha. Esse homem, como a maior parte dos habitantes da Capitania do Rio Grande, fez várias campanhas contra os espanhóis e, embora simples miliciano, passou quase toda a sua vida a serviço do Rei. Sua estância foi destruída durante a guerra e somente há alguns meses voltou a ela. Parece que segue o costume geral da região pois, ao chegar, encontrei à porta de seu quarto uma índia muito bonita e razoavelmente vestida, que se balançava numa rede, entrando várias vezes no seu quarto.

RINCÃO DE SANCLÓN, 6 de fevereiro, quatro léguas. – Como nosso hospedeiro de ontem à noite me prometera, ele me serviu de guia para vir até aqui. A região que atravessamos para aqui chegar é perfeitamente plana e coberta de uma relva rasteira. Ela ostenta no momento o mais belo verde e tive a satisfação de nela rever muitas flores. Agora, a vegetação destoa da flora europeia, mas estou persuadido de que, entre as plantas coletadas, se encontram muitas já recolhidas nos campos gerais. Segundo me disse meu vaqueano, só depois que choveu se tornaram verdes, antes estavam amarelos e secos.

A estância onde parei pertence ao alferes\* que comanda a guarda de Santana, tanto por mim procurada. A guarda foi mudada para outro lugar a duas léguas daqui mais ou menos, e o alferes pode vir a sua casa quando bem entender. Sua estância que, como tantas outras havia sido destruída durante a guerra, se compõe atualmente de miseráveis choupanas, na maioria habitadas por famílias indígenas recentemente chegadas da aldeia de Yapeju.

Os estancieros desta região que não têm escravos aproveitam a emigração dos índios para ficar com alguns como peões. Os guaranis são, segundo testemunho geral, muito indicados para esse serviço; montam

---

\* Trata-se do alferes Antônio Bernardino Silva.

bem a cavalo, gostam imensamente desse exercício e muitos sabem domar cavalos. Sua perfeita docilidade é outra condição que os faz procurados para trabalhar nas estâncias.

Os que encontrei aqui não traziam, a maioria deles, durante todo o dia, outra roupa além de um calção de fazenda de algodão. Os homens estavam sentados no chão, as mulheres se balançavam em pequenas redes de lã, feitas por elas próprias. O alferes louva-lhes muito a docilidade, mas não faz o mesmo elogio à sua inteligência; diz que são pouco suscetíveis de amizade e de gratidão; acrescenta que mesmo entre eles as amizades não são duradouras, dando como prova a facilidade com que abandonam os filhos aos homens brancos, sem saber como serão tratados, nem o que virão a ser.

Perguntei a alguns dos guaranis que aqui estão se tinham ouvido falar dos jesuítas por seus pais; responderam-me negativamente. No entanto ainda não perderam todos os hábitos que lhes transmitiram os padres da Companhia de Jesus. Os pais continuam a ensinar os filhos a rezar, na língua vulgar, e diariamente têm o cuidado de fazê-los recitar as preces. Os mais jovens sabem apenas montar a cavalo, porém os mais velhos não estranham os trabalhos agrícolas. Há aqui um sexagenário que tinha, em sua região, segundo me disse o alferes, consideráveis plantações de trigo, centeio e milho.

A aldeia de Yapeju, de onde vieram os índios que aqui estão, fica situada a apenas duas léguas desta estância, à margem direita do Uruguai, e era uma das mais importantes das Missões jesuíticas de Entre-Rios; sendo fácil assim concluir-se, pois que está apenas a duas léguas daqui e Sandu, tão longe dela, formava outrora uma das estâncias dessa aldeia. As terras da estância do alferes dela dependiam e foi somente depois da campanha de dom Diogo que ele teve permissão de aí se estabelecer.

Durante todo o dia o tempo esteve ameaçador e à noite começou a trovejar e a chover. Como a choupana do alferes não tem porta, ele mandou fechar a entrada por meio de um couro; mesmo assim, a água invadiu-a por todos os lados. Como esta miserável moradia é ainda melhor que as dos índios, alguns milicianos, que estão aqui com o alferes, vieram passar a noite conosco. Todos se deitaram num jirau feito de bambus.

Em todo o Brasil, ninguém se despe totalmente para dormir, e os melhores leitos se compõem de um simples colchão de palha de milho, mas aqui nem isto, cada um leva seu leito consigo ou, para dizer melhor, dorme sobre o arreamento de seu cavalo. Estende no chão esta grande peça de couro chamada *carona*; o *lombilho* lhe serve de travesseiro. Sobre a carona põe o *pelego*, sua *chinha* e deita-se sobre esse simples leito, enrolado no poncho com a cabeça descoberta.

RINCÃO DE SANCÓN, 7 de fevereiro. – Chegando ontem aqui, consultei o alferes sobre o caminho que devia tomar. Após as chuvas, o Uruguai não é vadeável; eu me vejo obrigado a esperar aqui pela chegada de pirogas, que ficam muito mais baixas junto às margens do rio. Vejo aproximar-se a estação chuvosa e temo ser detido pelas enchentes dos rios entre as Missões e Porto Alegre.

Quando estava em Belém, podia escolher entre dois caminhos, ou me distanciar da costa e passar pela cidade chamada Capela de Alegrete, ou seguir, como o fiz, as margens do Uruguai. Preferi este caminho por ser o mais curto e, pelo acontecido, acho ter demorado muito mais tempo.

Esta manhã, o alferes me perguntou se queria participar de seu almoço e me mandou trazer carne assada tão dura que, apesar dos meus esforços, foi-me impossível mastigar um pedacinho sequer. Limitei-me a dela chupar o suco, jogando disfarçadamente a carne debaixo do jirau. Nesse almoço fui eu quem forneceu a farinha, pois o alferes não possuía farinha nem sal. Assim, eis um homem que se nutre unicamente de carne, e carne mais dura que se possa imaginar; mora numa choupana de sete passos de comprimento por cinco de largura, não tem outro prazer além do fumo e de tomar mate e, no entanto, é oficial de milícia. Parece, na verdade, bem satisfeito, mas não é menos verdadeiro que uma tal existência deva reconduzir necessariamente a uma barbárie um povo tão resignado. Restringir todas as suas habilidades a saber montar a cavalo, todos os seus costumes a comer carne é reduzi-lo à condição de indígena e distanciar-lo da civilização que, fazendo-nos conhecer uma quantidade de prazeres, nos força a trabalhar, a exercitar nossa inteligência para conquistá-los e, por conseguinte, a aperfeiçoar-nos, pois é unicamente pelo exercício de nossa inteligência que nos aperfeiçoamos.

Pelo que disse, seremos talvez tentados a atribuir os costumes deste povo a uma certa ingenuidade, mas não é assim! Costumes ingênuos

se acharão em um povo religioso e amigo do trabalho e não excluem todos os prazeres da vida. Um povo sem religião, que passa a maior parte de sua vida no ócio, poderá ter poucas necessidades, mas não será por isso menos corrupto, e a simplicidade de seus costumes será apenas ignorância e grosseria. Introduzir o luxo num povo cujos costumes são realmente ingênuos é perdê-lo. Quando um povo é grosseiro e corrompido, a ponto de perder a tradição do bem e os elementos de uma regeneração moral, o luxo pode reconduzi-lo à civilização.

Enquanto escrevo este diário, um mestiço toca viola à porta da minha choupana, cantando tristes canções espanholas, e as índias dançam com os soldados do alferes. Estas danças nada têm da indecência dos batuques; é um sapateado comedido, com alguma graça, mas sem nenhuma vivacidade. Poderia dizer o mesmo das danças mais decentes e mais elegantes de Montevidéu. Elas não têm a movimentação e a rapidez das nossas. Simplesmente uma lenta marcha, acompanhada às vezes de figuras e de atitudes muito sérias e, algumas vezes, muito indecentes.

RINCÃO DE SANCLÓN, 8 de fevereiro. – O alferes calculou que as pirogas por nós tão esperadas não podem chegar hoje e, por isso, fui obrigado a permanecer aqui. Passei boa parte do dia herborizando nos arredores da estância. As pastagens se mostram, nesse momento, tão verdes quanto as de Castillos e do Pão de Açúcar no início da primavera.

A vegetação daqui já não se assemelha à da Europa. As espécies que encontrei floridas pertencem todas a gêneros da flora americana e um grande número delas cresce igualmente nos campos gerais, como o provam meu herbário e o livro de botânica. Entre as que são comuns às duas regiões, posso citar, com certeza, a composta e a polygala. As regiões que hoje percorro são, na verdade, mais meridionais que os campos gerais; mas a diferença se acha compensada pela elevação destes últimos campos. Pela primeira vez depois de Montevidéu, observei grandes bambus às margens do riacho Touropasso; comecei a encontrar o ingá\* em Salto, às margens do Uruguai, e sei que ele cresce também perto daqui. Comi pêssegos, melancias e um excelente melão colhido próximo daqui. Os pêssegos não estavam ainda maduros, assim não posso julgar sua qualidade.

---

\* Leguminosa nº 2.496 bis.

.....

## *Capítulo XV*

AO AR LIVRE, NAS MARGENS DO IBICUÍ – TRAVESSIA EM PIROGA. NA OUTRA MARGEM DO IBICUÍ – ESTÂNCIA DO ALFERES ANTÔNIO FRANCISCO SOUTO – RINCÃO DA CRUZ – PEDRAS DE LIMITES – PRODUTOS DA CRIAÇÃO – PRODUTOS DA LAVOURA – O MARECHAL CHAGAS\* – CHÁCARA DE PEDRO LINO – SENTIDO DA PALAVRA CHÁCARA – FAZENDA DO SALTO. O PADRE ALEXANDRE E SUA INSOLÊNCIA – FAZENDA DO DEU-MAIRO (SIC) – COLONOS EUROPEUS – SEUS FILHOS – SITI, CHEFE DOS ÍNDIOS.

**A**O AR LIVRE, NAS MARGENS DO IBICUÍ, 9 de fevereiro, duas léguas e meia. – Hoje de manhã, bem cedinho, o alferes saiu de casa para fazer abrir no mato que cobre a margem direita do Ibicuí um caminho para a carroça. Quanto a mim, somente deixei o Rincão de Sanclón às 10 horas.

A região percorrida para chegar até aqui é ondulada e coberta de pastagens que, embora de muito boa qualidade, não valem como as dos arredores de Montevidéu. A erva muito mais densa, mas menos fina e tenra. Os lugares úmidos estão cobertos de uma gramínea atualmente florida. Continuo a encontrar muitas plantas dos campos gerais e de outras partes

---

\* O autor escreve Chayas o nome do Marechal Francisco Chagas dos Santos.

do Brasil. Cito, entre outras, uma lorantácea que colhi na encosta da serra de Paranaguá, um hyptis, que cresce junto a São João d'el-Rei, uma composta, que acredito existente nos campos da Capitania de Minas, a labiada, tão comum aqui, bem como em várias áreas do interior do Brasil. Entre as plantas em flor mais comuns, podem-se citar uma cássia, uma melastomácea e diversas sparmannia, tão comuns neste sítio como nos campos gerais.

O Ibicuí, no local onde devemos passar, recebe as águas de um outro rio chamado Ibirocaí (água de angico) ou por corrupção Verocai, cujas nascentes se acham a cerca de 20 léguas daqui, perto das do rio de Nhorenduí.

Os dois rios reunidos formam um só, não menos largo que o Sena acima de Paris. Deste lado, o terreno eleva-se bruscamente, acima das águas do Ibicuí e apresenta uma orla de mata, de arbustos e árvores pouco crescidas e raquíticas, mas copadas e densas. Do lado oposto, o rio é cercado por areias, mas além veem-se também matos. O Salgueiro nº 2.132 sexto encontra-se ainda às margens dos rios e riachos; mas é muito menos comum. Entre as árvores e arbustos que, deste lado, margeiam o Ibicuí, grande número de mirtáceas, o ingá nº 2.496 bis, o sarandi, o açoita-cavalo-branco,\* etc. Mais distante dessas árvores, crescem junto nas pastagens a vernônia e a radiada, já colhidas.

Ao chegar aqui, o alferes me disse que acabava de mandar matar uma vaca e que íamos, em seguida, comê-la. Passei, realmente, ao redor de uma grande fogueira feita pelos índios com espetos de madeira atravessados de nacos de carne, e que, cravados obliquamente sobre a terra, formavam uma abóbada acima do braseiro. O alferes tinha estendido no chão, debaixo das árvores, todo o equipamento de cavalo; sentamo-nos e nos trouxeram um espeto de costelas da vaca que acabavam de abater. O alferes separou as costelas e começamos a comê-las, servindo-nos, muito mais dos dedos que dos garfos.

Ainda esta tarde não haviam chegado as pirogas que nos devem transportar para a outra margem.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO RIO IBICUÍ, 10 de fevereiro. – Ontem à noite, as mulheres dos guaranis que deviam ajudar o transporte

---

\* Yguirocái em vez de Ibirocaí; sorta cavallos branco em vez de açoita-cavalo-branco no original.

da bagagem e da carroça chegaram aqui. Geralmente, os índios não se movem sem a companhia de suas mulheres; as de quase todas as tribos acompanham os maridos à guerra, como vi entre os botocudos. Quando o capitão Caiti me acompanhou de Salto Grande à passagem do Chapicuí, sua mulher veio com ele. Os lanceiros guaranis, que conheci em Belém, todos traziam suas esposas e, quando soldados-índios das Missões vão fazer guarda em algum lugar, é sempre em companhia de suas mulheres, embora isso seja totalmente contrário às ordens do marechal-de-campo Chagas, que comanda nas Missões.

As pirogas, que eu esperava com tanta impaciência, chegaram esta manhã; as malas e toda a bagagem foram transportadas imediatamente para a outra margem do rio. Quando as pirogas voltaram à margem esquerda, fizeram-nas passar atravessadas debaixo da carroça; dois cavalos foram amarrados pelas caudas a uma das rodas, e alguns índios conduziram a carroça, colocados na parte das pirogas que ultrapassavam a carroça, ao mesmo tempo que outros a empurravam por trás, nadando, e outros, enfim, conduziam os cavalos, igualmente a nado. Foi muito penoso fazer estes animais passar o rio; um boi e um cavalo afogaram-se na travessia. Nesta margem do rio, é preciso abrir-se uma picada na mata cerrada para se chegar aos campos, sendo infelizmente impossível fazê-la em linha reta, porque do outro lado da mata, em frente ao local para onde foi levada a carroça, há um lago intransponível. Será necessário, portanto, abrir caminho paralelamente ao rio e ao lago para, em seguida, contornar esse atalho, já indicado por um caminho pouco frequentado, feito por pessoas a pé ou a cavalo. Eu e o alferes já tínhamos começado a percorrê-lo, para ver até onde ele ia, quando começou a chover. Apressei-me a voltar à carroça, que ainda não estava carregada. Antes que se pudesse fazer qualquer coisa, as malas já estavam um pouco molhadas, mas não tanto a ponto de estragarem os objetos. O alferes me pediu licença para retirar-se, assegurando-me que o atalho não iria muito mais longe de onde estávamos, deixando-me dois índios para o prosseguir, e me prometendo enviar dois outros amanhã cedo.

Os cavalos e os bois ficaram sobre a margem, mas para que eles pudessem pastar, era preciso que fossem para o mato. José Mariano e os dois soldados começaram a tocá-los, obrigando-os a seguir pelo caminho onde se deve fazer o atalho, cortando os galhos que impediam a passagem. Ao cabo



de 3/4 de hora, escurecendo, José Mariano voltou indignado, dizendo-me que percorreu quase meia légua no mato sem conseguir sair; que os bois e os cavalos se tinham dispersado e provavelmente não fosse possível mais reencontrá-los. E ainda precisava mais de 15 dias de trabalho para abrir o atalho, pois no mato havia pântanos e barrancos que tornavam quase impossível a passagem. O relato deste homem me assustou um pouco, mas como eu sei que gosta de exagerar as dificuldades para me desencorajar, espero que não seja tudo tão mal como ele afirma. Conhecendo o detestável caráter desse homem, capaz de se zangar à mínima observação que se lhe faça, guardei o mais profundo silêncio. Como há miríades de mosquitos, noite e dia, nas margens deste rio, impedindo-me de escrever dentro da carroça, fiquei à beira do fogo, ao lado de meu aborrecido empregado.

AO AR LIVRE, NAS MARGENS DO RIO IBICUI, 11 de fevereiro. – Esta manhã, levantei-me bem cedo; o tempo muito encoberto prenunciava chuva. José Mariano me perguntou, com mau humor, se eu não queria ir ver a clareira. Eu o segui e pude verificar que não havia nada de exagerado no que me tinha relatado ontem à noite. A cada dificuldade encontrada, ele me atormentava com suas reflexões desencorajantes, às quais sempre tive a prudência de não responder.

Depois de Porto Alegre, as matas que cortamos são as mais cerradas. Em parte alguma, árvores com ramos tão grossos. Por toda parte, bambus e grandes lianas; enfim, pouco diferem das matas virgens menos vigorosas do interior do Brasil. Só depois de percorrer 3/4 de légua que saí dessa floresta realmente convencido de que seriam necessários, no mínimo, oito ou dez dias para terminar a picada.

Ao chegar às pastagens, encontrei os dois soldados. Matias me informou que os bois e os cavalos estavam perdidos e me pareceu ainda mais desanimado que José Mariano. Propôs-me conduzir as malas por via fluvial até a um lugar onde não há mata, e abrir um atalho para o transporte da carroça vazia. Essa proposta era razoável, mas não a compreendi bem. Fiz algumas objeções, mas o homem zangou-se, a ponto de dizer que eu podia fazer o que bem entendesse, que ele ia pegar seu poncho e seu saco para ir embora. Em seguida montou a cavalo e sumiu pelo mato. Fiquei desolado por ouvir aquela linguagem no único homem de minha turma, possuidor de um pouco de senso e amor ao trabalho. E imaginei,

apavorado, a situação em que me encontrarei, se realmente me abandonar. Retomei muito entristecido o caminho da mata, sempre guiado por José Mariano. A insolência de Matias o tornou mais tratável e começamos a raciocinar sobre a nossa situação.

No caminho achamos os cavalos. Encontrei Matias e lhe disse que, provavelmente, eu não o tinha compreendido bem, pedindo-lhe que me repetisse os seus planos. Aprovei-os e nos entendemos melhor um com o outro.

Ao chegar à carroça, quis ver se não haveria um meio de atravessar o lago em algum ponto e na mesma ocasião achar os bois. Entrementes, o índio que o alferes me prometera chegou. Ele era inteligente e foi, a cavalo, ver se descobria uma passagem acima do lago. Não encontrando nenhuma, voltou. Ele, Matias e toda a minha gente se reuniram para me induzir a abandonar a ideia de abrir uma picada, embarcando as malas e em seguida a carroça desmontada. Como o índio me assegurou não ser necessário desfazer a cobertura da carroça, concordei no que ele me propunha. As malas e as bagagens foram postas imediatamente dentro das pirogas e eu mesmo embarquei numa delas. Como já disse, levantamos com o tempo encoberto, e meia hora depois de embarcados começou a chover torrencialmente; as malas, é verdade, estavam cobertas por meio de couros. Porém eu receei muito que a água entrasse por baixo delas. José Mariano e os índios conduziam a piroga em que eu estava; Matias e Firmiano eram os condutores da outra. Remando contra o vento e a correnteza, eles tiveram grande dificuldade em chegar ao ponto para onde nos dirigíamos.

Apenas desembarcamos, Matias, ajudado pelos outros, apressou-se a armar uma barraca, coberta de couros, onde as malas foram colocadas sobre toras de madeira. Quando a chuva passou, revistei as malas para ver se havia alguma coisa molhada, e felizmente não havia. Fiquei perto das bagagens com Firmiano, enquanto o resto dos homens voltou na piroga em busca da carroça. Infelizmente foram obrigados a desfazer a cobertura e hoje só puderam trazer os varais e os couros que o formam, as rodas e o eixo. Estavam todos muito cansados, sobretudo Matias que vem trabalhando há dois dias e quase sempre dentro d'água. Este homem, apesar dos costumes grosseiros de sua região, é ativo, inteligente, corajoso;

tem presença de espírito e nas ocasiões difíceis acha logo a melhor solução a tomar. Incontestavelmente sem ele, não poderia ter realizado a viagem.

AO AR LIVRE, À MARGEM DO RIO IBICUI, 12 de fevereiro. – Os mosquitos foram piores ainda esta noite do que na anterior. Esta manhã, no alvorecer do dia, os meus empregados foram buscar o que restava da carroça, e voltaram logo. Refizemos a carroça, e eu talvez tivesse tempo de percorrer algumas léguas, mas preferi que o meu pessoal descansasse um pouco.

É verdade que desde o início de minhas viagens, não enfrentara ainda dias tão difíceis, quanto os de ontem e anteontem; e agora, com a carroça sem cobertura, estou receando ver minhas bagagens estragadas pela chuva. Eu e meus companheiros atribuímos ao alferes Antônio Bernardino e Silva tantas dificuldades, e por isso tanto o amaldiçoamos. Vim a saber mais tarde que poderíamos ter passado mais facilmente por muitos outros lugares. Como é que este homem, perfeito conhecedor da região, nos conduziu por lugares de acesso tão difícil, onde ele sabia perfeitamente que nunca passaram carroças? Não posso supor que tenha agido por maldade, pois o tratei com toda a deferência. Dei-lhe pequenos presentes, prometendo conceder-lhe alguns favores que me pedira. Talvez pensasse que, fazendo-me atravessar o rio por aquele local, se veria livre de mim mais depressa; talvez tenha sido apenas leviandade de sua parte, por falta de reflexão, descuido, levando-me cada vez mais a crer que este homem, apesar de branco, tem costumes semelhantes aos gaúchos desta capitania.

Tendo visto muitas plantas em flor, à margem das matas que desenham as sinuosidades do Ibicuí, eu ia encetar um longo passeio quando recebi a visita de um alferes, morador a algumas léguas daqui. Ele me fez muitas gentilezas e testemunhou-me sua solidariedade em todos os contratempos por que eu passei. Fez-me logo saber que era da Capitania de Minas; mas eu o reconheceria, mesmo que não me dissesse, pela sua animada conversação e sagacidade de seu espírito, que não era peculiar aos desta região. Esse homem, tendo se aborrecido na casa de seu pai, fugiu, correu mundo e veio, há onze anos, estabelecer-se nesta província. Aqui constituiu uma fazenda mas, não obstante ser apenas soldado, ocupou-se continuamente a serviço do Rei, tendo pouco trabalhado para si mesmo.

Os mineiros são obrigados a empreender longas viagens para vender suas mercadorias. Um pai cedo viaja acompanhado de seus filhos para habituá-los à vida das caravanas. Estes, também, bem cedo se emancipam da casa paterna. Não tardam a perceber que num país onde é tão fácil viver na ociosidade não necessitam dos pais e, ao mínimo descontentamento experimentado, deixam para sempre o lar. É por isso que todas as capitânicas do Brasil são povoadas por mineiros. Apesar da conversa muito interessante do alferes, achei que sua visita se prolongou demais, o que me impediu de herborizar e escrever este diário.

ESTÂNCIA DO ALFERES ANTÔNIO FRANCISCO SOUTO, 13 de fevereiro, quatro léguas. – Como já referi ontem, há uma grande variedade de plantas, ao longo das matas que margeiam o Ibicuí; mas à medida que se afasta delas, o número das espécies diminui. A região percorrida para chegar até aqui é quase plana e, nesta época, oferece pastagens de um verde admirável, a perder de vista. Mal nos tínhamos afastado do Ibicuí, avistamos ao longe três pequenas montanhas arredondadas, de forma mais ou menos semelhante à dos Três-Cerros, no outro lado do Uruguai. Um pouco mais longe, passamos perto de um lugar chamado Santa Maria, onde se encontrava outrora uma capela. Veem-se ainda duas pedras em forma de prisma quadrangular, uma com cerca de quatro pés de altura e a outra com perto de cinco. Sobre um dos lados de cada uma, está esculpida, com muito esmero, uma cruz acompanhada dos instrumentos da Paixão, e as duas cruzes apresentam a seguinte inscrição: *Inri 1768, en el gobierno d. Snr. Gr. D. Fº Bruno de Zavala se rreconnosieron los Linderos del Ybicui y nos dio nueva possexsion juridica.*\* Mais adiante, lê-se sobre a grande cruz: *Adinor. Jph Benites capn. comte. Mig. Yeguaca. Ten. Dn. Joaq. Guarascuye citeo 1º voto Benito Al Cotoe 2e. Conrado Arriguayu Alf. de And.º Real Raymond Niny secr.º Bartholome Hata.*

Eis aí, segundo o alferes, o que deu lugar à ereção dessas duas pedras. As pastagens que se estendem entre os rios Ibicuí e Butuí<sup>\*\*\*</sup> pertencem ao Povo de Cruz, situado em frente desse terreno, do outro lado do Uruguai. Os que formam a margem esquerda do Ibicuí dependiam, como já disse, do Yapeju. Os minuanos e os charruas, ao fazerem algumas incur-

\* No texto original: 1868, govieno, Labasa, rreconnosierod, dionue va, juridico.

\*\* *Mbutui*, na grafia do autor.

sões nas terras desta última aldeia, permitiram aos seus habitantes deixar passar seus rebanhos pelas terras do Povo da Cruz e, como em seguida surgiram dificuldades a respeito dos limites das terras onde poderiam pastar os rebanhos, fixaram-se juridicamente os limites por meio das duas pedras, das quais falei. Construiu-se aí uma capela e cada povo tinha nessa região um capataz encarregado de impedir a violação dos limites. Hoje, o rio Ibicuí banha deste lado a província portuguesa das Missões, que se compõe de sete aldeias e faz parte da Capitania do Rio Grande. Essa província se divide em diferentes distritos, e o que eu percorri hoje se chama Rincão da Cruz, porque depende, como disse, da aldeia do mesmo nome.

O Rincão da Cruz fica entre o Ibicuí e o Uruguai, o Butuí e o Itu; tem feitio quase quadrado e conta cerca de trinta estâncias. As pastagens, aí excelentes, são consideradas como as melhores de toda a província. Entretanto falta muito para que tenham a delicadeza das de Montevidéu e, se não fossem queimadas todos os anos, a terra talvez não produzisse senão uma erva rígida e espessa.

A gramínea que floresce atualmente e cobre os terrenos úmidos possui um caule duro e folhas ásperas que não seriam capazes de engordar o gado como as folhas tenras dos styres. Mas as pastagens de Montevidéu são de tal qualidade, que não servem de termo de comparação, mas, segundo eles, podem ser encontradas outras excelentes pastagens, sobretudo, quando se toma como aqui a precaução de queimá-las anualmente.

Pela primeira vez eu vi hoje um rodeio, e os animais que foram reunidos eram fortes e de boa raça. As vacas procriam aos dois anos e o seu leite é bem cremoso, servindo para o fabrico de ótimos queijos. O gado que vi no rodeio estava em repouso, cercado de peões. O lugar onde se encontrava o gado era de terra batida e sem erva, o que não é de admirar, pois é sempre no mesmo sítio que reúnem o gado. Entre os animais de uma estância, conta-se mais ou menos metade de machos e outra de fêmeas. Aqui, me disse meu hospedeiro, pode-se marcar, anualmente, um quarto de rebanho. Quando um estancieiro possui quatro mil bovinos, pode marcar anualmente mil, dos quais é preciso eliminar cem cabeças para os dizimetros. Restar-lhe-ão novecentas. Dos quatrocentos e cinquenta machos se deduzem cinquenta que morrem de moléstias naturais, ou por castração. Então o estancieiro poderá vender uns 400 bois por ano, ou um décimo

do seu rebanho normal, cálculo que difere extremamente, a menos, dos fornecidos pelos agricultores de Porto Alegre. Mas se supõe que a conta destes últimos seja errônea, pois ela também não está de acordo com a dos criadores espanhóis, possuidores de excelentes pastagens.

Se as terras desta região são boas para a criação de gado, também o são para a agricultura. O trigo, o milho, o feijão crescem aí muito bem. Em parte alguma comi melões tão gostosos como aqui. Os melões, excelentes, crescem aqui quase sem cuidado especial. Pode-se cultivar a mesma terra durante seis anos seguidos sem adubá-la nem deixá-la repousar. O alferes já experimentou várias vezes plantar o algodão, que nasce muito bem, mas as geadas matam as cápsulas antes de amadurecerem.

Há onze anos, como disse, o alferes Antônio Francisco Souto veio estabelecer-se nesta região e me informou que, desde esta época, a província tem estado em permanente decadência. Foi invadida duas vezes pelo inimigo. Havia necessidade de gente; arregimentaram os guaranis e assim os tiraram da agricultura. Ao se tornarem soldados, os índios acabaram por perder o que ainda lhes restava dos seus velhos costumes. Os jovens não aprenderam a cultivar a terra e se entregaram à mais completa ociosidade. Por outro lado, muitos que desejavam escapar ao serviço militar fugiram e se dispersaram em diferentes partes da capitania. Os casamentos começaram a rarear, as índias se prostituíram, as doenças venéreas progrediram e a população diminuiu sensivelmente.

A história reprovará ao marechal Chagas, como uma atrocidade, o incêndio de aldeias indígenas situadas à margem direita do rio Uruguai. Os templos, as casas, a biblioteca que os jesuítas tinham deixado em cada aldeia, nada foi respeitado. Será que Chagas cometeu por sua iniciativa tão horríveis excessos ou recebeu para isso ordens do Governo? Não se pode responder a essa indagação com certeza, mas é possível conjecturar-se sobre o assunto. Esse homem, oficial de engenharia, é considerado instruído e de moderação no trato, por isso parece pouco provável que tenha experimentado satisfação nas barbaridades cometidas. Não é crível que este prazer fosse tão acentuado a ponto de se arriscar a assumir essa terrível responsabilidade, perdendo o lugar e as boas graças do soberano. Bem provável tenha agido por ordem do Ministério, que imaginara esse meio horroroso para afastar para sempre os perigosos vizinhos da Província das Missões. Pelo

menos, o Ministério não reprovou a conduta de Chagas, porque o deixou no comando por muitos anos ainda ali, após o incêndio das aldeias.

Eis a lista dos comandantes que se sucederam nesta província depois que os portugueses se assenhorearam dela: Saldanha, sargento-mor do corpo de engenharia; Joaquim Félix da Fonseca, tenente-coronel do corpo de engenharia; João de Deus, capitão de dragões; Tomás da Costa, coronel; Joaquim Félix da Fonseca, pela 2ª vez; Francisco das Chagas Santos.

CHÁCARA DE PEDRO LINO, 14 de fevereiro, três léguas. — A casa do alferes é uma pobre cabana; sua família numerosa, e ontem à tarde chegaram vários vizinhos. Os homens dormiram uns fora, num galpão, outros no chão dentro de casa; as mulheres sobre camas de madeira guarnecidas de couro, e houve lugar para todos. Caiu tempestade, choveu durante parte da noite, mas, como Matias tinha arrumado cuidadosamente os couros que cobrem as malas e os gêneros, nada ficou molhado.

Depois de ter muito agradecido ao alferes e à sua família, prossegui viagem com seu filho que me serviu de guia até aqui. Continua planície de ambos os lados, mas descortinam-se imensas pastagens que nesta época são de um verde belíssimo. Encontram-se também plantas em flor, entretanto pouco numerosas. São principalmente vernônias, verbenáceas e as leguminosas nº 2.625 bis e 2.625 ter.

Paramos, para os bois descansarem, numa chácara pertencente à estância onde devemos pernoitar. Encontramos aí um grande galpão, no qual abrigamos a carroça e uma choupana onde estava um índio velho com os filhos e a mulher. Como o tempo anunciava tempestade e nossas bagagens estão bem protegidas, resolvi não ir adiante.

No galpão, uma quantidade de surrões de trigo, recolhido aqui. A ferrugem prejudicou muito a última colheita, mas o trigo que cresceu nesta propriedade não foi atingido. Os sacos e os surrões nos quais os agricultores desta capitania guardam o trigo são feitos de couros inteiros, costurados com estreitas faixas de couro. A palavra indígena chácara significa propriamente plantação. Pouco a pouco os portugueses e espanhóis ampliaram-lhe a significação, e as casas de campo mais aprazíveis nos arredores do Rio de Janeiro têm, atualmente, o nome de chácara.

FAZENDA DO SALTO, 15 de fevereiro, seis léguas. — Um terreno quase plano, de pastagens verdes a perder de vista e de um belo verde. Alguns sítios pouco pedregosos. De Montevideu a Ibicuí somente encontrei matas às margens dos rios e riachos, mas aqui começo a encontrar esses bosquetes, chamados capão. Perto, como por toda parte, ocupam as terras baixas e os lugares úmidos e abrigados. O seu verde já não mostra as tonalidades alegres e suaves dos bosques de Montevideu, nem são sombrios como os capões dos campos gerais, mas a sua folhagem já apresenta o verde escuro característico de vegetação das matas da zona tórrida.

Parei um instante na fazenda do proprietário da chácara onde passei a última noite, e aí pedi um vaqueano para me conduzir até a estância de um padre, em cuja casa pretendia pernoitar. Antes de chegar a essa fazenda, vi imensa quantidade de bois e vacas que pastavam no campo, atestando bem a opulência do proprietário. De longe, as construções da estância parecem também muito mais importantes que as das outras que tenho visto até agora. Ao chegar, observei que todas essas construções eram apenas choupanas malconservadas, porém em número considerável. Perguntei pelo padre Alexandre, e apareceu um homem pequeno de uns 55 anos, barrigudo, cabelos brancos, cabeça compacta, fisionomia pálida e alongada, denunciando dureza e orgulho. Pedi-lhe, com a máxima cortesia possível, permissão para pernoitar em sua casa; mas ele me recusou bruscamente, alegando não ter espaço suficiente, pois ele próprio muitas vezes dormia ao ar livre; portanto, eu poderia fazer o mesmo. Insisti, dando-me a conhecer, mas foi inútil. Cada vez me respondia com a maior insolência. Acompanhava suas palavras com uma ironia tão insultante, que acabou por esgotar-me a paciência. Deixei de rodeios e tratei-o simplesmente por *padre e você*, e para irritar-lhe o orgulho, critiquei acerbadamente sua falta de hospitalidade e caridade; e montei a cavalo, depois de lhe dizer os nomes mais aviltantes. Matias ficou para trás e escutou o padre me fazer grandes ameaças e ele respondeu ao sacerdote muito friamente que, se necessário, saberíamos lhe provar que não estava tratando com poltrões.

Convém salientar que os dois únicos homens que me recusaram hospitalidade durante minhas longas viagens foram um materialista e um padre, mas com a diferença de que fui bem recebido pelo materialista,



quando este soube quem eu era, enquanto o padre se manteve irreductível. A reprovação que acabo de fazer não deve causar surpresa; um mau sacerdote é o pior de todos os ímpios, pois faz do sacrilégio um hábito cotidiano. Seria talvez injusto julgar o padre Alexandre por apenas um ato, mas eu já sabia, pelo alferes, que esse homem fazia o tráfico dos sacramentos e que, tendo a permissão de batizar em sua fazenda, não os fazia por menos de oito mil-réis; entretanto foi cura de São Borja por muito tempo; eis aí os homens que se enviam às Missões para substituir os jesuítas!

Ao sair da casa do padre Alexandre, perguntei ao meu guia se não havia alguma estância nas vizinhanças, e ele me respondeu que a encontraríamos a uma légua de lá, e eu lhe pedi que nos levasse até ela. No caminho, este meu guia me confessou que não era o único a ser assim tratado pelo padre Alexandre; quando algum viajante lhe pedia algo para comer, ele o mandava colher pêssegos, fruto tão abundante na região, mas que se constitui em verdadeiro insulto quando não se oferece outra coisa. Meu guia acrescentou, entretanto, que o padre Alexandre teria sem dúvida me recebido melhor, caso eu não tivesse faltado a uma formalidade essencial. Perguntei-lhe qual era. “Você entrou no quintal; deveria ter ficado fora, solicitado a alguém a vinda do padre Alexandre, e o saudado com profundo respeito e não ter entrado em sua propriedade, senão com a sua permissão.”

De resto, fizeram-me aqui uma recepção que compensou a péssima acolhida do padre. Essa estância, outrora muito rica em gado, perdeu muito com a invasão inimiga e, como todas as da região, esgotou-se pelas constantes requisições feitas pelas tropas que combateram nesta província.

Perto da estância corre um rio que os portugueses chamam arroio do Salto, e os índios Itaroró (pedra que ronca) porque aí se forma uma pequena cascata, que cai do alto de um rochedo. Ele é rodeado de árvores cerdas de um verde muito sombrio, entre as quais notei muitas mirtáceas. A rubiácea nº 2.623 e a de nº 2.639 são igualmente muito comuns.

FAZENDA DO DEUMEIRO,\* 16 de fevereiro, três léguas. — Após ter atravessado desertos, é sumamente agradável percorrer uma região onde

---

\* O autor nomeia a fazenda inicialmente Deumairo.

alguns sinais de trabalho e de indústria anunciam a presença do homem. Experimento tal prazer sempre mais, à medida que me afasto do Ibicuí. Conheci ainda hoje o local de um rodeio. Animais mansos pastam aqui e acolá na campanha. Passamos a pouca distância de uma estância e aquela onde paramos distava três léguas da fazenda do Salto. A região continua sempre muito plana e coberta de pastagens, onde se espalham capões.

Ainda hoje fui tão bem recebido quanto ontem. À minha chegada, ofereceram-me mate; em seguida, almoçamos carne assada e frutas; enfim, às 5 horas fizemos um lauto jantar e aí nos serviram muitos pratos de carne, feijão, arroz, abóbora, pêsegos, melões, figos e melancias. Não faltou o vinho e havia à mesa pão, biscoitos e farinha de mandioca. O arroz tinha sido colhido na região, bem como o trigo com o qual tinham sido feitos o pão e os biscoitos.

Meu hospedeiro se queixa da ferrugem, mas me disse que no último ano, uma espécie de trigo chamado trigo-manco, introduzido recentemente na região, não era atacado pela ferrugem, embora fosse plantado num terreno onde se achava o trigo comum, que foi praticamente todo destruído por essa doença. Meu hospedeiro é europeu, embora esteja aqui desde sua infância, prefere a agricultura à pecuária. A vida pastoril, na verdadeira acepção da palavra, é o primeiro estágio da civilização, quando a região é ainda pouco habitada. Assim que a população aumenta e as terras se dividem, é necessário dedicar-se à agricultura. Esta exige maiores conhecimentos que a criação de animais, levando, por isso mesmo, o homem ao aperfeiçoamento. As magníficas pastagens que cobrem a Capitania do Rio Grande e de Montevideu convidavam naturalmente os primeiros povoadores à criação de gado, mas concorreram para um retrocesso, obrigando-os a deixar os costumes da vida agrícola pelos da vida pastoril, e esta volta à barbárie acentuou-se muito mais nos espanhóis que chegam a se confundir com os índios.

O europeu que chega a esta região, tendo aprendido um ofício ou tendo sido criado em ambiente agrícola, despreza de certo modo as maneiras grosseiras desses homens que, não exercitando muito sua inteligência, levam uma vida bem semelhante da dos selvagens. O que logo lhes apaixona são os cavalos e o gado; imitam tudo o que veem e, não querendo ficar em situação de inferioridade diante de seus vizinhos, aprendem

a montar tão bem quanto os que lhes ensinam, elogiando tanto a arte de montar, que pensam não existirem outras habilidades. Aliás, a infância sempre achará um prazer imenso no sentimento de sua superioridade. Esse prazer é experimentado quando a criança se torna dona de um cavalo que concorre em um rodeio, ou ela ajuda a matar um boi e retalhá-lo. Um pai europeu não deixa, realmente, de falar aos seus familiares que deixou na Europa, exaltando-lhes os valores e demonstrando desprezo pela América. Mas seus filhos, não sendo europeus e sim americanos, irritam-se com o desdém dos pais, por se sentirem humilhados; daí esse ódio frequente aos pais, no testemunho mesmo de Azara, a respeito dos filhos nascidos na América de pais europeus.

Além desses numerosos índios que atravessaram o Uruguai em Salto e em Quaraim para se porem sob a proteção dos portugueses, passando a uma milha de São Borja, guiados por um mestiço chamado Siti, ao qual dão o título de coronel. Eis aí o que o meu hospedeiro me contou a respeito desse Siti.\*

Nasceu numa aldeia das Missões, situada entre o Uruguai e o Paraná. Entretanto serviu nas tropas do Rio Grande, desertando em seguida e refugiando-se para cá. Filiou-se primeiro ao partido de Artigas, mas, cansado de uma guerra que não podia levar a nenhum resultado, abandonou seu chefe com a intenção de restabelecer as aldeias das Missões, que tinham sido destruídas; um dia ele reuniu sua tropa e disse aos seus índios que, caso algum deles preferisse ir com Artigas, poderia retirar-se livremente. Alguns homens saíram de suas fileiras, mas ele lhes disse não ser justo levarem as armas a um inimigo, e que, portanto, deviam deixar ali as respectivas armas. Eles as deixaram e, quando já estavam bem distantes, Siti cercou-os e os massacrou a todos. Depois submeteu-se a Ramírez, com a condição de poder restabelecer as aldeias índias de Entre-Rios, destruídas pelos portugueses e não ser obrigado a pegar em armas, durante dez anos.

Ramírez esqueceu-se logo do tratado que tinha feito e, tomando a resolução de guerrear aos paraguaios, quis obrigar Siti a tomar parte no combate. Este apelou para sua lealdade, mas Ramírez o atacou e bateu-o. Siti pediu asilo ao marechal Chagas, que lhe permitiu refugiar-se em terras

---

\* Francisco Xavier Siti.

portuguesas. O coronel apressou-se então em chegar ao Uruguai, mas foi aí perseguido pelo seu inimigo, e as tropas de Corrientes atiravam ainda sobre os índios, quando atravessavam o rio; mas o marechal que lhes enviara barcos para facilitar a passagem mandou dizer aos de Corrientes que, se não cessassem fogo, seriam atacados por seus soldados. Então as tropas de Ramírez se retiraram. Os índios acabaram por passar o Uruguai livremente. O marechal apossou-se das armas em nome do Rei, mas deixou Siti estabelecer-se em uma das aldeias das Missões, dispersando seus homens pela província; eles foram empregados como peões nas estâncias, e cem deles foram admitidos no regimento de guaranis-portugueses.

Os brancos revoltaram-se com razão contra essa última medida; eles dizem não ser possível contar com homens que, durante muito tempo, guerrearam os portugueses, acostumados ao banditismo e absolutamente contrários à boa-fé. Acrescentam que, instruídos pelos portugueses no aprendizado das armas e no conhecimento da região, se tornariam perigosos inimigos. O governo português, recebendo estes homens em suas terras, tem certamente o direito de tomar medidas acauteladoras, começando por distanciá-los das fronteiras, para que não venham algum dia causar problemas.

O conde de Figueira tivera a ideia de lançar os fundamentos de uma aldeia indígena em Torres, enviando para ali alguns prisioneiros feitos em Taquarembó. Não será a melhor oportunidade, parece-me, para fazer passar também aqueles que desde algum tempo atravessaram o Uruguai, ou ao menos parte deles. A região não é totalmente diferente das deles que não possam facilmente nela se acostumar. Sem esperança de poder retornar para os seus, tornar-se-ão fatalmente portugueses e tratarão de cultivar as terras desse distrito, e o viajante que vai de Laguna a Porto Alegre encontrará em seu caminho recursos atualmente inexistentes.

Segundo me asseguraram, não foi somente depois que os portugueses se tornaram senhores desta província que os brancos se estabeleceram nas terras dos índios. Onde hoje se encontram estâncias portuguesas, havia antigamente outras habitadas por espanhóis. Estes se retiraram à aproximação dos portugueses, e os homens dessa naturalidade pediram e obtiveram dos comandantes permissão para se fixarem nas terras abandonadas.

.....

## Capítulo XVI

MARGENS DO RIO BUTUÍ\* – ESTÂNCIA DE SÃO DONATO DO MARECHAL CHAGAS – ESTÂNCIA DE BUTUÍ, MARGEM DIREITA DO RIO BUTUÍ – AS PELOTAS, BARCOS DE COURO CRU – SÃO BORJA – IGREJA – NOTÁVEL PARTIDO QUE OS JESUÍTAS SABEM TIRAR DA IMBECILIDADE DOS ÍNDIOS – MÚSICA – DECADÊNCIA DAS MISSÕES DEPOIS QUE ABANDONARAM O SISTEMA DOS JESUÍTAS – MISTURA COM BRANCOS – DOENÇAS – DESPOVOAMENTO – RETORNO À BARBÁRIE – CARÁTER INFANTIL DOS GUARANIS – OPINIÃO DO CORONEL PAULETTE – DESCRIÇÃO DA ALDEIA – ESTÂNCIA DE SANTOS REIS\* – ANTIGA PLANTAÇÃO DE MATE – REGIMENTO DOS GUARANIS. SUAS MULHERES. BICHARIA. RUÍNA DA REGIÃO POR CAUSA DAS REQUISIÇÕES MILITARES – OBSERVAÇÕES RECOLHIDAS POR MEIO DO CURA DE SÃO BORJA – RAMÍREZ.

**M**MARGENS DO RIO BUTUÍ, 17 de fevereiro, seis léguas. – Como fizesse um magnífico luar, partimos pela madrugada, a fim de proporcionarmos o descanso dos bois na estância de São Donato, pertencente ao marechal Chagas.\*\* Sempre planície, a relva não é tão fina nem tenra quanto a dos arredores de Montevidéu, mas apresenta-se abundante e de um belo verde. Antes de chegar a São Donato, passamos diante de um bosque

---

\* No texto *Mbutui* e *Santo-Rei*.

\*\* Por defeito de paginação do texto original, este parágrafo saiu no final do capítulo XV.

maior do que o comum dos capões, onde vi árvores majestosas. As cores da vegetação já haviam começado a mudar, um pouco aquém do rio Negro; mas foi sobretudo após entrar nas Missões que achei notável diferença. O verde das matas é escuro, o das pastagens, sem dúvida magnífico, mas não é tão vivo quanto o dos campos do rio da Prata.

À exceção da verbena nº 2.646 quarto e da marsilácea nº 2.652, comum aos pântanos, e que é talvez o quadrifólio, não encontro atualmente nenhuma pertencente à flora da Europa. A vegetação, se ainda não é dos trópicos, pelo menos dela se aproxima infinitamente. Depois de Ibicuí, não encontrei o salgueiro nº 2.132 sexto.

Primeiramente, minha intenção era passar a noite na estância, mas a isto renunciei, vendo-a infestada de baratas, insetos de que, há muito, não ouvia falar. Fui muito bem recebido pelo capataz que me ofereceu pêssegos, figos, melancias. De todas as regiões percorridas durante a época das frutas, desde que estou na América, não vi nenhuma onde os frutos da Europa vingassem tão bem. Os figos, igualmente bons como em Minas. As melancias, as melhores que já comi. Os melões sem nenhuma rugosidade, e muito doces. Não se dispensa cuidado algum aos pessegueiros, no entanto se curvam ao peso de seus frutos; são inegavelmente superiores aos nossos *pêchers de vigne*.\*

A estância do marechal abrange cinco léguas de terra, com seis mil cabeças de gado, duzentos cavalos, no valor de oitenta e oito mil cruzados. O marechal jamais contribuiu para os fornecimentos de carne às tropas e vendia anualmente quinhentos bois ao preço equivalente a *demi double pièce*, correspondente a uma renda de duzentos e cinquenta *doubles*.\*\* Precisa, para o serviço da estância, de um capataz a uma *double* por mês, e dez peões a oito patacas, perfazendo trinta e seis *doubles*. Deduzindo-se esta soma de duzentos e cinquenta, restam duzentos e vinte e quatro, renda líquida da fazenda, o que representa juros de 8% no caso de ter custado a estância oitenta e oito mil cruzados, o que não é verossímil.

\* No Brasil, tal variedade de pêssego se chama *salta-carço*.

\*\* *Double*: antiga moeda francesa valendo 48 francos, à época.

Após haver deixado a estância do marechal, encontrei ainda excelentes pastagens, com numeroso gado que, sem dúvida, pertence a essa fazenda. Em seguida, passamos pelos charcos, onde fomos atacados por mosquitos, retornando afinal ao rio Butuí (rio dos moscardos). Esse rio corre entre duas orlas de bosques, cheias de cipós e bambus, onde se veem árvores gigantescas que, no conjunto, diferem pouco das florestas virgens.

No sítio em que paramos, o Butuí não tem largura superior à do Essone diante de Pithiviers; geralmente vadeável, mas as últimas chuvas ocasionaram tal cheia, não permitindo atravessá-lo a vau. Amanhã enfretaremos, portanto, novas dificuldades. Hoje passamos os cavalos e os bois, tendo Joaquim, o índio, ido dormir do outro lado do rio.

ESTÂNCIA DO BUTUÍ, À MARGEM DIREITA DO RIO BUTUÍ, 18 de fevereiro. – De pouca extensão, o curso do rio Butuí, afluente do Uruguai. Não se poderia ter dado a este rio nome mais apropriado, pois, em nenhuma das regiões percorridas, tenho visto número tão considerável de moscardos (Butuí não significa mosquitos, mas sim moscardos, contudo, quando cortamos esse rio, não vimos moscardo algum).

Ontem à noite, pus-me no meio da fumaça, para escrever este diário; mesmo assim, eles me picaram e durante a noite, não nos deixaram quietos. Ao nascer do dia, começamos a descarregar a carroça, e minhas bagagens passaram para uma piroga improvisada, tão em uso na Capitania de Montevidéu e de Rio Grande, onde não há ponte.

A pelota, nome dado a estas pirogas, é simplesmente um couro cru ligado nas quatro pontas e que, desse modo, forma um barco que se pode confundir, pela aparência, com as sacolas de papel onde se põem biscoitos. Enche-se a pelota de objetos, ata-se nela uma corda ou tira de couro; um homem, a nado, prende a corda entre os dentes e faz passar assim a piroga. Para facilitar o trabalho, meus homens estenderam uma corda de um lado a outro do rio, com a intenção de ajudá-los na travessia a nado. Eu mesmo atravessei o rio sentado numa pelota e cheguei felizmente à outra margem, bem como as minhas bagagens e a carroça. Matias, José Mariano e Firmiano ajudaram, alternadamente, a pelota a passar.

Como estavam fatigados, não pretendi ir mais longe e parei na segunda estância do marechal. Aí não encontramos carne. Fomos obrigados a cozinhar feijão, que só ficou pronto pelas cinco horas; e causou-me

admiração a paciência com que todos suportaram a fome após haver trabalhado tanto. Ausentes, o capataz e os peões dessa estância e não há aqui senão um doente e algumas índias, por sinal muito atraentes. Elas vieram se sentar à margem do rio, durante o transporte das bagagens e, apesar de meus empregados estarem nus e lhes dizerem, às vezes, gracejos indecentes, elas somente se retiraram após verem minhas bagagens em terra. Pouco tempo depois voltaram ao rio; entraram na água sem tomar nenhum cuidado em ocultar sua própria nudez. Ensaboaram os cabelos, trançaram-nos e, de volta à estância, vestiram roupas limpas. Tudo demonstrava nelas o desejo ardente de serem conquistadas. Não fazem outra coisa, além de andar à toa e dormir. À tarde dançaram com meus empregados e não foi difícil adivinhar de que modo o dia acabou.

A castidade, que nos faz resistir aos mais violentos desejos, é de todas as virtudes aquela que mais exige a ideia obsessiva do futuro gravada em nossa alma. Como, pois, poderiam as índias serem castas, se para elas o amanhã quase não existe?

SÃO BORJA, 19 de fevereiro, quatro léguas. – Firmiano\* garante o meu engano a respeito de nossas hospedeiras, que José Mariano e Neves as haviam perseguido durante uma parte da noite, encontrando nelas a mais bela resistência. Custa a acreditar nisso e, se for verdade, não sei como posso explicá-la.

Durante algum tempo atravessamos ótimas pastagens e alcançamos, em seguida, um riacho denominado Passovai (vau ruim), que causou dificuldade para a carroça passar. Perto dali, algumas cabanas de índios. Geralmente nessas habitações veem-se redes, onde, quase sempre, está uma mulher deitada com indolência.

Como os bois estavam extremamente fatigados pelo calor excessivo, foram desatrelados; tomei a dianteira com Matias, deixando os outros empregados sob o abrigo dos pessegueiros, já inteiramente sem frutos. Já observei várias vezes ser muito raro os brasileiros esperarem que os frutos amadureçam para comê-los. Isto vem ainda demonstrar que são incapazes de menor sacrifício para o futuro.

Após deixar minha carroça, entrei logo num lodaçal de quase uma légua de comprimento, onde meu cavalo atolou profundamente; daí

---

\* No texto, por engano, lê-se Mariano.



já avistamos a igreja de São Borja e, só um quarto de légua, aquém do lodaçal, chegamos à aldeia. Às primeiras casas por onde passamos são simples cabanas, esparsas aqui e acolá, perto das quais não se nota plantação. O que me impressionou, ao entrar na aldeia, foi, por um lado, o estado de decadência e abandono a que está reduzida e, de outra parte, o aspecto militar sob o qual ela se apresenta. Veem-se aí apenas soldados e fuzis; a cada passo encontramos sentinelas e, diante da casa do comandante, outrora residência dos jesuítas, estão alinhados vários canhões.

Fui apresentar meu passaporte ao comandante, o senhor coronel Paulette, antigo oficial da marinha, que foi por longo tempo ajudante de campo do senhor Sampaio, então governador do Ceará, hoje capitão-geral da Capitania de Goiás. Na viagem que o conde de Figueira empreendeu às Missões, para expulsar os espanhóis, notou no marechal Chagas muita fraqueza e apatia e, descontente com sua administração, pediu que o substituísse pelo senhor Paulette, reconhecido por sua capacidade. Infelizmente, por estar aqui há pouco tempo, não pôde, ainda, conhecer a região; por isso não devo esperar dele muitos ensinamentos. Pareceu-me frio. Contudo me recebeu muito bem; reservou-me um quarto perto do que ocupou no antigo convento dos jesuítas; ordenou levar meus bois e meus cavalos para uma estância da vizinhança; convidou-me a fazer refeições em sua companhia; prometeu-me mandar fazer um eixo e cobertura para minha carroça, além de fornecer carne à minha gente.

Troquei, há poucos dias, vários de meus bois, fatigados, por outros mais novos, porém ainda não domesticados. Desatrelada a carroça, um deles ficou furioso e se precipitou para o pátio do antigo convento; perseguiu-me, mas, no momento em que ia atingir-me, refugiei-me num pequeno quarto, que se achava aberto, e assim escapei ao seu furor.

Ao cair da tarde, entrei na igreja, e a grandiosidade dessa construção, meio destruída, me fez experimentar um profundo sentimento de surpresa e respeito.

SÃO BORJA, 20 de fevereiro. – Começarei estas anotações pela descrição da igreja de São Borja. Para nela entrar, sobem-se três degraus de pedra e passa-se por um vasto pórtico, sustentado por quatro filas de colunas de madeira, de ordem dórica, colocadas duas a duas sobre o mesmo pedestal. Esse pórtico limita com três portas pintadas e esculpidas, das quais

a maior corresponde à nave principal e as outras duas, às naves laterais; entre as portas veem-se nas paredes colossais estátuas de santos, pintadas de forma grosseira. A igreja é construída de alvenaria; mas por não se achar até o presente pedra de cal na região, substituíram a cal pela terra batida. Por baixo dos muros empregam reboco, composto de areia, barro e esterco de vaca que, asseguraram-me, não se desmanchou jamais pelas chuvas mais incessantes e copiosas. Não há campanário nem torre que o substitua; os sinos estão colocados no pátio do antigo convento, sob um telheiro quadrado, onde vão tocá-los; a eles se chega por uma escadinha de madeira.

O interior da igreja está pavimentado de ladrilhos muito irregulares; a abóbada é alta, mas de madeira, porque a falta de cal não permite construí-la de pedras. Conteí cento e dezesseis passos da porta principal ao altar-mor, e quarenta e três de uma parede à outra. A nave principal é separada das laterais por oito arcadas sustentadas por colunas de madeira de ordem jônica, dispostas duas a duas sobre o mesmo pedestal. Não há coro, e os altares apenas três, um que integra a nave principal e os outros, as laterais. As imagens dos santos que adornam o altar-mor são muito mal esculpidas, mas o altar é guarnecido de ornamentos extremamente dourados, que se elevam até a abóbada.

Sob uma das arcadas mais próximas do altar-mor, uma tribuna isolada e de forma oval, destinada aos músicos. De cada lado da igreja, uma sacristia, estando a da esquerda repleta de restos de uma porção de estátuas de santos, de todos os tamanhos, pintados e em madeira. Vi uma, cujos braços eram móveis; pareceu-me representar Pilatos ou Judas e estava, provavelmente, destinada a figurar em um desses autos piedosos, com que os jesuítas divertiam os índios.

A igreja que acabo de descrever é mantida ainda com limpeza, mas há longo tempo nela não se faz nenhum reparo. A falta de cal tinha, como disse, forçado os jesuítas a construir de madeira a abóbada e as colunas; delas se destacam continuamente pedaços e em breve esse templo cairá em ruínas.

A gente não pode deixar de se surpreender quando imagina que todas as aldeias das Missões e as moradias nelas construídas são obras de um povo selvagem, orientado pelos religiosos. Era preciso que os padres conhecessem todos os ofícios e tivessem paciência de ensiná-los aos índios

e, como estes são incapazes de conceber um plano, pois desconhecem a noção de futuro, era necessário que dirigissem a execução de cada peça em particular e que todas fossem postas no seu devido lugar.

Ontem à tarde, após o sinal de recolher, a banda do regimento dos guaranis veio ao pátio do convento e, na presença do coronel, executou a marcha da corporação com gosto e precisão extremas.

Esta manhã estava eu na missa e, enquanto o padre a celebrava, as crianças entoaram alguns cânticos em português, com vozes muito agradáveis e afinadas. Os jesuítas, como os antigos legisladores, se serviam da música para suavizar os costumes dos guaranis e para cativá-los.

Tal expediente lhes deu bons resultados, porque essa gente demonstra pela arte musical grandes pendores. Como os índios não ouviam o som dos instrumentos, pelos quais eram apaixonados, senão nas cerimônias religiosas, logo adotaram a música como parte essencial do culto divino. Ela lhes fez amar as cerimônias religiosas, tornando-os cristãos tanto quanto podiam ser. Após a expulsão dos jesuítas, o gosto pelos instrumentos persistiu entre os guaranis, por assim dizer sem mestres; continuaram a aprender música que talvez tenha contribuído tanto para fazê-los soldados, como outrora cristãos.

SÃO BORJA, 21 de fevereiro. – O senhor Paulette, com o qual conversei muito, conhece bem o caráter dos índios. Sem dúvida, uma grande vantagem para governá-los, mas não é tudo: será preciso achar meios que, no estado atual das coisas, estejam afinados com esse caráter. Entre os comandantes que precederam o senhor Paulette, vários eram homens instruídos, de vistas largas e excelentes intenções; no entanto, depois que os portugueses se assenhorearam da Província das Missões, ela se empobrece mais a cada ano, e sua população diminui de maneira espantosa. Quando da expulsão dos jesuítas, a população de todas as aldeias era estimada em oito mil almas.

Durante os oito primeiros anos, os espanhóis seguiram exatamente o plano traçado pelos padres da Companhia de Jesus, e o número de índios das Missões aumentou em vez de diminuir; mas cedo, como só se enviassem, para governar as Missões, protegidos dos vice-reis de Buenos Aires, dos quais se queria assegurar a fortuna, entrou em decadência. Desfizeram-se do sistema dos jesuítas; os índios foram explorados de todas as maneiras; dispersaram-se; o casamento lhes era mais recomendado como

um santo dever; os brancos se misturaram com eles, apoderaram-se de suas terras e lhes assimilaram os vícios e doenças destruidores.

Quando os portugueses se tornaram senhores das sete aldeias da margem esquerda do Uruguai, aí encontraram apenas quatorze mil almas. Então os índios já não eram os mesmos; tinham perdido quase inteiramente os hábitos de origem jesuítica; haviam regredido à barbárie e, talvez, nada se possa fazer para impedir sua decadência, atualmente acelerada pela guerra. Presentemente, contam mais de quatorze mil almas nas Missões portuguesas.

Todos os habitantes das aldeias de Entre-Rios passaram, como disse, para o lado do Uruguai; calculam seu número em torno de sete mil e, por conseguinte, a população inteira da região, conhecida sob o nome de Missões do Paraguai, está reduzida ao décimo do que era no tempo dos jesuítas.

Como remediar, nas circunstâncias atuais, tantos males? Confesso que não vejo nenhum meio. A civilização não foi feita para índios, pois está inteiramente fundada na ideia do futuro, que lhes é absolutamente estranha. Cercados de homens civilizados, não podem retornar à vida completamente selvagem. Até serem assimilados pelos brancos, continuarão a viver num estado pior que a vida selvagem, uma vez que perderam a inocência, característica dos seus antepassados, quando viviam em plena floresta; não possuindo qualidades necessárias à vida em sociedade, são forçados a nela permanecer. Os guaranis podem apenas ser comparados às crianças de nossa raça; mas a criança inspira interesse, porque se tornará homem um dia. O índio, ao contrário, que, na idade da razão, conserva a ingenuidade da criança, só provocará desprezo permitindo aproveitarem-se de sua fraqueza para oprimi-lo. É verdade que, mesmo no estado atual, ele quase não desfruta conforto. Podendo partilhar com uma companheira sua choupana malconstruída e pior cuidada, possuindo alguns farrapos, vendo um pedaço de carne suspenso ao seu teto, tendo sua cuia cheia de mate, será mais feliz que o mais rico e poderoso branco, rodeado de bajuladores e atraído pelas seduções. Contudo, esse mínimo conforto é suficiente para prendê-lo a uma sociedade, que tende a destruí-lo; pois, para poder matar sua fome, é preciso que ele trabalhe, que se submeta e se deixe oprimir.

“Sabemos”, me dizia o senhor Paulette, “como a Província das Missões era florescente, sob a direção dos jesuítas e que só prosperou sob a orientação destes; se, pois, quisermos esperar bons resultados, devemos imitá-los tanto quanto as circunstâncias o permitam. Mas não é bem assim. O sistema deles formava um conjunto do qual não se podem conservar algumas partes suprimindo-se outras. Era apoiado sobre bases que já não existem e, por conseguinte, ruiu para sempre. Essas bases eram as poucas ideias que os índios tinham do que se passava no resto do mundo; sua separação de todos os brancos que não pertencessem à Companhia de Jesus, e enfim a profunda veneração que tinham por estes padres, olhados como seres de uma espécie superior, enviados por Deus, com a missão de governá-los.

“Sob os jesuítas, os índios viviam em comunidade, mas não se pode crer que trabalhassem para usufruir um dia. Trabalhavam porque tal era a vontade dos padres. Os interesses desses últimos se confundiam com os dos guaranis; portanto, deviam procurar torná-los felizes. O espírito de providência dos jesuítas supria, por sua vez, o que a natureza recusava aos índios. Eles eram para os selvagens o que um pai é para os filhos, uma segunda Providência ou, para melhor dizer, a tribo guarani formava um corpo do qual os jesuítas eram a alma.

“Se os guaranis pertencessem a uma tribo que devotasse entusiasmo pela virtude, o regime de comunidade seria talvez admissível, mas onde encontrar entre os portugueses homens que, por assim dizer, desinteressadamente, venham conviver com um povo semibárbaro, em região distante das cidades, onde nada se compra senão a peso de ouro? A pessoa encarregada de administrar os índios somente o fará com intenção de se enriquecer às custas deles, como vem quase sempre acontecendo até agora, e os índios trabalharão com má vontade, porque sentirão que não é para si que trabalham; sabem muito bem que os estancieiros só os recebem em suas casas como peões; e que aí encontrarão sempre carne abundante, além de ganhar algum salário. Como não preferirem este serviço, que lhes proporciona tanto repouso, a um trabalho regular, repetido diariamente, sob a vigilância de um feitor que deve castigá-los, ao faltarem a um dever que se lhes impõe?

“Hoje sabem eles que o mundo não se limita às suas aldeias; se contrariados, nada os impede de fugir; um grande número deles já se

dispersou no interior da capitania e, pouco a pouco, outros seguirão este exemplo.

“À medida que os índios saírem das Missões, os brancos aí se introduzirão mais; as raças se confundirão; mestiços sem princípios, sem amor ao trabalho, acabarão por tomar o lugar dos brancos e dos índios; mas os primeiros serão, em parte, renovados pela chegada de europeus, de paulistas, de mineiros e, após uma ou duas gerações, já não existirão guaranis. Se se deixasse aos índios a mesma liberdade usufruída pelos homens brancos, eles não se dispersariam menos, mas evitar-se-ia o ato de constrangê-los.”

SÃO FRANCISCO DE BORJA, conhecida geralmente pelo nome de São Borja, 22 de fevereiro. — Esta aldeia está situada sobre uma ligeira elevação, em sítio entrecortado de pastagens e de bosquetes. A uma légua ao norte, encontra-se o Uruguai, que corre majestosamente entre duas orlas de bosques cerrados, densos, pouco diferentes das florestas virgens.

Estendem-se ao sul e, cerca de um quarto de aldeia, como disse, vastos pântanos; a região é, em geral, úmida e oferece por toda a parte poços de água mais ou menos profundos. As pastagens dos arredores de São Borja são de qualidade inferior. Como acontece ordinariamente em terrenos pantanosos, nuvens de mosquitos enchem o ar e, principalmente quando se passeia nas margens do Uruguai, é impossível parar-se um instante sem ser logo coberto por eles. Um dia em que resolvi herborizar próximo ao rio, fui bastante incomodado pelos mosquitos e, quando voltava, enxames desses nocivos insetos me acompanharam até a aldeia. Devo ressaltar, de passagem, que os mosquitos da América, dos quais existem numerosas espécies, raramente fazem empolar a pele como os da Europa; suas picadas são muito fortes, mas, se forem seguidas de coceiras, não terão grande duração.

Não havendo nos arredores de São Borja fontes nem riachos, utilizam a água dos lodaçais, de gosto insípido e adocicado. Se os jesuítas preferiram este lugar a tantos outros mais agradáveis, por exemplo, os belos campos do rincão da Cruz, foi talvez porque já encontraram os índios estabelecidos nesta região; ou, também, pela presença de bosques, ou ainda porque julgaram que este lugar, confinado entre o Uruguai e os lodaçais, seria privilegiado para defesa à infiltração dos brancos.

A igreja, cuja descrição já fiz, está voltada para o norte; defronte ao Uruguai. Com o antigo convento dos jesuítas, vizinho, forma um dos lados de uma praça quadrada, medindo perto de duzentos passos em todos os sentidos. As construções do convento contornam, com a igreja, um pátio gramado, quadrangular, e que pode ter setenta e seis passos do lado oposto da igreja e sessenta e oito da porta à clausura dos padres. O convento, construído em três lances, tem apenas um pavimento; as paredes são grossas e construídas como as da igreja; o telhado é coberto de telhas-vãs, alongando-se para fora dos muros; forma uma varanda de seis passos de largura, sustentada por colunas de madeira. O telhado da igreja, igualmente alongado, continua esta varanda ao lado leste. Ao tempo dos jesuítas, não havia nenhuma construção à direita e à esquerda da porta; somente a varanda se projetava, circundando, assim, todo o pátio; mas no tempo dos espanhóis, levantaram uma parede, fechando o espaço entre a igreja e a porta do convento, fazendo-se aí pequenos cubículos que prejudicam a harmonia do conjunto. O convento está dividido por paredes transversais com grandes peças ladrilhadas: a única distribuição.

O comandante ocupa os apartamentos que antigamente eram destinados ao provincial quando de suas visitas; hospedaram-me nos quartos mais próximos à igreja, outrora reservados aos padres.

No mesmo alinhamento do convento existem outras edificações que cercam também um pátio retangular. Ao fundo desse pátio estão construções diante das quais se destaca uma galeria. Os outros lados são simplesmente formados por ampla galeria sustentada por três fileiras de postes. Esse pátio e as construções que o circundam têm o nome de curralão. Era aí que trabalhavam, no tempo dos jesuítas, os operários de diferentes ofícios e onde hoje trabalham, por conta do Rei, os poucos artífices que ainda restam. Cada um dos três lados da praça, da qual já falei, são constituídos por dois corpos de construções, separados um do outro a intervalos. Cada construção é coberta de telhas que, prolongada para as bandas da praça e do lado oposto, formam duas largas galerias, sustentadas por pilares de pedra. Estas construções, divididas por paredes, compõem outras tantas casas, habitadas pelos índios, ao tempo dos jesuítas. Tais casas se constituem por peça bem alta, quase quadrada e em torno de vinte palmos, em todos os sentidos; não possuem janelas, mas duas portas, uma

delas abrindo para a galeria da frente, e outra para a dos fundos. Não dispõem de comunicação interior; mas, por meio das galerias, passava-se de uma a outra casa, sem temer chuva ou sol.

Nos quatro ângulos da praça, havia outrora capelas. De três delas fizeram lojas e, da última, um hospital militar, muito mal instalado por falta de verbas. Do lado norte existiam antigamente duas filas de construções absolutamente semelhantes às que acabo de descrever, e essas que se estendem paralelamente à praça, formavam várias ruas transversais, cortadas por uma via longitudinal. Esta ficava de frente à igreja e era prolongada por uma ala de laranjeiras, existente ainda. Das construções paralelas à praça, hoje só existem duas, onde sediaram o quartel do regimento dos guaranis, após haverem fechado a galeria dos fundos.

As casas que contornam a praça não são mais ocupadas pelos índios, mas por brancos que delas pagam o aluguel, sendo algumas usadas como lojas. Vários inquilinos abriram janelas nas casas e, para ampliá-las, fecharam a galeria dos fundos. Para cem famílias brancas, apenas uma família indígena, em São Borja, e este lugar só pode ser considerado atualmente uma praça de guerra. Encontram-se aí a residência do comandante da província, onde está acantonado o regimento dos guaranis, e a casa do coronel do regimento de milícias, do qual há sempre um destacamento na aldeia.

O reduzido número de índios que, de fato, ainda pertencem a São Borja mora atualmente em miseráveis cabanas, esparsas nas proximidades da aldeia. Outras choupanas, habitadas pelas mulheres dos militares, apresentam igualmente a pior indigência. A maior parte dessas péssimas moradias é construída de palha. Uma rede, alguns jiraus, uma cafeteira de cobre, alguns potes compõem todo o mobiliário e, em apenas duas ou três, se haviam plantado alguns pés de milho.

ESTÂNCIA DE SANTOS REIS, 1º de março, duas léguas e meia. – Enquanto permaneci em São Borja, o senhor coronel Paulette me ofereceu os serviços que dependiam dele e me cumulou de gentilezas. Aproveitei o tempo para consertar minha carroça, preparando as malas: uma de pássaros e outra de plantas. De São Paulo para cá, venho tendo a precaução de calafetar, com uma mistura de cera e resina, todas as juntas das caixas que



vão ficando cheias e de cobrir os pacotes de plantas com um tecido encedrado que eu mesmo preparei.

Após as refeições, mantinha longas conversas com o senhor Paulette, homem sensato, inteligente e de sentimentos nobres. Tive assim um prazer de que estava privado há muito tempo: o de poder comunicar minhas ideias a um homem capaz de ouvir-me e de satisfazer-me o espírito, enquanto, por sua vez, me transmite suas ideias.

O senhor Paulette pretende estabelecer um correio entre as Missões e Porto Alegre. A primeira mala partiu durante minha estada em São Borja e aproveitei para escrever ao senhor De Jussieu uma longa carta, na qual lhe relatei o envenenamento de que fui vítima, perto do riacho de Guarapuitã.

Enquanto fiquei em São Borja, o calor foi sempre insuportável. Nem eu nem minha gente podíamos dar um passo sem ter nossas camisas molhadas e, sem sair do lugar, estávamos sempre suados. Segundo o testemunho dos moradores daqui, inclusive o do padre, o mês de fevereiro é regularmente o mais quente do ano; no inverno, faz tanto frio a ponto de nevar. O vento norte traz chuvas, o do sudoeste, tempestades e às vezes granizo, enquanto o bom tempo é, de regra, acompanhado do vento leste.

A cana-de-açúcar e os cafeeiros, devido às geadas, não podem vingar em São Borja, mas outrora se plantou aí algodão com sucesso. Parece que os jesuítas fizeram na aldeia plantações de mate, que atualmente não existem. As laranjeiras dão, pelo que me dizem, bons frutos. As melancias, os pêssegos, as maçãs e os melões são excelentes, mesmo não se lhes dispensando o menor cuidado.

Devia ter partido ontem, mas, como tinha ainda algumas providências a tomar, fui obrigado a ficar mais um dia. Durante a noite trovejou e, apesar do tempo instável, me pus a caminho pelas dez horas. Tencionava atravessar o rio de Camapuã e ir pernoitar mais longe; porém mal tinha andado uma légua, os trovões começaram a ecoar e logo desabou um temporal. Viemos nos refugiar nesta estância, um pouco afastada do caminho, mas ao menos encontramos um abrigo. O proprietário, administrador de São Nicolau, está ausente; fui recebido por um negro muito gentil. Encontrei ainda aqui uma família de índios refugiados. Esses infelizes se dispersaram por toda a região e encontram poucos meios de sobreviver.

O negro do administrador me disse que as terras deste distrito são muito boas para culturas, mas lembrou, como tantos outros, que a ferrugem faz muito mal ao trigo. O administrador renunciou a ter animais, porque os índios de São Borja vinham roubá-los.

A região percorrida para vir de São Borja até aqui é apenas ondulada e mostra pastagens onde se veem espalhados tufo de capim de um verde escuro. A erva se torna melhor à medida que se distancia de São Borja.

Enquanto caminhávamos, senti um forte odor de limão. Perguntei a um peão, que o coronel me dera para me acompanhar, o que produzia esse cheiro; e fiquei sabendo que era devido a uma gramínea, nº 2.682, muito comum na região, chamada *capim-limão*.<sup>1\*</sup> Mandeí arrancar alguns pés e mastiguei-lhes as folhas, achando-as de sabor muito ácido. Disseram-me que os animais comiam essa erva, excelente para engordar, mas que comunicava à carne gosto desagradável.

Na minha descrição de São Borja, esqueci-me de dizer que o convento possuía um grande pomar cercado de muros. Veem-se ainda laranjeiras e pessegueiros, porém, no mais, está inteiramente sem cultivo.

ESTÂNCIA DE SANTOS REIS, 2 de março. – Faz doze anos, começou-se a formar o regimento dos guaranis, composto hoje de quinhentos e tantos homens considerados somente soldados. Excetuados o coronel e o major, todos os oficiais são guaranis. A princípio, houve dificuldade para reunir esses índios e submetê-los à disciplina; mas logo a música militar os seduziu, tornando-se os exercícios e as manobras para eles uma espécie de divertimento. Naturalmente inclinados à submissão, acostumaram-se facilmente a obedecer a seus chefes, e os longos intervalos de repouso que lhes deixam seus deveres, favorecendo-lhes a preguiça, acabaram por fazê-los soldados. A guerra, oferecendo-lhes ocasião de praticarem a pilhagem, contribuiu ainda para lhes dar gosto pela vida militar, demonstrando que era talvez aquela que mais lhes convinha.

O que os torna talhados à vida militar é a espécie de resignação com que suportam a fome, as fadigas e as intempéries das estações. Eles se distinguiram em diversas circunstâncias. Portugal lhes deve grande parte

---

1 Echites guaranítica (Aug. de S.H.)

\* Gênero de arbustos apocíneos.

dos sucessos obtidos na batalha de Taquarembó. Reconheceu que eram bem aproveitados nas manobras de artilharia, mas nada sabendo combinar, foi necessário misturá-los com os brancos, para lhes seguir os exemplos. Os soldados guaranis têm muito boa aparência e manobram com precisão.

Geralmente mais sensíveis que os homens de nossa raça às modulações da música, indicam o compasso, quando marcham, por uma cadência bem marcada. Em armas se parecem singularmente aos cossacos regulares, e o conde de Figueira, admirado por essa semelhança, melhorou-a ainda dando-lhes uniforme azul com golas vermelhas, mais ou menos talhados do feitio dos cossacos. Os guaranis apresentam, contudo, traços menos grosseiros e membros menos carnudos que os soldados do Don.

Seu soldo é o mesmo dos milicianos em serviço, ou seja, três vinténs e meio por dia. Mas os pagamentos estão sempre atrasados; dão-lhes uniformes e por única ração, quatro libras de carne por dia. Quase todos são casados, têm suas mulheres em São Borja. Elas habitam as choupanas esparsas nos arredores da aldeia, de que já falei. Essas mulheres e seus filhos vivem da ração dos maridos, o que vale dizer: na pior indigência. A maior parte está coberta de parasitos. Como os hotentotes, elas acham extremo prazer em trincar seus piolhos e pulgas, quando se lhes reprova esse hábito, respondem ser impossível que Deus tenha criado esses animais unicamente para fazerem mal. Quando se passa diante de suas choupanas, veem-se quase sempre acoradas em torno do fogo. Porém é preciso convir que seria injusto acusá-las unicamente.

Outrora, os habitantes das aldeias cultivavam o algodão; as mulheres o batiam, fiavam e dele faziam tecidos; mas, nas três invasões que os espanhóis fizeram nas Missões, destruíram tudo o que havia escapado à rapacidade dos administradores; os homens mais indicados de cultivar a terra são atualmente soldados; vivem longe de suas aldeias e suas mulheres estão realmente privadas de trabalhar, porque lhes faltam os meios. Durante dois dias, empreguei duas índias em bater algodão e fiquei bastante satisfeito com a qualidade e a presteza com que trabalham.

Atualmente, como a região usufrui os benefícios da paz, é possível que não se continue a manter em armas toda a juventude da região. Dar-se-á, sucessivamente, baixa aos soldados para irem cultivar a terra e manter suas famílias. É extremamente necessário diminuir o aspec-

to militar desta província, se não quiserem destruí-la toda. A mocidade guarani está em armas; não se cultivam as terras das aldeias; os jovens, hoje estranhos aos trabalhos de campo, já não aprendem ofício algum. Os brancos, sempre empregados no serviço militar, não podem pensar em substituí-los.

Tiram-se-lhes os animais para a alimentação das tropas; assegura-se, geralmente, que o produto anual de todas as vacas da província não é suficiente para as rações que se distribuem, e os fornecimentos de carne nunca são pagos.

O que torna esse encargo mais penoso ainda é que são excluídos os estancieiros mais ricos, sob o pretexto de recompensá-los dos serviços prestados ao estado. O alto custo de todas as mercadorias contribui para arruinar os agricultores, pois, enquanto lhes carregam o produto de seus campos, são obrigados a pagar suas roupas e seus confortos, de que necessitam, a preços exorbitantes. As mercadorias mais baratas custam mais 100% que em Porto Alegre e há algumas cujas diferenças se elevam a 200\* e 300%.

Os guaranis são de estatura média; têm a pele bronzeada, cabelos pretos e muito finos; e geralmente feios. Os traços e a estrutura de seus corpos apresentam, em geral, as características da raça americana; mas o que me parece distingui-los particularmente como tribo é o comprimento do nariz e a suavidade de suas fisionomias. As mulheres têm o rosto extremamente achatado. As rugas da velhice são mais pronunciadas que em nossa raça.

Conversei bastante sobre esses índios com o padre de São Borja, que viveu no meio deles, durante muitos anos; e vou relatar aqui o que ele me disse, combinando com minhas observações e as de outras pessoas dignas de fé.

Os guaranis, como todos os índios, não têm nenhuma ideia do futuro; aprendem com facilidade o que se lhes ensina, mas não criam nem compõem nada. De índole dócil, obedecem sem dificuldade, mas seu caráter não tem nenhuma fixidez; vivendo só do presente, não podem ser fiéis à palavra empenhada; não possuem nenhuma elevação de alma; são estranhos a qualquer sentimento generoso; ainda mais do de honra; não

---

\* No texto original lê-se 2, visível engano.

têm ambição, cobiça ou amor-próprio. Se, algumas vezes economizam, é sempre por muito pouco tempo. Um guarani, por exemplo, consegue comprar, por suas economias, uma roupa que pode abrigá-lo, durante longo tempo, das intempéries; mas logo depois a trocará por uma vaca, da qual nada restará ao fim de poucos dias.

Outrora, ensinava-se a ler e a escrever em todas as aldeias, mas essas lições cessaram há muito tempo. Porém, acaba de ser criado lugar de mestre-escola para todas as vilas reunidas; mas como não se quer pagar mais de 100\$000 réis (625 francos) parece que não se encontrará ninguém capaz de ocupar o lugar por esse preço e, realmente, a quantia é muito módica para uma região onde o alqueire da farinha custa 40\$000 réis e tanto, e tudo o mais nessa mesma proporção.

O padre de São Borja ministra aulas particulares a meia dúzia de crianças, mas as outras ficam abandonadas a si mesmas e a seus pais. O que prova quanto cuidado os jesuítas tinham para com os índios, o respeito que lhes inspiravam pela doutrina cristã e como sabiam fazê-la necessária, pois se encontra ainda grande número de guaranis que sabem e ensinam a seus filhos o catecismo, em língua vulgar, e as orações que os padres da Companhia de Jesus tinham composto. É fácil, no entanto, sentir-se que tal instrução não vai além da memória, nada podendo influir sobre os costumes.

Os guaranis não têm nenhuma superstição particular, mas seu respeito pelas imagens vai quase à idolatria. De caráter dócil, estranhos ao ódio, à vingança, ao amor, ao dinheiro e à glória, cometem, realmente, muito menos pecados do que nós. Quando se vão confessar, só se acusam sobre o preceito do sexto mandamento e, quando terminar a confissão, é inútil que o padre os interrogue, porque responderão negativamente a todas as perguntas que se lhes podem fazer. Cometem furtos sempre que têm ocasião, mas disso nunca se acusam, admitindo que Deus deve ter criado os bens deste mundo para todos os homens e, quando uma casa é furtada, dizem que ela fugiu.

Como os jesuítas os haviam persuadido de que uma das faltas mais graves que elas poderiam cometer era a de se entregarem aos brancos, as mulheres se creem muito mais culpadas quando mantêm relações com um homem de nossa raça do que com um negro e, sobretudo, com um ín-

dio e, quando se confessam, nunca deixam de dizer ao padre a raça daquele com quem intimamente conviveram.

As crianças mostram vivacidade; é mais frequente vê-las saltar, correr, rir e brincar que as crianças brasileiras; mas, à medida que crescem, tornam-se sérias, indolentes, apáticas. Têm pouca afeição uns pelos outros. As mães choram às vezes a perda de seus filhos, mas os maridos não choram as mulheres, nem as mulheres aos maridos. Os filhos veem, impassíveis, os pais exalarem o último suspiro e têm como dever levá-los ao cemitério e cavar-lhes a sepultura.

A puberdade das meninas se dá muito cedo e prostituem-se em tenra idade. Os homens cobrem cuidadosamente os órgãos sexuais. As mulheres, ao contrário, não têm nenhum pudor e numerosas vezes, as vi banham-se inteiramente nuas diante dos homens. As casadas seguem os maridos por toda parte, no entanto, são pouco fiéis. Os maridos, por seu lado, veem com a maior indiferença suas mulheres se entregarem a estranhos e, frequentemente, eles mesmos as prostituem. Quando uma índia concebe um filho de um branco, o marido lhe dá sempre preferência sobre seus próprios filhos.

A insensibilidade física dos guaranis vai talvez ainda mais longe que sua insensibilidade moral. Sofrem sem proferir uma queixa. Os doentes têm uma extrema aversão aos remédios, e seus parentes só os fazem tomar quando pedem. Se alguém lhes reprovar seu relaxamento a esse respeito, respondem que, de qualquer maneira, acontecerá o que Deus ordenou.

O senhor Paulette testemunhou um fato que comprova a indiferença com que esses índios suportam a dor; um jovem peão, ocupado em fazer o rodeio, caiu do cavalo e foi arrastado durante alguns instantes; como o estribo, no qual seu pé estava preso, era de metal, um de seus dedos foi inteiramente decepado e os outros, cortados profundamente; o menino, apesar disso, não proferiu uma palavra sequer; tornou a montar e não parou até o rodeio acabar.

Embora vivam há anos, no meio dos homens civilizados, os guaranis guardam ainda muitos hábitos da vida selvagem. Mesmo aqueles que usam vestuários sentem-se à vontade andando sem camisa, com um simples calção; gostam de ficar acorados em torno do fogo e preferem suas choupanas baixas e estreitas, mal arejadas e construídas no meio do mato, às nossas. Os jesuítas não ignoravam, sem dúvida, que lhes contrariavam

o gosto, quando lhes davam casas cobertas de telhas, encostadas umas às outras e escurecidas por largas galerias; mas nisso, eles procuravam muito menos agradar os índios do que tornar seu controle mais fácil.

Durante todo o dia, o tempo se conservou muito bom, mas permaneci aqui porque me disseram que, logo após as chuvas, as margens do Icabacu (ou Camaquã) ficavam extremamente perigosas e que não saberia onde pôr minhas malas, se fosse necessário descarregá-las.

Aqui, muitas dessas famílias índias atravessaram o Uruguai para fugir à crueldade de Ramírez. Esses infelizes dispersaram-se por toda esta região e vivem na pior indigência. Os que estão aqui não têm ocupação alguma e apenas comem abóbora e feijão cozidos, sem sal e sem gordura. Os índios de Entre-Rios viram queimar-lhes as casas, perderam tudo o que possuíam; não têm nenhuma esperança de recuperar os prejuízos, morrem de fome, estão ao relento e, no entanto, não ouvi de nenhum deles uma só queixa. Entre os brancos, isso seria uma falta de coragem, um ato heroico de resignação; entre os índios não passa de uma prova a mais de sua apatia; entre estes homens, alguns já cometeram crimes depois que estão entre os portugueses, o que não se deve estranhar; há muitos anos não fazem outra coisa, além da pilhagem e todas as crueldades de uma guerra interna.

Não somente os índios se refugiaram entre os portugueses; enquanto estive em São Borja, vinham, todos os dias, homens brancos de Corrientes, de São Roque e de outras aldeias de Entre-Rios se apresentar ao coronel Paulette e lhe pedir permissão para procurar refúgio nas estâncias portuguesas. Todos contam que, no momento, Ramírez faz um considerável recrutamento de homens. Casados ou não, ele arregimenta indistintamente todos aqueles que possam ser colocados em armas; mas ninguém sabe positivamente quais seus projetos. Uns pensam que vai atacar Buenos Aires; outros que tem a intenção de fazer guerra aos paraguaios; há, enfim, quem imagine que é contra os brasileiros a sua investida. Quaisquer que sejam seus projetos, não se pode ver hoje, em suas ações, senão o desespero de um tirano insensato que, vendo aproximar-se o fim de seus crimes, arrisca tudo, antes de sucumbir e quer ter o bárbaro consolo de arrastar na queda todas as vítimas de seu arbítrio.

Além disso, os homens de Entre-Rios que vi em São Borja são notáveis por sua avantajada estatura, pele muito alva, tamanho e beleza dos olhos; mas, por outro lado, eu e o coronel ficamos admirados do ar audacioso e determinado que todos possuem. Sua roupa é a mesma dos habitantes dos campos de Montevideú e acaba por dar-lhe a aparência de nossos bandidos de melodramas; trazem os cabelos trançados e um lenço em torno da cabeça; um outro lenço, amarrado frouxamente, lhes serve de gravata; como arma portam uma grande faca à cintura. Com calças brancas e de franjas, usam um chiripá, seguidamente riscado de vermelho; geralmente não vestem paletó, e as mangas da camisa estão arregaçadas como as dos nossos açougueiros.



.....

## Capítulo XVII

ESTÂNCIA DO SILVA – ESTÂNCIA DO SOUSA – AVENTURA DE UM MILICIANO, DE UMA ÍNDIA E DE UM PRISIONEIRO NEGRO – FEALDADE DAS ÍNDIAS; PAIXÃO QUE ELAS INSPIRAM AOS BRANCOS – BONITA PAISAGEM – ESTÂNCIA DE SÃO JOSÉ – PROPRIEDADES DO MARECHAL CHAGAS – ESCÂNDALO DESSAS AQUISIÇÕES – ESTÂNCIA DE ITAROQUÉM – RUÍNAS DAS VELHAS ESTÂNCIAS DOS JESUÍTAS – CHÁCARA DE CHICO PENTEADO – OS MOSCARDOS – SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS ESTÂNCIA E CHÁCARA – NOTAS AGRÍCOLAS – CHÁCARA DE SANTA MARIA – PASSAGEM DE PIRATINI – ADMINISTRAÇÃO DE SÃO BORJA – ALDEIA DE SÃO NICOLAU – DESCRIÇÃO – RUÍNAS – AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ARROIO DE CAOTCHOBAÍ – AO AR LIVRE, A MEIO QUARTO DE LÉGUA DE SÃO LUÍS.

*E*STÂNCIA DO SILVA, 3 de março, uma légua e meia. – Com o tempo ontem muito bom, e o termômetro indicando ainda 25° às 4 horas da tarde, pus-me a caminho, bem convencido de que não mais encontraria lama nas margens do rio Camaquã<sup>1</sup>, e não me enganei nas minhas previsões. Chega-se a esse rio atravessando uma légua da região quase plana e ainda semeada de tufo de capim.

O Camaquã, afluente do Uruguai, pode ter, na direção onde se costuma passá-lo, quase a largura do braço dos Montées diante da solidão de Plissay e corre entre duas orlas de árvores fechadas e espessas, de um verde tão escuro quanto o das matas virgens do interior.

---

1 Nos mapas *Camacua* e *Icabacuã*.

Um destacamento de guaranis, acantonado à margem do rio, se encarrega de transportar, de uma margem à outra, as pessoas que precisarem. Esses homens construíram à beira da água algumas palhoças onde vivem com suas mulheres. Quando chegamos, estavam inteiramente nuas, ocupadas em lavar as roupas sobre rochedos avançados do rio: não se incomodaram com nossa presença, continuando tranquilamente seu trabalho durante todo o tempo em que fazíamos passar as bagagens e a carroça. Esta foi transportada por duas pirogas, colocadas transversalmente e conduzidas a vara.

Após termos ficado quase uma hora do outro lado do rio, para deixar secar as correias da carroça, pusemo-nos novamente em marcha; havíamos feito cerca de meia légua para chegarmos à estância de um capitão de milícia. Enviei Matias à frente e, apesar de o dono da casa estar ausente, fui muito bem recebido. Ofereceram-me almoço e jantar, mataram uma vaca, distribuindo aos meus empregados carne a valer e ainda me prepararam um leito. A dona da casa me mandou uma cesta de maçãs bem maduras, as melhores que comi desde que deixei a França, mas ela não apareceu e recusou a Laruotte permissão para secar papel na cozinha. Tudo leva a crer que essa mulher não seja da região pois, durante todo o tempo em que percorri a Capitania de Rio Grande, não me lembro de ter entrado em uma só casa em que as mulheres se escondessem.

Da Estância do Silva, avista-se uma região imensa, ligeiramente ondulada e coberta de pastagens entremeadas de bosques. O campo não mostra aqui o alegre verdor que tanto admirei entre Montevideu e Rio Negro; as pastagens são de um verde seco, e reencontram-se nas folhagens das árvores as cores escuras das florestas virgens. A paisagem é infinitamente mais variada que a das cercanias do rio da Prata. Lá é preciso encontrar-se um rio para se perceberem algumas árvores; aqui, moitas de bosques de diferentes formas estão esparsas no meio das pastagens, e o campo se assemelha a um vasto jardim. Todas as estâncias onde me detive, depois de Ibicuí, são cercadas, e é fácil concluir que não estamos mais entre os espanhóis.

ESTÂNCIA DO SOUSA, 4 de março, 3 léguas. – Ontem à tarde, quando eu estava na estância do Silva, um miliciano e um soldado guarani vieram aí prender um negro de Entre-Rios que praticara vários roubos na região. Os homens vinham de São Borja e tinham sido enviados por seu

oficial expressamente para detê-lo. O miliciano trazia consigo sua mulher, uma índia. Querendo passar a noite com ela, resolveu amarrar o negro com os braços em cruz sobre uma canga, indo em seguida dormir; o guarani fez o mesmo e, essa manhã, quando os dois se levantaram, o prisioneiro tinha fugido. Não teria eu relatado esse fato, bastante insignificante em si mesmo, se não fosse a circunstância de o soldado, encarregado de capturar um ladrão, se fazer acompanhar de sua mulher. Se esse homem branco, natural de Santa Catarina, não tivesse emigrado para aqui, nunca teria adotado esse costume de se fazer acompanhar pela mulher, em diligência como essa; mas, convivendo com os índios, acabou adotando tal hábito. Mostrei, em outra ocasião, que a promiscuidade entre brancos e índios resulta, principalmente entre espanhóis, em criar costumes mistos, que fizeram os primeiros caminhar para a barbárie. Os índios, porém, ganharam pouco misturando-se indistintamente entre os brancos, e estes muito perderam em contato com os índios.

Assim, a precaução que tomavam os jesuítas de distanciar os espanhóis dos guaranis era, como já observei, vantajosa às duas raças. Durante longo tempo houve, nas Missões, soldados de Santa Catarina, que procederam com valor e muito contribuíram para afastar os gaúchos quando estes apareciam. Depois da batalha de Taquarembó, esses homens foram repatriados, mas ao mesmo tempo permitiu-se aos que desejassem alistarem-se nas milícias das Missões para voltar novamente à província. Quase todos haviam arranjado amásias entre as índias; alguns se casaram com elas e as levaram com os filhos que delas haviam tido; outros abandonaram suas amantes e seus filhos; enfim, deles ficou uma centena pelo único motivo, dizem, de não poderem separar-se de suas índias, que eles não poderiam decentemente apresentar às suas famílias.

As índias são feias, tolas, sem nenhuma graça; têm riso ingênuo, andar ignóbil; não se afeiçoam ao amante; são em tudo muito inferiores às negras; no entanto, uma multidão de homens brancos se apaixona por elas. Essa falta de gosto só pode explicar-se pela estupidez dessas mulheres, tornando-as estranhas a qualquer reflexão; a toda ideia presa ao futuro; levando-as a proceder como animais, entregando-se inteiramente à volúpia. Por isso, aumentam a paixão do homem rude, que delas só procura o prazer carnal.

Até aqui, a região não difere da que atravesssei ontem e anteontem; parei numa estância cujo proprietário estava ausente. Instalei-me sob um galpão alto onde sopra um ar fresco, apesar do forte calor de hoje. Encontrei um jovem espanhol, que serve de criado ao dono da casa. Disse-me que nasceu perto de Montevideú, tendo sido forçado, há cerca de oito anos, a seguir Artigas. Desde essa época, tem estado sempre em Entre-Rios e, ultimamente, havia sido colocado na guarda particular de Ramírez; mas ele resolveu fugir, vindo refugiar-se entre os portugueses. Relatou-me que os habitantes de Entre-Rios são como eu os descrevi, mas acrescenta que não possuem nenhuma coragem, nem afeição pelos chefes; poucos se casam por não serem homens de princípio nem honra, além de extremamente inclinados ao homicídio. Diga-se de passagem que já ouvira outras pessoas lhes fazerem semelhantes censuras.

Nisso chegou o dono da casa. Pareceu-me um homem decidido e, após examinar minha portaria, não fez a mínima restrição em me emprestar seus bois.

Hoje, como ontem, o calor tem sido insuportável; mesmo sem nos mexermos, estamos todos banhados de suor, e minha gente passou o dia a dormir; no entanto ontem, às 4 horas, o termômetro indicava só 25°; hoje, à mesma hora, registrava 25,5° e durante todo o tempo que estive em São Borja, não ultrapassou essa marca. Como explicar que eu e minha gente tenhamos sido incomodados tanto por esse calor, enquanto, antes de chegarmos às Missões, suportamos muitas vezes temperatura igual a 29°, durante quatro horas?

À tarde, quando o ar se foi tornando mais ameno, saí a herborizar acompanhado de um indiozinho que trouxe de São Borja. A pouca distância da casa de meu hospedeiro, entrei num pequeno capão. Uma trilha me conduziu a um riacho de apenas dois ou três pés de largura, mas de uma limpidez extrema. Espesso bosque de árvores e de arbustos me impediu de seguir-lhe o curso; mas, na direção onde ele começa a aparecer, forma uma pequena cascata coberta de musgos e de diversas espécies de plantas. As árvores maiores, entrelaçando suas ramagens, tornam este lugar impenetrável aos raios solares e aí se reencontra toda a frescura e majestade das florestas virgens. Grandes cipós se balançam entre os galhos das árvores e vêm tocar a superfície das águas; por toda parte massas escuras de vege-

tais, sendo impossível distinguir o que pertence a cada espécie; parasitas se comprimem sobre o tronco das árvores, e as ervas que crescem a seus pés são de um verde inalterável.

Assim, pois, esta província oferece ao mesmo tempo todas as belezas das regiões descampadas e das zonas de matas virgens. Os jesuítas se decidiram provavelmente a se estabelecer aqui apenas porque aí encontraram índios dóceis e dispostos a obedecer-lhes às ordens; mas se a escolha fosse ditada pelo lugar, não teriam encontrado melhor.

As terras compreendidas entre o Ibicuí, o Uruguai e Camaquã são próprias à criação de gado. As que se estendem entre Camaquã e os limites da Província, do lado da serra, não oferecem mais tão boas pastagens; mas em compensação, elas se revelam excelentes para a agricultura e podem produzir com igual abundância trigo, milho, arroz e algodão. Escolhendo-se lugares abrigados e de muito boas terras, pode-se mesmo cultivar a cana-de-açúcar nas partes mais quentes da província. Consta que os jesuítas se dedicavam a esta cultura para agradar aos índios, muito gulosos por coisas doces e, em nossos dias, o marechal Chagas também recolheu uma quantidade suficiente de cana-de-açúcar para obter melado e uma pipa de aguardente.

Já disse que restava apenas em São Borja um reduzido número de índios descendentes daqueles que, outrora, compunham a população dessa aldeia; mas, ao mesmo tempo, acrescentei que toda a juventude das Missões se concentrava na aldeia, onde ela forma um regimento de mais ou menos quinhentos homens, na maioria casados ou amasiados. Em 1820, realizaram-se em São Borja duzentos batizados, dos quais cento e quarenta e um de índios e, do começo de janeiro até fins de fevereiro de 1821, já foram feitos trinta e sete batizados, sendo trinta e seis de índios.

ESTÂNCIA DE SÃO JOSÉ, cinco léguas. – Região ondulada, agradavelmente cortada de pastagens e de tufo de capim. Ao meio-dia, parei numa estância onde, sem que eu pedisse, trocaram-me os bois, trazidos da estância do Sousa, por outros novos. Serviram-nos jantar e não aceitaram retribuição alguma.

O homem que me recebeu é europeu. Durante a refeição, ele derivou a conversa para os negócios do Governo, e censurou-lhe os abusos. Os brasileiros, de classe inferior, se resignam a tudo com admirável paciência, mas ainda não vi um português que não se queixasse. Essa diferença

se mantém, sem dúvida, devido ao espírito que distingue os europeus dos americanos. Os primeiros com espírito inquieto, atormentados pela ideia do futuro; os outros, apáticos, pensam pouco e recebem tudo resignadamente; está claro que não falo aqui dos homens educados; entre estes, há luta contra a influência do exemplo e a do clima e, sem destruir inteiramente neles o caráter americano, o temperamento apático se modificou bastante.

Parei numa estância que dependia da Aldeia de Santo Tomás, situada na outra margem do rio Uruguai e pertencente ao marechal Chagas. Como em todas as estâncias construídas pelos jesuítas, havia antigamente aqui uma capela, hoje abandonada e semidestruída, estando as construções da estância em ruínas. Antes da entrada dos gaúchos em São Nicolau (25 de abril de 1819), o marechal possuía, em São José, um grande número de bovinos; como ele nunca havia contribuído para o fornecimento das tropas, os milicianos que passaram por suas terras, indo em defesa da Aldeia de São Nicolau, aproveitaram a ocasião para se vingar, matando-lhe muitos animais. Querendo salvar aqueles que restaram, o oficial os fez atravessar o Camaquã, enviando-os a São Donato, e desde esta época as terras de São José ficaram inúteis.

Já passei por três estâncias que pertencem ao marechal Chagas e, entre chácaras e estâncias, ele possui oito na Província das Missões. Avalia-se em 24 léguas a extensão de terreno que podem ocupar. Todas essas terras foram compradas mas a preços muito baixos e, a se acreditar na voz do povo, foi o medo que, por mais de uma vez, obrigou os proprietários a vendê-las. Mas, admitindo-se que tal meio coercitivo não tenha jamais sido empregado, é preciso ainda convir que é escandaloso um comandante de província tornar-se, durante seu governo, possuidor de tamanha extensão de terras, ao passo que deixava seus administrados em total abandono. É escandaloso que o mais abastado proprietário da região, por ser comandante, não tivesse dado sequer uma vaca para a alimentação das tropas, enquanto arrancava dos pobres todo o lucro de suas terras. Escandaloso, ainda, que seus empregados não contribuíssem para o serviço militar, enquanto pais de família, os mais úteis, eram arrancados por anos inteiros do convívio de seus lares, do cultivo de suas terras e criação de seu gado. Em governo algum deveria ser permitido ao administrador se tornar proprie-

tário na região por ele administrada; mas tal norma deveria ser obedecida, sobretudo em se tratando de um governo militar como o da Capitania de Rio Grande, onde um comandante superior pode exercer, para se enriquecer ilicitamente, uma autoridade despótica.

ESTÂNCIA DE ITAROQUÉM, 6 de março, quatro léguas. — Região um pouco desigual e sempre cortada de pastagens e de matas. Em São Borja, a terra era de um vermelho escuro; aqui tem ela coloração negra; alguns lugares são pedregosos e a erva aí quase rasa.

Paramos numa estância pertencente aos índios de São Nicolau. Ao tempo dos jesuítas, todas as aldeias das Missões possuíam estâncias onde se criava gado; seguidamente elas estavam muito distantes da aldeia da qual dependiam, como, por exemplo, Pai Sandu de Yapeju. Várias aldeias da margem direita do Uruguai tinham, como as da margem esquerda, estâncias que, há muito tempo, se tornaram propriedades de agricultores portugueses. Os comandantes não cuidaram mais daquelas aldeias pertencentes a Portugal; eles as doaram ou as deixaram perder o gado que possuíam.

Não há mais estâncias em Santo Ângelo;\* o conde de Figueira deu ultimamente a um de seus ajudantes de campo uma estância que pertencia à aldeia de São Luís. São Borja possui ainda a de São Gabriel, mas está sem gado; São Lourenço, a de Tupanciretã (Povo de Nossa Senhora), sem gado também; enfim, Conceição, que pertence a São João, está igualmente sem animais.

A única estância que conserva alguma importância é a de São Vicente, onde se contam quatorze mil bovinos, pertencentes a São Miguel. Os animais de Itaroquém desapareceram quando os gaúchos entraram em São Nicolau. O marechal Chagas remeteu para aqui alguns deles e atualmente monta a um milhar o número de bovinos. As construções dessa estância são consideráveis; a capela, sobretudo, é muito grande. Existem aqui índios e brancos que fazem parte daqueles que atravessaram ultimamente o Uruguai; à noite, põem-se a dançar com as índias, enquanto um deles toca violão e canta, segundo o costume, com voz lamentável.

---

\* O Autor escreve S. Anjo.

CHÁCARA DE CHICO PENTEADO, 7 de março, cinco léguas. – Como meus bois estivessem extremamente fatigados, mandei pedir outros numa estância vizinha de Itaroquém, onde me emprestaram oito juntas, sem mesmo examinar minha portaria. Eles nos eram bem necessários pois, embora tenha chovido ontem e hoje, o calor continua excessivo e, logo que começa a se fazer sentir, os bois, os cavalos, e nós mesmos somos cobertos de moscardos de quatro espécies diferentes. Em parte alguma do Brasil vi tão grande quantidade desses insetos. Quando eu ficava alguns instantes sem enxotá-los, não havia mais nenhum lugar na cabeça e no pescoço de meu cavalo que não ficasse repleto deles. Estando a cavalo, incomodavam-me pouco, mas, ao parar alguns instantes para colher plantas, vinham logo pousar sobre meu rosto e minhas mãos, picando-me mesmo através das roupas.

A região que hoje percorremos ainda é mais desigual que aquela atravessada por nós ontem, e os tufos de capim aí são mais numerosos. Depois de São Borja, as pastagens se mostram sempre de um verde muito bonito e salpicadas de numerosas flores. Nos sítios úmidos, a erva cresce seguidamente da gramínea nº 2.698, da *hyptis* nº 2.656 bis e a composta nº 2.716. Nos lugares secos, são as compostas que, depois das gramíneas, apresentam maior número de espécies e de indivíduos. A charrua nº 2.671 bis, outras espécies do mesmo gênero, as vernônias e a nº 2.671 podem ser contadas entre as compostas mais comuns neste sítio. Não encontrei aí nenhuma melastomácea. As cássias igualmente muito raras.

Parei numa chácara habitada por um paulista. Como já disse, uma estância é uma propriedade onde pode haver algumas terras cultivadas, mas onde se ocupam sobretudo da criação do gado. A chácara tem área menor e nela só cuidam de agricultura.

Meu hospedeiro elogiou muito as terras desta região, que acredita nunca se esgotarem, produzindo em abundância trigo, milho, algodão, feijão, arroz, amendoim, mandioca, melancia, abóbora, melão e todas as frutas da Europa. Há cinco anos vem plantando, duas vezes por ano, no mesmo terreno, sem nunca o haver adubado, não percebendo nenhuma diminuição nas colheitas. As primeiras sementeiras se fazem em maio, junho ou julho e se recolhe em novembro ou dezembro. Imediatamente após, semeia-se uma segunda vez para colher no mês de março. Podem-se cultivar com igual sucesso os campos e os bosques; e todos os capões, indis-



tintamente, oferecem terreno absolutamente bom, enquanto perto de São Paulo é necessário fazer-se escolha. Há nesta região tão pouca agricultura, que chegam a vir de São Borja à casa do meu hospedeiro para comprar frutas e amendoins. No preço em que estão todos os gêneros deste país, ele poderia fazer fortuna rápida se tivesse produções mais consideráveis.

Esse homem se estabeleceu na terra que ocupa sem nenhum título. O marechal Chagas quis fazê-lo sair, mas ele resistiu e acabou por ficar possuidor passivo de sua terra. Outros portugueses, que não tiveram a mesma perseverança, se retiraram, contando-se apenas um ou dois brancos estabelecidos nas terras da aldeia de São Nicolau, do outro lado do Piratini. Poder-se-ia louvar Chagas de haver garantido aos índios as terras que lhes pertencem, se ele os obrigasse a cultivá-las e se tivesse sido severo consigo mesmo como fora com os outros; mas ele havia formado, a uma légua de São Nicolau, uma chácara, onde construiu um engenho de cana; disso, somos quase tentados a concluir que sua intenção era banir os portugueses das Missões, para não testemunharem sua péssima administração.

Na época em que os espanhóis se apossaram da aldeia de São Nicolau, o marechal Abreu veio com suas milícias em socorro da província, e meu hospedeiro me assegura que, quando elas se retiraram, causaram maior prejuízo que os próprios inimigos, pilhando sem escrúpulos os proprietários e arrebatando os cavalos e o gado das estâncias por onde passavam.

Por tudo o que ouvi dizer, parece que, de fato, os habitantes da região administrada pelo marechal Abreu, ou seja, de Capela de Alegrete e dos cantões circunvizinhos, é de toda a Capitania de Rio Grande a que mais se assemelha aos gaúchos, e os próprios costumes de Abreu pouco diferem dos homens conhecidos por esse nome.

CHÁCARA DE SANTA MARIA, 8 de março, cinco léguas e meia.  
 – Até o rio Piratini, o terreno continua desigual e sempre agradavelmente cortado de pastagens e de tufos de capim. O Piratini é um dos maiores afluentes do Uruguai; na direção onde o atravessamos pode ter a mesma largura que o braço do Montées na sua foz, sendo guarnecido de duas fileiras de árvores cerradas e copadas. Minhas bagagens foram transportadas, numa péssima piroga, pertencente a um velho índio, cuja choupana está

próxima do rio. Como o rio é vadeável aos animais, a não ser no meio, os bois puxaram a carroça de uma à outra margem.

Do outro lado do Piratini, a região se torna mais agradável ainda, a ondulação dos terrenos mais sensível, os tufos de capim, mais próximos uns dos outros, formam uma espécie de decoração, semelhante aos tufos de um jardim inglês, disposta no meio de um vasto prado. Apesar de menos numerosos que ontem, os moscardos ainda muito incomodam.

Tínhamos parado na chácara do marechal Chagas, simples cabana, mas situada em encantadora posição. Diante da casa, o terreno forma um largo declive suave, elevando-se em seguida da mesma maneira; ele deixa ver os dois lados de um imenso vale entrecortado de tufos de capim e de pastagens. Nesta região, os campos são como os de Minas, localizados nos vales e nas depressões, encontrando-se aí ordinariamente alguma fonte ou riacho de águas límpidas. O feitor do marechal me confirmou o que me foi dito ontem por Chico Penteado, sobre a fertilidade das terras desta região. Ele me garantiu que elas não se fatigam nunca, tendo ele mesmo visto semear duas vezes em um mesmo terreno numa só estação, durante vários anos seguidos, sem que perdesse a fecundidade.

A cana-de-açúcar, como descrevi, produziu suficientemente aqui para que se pudesse fazer uma quantidade bastante considerável de aguardente. Estando boa de se cortar ao fim de nove meses, dá até cinco novos cortes, mas perdem-se muitos pés com as geadas. Dizem que esta zona da província é tão própria para a criação de animais como para a agricultura. Pode-se dispensar o sal aos bois, mas não às vacas, que emagrecem e acabam morrendo.

Outrora, em todas as aldeias das Missões, havia um cabildo composto de diversos oficiais que, sob a direção dos jesuítas, se encarregavam de policiar a região. Os espanhóis, e depois os portugueses, mantiveram essa forma de governo municipal; substituindo, como disse, a autoridade dos jesuítas pela de um administrador branco.

Em São Borja, hoje considerada apenas como uma praça de guerra, não há mais cabildo, entretanto conservou-se aí um administrador, mestiço de branco e guarani. Mas, como não existe mais comunidade nessa aldeia, o administrador não passa de um comissário do comandante, limitando-se a transmitir suas ordens aos operários. Estes representam hoje um

número muito pequeno; são idosos e o último comandante negligenciou de lhes formar aprendizes. Assim, a agricultura e os ofícios estão igualmente a ponto de serem desconhecidos aos índios.

Entre os artífices que restam em São Borja, contam-se um torneiro, um serralheiro e alguns carpinteiros. Todos trabalham no curralão, por conta do Rei, e não se lhes pode mandar fazer a mínima coisa, sem a permissão do comandante. Esses infelizes não recebem nenhum pagamento além de uma ração semelhante à que se dá aos soldados, quer dizer, quatro libras de carne por dia e, afora isso, representa injusta distribuição, pois o homem casado recebe o mesmo que o solteiro, o que também acontece em relação aos militares. Talvez não haja na administração do marechal Chagas nada que mostre melhor criminosa negligência e a maior ignorância do que constitui a arte de governar.

Além de administrador, conserva ainda em São Borja dois cargos que remontam ao tempo dos jesuítas: o cunhanrequaro (guardião de mulheres) e o avanquaro (guardião de homens). Estes guardiões são encarregados de vigiar, um, o trabalho das mulheres, o outro, o dos homens. Enquanto estive em São Borja, o coronel mandou comprar certa quantidade de lã para fabricar ponchos, incumbindo o cunhanrequaro de distribuí-la a todas as mulheres para fiar.

ALDEIA DE SÃO NICOLAU, 9 de março, uma légua. — Próximo à chácara do marechal, corre um pequeno rio vadeável, denominado Iguaracapu. Mais além, a região se torna de repente montanhosa, com bosques e pastagens em partes iguais. A alguma distância de São Nicolau, começa-se a perceber essa aldeia, sobre uma pequena elevação. Matias havia tomado a dianteira e me anunciara a um alferes, encarregado atualmente pelo comandante de fazer inspeção na aldeia. Esse oficial tomou a iniciativa de prevenir o administrador sobre minha chegada, e eu encontrei uma casa toda preparada para me receber.

Antes de entrar na aldeia, passei por um estreito caminho, ladeado de pessegueiros e de espessas urzes que já denunciavam bastante as ruínas que iria ver. Entrei numa rua bem larga, margeada de construções, contornadas de galerias e absolutamente semelhantes às de São Borja; mas quase não se veem moradores nas casas, as portas foram arrancadas, os tetos e as paredes caem em ruínas por toda a parte.

ALDEIA DE SÃO NICOLAU, 10 de março. — Rigorosamente construídas no mesmo plano São Nicolau e São Borja. A igreja está igualmente voltada para o norte, erguida numa praça regular e rodeada de casas; tem ainda um pórtico, duas naves laterais, duas sacristias, três altares. Não possui campanário, nem coro; enfim, as paredes são igualmente feitas de terra e pedras; a abóbada e as colunas, de madeira. Situa-se aqui o convento, como em São Borja, do lado ocidental da igreja; ao entrar, vê-se nele também um pátio cercado de galerias formadas pelo prolongamento dos telhados da igreja e do convento. Atrás deste, um pomar cercado de muros; anexada ao convento, uma construção, que também forma um claustro, destinada aos artífices. As casas da aldeia não passam de divisórias de extensas construções, cujos telhados, salientes e sustentados por colunas, constituem ao redor uma larga galeria.

Os lados oriental e ocidental da praça possuem cada um duas construções isoladas, como também são separadas nos ângulos da praça. Cada casa se compõe de um só quarto. À exceção de algumas, onde há janelas feitas recentemente, não possuem outra abertura, além de duas portas estreitas, que se abrem para as galerias da frente e dos fundos, respectivamente.

Vou agora indicar as principais diferenças entre as duas aldeias. A de São Nicolau é infinitamente mais alegre, porque situada numa região mais agradável e variada, onde todas as casas são caiadas. A igreja é mais baixa que a de São Borja. O pórtico tem apenas uma fila de colunas. Conteri noventa e seis passos da porta ao altar-mor e trinta e quatro de largura. As naves laterais são separadas da principal por oito arcadas sustentadas por colunas de ordem composta. Os ornamentos dos altares dourados se elevam até a abóbada, como em São Borja, porém, são mais novos e de melhor gosto; a igreja, ladrilhada como a de São Borja, mas com maior regularidade. A abóbada está pintada de arabescos grosseiros que se assemelham, e cujo conjunto produz um efeito bastante agradável. As pias batismais se acham colocadas em uma capelinha ornamentada com muito bom gosto junto à igreja; o teto forma uma espécie de cúpula de oito faces, e, sobre cada compartimento, pintou-se um emblema, acompanhado de uma divisa referente ao batismo. Junto à igreja, o cemitério cercado de muros e plantado de laranjeiras. O telhado saliente da igreja, apoiado por várias

colunas, forma lateralmente larga galeria, sob a qual há também sepulturas. Sobre vários túmulos, pequenas pedras quadradas com uma inscrição em língua guarani; não podem existir epitáfios mais simples que estes, pois indicavam simplesmente o nome do defunto e o ano de sua morte.

A praça mede cerca de duzentos passos de largura, por cento e cinquenta e sete passos de comprimento. Defronte à igreja, uma construção de um pavimento, com nove janelas de frente e um telhado à italiana; no andar térreo, três arcadas deixam ver ao fundo uma rua comprida, terminada por uma aleia de laranjeiras, em cuja extremidade se encontra uma capela. Do lado oeste, as três ruas que desembocam na praça foram conservadas inteiramente; delas não há mais que duas do lado leste, mas conta-se mais uma do lado norte.

A rua que termina no meio do lado oriental da praça se defronta com uma capela quadrada, rodeada de galerias e à qual se chega por um renque de laranjeiras copadas e acompanhada de contra-aleias. O verde escuro das laranjeiras, a sombra que comunicam à capela inspiram uma espécie de respeito religioso e lembram a ideia que se faz do *lucus*\* da antiguidade. Nem todas as galerias são sustentadas por postes de madeira, várias o são por pilares de pedras e seguidamente estes são constituídos por uma só pedra que pode ter nove pés de comprimento.

MARGENS DO ARROIO DE CAOTCHOBAÍ, AO AR LIVRE, 11 de março, duas léguas e meia. – Durante todo o tempo que fiquei em São Nicolau, recebi do administrador toda sorte de deferências; deu-me de comer, a mim e a minha gente, mas era eu quem fornecia o sal e a farinha, gêneros que não se encontram na aldeia. No primeiro dia, foram-nos servidos somente legumes; mas ontem tivemos carne fresca, porque o coronel, a pedido do administrador, enviou a São Nicolau algumas vacas apreendidas na estância de Itaroquém. Delas me deram um quarto para minha viagem até São Luís. Não querendo dever nada a esses índios, tão miseráveis, presenteiei com três ponchos às crianças mais pobres.

---

\* Bosque sagrado.

Até aqui, a região continua um pouco montanhosa e agradavelmente entrecortada de pastagens e de bosquetes, onde se encontram belas árvores, que podem ser aproveitadas para construção de casas, para carroçaria e para marcenaria.

Os moscardos não estiveram menos incômodos do que no dia em que fomos de Itaroqué a Chico Penteado. Nossos cavalos tinham a cabeça e o peito inteiramente cobertos. Parei duas ou três vezes para recolher plantas; mas no mesmo instante, esses insetos vinham pousar sobre minha cabeça e minhas mãos; mordiam-me de todos os lados e a eles se juntavam ainda mosquitos e pequenas abelhas. Não podendo suportar tal martírio, fui obrigado a renunciar, descer do cavalo e deixar escapar algumas plantas ainda não colecionadas.

Transpomos durante o dia três riachos: o primeiro, afluente do Piratini, chamado Guararapá,\* que já havíamos atravessado para ir da chácara de Santa Maria a São Nicolau; o Taquarati (rio das Taquaras)<sup>1</sup> e enfim o Caotchobaí, a cuja margem havíamos parado no meio de uma pastagem fechada entre dois tufos de capim.

Experimento sempre contrariedades da parte dos meus acompanhantes, apesar de não poder negar que me prestam grandes serviços. Matias me é extremamente útil, mas me fala quase sempre com insolência, ou não se dá o trabalho de me responder quando o interrogo. Firmiano está mais lento, mais aborrecido e mais intolerante que nunca. Laruotte não passa de uma criança grande, mal-educada. José Mariano não se mostra muito mal-humorado quando está só, mas tem prazer em me contrariar e desencorajar. Para viver em paz, não tive outro meio, senão guardar profundo silêncio, mas torna-se todos os dias mais penoso estar obrigado a me concentrar em mim mesmo, não podendo jamais conversar um instante com aqueles que me cercam e de não receber deles nenhum sinal de afeição.

O cuidado de manter provisões para minha gente se torna extremamente fátigante numa região onde não há absolutamente nada. Precisam de carne, mas, seja qual for a quantidade que lhes dou, não chega para

---

\* No texto lê-se *Guaracapo*.

1 *Taquara, junco-agreste*.

um dia. Trouxera eu metade de uma vaca para virmos de Itaroquéim a São Nicolau. No dia em que estive em Chico Penteado, fartaram-se de carne, mas como não tomei nenhuma precaução para conservar a parte restante, foi preciso jogá-la fora. Todo o quarto de carne que eu trouxe de São Nicolau foi comido hoje, e ninguém se preocupa com o dia de amanhã. Em geral, assim acontece com todas as provisões. Meus empregados são de tal modo inimigos de tudo relacionado com o futuro que, ao terem o estômago cheio, acham prazer em jogar fora o que podia alimentá-los vários dias, mesmo quando estão quase certos de nada encontrar no dia seguinte.

Disse que as pastagens eram muito boas até Camaquã, o mesmo até Piratini, mas aquém deste último rio era preciso necessariamente dar sal aos animais. Esta diferença tem algo de extraordinário pois, apesar das florestas serem mais numerosas e em maior extensão, não vejo na força vegetativa das pastagens nenhuma diferença notável.

AO AR LIVRE, A UM QUARTO DE LÉGUA DE SÃO LUÍS, 12 de março, quatro léguas e meia. – A região que atravessei hoje continua um pouco montanhosa e agradavelmente cortada de pastagens e de florestas. Estas últimas apresentam espessos bosques de árvores, cipós e arbustos, onde seria impossível penetrar, a menos que se abrisse passagem de machado à mão.

Agora, os campos se assemelham àqueles dos arredores de Curitiba, mas são muito mais alegres, devido à ausência da araucária.

Após caminharmos perto de uma meia légua, passamos diante de uma capela em ruína, dedicada a São Jerônimo, e deixamos os bois descansar às margens do pequeno rio Piraju, a quatro léguas e meia de São Nicolau.

Desde as quatro horas da manhã, começamos a ser muito incomodados pelos moscardos, mas foi principalmente pelas três horas ou quatro horas da tarde que se tornaram insuportáveis. Às quatro espécies que já observara juntaram-se duas outras novas; o ar está cheio deles, e por toda parte se parecem, pelo número, a um enxame de abelhas saídas da colmeia. Estavam em penca sobre o pescoço e peito de meu cavalo, cobrindo-o de sangue; passam e repassam diante do meu rosto, lançam-se nos meus olhos e cobrem minhas roupas. Os movimentos feitos por meu cavalo e por mim

mesmo para espantar as moscas deixaram-me de tal modo fatigado, que fiquei como um homem embriagado.

Quando chegamos ao lugar desejado, o sol acabava de se pôr; durante uma meia hora mais ou menos, esses insetos continuaram a nos assaltar e a nos picar, mas, ao cair da noite, deixaram de repente sua perseguição. As pessoas daqui dizem que os moscardos aparecem assim todos os anos, durante o mês de março, e deles não há nenhum nas matas. Nas margens do rio São Francisco, ao contrário, onde tais insetos são muito menos numerosos que aqui, é durante o inverno que surgem, infestando principalmente as matas.

O calor excessivo e as picadas dos moscardos fatigaram muito meus cavalos e meus bois. Trouxe de São Nicolau duas juntas que pertencem ao marechal Chagas e, apesar disso, foi penosamente que fizemos ontem duas léguas e meia, e não teríamos chegado hoje até este sítio se não tivéssemos partido bem cedo.



.....

## *Capítulo XVIII*

SÃO LUÍS – O RESPEITO PELOS JESUÍTAS, INSPIRADO ATRAVÉS DAS RUÍNAS DA CIVILIZAÇÃO QUE IMPLANTARAM – ATUAL INDIGÊNCIA DOS ÍNDIOS – OS ÍNDIOS DE SÃO NICOLAU TÊM MELHOR APARÊNCIA QUE OS DE SÃO BORJA, PROVA QUE ELES SE CORROMPEM EM CONTATO COM OS BRANCOS – CONVERSA COM UMA ÍNDIA – HOSPITAL CONSTRUÍDO PELOS JESUÍTAS – ADMINISTRAÇÃO ANTIGA E ATUAL – DESCRIÇÃO DE SÃO LUÍS – ALGUNS ARTÍFICES E UM BOM ADMINISTRADOR – VARÍOLA – CHÁCARA DO ADMINISTRADOR DE SÃO LOURENÇO – CHÁCARA DA COMUNIDADE DE SÃO LUÍS – BOM ASPECTO DESSE ESTABELECIMENTO – SÃO LOURENÇO – MISÉRIA DOS ÍNDIOS – MAU ADMINISTRADOR – DESCRIÇÃO DO POVOADO – ANTIGO QUINCUNCE DE ERVA-MATE – COLHEITA DO MATE – SÃO MIGUEL – BOM ESTADO DESSA ALDEIA – O MARECHAL CHAGAS – ABUSOS – SOLDADOS NÃO PAGOS – IGREJA DE SÃO MIGUEL – HOSPITAL SEM MÉDICO E SEM REMÉDIOS – ESSE POVOADO É O MENOS POBRE DE TODOS – GENERAL-ÍNDIO SITI, BÊBADO E LADRÃO – PEQUENOS ÍNDIOS FREQUENTEMENTE ROUBADOS – ENGENHO DE AÇÚCAR CONSTRUÍDO PELOS JESUÍTAS – SÃO JOÃO – O CURA DE SÃO MIGUEL – SANTO ÂNGELO\* – O JUIMIRIM E O JUICUAÇU – POPULAÇÃO DO POVOADO – TRISTE CONDIÇÃO DAS ÍNDIAS – MISÉRIA E COSTUMES DOS ÍNDIOS – AGRICULTURA DOS GUARANIS: SEU ARADO, TRIGO, MANDIOCA, MILHO, ALGODÃO, FEIJÃO – IMPUDOR INGÊNUO DAS ÍNDIAS.

**S**ÃO LUÍS, 13 de março, um quarto de légua. – A regularidade da aldeia de São Nicolau e o tamanho dos seus edifícios me causaram sen-

---

\* O autor escreve Santo Anjo; Juicuaçu.

timento de admiração e respeito, quando imaginei que tudo aquilo era obra de um povo semisselvagem, guiado por alguns religiosos; mas quanta amargura invadia este sentimento, ao constatar apenas casas abandonadas daquela numerosa população, em redor só construções de existência recente. São Nicolau já tinha caído em deplorável estado de decadência quando os gaúchos aí entraram, em abril de 1819, e acabaram de destruí-la. Pilharam as casas, arrombaram-lhes as portas e abriram buracos nas paredes para apontarem seus fuzis nos momentos de luta. Os habitantes haviam fugido; dispersaram-se, e um grande número deles jamais regressou; além disso, foram recrutados todos os jovens para o alistamento militar; não há atualmente mais que duas dúzias de casas, cujos moradores se constituem de velhos, mulheres e crianças.

A igreja não está em tão mal estado como a de São Borja; contudo a abóbada e as colunas caem em ruínas. As construções do curralão já se acham quase destruídas; não se pode entrar mais nos aposentos do cabildo, a não ser por uma escada e apenas o convento mostra-se ainda bem conservado. Isso não é para se admirar, pois há muito tempo serviu de moradia ao marechal Chagas. As diferentes peças que o compõem eram outrora independentes. O marechal Chagas mandou abrir portas nas paredes divisórias, o que era inútil, uma vez que se podia passar de um quarto para o outro, por meio das galerias, sem apanhar chuva ou sol; além disso, o marechal mandou construir novas peças, que ainda não foram terminadas; o trabalho consumiu vários anos e sempre às custas dos índios, enquanto deixavam destruir suas estâncias, negando-lhes os meios de subsistência.

Os poucos índios que habitam ainda São Nicolau estão na maior indigência. A comunidade ainda existe entre eles, mas, no momento, apenas teoricamente, pois não há nada para repartir. A administração atribuiu esta miséria à seca do ano passado; o público, à sua fraqueza e incúria. Atualmente, há cerca de vinte e cinco índios, todos velhos, empregados nos trabalhos da comunidade; suas plantações que visitei estão situadas a uma légua da aldeia e consistem em alguns alqueires de milho, com belo aspecto e quase maduro; e há cerca de um alqueire e meio de algodoeiros cujas cápsulas começam a se abrir.

Essas plantações não poderiam ser maiores, pois a comunidade não possui bois, e os agricultores além de velhos são mal nutridos. Cha-

mados ao trabalho pelo toque de um tambor, moram com suas mulheres a pouca distância de sua lavoura, numa grande choupana, onde se vê um pequeno oratório cheio de pedaços de imagens de santos. Semelhantes restos de imagens se encontram em todas as casas e foram tirados das igrejas destruídas da margem direita do Uruguai e das capelas que tiveram a mesma sorte nas aldeias portuguesas.

Há um cura em São Nicolau, mas não o conheci, porque se encontrava em sua chácara. No mesmo povoado há, também, um mestre-escola de origem guarani, e que ensina a ler, escrever e contar a uma dúzia de crianças. Estive em sua casa enquanto dava aula; cada criança tinha à mão um pedaço de papelão, onde estavam escritos, pela mão do mestre, em letras muito bem feitas, alguns versículos da Bíblia. Era a lição sobre a qual as crianças se exercitavam na leitura. Faltando livros, o professor é obrigado a escrever o que os alunos devem ler, sendo tal prática comum em quase todo o Brasil. O mestre-escola de São Nicolau recebe como retribuição da comunidade gêneros alimentícios, o que representa vir exercendo gratuitamente durante longo tempo suas funções.

Observei nos índios de São Nicolau um ar mais franco, alegre e maneiras mais delicadas que os de São Borja, o que prova ainda a ação prejudicial da mistura com os brancos. Estes com os quais os índios têm mais ligação pertencem, em geral, à mais baixa classe da sociedade; frequentando-os, os guaranis assimilam seus vícios e, tratados por eles com desprezo, adquirem um caráter de desconfiança que se nota, inclusive, na fisionomia das crianças.

O asseio é uma das qualidades que me parece distinguir as mulheres guaranis; andam geralmente com vestes esfarrapadas, porém limpas. Sua vestimenta consiste unicamente numa camisa e num vestido de algodão; andam sempre de pés descalços; seus cabelos muito compridos trazem-nos enrolados atrás da cabeça e usam um véu branco quando vão à igreja. Lembro-me de que, em São Nicolau, o administrador me mostrou uma índia, dizendo-me, diante dela, que seu marido a havia abandonado, mas tinha ela vivido posteriormente com muitos homens brancos, com quem tivera sucessivamente sete filhos. “De acordo com tudo o que me contam”, respondi-lhe, “parece que essas mulheres não são sucetíveis de afeição alguma; seguem seus maridos por toda a parte, mas procedem as-

sim unicamente porque eles são homens; seguiriam outro em seu lugar, caso se apresentasse.”

– “Faz tão pouco tempo que esse branco está aqui, e vejam como já nos conhece!” – gritou a índia.

Vi em São Nicolau um hospital construído pelos jesuítas. Compõe-se de quatro salas: uma, servindo de capela, outra destinada a homens, a terceira para mulheres, e a quarta para velhos e aleijados. Hoje esse estabelecimento tornou-se inútil, os leitos para os doentes não existem mais e não há, na aldeia, um só remédio. Um curioso português se põe, enquanto isso, a tratar dos enfermos, com plantas da região, mas pode-se julgar sua competência pelo seguinte caso: um indiozinho havia queimado um lado do rosto e parte do peito; ele está hoje curado, mas em compensação o queixo e o peito ficaram aderentes.

Disse que havia outrora, em cada povoado, um conselho municipal (cabildo) que se incumbia do policiamento, primeiro sob a direção dos jesuítas e depois sob a dos administradores. Em São Borja, tal conselho era, pelo que me disseram, composto por doze membros; não existe atualmente aí nada mais que o lembre; mas em São Nicolau os quatro principais cargos do cabildo são ainda preenchidos, a saber: o de capitão-corregedor, o de tenente-corregedor, o de alcaide e o de escrivão. Esses homens exercem ainda algumas funções sem importância, mas nunca se reúnem para deliberar.

SÃO LUÍS, 13 de março. – Não entrei ontem em São Luís porque era muito tarde e temia não haver tempo de arranjar uma casa. Como o tempo estivesse muito bom, preparei minha cama debaixo da carroça; mas, à meia-noite, o trovão se fez ouvir, a chuva começou a cair, tudo foi colocado às pressas na carroça, no meio da escuridão, o que me obrigou a passar o resto da noite sentado sobre uma das minhas malas, entre as bagagens amontoadas. Meu pessoal se refugiou sob a carroça, deixando de fazer ronda aos bois para impedi-los de fugir; esta manhã, não foram os animais encontrados; todos saíram à procura e era já bem tarde quando chegamos à aldeia. O administrador estava ausente, mas fui recebido por um de seus cunhados, que me arranjou uma casa no povoado.

Provavelmente não fui instalado no convento porque é lá a residência do administrador, onde ficou sua mulher com a família. Seu

cunhado me mostrou a igreja, o curralão e todo o povoado. Fiz-lhe muitas perguntas, mas o homem era de uma tal estupidez que não pôde responder a nenhuma, e acabei por não mais interrogá-lo.

SÃO LUÍS, 14 de março. – São Luís está localizada sobre uma colina donde se avista uma região pouco montanhosa, agradavelmente disposta, densa de pastagens e tufos de capim; com algumas diferenças relativamente às dimensões, foi esta aldeia construída sobre o mesmo plano que o de São Borja e São Nicolau; no entanto, as casas são mais altas que aquelas desses dois povoados, mais claras e construídas com mais cuidado, sendo as galerias que as contornam sustentadas por pilastras de pedra. São também pilastras de pedra que suportam as galerias do claustro, e várias formadas de uma única pedra, bastante altas.

A igreja não está inteiramente pronta; foi edificada como o resto da aldeia, sob o mesmo modelo seguido em São Borja e São Nicolau; mas é mais bela que as dessas duas aldeias; em parte, pavimentada de pedra, e os ornamentos dos altares, mais novos e de melhor aspecto. A abóbada, não integralmente concluída, deixa ver um vigamento onde a madeira foi talvez empregada prodigamente, mas revelando bom gosto na construção. No mais, este povoado não se apresenta em melhor estado que o de São Nicolau.

Não resta nenhum vestígio da casa do cabildo; as raras casas existentes ainda são as que contornam a praça, e a maioria delas em ruínas. A igreja não foi melhor conservada; a inúmera quantidade de morcegos que nela habitam confere-lhe um odor fétido.

Estima-se em quatrocentas almas a população de São Nicolau e das terras que dependem dessa aldeia; aqui não há mais que trezentos e todos homens idosos, mulheres e crianças; os jovens, como os de São Nicolau, foram levados para o regimento e estão em São Borja.

É o cura de São Nicolau que atende São Luís; recebe uma retribuição igual das duas aldeias e, portanto, parece que deveria repartir igualmente entre eles seu tempo e seus cuidados; no entanto, ele só vem aqui para realizar a páscoa dos habitantes e esses ficam privados dos socorros espirituais durante todo o resto do ano. Aqui as crianças não têm mestre-escola, como em São Nicolau.

Há em São Luís vários artífices, sobretudo tecelões, que trabalham para a comunidade; mas tal é o relaxamento do marechal Chagas, que nunca deu ordens para que esses operários ensinassem seu ofício às crianças.

Encontrei nos índios de São Luís o ar alegre e franco como nos de São Nicolau, e, por outro lado, parecem mais saudáveis e mais satisfeitos. Têm a felicidade de serem administrados por um homem inteligente que, tratando-os com urbanidade, os obriga a trabalhar e tem o cuidado de providenciar que nada lhes falte. À tarde veio ele me visitar; fiquei contente pelas suas atitudes honradas e sua agradável palestra.

Vi no convento um grande número de surrões cheios de arroz, milho e feijão. Esses gêneros, resultado dos trabalhos da comunidade, se destinam à alimentação dos habitantes da aldeia. O excedente das colheitas e dos tecidos de algodão é trocado por bovinos, e os índios de São Luís comem sempre carne. À exceção dos artífices, todos trabalham nas plantações da comunidade, mas, além disso, o administrador lhes permite fazer plantações particulares e lhes dá dias de férias para cuidá-las.

Percorri várias dessas roças em torno da aldeia e encontrei bem cuidadas. As plantas que os índios aí cultivam são, principalmente, milho, várias espécies de feijão, mandioca doce, batatas, abóboras, melancias. Costumam construir pequenas choupanas no meio dessas plantações, onde moram durante a colheita, a fim de impedir os roubos. Notável é que essas roças, que acabo de falar, nunca foram cercadas e não se recorda mais o tempo em que estiveram incultas.

A varíola deve ser incluída entre as principais causas do despoamento desta província. Desde o tempo dos jesuítas, ela vem, de três em três anos, arrebatando vidas. Sabe-se que essa moléstia, em geral, poupa menos os índios que os homens doutras raças. Não obstante dizimar grande número de pessoas, apenas os habitantes de Santo Ângelo foram poupados porque o administrador diligenciou vaciná-los, logo que soube o que acontecia nas outras aldeias. Então, já fazia muito tempo que a vacina era conhecida no Brasil. No entanto, o marechal Chagas jamais procurou introduzi-la entre os índios das Missões e mesmo após haver testemunhado o mal causado pela varíola não se preocupou em antecipar-se contra o retorno do flagelo.

CHÁCARA DO ADMINISTRADOR DE SÃO LOURENÇO, 15 de março, três léguas. – Nenhuma mudança notável no aspecto da região; sempre desigual e agradavelmente cortada de pastagens e matas. Após as chuvas, que venho sofrendo desde Belém, as pastagens têm adquirido o mais belo verdor e não me cansei de encontrar flores. Depois de Piratini, as mais comuns: as duas espécies de *eryngium*, vernônias, a charrua nº 2.671 bis e uma quantidade de espécies do mesmo gênero.

Para dar um pouco de descanso aos meus bois, pedi ao administrador de São Luís os da comunidade. Além de nos emprestar, cedeu-me um índio para acompanhá-los.

Perto de uma légua da aldeia, desviei-me do caminho para visitar a chácara da comunidade. Os índios que aí trabalham ordinariamente haviam ido à povoação levar sacos de milho e feijão, encontrando apenas o tenente-corregedor e um outro funcionário, os quais me receberam amavelmente e me mostraram todas as plantações. Muito bem escolhido o terreno. Ele se estende em declive sobre a margem direita de um pequeno rio, próximo de sua nascente, formando a orla de uma grande mata e de um vasto campo, de sorte que se pode, naturalmente, estender a chácara num ou noutro.

No meio das choupanas dos plantadores, construídas à margem esquerda do rio, existe uma pequena capela, coberta de palha, dedicada a Santo Isidoro, na qual o tenente-corregedor me mostrou, com muito respeito, a imagem grosseiramente esculpida. As plantações, muito bonitas e de grande extensão, consistem em algodoais, um campo de milho, outro de feijão e um soberbo arrozal. As mulheres se ocupavam em capinar um terreno a ser plantado no próximo ano. À minha chegada se postaram em duas filas e me pediram a bênção, de mãos postas, segundo o uso do lugar; em seguida voltaram ao trabalho e se puseram a rir como loucas. Em geral, noto que, quando as índias veem um estrangeiro, começam por lhe fazer gentilezas, com ar sério e encabulado, para depois se porem a rir, desse riso ingênuo e infantil que lhes é peculiar. Fiquei bastante satisfeito com o tenente-corregedor e com o outro funcionário; achei-lhes com aparência alegre, franca e feliz. Falaram-me muito bem de seu administrador; repetiram-me que ele trata os índios com toda consideração, amando-os e tendo o cuidado em nutri-los e vesti-los. Observei que, ao elogiarem esse

homem, se preocupavam em repetir que ele fazia trabalhar seus administrados. Os índios são em tudo como crianças, preguiçosos; no entanto, admitem que devem trabalhar e não estimam os chefes que os deixam na ociosidade. O mesmo ocorre com os estudantes negligentes: desprezam o professor que nada lhes ensina.

Perguntei aos dois índios da chácara de São Luís se o administrador de São Lourenço era tão bom quanto o deles. “Quem é que sabe?” – me responderam logo. Julguei, por essa resposta escapatória, que temiam confessar-me o que pensavam, e não fiz mais perguntas a respeito; mas eles mesmos voltaram ao assunto e me disseram que o carai-major de São Lourenço se ocupava muito de sua chácara, mas pouquíssimo daquela pertencente à aldeia que lhe tinha sido confiada.

Paramos nessa chácara. Acha-se apertada entre dois tufos de capim. O terreno, muito desigual, contribui para o encanto da paisagem. As plantações são consideráveis e creio não ter visto mais belas desde que estou no Brasil. Não existe aí erva daninha; as plantas se encontram dispostas com simetria.

Apenas desci do cavalo, um emigrado do Paraguai, servindo aqui de capataz, me trouxe uma prodigiosa quantidade de excelentes melões. Esse homem tinha vindo de Entre-Rios para tratar de alguns negócios. Tomaram-lhe o que tinha, obrigando-o a pegar em armas, e em seguida se tornou oficial; mas conseguiu escapar e se refugiou entre os portugueses. Foi extremamente gentil comigo, respondendo delicadamente às perguntas que lhe fiz.

Tive ocasião de ver, nas minhas viagens, um grande número de paraguaios e, mesmo entre aqueles que passam por brancos, foi-me fácil reconhecer a mistura da raça indígena. Esses homens são geralmente grandes e de porte garboso, semblante espiritual, ar franco, comunicativos, demonstrando nas conversas inteligência e espírito.

Entre os índios que trabalham na chácara do administrador, encontrei um que fala muito bem o português, coisa rara entre aqueles que jamais foram soldados. Pus-me a conversar com ele, perguntando-lhe se estava contente com o administrador. “Veja se posso estar satisfeito”, me disse mostrando os farrapos sobre o corpo; “sirvo-o há muito tempo, e veja como estou vestido! Mas José Maria vai, espero, tirar-lhe esta chácara e



entregá-la aos habitantes da aldeia. Com efeito, são nossas terras que cultivou e onde estão os negros dos quais se serviu?” Este José Maria, do qual falava o índio, administrou outrora várias aldeias; Chagas o havia exonerado, mas o coronel Paulette lhe deu sua confiança e o encarregou de fazer visita às aldeias relatando o que nelas se passa. Via-o diariamente em São Borja, onde fazia refeições na casa do comandante; encontrei-o na estância de Bicu e o reencontrei em São Nicolau. Contou-me, em Bicu, que, após minha partida de São Borja, um capitão de Entre-Rios, homem branco, viera se apresentar ao coronel Paulette com cinquenta homens e lhe dissera que Ramírez havia perdido totalmente a confiança da tropa e que, dentro em pouco, estaria completamente abandonado.

Hoje chegaram aqui trezentos índios, conduzidos por um cabo, parente do alferes de Rincão da Cruz. Faziam parte, me disse o suboficial, de um destacamento de quatrocentos homens, que acabam de atravessar o Uruguai e pedir asilo ao comandante; este lhes indagou se havia entre eles quem quisesse entrar para o regimento de guaranis-portugueses; ofereceram-se cem e os restantes se dirigem a São Miguel, onde se encontra Siti. O cabo louva bastante a paciência e a docilidade dessa gente. Conta que Ramírez foi totalmente abandonado por suas tropas, tendo um regimento de negros, de sua confiança, passado ao Paraguai, e que Pires, tendo recusado obedecer à ordem de atacar esse país, asilara-se em Buenos Aires. Relatou-me que esse Pires é filho de um paulista, estabelecido em Entre-Rios, no arroio de la China; não tem ainda vinte anos, não sabe ler nem escrever, mas por sua bravura tinha conquistado a confiança de Ramírez.

SÃO LOURENÇO, 16 de março, duas léguas. – Encantadora a região, oferecendo em área acidentada uma mistura agradável de pastagens e bosquetes.

Encontrei no caminho os índios de que falei ontem; esses infelizes, acompanhados de mulheres e filhos, todos andrajosos, nada possuem além de seus magríssimos cavalos. As mulheres, exaustas, vão a pé porque suas montarias não podem mais aguentá-las.

Antes que eu chegasse a São Lourenço, um suboficial guarani, que acompanhava José Maria, veio ao meu encontro, para me falar do administrador. Disse-me que José Maria estava extremamente aborrecido com esse homem, cuja prestação de contas não estava em ordem, e do qual

todos os índios se queixavam. À minha entrada na aldeia, o administrador veio me cumprimentar, demonstrando muita solicitude e me convidando a passar aqui vários dias. Avistando José Maria, aproximei-me para lhe desejar bom-dia e, na ocasião, ouvi dele violentas recriminações ao administrador. Conforme declara, esse homem castiga os índios a golpes de chicote. Transforma o colégio em prostíbulo e é acusado de todas as sortes de malversações.

Interrompida a conversa, voltei-me para o administrador pedindo-lhe que me mostrasse a igreja. Ela está voltada para o norte e construída sobre o mesmo plano das outras aldeias, mas nenhuma delas é mais bela que esta. Mede noventa e seis passos de comprimento por quarenta de largura; duas fileiras de colunas de madeira, de ordem compósita, sustentam as naves laterais; em lugar de três altares há cinco, todos com ornamentos dourados e de muito bom gosto; enfim, o edifício se conserva no melhor estado possível. Também o convento se apresenta bem conservado, mas o resto se acha em ruínas. O curralão caiu inteiramente; afora a praça, apenas um pedaço de rua e mesmo a metade de um dos lados da praça está destruída.

Menor que a das outras aldeias é a população deste povoado, pois só se contam duzentos indivíduos, incluindo crianças, velhos e mulheres. São geralmente sujos, mal vestidos, pouco honestos, tristes e dissimulados; isto devido, certamente, aos maus-tratos infligidos pelo chefe.

Os índios, como tenho repetido centenas de vezes, comportam-se como crianças: alegres e francos, quando tratados com desvelo; tristes e aborrecidos, quando conduzidos com dureza.

Ao ficarmos sozinhos, o administrador confessou suas dificuldades, queixou-se muito da injustiça de José Maria e pediu-me interessar por ele junto ao coronel-comandante. Apresentei-lhe minhas escusas da maneira mais honesta que me foi possível, dizendo-lhe que, estando apenas de passagem, meu testemunho ao coronel-comandante teria pouco valor.

À tarde fui herborizar e passei por um vasto quincôncio de ervamate, limítrofe com a aldeia, e que data do tempo dos jesuítas. As árvores têm aproximadamente a grossura de uma coxa e, como as irrigam anualmente, só oferecem novos rebentos. Alguns índios da margem direita do Uruguai estavam ocupados em preparar a erva, e eis de que modo: duas

cercas, compostas cada uma de três forquilhas, mais ou menos da altura de um homem, são plantadas verticalmente na terra; entre os galhos bem curtos das forquilhas de uma mesma cerca repousa uma grossa vara horizontal, e por fim, varas menores são ligadas transversalmente sobre as duas grossas varas opostas; essa espécie de mesa chamada carijo é destinada às últimas operações, a que a erva-mate se submete.

Perto do carijo é acesa uma alongada fogueira. Os índios rachavam, até ao meio, varinhas curtas e miúdas e aí passavam os raminhos do mate guarnecidos de suas folhas; fincavam estas varetas obliquamente na terra ao redor da fogueira (sapecar) e faziam assim crestar os raminhos e suas folhas. Quando tudo está pronto, transportam os ramos para os varais transversos, de maneira que as folhas fiquem por cima e os galhos em baixo. Em seguida, acendem novamente o fogo; assim aquecem o mate que depois socam por meio de um pilão e um pequeno saco de couro.

Os jesuítas, que faziam considerável comércio de erva-mate, não se contentavam em colhê-la no estado espontâneo em que se encontrava nas proximidades de Santo Ângelo, onde ela é abundante; procuraram fazer plantações ao redor de suas povoações; mas quase todas estão destruídas. Delas nada mais existe nem mesmo em São Borja, São Nicolau, São Luís, e ninguém pensou em renová-las, apesar dos imensos benefícios que poderiam resultar para a aldeia.

Após haver atravessado as plantações de mate, passei nos arredores da aldeia e vi, como em São Luís, várias chácaras em muito bom estado.

Entrei em uma delas e apenas encontrei mulheres que me receberam com ar alegre e franco. A mais velha me falou muito, mas, como só conhecia o guarani, foi-me impossível compreendê-la; em seguida colheu uma abóbora, presenteando-me com muito gosto. Não sei se o hábito de ver índias começa a fazer desaparecer aos meus olhos qualquer coisa de sua feiúra; mas me parece que há, de fato, entre elas algo de agradável no seu sorriso infantil.

SÃO MIGUEL, 17 de março, três léguas. – Como as reprimendas de José Maria perturbaram a cabeça do pobre administrador de São Lourenço, só ao meio-dia pude obter os bois que lhe havia pedido, o que nos fez experimentar um calor excessivo. Os moscardos nos atormentaram bastante, porém eram menos numerosos que no dia da nossa chegada a

São Luís. O terreno continua com o mesmo aspecto, mas se torna mais montanhoso em certas direções; o caminho se mostra muito pedregoso.

Perto de São Miguel, muitas chácaras dispersas pelo campo. Essa povoação se localiza numa colina e, de todas as que conheci até agora, é a que se acha em melhor estado. Tomando a dianteira em companhia de Matias, fui logo apresentado ao administrador, um mulato idoso, natural da Capitania de Minas. Ciente de minha chegada, recebeu-me com essa humilde gentileza, característica dos homens de sua cor, nascidos naquela capitania. Parece inteligente e, quando fala aos índios, é com bondade. Sua maneira franca de conversar prova bastante que ele não é desta capitania, pois, em geral, os homens daqui falam pouco, mostram extrema ignorância, pouco espírito e sentimento. São grandes, porte bem feito, em geral de bela aparência, mas a natureza parece ter-lhe concedido apenas dons exteriores. Poucas horas após minha chegada, recebi a visita de um tenente, que comanda um destacamento de guaranis e homens brancos do regimento da província.

Apresentei-lhe uma carta do coronel e ele me prometeu um vaqueano para me acompanhar mais adiante.

SÃO MIGUEL, 18 de março. — Como o calor fosse insuportável, não tive coragem para nada. Pela manhã, conversei longamente com um europeu, que foi, durante muito tempo, secretário do marechal Chagas e que, como todos os europeus, muito reclama contra os abusos. Lamenta, sobretudo, a sorte dessa província e, é preciso convir, com justa razão. No começo da guerra enviaram para cá trezentos soldados catarinenses, mas, com exceção desses, apenas os milicianos da província a defenderam contra seus inimigos e, pode-se dizer, guerrearam às próprias custas, pois durante onze anos só receberam dois anos e meio de soldo e apenas um uniforme. No entanto, nunca abandonaram suas armas, mesmo longe de seus lares, fornecendo gado e cavalos, sem nenhum pagamento.

Depois que o conde de Figueira veio governar a Capitania do Rio Grande, a fazenda real fez algumas despesas com o regimento dos guaranis; mas, até então, esse regimento vivera sustentado quase inteiramente às expensas dos povos; no começo não havia nem mesmo fuzis para os soldados, e o marechal foi obrigado a mandar fazer lanças com ferro adquirido com verbas das aldeias; seu secretário me relatou que, desde a

formação do regimento até a partida de Chagas, as comunidades contribuíram para a manutenção da tropa com a importância de setenta e três mil cruzados. Assim, as mulheres e alguns velhos sustentavam o regimento por seu trabalho e não era este seu único encargo, pois que os curas e os administradores das aldeias eram pagos pelos índios; e houve mesmo uma decisão da Junta da Fazenda de Porto Alegre para que pagassem o dízimo, mas tal medida foi revogada.

SÃO MIGUEL, 19 de março. – São Miguel está situada sobre uma pequena colina, em região pouco montanhosa, cortada de pastagens e de matas. Em São Borja os bosquetes não eram ainda tão numerosos; à medida que se avança para leste e, portanto, em direção às montanhas, eles se tornam mais frequentes e talvez haja nos arredores daqui mais bosques do que pastagens. São Miguel, a mais bem administrada de todas as aldeias que visitei até agora. Além das casas que formam a praça, veem-se várias ruas. O curralão está em bom estado. A casa do cabildo necessita de reparos, mas existe ainda. A igreja, construída pelos jesuítas, inteiramente de pedra, possui uma torre que servia de campanário, mas há vários anos uma tormenta caiu sobre o telhado, destruindo-o completamente. João de Deus, um dos primeiros governadores portugueses desta província, pretendia fazer reparos neste edifício; juntou materiais, gastou muito dinheiro, mas com a mudança de governo, o sucessor não aprovou o seu projeto. As restaurações da igreja foram interrompidas, as despesas feitas tornaram-se inúteis. Tal é ainda o inconveniente do poder absoluto outorgado aos governadores de província. Cada qual começa uma determinada obra e quase nenhum continua a de seu predecessor; o dinheiro das províncias se dissipa, e estas se endividam para sempre.

Para substituir a velha igreja, construiu-se uma outra, baixa, estreita, comprida, nada parecida com os vastos edifícios que os jesuítas levantaram. São Miguel foi construída conforme o mesmo plano das outras povoações; contudo, além da diferença que apresenta com relação à velha igreja, existe outra referente à posição dos três edifícios principais. Em todas as aldeias que visitei, a igreja se acha à direita do convento, e o curralão à esquerda; aqui, ao contrário, é o curralão que está à direita.

O hospital ainda existente se compõe de várias peças extremamente sombrias; recebem-se aí enfermos, mas não há médico, nem enfermeiros para tratar deles, nem remédio para curá-los.

Em São Luís e São Lourenço, não há sacerdote nem mestre-escola, mas aqui há um cura, e um jovem guarani que ensina a ler às crianças. Esta aldeia é a menos pobre de todas. Possui uma considerável plantação de mate e uma importante estância onde se marcam três mil animais anualmente. Os habitantes, bem nutridos, bem vestidos e tratados gentilmente por seu administrador, têm um ar alegre e franco, parecendo contentes.

São Miguel é a primeira aldeia onde vejo realizar algumas reparações. Se, no início, tivessem atacado essas obras, quando necessário, as aldeias não estariam à beira de total destruição, mas numa região em que não se conserva o patrimônio público, não se pode esperar que os administradores cujo principal interesse é o lucro se dessem ao trabalho de mandar fazer reparos nas edificações que não lhes pertencem, e de que se importam bem pouco. Nas aldeias percorridas até agora, as ripas foram substituídas por bambus, unidos uns aos outros, e atados com cipós. Nenhuma falha se observa nos madeiramentos.

Um soldado guarani me serviu de vaqueano de São Borja até aqui, onde se encontra sua família, que ele não via há três anos. Ao chegarmos, cumprimentei-o pela felicidade que iria experimentar revendo seus familiares; mas ele me ouviu com a maior frieza; mal se lembrava de quantos filhos tinha. Esta manhã, me disse que não sabia o que fazer, se voltar para São Borja ou ficar aqui. Respondi-lhe que ia perguntar ao tenente que ordens teria recebido a esse respeito do comandante da província. Após falar ao tenente, encontrei o guarani e lhe declarei que poderia permanecer aqui o tempo que quisesse, pois a esse respeito escreveria ao comandante. Respondeu-me que partiria dentro de oito dias. Não menciono esse fato como traço particular de indiferença, mas a título de ilustração da característica dessa raça.

O abade Casal diz que existem pinheiros na Província das Missões; essas árvores não crescem em todas as regiões que percorri desde o Ibiçuí, mas delas há dois exemplares no jardim do convento de São Nicolau e meia dúzia no do convento de São Miguel, todas plantados pelos jesuítas.

SÃO MIGUEL, 20 de março. – Já disse que fora São Miguel designada pelo marechal Chagas para residência do general Siti. Pretendia vê-lo ontem, às onze horas ou meio-dia, e adiantaram-me que, como se festejava São José, ele provavelmente já estaria bêbado. Este homem trouxe consigo grande quantidade de objetos sacros e ornamentos de igrejas, mas em lugar de vendê-los em conjunto, a fim de obter fundos para comprar uma estância, vai-se desfazendo de peça por peça; com o dinheiro apurado, compra aguardente e se embriaga todos os dias sem pensar no futuro. Não podendo visitá-lo ontem, apresentei-me hoje pela manhã. Encontrei um homem de uns quarenta anos, de aspecto insignificante e estatura mediana. Sua pele branca e rosada poderia fazê-lo passar por branco, se o curto pescoço, a dureza dos cabelos e a largura dos ombros não indicassem claramente seu sangue mestiço; trajava, quando o visitei, um mau uniforme vermelho; usava camisa muito suja e lenço azul em torno da cabeça; vários gaúchos, parecidos com bandidos de melodrama, estavam sentados em bancos. No meio do quarto, uma grande mala inglesa; três ou quatro relógios estavam expostos sobre uma mesa e se viam numa prateleira vários utensílios. Siti ficou de pé, durante todo o tempo de minha visita, e nem mesmo me convidou a sentar, mas creio que assim agiu mais por falta de costume do que arrogância.

Após os primeiros cumprimentos, fiz cair a conversa sobre a guerra. Siti já estava à frente dos índios quando Ramírez assumiu o comando da Província de Entre-Rios; e eis o que me contou acerca dos últimos acontecimentos. Ramírez lhe havia prometido dez anos sem guerrear; mas ao fim de alguns meses, mandara-lhe ordem de se manter preparado para marchar com todo o seu pessoal. Siti fez algumas representações, mas elas foram em vão e Ramírez atacou suas tropas contra ele. Então Siti ordenou a todos os índios de se juntarem a ele para atravessarem o Uruguai. Alguns, achando que ele queria vendê-los aos portugueses, preferiram ficar com Ramírez, mas a maioria obedeceu. Os que não acompanharam Siti acabam de atravessar também o Uruguai e, como o comandante da província ordenou que fossem repartidos pelas aldeias, Siti me afirmou com um ar triunfante: “Eles não me quiseram seguir e agora têm de submeter-se ao regime da administração, enquanto minha gente só obedece a mim.”

Estávamos conversando, quando surgiu um espanhol que serve de secretário do cura; pôs-se a falar de Buenos Aires, do Chile, de Carlos V e de Francisco I. Para minha tristeza, não se falou mais sobre os índios e, como chegasse a hora do jantar, fui obrigado a me retirar. Esperava que o general-índio me pagasse a visita, mas não me concedeu esta honra e eu lastimei, porque minha qualidade de estrangeiro me permitia dar-lhe alguns conselhos que poderiam ser úteis ao mesmo tempo a ele e aos portugueses.

Apesar de seus homens não contribuírem, em nada, para os trabalhos da aldeia que habitam, dá-se-lhes, há muitos meses, ração diária de carne; além do mais, é permitido a setenta deles a colheita de mate nas matas pertencentes à aldeia de Santo Ângelo.

A generosidade dos portugueses merece os maiores elogios, porque estes os trataram barbaramente, durante a guerra. Massacraram impiedosamente os prisioneiros que faziam em combates; quando se retiraram de São Nicolau, arrastaram até a praça um doente que se achava no hospital, matando-o a golpes de fuzil. Eu mesmo vi um estancieiro trazido da outra margem do Uruguai, com sua família, e ao qual infligiram todos os maus-tratos imagináveis. Mas essa nobre generosidade, a que rendo minhas homenagens, deve necessariamente ter um limite.

Os portugueses não podem manter sempre esse sacrifício. Chegará um momento em que dirão aos índios de Siti: “Nós os sustentamos há muito tempo e sem que vocês nada tenham feito; é preciso agora que trabalhem.” Não seria mais conveniente que Siti evitasse esse momento e pedisse permissão para deixar São Miguel, formar uma nova povoação com toda sua gente em qualquer lugar ainda inabitado como, por exemplo, nos arredores de Santa Vitória? Assim, preservaria seus índios do regime administrativo, do qual estão desabitoados, continuaria como chefe e se tornaria útil à região que lhe deu asilo.

Visitei hoje o curralão de São Miguel e o achei em melhor estado que os das outras aldeias. Encontrei vários tecelões, um curtidor, um bom serralheiro e um aprendiz junto a cada artífice por determinação do administrador. Errei ao dizer noutra parte que seria necessário para isso uma ordem do comandante da província; a autoridade do administrador é suficiente, mas o comandante deveria zelar para que seus subalternos não negligenciassem coisa tão essencial. É também no curralão a sede da escola



e notei que, dos quinze alunos, apenas dois ou três passavam dos dez anos. Logo que começam a prestar serviços, são furtados ou fogem.

Os roubos dos pequenos índios são um dos mais horríveis abusos introduzidos aqui. Levados a trabalhar como escravos, tornam-se imprestáveis para a população, pois, longe de suas terras, não encontram mulheres com que possam casar.

Vi, no curralão, um pequeno moinho de açúcar, do tempo dos jesuítas. Esses padres, conhecendo o gosto dos índios pelos alimentos doces, plantavam cana por toda parte onde podia crescer. Mas, nessa província, não se acha senão uma pequena cultura, que é preciso cortá-la ao fim de nove meses, por causa das geadas que sobrevêm em seguida, fazendo-a morrer.

Aqui, como em muitas outras aldeias, mandam os índios ajuntar pedaços de uma grande concha terrestre, com que se faz a cal para cair as igrejas e os conventos.

SÃO JOÃO, 21 de março, três léguas. – Antes de deixar São Miguel, fui apresentar minhas despedidas ao cura, dominicano espanhol que, antes da destruição das povoações de Entre-Rios, serviu à paróquia de São Tomé.

Quando foi incendiada esta aldeia, fugiu aproveitando a escuridão da noite, vindo se refugiar nas Missões portuguesas. Foi-lhe confiada a paróquia de São Miguel e ao mesmo tempo encarregado de preparar a páscoa dos habitantes de São Lourenço e de São João. Como os outros vigários, recebe de sua paróquia 150\$000 e uma ração, além de 50\$000 de cada uma das duas outras aldeias. Lamenta-se muito dos roubos que Siti praticou nas igrejas de Entre-Rios e das profanações que comete vestindo suas amantes com objetos sagrados.

O terreno é muito desigual e sempre cortado de pastagens e matas. À medida que se distancia de São Borja, os bosques se tornam mais comuns e a qualidade dos pastos se altera para melhor. A erva endurece. Os subarbustos são aqui muito comuns, e os animais morrem quando não se lhes dá sal. Embora menos numerosos, os moscardos nos atormentaram bastante.

Chegando à aldeia de São João, fui muito bem recebido pelo administrador, que havia sido prevenido de minha chegada por José Maria

e pelo coronel Paulette. Em toda parte hospedam-me em conventos (colégios) na dependência que se chama residência. Esta é atualmente reservada ao comandante e, outrora, ao provincial, em suas visitas à aldeia.

SANTO ÂNGELO, 22 de março, quatro léguas. – Como se havia dito que minha carroça teria muita dificuldade em vir até aqui, deixei-a em São João e me pus a caminho acompanhado somente por Joaquim Neves, um indiozinho e um jovem guia que me deu o administrador de São João.

A região percorrida para chegar até aqui é montanhosa e cheia de bosques, muito semelhante à dos arredores de Curitiba, mas não se vê nenhum prado. As pastagens de má qualidade, a relva geralmente crescida, mas muito dura; as matas densas e entremeadas de bambual. Atravessamos dois rios bastante volumosos, primeiro o Juimirim (rio dos Sapos) depois o Juiguaçu,\* ambos ladeados de matas. O primeiro se lança no segundo, afluente do Uruguai. Atualmente são vadeáveis, mas não durante o período de chuvas um pouco consideráveis, em que o Juiguaçu se torna perigoso pela rapidez de seu curso. O Juimirim corre em leito de pedras escorregadias, o que dificulta sua travessia.

Santo Ângelo é a última das aldeias das Missões do lado leste. Mais adiante se elevam grandes florestas que se ligam às do Sertão de Lajes, servindo de asilo aos índios selvagens. Essa aldeia é a mais escondida de todas, pois está situada numa região florestal e montanhosa, cujo acesso exige a travessia de dois rios perigosos. Os jesuítas parecem ter querido indicar, de maneira simbólica, que não tencionavam se estender mais longe, pois as igrejas de todas as aldeias estão voltadas para o norte, enquanto a de Santo Ângelo, para o sul.

Os índios selvagens aparecem frequentemente nesses arredores, e continuam matando guaranis e brancos quando vão colher mate nas florestas vizinhas.

A única diferença assinalada pela igreja de Santo Ângelo reside em sua posição; é construída sobre o mesmo plano que São Borja, São Nicolau, São Luís e São Lourenço; mas o convento é menor, a praça mede cerca de 180 passos em quadrado e, além disso, ainda há algumas ruas. A igreja, o curralão, e mesmo o convento caem em ruínas, e, das numerosas

---

\* Na versão original, *Juicassu* e *Juicuaçu*.

casas, apenas seis estão habitáveis. A população se eleva apenas a 80 pessoas, sem incluir as crianças com menos de oito a dez anos e, nesse número, não há mais de quinze homens em condições de trabalhar. Esses, no momento, estão ocupados em fazer mate, e são as mulheres que cuidam as plantações. Essas infelizes percorrem, diariamente, duas léguas para ir ao seu trabalho e duas léguas para dele voltar. Suportam todo o calor do dia, além de serem devoradas pelos moscardos.

SANTO ÂNGELO, 23 de março. – Desejava regressar hoje a São João, mas choveu quase todo o dia, obrigando-me a ficar aqui. Passei algumas horas em companhia do cura, morador do convento e que me dispensou gentilezas; disse-me, com lágrimas nos olhos, que houve tempo em que a miséria fora tão grande nesta aldeia que os índios iam roubar couro de bois para os comer, e que vários haviam morrido de fome. No mais, tudo o que me contou dos guaranis coincide perfeitamente com o que venho escrevendo neste diário. Os guaranis, disse-me, levam até à idolatria seu respeito pelas imagens; não têm ideia perfeita dos sacramentos do altar e não parecem dignos do batismo. As mulheres não têm nenhum pudor e parecem nascidas para perdição dos homens de nossa raça.

SÃO JOÃO, 24 de março, quatro léguas. – Como fazia bom tempo, parti esta manhã de Santo Ângelo, e regressei pelo mesmo caminho. Apesar de ter chovido apenas um dia, os dois rios já não eram vadeáveis, forçando-me a atravessá-los numa piroga. São índios que estão encarregados dessa passagem; não lhes é assegurada nenhuma retribuição e me agradeceram muito o pequeno presente que lhes ofertei. Antes de deixar Santo Ângelo, visitei a igreja que se achava em péssimo estado, mas que não é menos bela do que as das outras aldeias.

SÃO JOÃO, 25 de março. – Choveu ainda todo o dia. Fui obrigado a ficar em casa e empreguei meu tempo em escrever uma longa carta ao coronel Paulette. Retratei-lhe o miserável estado da província e lhe indiquei alguns paliativos: a supressão de três aldeias: São Luís, São Lourenço e Santo Ângelo, o que permitiria dedicar mais cuidado às que fossem conservadas; o aumento do soldo dos administradores; a direção espiritual das povoações confiadas a religiosos estrangeiros; a entrega de uma parte das terras dos índios a colonos das ilhas dos Açores, que ficariam isentos de impostos por dez anos, mas que pagariam às aldeias uma renda anual per-

pétua; enfim, a inteira separação dos brancos e dos índios. Bem sei que não compete ao coronel realizar tudo o que proponho; mas, se minhas ideias lhe parecerem capazes de produzir algum benefício, ele poderá propô-las à Corte.

De São João escrevi também ao cura de São Borja que prometeu dar-me o significado de vários nomes de lugares tirados da língua guarani. Apresentei-lhe um rol desses nomes, rogando-lhe que enviasse a Porto Alegre a explicação prometida.

A residência de Santo Ângelo é muito bonita; o leito, as cortinas das janelas e a que cobre a porta são de damasco, mas chove dentro da casa e logo tudo estará perdido.

Já mostrei que as mulheres guaranis, não tendo nenhuma ideia do futuro, não podem ter pudor. Parecem acreditar que o casamento não as obriga a compromisso algum, e os homens não pensam diferente. O vigário de São Borja me informou que, constantemente, os guaranis já casados se apresentavam a ele para casar com outra mulher.

SÃO JOÃO, 26 de março.\* – Visitei esta manhã, a cavalo, as plantações da aldeia de São João, acompanhado neste passeio pelo administrador. São imensas, as das outras aldeias não se lhes podem comparar e, no entanto, foram feitas por mulheres e meia dúzia de velhos. Trata-se agora de examinar se esse trabalho não está acima das forças de um pequeno número de pessoas, e estou fortemente inclinado a crer que sim. O administrador insiste em que não pode admitir que os índios fiquem ociosos; fala deles com profundo desprezo e parece tratá-los com muita dureza. Entretanto, como as colheitas são abundantes, alimenta bem seus índios e, em geral, têm boa saúde.

Vi, no caminho, o arado do qual se servem os guaranis; nada pode haver de pior e, ao mesmo tempo, de mais simples. A peça principal é um comprido pedaço de madeira, não lavrado; um outro pedaço pontudo, um pouco curvo e do comprimento de um braço, é cravado em ângulo agudo em direção a uma das extremidades da peça e virado para o extremo oposto. Este último pedaço de madeira, que serve de relha, está fixado ao primeiro, não somente por um torno, mas também por meio de correias, ligadas perto da parte pontuda. À ponta da peça principal, oposta àquela

---

\* No original, 25 de março.

em que está fixada a relha, se liga a canga de uma junta de bois, de maneira que a relha fica na direção dos bois. O lavrador conduz os animais com o aguilhão que segura em uma das mãos, enquanto a outra dirige o arado com a ajuda de um cabo, formado por um pequeno bastão fincado verticalmente, acima da relha, na peça principal.

As terras daqui, como quase todas as das Missões, são excelentes e produzem igualmente trigo, mandioca, milho, algodão, feijão, favas e todas as espécies de legumes. O algodão é de qualidade inferior, mas os algodoeiros produzem muito e duram perto de cinco anos. Após cada colheita são cortados os pés. Bate-se o trigo usando o método que descrevi quando estava em Santa Teresa. Para separar os grãos de milho do seu sabugo, metem-se as espigas numa gamela, batendo-se com achas, à maneira de pilão.

Ao entrarmos nas plantações de algodão, as mulheres estavam ocupadas capinando a terra e trabalhando com muita atividade. Fiquei revoltado com a maneira indecorosa na qual lhes falou o administrador, com insinuações e gestos obscenos. Fez-me observar os lenços que algumas traziam à cabeça, garantindo-me que eles apenas poderiam ter sido dados por minha gente. Como Firmiano passara fora a noite anterior e como não acreditasse que ele me tivesse roubado alguma coisa, desejei saber com qual das mulheres havia tido relações, a fim de poder perguntar-lhe se recebera algum presente. Prometendo colares, soube, num instante, quais haviam tido relações com cada um dos meus e todas disseram, ao mesmo tempo, o que ganharam; à exceção, porém, da que fora possuída por Firmiano, a qual, concordando com as outras, do que se passara, persistiu em responder que não sabia o que tinha recebido. O que me chocou nessa cena indecente foi o ar de simplicidade, direi, quase de inocência, com que essas mulheres faziam sua confissão. Pareciam nem suspeitar que houvesse algum mal naquilo que tinham feito.

Se há, em todas as aldeias, mais mulheres do que homens, isto não significa que os soldados que se acham em São Borja não tenham quase todos uma mulher ou amante; é que as mulheres não podem fugir tão facilmente quanto os homens e, portanto, delas resta um maior número. Não havendo no meio delas senão alguns velhos, entregam-se ao primeiro que se apresenta, seja negro, seja branco, e muitas vezes sem exigir retribuição alguma. Veem-se diariamente brancos fazerem extravagâncias

pelas índias, mas em geral estas não se mostram fiéis. Os velhos brancos se mostram ainda mais apaixonados que os jovens. Isso é devido a que essas mulheres, inteiramente desprovidas de moral, não sabem escolher e, então, os velhos não percebem nelas tal repugnância, como ocorre entre as brancas e mesmo entre as negras. De resto, as ligações das mulheres guaranis são quase sempre funestas a estes. Sabe-se quanto são perigosas as doenças venéreas transmitidas pelas índias aos homens de nossa raça, e quase todas as mulheres das aldeias são portadoras de vírus venéreo.

Quando estive em São Nicolau, vinham ao redor da minha carroça mulheres quase nuas que procuravam aproveitar os restos dos alimentos dos meus soldados, já apodrecidos, como também seus filhos que amamentavam. Cada aldeia contribui para o pagamento de um cirurgião-mor, mas ele nunca sai de São Borja.

.....

## Capítulo XIX

CHOUPANA DE PIRATINI\* – NOTAS SOBRE SÃO JOÃO – HABILIDADE MANUAL DOS ÍNDIOS, ESCRITA, ESCULTURA – AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO ITAPIRUGUAÇU – ESTÂNCIA DE TUPACERETÃ\* – ESTÂNCIA DE SANTIAGO – RESPEITO QUE SE DEVIA TER PELOS DIREITOS DOS ÍNDIOS SOBRE SUAS TERRAS – UMA MULHER QUE VIVEU À ÉPOCA DOS JESUÍTAS – ESTÂNCIA DE SALVADOR LOPES – ENTRADA DO MATO – CULTIVO DE TABACO – SÃO XAVIER – MAUS COSTUMES DO BRASIL – COMPARAÇÃO ENTRE OS NEGROS E OS ÍNDIOS – TOROPI-CHICO – SERRA DE SÃO XAVIER, DE SÃO MARTINHO E DE BOTUCARAÍ – FERTILIDADE DESTA REGIÃO, SATURADA DE REQUISIÇÕES – AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DE TOROPI-GRANDE – ESTÂNCIA DE SÃO LUCAS – ESTÂNCIA DE FILIPINHO – ESTÂNCIA DE DURASNAL DE SÃO JOÃO DA COXILHA DO MORRO GRANDE – ESTÂNCIA DO RINCÃO DA BOCA DO MONTE – PROPRIEDADE DUVIDOSA – TÍTULOS DE SESMARIA.

**C**HOUPANA DE PIRATINI, 26 de março, quatro léguas. – Contam-se em São João perto de 200 almas, entre elas apenas um pequeno número de homens, todos já de idade avançada. Aumentou-se esta fraca população de uns sessenta indivíduos, recrutados entre aqueles que atravessaram o Uruguai nos últimos tempos. O administrador os faz trabalhar sob a vigilância de um deles. É fácil ver, pela lentidão desses índios, que já haviam perdido o hábito do trabalho.

---

\* O autor escreve Piratinim, Tupamiretan, Duramal de São João da Cochillo do Mozzo Grande, Rincão do Bom Monte.

De todas as aldeias das Missões, São João é aquela que menos se parece às demais. A praça muito mais larga do que comprida, o convento construído em posição bastante elevada sobre o solo, e a ele se chega por várias escadas; o curralão fica à direita do convento; a igreja à esquerda. Esta foi incendiada, ao que parece, por negligência de um sacristão e dela só restam ruínas. Substituíram-na por uma capelinha mal iluminada, mas que, de resto, serve muito pouco uma vez que não há padres em São João. Essa aldeia está igualmente sem professor, o que é lastimável privarem-se os índios de instrução, pois aprendem com extrema facilidade de tudo o que se lhes ensina. As igrejas das aldeias, construídas e pintadas por eles, mostram o quanto são capazes e tive ainda uma prova de suas habilidades; vi, na capela de São João, o Glória e o Credo escritos com tal perfeição, que somente olhando de perto me convenci de não serem impressos. É a obra de um velho índio, que preenche na aldeia as funções de escrivão (um dos cargos dos antigos cabildos) e que parece um bom auxiliar do administrador. Notam-se ainda na mesma capela algumas imagens de santos, esculpidas pelo sapateiro da aldeia, o qual não se serve de outro instrumento além de uma faca; não chegam, sem dúvida, a obras-primas mas é preciso lembrar que esse homem não teve mestre e não viu senão alguns modelos imperfeitos. A habilidade dos índios se relaciona perfeitamente com a sua imprevidência; não sabem tirar proveito dessas qualidades que lhes são inerentes como à semelhança de instinto, como o da formiga e o da abelha.

A região percorrida para chegar até aqui é pouco montanhosa e densa de mato. Assemelha-se muito com os arredores de Curitiba e não é mais alegre. Com as ralas pastagens, meus bois e cavalos se enfraquecem cada dia mais, os moscardos continuam a perseguir-los e eu temo não poder logo avançar mais.

De São João até aqui, nenhuma casa, nenhum traço de cultura, ninguém nos campos. Antes de chegar ao Piratini, foi preciso atravessar um bosque espesso, que o delimita. O caminho aí é muito estreito e embaraçado por bambus. Era preciso abrir passagem à medida que avançávamos; a carroça chocava-se continuamente com troncos de árvores; pensei várias vezes no instante em que ela ia se fazer em pedaços; muitas vezes fomos obrigados a desatrelar os bois, e penosamente alcançamos as margens do rio. Em meio a todas as dificuldades enfrentadas, sobreveio a chuva, um



boi se perdeu, tivemos de abandonar um cavalo, que não podia mais andar, e só chegamos aqui depois das quatro horas da tarde sem nada comer durante o dia. Meus empregados, que já haviam saído muito cansados de São João, se encontram agora exaustos e mal-humorados.

Há aqui duas choupanas construídas razoavelmente e habitadas por índios. Nenhuma plantação nos arredores; mas tudo leva a crer que haja algumas, pois há nas palhoças bastante milho e abóboras. Esses homens só falam o guarani e, em consequência, estou privado de lhes perguntar uma porção de coisas que desejava saber. Em geral, como disse, apenas os índios de São Borja, os quais, pela convivência com os portugueses, sabem falar a língua deles.

Em São Miguel deram-me por guia um velho índio que parece muito bom carreiro, mas que hoje me irritou profundamente porque não encontrei meios de fazê-lo entender-me. Em nenhuma aldeia o cabildo está completo, só há em São João apenas o escrivão, no qual já falei, e um tenente-corregedor, e não se pode dar-lhe outro ajudante, pois não há mais ninguém no lugar que saiba ler. Esse homem substitui o administrador em caso de necessidade, o escrivão no interior da aldeia e o tenente, nas plantações. Apesar da dignidade deste último, o administrador tem muito pouco respeito por ele, ameaçando-o, diante de mim e de vários índios, de lhe dar bastonadas. Se o tenente falta ao dever, parece-me que seria melhor repreendê-lo em particular, ou ao menos fazê-lo com mais consideração.

CHOUPANA DE PIRATINI, 27 de março. – Choveu durante todo o dia, o que me obrigou a ficar aqui. Meu pessoal está de mau humor insuportável, como ocorre sempre que deixamos alguma cidade ou aldeia. Eles aí se fatigam com mulheres, sendo necessário passar três ou quatro dias de viagem para repô-los no seu estado natural. Laruotte discutiu com Joaquim, acusando-o de matar os bois e os cavalos. Matias tomou para si essa reprimenda e veio me dizer que não queria mais cuidar de nada. Acalmei-o do melhor modo, e ele foi dormir. José Mariano não apareceu durante todo o dia; como ele costumava contar vantagens sobre seu bom comportamento, creio que estivesse um pouco envergonhado da aventura de São João; saí à tarde, após a chuva, encontrando-o aborrecido, mas lhe falei com naturalidade e ele melhorou ligeiramente. Para mim o mais desagradável foi constatar que todas as minhas provisões eles distribuíram

às índias. Ainda tenho muito chão a percorrer antes de poder renová-las e estou certo de que meus empregados dissipadores comprovados se voltarão contra mim quando não houver mais nada.

As palhoças dos índios são muito pequenas e mal arrumadas, vendo-se nelas apenas espigas de milho suspensas em varais, um pouco de algodão, abóboras, uma rede, alguns farrapos, uma marmita, uma chaleira para mate, alguns bancos e catres de pinho guarnecidos de tiras de couro cruzadas. Este último móvel se encontra em todas as casas dos índios, por mais pobres que sejam.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DE ITAPIRUGUAÇU (Lugendinho-Grandport), 28 de março, cinco léguas. – A região é apenas ondulada e nada limita a vista; os tufos de capim rareiam e as pastagens parecem melhores. Os moscardos, apesar de pouco numerosos, atormentam ainda cruelmente nossos bois e cavalos, já muito fatigados. Não vimos nenhum viajante, nem cavalos nem outro animal.

Após termos parado ao meio-dia à margem de um ribeiro chamado Itapiru-Mirim, que corre num leito de pedras, viemos passar a noite à margem de outro riacho, não muito maior, denominado Itapiruguaçu; corre, como o primeiro, sobre rochas e é igualmente orlado de bosques, entre os quais se veem muitas palmeiras. Observei hoje uma planta semelhante à palmeira; é a quarta que encontro no Brasil.

ESTÂNCIA DE TUPACERETÁ, 28 de março, seis léguas. – A região continua ondulada e com pastagens a perder de vista, espalhadas de pequenos tufos de capim. Sempre a mesma solidão; não se veem nem mesmo, como nos desertos de Quaraim, veados ou avestruzes. Esses animais existem, de fato, na província das Missões, mas é provável que sejam raros, pois não me lembro de tê-los visto depois de Ibicuí.

As pastagens continuam de um belíssimo verde, mas as plantas em flor se tornam menos frequentes. São principalmente os *eryngium* nº 2.758, e em seguida a composta, e sobre tudo a radiada, a *nicandra* nº 2.733 e a *vernônia*. O Jaguari<sup>1</sup>, que atravessamos antes de chegar aqui, é um pequeno rio bastante rápido, que corre sobre leito de rochas e que é, conforme se diz, extremamente piscoso.

---

1 No original, Jaguaí.

A estância onde paramos pertence, como já havia dito, à aldeia de São Lourenço; uma capelinha meio em ruínas e um par de choupanas em péssimo estado compõem todo o cenário. O gado foi inteiramente dizimado.

ESTÂNCIA DE SANTIAGO, 30 de março, três léguas. – O aspecto da região continua o mesmo, talvez ainda com menos flores nas pastagens. Fazia apenas uma hora que estávamos na estrada quando a chuva começou a cair, acompanhando-nos até aqui.

Outrora essa estância era habitada por um espanhol e ela conservou seu nome. Atualmente é habitada por um brasileiro que morava para os lados de Quaraim, mas que, tendo suas propriedades devastadas durante a guerra pelos gaúchos e pelos próprios portugueses, veio se refugiar aqui. “Só comprei a casa”, me disse ele, “porque as terras pertencem aos índios.” Fiquei admirado de ouvi-lo fazer essa distinção, pois em outras zonas da província, doavam simplesmente terras pertencentes às aldeias. Se o governo dos Estados Unidos reconhece que não podem legitimamente avançar um só passo sobre as terras dos selvagens nômades sem indenizá-los, com mais razão dever-se-ia reconhecer como sagrado o direito dos índios guaranis às terras que ocupam há tanto tempo, cultivando-as e construindo tantas benfeitorias? Eles são hoje tão pouco numerosos que não poderiam cultivar a milésima parte da província; seria, pois, absurdo impedir os portugueses de aí se estabelecerem, mas seria justo exigir que pagassem aos índios uma renda anual e, por outro lado, estabelecer entre os homens das duas raças uma linha de demarcação, proibida de ultrapassar por uns e outros. Quanto às terras pertencentes às aldeias da margem direita do Uruguai, está claro que, se nada ficou regularizado a este respeito pelo governo espanhol, os portugueses delas podem dispor como melhor lhes aprouver, conservando-as pelo direito que se convencionou considerar resultado da conquista.

Encontrei aqui vários homens dos campos gerais, que vieram comprar mulas nos arredores e devem passar o inverno nesta estância. Atravessaram o sertão em setembro, como é de hábito; fizeram suas compras durante o verão, devendo regressar aos seus lares no próximo mês de setembro. Nessa época, em que as pastagens reverdecem, as mulas encontram no sertão o melhor alimento, ficando menos expostas à epidemia

chamada *mal-de-vaso*, capaz de matar, em outras estações, grande número de cabeças na travessia do deserto.

Cumprir notar que não resta, em toda a Província das Missões, nenhuma inscrição ou epitáfio que lembre os jesuítas. Todos os monumentos desse gênero foram, provavelmente, destruídos pelos espanhóis no propósito de fazer com que os índios se esquecessem desses padres. Entre os índios, vi apenas uma mulher que viveu sob o governo dos jesuítas, e ela pronuncia o nome de jesuítas com profundo respeito; porém muitos guaranis se lembram de haver ouvido seus pais ou avós falar deles, dizendo que, quando esses religiosos administravam a região, foi o tempo da felicidade.

ESTÂNCIA DE SALVADOR LOPES, 31 de março, duas léguas. – O gado desta região tem a mesma disposição pelo sal que o da capitania de Minas. O homem em cuja casa pernoitei ontem possui muitas vacas leiteiras que rondam a casa, e pude observar que elas seguiam as pessoas que saíam para urinar. Durante a noite, encontraram um jeito de tirar da carroça o saco onde se achava nossa provisão de sal, comendo-o todo.

A região já se apresenta mais arborizada. À direita, pequenas montanhas. Tinha a intenção de ir hoje até à encosta chamada serra de São Xavier, mas apenas estávamos na estrada o tempo se fechou e, quando chegamos aqui, desabou um temporal. A chuva continuou o dia todo, acompanhada de um minvano já muito fresco.

Esta estância se compõe de algumas choupanas onde chove por todos os lados e onde, por conseguinte, ficamos muito mal abrigados. A vaca que me restava não pôde ser abatida, porque o mau tempo impediria a secagem da carne. A provisão de farinha acabou-se; nosso feijão, que vem de Montevidéu, está de uma dureza extrema; estamos na iminência de fazê-lo cozinhar com sebo. Uma carne tão magra torna meus empregados mais insuportáveis que nunca. Nenhum deles diz uma palavra sequer, nem sorri, e eu passo o tempo o mais tristemente possível.

Depois de São João é a quarta casa em que paro. As duas primeiras eram habitadas por índios que só comem milho cozido e abóboras, e o paulista que possui gado e negros apenas se alimenta de feijão sem farinha. Torna-se, pois, impossível para mim fazer compras. Ficarei muito feliz se

me quiserem dar algumas abóboras que comeremos assadas ao fogo ou cozidas na água.

Percevejos, pulgas e piolhos são muito comuns na Província das Missões. As mulheres guaranis comem essas duas últimas espécies de insetos e, quando censuradas, respondem ser impossível que Deus tenha feito esses animais unicamente para nos atormentar.

Inúmeras vezes testemunhei a facilidade com que os habitantes desta região suportam a fadiga e as intempéries. Vou citar um caso, Mariano saiu exausto de São João; quase nada comeu depois que saímos dessa aldeia; ontem se molhou a valer, no entanto não mudou de roupa, dormindo assim mesmo. Hoje montou o cavalo, no momento em que mais chovia, para ir à procura dos bois, não pôde trocar de roupa e foi de novo se deitar todo molhado.

ENTRADA DO MATO, 1º de abril, três léguas. – A noite estive muito fria, mas o tempo se conservava bom; porém, como foi necessário providenciar novos freios para a carroça, só pudemos partir pelo meio-dia. Meu hospedeiro, que não vira ontem à tarde, veio me visitar e contou-me ser natural de Castro, estabelecendo-se aqui há muitos anos; cultiva a terra e vive tranquilamente do fruto do seu trabalho. Por haver tão pouca gente que colhe nesta região, os gêneros atingem preços exorbitantes.

Meu hospedeiro me vendeu um alqueire de farinha de milho por oito patacas; isso lhe dá muito lucro e os ganhos que obtém da cultura do arroz, do feijão e do amendoim não serão provavelmente menores. Este homem também se dedica à cultura do tabaco, que se desenvolve perfeitamente neste cantão, ele o põe em corda e o vende em Vacaria.\* Se as aldeias não fossem tão despovoadas, seria vantajoso enviar para elas alguns homens para cultivar esta planta. Os índios são apaixonados pelo fumo, e se poderia estimulá-los ao trabalho distribuindo cigarros aos mais laboriosos, obtendo-se com o restante da colheita consideráveis resultados. Era sem dúvida por meio idêntico que os jesuítas levavam os índios, oferecendo-lhes melado, onde era possível cultivar a cana-de-açúcar. A esperança de benefícios nunca estimulará um índio, pois ele não sabe mesmo esperar; mas se animará inteiramente pondo-lhe sob os olhos um pedaço de carne

---

\* O autor escreveu *vacca*.

ou de fumo. A região que atravessamos é muito arborizada; os caminhos passam sempre em pastagens mas, para evitar as matas, descrevem muitas sinuosidades. Parecem caminhos de jardim inglês, onde ora se veem matizes de bosques avançar no meio da relva. A carroça havia chegado antes de mim ao lugar em que devíamos parar. É lá onde o caminho começa a atravessar a mata e também a descida da serra.

Só encontrei Firmiano e José Mariano; disseram-me que os soldados tinham ido examinar o caminho que devemos percorrer amanhã. Enquanto isso, Matias chegou logo gritando colérico que o caminho estava perigoso e que amanhã a carroça certamente se fará em pedaços. Ele acrescentou, com insolência, que eu era culpado, por seguir os conselhos de todos, menos os de meus empregados. Como não há senão este caminho e o da serra de São Martinho, há muito abandonado, não teria nenhum conselho a pedir; entretanto não respondi isso a Matias. Limitei-me a dizer-lhe, com o maior sangue-frio, que não teria hesitado em seguir seus conselhos, caso ele tivesse alguma vez passado por este caminho, uma vez que era a primeira vez que ele vinha a esta região. Eu, em seguida, o reanimei dando-lhe uma dose avantajada de cachaça. Amanhã, distribuirei essa bebida a toda comitiva e em seguida me abandonarei à Providência.

SÃO XAVIER, 2 de abril, duas léguas e meia. – Durante a noite, fez muito frio e dormi muito mal. O tempo esteve hoje admirável e nos favoreceu singularmente a passagem da serra. Apenas começamos a caminhar, entramos num bosque virgem, extremamente espesso e embaraçado de bambus, que, com os galhos das árvores, formavam sobre nossas cabeças uma abóbada impenetrável aos raios solares. O caminho é quase sempre íngreme e mal conservado. Ora é preciso passar sobre grandes rochedos e frequentemente sobre pedras redondas; de quando em vez atravessamos charcos. Matias havia, contudo, exagerado o perigo, pois a carroça não parou em nenhuma parte, acabando por chegar sem transtorno algum.

Encontrei em São João o homem em cuja casa eu havia parado; recebi dele a gentileza de me enviar à estância de Santiago bois acostumados a subir a serra; cumprindo a palavra, esses bois nos foram de grande utilidade.

Ao pé da serra, saímos de bosques sombrios e espessos que varamos no espaço de mais de uma légua e onde desfrutamos sempre de um verde encantador. Passamos por uma pastagem desigual, cortada por

riachos e barrancos, contornada de montanhas por todos os lados. Uma, principalmente as que deixamos para trás, são cobertas de bosques; algumas unicamente revestidas de pastagens do mais belo verde; outras, enfim, oferecem ao mesmo tempo matas e gramados; são pouco elevadas, nenhuma é muito escarpada; todas terminam por uma protuberância ou por uma plataforma; no entanto, a variedade apresentada em sua forma ou vegetação torna a paisagem deliciosa e, hoje, o bom tempo reinante lhe aumentou os encantos. O céu mostra-se um tanto pálido, mas sem nuvens, assemelhando-se ao dos nossos belos dias do começo de setembro.

A habitação onde parei está situada no lugar que acabo de descrever; compõe-se de algumas choupanas esparsas. O proprietário goza, contudo, de certa fartura, pois tem gado, várias carroças, alguns negros, fazendo o comércio de couros, tecidos e mate, adquiridos nas Missões e vendidos nos arredores de Rio Pardo. Este homem me disse que era paulista e, com efeito, é fácil de comprovar, por sua polidez e seu ar agradável e comunicativo, coisa rara nesta província.

Quando os paulistas, principalmente os do distrito de Curitiba, cometem qualquer falta, ou querem fugir ao serviço militar, refugiam-se na Capitania do Rio Grande, onde se estabelecem, não saindo mais daí. Estas emigrações podem ser olhadas como grande benefício para esta capitania.

A mistura de estranhos com os habitantes da região renova continuamente a raça e retarda a adoção dos costumes espanhóis. Meu hospedeiro, que é branco, apaixonou-se, em sua terra, por uma mulata. Seu pai se opôs a esta união, mas os dois amantes fugiram e vieram se casar aqui. Depois, meu hospedeiro se enamorou por uma índia, com a qual tem filhos e, apesar de saber que ela se entrega a qualquer um, não cessa de presenteá-la. Sua legítima mulher se desgostou com esse modo de vida e o abandonou. Ao citar esses fatos, em si desinteressantes, é para chamar a atenção dos males que causa nas famílias a mistura de índios e brancos. Estes não são os únicos. Todos os cultivadores da província têm nas suas casas índios que lhes servem de peões. Suas esposas e filhas têm continuamente sob os olhos os exemplos de libertinagem das índias e, familiarizando-se com o vício, tornam-se tão pouco castas quanto as próprias índias. Assim, nesta província, os lares oferecem o exemplo da desunião e de toda espécie de desordens. Entregando-se às índias, os homens brancos se embrutecem,

tornam-se insuportáveis e estúpidos; disso tive muitos exemplos entre São Borja e São João.

Falando-me, esta tarde, de meu hospedeiro, Matias o ridicularizou, por ele enviar qualquer coisa à sua mulher, e a censurava muito, porque não quis ver em sua casa os filhos da concubina de seu marido. Eis aí os costumes do Brasil!

Os habitantes deste rincão, quase todos estrangeiros, fabricam farinha de milho e servem-se, como em Minas, do monjolo; havia um na casa de Salvador Lopes e hoje vi outro.

Devolvi hoje o velho índio que me serviu de guia de São Miguel até aqui. Recompensei-o largamente; no entanto ele mal me agradeceu, sem se despedir de mim nem de meu pessoal. Os índios são em geral os homens mais frios e mais indiferentes que existem no mundo. Sua imprevidência pode originar-se de uma organização menos delicada que a nossa e é provavelmente essa rudez de órgãos que os torna ao mesmo tempo insensíveis à moral e ao físico. Os negros, tão distanciados de nós, são contudo superiores aos índios. Seu juízo não é jamais como o nosso. Eles conservam qualquer coisa de infantil em suas maneiras, linguagem, ideias, mas não são estranhos à concepção do futuro; vimos alguns que conseguiram algum dinheiro mesmo durante a escravidão; enfim, eles não são incapazes de afeição e generosidade. A negra do administrador me falava, de modo tocante, de sua afeição pela mãe. “Meus filhos”, me dizia ela, “não precisam mais de mim, mas não há um dia em que a lembrança de minha mãe não se apresente em meu espírito e não me faça chorar. Meu patrão diz, às vezes, que deixará esta região e seguirá para onde ela mora. Tenho feito rezar missas a Nossa Senhora da Aparecida para que ela o fortaleça nas suas boas intenções.”

TOROPI-CHICO, 3 de abril, duas léguas e meia. – Durante minha permanência na casa de Joaquim José, fui tratado com bondade inimaginável por este homem que me prestou todos os serviços dependentes dele. Ofereceu-me espontaneamente seus bois para me conduzir até Toropi-Grande, mas esses animais se haviam embrenhado no mato, e somente depois do meio-dia é que pude partir.

O caminho que tomei para vir até aqui corta uma pastagem que serpenteia entre montanhas, a maior parte coberta de bosques. Estas



montanhas são apenas a continuação e quase a extremidade de uma grande cadeia extensa, que segue a costa do Brasil. Aqui recebe o nome de serra de São Xavier; oito léguas mais acima, o de serra de São Martinho e, pouco mais ainda, chama-se serra de Botucaraí. Segundo me disseram, ela se estende ainda por mais ou menos meia légua daqui, e lá termina.

Parei numa pequena estância cujo proprietário estava ausente, mas onde fui recebido por um curitibano morador nas vizinhanças. Esse homem se lastima de que tanta gente deixe suas terras para se estabelecer aqui, onde cometem tantas extravagâncias pelas índias e não se enriquecem nunca. Muitos fogem para não se submeter ao serviço do Rei, pois aqui é muito mais penoso do que na Capitania de São Paulo; outros vêm na esperança de fazer fortuna e se empobrecem mais. A maioria não tem, de início, a intenção de ficar aqui; uns fazem maus negócios e a vergonha os impede de voltar; outros se apaixonam pelas índias e não querem mais separar-se delas; outros, afinal, se enredam em diversos negócios complicados e envelhecem, fazendo cada ano o projeto de atravessar o deserto, de volta, no ano seguinte.

De resto, meu curitibano, inteligente e bem educado, me confirmou tudo quanto já descrevi neste diário sobre o caráter dos índios, sobre o amor que as índias inspiram aos brancos, como uma espécie de encantamento, sobre a desunião que elas fomentam nas famílias e sobre os maus costumes reinantes nesta província, entre homens e mulheres.

Este homem me contou que havia visto morrer uma quantidade de brancos em consequência de doenças venéreas, transmitidas pelas índias, e assegurava que essas mulheres podem ser portadoras dessas moléstias, sem mesmo estarem infectadas.

Segundo me relatou este homem e várias outras pessoas, pode-se criar gado neste cantão sem lhe dar sal; também as terras são favoráveis a toda espécie de cultura, produzindo algodão, milho, amendoim, trigo, arroz, feijão, frutas e legumes em abundância. Joaquim José me informou que dezesseis alqueires de trigo lhe tinham rendido cem. O mesmo terreno pode produzir duas vezes por ano, durante seis anos, ou mais, sem deixá-lo descansar e sem adubá-lo.

Os índios das aldeias são, como disse, muito mal vestidos; as distribuições de roupas dependem inteiramente do capricho dos adminis-

tradores; e as mulheres não possuem sequer uma coberta para protegê-las contra o frio. Elas o suprem colocando brasas sob o leito que, como já relatei, se compõe de um quadro guarnecido de tiras de couro cruzadas. É dessa maneira que se aquecem os doentes, não sendo necessário dizer que a fumaça da brasa só faz aumentar a intensidade da doença.

Joaquim José, meu hospedeiro de São Xavier, pretende abandonar esta região para se livrar dos vexames a que está sujeito. Constantemente requisitam seus bois e cavalos, acabando de tomar-lhe, como a todos os estancieiros da vizinhança, um grande número de vacas para servir de alimento aos soldados acantonados em São Miguel e aos gaúchos de Siti.

Todos os portugueses se lastimam dos sacrifícios a que se submetem em favor de homens que os maltrataram tanto. A generosidade natural lhes faz suportar esses sacrifícios, mas é evidente que para tudo há termo. Desde que esses homens estão nesta região, podiam ter procurado meios de subsistência, já que, se quisessem, teriam encontrado facilmente trabalho, pois a falta de braços se faz sentir em toda parte.

AO AR LIVRE, ÀS MARGENS DO TOROPI-GRANDE, 4 de abril, uma légua e meia. – Da casa de Joaquim José, havia escrito ao comandante do distrito, pedindo-lhe me arranjasse bois e um guia, no que prontamente me atendeu. A pouca distância do rio Toropi-Chico, que corre a mais ou menos uma légua da casa onde passei a noite, fiquei sabendo que esse rio, geralmente vadeável, deixa de sê-lo após as chuvas. Aconselhado pelo meu curitibano e por um índio estabelecido na vizinhança, escrevi ao comandante da guarda de Toropi-Grande, para que ele me enviasse uma piroga. Ela chegou puxada por uma junta de bois; as bagagens foram descarregadas e passadas para o outro lado. Tínhamos feito ainda quase uma meia légua através de uma região densa de floresta quando chegamos às margens do Toropi-Grande. Como não havia aí uma piroga para atravessá-lo, foi preciso mandar buscar a que nos servira na travessia do Toropi-Chico; era já noite quando ela chegou e só amanhã poderemos passá-lo.

Hoje, Matias me foi ainda útil, prestando-me sempre muitos serviços nas ocasiões difíceis; no mais, ele me fala com uma insolência e um ar de desprezo, que o torna insuportável. Os outros não são menos desagradáveis; Firmiano se vai tornando odioso, e se ainda o suporte é unicamente porque sei que brevemente chegarei a Porto Alegre.

Reencontrei hoje em abundância, às margens dos riachos, o salgueiro dos campos de Montevidéu e um arbusto igualmente comum nos arredores do rio da Prata.

O índio, a que me referi anteriormente, é, entre os de sua raça, uma notável exceção. Além de saber ler e escrever, fala bem o português, anda bem vestido e é honesto; goza de certa riqueza; possui uma estância, cavalos e gado; disseram-me que administra metodicamente seus negócios e casou suas filhas com homens brancos.

ESTÂNCIA DE SÃO LUCAS, 5 de abril, uma légua. – Começamos o dia transpando o Toropi-Grande. A bagagem passou na piroga; os bois puxaram, a nado, a carroça para o outro lado. O Toropi-Chico se lança, disseram-me, no Toropi-Grande, e este no Ibicuí. Os dois primeiros têm pouco volume, mas, após as chuvas, se tornam profundos; o Toropi-Grande não é vadeável. Os índios dão a este último simplesmente o nome de Toropi, que quer dizer o rio dos couros de touro; enquanto ao outro, chamam Tororaipi, palavra que significa o rio dos couros de vitelo. Pode haver uma légua entre o Toropi-Grande e o Ibicuí, e entre estes dois rios a região é perfeitamente plana e coberta de pastagens.

Acaba de se instalar nas margens do Toropi-Chico uma guarda encarregada de só deixar entrar na Província das Missões, ou dela sair, pessoas munidas de passaporte. Tal medida foi sem dúvida tomada para impedir a deserção dos índios guaranis das aldeias e o roubo de crianças pelos brancos; mas me parece que, contrariando os senhores milicianos, tal medida não corresponde ao objetivo, pois os índios, excelentes nadadores, não precisam transpor o rio junto à guarda, e os brancos poderão também roubar uma criança, pondo-a na garupa do seu cavalo, e fazê-la passar por outros lugares fora da estrada principal.

O Ibicuí, que não tem aqui a largura do Essonne diante de Pithiviers, era ainda ontem vadeável; mas hoje se avolumou, sendo necessário descarregar a carroça e passar as bagagens numa piroga. Todas essas passagens de rio dão muito trabalho à minha gente e a tornam ainda mais aborrecida.

Paramos a um quarto de légua do Ibicuí, em uma estância composta de várias choupanas. A principal é bastante grande e recém-construída. O proprietário, porém, respondeu a Matias, que lhe pedira pousada,

de minha parte, não haver lugar para nós; todavia, acrescentou que se nos contentássemos com o que tinha poderíamos pernoitar em sua casa. Apesar de nos receber com extrema indiferença, prometeu-me cavalos para me conduzir à estância vizinha.

Os mineiros acolhem o estrangeiro com solicitude, respondendo às suas perguntas e lhes fazendo outras. O povo desta região tem um ar apático e desdenhoso, mal respondendo ao que se lhes pergunta.

Estou agora no caminho que vai do rio Pardo a São Borja; é um pouco acima do Toropi-Chico, entroncamento das duas estradas, e há ainda uma que vai daqui ao Rincão da Cruz sem passar por São Borja.

ESTÂNCIA DE FILIPINHO, 6 de abril, quatro léguas. – Há, na estância onde pernoitei, um negro bastante interessante. Já é velho e não tem barba. Pelo volume de suas nádegas, poderia rivalizar com a Vênus hotentote; caminha rebolando, com todos os modos de mulher; sua voz, contudo, é de homem; e ele me disse possuir todos os órgãos sexuais, mas que eram atrofiados.

A região percorrida até aqui é plana, pantanosa e coberta de pastagens bastante elevadas. À esquerda, contudo, notam-se árvores de pequeno porte, entre as quais muitos salgueiros e palmeiras; ao longe se descobrem montanhas. A vegetação das pastagens me pareceu pouco variada; uma das ervas mais comuns é uma composta. Os cavalos e os bois são frequentes nesses campos; no mais, não se percebe nenhuma cultura, nem mesmo um cavaleiro.

Da estância em que parei, situada numa colina, se descortina vasto panorama. Algumas choupanas, em péssimo estado, compõem essa habitação. Uma negra, que me recebeu, quis primeiro me abrigar num par-dieiro dos arredores, mas me mostrei um pouco contrafeito, fazendo-me de importante, o que me valeu ser recebido na mais limpa de todas as casas. No entanto se acha tão mal coberta que, se chover, a água entrará de todos os lados. Soube, por velhos negros zeladores da estância, que ela pertencia a um homem rico que submetia uma mulher livre a crueldades inenarráveis. Perseguido pela justiça e posto na prisão, acabou por se refugiar na Capitania de São Paulo, onde morreu. Durante todo esse tempo, seus bens foram inteiramente abandonados, sendo essa a causa do mal estado da estância.

ESTÂNCIA DO DURASNAL DE SÃO JOÃO DA COXILHA DO MORRO GRANDE, 17 de abril, quatro léguas. – Enviei ontem à tarde Joaquim Neves à casa do comandante do distrito para lhe pedir cavalos e bois. O homem que lhe serviu de guia voltou dizendo-me que o comandante não estava em casa, mas que encontraria Neves no caminho com os bois. A região que cruzamos para chegar até aqui é pouco montanhosa e coberta de pastagens, entrecortadas de tufos de capim; veem-se, de longe em longe, choupanas em péssimo estado; cavalos e gado pastam na campanha.

Chuva torrencial começou a cair quando estávamos a pouca distância daqui. Até então não havíamos ainda encontrado Neves. Pensei que ele poderia estar numa casa que se via à direita do caminho. Aí me detive e o achei realmente. Contou-me que havia percorrido todas as casas da vizinhança e não achara bois em lugar nenhum.

Parece que os agricultores da região, seguidamente atormentados pelas constantes requisições de bois e cavalos para os serviços do Rei, e que nunca são pagas, criam a menor quantidade de bois possível.

Fui muito bem recebido pelo proprietário da casa onde parei. Sem possuir o espírito e a inteligência dos mineiros, ele era dotado do sentimento de hospitalidade e de modos agradáveis. Mandou-me oferecer e aos meus empregados almoço e jantar, servindo-me excelente carneiro e leite muito bom. A casa desse homem não aparenta riqueza, confessando ele frequentemente ser pobre; contudo, me fez servir as refeições em bela prataria. Sua mãe apareceu-me; conversamos bastante e nela pude notar o bom senso, característica das mulheres do continente. Esta senhora tem muitos índios em sua casa e se queixa amargamente da indiferença deles. “Esta gente”, me dizia ela, “tem necessidade de ser maltratada, pois do contrário não se consegue nada.”

Ao cair da noite, um dos meus empregados se machucou na cabeça, o que provocou risos dessa mulher; riu-se igualmente ao ver-me esfregar aguardente no joelho do Pedrinho, que há dias vem mancando. Creio que não se deve estranhar muito a pouca dedicação dos índios pelos patrões, já que são tratados como animais.

Toda a região que percorri de São João a Ibicuí pertence à paróquia de São Miguel, onde apenas só há um padre. Está claro que, por isso, os habitantes da paróquia jamais vão à missa e não podem receber os sa-

cramentos nem mesmo à hora da morte. Disseram-me que havia crianças que montavam a cavalo para irem se batizar. Os agricultores, residentes aquém da serra, obtiveram a permissão para construir uma capela num lugar chamado Santo Antônio, mas, não havendo grande interesse, tudo leva a crer que tão cedo a capela não será terminada. A instrução moral e religiosa dos brasileiros é inteiramente negligenciada. O governo arrecada os dízimos e não se preocupa em cumprir o compromisso sagrado que ele contraiu, tomando sobre si esta parte do dinheiro público: o de dar ao povo pastores, de manter as igrejas e de fazê-las construir nos locais de população densa.

O Ibicuí faz limite entre a Capitania de Rio Grande e Província das Missões, mas o comandante da província está subordinado ao capitão-geral de Rio Grande; assim as Missões se consideram parte da Capitania.

ESTÂNCIA DO RINCÃO DA BOCA DO MONTE, 8 de abril, duas léguas. – A chuva continuou toda a manhã e eu já tinha tomado a resolução de pernoitar na estância de Durasnal de São João, mas pelas duas horas o tempo melhorou e aproveitei para me pôr em marcha.

Enquanto permaneci na casa de Claudiano Pinheiro, recebi todas as gentilezas por parte dele e de sua mãe. Claudiano experimentou muitas desgraças e foi vítima de muitas injustiças; mas se resigna à vontade de Deus com tocante serenidade. Este homem só falava aos índios com uma dureza extrema, mas isso não é, realmente, entre os portugueses, prova de maldade. Testemunhas contínuas da inferioridade dos homens dessa raça, eles se acostumam a quase confundi-los com os animais, e ninguém será considerado bárbaro, se para adestrar um cão ou domar um cavalo tiver necessidade de lhe dar umas chicotadas. A humanidade, em certos casos, não pode ser olhada senão como fruto do raciocínio, do qual o homem sem educação não é suscetível.

A região palmilhada até aqui é encantadora. À direita, o horizonte é limitado por uma cadeia de montanhas conhecidas sob o nome de serra Geral. O terreno é, em toda parte, muito desigual; pastagens cobrem o cimo e os flancos das colinas; em todas as distâncias há bosques altos e densos. A pouca distância umas das outras, veem-se choupanas com pequeno quintal cercado de sebes secas e plantado de pessegueiros. Grande

quantidade de bois e cavalos pasta aqui e acolá nos campos, vendo-se nas terras boas plantações de milho e outros cereais. A beleza do tempo somase ainda à dessa paisagem, que contemplava com tanto mais prazer quanto nos últimos dias, em que somente me entediava de ver desertos.

Parei na casa de um velho que me recebeu muito bem. Segundo o que me disseram este e Claudiano, os campos por mim percorridos desde o Ibicuí e os que se estendem até o riacho dos Ferreiros pertenciam outrora a uma zona neutra, onde nem os espanhóis nem os portugueses podiam se estabelecer. Mas aconteceu aqui o mesmo que nos campos neutros das cercanias de Rio Grande; os portugueses se aproveitavam da condescendência dos comandantes das duas nações para assenhorearem-se das terras neutras, já encontrando vários estabelecidos nesta parte quando Portugal tomou conta das Missões.

Meu hospedeiro me contou que seu cunhado foi um dos primeiros que se fixaram nesta região, antes dela pertencer ao domínio português; mas, depois disso, um outro cidadão conseguiu títulos de sesmaria do terreno ocupado por ele, pretendendo expulsá-lo. Ele fez representações ao conde e este resolveu mandar as partes à Justiça. Mas sobre este caso, acredito que não pode pairar a mínima dúvida. A fidelidade que se deve aos tratados não permitia que os comandantes portugueses transigissem espontaneamente na invasão das terras neutras, mas o pobre que necessitasse de um pedaço de terra para cultivar não era obrigado a evitar os melindres de seus superiores, e desde que estes autorizassem seu estabelecimento, era evidente que este pobre homem tinha algum mérito em afrontar o ressentimento dos espanhóis e que uma propriedade adquirida com tais riscos deve lhe dar direitos incontestáveis aos olhos dos portugueses.

Aliás, o cunhado do meu hospedeiro não é o único que se encontra em tais embarços. O mesmo terreno é dado seguidamente a várias pessoas. Mais frequentemente ainda acontece que um pobre agricultor, inteiramente estranho aos litígios, se estabelece em um terreno, com permissão do comandante, e quando tem colocado aí seu gado e construído sua choupana, homens ricos de Porto Alegre e de outras partes obtêm títulos de sesmaria do mesmo terreno e pretendem expulsar aquele que o desbra-

vou com sacrifício, substituindo-o por um administrador para auferir as rendas, sem se dar ao menor trabalho.

Meu hospedeiro me disse que nesta região cultivam de preferência as terras de mata, onde a produção rende mais, e onde se pode plantar durante três anos seguidos, com dois anos depois de repouso; queimando-se as capoeiras que aí crescem, novamente se cultiva durante outros três anos e assim indefinidamente. Primeiro é preciso trabalhar o terreno à enxada, mas aos poucos as capoeiras se tornam menos vigorosas, terminando por serem substituídas pela relva. Neste intervalo, as raízes das árvores apodrecem e, então, pode-se fazer uso da charrua.

O arroz, o milho, o trigo, o feijão dão muito bem aqui; o algodão produz regularmente, a raiz de mandioca apodrece na terra, sendo, por conseguinte, obrigatória a colheita.



.....

## *Capítulo XX*

CAPELA DE SANTA MARIA – NOTÍCIAS DA REVOLUÇÃO NO BRASIL – A CAPELA DEPENDE DA PARÓQUIA DE CACHOEIRA – SIMONIA – ESTÂNCIA DA TRONQUEIRA – NOTA SOBRE OS CAVALOS SELVAGENS – VIOLENTO FURACÃO – HISTÓRIA DE FIRMIANO – ESTÂNCIA DE RESTINGA SECA – FAMÍLIA DO SILVEIRA, CAMPONÊS DE TRONQUEIRA – A SEXTA-FEIRA SANTA – RIGOROSO JEJUM.

**C**APELA DE SANTA MARIA, 9 de abril, duas léguas. – Continuei a caminhar paralelamente à serra, em belos campos cobertos de bosques e pastagens. O terreno continua muito desigual e a região agradável. Atravessamos dois riachos, o das Taquaras e o dos Ferreiros, que se reúnem formando o rio d'Arenal, afluente do Jacuí.

Pouco antes de chegar a Capela, enviei Matias à frente para pedir uma casa ao comandante e, como este se ausentara, meu empregado resolveu falar com o seu substituto, um alferes, o qual se preparou para receber-me. O alferes veio, de fato, ao meu encontro e me conduziu a uma casa cuja chave tinha mandado procurar. Enquanto esperávamos, perguntou-me se eu estava informado dos últimos acontecimentos. Respondi que não, e ele me mostrou um decreto do Rei, pelo qual muda seus ministros e declara estar disposto a aceitar as Constituições das Cortes. Estava em Montevidéu quan-

do recebemos as primeiras notícias da revolução que começava em Portugal; elas causaram muita sensação, mas o general e seus amigos responderam que todos os motins seriam sufocados e que a causa do Rei seria vencedora.

Dois dias antes da minha partida, um navio francês entrou no porto. O capitão trouxera jornais; era minha intenção lê-los, mas o general mandou buscá-los e os guardou. Até minha chegada ao Rincão das Galinhas, ninguém me falou sobre Portugal, e lá, como disse neste diário, foi-me fácil constatar o quanto as ideias revolucionárias haviam penetrado nas tropas europeias. O próprio general Saldanha me pareceu inclinado a participar dessas ideias. Em São José nada me disseram sobre Portugal; mas em Salto me falaram muito; aí os oficiais estavam indignados de não serem pagos há trinta e um meses; achavam que quarenta mil espanhóis teriam entrado nas províncias portuguesas para sustentar os insurretos e me contaram outros disparates semelhantes. Ninguém me falou mais nada sobre Portugal até minha chegada a São Borja. Ali, fiquei sabendo, pelo comandante, que a revolução terminara da melhor maneira para a nação, pois não se derramou uma gota de sangue.

Era evidente que os brasileiros não queriam viver sob o governo absolutista, enquanto os portugueses da Europa tinham um governo constitucional; com efeito, informaram-me aqui que o povo do Rio de Janeiro se reunira em massa sob as sacadas do palácio, pedindo a Constituição e o castigo aos homens que abusaram da confiança do Rei: os ministros Tomás Antônio de Vilanova Portugal, de Targini, de Paulo Fernandes,\* intendente de Polícia, e de José Maria, comandante do Regimento de Polícia. E segundo me contam, foi depois dessa espécie de sedição que o Rei resolveu promulgar o decreto, ao qual já me referi.

O governo que os portugueses acabam de conquistar não é novidade para a nação, pois é aquele sob o qual viveram seus pais e sob o qual adquiriram tantas glórias, e que os reis fizeram sagrado juramento de não dar outro a seu povo.

O governo absoluto é, portanto, entre os portugueses o resultado da usurpação e do perjúrio, e o único governo legítimo deve ser para eles o governo constitucional. O povo não faltou a nenhum dos seus deveres, reclamando o que lhe pertencia; mas ao mesmo tempo é lamentável

---

\* O autor escreve Tomás Antônio Vilanova e Portugal, Tarhini, Paulo Fernandez.

que o Rei não tenha conhecido bastante o espírito da época, e mesmo o de seu povo, a fim de prevenir suas justas exigências e ainda fazê-lo usufruir seus direitos. Se tivesse tomado a iniciativa, ele se teria tornado um ídolo e poderia ter imposto as restrições que julgasse convenientes. Mas o povo, ditando as leis a seu Soberano, experimentando suas forças, aprendendo a conhecê-las, não abusará delas? Por outro lado, se o novo governo é o único legítimo, o antigo regime era uma violação aos direitos dos povos, e o Príncipe um usurpador. Sua bondade, bem conhecida, impedirá ao povo detestá-lo, mas será desprezado devido à facilidade com que deixava seus favoritos abusar do poder, e também o será pela fraqueza com que os abandonou e se despojou de sua autoridade. Submissa e fiel mais que qualquer outra, a nação portuguesa não teria provavelmente sonhado em reclamar seus direitos, se não houvesse sido arrastada pelo exemplo de tantos outros povos e, principalmente, por seus vizinhos espanhóis.

No entanto, os abusos atingiam o cúmulo ou, melhor dizendo, tudo era abuso; os diversos poderes estavam conforme o dinheiro, e os favores decidiam tudo. O clero era a vergonha da Igreja Católica. A magistratura, sem probidade e sem honra; os desgraçados apodreciam nas prisões sem serem julgados; os processos eram intermináveis, as leis se contradiziam e de qualquer modo a decisão do júri achava sempre uma escusa em qualquer lei. Os empregos se multiplicavam ao infinito, as rendas do estado eram dissipadas pelos empregados e afilhados, as tropas não recebiam seus soldos; os impostos eram ridiculamente repartidos; os empregados os dissipavam; o despotismo dos subalternos atingiu o máximo; o arbítrio se introduziu em toda parte e a fraqueza caminhava ao lado da violência; nada de útil é encorajado. Há 14 anos que o Rei chegou ao Rio de Janeiro e o Ministério nada melhorou; a instrução moral e religiosa está igualmente negligenciada; não se pensou em encorajar os casamentos, não se tomou nenhuma medida para fazer os agricultores adotar práticas menos prejudiciais; enfim, chegou-se a reprimir todos os sentimentos elevados, a abafar a honra e a sensibilidade de uma nação, naturalmente espiritual e generosa.

Testemunhei todos os abusos e deles assinalei muitos neste diário. Ouvi frequentemente queixa dos portugueses, mas até o presente só os tenho estimulado à paciência; sempre lhes repito que é melhor sofrer to-

dos os abusos que fazer uma revolução; e hoje lhes diria: “Reconquistastes vossos direitos, não ambicioneis mais, não vos deixeis seduzir por teorias que vos conduziriam a todos esses males que abateram vossos vizinhos espanhóis. Amparai-vos ao grande princípio de legitimidade, único fiador da tranquilidade dos impérios, não fiqueis nem aquém ou além de vossa Constituição e trabalhai com prudência na supressão dos abusos.”

CAPELA DE SANTA MARIA, 10 de abril. – Antes da guerra de 1801, havia uma guarda espanhola em São Martinho e uma guarda portuguesa às margens do riacho dos Ferreiros, que atravessei para vir da estância do Rincão da Boca do Monte até aqui.

Haviam construído no local onde está hoje a Vila de Santa Maria uma capelinha, coberta de palha, onde o capelão da guarda portuguesa celebrava missa aos domingos e dias-santos. Os comissários nomeados pelo Rei, para a demarcação dos limites entre as possessões portuguesas e espanholas, passaram também algum tempo nesse lugar. Pequenos comerciantes vieram estabelecer-se para vender aos soldados cachaça, fumo e outras mercadorias; agricultores das vizinhanças aí construíram choupanas para se abrigarem quando viessem assistir a missas.

A guarda foi retirada, os comissários se transportaram para outros lugares, mas o povoado continuou a subsistir com o nome de Acampamento de Santa Maria; contudo ele aumentou aos poucos, os habitantes obtiveram permissão para construir uma capela dependente da paróquia de Cachoeira e, no momento, pleiteiam ao governo erigi-la em paróquia autônoma.

A Vila de Santa Maria, chamada geralmente Capela de Santa Maria, se localiza em posição bucólica, a meio quarto de légua da serra. Está construída numa colina muito irregular; de um lado, avista-se uma alegre planície, revestida de pastagens e de tufos de capim; do outro lado, a vista é limitada por montanhas cobertas de florestas sombrias e espessas. A vila se compõe, atualmente, de umas trinta casas, que formam um par de ruas, onde existem várias lojas comerciais bem montadas. A capela, muito pequena, se acha numa praça, ainda em projeto.

Os arredores de Santa Maria são habitados por estancieiros que, na maior parte, além de criar gado, se dedicam ao cultivo da terra. É na região mesmo que se consomem os produtos da lavoura; todavia expor-

tam-se também pequenas quantidades para a Capela de Alegrete, onde os proprietários, com os hábitos semelhantes aos gaúchos, não têm o costume de plantar.

Em quase todas as estâncias dos arredores de Santa Maria, há índios desertados das vilas. Os homens se empregam como peões, trazendo consigo toda a família. Queixam-se geralmente os patrões da inconstância e do pouco apego desses homens. Dizem, também, que, quando se lhes paga adiantadamente, vão-se embora, não aparecendo mais.

A capela de Santa Maria depende, como disse, da paróquia de Cachoeira, cujo vigário recebe de cada fiel meia pataca em confissão pascal. Os habitantes de Santa Maria se cotizam, estabelecendo um donativo ao seu capelão. Este recebeu do cura permissão para ouvir confissões e seus penitentes lhe pagam meia pataca que ele envia ao cura. Seria de toda justiça que, em relação ao dinheiro, o cura pagasse ao capelão, como se faz em Minas; mas para ele, essa parte da paróquia é uma espécie de sinecura que ele recebe sem encargos, e seu tratamento com o capelão se reduz a isto: “Eu lhe permito exercer as funções de cura no Distrito de Santa Maria e de receber salários de meus paroquianos, mas com a condição de reservar o produto da venda das confissões pascais.” Acho que é impossível levar mais longe a simonia.

Meu hospedeiro do Rincão da Boca do Monte me contou que ele e vários proprietários das margens da estrada possuíam outrora muito gado, mas que tinham sido privados de seus animais pelos roubos praticados pelos vizinhos mais poderosos e pelos agricultores que invernam na serra.

Tudo o que relatei no diário de 8 de abril, sobre o número de anos durante os quais se pode cultivar sem deixar repousar os terrenos cobertos de mata, é perfeitamente exato quando essas terras estão altas; mas pode cultivar-se durante nove anos terras baixas e úmidas sem lhes dar nenhum repouso. Esta fertilidade está bem longe atualmente daquela da província das Missões.

ESTÂNCIA DA TRONQUEIRA, 11 de abril, cinco léguas. – Enquanto permaneci em Santa Maria, recebi muitas delicadezas do alferes, do qual já falei, do comandante do distrito e de um capitão de milícias também morador nesta vila. Solicitara ao comandante que me arranjasse uma vaca, para alimentar minha gente, e alguns bois para puxar minha

carroça até o Jacuí, limite do distrito. Ele fez exatamente o que lhe pedira e me disse que os agricultores que forneceram a vaca e os bois não queriam absolutamente nenhuma retribuição.

O caminho continua a se prolongar paralelamente à serra; a região se compõe de montanhas densas de sombrios bosques, cujos cimos arredondados e quase iguais se elevam a pequena altura; a região é alegre e agradável-mente coberta de pastagens e de tufos de capim. Veem-se muitos animais nos campos. Atravessamos dois bosques cerrados. Em todos os que cobrem esta região, acha-se grande quantidade de árvores que podem servir para fabricar carros, construção e marcenarias. Quando os espanhóis ocupavam até o riacho dos Ferreiros, os bascos exploravam o corte de madeira do lado do Rincão da Boca do Monte e enviavam por terra, até Montevideu, as tábuas que serravam. Daí o nome de Biscaíno, que ainda hoje se dá a este distrito.

Parei, para repousar os bois, numa pequena estância habitada por um velho de setenta e oito anos, que veio, aos dez anos de idade, para a ilha de Santa Catarina com as primeiras famílias que o Governo mandou vir dos Açores para povoar aquela ilha e a capitania.

Um filho deste homem me acompanhou até aqui e, quando estávamos quase chegando, disse-me que seria necessário estacionar perto de um bosque, porque a carroça poderia virar se viesse até este lugar. Examinei o caminho com meu pessoal e, ainda que fosse efetivamente muito mau, conseguimos parar nesta casa.

Felicitei-me por haver corrido alguns riscos, pois apenas tínhamos chegado, a chuva caiu torrencialmente.

Tendo sob os olhos o artigo d'Azara sobre os cavalos selvagens, vou anotar aqui algumas observações suscitadas por sua leitura. As tropas desses cavalos selvagens, chamados pelos portugueses bagualadas, foram de tal modo perseguidas, que hoje não mais se aproximam dos viajantes; contudo, no dia em que acampamos junto ao rio Ibá, muitos animais vieram rodear a carroça; galopavam corcoveando e avançaram tanto, que Matias pôde matar um jumento a golpe de faca.

Azara e seu tradutor não estão de acordo sobre a utilidade dos cavalos selvagens. É evidente que não causam nenhum mal em região deserta, mas serão nocivos nos lugares habitados, porque destroem as pastagens, arrastando consigo os cavalos domados. Os estancieros lhes fazem guerra,

quando os encontram na sua vizinhança, com o fim de afugentá-los e de se apoderar dos potros para domesticá-los. Alguns mesmo caçam os jumentos para vender o couro. Os cavalos selvagens de cada tropa caminham sempre muito próximos uns dos outros, mas não seguem nenhuma ordem em sua marcha. Não há entre eles e os cavalos domésticos da região diferença alguma, o que não é de se estranhar, pois estes últimos não recebem cuidado particular e, quando não se destinam à montaria, ficam abandonados nas pastagens e em total liberdade como os cavalos selvagens.

Uns e outros, menores e menos gordos que nossos cavalos da França, não trotam tão bem, mas galopam melhor; fazem longos percursos sem se fatigar, são mais pacientes, suportando mais facilmente a privação de alimento.

Não é verdade existirem entre os cavalos selvagens apenas três cores: notam-se todas as tonalidades observadas nos cavalos domésticos. De resto, é possível não ter sido assim no tempo de Azara e que os cruzamentos constantes entre os cavalos selvagens e domésticos, à época da guerra, tenham alterado a uniformidade daquelas cores, que dizem haver existido outrora. Entre os portugueses, chamam-se parelhinhos os cavalos destinados às corridas. São preparados para isto durante algum tempo, presos em estrebaria e treinados diariamente. É o que chamam portugueses e espanhóis compor um cavalo. Os estancieros portugueses não montam em éguas. Submetem-os, como aos bois, a um rodeio e mesmo em muitas estâncias são acostumados a comparecer juntamente com o gado bovino.

Os índios das Missões, muito pobres para possuírem cavalos, criam burros para sua montaria. Também vi em Santa Maria burros pertencentes a índios. Esses animais são aqui menores que na França e todos de uma cor esbranquiçada.

TRONQUEIRA, 12 de abril. – Fez hoje um tempo horrível e não pude seguir viagem. A chuva, como quase sempre ocorre nesta região, era acompanhada de relâmpagos e trovoadas. Meu hospedeiro me forneceu alimentação assim como a meu pessoal. Excelente camponês, de poucas gentilezas, mas oferece de boa vontade tudo quanto possui. Assim como a maioria dos agricultores da região, anda em casa de colete e pés descalços. Não encontrei mulher alguma.

TRONQUEIRA, 13 de abril. — A chuva continuou a noite toda, seguida de intensa ventania. Durante a manhã tivemos alternativas de chuva e de bom tempo e, quando não chovia, o calor era excessivo.

Horas antes do pôr do sol, o tempo se cobriu de negras e espessas nuvens, seguindo-se um furacão, o mais terrível experimentado em minha vida. Fazia tamanha escuridão, que mal dava para ler: de todos os lados o céu era cortado de relâmpagos; as trovoadas se sucediam sem interrupção, o rugido do vento sul sobrepunha ainda o ruído do trovão por sua violência. Encontrava-me então na sala do meu hospedeiro, em companhia do pequeno Diogo. A janela e a porta estavam abertas, tudo quanto se achava sobre a mesa foi levado pelo vento; apressei-me em fechá-las, mas nesse instante, parte do telhado foi arrancado e, apesar da casa ser nova, um pedaço do muro, construído com barro e tijolo, foi derrubado pelo furacão e amontoado inteiramente por cima de algumas de minhas malas. A água caía torrencialmente dentro de casa e os fragmentos de telha voavam ao redor de mim. Já estava ferido na coxa e, temendo mais graves acidentes, fui proteger-me no quarto vizinho; mas o achei descoberto e igualmente inundado como a sala. Entrei num pequeno quarto vizinho, onde encontrei as mulheres da casa, comprimidas umas às outras, e que, tremendo, invocavam fervorosamente proteção aos céus. Ao fim de sete ou oito minutos, a violência do furacão havia diminuído um pouco; voltei à sala, trouxe as malas que estavam mais expostas à chuva, procurando resguardá-las no quarto adjacente. Nesse momento entram Matias e Laruotte. O primeiro me contou que, ao começar o furacão, ele estava com Firmiano na carroça; que, apesar do enorme peso dela e a perfeita uniformidade do terreno, tinha sido projetada contra uma árvore que havia arrancado, sendo a cobertura atirada longe. Neves, que chegou no mesmo instante, nos relatou que um galpão, sob o qual se abrigara com José Mariano, havia sido derrubado e que José Mariano ficara um pouco ferido. Enquanto isso, o irmão de meu hospedeiro veio me dizer que uma pequena choupana, vizinha da casa, ficara intacta e me convenceu a levar para lá minha bagagem. Aceitei a oferta, minhas malas foram tiradas dos escombros e me instalei nela. Toda minha bagagem está molhada, as malas igualmente, minha gente não tem roupa para trocar e provavelmente passaremos uma noite má.



Meu hospedeiro estava ausente durante todos esses acontecimentos; voltou à noite e, quando deparou com o que ocorrera, não proferiu nenhuma queixa, e se resignou à sua sorte com uma coragem da qual poucos europeus seriam capazes. – “É um castigo do Céu, é a vontade de Deus”, eis as únicas palavras que pronunciaram ele e seus familiares; e antes que se fossem deitar, todos já riam de tudo o que havia passado. Esta coragem, diga-se a bem da verdade, é menos admirável num americano do que num europeu. Teria este, minuciosamente, calculado seus prejuízos, o tempo necessário para tudo reparar e quais as privações a que teria de se impor. O feliz americano, pensando pouco no futuro, está isento de tais cuidados. A chuva cessou, meu hospedeiro com outras pessoas da casa procuraram um cantinho menos molhado para poderem dormir em paz; não precisarão de mais nada.

TRONQUEIRA, 14 de abril. – O tempo esteve muito bom durante o dia, coloquei minhas malas e bagagens molhadas para secar, enquanto meu pessoal recobria a carroça. Meus hospedeiros, por sua vez, desentulharam a casa, lavaram a roupa e, auxiliados de alguns vizinhos, começaram a telhar a casa. O furacão quebrou as espigas de milho de um campo muito bonito, quase a ser colhido; desfolhou as laranjeiras, arrancando figueiras e enormes ipês (bignônia de cinco folhas) que sombreavam o pátio deles. Os vizinhos nos disseram que não foram melhor tratados. Mas todos continuavam alegres, como se nada tivesse acontecido.

À tarde, fui herborizar ao longo dos bosques e encontrei várias árvores derrubadas pelo furacão. As pastagens estão ainda verdes, mas não se veem aí outras flores, além de algumas compostas comuns.

TRONQUEIRA, 15 de abril. – Como o tempo estava muito bom ontem à tarde, mandei fazer minha cama na casa do meu hospedeiro, embora a mesma estivesse ainda quase inteiramente descoberta. Ouvi a tempestade rugir; saí para o pátio e deparei o céu carregado de nuvens; fui acordar Laruotte e mandei transportar meu leito e minha bagagem para a pequena casa onde estavam minhas malas. Felicitei-me de haver tomado essa precaução, pois o temporal não tardou a desabar, ficando o quarto que acabava de deixar inundado em poucos instantes. Quando me levantei, o tempo estava bastante carregado; temi um novo furacão e resolvi permanecer.

Como meu hospedeiro sempre me alimentou e a meu pessoal, disse-lhe que temia estar sendo pesado e prontifiquei-me a pagar todas as despesas feitas, mas ele se recusou terminantemente, parecendo até ofendido com minha proposta. À tarde chegou seu pai, o verdadeiro proprietário da casa. Pareceu-me muito desgostoso com os danos provocados pelo furacão.

Havia outrora muitos avestruzes e veados na Província das Missões, mas foram quase inteiramente dizimados pelos índios, que não param de caçá-los para comer-lhes a carne.

Desejava levar comigo um botocudo para fazer conhecer na França essa tribo singular, e eu já considerava Firmiano como uma espécie de monumento da minha viagem. O hábito de vê-lo, a dedicação que me dispensava, sua alegria, a originalidade de seu caráter me ligaram a ele, pouco a pouco, acabando por amá-lo como um pai a seu filho. Enquanto viajávamos em Minas, não exigi dele nenhum trabalho; estava quase sempre alegre e me compensava de sua inutilidade pelo ar de contentamento que estampava no rosto.

Na minha chegada ao Rio de Janeiro, ele se instalou na cozinha, dizendo que nela desejava dormir e que seria o cozinheiro. Com efeito, Prégent, pelo qual ele muito se afeiçoara, lhe ensinou a cozinhar arroz e feijão; ele limpava minhas roupas e meus sapatos; varria a casa algumas vezes, passando o resto do tempo a dormir. Obedecia facilmente, não mostrava nenhum desejo, não sentia saudades nem preocupação, nem se inquietava pelo futuro; o menor presente o encantava, deixando-o sempre satisfeito. Eu me alegrava de sua felicidade e repetia orgulhoso: ao menos não morrerei sem haver tornado uma criatura humana perfeitamente feliz. Ele não sabia contar, nem conhecia o valor do dinheiro e era, no entanto, quem ia procurar para nós as pequenas provisões indispensáveis. Meu criado, que sabia os preços, lhe dava separadamente o dinheiro necessário à compra de cada objeto, e eu não me lembro que se tenha enganado alguma vez. Quando ia herborizar, levava-o comigo; carregava as provisões que comíamos às margens de um regato, e esses passeios se constituíam para nós dois numa encantadora recreação.

Pouco tempo depois de minha chegada de Minas, eu o conduzi a Copacabana, um dos lugares mais deliciosos dos arredores do Rio de Janeiro. Via-se daí de um lado o alto-mar, do outro montanhas elevadas e

pitorescas, cobertas de matas virgens, e nos seus cumes casas de campo e terrenos cultivados. Subimos uma colina e a vista do mar, nova para ele, arrancou-lhe um grito de admiração. Até então eu nunca lhe havia ainda falado de Deus; aproveitei esse instante para fazê-lo conhecer, perguntando-lhe se sabia quem era o autor de tantas maravilhas. Ele me respondeu negativamente. “Nenhum homem”, disse-lhe, “saberia criar uma gota de água, um grão de areia nem a menor haste de relva; era necessário, pois, que tudo quanto vemos tenha sido feito por um ser bem superior a nós; este ser é Deus; foi Ele quem fez o sol que nos ilumina, a Terra que nos sustém, os frutos que comemos; quem fez nascer sobre o corpo das ovelhas a lã, com que fiamos nossas vestimentas; quem colocou no seio da terra o ferro do qual fazemos nossas armas e nossos instrumentos agrícolas; em toda parte espalhou seus benefícios; Ele nos ama como um Pai; nós devemos amá-lo como filhos reconhecidos.” Na manhã seguinte, voltei a perguntar-lhe se sabia quem era Deus. Citou-me uma porção de obras do Criador e acabou afirmando que Deus era um grande capitão.

Quando parti para o rio Doce, disse-lhe que não contava com ninguém para ajudar o arrieiro a carregar as malas, nem para cozinhar, e que esperava que ele se prestasse a esses trabalhos. Respondeu-me que o faria de bom grado. No começo da viagem, só mereceu elogios. Ao chegarmos ao aldeamento dos índios civilizados, sua condição de botocudo lhe causou pequenas contrariedades, e ele as suportou de início com paciência. Quando os índios o cercaram para examiná-lo, injuriando-o, ele ficou encabulado; deixou cair a cabeça sobre o peito e viam-se-lhe algumas lágrimas rolar dos olhos. Mas ele se habituou, pouco a pouco, a resistir, acabando por se tornar um indivíduo malicioso, começando a me responder com insolência e a me desobedecer.

Embarquei com ele para retornar ao Rio de Janeiro. Ficamos aí sozinhos durante mais ou menos um mês; ninguém o atormentava, tinha pouco para fazer, retornando logo ao que já fora, o que me deixou muito contente. Durante a viagem a Goiás, continuou a proceder bem. Imitador daqueles com os quais convivia, tornou-se tão alegre quanto Marcelino e, como ele, não se queixava jamais; então parecia tomar interesse por tudo que me pertencia; eu lhe podia confiar a guarda de minha bagagem; encontrava prazer em conversar comigo; considerando-se de certa forma pes-

soa de minha família, somente tinha amizade por Laruotte, parecendo ver em meus criados portugueses simples empregados temporários, que não podiam ter por mim a mesma afeição que ele.

Assim que Marcelino me deixou, ele o substituiu perfeitamente, mas então seu caráter principiou a mudar. Prégent, que desde o primeiro dia o havia julgado melhor que eu, repetia sem cessar: “Se Firmiano não é mau, é que ele não convive com pessoas más; seu caráter se amoldará sempre aos dos homens que o rodearem.” Ao ver José Mariano me faltar com o respeito, ao testemunhar o seu mau humor e a espécie de submissão a que eu era obrigado a lhe mostrar, começou a murmurar contra mim, a me responder mal e a desobedecer-me. Estando em São Paulo, fui obrigado a bater nele para puni-lo em razão de sua cólera; ele, procurando intimidar-me, se voltou contra mim, mostrando-me a ponta de uma faca que empunhava. Fingi não haver percebido sua ameaça; continuei a repreendê-lo e ele, afinal, resolveu abaixar sua faca.

Na viagem de São Paulo a Porto Alegre, tornou-se objeto de contínuas zombarias do negro Manuel. Sempre contrariado por esse homem e ouvindo-o se queixar de mim sem cessar, acabou cada vez mais brigão e insolente; seu caráter mudou inteiramente. Seu mau humor, sua insolência não tiveram mais limites. Não podia mais suportá-lo quando chegamos a Porto Alegre. No entanto, não desesperava dele e, com efeito, quando ficamos sós, ele retomou sua alegria normal e o caráter de antes.

Com a mesma mobilidade, assimilou os defeitos dos soldados que me acompanhavam; houve uma ocasião, em Montevidéu, em que eles não me quiseram obedecer, acompanhados audaciosamente por Firmiano.

Durante a viagem ele prestou alguns serviços, mas não me demonstrava a menor afeição; adotou a linguagem grosseira dos soldados e, com uma porção de defeitos adquiridos, conservou toda sua inexperiência, imperícia, gula e aversão ao trabalho. Nada sabe e não mostra o menor desejo de aprender; jamais lhe aconteceu procurar algo que me fosse agradável.

Ao dar-lhe uma ordem, murmura quase sempre e só obedece com lentidão capaz de fazer perder a paciência ao homem mais pacato.

Porém, conservei-lhe bastante afeição até nossa chegada ao riacho Santana. Quando me acreditei às portas da morte, só pensei nele e

pedi várias vezes, e com insistência, a Matias e a Laruotte recomendá-lo, de minha parte, ao conde de Figueira. Ele próprio testemunhou esse meu pedido, viu quanto me interessava por sua sorte e deixou correr algumas lágrimas. Que homem branco, após receber provas de afeição tão inequívocas, não ficaria emocionado e não procuraria, ao menos durante alguns dias, mostrar-se reconhecido por sua conduta? Não foi assim com Firmiano; desde o dia seguinte, faltou-me ao respeito da maneira mais insolente; castiguei-o batendo; ele pareceu querer se defender; redobrei o castigo e ele acabou provavelmente receando a intervenção dos soldados. A partir daí, deixei de lhe falar com afeição e passei a me desgostar dele.

Até a minha partida de São Paulo, ele se mostrava indiferente em relação ao outro sexo; afirmava mesmo no Rio de Janeiro que a presença de uma mulher o tornava triste. A gula e o amor ao sono pareciam sua única paixão. Foi em Castro que ele começou a parecer menos indiferente; mas estou persuadido que o exemplo de Neves e de José Mariano influenciou muito mais nessa metamorfose que seu próprio temperamento.

Nas Missões ele demonstrou interesse pelas índias, provavelmente ainda por imitação; mas nessa ocasião me causou ainda muito desgosto por suas mentiras, desobediência e falta de respeito. A partir daí venho tratando-o com dureza; tenho-lhe repetido que não é um homem livre, podendo eu dispor dele como bem entender. A estas palavras ele nunca respondeu, porque sabe muito bem que os homens de sua tribo vendem os próprios filhos aos portugueses, pela menor bagatela. Queria me desembaraçar desse rapaz, mas me vejo infelizmente obrigado a mantê-lo como uma espécie de expiação. Se ele pertencesse à nossa raça, eu lhe diria: “Ou muda de conduta ou vai procurar seu pão em outra parte!”

Mas de que me serviria falar assim a um homem ignorante, preguiçoso, sempre insatisfeito, não sabendo nada, nem mesmo contar, ignorando o valor do dinheiro, sem experiência, absolutamente jejuo a tudo que constitui as relações dos homens entre si; que faria, se eu o abandonasse? E devo abandoná-lo, após ter tido a infelicidade de tirá-lo de sua terra?

Acreditava, quando o tomei comigo, que um índio não diferia de nós senão pela falta de civilização; ignorava que ele era insensível e este erro me conduzia a uma quantidade de outros. Assim, todas as vezes que lhe dava uma ordem, procurava fazê-lo sentir a necessidade, mas está claro

que este método é inteiramente defeituoso para aquele cujas ideias não vão além do momento presente; resultou, então, que se acostumou a me pedir conta de tudo quanto fazia e argumentar as minhas ordens, semelhante a uma criança de cinco ou seis anos, mal educada, discutindo as ordens de seu pai. Sem falar dos defeitos inerentes à sua raça, ele deve alguns dos que adquiriu à minha ignorância e indulgência excessivas. Os outros, tais como a grosseria, insolência, tendência à mentira, deve aos homens que me acompanharam nas minhas viagens. Talvez seja um motivo a mais para não abandoná-lo. Assim, eis-me embaraçado para sempre por um homem que permanecerá eternamente criança pela razão, e ao qual é impossível fazer compreender que não é mais criança, que não me será jamais de nenhuma utilidade, nem capaz de afeição ou reconhecimento.

TRONQUEIRA, 16 de abril. – Persistiu o mau tempo durante todo o dia e não pude partir.

As pastagens deste lugar favorecem à criação de bovinos e de ovelhas. Fiam a lã destas últimas nas casas e com ela fazem ponchos e outros tecidos. Nos terrenos de mata planta-se durante sete ou oito vezes seguidas, sem que seja preciso deixar a terra em repouso, mas quando as capoeiras se sucedem às matas, não se pode lavrar a terra tão longamente sem deixá-la descansar.

TRONQUEIRA, 17 de abril. – O tempo continua detestável; não posso viajar e apenas me foi possível fazer, à tarde, um passeio de meia hora. Desespero-me de ficar tanto tempo nesta casa, sempre bem alimentados, eu e minha gente, e não demover meus hospedeiros de aceitarem recompensa alguma. Por outro lado, pressinto com pesar que partirei de Porto Alegre com o pior tempo, correndo risco de perder o fruto de tão longa como penosa viagem. Meus camaradas se aborrecem a ponto de parecerem me culpar da chuva.

Resolveu-se aqui fazê-los comer comigo, o que torna extremamente desagradáveis os momentos das minhas refeições. Matias é constantemente pouco respeitador, levando todo o tempo a clamar suas eternas queixas contra o Rei ou suas piadas sobre a religião e os padres. Já provei que seria comprometedor responder-lhe e estou persuadido de que repete o mesmo assunto, pois já percebeu que tais discursos me contrariam.

As pastagens estão ainda verdes, mas à exceção de compostas extremamente comuns e de oxalis, não se veem mais plantas floridas.

Meu hospedeiro não recobriu sua casa, por falta de telhas; mas seus filhos já reconstruíram os dois lados de paredes que tinham caído. Ao deixar a Província das Missões, observei, como disse, casas bonitas e cobertas de telhas, mas construídas com uma só fileira de tijolos e de terra batida; não é de admirar, portanto, que sejam assim pouco sólidas. Em geral, os brasileiros, quando constroem, não pensam nos filhos, mas é preciso convir que, neste país, custa pouco construir uma casa. Desde que cheguei à Capitania do Rio Grande, só encontrei, praticamente, casa de andar térreo.

No Distrito de Santa Maria as terras são, geralmente, bastante divididas; no entanto encontram-se estâncias onde se contam até seis mil cabeças de gado; meu hospedeiro possui em torno de mil e não é homem rico. Todos os proprietários amanham a terra ao mesmo tempo que criam o gado. O dono da casa e seus filhos cuidam do gado, e os negros, da plantação; portanto ninguém aqui se envergonha de trabalhar; os homens menos ricos têm vacas de leite e cultivam a terra com suas próprias mãos. Nesta área do distrito, não se planta somente para o consumo; vários agricultores vendem para Cachoeira e Rio Pardo trigo, milho, etc.

ESTÂNCIA DE RESTINGA SECA, 18 de abril, quatro léguas. — Esta manhã o tempo se apresentava muito carregado e ameaçador. Tinha já tomado a resolução de passar o dia em casa desse bom José Silveira e verdadeiramente envergonhado por incomodá-lo tanto, quando as nuvens se dissiparam um pouco e me pus a caminho para grande satisfação de todo o meu séquito. Antes de partir, disse ao Silveira que desejava deixar-lhe algumas lembranças, mas nada tendo, infelizmente, para lhe oferecer, eu lhe pedia que aceitasse algo para si e seus filhos e, falando-lhe assim, eu quis lhe dar dois luíses,\* mas ele relutou em aceitá-los, ficando eu na obrigação de lhe dar alguns pequenos objetos que ainda me restavam. Ele com seus filhos me acompanharam até próximo daqui e me foram muito úteis, pois em várias direções, as chuvas tornaram o caminho péssimo.

Continuamos com a serra à nossa direita, sem dela distanciarnos muito. As montanhas que a formam são sempre pouco elevadas e cobertas de matas; terminam, quase todas, por um extenso planalto. A região que

o caminho corta está agradavelmente revestida de tufos de capim muito espessos e de pastagens onde se encontram cavalos e bois.

Paramos alguns instantes numa pequena venda onde os bois foram trocados e viemos fazer parada numa estância, situada a alguma distância da estrada. Silveira e seus filhos podem comparar-se, por seus modos, aos nossos camponeses ricos. O pai em casa usa uma veste de pano grosso, as crianças apenas um gibão, todos de pernas nuas; nenhum deles sabe ler nem escrever, e sua conversação se faz apenas sobre o pequeno número de objetos que os cercam.

As mulheres são bonitas, muito brancas e coradas; não se parecem de nenhum modo com as nossas camponesas; contudo mostram-se encapuladas; aparecem pouco e jamais comem em nossa frente. Usam vestido de índia e um fichu; os cabelos armados com uma travessa e as pernas nuas. Este costume não é, de fato, o mesmo observado em Minas, mas não difere daquele que têm as mulheres das cidades.

É de se notar que, nesta parte da capitania, as mulheres aparecem muito menos diante dos estranhos, geralmente mais tímidas que as de entre Rio Grande e Santa Teresa. Estas últimas não possuem, sem dúvida, o encanto das espanholas-americanas, mas delas muito se aproximam.

Silveira me contou que os alicerces de sua casa, feitos de pedra, tinham dois palmos; presumo que esse é o modelo de todas as casas construídas de igual modo.

POTREIRO DA ESTIVA, 19 de abril, quatro léguas. – Ontem à noite, antes de me deitar, fiquei por longo tempo me entretendo com meu hospedeiro, que parece de condição mais elevada que o bom Silveira. Queixou-se muito dos abusos de que são vítimas os agricultores desta capitania, e ele, em particular, espera muito das Cortes. Repete constantemente que os oficiais tomam dos estancieiros cavalos e bois, prometendo devolvê-los da estância vizinha, porém, jamais cumprem a palavra. Às vezes, esses animais são roubados, levados para muito longe e abandonados, quando não podem mais fazê-los avançar, ou então se lhes cortam as pontas das orelhas, marca de propriedade real. Como tudo se faz com arbítrio e violência, não se observa nenhuma regra nas requisições; aqueles que têm o direito de fazê-las não se dão ao trabalho de se dirigir ao comandante, única pessoa capaz de fazer uma repartição justa; tomam dos agricultores os animais



que lhes são necessários, ou mesmo se apossam daqueles que se acham nos campos e assim toda a carga recai sobre os proprietários vizinhos das estradas.

Já disse que se tomavam dos estancieiros os animais necessários para a nutrição das tropas e que jamais são pagos. Atualmente faz-se coisa pior. Há algum tempo levaram deste distrito muitos bois para Belém e Capela de Alegrete, achando um excelente meio para que os proprietários não aborrecessem ninguém com suas reclamações: não se lhes dá recibo.

Tenho sempre à minha direita a mesma cadeia de montanhas, mas aos poucos ela se vai distanciando. A região percorrida é muito desigual, com tufos de capim mais abundantes que as pastagens, e estas de má qualidade.

Em geral a tonalidade das pastagens no Brasil está na razão inversa da quantidade das matas que se encontram nelas misturadas, e os melhores prados que conheci na América são os dos campos de Montevideu, onde não há absolutamente matas. Após vários dias, não encontro plantas floridas, a não ser compostas e oxalis. Continuo a ver grande número de animais nos campos, mas geralmente de pequeno porte. A uma légua da estância Restinga Seca, existe uma outra pertencente a um paulista. Enviei ali um dos meus soldados para conseguir bois e deram-lhe quatro juntas, embora não tenha exibido minha Portaria e meu soldado se apresentasse à paisana. Isso prova como essa gente está acostumada a essa espécie de aborrecimento.

Quanto a mim, sempre, em todos os pedidos de bois que costumo fazer aos estancieiros, tenho usado de toda a gentileza possível, constantemente oferecendo remuneração, mas sempre recusada. Noto mesmo que, quanto mais procuro usar de simplicidade no meu modo de ser e nas minhas conversas, menos deferência têm por mim. O contrário acontecia em Minas; lá quanto mais esforços fazia para me tornar agradável, mais era retribuído em hospitalidade. A diferença está nisto: que aqui estão de tal modo habituados ao regime militar e ao ar compenetrado dos oficiais, que não acreditam que nenhum homem simples e honesto possa merecer respeito.

Hoje é Sexta-Feira Santa e todos jejuam com rigor jamais visto, porque em dia semelhante nunca visitei ninguém.

Esta manhã, meu hospedeiro me repetiu que não me oferecia café por ser dia de jejum. O estancieiro nos serviu para o almoço pão e água, e o homem em cuja casa devo pernoitar não me deu jantar, pela mesma razão. O que aconteceu de extraordinário, nessa austeridade, foi que José Mariano, o primeiro a falar do jejum, rejeitando indignado a oferta que lhe haviam feito de tomar cachaça, não deixou passar o dia sem fazer zombarias sobre Deus e os santos.

.....

## *Capítulo XXI*

MARGENS DO RIO JACUÍ – ANOTAÇÕES SOBRE A ADMINISTRAÇÃO DE CHAGAS – CHÁCARA DE PEDRO MORALES – VILA DE CACHOEIRA – MARGENS DO RIO BOTUCARAÍ – ACIDENTE – OS BRASILEIROS DESEJAM UMA CONSTITUIÇÃO – CONVERSAÇÃO SOBRE A PROVÍNCIA DAS MISSÕES – IMPOSSIBILIDADE DE EMPREGAR OS NEGROS – A MEIA LÉGUA DA CASA DO MAJOR FILIPE CARVALHO – LIÇÃO DE CIVILIDADE – VILA DO RIO PARDO – O SARGENTO-MOR JOSÉ JOAQUIM DE FIGUEIREDO – SEISCENTAS LÉGUAS SEM UMA PONTE – VENDA DA CARROÇA PARA CONTINUAR A VIAGEM POR ÁGUA – DECADÊNCIA DOS ÍNDIOS COMPLETADA PELOS PORTUGUESES – COMÉRCIO DE RIO PARDO – COUROS E TRIGO – DESCRIÇÃO DA CIDADE – PAIXÃO DO JOGO, LUXO DE ARREIOS, COMÉRCIO NAS MÃOS DOS EUROPEUS.

**M**ARGENS DO RIO JACUÍ, 20 de abril, quatro léguas. – A região percorrida para chegar até aqui é perfeitamente plana, muito úmida, cercada de colinas pouco elevadas e coberta de pastagens; a estrada se torna intransitável depois de chuvas prolongadas, sendo então preciso fazer-se um desvio seguindo o cume das colinas; todas as plantas se apresentam sem floração. O Jacuí foi o termo da nossa caminhada, sendo o rio que corre

diante de Porto Alegre e termina por formar a lagoa dos Patos. Pode ter aqui a mesma largura do Loiret diante de Plissay e corre majestosamente entre duas orlas de bosques. Minha bagagem passou de uma só vez, em três pirogas amarradas, juntas, sendo a maior a do meio. A carroça passou apoiada sobre duas pirogas, dando muito trabalho e não se podia ter feito por menos para fazerem passar o rio os bois e os cavalos. Meu pessoal tinha trabalhado bastante, terminando só ao pôr do sol aquilo que havia começado ao meio-dia.

Fui muito bem recebido com minha bagagem numa casinha do barqueiro encarregado da passagem do rio. Entre o Ibicuí e a Capela de Santa Maria vi muitas casas cobertas com cascas de palmeira chamada jerivá, cortada pela metade; ela forma duas calhas, que, divididas em longos pedaços, se colocam sobre as coberturas das casas, de modo idêntico às telhas de barro.

Chagas assinala o começo de seu governo com manifestações aparentes de afeição pelos índios e, até o último momento, parecia favorecer os homens dessa raça. Não os punia jamais, permitia-lhes deixar a província quando desejavam e dava-lhes, dizem, quase sempre, razão contra os brancos. Bem melhor teria ele demonstrado sua amizade, parece-me, se tivesse tomado algumas medidas para impedir que caíssem suas aldeias, não permitindo jamais que os administradores se enriquecessem às custas desses infelizes, desmoralizando-os e deixando-os morrer de fome; afora isso, devia fazer com que algumas crianças aprendessem ofícios, bem como haver introduzido a vacina na província que ele governa.

CHÁCARA DE PEDRO MORALES, 21 de abril, três léguas. – Enquanto passávamos a carroça, vários bois e cavalos pastavam ao longe na planície, o que nos obrigou a partir muito tarde.

O barqueiro me havia dito que o caminho ordinário estava impraticável e que era necessário fazer uma longa volta; pedi-lhe que ensinasse o caminho à minha gente, sendo prontamente atendido, mas percebi que os meus acompanhantes o ouviam com bastante mau humor.

Havíamos primeiramente encontrado uma planície úmida que parecia a continuação daquela que ontem percorrera antes de chegar ao Jacuí; tem igualmente pouca largura e é limitada, à direita, por colinas (coxilhas), e à esquerda, por bosques, além dos quais se vê a serra Geral. Depois de

ter feito cerca de duas léguas nessa planície, começamos a subir as colinas. A região que percorremos depois desse momento é extremamente bela, inigualável, e oferece uma variedade de cores belíssimas, entrelaçadas de pastagens e partes de bosque. Continuamos a avistar, ao longe, os picos da serra Geral, que são menos uniformes e, por conseguinte, mais pitorescos.

Como meus bois estavam muito fatigados, meus soldados se prontificaram pegar alguns que pastavam tranquilamente no campo. Embora os oficiais munidos de portarias fossem acostumados a essa espécie de violência, não consenti imitá-los, senão muito contrariado e, se concordei, foi menos em benefício de meus bois, que para evitar descontentamento entre os soldados que já estavam de muito mau humor.

Notei, por suas palavras, que havia ocasionado tal aborrecimento, ao consultar o barqueiro sobre o caminho, fazendo-os dar uma volta de duas léguas. Matias, antes de chegar aqui, me mostrou seu descontentamento de maneira a mais insultuosa; tive o cuidado de fingir não ter percebido que ele queria me ofender; mas confesso não ser bastante filósofo para me tornar insensível. Reconheço que esses homens me têm prestado os maiores serviços, mas creio que são instigados contra mim por José Mariano, cujo caráter é detestável. Não me habituo aos seus modos tão rudes nem a ser também constantemente objeto de seu desdém e de sua grosseria. Tudo isso me torna insuportável o fim desta viagem, e jamais tive tamanho desejo de chegar. Eu me consolaria se achasse algumas plantas floridas, mas não encontro nada além de sementes, e estas sempre de espécies conhecidas. Posso indicar entre as mais abundantes a composta nº 2.587 bis, uma outra composta, algumas *hyptis*, extremamente comuns, e a rubiácea nº 2.759 ter.

Estava ausente o homem em cuja casa devo passar a noite. Ao vê-lo chegar, fui ao seu encontro; ele, a princípio, me pareceu mediocrementemente afável, apesar de me haver permitido descarregar minhas malas num pequeno quarto de sua casa. Mostrei-lhe minha portaria e lhe pedi bois, mas ele me respondeu que os tinha vendido, assim como todos seus animais, para não ser mais objeto de vexames pelos militares que passavam por essa estrada; acrescentou que ultimamente ainda um soldado lhe havia tomado seu último cavalo, prometendo devolvê-lo da casa vizinha, e que não mais retornaria a ver sua cavaladura. Quanto a mim, ando tão

fatigado de mendigar bois em todo lugar por onde passo e de encontrar tão poucas pessoas de boa vontade, que, se tivesse podido prever isso, teria comprado bois a qualquer preço.

VILA DE CACHOEIRA, 22 de abril, quatro léguas. – Região cortada por bosques e pastagens, a princípio, bastante acidentada, depois quase plana e menos arborizada. Todo o tempo a vista da serra, ausência de flores na campanha, apenas plantas com sementes e sempre de espécies comuns. A Vila de Cachoeira, que tem sido o termo da jornada, está agradavelmente situada; antes de aí chegarmos, Matias seguiu à frente, levando minha portaria para conseguir casa com o comandante, que lhe deu as chaves desta onde estou alojado.

Descarregada minha bagagem, fui lhe fazer uma visita, que logo me retribuiu, e voltei à sua casa, à tarde, para saber algumas notícias, mas ele nada me disse que eu já não soubesse.

MARGENS DO RIO BOTUCARAÍ, 23 de abril, duas léguas. – A Vila de Cachoeira, sede de dois juizes ordinários e lugar de extensa paróquia, fica numa posição agradável, à encosta de uma colina que domina o rio Jacuí. Esta vila, recém-criada, é ainda pequena; a praça pública está indicada por algumas casas esparsas.

Entre a vila e o rio, sobre o declive da colina, as miseráveis palhoças, separadas umas das outras, cuja reunião toma o nome de Aldeia. Estas choupanas são habitadas por índios, que vieram da aldeia de São Nicolau, vizinha de Rio Pardo, para lançar as fundações desta vila e que aqui permaneceram após concluída sua empreitada.

A Vila de Cachoeira deve seu nome aos recifes que, a pouca distância do lugar onde está construída, embaraçam o leito do rio e não deixam passar as canoas, senão ao tempo das enchentes. Até o momento, não se realizou obra alguma para facilitar o descarregamento de mercadorias; apenas abriram uma picada no meio das árvores que margeiam o Jacuí e parece que não cuidaram do caminho que liga este rio à cidade. De qualquer forma, como São João de Cachoeira é o primeiro povoado que se encontra na rota das Missões e do Paraguai, tornou-se uma espécie de entreposto, onde os mercadores e os estancieiros que não querem fazer longas viagens deixam os produtos de suas terras e adquirem de volta as mercadorias de que necessitam.

A região que percorremos para vir aqui oferece ainda alternativa de pastagens e de tufos de capim: veem-se ao longe os cimos da serra Geral; sempre ausência de flor nos campos.

Chegando a Cachoeira, pedi ao comandante que me arranjasse bois; mas ele me respondeu que seriam necessários muitos dias para procurá-los; parti, pois, com os meus, extremamente fatigados. Apenas havíamos feito meia légua, avistamos imenso rebanho que pastava no campo. Deixei ainda meus soldados pegar quatro juntas e pudemos chegar prontamente ao rio de Botucaráí.

Como o tempo estava sujeito a tempestade, tomei a resolução de fazer descarregar minhas bagagens, deixando-as esta noite na casa do barqueiro e contentando-me hoje em atravessar o rio à carroça. Para executar esse plano, era preciso primeiramente que o barqueiro quisesse receber-me em sua casa. Ao pedir permissão para isso, ele me fez ver que sua casa era muito pequena, não podendo conter minhas bagagens, e me recomendou a seu vizinho, cuja casa está igualmente situada à beira da água. Apesar de me dirigir a esse homem com toda delicadeza possível, ele rejeitou meu pedido muito grosseiramente. Insisti, mas sem êxito. Não querendo, entretanto, arriscar o fruto de tão longa e penosa viagem, vali-me pela segunda vez do nobre título que possuo e, atirando ao meio do quarto uma moeda de duas patacas, disse-lhe que, tendo pago a hospedagem, considerava ter o direito de não dormir fora. Meu título produziu, creio, muito mais efeito que o dinheiro; o homem não disse mais nenhuma palavra e foi desocupar um quartinho que pode medir duas toesas quadradas; tendo empilhado minhas malas, encontrei lugar para fazer a cama.

Enquanto isto, minha gente trabalha para transportar a carroça ao outro lado do Botucaráí. Como este rio tem pouca largura, Matias pensou que poderia empregar o mesmo recurso usado no Toropi. O barqueiro e várias pessoas presentes o avisaram de que a correnteza era muito forte e que a carroça iria ao fundo, ou seria levada pelas águas. Matias teimou em seguir suas ideias, e eu tive a fraqueza de deixá-lo agir. O veículo entrou no rio puxado pelos bois e acompanhado de duas pirogas, cujos condutores deviam dirigir os animais. Matias se atirou na água, mas foi ajudado pelo barqueiro e, apesar dos esforços de meu pessoal, os bois e a carroça, arrastados pela correnteza, desapareceram aos meus olhos, escondidos pelas ár-

vores que margeiam o rio. Logo, no entanto, fiquei sabendo que a carroça havia chegado à outra margem, mas num lugar pouco acessível, perecendo na passagem dois bois e um cavalo.

MARGENS DO RIO BOTUCARAÍ, 24 de abril. – Bem antes do amanhecer, meus empregados passaram para o outro lado do rio, abrindo uma picada no mato que margeia o rio; quebraram a cobertura da carroça, tirando-a da água.

Enquanto trabalhavam, a chuva caía torrencialmente. Os homens já estavam molhados desde ontem à tarde e não haviam trocado a roupa; após tirarem a carroça do rio, vieram almoçar com a roupa inteiramente molhada, retornando ao rio para reunir os bois e os cavalos e somente à tarde vestiram roupas secas. Como já disse, o povo deste país suporta, com extrema facilidade, as maiores intempéries; é preciso que chova bem forte para que meus soldados não durmam ao relento; desde que necessário, Matias se joga na água com qualquer tempo sem a menor dificuldade e, apesar de aparentemente fraco, é um homem, de fato, incansável.

De qualquer modo, eis-me a oito léguas do termo dessa viagem e não sei quando poderei chegar, pois o tempo está péssimo e minha carroça sem coberta.

MARGENS DO RIO BOTUCARAÍ, 25 de abril. – Quando parti do Rio Grande, fui seguido por um cão que me vem acompanhando até aqui. Entretanto, ao sairmos de Cachoeira, demos por falta dele; Matias procurou-o inutilmente em toda a vila, e pensamos que algum negro o tivesse levado para o campo.

Esta manhã, no entanto, um homem de Cachoeira, que passou por aqui com destino a Rio Pardo e me reconheceu, declarou-me que o animal tinha ficado preso na casa onde me hospedara, e que os vizinhos, levados pelo barulho de seu latido, abriram a porta para soltá-lo.

Aluguei um cavalo, enviei Firmiano à vila e ele trouxe de volta o cão. Imaginei que, ao nos rever, daria o animal algum sinal de alegria, mas ele se deitou tranquilamente sem responder aos nossos agrados. É de observar que os cães deste país se afeiçoam muito menos aos homens que os da Europa. Não vi um só que lambesse o dono e é extremamente raro vê-los abanar a cauda, como o fazem os nossos.



Sei que, em geral, os brasileiros maltratam bastante seus cães, mas o meu está bem nutrido, não leva pancada, e continua tão indiferente como os outros. Uma tão grande diferença de temperamento entre animais da mesma raça, me parece, deve ser atribuída à influência do clima. O que há de singular é que o mesmo ocorre entre os homens. Os brasileiros são bons, hospitaleiros, generosos, mas de regra, creio, pouco sensíveis à amizade; raramente expansivos, e não lhes noto nenhum sinal de alegria quando, após uma longa ausência, se reencontram com seus conhecidos e amigos.

Meus empregados colocaram couros ao lado da carroça, mas receio que não possam resguardar minha bagagem da chuva que não cessa de cair. O tempo para mim é consumido de maneira a mais triste, não faço nada e estou inteiramente desencorajado. O rio Botucaraí, afluente do Jacuí, e que nele se lança, aproximadamente, a meia légua daqui, mede pouca largura, mas de muita correnteza; no entanto, só não é vadeável após chuvas consideráveis. A passagem dele está arrendada, anualmente, pela fazenda real, por duzentos mil-réis.

O que primeiro pareceu muito agradável na revolução acabada de se operar é que todos estão encantados com a Constituição, dela esperando grandes benefícios, sem que essa tenha sido feita ainda; a maior parte mesmo dos que dela esperam tanta felicidade não sabem sequer o que é uma Constituição. Tudo isto, entretanto, não é tão ridículo como se poderia pensar. Seria impossível que os brasileiros não estivessem fatigados de tantos abusos, de tantos vexames, consequentes de um poder arbitrário. Sem uma ideia bem precisa do que é Constituição, não ignoram, contudo, ser um código de leis que deve pôr limites à autoridade absoluta, alegrando-se, pois, justamente. Até agora, no entanto, não notei entusiasmo; todos estão satisfeitos, mas sem exaltação. Isto é devido ao caráter calmo do povo, que apenas se entregará a excessos em último recurso; mas, neste caso, não terão limites.

Não é de admirar que os brasileiros se rejubilem de ver chegar a época de uma mudança qualquer; antes devemos nos admirar que tenham sofrido tão longamente a tirania da qual era objeto. Todos os habitantes desta província, entre outras, participaram da guerra durante muitos anos e quase nunca receberam soldo. Enquanto pagavam do próprio bolso, leva-

vam deles cavalos, bois, carroças; as famílias ficavam expostas a vexames e à rapinagem dos soldados subalternos e dos chefes; apesar disso, a maioria destes homens não se queixa. Pode-se dizer, com certeza, que os franceses não suportariam sem revolta a centésima parte do que sofreram, com tanta paciência, os habitantes da capitania de Rio Grande.

MARGENS DO RIO BOTUCARAÍ, 26 de abril. – Muito calor toda a noite, e durante o dia chuva intermitente. As pessoas da região afirmam que o tempo não melhorará enquanto o vento não mudar para o sudoeste e acrescentam que não viram, por muitos anos, um mês de abril tão chuvoso. Continuo a passar o tempo mais tristemente possível, suspirando pelo instante em que poderei pôr de novo o pé na estrada.

Ao cair da tarde, chego aqui o homem que, outro dia, me recebeu em sua casa; conversamos muito sobre a província das Missões. Disse-lhe que estava admirado dos estancieiros ricos desta província não possuírem negros, em vez de alugar peões a oito e a doze patacas por mês. Ele me respondeu que eram forçados a isso, porque as índias preferem os negros aos homens brancos e aos próprios índios, pondo-os em perdição, causando-lhes doenças venéreas das quais eram seguidamente vítimas.

27 DE ABRIL, duas léguas. – Aborrecido até o extremo da triste vida que levava às margens do Botucaraí, tomei, afinal, a decisão de sair deste lugar, apesar do tempo ainda chuvoso da manhã. Matias colocou as malas na carroça sobre pedaços de madeira que a alteassem, impedindo que, em caso de chuva, se molhem por baixo, cobrindo-as depois com couros.

Terminado o trabalho, meus empregados atrelaram os bois que tinham ainda ido apanhar nos campos, e nos pusemos em marcha.

A região que exploramos até aqui é desigual, cortada de pastos e bosquetes. Aqui e ali, choupanas; bois e cavalos pastam no campo e à esquerda, ao longe, as montanhas da serra Geral começam a se tornar mais elevadas.

Após ter percorrido cerca de légua e meia, parei na casa do major Filipe Carvalho, homem rico e serviçal, que, segundo me disseram, me poderia emprestar bois para seguir mais longe. Ele não estava em casa, mas fui bem recebido pela esposa, que me fez servir o jantar, me emprestou os bois para vir até aqui e deu carne ao meu pessoal. Esta senhora é muito distinta,

não obstante lhe faltar encanto, características das mulheres espanholas. Como tantas outras da região, têm elas, em suas maneiras, algo de frio, constrangedor e desdenhoso, jamais testemunhado nas espanholas. Estas me faziam comer em suas companhias, mesmo na ausência dos maridos; mas as brasileiras que me acolheram em suas casas, quando os esposos estavam ausentes, me faziam comer sozinho.

A casa do major é coberta de telhas, porém, térrea; em geral não vi nesta capitania uma só casa de um andar.

Havia na sala em que fui recebido uma mesa e cadeiras de dobrar, com assento de couro. Quanto à mesa, era bem servida. É preciso que uma casa seja muito pobre para que nela não se encontrem alguns talheres de prata, mas o uso de pratos desse metal é desconhecido no Brasil. Na Capitania do Rio Grande não há tapeçaria em parte alguma; as paredes são caiadas e sem ornamentos.

Os bois do major Filipe só me conduziram a meia légua de sua residência. Parei numa casa pertencente a um homem que me pareceu muito bondoso e rico. No instante mesmo de minha chegada, convidou-me a entrar na sala onde estavam reunidas sua mulher e filhas; a primeira, mãe de doze filhos, logo participou de nossa conversa. Meu hospedeiro me fez servir uma refeição, bem como à minha gente, e me prometeu bois para amanhã. Dizia-me, antes de jantar, que só tinha feijão e carne-seca para me oferecer, mas se eu quisesse carne fresca, poderia mandar procurar uma vaca na estância vizinha. Respondi-lhe que, estando para chegar a Rio Pardo, não queria matar uma vaca, que seria desperdiçada. “Essa é a primeira vez”, replicou meu hospedeiro, “que vejo um oficial mostrar tal delicadeza.”

Como me foi outorgado o título de coronel, todos me supõem com direito de levar os animais dos fazendeiros sem pagar, ficando muito admirados porque não procedo assim. Na verdade, minha portaria me autoriza requisitar toda espécie de socorros, mas nunca lancei mão dela, por isso meus soldados desgostavam de mim; teria sido para eles uma verdadeira divindade se, em vez de repreendê-los como fazia, os deixasse matar diariamente uma vaca, ou tirar cavalos dos estancieiros a seu bel-prazer. A dificuldade em contentar esses homens, nutri-los, tornou-me esta viagem extremamente penosa.

28 DE ABRIL, cinco léguas e meia. – A região é sempre bonita e desigual, entremeadada de pastagens e bosquetes. Aqui e ali, palhoças e à direita ao longe, as montanhas da serra Geral. Depois de Santa Maria e além de Cachoeira, encontrei na estrada muitas carroças e homens a cavalo.

Após haver parado ao meio-dia perto de um bosque, vim aqui pedir pousada. Eu havia tomado a dianteira e me apresentado sozinho a esta casa, mas fui extremamente mal recebido. Meu hospedeiro me repreendeu acremente por eu ter atravessado a cerca que separa o seu pátio do campo. “Ninguém”, advertiu-me ele, “senão um homem mal-educado se portaria assim; o senhor devia ficar do lado de fora, chamando-me e esperando que alguém lhe respondesse.” Tendo sempre incumbido Matias dos pedidos de hospedagem, esquecera eu, infelizmente, que foi por haver faltado a todas essas formalidades que sofri as iras do padre Alexandre. Protestei ao meu hospedeiro que não tinha a intenção de ofendê-lo, e ele foi aos poucos se acalmando; porém, continuou muito frio.

RIO PARDO, 29 de abril, uma légua. – Disseram-me aqui que os habitantes do Rio Grande tinham deposto o major Mateus da Cunha Teles do comando da cidade, e que os de Porto Alegre haviam feito o mesmo com três chefes que governam a capitania na ausência do conde de Figueira.

Os portugueses da Europa e os do Rio de Janeiro fixaram leis para o soberano; elegeram os ministros; é bastante natural que os habitantes das províncias deponham seus magistrados. Mas, quando o povo conhece suas forças, torna-se habituado a abusar delas.

Poder-se-ia supor que os escolhidos para ocupar o lugar dos depostos não desagradarão a ninguém? E se eles desagradarem, não estarão sujeitos a serem destituídos, como os primeiros?

Se o povo é senhor para dispor dos cargos, está claro que os ambiciosos cuidarão de, sem cessar, pô-lo em agitação. De outra parte, é impossível que os magistrados depostos não tenham amigos. Estes deverão naturalmente procurar vingá-los. Daí os partidos, a guerra civil e a desunião das províncias. No meio do entusiasmo causado por uma Constituição ainda não elaborada, alguns espíritos comedidos acham que foram ultrapassados os limites da prudência e tudo marcha precipitadamente.

Quanto a mim, ligado como sou à nação portuguesa, vejo pesadamente todos esses fatos. Frequentemente supunha que, de regresso à minha pátria, suspiraria pela calma destes belos desertos, mas atualmente é provável que me felicitarei de os haver deixado.

Entre a casa donde venho esta manhã e Rio Pardo, a região é desigual e sempre cortada de pastagens e bosquetes. Mal me pus em marcha, comecei a avistar a cidade de Rio Pardo, situada no cimo de uma colina, ao pé da qual corre o rio que lhe dá seu nome. Chegado a esse rio, atravessei-o com Matias. O vigia fiscal veio ao meu encontro dizendo-me que, há dias, o sargento-mor José Joaquim de Figueiredo Neves mandara um portador exatamente indagar se eu havia chegado. O sargento-mor é primo do desembargador Moreira, do Rio de Janeiro, e irmão de dona Josefa, mulher do capitão Antônio Gomes, de Itajuru. Das margens do Botucaráí, eu mandara avisar que lhe trazia cartas, solicitando-lhe que me alugasse uma casa por alguns dias.

Acompanhado por um homem prestimoso que se ofereceu para me servir de guia, dirigia-me à casa do sargento-mor, quando fui abordado na rua por um velho que, após saber quem eu era, afirmou ser também irmão de dona Josefa e que se casara com a irmã do desembargador Moreira. Insistiu em convidar-me para ficar em sua casa, dizendo-me que o sargento-mor, seu irmão, estava ausente, mas que ele voltaria à noite; convenceu-me de enviar Matias ao rio para atravessar a carroça e as bagagens, convidando-me para jantar. Palestramos demoradamente sobre a capitania de Minas e de nossos conhecidos, encontrando no meu hospedeiro, homem de alguns estudos, essa facilidade em se exprimir e esse gosto pela conversação que, em geral, distinguem os mineiros.

Durou muito tempo o transporte da carroça e das bagagens. Quando o sargento-mor chegou, fui conduzido à casa que me era destinada. Ele não foi menos distinto que seu irmão, convencendo-me de fazer as refeições em sua companhia, durante minha estada em Rio Pardo.

Acabo de realizar uma viagem de, aproximadamente, seiscentas léguas, em região cortada por numerosos rios, e é de se notar que não encontrei uma só ponte. Em toda parte pirogas e essas mesmas, o mais das vezes, em péssimo estado. A passagem de uma carroça e de sua carga demanda sempre muitas horas; é preciso necessariamente descarregá-la, e

em nenhum rio se pensou em construir um galpão para abrigar pessoas e mercadorias em caso de mau tempo. Não há outro recurso senão cobrir a bagagem com couros, e sabe-se que tal precaução não produz bom efeito, salvo para certos objetos; o sal, por exemplo, sofre danos.

Encontrando-me às margens do Botucaraí, um estancieiro das proximidades de Alegrete, com destino a Rio Pardo, apareceu à margem direita do rio com a mulher e uma cunhada que pareciam amáveis e bem-educadas. Ele as transportou primeiro com suas bagagens, mas, apenas desembarcaram do outro lado, onde não havia sequer uma cabana, desabou um temporal, e não sei o que aconteceria a essas pobres senhoras se um carroiro, que passara antes delas, não lhes tivesse oferecido um abrigo na sua carroça.

Constrói-se aqui uma ponte de pedras sobre o rio Pardo, mas ainda que nisto se trabalhe há muito tempo, apenas se vê o começo das colunas; entretanto, esperando que essa ponte fique pronta, não se tomaram mais precauções para abrigar as máquinas à margem do rio como aquelas do Jacuí, do Botucaraí e de todos os outros. Os habitantes da região, robustos e acostumados a nadar, quando preciso, e a suportar todas as intempéries do ar, não lastimam os embaraços incríveis que lhes causam a passagem dos rios, mas não é menos verdade que os atrasos das viagens devem ser prejudiciais ao comércio, e que a perda dos cavalos e bois afogados nessas travessias representa prejuízos consideráveis. Também, o carregamento de uma carroça custa não menos de cem mil-réis, de Rio Pardo às Missões. Relativamente a isto, a Capitania de Minas se acha mais adiantada do que esta. Lá os rios têm pontes, encontrando-se em todas as estradas ranchos, onde ao menos se pode encontrar abrigo sem incomodar ninguém.

CIDADE DE RIO PARDO, 29 de abril. – Acompanhado do sargento-mor José Joaquim de Figueiredo Neves e de seu irmão, o capitão Tomás Aquino de Figueiredo Neves, tirei o dia de hoje para fazer várias visitas. Apresentaram-me primeiro na casa do tenente-general Patrício José Correia da Câmara, que outrora serviu na Índia e há muitos anos comanda nesta parte da província, onde nasceu. Apesar de quase centenário, esse velho militar demonstra juízo e vivacidade.

Da casa dele fomos à de seu filho, o marechal Bento Correia da Câmara, que fez carreira muito rápida devido à proteção do ministro Tomás Antônio de Vilanova Portugal.

Enfim, achei que deveria visitar o Marechal João de Deus Mena Barreto, um dos primeiros comandantes da província das Missões, hoje inspetor-geral das tropas desta capitania.

Em toda parte se falou muito dos últimos acontecimentos. Todos estão contentes de possuir uma Constituição; prontos a lhe jurar fidelidade, embora não esteja ainda feita; mas ninguém mostra o menor entusiasmo. Quanto ao que se passou em Porto Alegre, riem-se disto como se fosse uma brincadeira inconsequente. Não me canso de admirar a calma com que essa gente faz revoluções.

CIDADE DE RIO PARDO, 30 de abril. – Pode-se ir por terra daqui a Porto Alegre, mas como é preciso, para isto, atravessar todos os rios que se lançam diante desta cidade no Guaíba; resolvi embarcar aqui e vender meus bois, carroça e cavalos; tive grande prejuízo sobre o preço da compra, no entanto devo ainda me felicitar por sair de Montevideú com uma carroça de minha propriedade, pois até as Missões não teria encontrado uma para alugar e isso pelo menos me haveria de custar infinitamente mais do que o prejuízo acarretado pela sua venda. O que me impediu de tirar melhor partido da transação foi o fato de ser a carroça de ingá, madeira aqui somente empregada como lenha; enquanto é usada em construções em Montevideú, onde as madeiras são extremamente raras.

As índias dizem que se entregam aos homens de sua raça por dever, aos brancos por interesses e aos negros por prazer.

VILA DE RIO PARDO, 1º de maio. – Os dois mineiros a quem estou recomendado tomaram informações para saber quando partiria daqui algum barco para Porto Alegre; sabendo que havia um a ser carregado por esses dias, fui ter com o capitão-mor, Tomás Aquino, em casa do tenente-general Patrício, a fim de pedir-lhe que ordenasse ao patrão desse barco receber-me com a minha bagagem e meu pessoal. Isso é uma espécie de direito preferencial, concedido aos oficiais e cidadãos comissionados pelo governo.

VILA DE RIO PARDO, 2 de maio. – A pequena insurreição ocorrida em Porto Alegre não foi obra popular, mas de tropas excitadas pelos

negociantes. Temendo não poder narrá-la com todos os detalhes que me contaram aqui, não a registrarei no diário.

O que parece certo é que tudo se passou em ordem, sem derramamento de uma só gota de sangue. Este povo faz revolução com uma sabedoria que não me canso de admirar, mas cujas causas se conhecem facilmente. Os brasileiros são naturalmente frios, lentos e pouco apaixonados; desde que estou neste país, não encontrei ainda um só que mostrasse qualquer entusiasmo; as crianças mesmo me têm surpreendido por seu ar grave e refletido; são homens em tamanho menor. Com este caráter e acostumado a uma cega submissão, este povo deve, naturalmente, conservar ainda respeito pela autoridade, mesmo quando se revolta contra ela.

A amizade que os brasileiros têm por seu soberano é ainda uma das causas que, pelo menos durante algum tempo, os preservará de excessos. Todos querem agir em obediência ao Rei, com intuito de seguir suas intenções, e estou certo de que muitos deles não se permitiriam exaltar a Constituição, se o Rei não a tivesse aprovado. Conta-se que o coronel Sebastião Barreto, comandante dos dragões desta capitania, tendo sido convidado pelo general Lecor a jurar a Constituição, respondeu-lhe, com uma nobreza digna dos maiores elogios, que estava disposto, como qualquer outro cidadão, a reconhecê-la e a se submeter à nova forma de governo que se queria introduzir, mas que, tendo jurado fidelidade ao Rei, não se prestaria a outro juramento, sem a permissão do soberano.

Uma das razões mais poderosas da calma com que as insurreições se operam neste país é que, principalmente nesta capitania, não existe realmente população, ou então é pouco numerosa. Os negros que a representam estão muito distantes dos homens livres, por demais subjugados para se enredarem nessas disputas.

Conforme ouço dizer, por testemunhas oculares, parece que, quando os portugueses conquistaram a Província das Missões, essa ainda estava longe do estado de decadência no qual se encontra. Nela se contavam quatorze mil almas; os índios eram bem nutridos e bem vestidos; havia ainda vastos terrenos cultivados; as casas de comércio abarrotadas de gêneros, as estâncias de todos os povoados cheias de gado. Os índios caçavam animais selvagens, os deixavam engordar em suas terras e não se socorriam dos animais provenientes das estâncias. Com a vinda dos por-



tugueses, foram obrigados a abandonar a caça, porque esta se fazia em terras que continuaram a pertencer aos espanhóis. Deixaram de matar, indiscriminadamente, o gado de suas estâncias; os portugueses delas lhes tiraram uma parte para povoar suas habitações; os administradores, por seu lado, delas vendiam animais em seu proveito e, ao fim de pouco tempo, as povoações já tinham perdido essa rica fonte de recursos.

VILA DE RIO PARDO, 3 de maio. – O couro e o trigo são os principais gêneros que os negociantes desta vila exportam; e é do Rio de Janeiro diretamente que importam quase todas as suas mercadorias.

Nos arredores da cidade, cultivam muito trigo, principalmente nas paróquias da Encruzilhada e de Taquari. Como, aliás, em toda parte, queixam-se muito da ferrugem, mas recentemente introduziram-se na região duas variedades de trigo, chamadas trigo-branco e trigo-mouro, menos sujeitas a essa doença que a espécie comum, à qual se dá o nome de trigo-crioulo, por ser a mais antiga.

Disseram-me que aqui havia duas plantas muito prejudiciais às plantações de trigo, nascendo no meio delas e sufocando-as; uma, denominada joio, e que segundo me informaram, deve ser uma gramínea; a outra, chamada cálamo, não é outra coisa senão a aveia comum. Esta é de tal modo difícil de destruir que, mesmo depois de se ter deixado crescer o mato num terreno outrora de trigo, cortada e queimada, feita nova cultura com sementes puras, a aveia aí reaparece em abundância.

VILA DE RIO PARDO, 4 de maio. – Faço diariamente excursões, mas não encontro quase nenhuma flor; muitas árvores das matas já perderam suas folhas; as que ainda conservam são as de folhas duras, de um verde escuro e brilhante, tais como as mirtáceas. Desde que estou aqui, o tempo se mantém magnífico e asseguram-me que todos os anos, por esta época, há alguns dias de bom tempo. É o que se chama verãozinho de maio, veranico de maio.

VILA DE RIO PARDO, 18 de maio. – A Vila de Rio Pardo é inteiramente nova. Todos os que aqui vieram estabelecer-se há menos de trinta anos contam-me que, na época, só se viam aí palhoças. No início se fixaram juízes regulares; depois trocados por um juiz de fora. Esta cidade, também sede de uma paróquia, está situada em terreno muito acidentado, à confluência do rio que lhe dá o nome e à do Jacuí.

A rua principal se prolonga sobre o cimo de uma colina bastante elevada, as demais se estendem nos flancos dessa e de colinas adjacentes. A maioria dessas últimas ruas se intercomunica diretamente; são, por assim dizer, grupos de casas jogadas aqui e ali, entremeadas de relvados, terrenos baldios e de cercados com plantações de laranjeiras, conjunto ao mesmo tempo variado e agradável à vista. Pequena, a praça pública. A igreja paroquial forma um dos seus lados, não está completamente pronta, o mesmo acontecendo às outras duas igrejinhas também desta cidade. A casa da Câmara, da qual a prisão faz parte, é um edifício térreo.

A rua principal se encontra, parcialmente, pavimentada; a maior parte das outras ainda não. As casas de Rio Pardo são telhadas, algumas grandes e bem construídas; delas conta-se grande número de um e mesmo de dois andares, e quase todas que denunciam certa riqueza possuem sacadas de vidro.

É na rua principal que se vê a maior parte das lojas e armazéns de comestíveis, uns e outros igualmente bem sortidos. Embora Rio Pardo seja uma cidade rica e comercial, nenhuma providência foi tomada até agora para facilitar o desembarque das mercadorias que aqui chegam. Não se pensou ainda em fazer declives à margem do rio, e a rua de acesso ao porto não é pavimentada, além de muito íngreme e mal conservada.

As embarcações que servem ao transporte de mercadorias entre Porto Alegre e Rio Pardo são chamadas propriamente de canoas que, no Brasil, significa piroga; são pontudas, possuem um mastro, em torno de cinquenta e cinco a setenta palmos de comprimento e até vinte de largura. Delas nunca há mais de dez ao mesmo tempo no porto de Rio Pardo, mas em geral gastam poucos dias para carregar e descarregar.

VILA DE RIO PARDO, 11 de maio. – Há muitos dias, a embarcação que me devia conduzir a Porto Alegre estava carregando couros em Rio Pardo. Como não se pode margear os dois rios, por causa do mato que cobre as margens, não poderei ir falar ao patrão do barco e espero com viva impaciência que reapareça no porto. Diariamente, eu ia me lastimar desse atraso em casa do capitão Tomás Aquino Figueiredo Neves, testemunhando-lhe quanto eu temia ser de algum modo enganado. Mas ele me respondia que, havendo o tenente-general dado ordens ao patrão de não partir sem me levar, não havia necessidade de inquietação, pois o car-

regamento do barco não podia demorar muito, e eu partiria, certamente, de um momento para outro.

O tempo estava magnífico, mas nesta estação eu devia esperar vê-lo mudar bruscamente, e ainda mais me afligia em ficar tanto tempo em Rio Pardo, devido ao desespero de meus soldados, ansiosos por partir. Depois que vendi meus cavalos, esses homens, que não podem dar um passo a pé, não saem mais de casa e, nada tendo para fazer, se aborrecem seriamente e ficam mal-humorados.

Fui hoje expor minhas queixas ao sargento-mor Joaquim Figueiredo Neves, que encarregou seu cunhado de ir se informar do que acontecia ao barco em questão. Esse moço voltou logo, dizendo que a embarcação ainda estava em Rio Pardo, mas que havia outra no porto, com ordem de partir amanhã. Fomos, então, juntos ao porto, para ver esse último barco, já lotado; mas o patrão nos prometeu que trataria de convencer um de seus colegas a se encarregar de alguns surrões de mate e que, assim, teria bastante espaço para alojar minha bagagem e minha gente.

Saindo desse barco, encontrei o patrão do primeiro que acabava de voltar ao porto. Fiz-lhe as mais vivas censuras, por não haver, ao menos, prevenido que sua partida se retardara, mas ele se escusou pondo a culpa no correspondente de seu patrão. Como esse correspondente estivesse próximo, fomos a ele. O cunhado do sargento lhe disse que eu era a pessoa recomendada pelo tenente-general para seguir a bordo de seu barco, estranhando não me terem dado satisfação sobre o atraso da partida. O correspondente respondeu que nada sabia, pois nos dirigíramos a um negro, em seu lugar, e que não me podia levar em seu barco; no mais, não partiria antes de uns quinze dias. Uma discussão ia começar, mas como tenho esperança de seguir noutro barco, convenci o cunhado do sargento-mor a nos retirarmos.

Hoje a chuva começou a cair e receio uma viagem muito desagradável.

Tenho dito inúmeras vezes que há nesta capitania homens muito ricos; contam-se numerosos estancieiros com renda de até quarenta mil cruzados e, no entanto, em suas casas nem o mobiliário demonstra uma tal fortuna. O major Filipe, por exemplo, é um destes que possuem quarenta

mil cruzados de renda; porém, um campônio francês, com mil escudos de renda, vive mais confortável.

É no equipamento de seus cavalos que a gente desta região procura ostentar maior luxo; os estribos de prata, a testeira, o freio a retranca de seus cavalos são guarnecidos de placas desse mesmo metal mas essa despesa não se renova seguidamente, absorvendo somente parte muito pequena de renda dos que a fazem. Asseguram-me que, em geral, os proprietários não guardam dinheiro; jogam muito menos que outrora; pergunto, continuamente, a todos em que empregam o dinheiro. Conhecendo o caráter descuidado dos americanos, presumo que esses homens dissipam mais do que gastam, e creio que terão dificuldade em dizer, no fim do ano, o que fizeram de seus rendimentos. É preciso esclarecer, também, que a generosidade de muitos deles absorve somas consideráveis. Seus bolsos estão abertos aos parentes e amigos, a quem dão ou emprestam com extrema facilidade. Essa liberalidade é muito menos meritória entre eles do que seria entre os europeus, uma vez que estes últimos, sempre inquietos com a ideia do futuro, dão ao dinheiro um valor mais considerável.

Os homens ricos da capitania são possuidores de rebanhos, aos quais não tomam quase nenhum cuidado e que se multiplicam facilmente sem que disto se ocupem. O comércio, que exige ordem, economia, baseando-se na ideia do futuro, o comércio, digo, está quase inteiramente em mãos de europeus, a maior parte sem educação, sem cultura, dos quais muitos começaram como marujos e não sabem ler nem escrever, que, embora inferiores aos americanos em espírito e inteligência, sabem enriquecer-se melhor porque, pensando sempre no futuro, economizam com parcimônia e tiram partido da liberalidade dos habitantes do país. Quando esses homens chegam de Portugal, são de uma humildade extrema; mas, tornando-se ricos, esquecem sua baixa origem, ficam pedantes e simulam desprezo aos americanos, daí o rancor destes contra os europeus. Esse ódio ainda era maior nas colônias espanholas, pois a mistura entre espanhóis e índios provocou uma diferença entre os europeus e os nativos, capaz de um desdém que os portugueses não podem ter pelos brasileiros.

RIO PARDO, 12 de maio. – O tempo esteve horrível durante todo o dia; esta manhã fui ver o patrão do barco, ao qual tinha falado ontem; ele

me garantiu que me poderia levar e partiríamos ao meio-dia, caso o tempo melhorasse.

Após alguns entendimentos ficou, afinal, resolvido que eu mandasse minha bagagem para o porto. O sargento-mor me cedeu os bois e um carro. Parte de meus objetos seguiu numa primeira viagem, sendo transportada ao barco; o restante estava ainda em caminho quando o patrão me avisou que não poderia partir. Fiz voltar a viatura e pernoitei ainda em Rio Pardo.

O patrão do barco em que devo embarcar me afirmou que possuía dez barcos que faziam continuamente a viagem entre Rio Pardo e Porto Alegre; sete, dentre eles, pertencem a negociantes e três aos próprios patrões, que vivem dos fretes; cada barco faz, anualmente, quinze a vinte viagens de ida e volta.

.....

## *Capítulo XXII*

SOBRE O RIO JACUÍ, PERTO DA ESTÂNCIA DOS DOURADOS – O CIRURGIÃO-MOR VICENTE – PASSAGEM DAS CATARATAS OU CACHOEIRAS – PORTO DE DONA RITA, SOBRE O JACUÍ – VILA DE SANTO AMARO – SOBRE O JACUÍ, A TRÊS LÉGUAS DE PORTO ALEGRE – FREGUESIA NOVA – CANOAS – PORTO ALEGRE – O SARGENTO-MOR JOÃO PEDRO DA SILVA FERREIRA – EMBARQUE PARA RIO GRANDE – AS PEDRAS BRANCAS – BARRA DO RIO PARDO – SEPARAÇÃO DO GUAÍBA E DO RIO DE PORTO ALEGRE OU LAGOA DE VIAMÃO – ANCORADO JUNTO AO MORRO DO COCO – NOTAS SOBRE PORTO ALEGRE – INCONVENIENTES DO PODER ABSOLUTO DOS CAPITÃES-GERAIS – O PÔR DO SOL À ALTURA DOS TRÊS IRMÃOS – REFLEXÕES SOBRE AS CAPITANIAS DO BRASIL – SACO DO BUJURU – TEMPESTADE – PARTIDA DO REI PARA PORTUGAL – AUSÊNCIA INCONCEBÍVEL DE BALIZAMENTO DO LAGO, PARA A NAVEGAÇÃO – À VISTA DA PONTA DOS LENÇÓIS – O AUTOR LEVA CONSIGO UM JOVEM GUARANI.

**S**OBRE O RIO JACUÍ, PERTO DA ESTÂNCIA DOS DOURADOS, 13 de maio, seis léguas. – Tempo admirável durante todo o dia. O resto da minha bagagem foi embarcada pela manhã cedo; entretanto, partimos bem tarde, porque o patrão esperava cartas do comandante da cidade.

Durante minha estada em Rio Pardo, recebi toda a sorte de gentilezas do sargento-mor José Joaquim de Figueiredo Neves e de seu irmão Tomás Aquino de Figueiredo Neves, tendo jantado diariamente, em casa

de um ou de outro. O tenente que encontrei em Botucaraí prestou-me também muitos favores. O marechal bento, filho do tenente-general patricio, veio visitar-me duas vezes, mas não vi ninguém da casa do general João de Deus, embora tivesse enviado carta a seu filho mais velho, e viajado com o outro de Porto Alegre a Rio Grande.

De regra, em todas as cidades do Brasil, a primeira pessoa a quem me dirigia com algumas cartas de recomendação presta-me todos os serviços de que necessito, oferecendo-me, muitas vezes, sua hospitalidade. É o tipo de proteção a que se acham obrigados, em atenção a quem escreveu a carta recomendatória. Em nenhum lugar recebi convites de quem quer que seja. Por consequência, não pude julgar a sociedade de Rio Pardo, a qual me haviam gabado muito. Contaram-me que as mulheres desta cidade tinham maneiras tão agradáveis quanto as de Montevidéu, mas somente conheci a mulher e as filhas do sargento-mor, efetivamente muito distintas e educadas.

No momento de meu embarque, o cirurgião-mor Vicente veio ao porto e me prometeu enviar, pelo sargento-mor, amostras de minerais. Esse cirurgião-mor, homem instruído, conhecedor de Química e Mineralogia, foi encarregado pelo conde de linhares, dom Rodrigo, de realizar pesquisas sobre os minerais existentes nesta capitania, e que em seguida viajou, com a mesma finalidade, pelos arredores do Rio de Janeiro. Demorou-se longo tempo nesta cidade para relatar ao ministro os resultados de seus trabalhos, gastando ali muito dinheiro; suas descobertas foram, porém, logo esquecidas, e ele retornou à sua terra cheio de desgostos.

Nas seis léguas que hoje fizemos, o rio Jacuí pode ter, aproximadamente, a largura do Loiret diante de Plissay. Suas margens são planas, deslizando majestosamente entre duas carreiras de mata pouco alta, copada, e de verde sombrio. As árvores não se encontram desfolhadas, mas grande número delas têm coloração pardacenta, originária da *tillandsia usneoides*, de que estão cobertas e que balançam ao menor vento. Segundo me informaram, essas matas não possuem, em nenhum ponto, mais de uma légua de largura, havendo em vários lugares apenas uma estreita faixa. Asseguram-me, ainda, que elas só perdem a folhagem quando as geadas são fortes, ou a seca dura muito tempo.

Hoje transpomos seis cataratas (cachoeiras), a saber: a dos Biscoitos, dos Granadeiros, dos Ilhéus, das Pombas, das Bandeirinhas, do Cosme, que, no momento, não apresentam nenhuma dificuldade de travessia e somente se percebem devido à altura das águas. Na época da seca, à exceção da dos Granadeiros, não se pode passá-las sem descarregar os barcos; então vários patrões se reúnem para fazer a viagem. Eles se ajudam mutuamente, transportando suas cargas em barcos mais leves. Passamos pela embocadura de um riacho, o Capivari, afluente do Jacuí, pela margem direita.

Apenas vimos uma casa, onde fizemos alto para pernoitar. Antes de nossa chegada, o patrão mandou sua gente içar o corpo de um de seus negros, que se afogara na travessia a barco do rio Pardo. Logo que demos com o cadáver desse infeliz, o patrão gritou: “Ah, meu dinheiro! Meu dinheiro! Que me custa tanto a ganhar!” Sua mulher entrou na embarcação, para providenciar o enterro do corpo; fincaram na sepultura uma cruz de bambu, e quando a mulher retornou ao barco, estava banhada em lágrimas, mas a rudeza com que tratava os escravos me faz crer que ela não chorava outra coisa senão seu dinheiro.

PORTO DE DONA RITA SOBRE O JACUÍ, 14 de maio, 10 léguas.  
– Como o vento de hoje foi praticamente contrário, não pudemos navegar a vela. Os negros do patrão, ajudados por meus soldados, remam numa piroga ligada ao barco, trazendo-o a reboque.

O curso do rio percorrido continua com a largura de ontem; suas margens são igualmente planas e salpicadas de arbustos espessos e pouco elevados.

Da estância dos Dourados passamos durante algum tempo na charqueada do Curral Alto ou de São João da Fortaleza, onde o patrão deveria embarcar uma partida de carne-seca. Antes de chegarmos, sua presença nos foi anunciada por nuvens de urubus, que escureciam o céu. Terminara o tempo dos abates; no entanto, ainda havia muita carne ao sol e vísceras de bois, em putrefação, espalhando um odor infecto ao redor da casa.

Essa, além do mais, se localiza em posição privilegiada. A colina sobre a qual foi construída domina vasta extensão de terras; a espessa mata que margina o Jacuí se estende no campo, e esse rio deixa ver, a intervalos, grandes trechos de seu curso, que se assemelha a lagos.



Antes da chegada a Curral Alto, percorremos a embocadura do Francisquinho, que corre à direita do rio. Deparamos, em seguida, a foz de um outro riacho, o arroio do Carajal, que vem do mesmo lado e, pouco antes de anoitecer, passamos pela Vila de Santo Amaro, sede de uma paróquia. A localidade onde está construída essa aldeia é descampada, mas à direita e à esquerda há matas. A igreja fica no topo de uma colina e sobre seu declive veem-se pequenos grupos de casas, entremeadas de laranjeiras e gramados. Essa aldeia seria insignificante se apenas fosse composta de casas que se avistam do rio; mas asseguraram-me que na encosta da colina há muitas casas. Após cruzarmos Santo Amaro, ainda deixamos, à nossa direita, o arroio do Conde.

Durante aquele dia passamos, sucessivamente, pelas cachoeiras do Pouso, do Milho, dos Três Irmãos, do Padre Zecurro e da Praia da Anta. Atualmente, elas são pouco notadas por causa do volume das águas, mas no verão só se pode atravessá-las descarregando os barcos, de igual modo ao que mencionei ontem, relativamente às cataratas. A cerca de onze léguas de Rio Pardo, circundamos uma ilha, que se estende por espaço de três léguas, do lugar chamado Canguçu até a praia da Anta, e que está inteiramente coberta de mata. Agora estão pouco visíveis, porque as águas estão altas, obrigando-nos a pegar o canal da direita; quando baixas, seguimos o da esquerda, mais longo e de maior profundidade.

SOBRE O JACUÍ, a três léguas de Porto Alegre, 15 de maio. – Com o tempo bom e um soberbo luar, navegamos durante parte da noite. Próximo ao lugar onde paramos, passamos pela cachoeira de Dona Rita, a última ao descer o rio. À nossa direita deixamos o riacho do Jacinto Roque. Em seguida, percorremos uma aldeia, situada à margem esquerda do rio, denominada Freguesia Nova. Diante desta, pouco mais abaixo, inúmeras charqueadas.

É próximo à Freguesia Nova que o rio Taquari, bastante volumoso e vindo da Coxilha Grande, reúne suas águas às do Jacuí; torna-se, então, muito mais largo; no entanto, continua salpicado de matas semelhantes às que ontem descrevi. Abaixo da Freguesia Nova, vê-se à direita uma ilha habitada de, aproximadamente, uma légua de comprimento.

A uma légua de Freguesia Nova existem ainda charqueadas; à direita, transpomos o arroio dos Ratos. Enfim, passamos, sucessivamente,

diante de várias ilhas, algumas das quais inominadas, sendo as mais notáveis a ilha do Fanfa, medindo uma légua, a ilha Rasa, habitada; e por fim, a ilha do Boticário.

Estávamos já a certa distância da Freguesia Nova, quando me levantei e fui agradavelmente surpreendido ao subir num ponto onde pude descortinar a largura que o Jacuí adquirira depois dessa aldeia. É agora um belo rio, de largura semelhante à do Loire diante de Orléans, tendo o curso menos rápido. Cruzamos com vários barcos, muito bonitos, que se dirigiam a Rio Pardo. São as embarcações utilizadas pelos que têm pressa em ir de Porto Alegre a essa cidade. Construídas de tábuas, porém estreitas e alongadas como pirogas; normalmente de cor verde e cobertas por um dossel igualmente pintado de verde; chamam-se canoas ligeiras para diferenciá-las dos barcos de transporte, denominados canoas grandes.

A seis léguas de Porto Alegre, começa a surgir grande número de casas às margens do rio. Já avistamos as luzes de Porto Alegre; ali celebram uma festa provavelmente para o juramento da Constituição, e ouve-se o ruído dos tambores. Chegamos em frente à cidade de Porto Alegre, mas devido ao vento contrário, o patrão julgou mais prudente lançar âncora; são nove horas, vemos a iluminação, ouvimos o som dos instrumentos e os gritos de alegria. A noite está magnífica e me deixo ficar muito tempo sobre a coberta do barco, a admirar-lhe as belezas.

PORTO ALEGRE, 13 de junho. – Desembarquei em Porto Alegre a 16 de maio; a primeira iniciativa que tomei foi apresentar-me em casa do sargento-mor João Pedro da Silva Ferreira, que me recebeu gentilmente, conduzindo-me a uma pequena casa vizinha à sua, que havia alugado para mim, e convidou-me a fazer as refeições em sua casa durante todo o tempo em que estiver aqui. Aceitei o convite; diariamente, passo muitas horas com o sargento-mor e tenho sido cumulado de gentilezas não só de sua parte como da de sua esposa, dona Gertrudes.

O sr. João Pedro nasceu em Portugal, estudou matemáticas; sabe um pouco de francês e forma júzo crítico das coisas. Discorremos sobre os acontecimentos desenrolados em Portugal e no Brasil, as operações das Cortes e sobre as consequências da revolução. E, para mim, essa troca de ideias foi do maior interesse, uma vez que o sr. João Pedro não tem nenhum preconceito contra a América, atitude muito rara entre os portugue-

ses da Europa, pois ele é igualmente inimigo do despotismo e da anarquia, conhecendo bem os homens em geral e particularmente os deste país.

No dia seguinte à minha chegada, fui visitar diferentes pessoas de quem havia recebido distinções no ano passado, e comecei pelo tenente-general Marques, que, após a partida do Conde de Figueira, governa esta capitania, auxiliado pelo ouvidor da comarca e pelo mais velho vereador da Câmara. Solicitei ao coronel Antero, ajudante de campo do tenente-general, que escrevesse ao comandante da Freguesia de Santo Antônio, onde moram quase todos os carreiros dos arredores daqui, ordenando-lhes enviar-me duas carroças. Somente 15 dias depois, o comandante respondeu-me que não havia em seu distrito pessoa que possuísse bois e carros capazes de empreender uma viagem daqui a Laguna. Recomendara ao coronel Antero que avisasse o comandante de Santo Antônio de que as duas conduções seriam pagas pelo preço corrente da região; mas os cultivadores estão de tal modo acostumados a nada receber quando requisitados por autoridades superiores, que o receio de trabalhar de graça impediu, sem dúvida alguma, a esses de Santo Antônio de atender ao chamado de seu comandante. Pedi, então, ao coronel Antero uma outra carta para o comandante de Freguesia da Serra, mais distante que a de Santo Antônio e, para evitar atrasos, enviei-lhe, por intermediário de Matias, a recomendação de que os carreiros seriam devidamente pagos. Ao cabo de oito dias, Matias regressou, desta vez acompanhado pelo carreiro que aqui me trouxera no ano passado, e que, mediante oito pagamentos dobrados, se prontificou a me alugar duas carroças até Laguna.

Entretanto, como Matias e outras pessoas me asseguraram que o caminho está difícil; a planície, além de Boavista, se encontra inteiramente inundada; minha bagagem corria o risco de ficar molhada na carroça; enfim, como um dos carros à minha disposição não é coberto e não o pode provavelmente ser antes de minha chegada a Tramandaí, começo a desgostar-me do projeto de retornar por terra ao Rio de Janeiro. Tais reflexões me fizeram renunciar inteiramente. Foi no mês de junho que passei por aqui e quase nada encontrei nessa viagem; conseqüentemente, está claro que, recomeçando-a neste momento, não terá utilidade nenhuma para a História Natural, e talvez as coleções corram maior risco que por mar, pois os caminhos estão inundados, há muitos rios para atravessar, é necessário

transpor a barra de Santa Catarina ou mandar a bagagem nas costas dos homens sobre o morro de Siriu; enfim, não há nenhuma habitação na última metade do caminho.

Obrigado que fui a alugar duas carroças, as despesas de viagem seriam enormes; teria dificuldade em achar condução em Laguna e seria talvez forçado a esperar muito tempo em Garupava. Sofri horrivelmente, ano passado, nessa mesma viagem; as pessoas que me acompanham são as mesmas e eu não teria o consolo de então, o prazer de ver coisas novas.

Disseram-me que uma sumaca de arrecadação de couros estava prestes a partir para Santa Catarina; tive então a ideia de aproveitá-la a fim de transportar-me àquela cidade, onde poderia embarcar para Santos e ir buscar, antes de seguir para o Rio de Janeiro, as vinte caixas que deixei em São Paulo. Fui ao encontro do caixeiro que substitui o sr. José Antônio de Azevedo, pedindo-lhe um lugar na sumaca. Respondeu-me ele que a mesma havia sido fretada até Rio Grande, mas que, se eu quisesse embarcar para aquela localidade em um iate, poderia retomar ali a sumaca. Aceitei o oferecimento e, conduzido pelo sr. Antônio Cândido Ferreira, sempre muito gentil para comigo, fui ver o iate que deverá partir logo e do qual se orgulha seu dono. Entendi-me com ele, retornando à casa do caixeiro José Antônio de Azevedo para pô-lo a par de tudo. Anteriormente, esse homem me havia dito que daria ordem ao capitão da sumaca para esperar-me em Rio Grande, caso chegasse antes de mim, porém logo voltou atrás, mostrando claramente que não ficaria aborrecido se eu renunciasse a meu projeto. Pensei, então, em dirigir-me ao capitão da sumaca, mas como me informaram que os barcos entre Santa Catarina e Santos levavam meses sem trafegar, resolvi ir diretamente ao Rio de Janeiro. Escrevi ao comandante para solicitar-lhe que me alugasse uma casa e reservasse uma passagem em qualquer navio.

Confesso que a barra de Rio Grande causa-me certo pavor e, se eu tivesse um empregado de confiança, enviaria meus manuscritos por terra; entretanto, como me asseguram que as saídas são muito boas, sobretudo após o fechamento da barra do Norte, procuro me tranquilizar e espero que a Providência, que me tem afastado de tantos perigos, me preservará a bem de minha mãe.

PEDRAS BRANCAS, 18 de junho, três léguas. — Chegando a Porto Alegre, pedi ao tenente-general Marques para conseguir a baixa de meus dois soldados; ele consentiu com muita polidez, mas avisou-me de não desejar que este favor servisse de pretexto para que lhe pedissem outros idênticos todos os dias. Para isso não acontecer, somente me daria a baixa dos meus soldados na véspera de minha partida. Em minha viagem, tratei esses homens da melhor maneira possível; jamais os repreendi, suportando com paciência suas grosserias e impertinências. Protegi-os aqui durante um mês, sem que me fossem de alguma utilidade. Ontem, de manhã, mandei-lhes a baixa, assinada pelo general; dei-lhes dinheiro e três cavalos, não recebendo deles o menor agradecimento. Nem sequer me apresentaram suas despedidas. Havia contado, como fato extraordinário, que um índio me deixara, após quinze dias de convívio, sem agradecer-me a recompensa que lhe dera e sem despedir-se de mim nem do pessoal; pois eu estava longe de imaginar que teria de relatar um fato idêntico, porém muito mais forte, com homens de minha raça.

Custa muito aos homens dar provas refletidas de reconhecimento, porque elas são sempre o testemunho de um benefício, e aquele que o recebe se mostra inferior ao que dá. O europeu pode ser ingrato de caso pensado, mas não haverá um, por mais perverso que seja, incapaz de, no momento em que recebe um favor semelhante ao que prestei a meus soldados, não lhe pagar ao menos com um agradecimento. Esses dois homens diferem muito dos europeus e se parecem com os índios; eis, portanto, um exemplo da alteração que nossa raça sofre na América, sendo possível citar inúmeros outros.

Aliás, o americano, em sua ingratidão, está longe de ser tão culpado quanto o europeu; em seu país, não existe o orgulho refletido; se ingrato, é devido à sua insensibilidade; ele desconhece o valor de uma dádiva, porque não prevê as consequências. O que prova tal asserção é o fato de que meus dois soldados não me deram o menor sinal de reconhecimento, nem a mim nem tampouco a meu pessoal. Sabe-se, entre os habitantes desta capitania, que se repete sem cessar que os guaranis são igualmente insensíveis aos benefícios e aos maus-tratos. Tal é, com efeito, o caráter dessa gente, mas o dos brancos se assemelha mais ou menos, segundo a educação que recebem; e a vida das pessoas do campo, os exercícios violentos a que

se entregam, a falta de policiamento a que estão submetidos, o hábito de ver correr sangue e maltratar os animais devem abafar um pouco a sensibilidade de que a natureza os dotou.

O dono da sumaca, que deve levar-me a Rio Grande, avisou-me de que partiremos amanhã. Despedi-me de todas as pessoas de quem recebi favores, fiz carregar minhas malas e embarquei esta manhã, com Laruotte, José Mariano, Firmiano e os dois peões. Deixei, com muitas saudades, o sargento-mor João Pedro da Silva Ferreira e sua mulher, dona Gertrudes. Ele me acompanhou até a praia e parecia vivamente emocionado. Temi que estivesse menos, pois o costume de conhecer diariamente caras novas me impede de afeiçoar-me aos meus hospedeiros, como era antigamente. No começo de minhas viagens, ficava emocionado sempre que me separava das pessoas que me haviam recebido com hospitalidade; esta ideia “até nunca mais!” causava-me profunda impressão. Hoje, já não acontece o mesmo; minha sensibilidade moral diminuiu como a sensibilidade física. Sinto menos a privação das coisas necessárias à vida, resigno-me mais às contrariedades e sou menos tocado pelas despedidas.

Ventava pouco e seguíamos com extrema lentidão. Após sairmos do porto, dobramos a ponta de colina onde fica a cidade de Porto Alegre e, em seguida, divisamos, durante muito tempo, o lado ocidental dessa mesma colina. A igreja que coroa o cimo, os gramados sobre as vertentes, as casas à margem do rio formam um recanto aprazível; à esquerda, o lago é guarnecido de colinas cobertas de matas e pastagens; à direita, o terreno se apresenta menos acidentado e parece inteiramente denso de matas.

Dobramos várias pontas, das quais as mais importantes são as da Casa de Pólvora e do Dionísio, e viemos ancorar junto a esses rochedos, que se percebem de Porto Alegre, no meio de lagos e aos quais dão o nome de Pedras Brancas. A ponta da Casa da Pólvora bem como a do Dionísio ficam do lado esquerdo do lago, e levam esse nome devido a ser aí o depósito de pólvora de Porto Alegre.

Antes de partir dessa cidade, passei a cavalo numa colina situada nos arredores dessa ponta. Dali se descortina magnífico panorama: a colina onde está construída Porto Alegre, os campos circunvizinhos, a embocadura dos rios que passam em frente à cidade, grande parte do lago

formada pela junção desses rios, e pode-se fazer uma ideia exata da topografia da região.

Relatei, no ano passado, as razões que me autorizavam a considerar as águas que se estendem de Porto Alegre a Itapuã como sendo a continuação do Guaíba, mas a vista percebida do alto dessas colinas me fez mudar inteiramente de opinião. Com efeito, daí se vê, evidentemente, que os rios Caí, Sinos e Gravataí não se lançam no Guaíba, mas reúnem-se a este último em reservatório comum, e esse depósito de água, infinitamente mais largo que o Guaíba, não é mais do que a consequência daqueles quatro outros rios, parecendo mesmo prolongá-los mais do que o próprio Guaíba, visto estender-se na mesma direção daqueles, enquanto o Guaíba afluí lateralmente. Os donos de iates que navegam entre Rio Grande e Porto Alegre não consideram essas águas como prosseguimento do Guaíba e distinguem perfeitamente o ponto onde finda esse rio e dão-lhe imprópriamente o nome de barra do rio Pardo, denominando rio de Porto Alegre ao curso de água de que tratamos. Algumas pessoas, como já disse, chamam-no lago do Viamão ou de Porto Alegre; mas, em geral, quando os habitantes de Porto Alegre a ela se referem, designam simplesmente pelo nome de rio. De tudo isso resulta que se deve indicar o Guaíba como terminando em frente a Porto Alegre.

ANCORADO JUNTO AO MORRO DO COCO, margem esquerda do rio Porto Alegre, 19 de junho, quatro léguas. – Conforme relatei no ano passado, no artigo sobre embarcações que navegam entre Porto Alegre e Rio Grande, elas são obrigadas, por causa dos baixios, a seguir certo caminho, chamado canal, entre Porto Alegre e Itapuã; esse leito de rio forma uma série de ziguezagues; tem geralmente quatro braços; no entanto, sua profundidade em muitos lugares é menor, por exemplo, nas vizinhanças de Pedras Brancas.

Junto a essas ilhas ainda se divisa Porto Alegre; mas logo ela desaparece. Até aqui se veem constantemente as duas margens do lago; a oriental, cujo canal se aproxima geralmente com mais frequência, mostra um terreno acidentado; mas, depois que deixamos de avistar Porto Alegre, não há nada digno de ser mencionado. A duas léguas de Pedras Brancas, deixamos do lado leste a Ponta Grossa; duas léguas mais longe, passamos diante de uma pequena ilha, coberta de mata; como nos faltou vento, lan-

çamos âncora perto da margem oriental, ao pé de um monte denominado morro do Coco, muito pedregoso e coberto de matas.

Até aqui, nenhum rio se lança no lago pela parte leste; mas a oeste, contam-se quatro pequenos; o arroio do Conde da Cunha, com a embocadura a duas léguas de Porto Alegre; o arroio Petim, a cinco léguas da mesma cidade; enfim, o arroio de Manuel Alves e o do Padre Salgado, que deságuam no mesmo lugar, a oito léguas de Porto Alegre. No momento, o lago não apresenta correnteza muito forte, mas, na ocasião das enchentes, suas águas podem adquirir grande rapidez.

ANCORADO JUNTO AO MORRO DO COCO, margem esquerda do rio Porto Alegre, 20 de junho. – O tempo esteve admirável; não tivemos sequer vento, o que nos obrigou a ficar parados. O dono do iate mandou cortar lenha à margem do rio para vendê-la em Rio Grande. As árvores escolhidas de preferência foram uma mirtácea, chamada cambuí, e a mirsinácea, denominada capororoca-de-folha-larga, cujos lenhos queimam bem, mesmo quando ainda verdes, provavelmente por conter sucos resinosos. Deito-me com dois outros passageiros e os dois peões no quarto do patrão. José Mariano, Laruotte e Firmiano dormem no porão. Eu como à minha custa; é Firmiano quem faz a comida, e isso quer dizer que ela é salgada e detestável. O patrão e seus marinheiros são de uma honestidade rara entre a gente deste estado. O primeiro nasceu em Portugal; veio ainda muito jovem para o Brasil e se enriqueceu como acontece a quase todos os europeus, no meio de homens que temem o trabalho, não pensam muito no futuro e não têm método nem espírito de economia.

Eu havia referido, ano passado, que construíram em Porto Alegre, na Rua da Praia, em frente ao cais, um edifício de muito mau gosto, destinado à alfândega. Foi demolido e começaram um outro com melhor projeto. Entretanto, insisto em acreditar que seria melhor, para embelezamento da cidade, não encobrir o cais e formar diante dele uma espécie de praça, onde continuassem a realizar a feira. Logo que o conde de Figueira partiu, interromperam-se os trabalhos da praça existente abaixo da igreja e do palácio. As enxurradas já escavaram os barrancos e logo esta obra ficará completamente perdida, se ficar abandonada.

Disse que tinham começado, em frente à igreja das Dores, um cais para o arsenal. Iniciado no governo do conde de Figueira, foi inter-



rompido, como a praça, após sua partida. Tem o grande defeito de não ser colocado em esquadria com a igreja; mas não é só isso: por uma economia absurda, estava sendo construído com barro e pedras; as águas já o haviam estragado muito e, brevemente, nada mais restará.

Todos esses fatos constituem ainda prova dos inconvenientes do poder absoluto atribuído, até agora, aos capitães-generais. Sem nenhum obstáculo eles podem seguir todas as suas ideias, executar todos os seus planos, por mais bizarros que sejam, e seus subalternos jamais deixam de se extasiar diante daquilo que fazem. Mas, quando um general parte, eles se vingam de seu despotismo, depreciando todas as suas obras; seu sucessor as abandona e inicia outras que, por sua vez, também serão negligenciadas.

AO PÔR DO SOL, À ALTURA DE TRÊS IRMÃOS, 21 de junho. – O Brasil é um imenso país de contrastes, onde as províncias diferem singularmente entre si pelo clima, pela natureza de solo e pelas produções, e tais diferenças vão naturalmente originando outras, não menos sensíveis, nos costumes dos habitantes. Enquanto o soberano estava na Europa, podia adotar a política do sistema colonial, de favorecer o isolamento entre as províncias; era um meio de oprimi-las mais facilmente, impedindo-as de se reunirem contra a metrópole; mas, depois que o soberano veio se instalar no Brasil, seus interesses adaptavam-se melhor aos de seu povo; ele, então, temia mais as separações parciais do que uma sublevação geral, e era evidente que deveria cuidar de estabelecer ligações entre os súditos, tratando de criar entre eles um espírito público, imaginando um sistema de administração centralizada. Mas os ministros dos reis nem sequer são educados para valores tão categorizados.

Era impossível continuar julgando como colônia um país onde o soberano tinha sua residência. Declararam-no, então, igual às províncias da Europa e abriram seus portos a todas as nações. Mas pararam por aí; e por singular contradição, imprimiram uma administração colonial a um país que não era colônia. Cada capitania tornou-se uma espécie de pacha-lick, onde o capitão-general continuava a usufruir de um poder absoluto e podia, a seu bel-prazer, reunir em si todos os poderes.

Nada mudou na maneira desigual de arrecadar os impostos. Assim, apesar do empobrecimento dos mineiros, continuaram a sujeitá-los a um dobrado imposto sobre as mercadorias, que já haviam sido pagas ante-

riormente nos portos. Embora a maior parte dos goianos não tirasse mais ouro de suas terras, nada tendo para vender, não deixavam de exigir-lhes em dinheiro os dízimos que, aliás, só podem ser pagos *in natura*. Cada capitania conservou seu tesouro separadamente, sendo obrigada a viver de suas rendas para sobreviver. Enfim, ainda não há uma armada brasileira, mas todas as províncias mantêm suas tropas particulares, que não se prendem a nenhum centro comum e nem formam unidade de comando.

Já tive oportunidade de expor alguns inconvenientes desse sistema militar; isso pode trazer graves consequências a esta capitania. Como os corpos que dela dependem são quase inteiramente formados por homens da região, a guerra necessita de enormes verbas, proporcionando também grandes fortunas; constituiu-se aqui uma espécie de aristocracia de família, embaraçosa para os capitães-generais e perigosa para a tranquilidade dos cidadãos.

Esta manhã, quando me levantei, já havíamos passado por Itapuã e só avistamos a sua ponta de longe. Logo depois não divisamos mais nenhuma terra. Com o vento favorável, avançávamos rapidamente, em direção ao sul, e ao meio-dia descobrimos, à direita do lago, a ponta de Cristóvão Pereira. Até à noite, enxergava-se uma costa arenosa, onde se elevavam, de longe em longe, árvores raquíticas; ao cair do dia, passamos diante de um lugar chamado Três Irmãos. Após Itapuã, rumamos demoradamente para o sul e, em seguida, para o sudoeste; temos tido regularmente quatro a cinco braças e meia de profundidade.

São dez horas, a noite está excessivamente escura; há relâmpagos ao longe, o vento ameaça voltar-se para o sul; o patrão julgou prudente lançar âncora. É em Itapuã que começa propriamente a lagoa, e é lá que a navegação se torna perigosa, porque não existe qualquer ponto de abrigo. Toda a manhã sentimos enjoos; mas pelo meio-dia cessaram, pois o vento se acalmou. À noitinha, a água da lagoa ainda estava doce.

Já tive ocasião de observar que nesta região se empregam em todos os tipos de utilidade os diversos produtos derivados do gado. Devo acrescentar que se usam até cabos de couro nos barcos que navegam entre Porto Alegre e Rio Grande. Eles têm o inconveniente de se esticarem demais quando molhados.

Abro ao acaso minha Bíblia inglesa e caio nas palavras do Salmo XXIX:

The voice of the Lord is upon the waters; the God of glory thundereth: the Lord is upon many waters. The voice of the Lord is powerful; the voice of Lord is full of majesty!\*

Estes versos, que parecem feitos para a situação em que me encontro, encheram-me de uma espécie de temor religioso; entretanto, continuei a leitura do Salmo e me senti reanimado com a passagem do último versículo: The Lord will give strength unto his people; the Lord will bless his people with peace. A lembrança da minha mãe apareceu em meu espírito e senti-me cheio de ternura; creio que devo minha saúde às suas orações.

SACO DO BOJURU, 22 de junho. – Durante a noite rompeu violenta tempestade. O iate balançou furiosamente sobre as âncoras e parecia ameaçar de abrir-se ao meio ou naufragar. O patrão não sabia onde estávamos e esperava impacientemente o dia. Ao surgir o sol ele reconheceu que nos achávamos somente a uma légua de uma pequena enseada vizinha da estância de Bojuru e também chamada, por esse motivo, Saco do Bojuru. Levantamos âncora e viemos, malgrado a tempestade, procurar este abrigo. O vento se fazia sentir com muito menos intensidade; ancoramos aqui e ainda estamos às oito horas da noite. Durante esse tempo, o vento se acalmou e espero que amanhã nos poderemos pôr em marcha. Os passageiros foram obrigados a ajudar a equipagem, que se compõe de cinco pessoas apenas, incluindo o patrão. Todos trabalhavam em silêncio e com certo recolhimento; mas logo que se viram fora de perigo, começaram a falar e a dar prova de encorajamento mútuo.

Receio que nunca tenha estado mais sem ânimo que nesta ocasião. Agora mesmo, apesar de estarmos em segurança, não deixo de temer a continuação de minha viagem até o Rio de Janeiro. Na que fiz por mar, de Vila da Vitória a esse porto, pareceu-me, ao contrário, que nada poderia acontecer e, no meio da tempestade, experimentada à altura de Cabo Frio, dormi profundamente. A que se deve atribuir essa diferença? Não posso crer nos maus pressentimentos, pois estes que eu os havia formado nos desertos de Goiás não ocorreram. Se estou mais sensível ao temor é,

sem dúvida, devido ao esgotamento de minhas forças e à falta do mesmo entusiasmo.

De qualquer modo, lamento muito não haver deixado em São Paulo o meu diário de viagem a Goiás, e não ter portador seguro para levar, para terra, todos os meus papéis, até o Rio de Janeiro.

Segundo me informou o patrão do iate, a ponta de Itapuã, que forma a entrada da lagoa, faz parte de sua margem oriental, e do lado oposto fica o morro das Formigas. Junto à ponta de Itapuã se encontra a ilha das Pombas e a nordeste da mesma, a ilha do Junco. O canal passa entre esta última e a terra firme. Na própria lagoa, a pouca distância de sua entrada, acha-se a ilha de Barba Negra. Navegamos em direção ao sul, dois graus a sudoeste, até os Três Irmãos e em seguida, na de sudoeste, até Bojuru, sempre com quatro braças; mas no verão diminui a profundidade.

Durante a minha estada em Porto Alegre, soube, sucessivamente, de várias novidades importantes. O comércio do Rio de Janeiro havia apresentado à Câmara da cidade um requerimento, fundado em razões muito fortes, para induzi-la a pedir ao rei sua permanência no Brasil; mas este último não lhe deu nenhuma importância. Em 21 de abril, quando os eleitores da paróquia estiveram reunidos sob a presidência do juiz de fora, o povo apresentou-se em massa no local da assembleia, pedindo, aos gritos, que os eleitores suplicassem ao rei dar ao Brasil a Constituição espanhola, esperando que fosse arquivada aquela que estava sendo elaborada em Lisboa. Parece que vários eleitores aprovaram essa solicitação, e foram, efetivamente, pedir ao rei que baixasse um decreto atendendo-lhes o desejo. As tropas, no entanto, não se juntaram ao povo e, quando procuravam conter a multidão, um soldado recebeu uma facada de um popular. Essa morte irritou os militares que, encontrando resistência, quando tentaram evacuar a sala onde estavam os eleitores, mataram um grande número de pessoas. O rei, certo do apoio das tropas, anulou, em 22, seu Decreto de 21 e, no mesmo dia, nomeou seu filho príncipe regente para governar em sua ausência, aguardando que a Constituição fosse posta em vigor.

Foi no dia 26 que ele partiu, acompanhado de, aproximadamente, duas mil pessoas, repartidas em 14 embarcações fretadas para esse fim. O rei, que sempre foi um modelo de piedade filial, fez transportar, em um dos navios, os ossos de sua mãe, para Lisboa. Todos os maiores do

reino, que estavam no Rio de Janeiro, acompanharam o rei, à exceção de quatro, dentre os quais dois, o conde dos Arcos e o conde de Louzã, fazem parte do Ministério.

Quando o rei embarcou, estava profundamente emocionado, mas o povo não deu nenhum sinal de pesar.

O príncipe regente começou seu governo empreendendo grandes reformas nas dependências do palácio; ocupa-se muito dos negócios do estado, assiste às manobras das tropas, visita o arsenal e os tribunais, assinando vários decretos, para minorar as misérias do povo. Já o rei, antes de sua partida, havia assinado um que deveria ter grande influência sobre as capitâneas do interior. Por esse decreto, ele suprime o dízimo em todo o território do Brasil, substituindo-o por direitos que devem ser pagos à saída dos portos, pelas mercadorias exportáveis, como açúcar, algodão, café, etc., e à entrada das cidades e aldeias sobre os gêneros de consumo interno, tais como feijão e milho.

Os dois decretos do príncipe regente não são menos importantes: um deles suprime o imposto do sal; o outro proíbe às autoridades tomarem bens dos proprietários para serviço do rei, sem o consentimento, e ordena que todos os fornecimentos necessários ao serviço público se façam através de compras e que sejam perfeitamente pagos. Farei algumas observações nos artigos deste diário.

SACO DE BOJURU, 23 de junho. – O vento permaneceu contrário o dia todo, e ficamos ancorados. O patrão enviou seus negros para cortar lenha nas margens do rio, e eu os acompanhei. Durante muito tempo, passei pelos terrenos que margeiam a lagoa, encontrando-os arenosos e entrecortados de pântanos e de poças d'água. Árvores raquíticas, como mirsináceas e mirtáceas, entrelaçam-se sobre a praia, vendo-se sobre as águas, ou em suas vizinhanças, numerosas aves aquáticas, como garças brancas, gaivotas, baiacus e cegonhas; os colimbo e diversas espécies de marrecos e patos selvagens. A vegetação continua idêntica à que descrevi no ano passado, nessa mesma época. O capim tem coloração amarelada e apenas se percebe, de longe em longe, algumas flores que escaparam à má estação. Entre Porto Alegre e Itapuã, encontram-se na lagoa algumas baliças fincadas, aqui e ali, por patrões bem intencionados.

Contou-me o patrão do iate que, há cerca de dois anos, um engenheiro oferecera ao comércio indicar o canal por meio de duas linhas de balizas, à direita e à esquerda, mediante certas condições; mas eles recusaram.

É verdadeiramente inconcebível que o Governo não tenha tomado absolutamente, até agora, nenhuma medida para tornar menos perigosa uma navegação tão útil e que tanto contribui para a riqueza da capitania. Há alguns práticos, que se encarregam de conduzir os barcos de Rio Grande a Porto Alegre, e vice-versa, mas não são revestidos de nenhum caráter legal, correndo-se risco de pegar algum incompetente.

Além da enseada onde ancoramos, as embarcações podem ainda achar abrigo junto a Cristóvão Pereira; aliás, não existem outros, entre Itapuã e o rio São Gonçalo.

À VISTA DA PONTA DOS LENÇÓIS, 24 de junho, nove léguas. — Esta manhã levantamos âncora e reentramos na lagoa. Percorremos três léguas, com vento fraco; em seguida sobreveio a calmaria e ficamos largo tempo parados. À tarde, o vento soprou novamente e nos deixou à entrada do estreito. Como não se pode entrar, a não ser à vista das balizas, o patrão achou prudente lançar âncora. O dia esteve admirável e quente, a noite está igualmente bela, com o céu estrelado; mas o vento sopra forte demais.

Referi, neste diário, que o conde de Figueira se fazia servir por um pequeno índio que aprisionara em Taquarembó e que, anteriormente, era oriundo das tropas de Artigas. O conde achava que, como eu levava para a França um índio do Norte do Brasil, seria necessário também que, para comparação, eu levasse um do Sul, tendo a gentileza de me oferecer seu indiozinho. Sentindo que ele demonstrava grande afeição ao menino, recusei. No momento, a ideia do conde me alegrara e acabei aceitando uma carta sua para o marechal Chagas, pela qual recomendara a este dar-me um pequeno guarani. Eu hesitava se faria uso dessa carta; no entanto, encontrando-me tão mal acompanhado, com pouca distração em viagem, vendo sempre fisionomias descontentes, decidi pedir um peão ao coronel Paulette, na esperança de um menino corresponder a meus anseios, sorrir-me, testemunhar-me algum afeto e me servir de distração. Disse ao coronel que desejava apenas um refugiado espanhol, órfão de pai e mãe. Ele encontrou em São Borja um menino bem como eu queria: com oito

ou nove anos e uma figura agradável e espiritual; seus pais haviam morrido durante a guerra; atravessou o Uruguai com outro índio espanhol que dele se apiedara. O pobre pequeno estava inteiramente nu e como eu dera algum dinheiro à pessoa que dele cuidara até então, fiz, ao mesmo tempo, dois benefícios.

Desde o primeiro momento, o pequeno Pedro demonstrou grande desejo de me agradar, interesse em servir-me e vontade de tudo fazer, mesmo o que estivesse acima de suas forças. Do segundo ou terceiro dia em diante, tenho-o levado comigo nas excursões ao campo. Ele me diverte por sua graça; ajuda-me a colher sementes; corre atrás dos insetos e me traz as flores que encontra. Esta criança demonstra a vivacidade e a curiosidade de um europeu, e soma a ternura e a docilidade característica de sua tribo. Chora todas as vezes que lhe dizem que se vai separar de mim, mas é raro verter lágrimas quando ofendido; deita sempre sobre uma de minhas caixas, enrolado numa simples coberta; come em geral muito, mas pouco se queixa quando nada lhe dão. Ensinei-o a recitar o *Pater* em francês; já entende tudo em português e começa a falar essa língua.

Quando deixei São Borja, o coronel Paulette pediu-me que conseguisse, em São Miguel, um outro pequeno índio espanhol e o enviasse, ao chegar ao Rio de Janeiro, aos cuidados do marquês de Belas, irmão do conde de Figueira. Eu não podia recusar esse ato de complacência; por isso trouxe de São Miguel um guarani.

LIVRO DE VIAGEM<sup>1</sup>  
QUE TRATEI DE FAZER DO RIO DE JANEIRO A VILA RICA  
E DE VILA RICA A SÃO PAULO,  
PARA IR BUSCAR AS 20 CAIXAS  
QUE DEIXARA NESTA ÚLTIMA CIDADE

---

1 Auguste de Saint-Hilaire, chegando ao Rio Grande, aí ficou por algum tempo, tornou a embarcar, chegando ao Rio de Janeiro após uma feliz travessia, que durou dez dias (segundo carta que escreveu do Rio de Janeiro, em 4 de setembro de 1821). Em seguida teve de ir buscar em São Paulo as coleções que fora obrigado a deixar ali em depósito (dezembro de 1819). Esta é a expedição cujo diário aqui se oferece. Como se verá, ele teve de renunciar a seu projeto de passar por Vila Rica. Foi sua última viagem no continente americano. De volta ao Rio de Janeiro, não demorou a embarcar para a França, retornando à terra natal no começo de agosto de 1822. (N.T.)





.....

## Capítulo XXIII

RIO DE JANEIRO – CUIDADO COM AS COLEÇÕES – PREPARATIVOS DE PARTIDA – ARREDORES DO RIO DE JANEIRO – FREGUESIA DE INHAÚMA – STO. ANTÔNIO DE JACUTINGA – PÉ DE SERRA – SENHOR D’ENGENHO – ENGENHOS – CAFÉ – CAMINHO NOVO DE COMÉRCIO – FALTA DE PERSEVERANÇA NOS EMPREENDIMENTOS FEITOS NO BRASIL – VARGE – O PARAÍBA – REGISTRO DO CAMINHO DO COMÉRCIO – ENGENHOCA – ALDEIA DAS COBRAS – O DESEMBARGADOR LOUREIRO – MÁ DISTRIBUIÇÃO DAS TERRAS CONCEDIDAS – O RIO PRETO – LIMITE DA CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO – REGISTRO DE RIO PRETO – A SERRA NEGRA – S. GABRIEL – POLIDEZ DO POVO – FAZENDA DE S. JOÃO – OS PEQUENOS GUARANIS DIEGO E PEDRO – UM CIRURGIÃO – O RIO DE PEIXE – RANCHO DE MANUEL VIEIRA – OS CAMPOS – RANCHARIA – BRUMADO – RANCHO DE ANTÔNIO PEREIRA – FAZENDA DO TANQUE.

**F**REGUESIA DE INHAÚMA, 29 de janeiro de 1822, duas léguas. – De volta do Rio Grande, comecei a visitar as coleções que deixara no Rio de Janeiro e as que trouxera comigo, e a embalá-las de modo que pudessem partir para a França, logo que eu chegasse da viagem ora iniciada. Encontrei no melhor estado possível os pássaros e os insetos, mas duas malas de plantas haviam sido inteiramente destroçadas pelas larvas das *ptines*, e são as que recolhi nas Minas Novas, às margens do rio São Francisco, entre o Rio de Janeiro e o rio Doce, sobre as montanhas de Tapanhoacanga e nos arredores de Ubá.

O clima do Rio de Janeiro, ao qual já não estava habituado, o cheiro de cânfora, do enxofre e da essência de terebintina que respirava continuamente e, devo confessar, o desgosto que sentia ao ver as perdas que tivera em meu herbário, todas essas causas alteraram sensivelmente minha saúde e privaram-me quase inteiramente de forças. O fastidioso trabalho a que eu me consagrava ia ficando, por isso, prejudicado e prolongava também meus aborrecimentos. Vários meses se passaram, durante os quais não fiz outra coisa senão envolver pássaros em algodão, lavar insetos com éter, salpicar plantas com cânfora e procurar restos de flores em meio a uma poeira mais fina que tabaco. A extrema lentidão dos operários do Rio de Janeiro contribuiu para fazer-me perder muito tempo. Enfim, somente ao cabo de três dias de procuras consegui descobrir o muleteiro que hoje me acompanha.

Conservei no Rio de Janeiro a casa que alugara ao chegar, e o bom sr. Ovídio concordou em residir nela durante a minha ausência. Aí deixei repletas quinze caixas de plantas e perfeitamente acondicionadas, e outras vinte e quatro cheias de pássaros, mamíferos e insetos, das quais vinte estão embaladas de modo a poderem ser enviadas quando se quiser.

Parti hoje<sup>1</sup>, acompanhado por meu novo muleteiro, Laruotte e os dois guaranis que vão a cavalo. Firmiano vai a pé.

Como tínhamos partido bem tarde, pudemos fazer duas léguas. O caminho que segui é aquele por onde passei com os Srs. Langsdorff, Antônio Ildefonso Gomes e o pobre Prégent, quando, cheio de um entusiasmo que se apagou e de esperanças que se revelaram vãs, iniciei minhas longas e penosas viagens.

Após deixar a cidade, passamos diante de São Cristóvão. Caminho bonito, bastante regular, embora traçado em terreno arenoso. À direita, estamos a pouca distância da baía que podemos, vez por outra, avistar; à esquerda, descobrimos um vale pontilhado de colinas e coberto de casas de campo, lavouras e pastos. Mais além, as altas montanhas da Tijuca, cujos flancos são revestidos de bosques virgens.

Talvez nada no mundo seja tão belo quanto as cercanias do Rio de Janeiro. No verão, o céu é de um azul carregado; no inverno, as cores

---

1 29 de janeiro de 1822.

se suavizam, apresentando o azul esbatido de nossos mais belos dias de outono. Aqui, a vegetação nunca descansa, e em todos os meses do ano, os bosques e campos estão floridos. Florestas virgens, tão antigas quanto o mundo, exibem sua majestade quase às portas da cidade, formando um contraste com as obras humanas. As casas de campo em torno da cidade não têm nenhuma magnificência; nelas não foram seguidas as regras da arte, mas a originalidade de sua construção contribui para tornar a paisagem mais pitoresca. Quem poderia pintar as belezas que a baía do Rio de Janeiro apresenta, essa baía que, segundo o almirante Jacob, poderia conter todos os portos da Europa! Quem poderia pintar essas ilhas de formas tão diversas que se levantam de seu seio, a multidão de enseadas que desenham seus contornos, as montanhas tão pitorescas em sua orla, a vegetação tão variada que embeleza suas margens!

Aqui, eu desfrutava ainda mais deliciosamente da vista do campo, por ter sido privado dela durante o tempo em que fiquei no Rio de Janeiro. Os caminhos que conduzem a esta capital são atualmente tão cheios de vida quanto os que desembocam nas metrópoles da Europa. Até agora não parei de encontrar homens a cavalo e a pé. Negros traziam de volta, sem mercadorias, mulas, que pela manhã haviam levado à cidade, carregadas de provisões; rebanhos de bois e porcos tocados por mineiros avançam lentamente em direção a ela, fazendo voar turbilhões de poeira; a cada passo, eu cruzava diante de alguma venda cheia de escravos misturados a homens livres; milicianos com um paletó de chita-da-índia, calças brancas e um capacete na cabeça iam ao encontro de seus camaradas no posto que a honra lhes destina, enquanto outros retornavam de licença por motivos de saúde.

Fiz uma parada numa venda bastante limpa e bem guarneçada, como geralmente as dos arredores da cidade. O prolongamento do telhado forma uma varanda sustentada de postes, entre os quais se levantou uma parede de apoio, gênero de construção comum ao redor do Rio de Janeiro. Foi aí que o dono da casa, muito cortês, permitiu que eu passasse a noite. Essa venda depende da paróquia de Inhaúma e dista apenas algumas léguas da igreja. É uma edificação isolada que se ergue sobre uma plataforma pouco elevada, donde se descobre agradável paisagem.

Ao lado da igreja, uma dessas pequenas casas que se chamam Casa do Imperador e servem para as festas de Pentecostes. Esta, segundo

o costume, é mais ou menos quadrada, um pouco elevada acima do solo e dividida em dois aposentos. O dos fundos fechado e bem pequeno, o outro aberto para a frente e para os lados. O Imperador instala sua Corte e aí se vendem, em leilão, os objetos que os devotos portam em oferenda ao Espírito Santo.

O nome de Inhaúma, dado no Brasil, não passa provavelmente de uma corruptela de inhuma, pássaro cuja denominação científica me escapa. Como muitos lugares leva o nome de Inhuma ou Inhumos, é claro que esse pássaro, hoje em dia tão raro, era comum outrora; tê-lo-ão destruído para apoderar-se de uma espécie de chifre que tem sobre a cabeça, ao qual se atribui uma quantidade de virtudes.

Em Inhaúma, como em muitos outros lugares do Rio de Janeiro, não há aldeia propriamente dita; mas a paróquia se compõe unicamente de casas esparsas no campo. Em Minas, ao contrário, quase não existe paróquia sem aldeia, e a razão é fácil de apontar. Em torno do Rio de Janeiro, as terras se dividiram mais que em qualquer outra parte, e quando, num cantão, houve um número suficiente de habitantes, formou-se uma paróquia. Como as vendas se dispersam à beira dos caminhos, cada proprietário tem sempre alguma igreja a seu alcance. Logo, não havia razão para que se reunisse um grupo de casas ao redor da igreja e não em outra parte.

Não se dá o mesmo em Minas. Aí as habitações são muito separadas umas das outras, e a igreja, onde quer que a colocassem, ficaria muito distanciada da maioria dos paroquianos. Além de sua habitação comum, cada um quis, portanto, ter perto da igreja uma casa onde sua família pudesse descansar da longa viagem que era obrigada a fazer para assistir ao serviço divino, onde pudesse receber seus amigos e tratar de negócios no único dia em que se encontravam juntos.

Os mercadores, os taberneiros, os operários tiveram de se aproximar do local onde se reuniam os proprietários, e foi assim que se constituiu a maior parte das aldeias.

PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO DE JACUTINGA, 30 de janeiro, quatro léguas. – O caminho um pouco menos regular, mas ao mesmo tempo oferece muitos pântanos, principalmente na paróquia de Sto. Antônio. À medida que se afasta de Inhaúma, veem-se menos casas, as vendas tornam-se mais raras, há menos terrenos cultivados, os bosques são mais

comuns; enfim, nos aproximamos mais da serra, e o aspecto da região fica menos aprazível. Até Inhaúma, o caminho é ladeado por sebes artificiais formadas por essa encantadora mimosácea, tão espalhada hoje ao redor do Rio de Janeiro. A partir de Inhaúma, as sebes compõem-se de plantas da região; as espécies mais comuns são as que escaparam à destruição dos bosques virgens, notadamente diversas espécies de bignônias, bauínias, a córdia, de cheiro fétido, e a pitanga, mirtácea que caracteriza os terrenos chatos, arenosos e vizinhos do mar, a cucurbitácea chamada erva-de-santo.

Pela metade do caminho, duas mulas embrenharam-se nos bosques enquanto se arrumava a carga das outras. Firmiano e José foram à sua procura, e este último encontrou-as ao cabo de meia hora. Firmiano não reaparecia mais e continuamos nosso caminho. Reccei que se perdesse, e tal ideia me atormentou. Esse jovem índio mostra-se cada dia mais rabugento; faz tudo a contragosto; está sempre descontente; enfim tornou-se em todos os aspectos o macaco de José Mariano. Todavia, e é isto que me aflige, fiquei-lhe sendo necessário; abandoná-lo seria condená-lo seguramente à miséria, e não devo esquecer que fui eu que o tirei de suas florestas; que, até o momento, não foi instruído e ainda não está batizado. Eu o mencionara a todas as pessoas que encontrara, rogando que lhe indicassem o caminho. Minhas intenções foram perfeitamente realizadas, e ele chegou aqui antes do anoitecer.

Fiz alto num engenho que faz parte da paróquia de Sto. Antônio de Jacutinga e instalei-me, com a permissão do dono, sob uma espécie de galpão onde se guardam plantas e carroças, e onde a gente se enfia até o tornozelo na poeira e no esterco. Ao cair da noite, o dono da casa mandou servir-me café e convidou-me a dormir em sua casa. Declinei do obséquio, porque acabava de cear, e minha cama já estava arrumada na varanda.

FAZENDA DE BENFICA OU PÉ DA SERRA, 31 de janeiro, três léguas. – O muleteiro enviado por Michel de Ubá, e de quem me sirvo nesta viagem, parece um ótimo garoto, e acho que tem um caráter suave e dócil. É também muito entendido em sua profissão; mas não revela experiência, trabalhando com extrema lentidão. Enquanto carregava suas mulas, o que lhe exigiu um tempo infinito, fui conversar com o dono da casa; sem rodeios, falei-lhe de João Rodrigo. Este nome, tantas vezes um talismã para mim, produziu ainda o efeito habitual. Imediatamente me deram mostras

de muita consideração, oferecendo-me, e até aos meus empregados, um desjejum de café com leite, pão e manteiga. A posse de um engenho estabelece entre os agricultores do Rio de Janeiro um cunho de nobreza.

Sempre se fala com respeito de um senhor de engenho, e tornar-se um deles é a ambição de todos. Um senhor de engenho exhibe normalmente uma opulência de carnes, prova que se alimenta bem e trabalha pouco. Em casa, veste um paletó de chita-da-índia, galochas e calças mal amarradas, e não usa gravatas; enfim sua indumentária indica ser inimigo do constrangimento. Mas se monta a cavalo e sai de casa, é preciso que o vestuário revele sua dignidade, e então o fraque, as botas luzidias, as esporas de prata, uma sela muito limpa, um pajem negro com uma espécie de libré são para ele obrigatórios. Empertiga-se, mantém a cabeça erguida e fala com essa voz forte, esse tom imperioso, que assinala o homem acostumado a comandar grande número de escravos.

A um par de léguas do Rio de Janeiro terminam as chácaras e começam os engenhos. Já existe um bom número deles na paróquia de Sto. Antônio de Jacutinga, onde se encontram muitos terrenos baixos e úmidos, favoráveis ao cultivo da cana. Aqui ela dá três cortes, após os quais a terra é obrigada a descansar por quatro anos seguidos, a menos que a estrumem, como fazem os agricultores que têm pouco terreno.

A região percorrida para chegar a Aguaçu é menos habitada que aquela cruzada por mim ontem. Coberta de bosques, vai ficando cada vez mais acidentada. Em Aguaçu, sede de uma paróquia, não se vê aldeia propriamente dita, mas algumas lojinhas de armarinho muito bem providas, bonitas vendas e oficinas de ferreiros, ofício que a passagem contínua dos mineiros torna mais necessário do que qualquer outro.

Descendo a serra, o rio de Aguaçu é navegável a partir desta paróquia até a baía de Rio de Janeiro, proporcionando aos lavradores das vizinhanças um meio cômodo para transportar seus gêneros à cidade. De Aguaçu a Pé da Serra, não há mais que meia légua.

Já descrevi, em outra parte, a posição encantadora dessa habitação. Como disse, fica encostada a uma colina. À frente da casa, um belo gramado, salpicado de alguns grupos de goiabeiras. Mais além, sobre um leito de pedras, corre o pequeno rio de Itu, cujo murmúrio se ouve, mas não pode ser avistado, pois está escondido pelos arbustos que o ladeiam.

Mais longe, afinal, as montanhas desenrolam-se em semicírculos, oferecendo em seus flancos um anfiteatro de bosques virgens majestosos.

As árvores que crescem à beira do rio de Itu, defronte da casa de José Gonzalo, são principalmente os ingás, uma borragínea, cujas flores brancas da copa se assemelham às das campainhas, uma mirtácea notável pelo grande tamanho das flores que lembra a do cravo-da-índia. Enfim, é impossível deixar de perceber, entre as pedras que se erguem do leito do rio, um pequeno arbusto copado, cuja folhagem é de um verde luzidio e cujos ramos estendidos chegam acima das águas, terminando numa espécie de umbela de longas corolas, de um vermelho tão belo quanto o da romã.

Embora José Gonzalo veja a cada dia novos rostos e conte mais de oitenta anos, ainda assim me reconheceu e falamos muito de João Rodrigo.

CAFÉ, 1º de fevereiro, quatro léguas. — Registrei, no diário de minha viagem a Goiás, que a estrada que passava em Ubá para ganhar em seguida o rio Preto ia ser fechada, e que a Junta de Comércio do Rio de Janeiro fazia uma outra, iniciando perto da casa de José Gonzalo e desembocando na estrada antiga, próximo da paróquia da aldeia. Foi este caminho, denominado Caminho do Comércio, ou mais vulgarmente Caminho Novo ou Estrada Nova, que comecei a seguir hoje. A parte da cordilheira que o atravessa tomou-lhe o nome: serra da Estrada. Já tive a ocasião de assinalar que a cordilheira mudava continuamente de nome; isso é verdade, sobretudo nos arredores do Rio de Janeiro. Ao lado da serra da Estrada Nova fica a serra do Azevedo, adiante a serra da Viúva, mais longe ainda a serra da Estrela, etc. Para alcançar o ponto mais alto da serra da Estrada Nova, leva-se pouco menos de duas horas quando se sobe com mulas carregadas. Projetou-se a estrada em zigue-zague com bastante arte; construíram-se pequenas pontes para a passagem dos riachos, e nos lugares, onde se podem temer desmoronamentos, faz-se a sustentação das terras. Para os habitantes da Comarca de São João, esse caminho ficou mais curto que os outros e, por conseguinte, sua utilidade é incontestável. Nele se trabalhou durante longo tempo, gastaram-se somas consideráveis; mas desde que possível passar por lá, não terminam as partes apenas iniciadas, como também não se cogita de conservar as construídas. As águas já escavaram



por todos os lados profundas ravinas, e seremos obrigados a renunciar a essa bela estrada se mais este ano se passar sem que ela seja cuidada.

Acontece quase o mesmo com todos os empreendimentos neste país. Os brasileiros captam com facilidade; sabem elaborar um plano, mas abandonam-se demais à imaginação, não calculam suficientemente os obstáculos, não avaliam os empreendimentos segundo seus meios. Os defeitos da administração acrescentam empecilhos fictícios aos reais. O espírito da intriga, chegando aqui mais longe que em qualquer outro lugar, mete-se em tudo o que se faz, confunde tudo, favorece o velhaco, desencoraja o homem de bem. Começou-se algo de útil, mas é interrompido, negligenciado e, às vezes, uma obra ordenada pelo governo e que se poderia concluir em breve e com pouca despesa nunca mais se acaba, embora nela sempre se trabalhe. A obra tornou-se o patrimônio de um alto funcionário. De que viveria ele, se lhe arrebatassem a herança?

Apesar de tudo, é difícil encontrar uma estrada mais pitoresca do que esta, seguida hoje. Chegando a certa altura, descobre-se toda a região percorrida nos dias precedentes; vê-se a planície semeada de colinas, a maioria delas coberta de bosques e aumentando de elevação, à medida que se aproximam da grande cadeia de montanhas perto da qual se assemelham a anões aos pés de um gigante. O caminho descreve, entre as montanhas, sinuosidades que se distinguem por suas colorações menos escuras; à distância, o fundo da baía rodeada de montanhas vaporosas. Logo o cenário cresce mais; já não é uma parte da baía que se avista; ela se mostra inteira, com as ilhas que se levantam de seu seio e o Pão de Açúcar postado qual uma sentinela em sua majestosa entrada. Os bosques virgens que se atravessam apresentam todos os efeitos de vegetais os mais diversos e grandiosos. As casinhas construídas, de espaço a espaço, para os trabalhadores na estrada espalham variedade na paisagem, sugerindo certas vistas das montanhas da Suíça. Notei, entre outras, uma dessas cabanas construídas sobre a vertente de uma elevada montanha, no meio de árvores copadas e ao lado de uma cascata que despenca saltitando sobre pedras esparsas. A estrada passa ao pé dessa cascata. Abaixo fica um vale profundo, e ao longe se avista ainda um trecho da baía. Nada pode ser ao mesmo tempo mais grandioso e mais romântico do que essa paisagem.

Atingindo o cume da serra, começa-se a descer, mas torna-se a subir e a descer ainda várias vezes. A pouca distância da casa onde parei, ca-

minha-se a meia encosta, acima de um vale profundo, e ouve-se um rugido surdo que indica a presença de uma cascata. De repente, na curva formada pelo caminho, vê-se uma ponte de madeira construída de maneira pitoresca e apoiada em dois maciços de pedra. Sob esta ponte há rochedos entre os quais passa um riacho, que se precipita em seguida, no vale, formando uma espuma branca, e logo se esconde no meio das árvores copadas. É o mesmo riacho cujo barulho se ouvia algum tempo antes e é tributário do rio de Santa Ana que, segundo me disseram, lança-se no mar.

A menos de meio quarto de légua do Rancho dos Cafés, ao fundo de um vale, plantações de milho e uma habitação. A única, aliás, que se encontra desde a fazenda de Benfica até aqui. O Rancho dos Cafés estava ocupado por caravanas; fui pedir hospedagem na casa de um major, situada numa pequena plataforma cercada de montanhas. O major foi chamado à cidade com seu regimento, depois do caso do dia doze; mas o seu substituto permitiu, de muito boa vontade, que me instalasse numa casinha onde me acharia apertado, se minhas longas viagens não me acostumassem a estar contente com qualquer coisa.

VARGE, 2 de fevereiro, três léguas. – A região continua montanhosa e coberta de florestas virgens. O caminho é traçado a meia encosta sobre as montanhas, as margens foram desguarnecidas de bosques, oferecendo apenas a vegetação das capoeiras. Antes de chegar aqui, anda-se acima de um vale que, aos poucos, se alarga, acabando por formar uma espécie de pequena planície denominada Varge. Em geral, os brasileiros dão este nome a todas as planícies úmidas entre as montanhas, nas regiões de bosques virgens, quer vales bastante largos, quer o ponto de encontro de diversos vales. A palavra Varge não é portuguesa, mas evidentemente se origina de *várzea*<sup>2</sup>, com o mesmo significado.

Em Varge há vendas, algumas casas e dois ou três ranchos. Não parei em nenhum deles, porque estavam ocupados, vindo a um quarto de légua de lá pedir hospedagem num engenho, que aparenta certa opulência. O proprietário me indicara primeiro um pequeno alpendre situado atrás de suas usinas, mas como o telhado se achava em péssimo estado e não podia me pôr a salvo da chuva, fui pedir ao dono da casa para instalar-me

---

2 *Várzea.*

no engenho. Ele estava na varanda de sua casa com um eclesiástico, e eu me mantive humildemente na escada. O padre me reconheceu por me ter visto em Ubá; além disso, eu estava trajado muito apropriadamente e me apresentava com bastante polidez para merecer alguma consideração. Entretanto, sequer me convidaram a subir até a varanda e pareceram conceder-me, como enorme favor, permissão de dormir no moinho. Sobretudo entre as pessoas ricas, encontra-se na Capitania do Rio de Janeiro pouca hospitalidade. Na Europa, onde não há nenhuma para os desconhecidos, ninguém abastado teria mandado dormir no celeiro um estranho cujo nome em verdade ignorasse, mas que soubesse que era recebido como amigo numa das melhores casas da vizinhança, e, além disso, estivesse decentemente vestido e se apresentasse como um perfeito cavalheiro.

REGISTRO DO CAMINHO DO COMÉRCIO, 3 de fevereiro, três léguas. – Nada de notável na estrada. A região sempre montanhosa e coberta de matas virgens. As grandes árvores foram cortadas à beira do caminho, e a vegetação das capoeiras as substituiu. Ao cabo de algumas horas, cheguei à margem do Paraíba, que mede neste ponto quase a mesma largura no trecho onde o atravessei perto de Ubá. Como o caminho antigo foi fechado, transferiu-se para aqui o escritório do pedágio. O aspecto desse lugar se assemelha ao porto de Ubá. O rio corre majestosamente num vale margeado por altas montanhas revestidas de florestas virgens. Na vertente, fizeram-se plantações de milho; de cada lado do rio há um rancho e na margem uma casinha que serve de moradia ao empregado incumbido de receber o dinheiro do pedágio.

A paisagem é animada pelas pirogas que vão e vêm de uma margem à outra, pelos rebanhos de bois e porcos que transpõem o rio a nado, pelo movimento dos homens que obrigam os animais a entrar no rio e atravessá-lo, pelas tropas de mulas que são carregadas e descarregadas. Como essa estrada encurta o caminho para os moradores de toda a comarca de São João, é por aqui que passa grande parte dos bois e porcos que a comarca fornece ao Rio de Janeiro.

Os condutores dos animais fazem-se reconhecer facilmente pela feição e pelo traje. Há entre eles, ao menos, igual número de homens brancos e mulatos. Como desde cedo se acostumam a longas caminhadas e ao regime mais frugal, são quase sempre magros e bem altos. Dão geralmente

passos enormes, o rosto é estreito e alongado; de todos os mineiros, são talvez eles os que apresentam menos traços fisionômicos; andam com os pés e as pernas nus, empunhando um grande bastão; usam chapéu de abas estreitas, copa muito alta e arredondada, calção e camisa de algodão, cujas fraldas são passadas por cima do calção, enfim um colete de tecido de lã grosseiro, normalmente azul-celeste.

Chegando à margem direita do rio, atravessei-o sozinho na primeira piroga que se apresentou; fui encontrar o empregado do escritório que vira há tempos em Ubá, e perguntei-lhe o que havia de melhor a fazer: mandar minha pequena caravana cruzar o rio, ou deixar para o outro dia de manhã. Aconselhou-me a passar esta noite mesmo; ceamos juntos e falamos muito do interior do Brasil, que ele percorreu durante vários anos.

ENGENHOCA, 3 (*sic*) de fevereiro, três léguas. – Região sempre montanhosa e coberta de florestas. Os vales, muito estreitos e profundos, normalmente cortados por algum riacho; a vertente das montanhas em geral é bastante rápida. Isto pode dizer-se de todas as regiões de bosques virgens. Fizemos alto num engenho não muito grande cujo proprietário, instalando-me sob um pequeno alpendre situado perto de suas caldeiras, pediu-me educadamente desculpas por não poder alojar-me de maneira mais conveniente.

Enquanto analisava as plantas que recolhi hoje, meu alpendre encheu-se de muleteiros, que, segundo o costume dos mineiros, examinavam com muita atenção e cumulavam-me de perguntas. Essa curiosidade, que procede certamente do desejo de instruir-se, não se verifica nem na Capitania do Rio de Janeiro, onde o calor e a umidade do clima tornam os homens moles e lânguidos, nem na do Rio Grande, cujos habitantes apreciam unicamente os exercícios corporais.

ALDEIA DAS COBRAS, 5 de fevereiro, quatro léguas. – Mais montanhas e florestas. Um pouco antes de chegar à aldeia, descobre-se do alto de uma montanha elevada imensa extensão de terra, e por todos os lados só montanhas cobertas de florestas. O caminho do comércio dá imediatamente acima da aldeia, na antiga estrada que passava por Ubá e que segui em 1819. Desde àquela época, as terras dos arredores da aldeia povoaram-se um pouco mais; aí se contariam atualmente umas sessenta casas; estão ocupados em construir uma igreja de pedra e fizeram da

localidade a sede de um termo, que se estende entre o Paraíba e o rio Preto. Mas, ainda assim, esse nome da cidade conviria mal ao lugarejo; seria ainda, por sua posição, um dos pontos mais tristes da Capitania do Rio de Janeiro. Para satisfazer sua vaidade, o último governo multiplicou as vilas e criou cidades. Bem melhor teria sido encorajar os matrimônios, favorecer os estrangeiros e partilhar as terras com mais justiça.

Saindo de Engenhoca, tínhamos subido uma montanha bastante elevada; foi preciso descer antes de chegar à aldeia das Cobras. Saindo de Valença, o caminho é detestável.

A venda da aldeia das Cobras é mantida por dois franceses moradores neste cantão, há muito tempo, e que muito lhe louvaram a fertilidade. Com as próprias mãos, esses homens fizeram uma plantaçã considerável de café nas terras do desembargador Loureiro, homem desacreditado por causa de seus costumes e falta de probidade. Achando que este não cumpria os compromissos assumidos com eles e temendo alguma trapaça de sua parte, ambos venderam plantações por duzentos mil-réis, antes que estivesse pronta a colheita, e garantem que este ano o comprador, ou o Sr. Loureiro, que se pôs no lugar dele, retira daí dois mil cruzados.

Nada igual à injustiça e à parvoíce com a qual as distribuições de terra fizeram-se até agora. Evidente que, sobretudo quando não existe nobreza, interessa ao estado que haja nas fortunas o mínimo de desigualdade possível. No Brasil, nada mais fácil que pôr na abastança uma multidão de famílias. Cumpria distribuir-lhes gratuitamente, e por pequenos lotes, a imensa extensão de terras vizinhas da capital que ainda estavam por doar quando veio o Rei. O que se fez ao contrário? Distribuíram-nas por sesmarias, que apenas se podiam obter após muitas formalidades, e cujo título era necessário pagar.

O rico que conhecia o desenrolar dos negócios tinha protetores e podia dar os primeiros passos, pedia por seus familiares, reunindo, assim, enorme extensão de terrenos. Alguns homens especulavam com as demandas de sesmarias. Começavam arroteando o terreno concedido, faziam pequena plantaçã, construía uma casinha, em seguida vendiam a sesmaria, conseguindo outra mais adiante. O Rei doava terras sem discernimento e sem medida aos homens dos quais supunha ter recebido ser-

viços. Paulo Fernandes foi cumulado de doações dessa natureza. Manuel Jacinto, empregado do Tesouro, possui perto daqui doze léguas de terras que lhe foram concedidas pelo Rei.

Os pobres, não podendo possuir títulos, estabelecem-se em terrenos que sabem não pertencer a ninguém. Plantam, constroem uma casinha, criam aves e, quando menos esperam, vem um homem rico, portador de um título obtido na véspera, expulsá-los de casa aproveitando o fruto de seu trabalho. O único recurso que resta ao pobre é solicitar ao proprietário de léguas de terrenos permissão para semear um pedaço delas. Esta raramente é recusada, mas como pode ser retirada de uma hora a outra, por capricho ou interesse, os que cultivam no terreno de outrem, e que se chamam agregados, plantam somente grãos cuja colheita se pode fazer em alguns meses, tais como o milho e o feijão; mas não fazem plantações que só devam produzir ao cabo de um prazo mais longo, como o café.

REGISTRO DE RIO PRETO, 6 de fevereiro, três léguas. – Já descrevi a encantadora situação do rancho da Aldeia das Cobras, não voltarei a isso. Para chegar ao rio Preto, continua-se a varar uma região montanhosa, densa de matas virgens e, quando de algum cume elevado se pode descobrir uma grande extensão de terra, não se avista absolutamente nada senão florestas e montanhas.

O rio Preto serve de limite à capitania do Rio de Janeiro; passa-se sobre uma ponte de madeira e logo se chega à Capitania de Minas. Na extremidade da ponte, uma aldeia encostada em montanhas que se compõe de uma única rua bem larga, paralela ao rio. Essa aldeia leva o mesmo nome que ele; pertence à paróquia de Ibitipoca e tem apenas uma igreja sucursal com um capelão. As casas de Rio Preto, à exceção de uma ou duas, só possuem andar térreo; pequenas, mas todas com pequeno pomar plantado de bananeiras, cuja folhagem pitoresca contribui para embelezar a paisagem.

Logo depois da ponte, à direita, o rancho dos viajantes. Neste lugar se encontra a balança pública, onde se pesam as mercadorias destinadas à Capitania de Minas. Aí também se inspecionam as malas dos viajantes para saber se não levam cartas, privando o correio de seus direitos. Ao entrar no rancho, apresentei aos soldados a portaria que tenho do príncipe e a que o sr. José Teixeira, vice-presidente da Junta de Minas, me deu antes

de minha partida do Rio de Janeiro, onde ele viera em comissão. Examinados esses documentos, os soldados obrigaram-me a ir apresentá-los ao comandante do destacamento, e um deles me acompanhou até lá. Encontrei no comandante um homem extremamente delicado, de aparência agradável, e não somente liberou minhas malas da vistoria, como também quis que fossem descarregadas em sua casa, fazendo-me compartilhar de uma ótima ceia. Repetidas vezes tive a oportunidade de falar elogiosamente do regimento de Minas. O comandante de Rio Preto confirmou mais uma vez o seu bom conceito; este homem não passa de um simples furriel e, no entanto, expressa-se bem, raciocina com acerto e mostra, por suas maneiras, que foi bem educado.

SÃO GABRIEL, 7 de fevereiro, três léguas. – O comandante do registro de Rio Preto não se contentou de me prestar a melhor acolhida; quis ainda me dar uma carta de recomendação para o irmão residente em Barbacena.

Sempre florestas virgens e montanhas. Muito tempo antes de chegar a São Gabriel, avista-se a serra Negra, e o aspecto da região torna-se mais austero. Localiza-se o rancho de São Gabriel num fundão, quase ao pé da serra Negra, e a algumas centenas de passos de um riacho. Por todos os lados, escuras florestas e altas montanhas, sendo a mais elevada a serra Negra. Mandei pedir a um rapaz, dono da venda de que depende o rancho, permissão para me estabelecer na casinha que já ocupara em minha outra viagem. Consentiu, mas estarei bastante mal nesse pequeno recinto, por se achar atravancado de bancos e jiraus. De resto, não devo esquecer-me de registrar que a casa é coberta com troncos de palmeira. O caule dessas árvores é mais ou menos duro na circunferência, mas cheio no centro de uma medula bem tenra. Cortam-no pela metade, tiram a medula, formando assim espécies de goteiras que se arrumam sobre os tetos do mesmo jeito que se colocam as telhas ocas, ou seja, se uma apresenta o lado côncavo, sua vizinha oferece o lado convexo. Há em Valença muitas casas com tal cobertura.

SÃO GABRIEL, 8 de fevereiro. – Por volta das nove horas da manhã, em companhia de Firmiano, subi a serra Negra. Na parte baixa dessa montanha, matas virgens de grande frescor, cuja vegetação já é muito variada. A cerca de um quarto de légua de São Gabriel, construíram, quase

à beira de um riozinho, um rancho e uma venda, que não existiam por ocasião de minha primeira viagem. Ao chegar-se a determinada altura, o terreno muda de natureza. Após argiloso, não oferece mais que rochedos ou uma areia quartzosa branca, grosseiramente triturada, variando ao mesmo tempo em suas características a vegetação e o solo. Aos bosques virgens sucedem carrascos apertados e espessos que se compõem de grande quantidade de arvorezinhas de espécies diferentes e sobretudo arbustos, tais como uma ericácea, grande número de mirtáceas, cássias, várias lauráceas e uma melastomácea de grandes flores violeta. Apesar de as plantas desses carrascos não serem tão rígidas nem tão secas quanto as dos tabuleiros cobertos, são muito menos aquosas que as dos bosques virgens.

Nota-se claramente que não é a diferença de elevação, mas a do solo, que influi sobre a vegetação. Com efeito, ao pé mesmo da montanha existe uma superfície de terra bastante considerável, composta de um quartzo triturado, semelhante ao que descrevi anteriormente, reencontrando-se aí a maioria das plantas do cimo da montanha. Fiquei até tarde demais para poder analisar as numerosas plantas recolhidas, de modo que precisarei passar aqui o dia de amanhã.

SÃO GABRIEL, 9 de fevereiro. — O dia inteiro examinei e descrevi as plantas que trouxe ontem da fazenda, não saindo um só instante de meu quartinho. Embora o estudo das plantas seja a finalidade desta viagem — um verdadeiro dever e a ocupação mais agradável —, acabei contudo por sentir a cabeça cansada de tantas análises e, infelizmente, ainda não pude terminá-las. Não obstante a presteza com que trabalhava, percebi que serei forçado a ficar aqui amanhã. Refletindo sobre o tempo exigido pela viagem que empreendo, abandonei-me aos poucos à mais profunda melancolia. Tenho o mais vivo desejo de ensejar a minha mãe o consolo de abraçar-me mais uma vez; receio que, chegando à França no inverno, eu não possa suportar o rigor do frio, e vejo-me quase na impossibilidade de embarcar no mês de junho. Tudo isso me transtorna e estou quase propenso a abreviar a viagem.

SÃO GABRIEL, 10 de fevereiro. — Mais uma vez passei o dia todo a fazer análises; entretanto, como trabalhei menos que ontem estou menos cansado. As caravanas sucedem-se sem parar no rancho; na França haveria gritos, pragas, brigas. Aqui tudo ocorre em paz; cada um faz seu trabalho



sem o menor barulho; o mais sujo condutor de porcos fala com suavidade e gentileza. Mesmo não se conhecendo, prestam entre si os pequenos serviços de que precisam, e todos vivem em perfeita harmonia. Encontrando alguém no caminho, nunca deixam de cumprimentá-lo; quando vão estabelecer-se num rancho, saúdam os primeiros ocupantes e logo travam conversa com eles. Quase todos os que passaram ontem por aqui vieram para ver-me trabalhar; nunca se esquecem de perguntar-me qual a finalidade de meu trabalho; demonstram o desejo de examinar minha lupa, sendo às vezes importunos, mas sempre delicados.

FAZENDA DE SÃO JOÃO, 11 de fevereiro, três léguas. – Deixei hoje de manhã São Gabriel, transpondo a serra Negra. Mal se atravessa o rio de São Gabriel, passa-se a um terreno composto por um quartzo branco, grosseiramente reduzido a pequenos fragmentos, misturados com uma leve porção de terra vegetal. Esse terreno, semelhante ao encontrado nas partes mais elevadas da montanha, oferece a mesma vegetação; aí se acham a melastomácea, a ericácea, etc., de que falei no meu diário de 8 de fevereiro, e também só crescem arbustos. À proporção que a terra vegetal aumenta, as árvores reaparecem, e então o caminho torna-se encantador; não se percebe a menor irregularidade, parece ter sido coberto de areia pela mão do homem, serpenteando como uma alameda de jardim inglês entre grandes árvores pertencentes a uma multidão de espécies diferentes. Seus galhos entremeados formam uma abóbada impenetrável aos raios solares. A proximidade do rio aumenta mais ainda o frescor desse passeio com céu encoberto, e o ar é perfumado pela melastomácea, cujas flores brancas, dispostas em cachos delicados, contrastam com o verdor escuro das plantas vizinhas. Adiante o solo torna-se mais anguloso, os bosques já não se mostram bem variados, não crescem tantos arbustos, o caminho alarga-se, deixando de ser tão bonito; todavia ainda mantêm seu encanto entre o rio e as árvores; e continua-se a desfrutar uma sensação de amenidade extremamente agradável.

A um quarto de légua de São Gabriel, encontram-se uma venda e um rancho que, há três anos, não existiam quando subi a serra; foram construídos depois que melhoraram o caminho da montanha, tornando-o mais frequentado. Deixando para trás essa venda e um riacho que corre por perto, é que se inicia a subida; entretanto ainda se desce algumas vezes para, em seguida, subir sem nenhuma descontinuidade.

A cerca de um quarto de légua da venda, o terreno se compõe de areia grossa e terra acinzentada; os bosques não cessam ainda, mas ficam muito mais ralos. É ali que se começa a descobrir a região; em nenhuma parte avistei tão ampla extensão; mas em qualquer ponto onde se pouse o olhar, não se vê nada mais do que florestas e montanhas. Dentre estas as mais elevadas apresentam, a certa altura, uma zona de cor menos escura, formada por carrascos que crescem acima dos bosques virgens. Logo adiante o solo é, na superfície, totalmente arenoso, e a vegetação muda radicalmente. Já quase não oferece senão arbustos apertados uns contra os outros, a maioria dos quais com numerosos ramos dispostos em corimbo. São principalmente uma cássia, uma ericácea, grande número de mirtas, algumas lauráceas, malpighiáceas, compostas, uma melastomácea, etc., crescendo no meio delas, a intervalos, pequena espécie de bambus.

De vez em quando, o caminho se torna extremamente difícil; nas partes arborizadas, oferecia com frequência apenas um atalho estreito, embaraçado de raízes. Entre os carrascos, passa por cima de rochedos escorregadios, onde as mulas têm dificuldade de se equilibrar. Em determinado lugar, não há muito mais que um pé e meio de largura. De um lado, beirando rochedos, de outro dominando precipícios. Um pouco abaixo do cume da montanha, o solo fica úmido misturado a uma areia quase branca e um húmus enegrecido. Ali cresce com abundância uma melastomácea, que se eleva até três pés, oferecendo corimbos apertados, ramos pontilhados de bonitas flores purpurinas. Ainda estava subindo quando passou uma tropa de bois bastante numerosa e dividida, segundo o costume, em diferentes bandos. Estava então numa das partes mais largas do caminho, e foi preciso esperar que toda a tropa tivesse passado para evitar o embaraço de nos encontrarmos em algum atalho escarpado e difícil. A vista torna-se mais extensa ainda à medida que se sobe, acabando-se por descobrir as montanhas do Rio de Janeiro, perdidas numa distância vaporosa. Descendo a montanha, acham-se muito menos carrascos; entretanto é somente em direção à base que recobram o vigor usual dos bosques virgens.

Era tempo que chegasse, pois o calor esteve muito forte durante o dia todo, e fiquei quase sempre a pé carregando minha pasta, que acabou ficando bastante pesada. A fazenda onde parei está situada bem no pé da

serra e, como as caravanas que atravessam a montanha fazem ali necessariamente uma parada, há sempre intenso movimento de mulas, muleteiros e viajantes. De fato não há nenhuma casa na montanha.

Segundo o costume geral, o proprietário aproveita-se da necessidade que temos de recorrer a ele, vendendo o milho aqui, como em São Gabriel, muito mais caro que em qualquer outro lugar.

Meus pequenos guaranis partiram do Rio de Janeiro, montados na mesma mula, um na sela, o outro na garupa; mas o animal ficou bastante machucado ao fim de alguns dias. Agora só pode com um deles. Eu mandava montar ora uma criança, ora outra, e quando ia a pé, deixava quase sempre minha mula para o que não podia ir na sua. Apesar disso, ambos andaram e correram muito para agarrar insetos; ao chegar, Diego achou-se indisposto. Mandei-o deitar-se e tomar chá bem quente para suar. Nada há em seu estado que deva realmente preocupar-me; mas sou tão apegado a essas crianças que não posso impedir-me de ficar bastante apreensivo.

RANCHO DE MANUEL VIEIRA, 12 de fevereiro, uma légua e meia. – Havia-me instalado ontem numa granja onde já estavam alguns viajantes que vão a negócios da aldeia de Oliveira ao Rio de Janeiro, e parecem gente abastada. Entre eles, um cirurgião que se apressou a mostrar-me sua reputação, tomando ares de dignidade que pareciam dizer-me: “Senhores, respeitem-me.” Cada um tratou logo de consultá-lo, e entre eles um rapaz, portador de uma doença de pele, a quem o comandante de Rio Preto pediu-me que o conduzisse até Barbacena. O famoso cirurgião disse que ia preparar-lhe um remédio e no dia seguinte estaria curado. Misturou efetivamente pólvora e suco de algodão, esfregou com isso as partes doentes e benzeu-as; depois mandou o paciente deitar-se, assegurando-lhe sucesso.

Já tive a oportunidade de registrar várias vezes em meu diário a confiança depositada pelos brasileiros nos amuletos e nas simpatias. Um dos meios de cura que empregam também muito frequentemente é o de mandar benzer seus males. Algum charlatão deve ao mesmo tempo repetir uma fórmula de reza. Assim muitas pessoas se metem a fazer benzeduras aos doentes com a maior fé do mundo; mas eu nunca poderia acreditar que um homem que se intitula publicamente cirurgião e, por conseguinte,

deve ter sido diplomado, consagrasse assim, pelo seu exemplo, a práticas supersticiosas. Meu desprezo foi ainda maior que meu espanto, quando o doutor me veio cobrar uma pataca. Recusei-me terminantemente a pagar, dizendo que o seu doente de maneira alguma me pertencia.

Diego já está bem melhor, e é claro que sua indisposição não era mais que uma transpiração sustida. No entanto hoje não percorri mais que légua e meia, porque recolhi ontem muitas plantas, chegando tarde demais para examiná-las.

Continuam os bosques virgens, e hoje só fizemos subir e descer, o que é muito cansativo para homens e animais. A cerca de um quarto de légua daqui, passamos sobre uma ponte de madeira no rio do Peixe e pela estrada avistamos inúmeras fazendas. Em alguns pontos, o caminho tem no máximo a largura necessária para uma mula carregada, defeito muito comum em toda a estrada. Se nessas passagens obrigatórias duas caravanas se encontram, é preciso forçosamente que uma delas recue, ensejando muitas vezes alterações ou ocasionando situações perigosas.

O rancho onde parei pertence a uma fazenda distante daqui algumas léguas e escondida num recanto. Para lá me dirigi à noitinha a fim de pagar o milho que mandara buscar para minhas mulas e pus-me a conversar com o dono da casa. Indaguei-lhe, entre outros assuntos, se as pessoas estavam contentes com o novo governo. Respondeu-me que sim. “Aborrece-me, porém”, acrescentou, “que nos tenham tirado nosso general; estávamos acostumados com ele, e uma pessoa sozinha governa sempre melhor do que cinco que custam a se entender. Se, quando construí minha casa, fosse obrigado a consultar todos os meus vizinhos, ela ainda não estaria feita.”

Há algo de verdadeiro nas palavras desse agricultor, mas creio que ele próprio não atinava bem com a razão que lhe fazia preferir o antigo general a uma junta provisória. A maior parte das pessoas necessita apegar-se aos governantes. É um sentimento que parece tão natural quanto a afeição do filho, ou do criado, pelo pai de família; mas a gente não se apega a uma corporação como a um homem; é de certa forma um ser metafísico como a lei. Podemos achá-la justa ou injusta, aprová-la ou censurá-la, mas por ela não se sente ódio nem afeto. A maioria dos homens também não gosta de ser comandada por magistrados oriundos da classe de que eles

próprios fazem parte. A ascensão de seus iguais adverte-os incessantemente de sua inferioridade; mas se consolam em ser governados por um homem de classe elevada, imaginando que não foi um mérito superior ao deles que o colocou acima, mas sim os acasos do nascimento, aos quais é preciso resignar-se.

RANCHO DE ANTÔNIO PEREIRA, 13 de fevereiro, três léguas. – Hoje, ao longe, descobrimos os campos, e encontramos mais uma região de bosques virgens. O caminho, bastante difícil, muito estreito, vai sempre subindo e descendo. Após percorrer cerca de duas léguas, chegamos a um vale agradável, onde corre um riacho, à beira do qual se veem, sucessivamente, duas fazendas, as de Rancharia e Brumado, que deviam outrora gozar de importância, mas pareceram-me agora em péssimo estado. Não foi difícil para mim adivinhar a razão de sua decadência, quando vi, pela primeira vez, desde o Rio de Janeiro, montes de cascalhos à beira do rio.

Prosseguindo nosso caminho, chegamos a um pequeno rancho onde demos uma parada. Faz parte de uma venda dirigida por uma criança de dez a doze anos. A venda, o rancho e uma casa vizinha onde se criam aves e porcos pertencem a um tio do menino, e este ficou tomando conta de tudo durante uma viagem do tio. Isso prova a segurança reinante na região e o quanto os roubos rareiam aqui. Seja como for, este lugar tem algo que agrada pelo aspecto selvagem. A venda e o rancho são construídos a alguns passos da estrada e do rio. Este corre pelo meio de um matagal formado de arbustos, entre os quais sobressaem uma composta, por seus enormes corimbos de flores purpurinas, e um *calyplitus*, por grandes flores de um branco pálido. Amontoados de seixos atestam o trabalho dos mineiros. Por toda a parte, elevam-se montanhas cobertas de bosques; e acima delas, em frente ao rancho, uma vista dos campos.

FAZENDA DO TANQUE, 14 de fevereiro, uma légua e um quarto. – Como pretendo subir a serra de Ibitipoca, onde certamente encontrarei muitas plantas, não quis deixar o rancho de Antônio Pereira sem estar bem informado de minhas análises; e era tarde na hora da partida. Após alcançar uma encosta bastante íngreme, penetramos nos campos. Foi com extremo prazer que reví uma quantidade de subarbustos encantadores que iniciaram meu herbário. Nele não avistei, de dois anos para cá, as elegantes cássias e as melastomáceas, cujos ramos esguios e apertados formam sedutores tufos

arredondados. Nos bosques virgens, quase nunca há vista, mas a vegetação é tão majestosa e variada, seus efeitos tão pitorescos, que neles nunca me aborreci. Os campos, ao contrário, logo parecem monótonos; mas quando, ao sair de uma floresta sombria, entramos num campo e repentinamente descobrimos uma imensa extensão de terra; quando nos sentimos refrescados por uma brisa que nada impede de circularmos; quando em lugar de árvores gigantescas, cuja folhagem mal distinguimos, não vemos mais do que pastagens ornadas de atraentes flores, cuja família e gênero podemos conhecer de bem longe, é impossível em tal mudança inesperada de cenário não experimentarmos uma espécie de arrebatamento.

À vista dos belos campos que se ofereceram hoje a meus olhos, não pude esquivar-me a um aperto no coração, ao pensar que deles me afastaria sem retorno. Todos esses dias tenho estado entregue à mais penosa incerteza. Lamento bastante, é verdade, não poder ficar para sempre no Brasil; mas desejaria ao menos poder desfrutar por mais tempo o prazer de admirar este belo país; gostaria de poder despedir-me de meus amigos, meus bons amigos dos arredores de Vila Rica; sinto, porém, ao mesmo tempo que, se fizesse essa viagem, ficaria difícil para mim embarcar este ano e, se espero pouca satisfação de minha volta à França, não posso dissimular que uma quantidade de deveres me chamam para lá. Após muitas hesitações e angústia, resignei-me, afinal, a dirigir-me diretamente de Barbacena a São Paulo.

Não foram apenas campos percorridos hoje, atravessamos também bosques. Depois de, aproximadamente, uma légua, chegamos à aldeia de Ibitipoca, sobre uma colina. Embora seja a sede de uma paróquia que se estende até o rio Preto, essa aldeia compõe-se apenas de alguns casebres no pior estado.

Parei numa delas, onde vive amontoadas uma numerosa família de mulatos, e perguntei onde morava o comandante. Responderam-me que residia numa fazenda, a légua e meia daqui; roguei, então, ao meu interlocutor que me indicasse o caminho da fazenda do Tanque, que sabia ser a habitação mais próxima da serra. Esse homem não apenas me ensinou o caminho com a delicadeza que parece natural nos mineiros, mas ainda quis servir-me de guia durante alguns instantes. Após seguir durante meia hora um atalho que corta pequeno vale coberto de bosques, cheguei enfim

ao Tanque. Pedi hospitalidade a um rapaz que me afirmou que o dono da casa estava ausente, mas que eu podia passar aqui a noite. Apressou-se a arrumar os diferentes objetos que estavam na sala, e minha bagagem foi descarregada ali. Pouco tempo depois, vieram Laruotte e José, que eu deixara na aldeia para comprarem provisões. O último disse-me que nossa chegada espalhara o alarme na região. Tinham ouvido falar dos acontecimentos do Rio de Janeiro e, vendo passar um homem acompanhado de mulas carregadas de malas, concluíram que devia ser alguma autoridade encarregada de fazer arrolamento de homens.

A fazenda do Tanque parece que, outrora, teve alguma importância, mas tornou-se propriedade de alguns mulatos, que aparentam ser muito pobres, e cai inteiramente em ruínas.

.....

## *Capítulo XXIV*

SERRA DA IBITIPOCA – RIO DO SAL – ROCHEDO DE SANTO ANTÔNIO – PONTE ALTA – FAZENDA DA CACHOEIRA – PULGAS – VILA DE BARBACENA – DOM MANUEL DE PORTUGAL E CASTRO – FAZENDA DE BARROSO – RANCHO D’ELVAS – BICHOS-DE-PÉ – S. JOÃO D’EL-REI – J. BATISTA MACHADO, CAMBISTA – A MISSA NO PRESBITÉRIO – CONVERSA SOBRE A REVOLUÇÃO BRASILEIRA – RANCHO DO RIO DAS MORTES PEQUENO – CARTA – FAZENDA DO RIBEIRÃO – FAZENDA DA CACHOEIRINHA – TRAVESSIA DO RIO GRANDE QUE SE TORNA MAIS ADIANTE RIO DE LA PLATA – NEGRAS – RIO DA JURUOCA – FAZENDA DE CARRANCAS – RANCHO DA TRITUBA – CARAVANAS DE SAL, TOUCINHO E QUEIJOS PARA O RIO DE JANEIRO – FAZENDA DO RETIRO.

*F*AZENDA DO TANQUE, 16 de fevereiro. – Hoje fui herborizar na serra da Ibitipoca, guiado por dois meninos da fazenda do Tanque. Existem bosques fechados ao pé da montanha, os quais atravessamos subindo sem sentir, e de repente nos encontramos em imensa pastagem onde o terreno oferece uma mistura de areia e terras enegrecidas. Desde o instante em que aí pus o pé, encontrei, em meio às gramíneas, plantas típicas dos campos montanhosos, melastomatáceas, uma apocinácea, etc.

A serra da Ibitipoca não é um pico isolado, mas uma porção avançada da cadeia que eu atravessara desde o Rio de Janeiro até aqui. Deve ter, segundo me disseram, uma légua de extensão e apresenta por-



ções mais elevadas, outras menos, vales, ravinas, cimos e pequenos trechos planos. Os declives são raramente muito acentuados, os lugares elevados mostram geralmente cumes arredondados e os rochedos se tornam bem raros. Os vales e as ravinas são, em geral, cobertos de arbustos, mas veem-se poucas matas de árvores maiores; quase toda a montanha é revestida de pastagens quase sempre excelentes.

Seguimos um caminho que sobe gradualmente e chegamos às margens de um riacho chamado rio do Sal. É ele, disseram-me, que sob o nome de rio do Brumado banha o vale onde se localiza a fazenda com esta denominação e vai depois engrossar o rio do Peixe. O rio do Sal coleia rapidamente em uma estreita ravina e é ladeado, em vários pontos, de rochedos a pique. Sobre um deles, de cor alvacentas, formam-se várias manchas escuras, constituídas, pelo que posso julgar, de expansões liquenoides. Uma delas imita muito bem uma figura de eremita, vestido com sua túnica e segurando um livro. Fizeram dele um Santo Antônio, sendo objeto da veneração de todo o país. Aqueles que perderam seus animais na montanha vão rezar o terço diante da imagem e os recuperam infalivelmente; outros em peregrinação com um círio na mão, sobre o rochedo onde o santo está representado, fazem ali alguma penitência.

A pouca distância desse lugar, chegamos a uma casinha toscamente construída com terra e varas cruzadas, coberta de palha, e sem outras aberturas, que não as portas estreitas fechadas por meio de couros de animais. Mas embora essa choupana não indique senão indigência, seu local foi muito bem escolhido, num vale protegido das ventanias pelas elevações vizinhas. De um lado, há imenso bosque; de outro, um riacho de água excelente faz mover pequeno monjolo.

Ao chegar, fui recebido por uma mulata vestida com uma camisa de algodão imunda e uma saia comprida do mesmo tecido; ao seu redor, um bando de lindas criancinhas trajadas ainda mais pobremente. Essa mulher parecia um pouco assustada com minha visita, mas logo se recobrou; perguntei-lhe se o marido poderia conduzir-me às partes mais elevadas da serra. Respondeu-me que ele se encontrava no mato, mas que voltaria em breve e eu poderia falar-lhe pessoalmente. Enquanto esperava, pus-me a conversar com a dona da casa e lhe indaguei se não se aborrecia sozinha em meio às montanhas. Ela me disse que não morava ali há mais de um ano,

e nunca experimentara um momento de tédio; que seus filhos, o cuidado do dia a dia, de seu galinheiro e de seu gado a ocupavam sem cessar; e que, além disso, se passava sempre algo de novo no seu pequeno mundo; precisando ora plantar, ora colher; cuidar dos animais recém-nascidos, ou preparar, para comer, a carne de um porco selvagem que seu marido e o filho mais velho, indo à caça, traziam; ora um assado, ora um gato selvagem. E, realmente, ela me mostrou as peles já curtidas desses animais.

Nesse meio tempo chegou o marido, que concordou, muito atenciosamente, em me servir de guia. Antes de partir, ofereceu-me queijo, farinha e bananas, fruta que só se pode colher ao pé da montanha. Enquanto comíamos, a conversa continuou; meu anfitrião me contou que havia morado muito tempo na Vila de Rio Preto, mas, tendo julgado este lugar favorável para se estabelecer, passara ali um ano sozinho, a fim de construir sua choupana e formar uma plantação; que nesse espaço de tempo matara duas onças, tornando as pastagens mais seguras, e que trouxera para lá sua mulher com os filhos.

Após o desjejum, partimos a cavalo e subimos ao Pião, nome que se dá ao cimo menos arredondado e um dos mais elevados da serra. Desse pequeno pico se descortina uma vista ainda mais extensa do que aquela que se nos oferece na serra de São Gabriel; com o tempo limpo, pode-se até distinguir as montanhas dos arredores do Rio de Janeiro. Além do Pião e por um longo trecho, a montanha é talhada inteiramente a pique, sendo difícil não sentir uma espécie de terror à medida que, avançando-se mais longe do que a prudência o permite, se descobrem a uma imensa profundidade espessas florestas ocultas em vale sombrio. Abaixo do Pião, abre-se um abismo, cujo fundo não se vê, mas que, segundo me disseram, desemboca na abertura de uma ravina ainda mais baixa. As pastagens que envolvem o Pião e, em geral, todas as que cobrem a montanha são de excelente qualidade e poderiam alimentar uma quantidade considerável de animais; mas não servem senão àqueles poucos do meu guia, e àqueles de vizinhos tão pobres como ele.

Afastando-nos do Pião, seguimos durante algum tempo as bordas escarpadas da montanha, cruzamos em seguida um riacho, em cujas margens cresce uma estranha melastomatácea de flores púrpuro-enegrecidas; transpomos em seguida terrenos pantanosos, depois um declive onde as pastagens haviam sido queimadas recentemente e onde cresce em abun-

dância uma vilosia de talo e ramos tortuosos e raquíticos, tostados pelo fogo e terminados num tufo de folhas rígidas, em meio às quais se erguem cinco a seis flores de uma bela cor azul do mesmo tamanho que as flores-de-lis. Durante essa marcha, recolhi um número significativo de espécies de plantas, mas quase todas já coletadas por mim, em outras montanhas dessa província.

Creio que meu guia começava a se contrariar por ser obrigado a parar a cada instante, a fim de esperar que eu colhesse minhas flores, e ele me pareceu encantado por voltar a casa. Sua mulher nos havia preparado um prato de palmitos e uma tigela de leite excelente. Comemos rápido, e só chegamos aqui de volta ao cair da noite.

PONTE ALTA, 16 de fevereiro, uma légua e meia. – Como tinha uma boa quantidade de plantas a examinar, não pude fazer hoje mais do que uma légua. Após agradecer a meu anfitrião, que fora muito atencioso comigo, pus-me de novo a caminho. Atravessamos primeiro a Vila de Ibitipoca, que eu mal conhecera e a acreditava menos insignificante do que realmente o é. Situa-se, como já disse, sobre uma colina e se compõe de uma pequena igreja e meia dúzia de casas arrepiadas em torno dela, na maior parte abandonadas, e de algumas outras pelo menos tão miseráveis, fincadas sobre a encosta de uma outra colina. Não se espantem se foi inútil a minha ida ontem a essa mísera vila para conseguir gêneros de primeira necessidade.

Região acidentada a que percorri hoje, com pastagens elevadas, bosques nos vales e na encosta dos morros. Quase sempre nos postos encontrei plantas comuns em locais semelhantes, uma acácia, uma melastomatácea, uma rubiácea, etc. Dentre as gramíneas mais abundantes, o capim-flecha, que lhes indica a boa qualidade, e uma espécie de espigas horizontais.

Paramos numa pequena estância cujo proprietário estava ausente. Seus escravos permitiram, inicialmente, nos instalarmos na varanda e, à noite, franquearam-me a sala para que eu mandasse fazer minha cama. Tive, portanto, a oportunidade de conhecer o interior da casa. Considerei-a igual à maioria das habitações dessa comarca, quer dizer, quase nua. Na sala, nada mais que uma mesa e um banco, e nos quartos um par de estrados de madeira. Açam pregadas, nas paredes da varanda e da sala, cruces de madeira de vários tamanhos, costume encontrado em todas as

casas antigas. Além disso, a posição da casa é muito agradável; situada num vale, e em frente, sobre a encosta de uma colina, eleva-se em anfiteatro um bosque quase inteiramente de araucárias.

Nessa viagem, comecei a rever essa árvore nas margens do córrego do Brumado, e a encontrei perto da fazenda do Tanque e de Ibitipoca. Ela cresce naturalmente em algumas das mais altas montanhas do Rio de Janeiro; aqui se desenvolve numa região muito elevada no limite dos bosques com os campos. É a espécie vegetal dominante nos capões dos arredores de Curitiba; e na Capitania de Rio Grande, ela desce até o limite da planície. Parece que há, portanto, igual temperatura entre esses diferentes pontos, e que a araucária serve como termômetro.

FAZENDA DE JOÃO ALVES, 17 de fevereiro, cinco léguas. — Saindo de Ponte Alta, subimos a um morro elevado e pedregoso, onde deparei muitas plantas interessantes, que em 1817 já havia recolhido em locais semelhantes, entre outras uma verbenácea e uma liliácea. Em seguida, ao descer, percorremos uma região acidentada, mais de matas que de pastagens e, após ter caminhado cerca de uma légua e meia, chegamos a Santa Rita de Ibitipoca. Essa vila, fundada em posição agradável, na encosta de uma colina, não passa de uma sucursal de Ibitipoca e, entretanto, é mais desenvolvida. Formada por uma única rua, mas já se notam algumas casas bem acabadas e várias vendas.

Após haver passado Ibitipoca, continuamos a explorar uma região montanhosa, mais de matas que de pastagens. Desse lado de Santa Rita, começam a rarear as plantas, por não ser o terreno mais pedregoso, e os solos argilosos não possuem variação de vegetais tão grande como em meio aos rochedos. E mesmo que houvesse uma variedade maior de plantas, eu nem poderia sonhar em colhê-las pois, no momento em que as recolhia na saída de Ponte Alta, a caravana se afastara e, para tornar a alcançá-la, eu era obrigado a ir tão rápido como podia.

Enganado por um galho de pinheiro, provavelmente jogado pelo vento no caminho que devia seguir, e que acreditei ser um sinal deixado por José, tomei um caminho que me afastou ainda mais. Enquanto isso, a caravana seguia sempre em frente e só parou ao cair da noite. Como estou longe de haver examinado todas as plantas da serra de Ibitipoca, fiquei bastante contrariado de chegar aqui muito tarde, e não pude deixar de exprimir a José meu descontentamento por ele ter avançado tanto.

O local onde se fizera alto era uma grande fazenda situada num vale entre bosques e pastagens. Quando José se apresentou, só conseguiu achar alguns negros que lhe indicaram para pousada uma velha varanda, na qual os porcos costumam passar a noite e onde se refocilam na poeira e no esterco. Ao chegar o dono da fazenda, pedi-lhe que me cedesse um pequeno aposento de sua casa. Ele concordou de boa vontade, mas resolvi, inicialmente, não valer-me de sua permissão a fim de não ser obrigado a trocar de lugar todos os meus objetos. Entretanto, ao cair da noite, as pulgas, adormecidas durante o dia, acordaram, iniciando sobre nós sua atividade. Em poucos instantes, estávamos inteiramente cobertos e foi necessário aproveitar a oferta de meu anfitrião.

FAZENDA DA CACHOEIRA, 18 de fevereiro, três léguas. – Eu havia fugido da velha varanda, infestada de pulgas, para não ser por elas devorado. Mas dentro da casa, eram ainda numerosas, a ponto de me impedirem o sono. Nas comarcas de Sabará e de Cerro do Frio, varre-se a casa assim que clareia o dia, mas na de São João os habitantes, em geral, são menos limpos, e também menos civilizados. Nesta comarca, os camponeses se dedicam principalmente à agricultura; trabalham com seus escravos, passam a vida nas plantações e em meio aos animais, e suas maneiras devem evidentemente retratar algo da rusticidade de suas ocupações.

Ao contrário, os homens que se entregam à mineração apenas supervisionam seus escravos; sem trabalhar, dispõem de mais tempo livre para conversar e refletir. Sua educação foi mais cuidada, e eles tratam principalmente de educar os filhos.

Ontem à tarde, minha hospedeira me enviou um prato de deliciosas uvas, e esta manhã conversamos por alguns instantes. Ela me contou que o marido fora com suas mulas buscar algodão em Araxá, para levá-lo ao Rio de Janeiro, e que só voltaria daqui a sete meses. Já tive ocasião de observar várias vezes que nesses lugares escassamente povoados, onde cada um cultiva pouco, os afazeres do comércio devem consumir necessariamente largo tempo.

A região percorrida hoje continua montanhosa e cerrada de matas e pastagens. Paramos em uma fazenda de aparência imponente, a julgar pelo tamanho das construções e pelo grande número de reses e porcos em torno da casa. Antes que eu chegasse, José já arrumara minhas malas

dentro de um rancho em péssimo estado, fora da casa; mas como as pulgas pululavam ali ainda mais do que ontem, na varanda, solicitei ao grupo que enviasse um dos companheiros com meus cumprimentos ao dono da casa, e pedisse um quarto exíguo onde pudesse trabalhar sem ser devorado pelos insetos. Os cumprimentos produziram o efeito costumeiro. Deram-me a varanda da habitação e um pequeno quarto vizinho, no qual me acomodaria muito bem; mas aqui há tantas pulgas como na fazenda, devido à falta de cuidado em varrer as casas e grande quantidade delas entra voando pelas janelas.

VILA DE BARBACENA, 19 de fevereiro, duas léguas e meia. — Como havia recolhido cerca de 100 espécies de plantas na serra de Ibitipoca, sem descansar, desde então, e continuava sempre a coletar, estou muito atrasado em meu trabalho. Gostaria de pôr tudo em dia antes de partir para Barbacena, mas ainda não consegui, uma vez que fico em Cachoeira até meio-dia, limitando-me a indicar a altura e localidade da maioria das plantas que passei em revista.

A fazenda da Cachoeira está situada em local encantador. As campinas que a cercam são montanhosas, cheias de matas e pastagens. Imediatamente abaixo do pátio da habitação, serpenteia um ribeiro formando uma linda queda-d'água a que a fazenda deve seu nome. A região que atravessei para ir de Cachoeira a Barbacena é acidentada e pontilhada de bosques e pradarias; aqueles nas alturas, estas nos vales. Em diversas passagens o caminho é muito precário. A uma légua daqui, tomei a dianteira com Firmiano a fim de ter tempo de conversar com o comandante sobre a rota que deveria seguir. Nos arredores da cidade, encontramos na margem de um riacho montes de cascalho, que atestam o trabalho de antigos mineiros.

Chegando aqui, perguntei onde morava o comandante que me haviam indicado; mostrei-lhe uma carta que me dera seu pai, comandante de Rio Preto. Ele se recusou a ver meus papéis, tratando-me com muito respeito e polidez.

Quase imediatamente após os primeiros cumprimentos, informei-o sobre os meus planos de viagem e lhe perguntei se acreditava que, se os seguisse, poderia chegar ao Rio de Janeiro nos primeiros dias de maio. Calculamos juntos o número de léguas que se estendem daqui a Itajura e de lá a São Paulo e, finalmente, dessa cidade ao Rio de Janeiro, conven-

cendo-me da impossibilidade de realizar essa viagem no espaço de tempo estabelecido, a não ser que não houvesse mais nenhum atraso. O amor filial triunfou sobre o desejo que tinha de rever meus amigos, de prolongar minha estada nessa capitania e de conhecer o espírito lá reinante desde os últimos acontecimentos. Tomei a resolução de me dirigir imediatamente daqui a São Paulo e, quando fiz o sacrifício, senti-me mais contente, e aliviado de um peso difícil de suportar.

O comandante prometeu-me para amanhã de manhã um itinerário daqui a São Paulo e, quando minha caravana chegou, conduziu-nos a um albergue fora da cidade, ao lado de Vila Rica.

BARBACENA, 20 de fevereiro. – Como tinha pequenas compras a fazer e uma série de plantas a examinar, decidi-me a não partir hoje. Estive extremamente ocupado durante toda a viagem, pois me restavam várias plantas por estudar. Recebi, perto do meio-dia, a visita do comandante, e só à noite pude retribuí-la. Já descrevera esta cidade e apenas dedicarei a ela algumas palavras.

Situa-se numa região elevada, montanhosa, agradavelmente coberta de pastagens e bosques. A água pouco abundante, mas o ar muito puro. Está fundada sobre a crista de duas extensas colinas, uma das quais atinge a outra pelo meio, perpendicularmente, e se compõe de duas ruas muito longas. A igreja paroquial ocupa o centro de uma praça, formada pelo encontro das ruas; além dessa igreja existem três outras, sendo que uma delas não se acha ainda acabada. As casas são baixas e pequenas, mas muito graciosas. Cinco ou seis têm um primeiro andar, além do rés do chão, e dentre elas, uma se destaca por bela parreira que lhe recobre a fachada. Há em Barbacena lojas muito bem providas, vendas e hospedarias. Em parte alguma nessa capitania a mão de obra é tão cara quanto aqui, pelo fato de ser esta cidade atravessada sempre por viajantes, que, apressados de seguir viagem, não pechinham muito com os trabalhadores. Barbacena é famosa entre os tropeiros pela quantidade de mulatas que aí moram, e em cujas mãos esses homens deixam o fruto do seu trabalho.

FAZENDA ....., 21 de fevereiro, três léguas. – Andei conversando com o comandante sobre os últimos acontecimentos ocorridos na Capitania de Minas. Ele afirma, como todos os habitantes da região, que dom Manuel de Portugal e Castro era um homem honrado; sempre se

opusera aos roubos dos empregados, o que lhe granjeou muitas inimizades; enfim ele representava a pequena revolução que se realizara em Vila Rica como resultado de uma intriga do secretário do governo, cuja probidade fora sempre suspeita ao general e que este vigiava muito de perto. Ele censurou o secretário por haver dado emprego a todos os seus parentes e, em geral, critica no governo atual a ignorância sobre os assuntos da capitania, suas intromissões no Poder Executivo e certa independência parcial a que parece tender. Declarou-me, ainda, que a comarca de Barbacena enviara um representante ao Príncipe para assegurar-lhe sua obediência e fidelidade e protestar, em sua presença, contra os abusos do governo de Vila Rica contra a autoridade real, tanto os já realizados como aqueles possíveis de acontecer num futuro próximo. Estão, portanto, lançadas as sementes de desunião dentro da capitania, desunião essa que deveria vir a acontecer obrigatoriamente em um povo acostumado à autoridade absoluta de homens de categoria infinitamente superior. Ele se sente humilhado em obedecer a magistrados que foram seus iguais, e procura subtrair-se a essa autoridade que fere seu amor-próprio!

A região percorrida até aqui é montanhosa, apresentando ainda pastagens nas elevações e matas nos vales. Em muitos lugares o terreno se torna pedregoso. Das alturas se descortina uma extensa paisagem. Para atingir este ponto, foi preciso desviar-nos do caminho cerca de um oitavo de légua, e antes de chegar, atravessamos, por uma ponte de madeira, a mais detestável do mundo, o rio Grande, que aqui não tem mais de vinte passos de largura e acaba por se tornar no famoso rio de la Plata. Por pior que seja, a ponte produz na paisagem um efeito pitoresco; está apoiada sobre um penhasco que adentra o rio, interrompendo-lhe o fluxo; a água se choca contra o rochedo, salta, espuma, precipita-se e retoma seu curso bramindo.

A fazenda onde fiz alto foi construída por um mineiro; a casa do dono é imponente, edificada em pedra e com lindo vigamento, mas o proprietário morreu em débito para com a Fazenda Real. Esta apoderou-se de seus bens e, se o genro do defunto os possui hoje, é porque os comprou de novo. Este homem não se ocupa com a mineração como seu sogro; ele aproveita as pastagens que cercam sua habitação para alimentar o gado; possui cerca de mil cabeças e tem grande produção de queijos. Disse-me que



na sua terra não se podia vender mais do que um décimo de seu rebanho sem prejuízo do capital. Se os animais produzem tão pouco, não é porque, como no Sul, a população se nutre exclusivamente da carne das vacas, mas porque submetem os novilhos a um regime para aproveitar o leite das mães, fazendo-os perecer em grande número. Meu anfitrião possui, além desta fazenda, uma outra na mata, às margens do rio da Pomba. Aqui ele cria gado e lá planta milho. Como os agricultores deste país, esse homem pode ser comparado, em muitos aspectos, a nossos fazendeiros das planícies de Beauce.

ELVAS, CASA DO CAPITÃO JOSÉ FERREIRA, 22 de fevereiro, cinco léguas. – Hoje passamos diante daquela fazenda de Barroso, onde me foi recusada a hospitalidade de modo tão grosseiro, quando de minha primeira viagem a Minas. Nesse lugar, deixamos o caminho que nos conduziria a São José, tomando o que vai diretamente a São João d’el-Rei. Região montanhosa, com pastagens nas partes altas e bosques nos vales. Antes de Barbacena, as matas eram geralmente mais comuns que as pastagens. Após esta cidade, ocorre o contrário. Esta província, e principalmente a comuna de São João, é mais povoada que a maioria das outras partes do Brasil. Ontem, no entanto, deparei uma única fazenda antes de chegar ao Barroso; e também outra não há mais entre Barroso e Elvas.

Nas partes mais elevadas, as pastagens se compõem notadamente de gramíneas e oferecem muito pouca vegetação subarbustiva. À proporção que o solo, descendo, vai ficando mais úmido, as plantas lenhosas tornam-se mais comuns; até que, nos vales e na vizinhança das matas, o terreno é coberto de arbustos e, principalmente, de uma composta. Entre Barroso e Elvas, encontrei surpreendentemente, sobre alguns barrancos elevados, em pequenas extensões, a vegetação dos tabuleiros cobertos, ou seja, árvores esparsas, mirradas, tortuosas, de cascas suberosas, folhas duras e ásperas.

Chegando ao rancho de Elvas, meus homens puseram-se a descarregar as mulas; mas como, num instante, suas pernas se cobriam de bichos-do-pé, eles me pediram que fôssemos buscar hospedagem numa fazenda vizinha, pouco afastada da rota. Enviei José com as apresentações e, quando me dei a conhecer, fui bem acolhido. Os moradores da casa, sem a polidez daqueles de Cerro do Frio e de Sabará, possuem, no entanto, maneiras mais polidas do que os agricultores dessa região. Conversei muito

com a dona da casa, que me pareceu excelente mãe de família, piedosa, ligada aos filhos, ao marido e a seus deveres. Não quis que fizéssemos nosso jantar e nos ofereceu um delicioso, para o lugar.

SÃO JOÃO D'EL-REI, 20 (*sic*) de fevereiro, três léguas. – Mande preparar meu desjejum muito cedo. Meus anfitriões me censuraram, obrigando-me a fazer com eles um segundo desjejum. A região sempre a mesma. Nas elevações e encostas dos morros, ótimas pastagens como todas aquelas que percorri desde Barbacena; e nos vales, bosques em geral muito menos vigorosos do que as matas virgens. Grande parte do caminho, marchamos paralelamente à serra de São José, cujos picos oferecem uma plataforma uniforme e cujo flanco, talhado a pique, só mostra rochedos praticamente nus. Quase até São João d'el-Rei, região deserta quanto a que percorreria nos dias precedentes, mas depois de atravessar um pequeno rio, chamado córrego do Segredo, descobrimos gracioso vale, onde se espalhavam lindas casas de campo.

Nesse meio-tempo cheguei à cidade, dirigindo-me à casa do pároco. Era custoso a meu amor-próprio fazer gentilezas e pedir favor a um homem que não posso estimar; mas eu tinha de passar um dia em São João e, não querendo ir à hospedaria, o pároco era a única pessoa a quem podia solicitar hospedagem. Recebeu-me com demonstrações da mais viva alegria e me assegurou mil vezes, como da outra ocasião, que eu poderia considerar sua casa como se fosse a minha, estando inteiramente a meu serviço. Eu tinha deixado para trás meus empregados e minhas mulas. Quando chegaram, fiz descarregar os objetos que me eram mais necessários e enviei minha caravana ao rio das Mortes para a casa do bom Anjo.

O procurador de João Rodrigues Pereira de Almeida me havia dado uma carta de crédito para o principal negociante de São João, senhor João Batista Machado. Apresentei-me em sua casa, onde o achei ao balcão. Ele nem mesmo se levantou para me receber. Leu minha carta e me declarou que estava pronto a honrar a assinatura do representante de João Rodrigues, mas que, se eu quisesse receber dinheiro, teria de me conformar com uma perda de 6%, porque no Rio de Janeiro só se pagava em notas, e aqui só se trocavam a 6%. Combinei com esse homem que voltaria à sua casa à noite, mas quando me apresentei, disseram-me que ele já tinha ido se deitar. Ofereci a seu filho escrever em meu recibo que o dinheiro estava

em forma de moedas e que ele deveria ser reembolsado igualmente no Rio de Janeiro. O filho me respondeu que não poderia aceitar tal proposta, sem dela dar ciência a seu pai e que eu voltasse de manhã. Além disso, não me fizeram nessa casa a menor gentileza nem a menor oferta de serviços; e não fiquei espantado quando me afirmaram que o senhor Machado era europeu.

Como já tive ocasião de observar várias vezes, os negociantes europeus estabelecidos no Brasil são quase todos homens rudes e sem educação que, muitas vezes, nem sabem ler ou escrever e que começaram do nada. Ao passo que os brasileiros dissipam negligentemente seu dinheiro, os europeus economizam pouco a pouco e se privam de tudo para enriquecer. A primeira coisa que conseguem é uma negra, que deve ao mesmo tempo servir de amante, fazer a comida, lavar roupa, arrumar a casa, e até mesmo aquilo que os americanos consideram trabalho de homem: buscar água e cortar lenha. Enriquecidos, conservam sua primitiva grosseria e adquirem a mais insuportável arrogância, tratando com desdém os brasileiros, a quem devem sua fortuna.

RANCHO DO RIO DAS MORTES PEQUENO, 21 (*sic*) de fevereiro, uma légua e meia. — O senhor J. B. Machado não quis aceitar minha proposta, dizendo que os valores metálicos não ganham no Rio de Janeiro mais do que 4% sobre as notas e que aqui poderia retirar 6% de seu dinheiro. Foi preciso fazer tudo o que ele quis: pedir é ficar na dependência.

Assim que dei bom-dia ao pároco, ele disse que me esperava para celebrar a missa. Apressei-me a me vestir e já havia apanhado meu chapéu, imaginando que iríamos à igreja paroquial. Mas o padre me declarou que não sairíamos dali e, com efeito, rezou missa em sua própria casa. Os únicos a ela assistirem fomos eu e seus negros. Nada será de espantar na igreja brasileira, já que ela foge a todas as regras.

Conversei muito com o pároco sobre os últimos acontecimentos em Vila Rica. Seu testemunho não é suspeito, por ele ser muito constitucional; lamenta, entretanto, Dom Manuel e garante, como todos, que jamais a Capitania de Minas tivera um general mais justo e mais íntegro. Ele encara sua expulsão como resultado de uma intriga forjada pelos vigaristas que fiscalizava; enfim, culpa muito o novo governo pela espécie de independência na qual se quis constituir e pelos atentados contra a autoridade

do Príncipe. Pelo pedido que dom Manuel fizera a este último, devia ser estabelecido um governo provisório, e os deputados das diferentes comarcas chamados para proceder à instalação. Entre os deputados de São João estava o pároco, mas, quando chegamos a Vila Rica, acharam o novo governo já em atividade; ele havia sido proclamado pela população e soldados, impelidos pelos intrigantes que esperavam obter, em uma nova ordem de coisas, alguns, promoções; outros, maior facilidade para exercer sua influência. Contou-me o cura que, no dia da instalação ilegal do novo governo, um tal dom Veloso, nomeado deputado às Cortes, dissera que após haver nomeado a junta provisória, parecia a propósito determinar os poderes de que ela deveria ser investida. Destinava-se a substituir o governador-geral; era bem claro, por conseguinte, que não deveria ter mais autoridade do que aquele. Entretanto, Veloso propôs conferir aos membros do neogoverno não apenas o Poder Executivo, mas ainda o de tomarem todas as medidas julgadas convenientes ao bem da capitania, sem contudo prestarem contas de sua conduta às Cortes de Lisboa. O conselho do orador foi apoiado por um mau padre que, tomando a palavra depois dele, se estendeu muito sobre a tirania exercida pelo Príncipe, segundo ele, no Rio de Janeiro, e sobre a necessidade de não mais reconhecer sua autoridade para se subtrair aos males que oprimiram a província onde ele fazia sua residência. A canalha aplaudiu esses dois discursos, e a junta foi investida de uma autoridade por assim dizer ilimitada. Mas a opinião da população de Vila Rica, composta de mulatos, não era de maneira alguma a do resto da província.

Onde quer que eu me detenha, fala-se com afeição de dom Manuel; culpa-se o governo por tudo o que fez, só se fala com respeito da Casa de Bragança, e todos mostram grande desejo de permanecer unidos ao Rio de Janeiro, única cidade onde os agricultores da região podem conseguir vender as produções de seu território. Aqueles mineiros que não habitam Vila Rica devem estar, além disso, descontentes, porque o povo desta cidade se arroga o direito de governar todas as províncias e nem mesmo esperou para instalar os deputados enviados para isso pelas diferentes comarcas.

Parti à noite a fim de seguir para o rio das Mortes Pequeno. Cerca de um quarto de hora antes que eu chegasse, começou uma chuva copiosa que me acompanhou até aqui. O velho Anjo e suas duas mulatas

pareceram me receber com simpatia, e espero passar aqui o dia de amanhã para ter tempo de escrever algumas cartas.

RANCHO DO RIO DAS MORTES PEQUENO, 26 de fevereiro. – Passei o dia inteiro escrevendo à minha mãe e ao senhor de Candolle e procurando pôr-me a par da situação<sup>1</sup>.

FAZENDA DO RIBEIRÃO, 27 de fevereiro, quatro léguas. – Não foi sem emoção que deixei os bons habitantes do rio das Mortes, que tinham também lágrimas nos olhos quando nos separamos. Encontrei tanta bondade entre essas ótimas pessoas durante o mês, passado com eles, que por toda a minha viagem deles me lembrei sem cessar. Revi-os com legítima satisfação, deixando-os com novas lamentações. Desta vez precisei dizer com mais convicção ainda: “Nunca mais voltaremos a nos ver!” Há algo de solene nessas palavras que me causaram sempre uma impressão profunda quando foi preciso dizê-las a pessoas queridas.

A região que percorri é também montanhosa e mostra excelentes pastagens nas elevações e matas nos vales. Estas ficam bem longe de possuir o vigor das matas virgens, e meu anfitrião me garantiu que desde que aí plantava milho não produzira mais do que cem por um.

---

1 *Trecho de uma carta de A. de S.-H. à sua mãe:*

São João d’el-Rei, 24 de fevereiro de 1822.

“Lembro-me haver-lhe dito que responderia, noutra ocasião, às perguntas que me fazia meu pai sobre a obra de *Alphonse Beauchamp*. Este livro, escrito com fluência, mas sem filosofia, parece não ser mais que uma especulação mercantil. O autor fala muito ligeiramente da *História do Brasil*, de Southey, e não faz outra coisa senão copiá-lo.

“Este último, que, segundo creio, não foi traduzido em francês, merece lido e estudado. Quanto aos viajantes, eis o que deles penso: *Mawe* é ao mesmo tempo ingênuo, maledicente e mentiroso. Muda o curso dos rios, cria cidades onde nunca as houve, desfigura todos os nomes, faz uma capital de uma simples habitação etc. *Coster* pinta bem os países que viu. O Príncipe (de Neuwied) aborrecerá um pouco, sem dúvida, os que não apreciam a caça tanto como ele; mas, se está longe de haver dito tudo pelo menos só diz a verdade. O Negociante *Luckock* é espirituoso e descreve muito bem, mas exagera na sua malignidade e, sendo surdo, não pode ter tanto crédito no que diz ter ouvido como no que observou.

“Tanto já se escreveu sobre o Brasil que acredito será inútil meter-me nisso. Os alemães me tiram até a Botânica, e o resultado mais claro da minha viagem será a diminuição das minhas forças...”

Além disso, os proprietários livres têm suas plantações a alguma distância daqui, em terras melhores, criando seu gado nas magníficas pastagens que constituem a riqueza da região. Está bem longe, entretanto, de haver nessa região tanto gado quanto ela poderia sustentar. Passa-se muitas vezes um bom pedaço sem avistar-se uma só cabeça de gado. Os fazendeiros possuem ordinariamente imensa extensão de terra que lhes é impossível aproveitar, porque não querem suportar agregados.

Para vir até aqui, seguimos quase sempre as alturas, desfrutando uma vista ampla; não descobrimos, porém, nenhuma habitação. À beira do caminho nada vimos, a não ser uma cabana, onde uma pobre mulher vende aguardente de cana e magras provisões.

Em quase todos os lugares, as pastagens se compõem de gramíneas, principalmente do capim-flecha. As plantas de outras famílias estão bem longe de ser tão comuns como em nossas pradarias, onde se acha um número de espécies mais considerável em um determinado espaço: mas aí a mesma espécie é infinitamente menos repetida. Tal a razão pela qual nossas planícies parecem muito mais embelezadas com flores do que os campos deste país. Próximo ao rio das Mortes, encontrei ainda, nesse pequeno espaço de terra, a vegetação dos tabuleiros cobertos, vale dizer, ainda árvores tortuosas e raquíticas, esparsas nas pastagens, e com destaque para a gutífera de grandes folhas elípticas, denominada pau-santo ou pão-de-pinhão, uma leguminosa, e a solanácea de frutos enormes, que traz o nome de fruta-de-lobo. Muito perto daqui, nas elevações, encontrei espalhada nos campos uma composta de folhas duras e onduladas, cujas flores exalam um odor muito agradável, e que forma um arbusto copado, de alguns pés de altura.

A fazenda onde parei está situada num vale, à borda de um regato. Tem simplesmente o nome da fazenda do Ribeirão. Quando chegamos lá, o dono da casa estava ausente, e sua mulher me deu permissão de me estabelecer na sala. À noite, chegou o proprietário da fazenda. É um corpulento camponês, alferes da milícia, e cuja voz de estentor se faz ouvir a um quarto de légua. Dentro da casa anda descalço, segundo o costume do lugar, e só veste um colete de um grosseiro tecido azul e umas calças de riscado (tecido com listras). Acolheu-me muito cavalheirescamente, mas estou convencido de que trata a todos de igual maneira.

FAZENDA DO RIBEIRÃO, 27 de fevereiro. – Choveu muito ontem à noite e de madrugada; o riacho transbordou, sendo necessário passar o dia aqui. Esta fazenda foi construída no mesmo modelo que todas as outras desta comarca. Um muro de pedras soltas, quase da altura de um homem, cerca em parte um vasto pátio, no fundo do qual se enfileiram as casas dos negros, os pequenos edifícios que servem à exploração e à casa do senhor. Esta, feita de terra e madeira, e coberta de telhas, se compõe unicamente de um rés do chão. O primeiro cômodo com que se depara quem entra é a sala. Seu único mobiliário consta de uma mesa, um par de bancos e um ou dois estrados de camas. Raramente faltam em torno da sala diversos cabides destinados a pendurar as selas, bridas, chapéus, etc. Não devo esquecer-me de dizer que se entra no pátio por uma porta chamada porteira, utilizada também para fechar as pastagens. São formadas por dois montantes e algumas tábuas transversais, separadas umas das outras. Tem-se o cuidado de fincar o esteio que lhe serve de eixo em posição um pouco oblíqua; elas se fecham sozinhas, empurradas por seu próprio peso.

FAZENDA DA CACHOEIRA, 24 (*sic*) de fevereiro, quatro léguas. – A região continua montanhosa com pastagens nas elevações e bosques nos vales. Como o caminho segue quase sempre a crista dos morros, avistamos ampla extensão de terras, mas em parte alguma veem-se habitações ou muitas cabeças de gado. Sempre diante de nós a serra de Carrancas, cujo cimo, visto de longe, parece quase igual, e cujos flancos oferecem poucas anfractuosidades.

A cerca de duas léguas e meia de Ribeirão, encontrei o rio Grande e, para atravessá-lo, é preciso passar por uma ponte de madeira, cujo pedágio reverte para a Fazenda Real. Apresentei minhas cartas de recomendação ao homem encarregado de receber o dinheiro dos viajantes e ele deixou-me passar livremente. Sua mulher e seus filhos, ao verem os insetos espetados em meu chapéu e as plantas que saíam de minha pasta, mostraram o maior espanto. “Não são as pessoas de Minas”, disseram, “que têm desejo de aprender. Nós não nos preocupamos com estas coisas, somos apenas brutos ignorantes.” Durante todo o tempo da viagem em Minas, ouvi repetições desse tipo de discursos, e não se pode deixar de dizer que eles depõem a favor dos mineiros. É de esperar que aqueles que têm vergonha da sua ignorância buscarão sair dela logo que possam.

Paramos em uma fazenda situada em um vale, às margens de um regato, e que, mesmo sem muito bom estado, aparenta conforto. Os donos da casa estavam fora, mas seus escravos me disseram que eu poderia passar a noite aqui. Depois de me instalarem inicialmente em uma varanda em que era muito incomodado pelo sol, fizeram-me logo depois entrar em um grande quarto, onde me acomodei melhor.

A dona da casa, antes de partir, tivera o cuidado de trancafiar suas escravas. Nós as ouvimos cantar o dia inteiro; mas, ao cair da noite, começaram a discutir e lamentar seus amores, em seguida recommençaram a cantar como antes.

FAZENDA DE CARRANCAS, 1º de março, quatro léguas. – Após haver transposto um riacho que forma pequena queda-d'água onde a fazenda tira seu nome de Cachoeirinha, cruzamos pastagens e chegamos logo ao rio da Juruoca. Este é maior que o rio Grande no lugar onde passamos ontem. Atravessa-se sobre uma ponte de madeira em péssimo estado; mas não se paga pedágio, porque ela não foi construída às expensas da Fazenda Real, e sim dos habitantes da vizinhança.

Cortando sempre pastagens, encontramos, a pouca distância do rio da Juruoca, o das Pitangueiras, que, segundo me disseram, vai se unir ao rio Grande. A ponte construída sobre o rio das Pitangueiras é tão ruim, que as mulas não podem atravessá-la sem perigo. Sempre diante de nós a serra das Carrancas até, finalmente, chegarmos a ela. Em nenhum ponto é muito elevada, e o caminho a corta no lugar de menor altura. No seu cume, muito arenoso, revi algumas plantas interessantes, entre outras, uma orquídea de dois cálices.

Paramos perto do sopé da montanha numa fazenda pertencente à mesma família da de Cachoeirinha e parece tão grande quanto aquela. Fui muito bem recebido, e os donos da casa não me permitiram fazer a comida. Garantiram-me que as pastagens daqui não eram tão boas como as que se estendem entre São João e a serra das Carrancas, mas que, em compensação, as terras se adaptavam melhor à cultura. As árvores, realmente, são mais comuns e mais viçosas.

RANCHO DA TRITUBA, 2 de março, quatro léguas. – Como já disse antes, costumam-se fechar todas as noites os bezerros num curral e as vacas voltam sozinhas à fazenda. Desde o nascer do dia, obrigam-nas a entrar no pátio, onde são tratadas pelos escravos e escravas. Põem o leite em



pequenos barris com aros de ferro e o transvasam com cabaças cortadas ao meio. O gado das cercanias do rio Grande é, com justa razão, renomado por seu porte e força. Alimentadas nas excelentes pastagens, as vacas dão um leite quase tão cremoso como as de nossas montanhas. Dele se faz grande quantidade de queijos, que são exportados para o Rio de Janeiro.

A cerca de um quarto de légua da fazenda, encontramos a vila das Carrancas, sede de uma paróquia, mas que mal merece o nome de aldeola. Situada na encosta de uma colina pouco elevada, compõe-se de uma vintena de casas espalhadas em torno de uma grande praça coberta de capim, e em sua maioria não passam de miseráveis choupanas. A igreja ocupa o ponto mais alto da praça; é pequena mas construída de pedra e com interior muito belo. Não é à mineração que a vila de Carrancas deve sua origem. No lugar onde se localiza, erguia-se outrora uma fazenda com uma pequena capela. Atraídos pelo desejo de assistir à missa, alguns agricultores vieram estabelecer-se na vizinhança. A fazenda foi destruída, mas a capela continuou a subsistir. Uma igreja maior a substituiu, e gradativamente o povoado se formou.

A região que percorri hoje é montanhosa; oferece ainda excelentes pastagens; e a mata vai-se fechando, tornando o lugar mais próprio à cultura. Durante toda a viagem, tivemos à nossa direita e próximo a serra das Carrancas, que contribuiu para tornar mais bela a paisagem.

Paramos em um imenso riacho, situado em privilegiada posição. É cercado de colinas e dominado por uma montanha muito elevada, que termina por uma plataforma, e talhada a pique do lado do rancho.

Depois de nós, várias caravanas vieram, sucessivamente, se acomodar no rancho. Umas, que se dirigem do Rio de Janeiro a São João e a Barbacena, trazem sal; outras, que vão das proximidades daqui para a capital, têm um carregamento de toucinho e queijo. Essas mercadorias, que formam dois ramos de comércio muito importante para a comarca de São João, se transportam em cestos de bambu (jacás)\* achatados e quadrados; cada cesto contém cinquenta queijos, e dois cestos fazem a carga de uma mula. Os cestos de toucinho pesam cada um três arrobas se a mula que os leva é nova, e quatro arrobas, se ela já está acostumada à carga. O sal é

---

\* No original, *jacu*.

transportado em sacos. Assim que as mulas chegam eles arranjam sua bagagem com ordem e de maneira que ela ocupe o menor espaço possível. Cada caravana acende sua fogueira no rancho, faz sua comida; antes e depois do jantar conversam sobre a região onde se encontram e sobre aventuras amorosas; cantam, tocam violão e dormem enrolados em cobertores estendidos na terra sobre um couro.

FAZENDA DO RETIRO, 3 de março, três léguas. – À direita, a continuação da serra das Carrancas: sempre excelentes pastagens e bosques nos vales, região montanhosa.

O mês de janeiro foi, este ano, extremamente seco, e os agricultores experimentaram muitos sobressaltos pelas suas plantações. Mas, desde algum tempo, chove quase todos os dias, e parece que a colheita será boa.

Até este momento, só choveu à noite, e sempre estou deitado quando vem a chuva. Hoje não fui tão feliz. A cerca de meia légua da fazenda, começou a cair água torrencialmente e, apesar do meu guarda-chuva, fiquei molhado até os ossos. Deveríamos hoje fazer uma légua a mais; e quando José, que ia à frente, passou diante desta fazenda, a dona da casa, viúva de idade avançada, convidou-o a parar, a fim de se proteger da chuva. Cheguei nesse momento e aceitei apressadamente a oferta que nos fazia. A dona da casa ordenou a um de seus escravos que ajudasse José a descarregar a bagagem; acomodou-nos na sala, fez camas para nós; levou nossas roupas molhadas para lavar e nos mandou servir o jantar.

Mal tinha acabado de comer, apareceu a filha de minha anfitriã com seus dois filhos. Já é uma mulher madura, mas bem conservada. Seu vestuário tinha qualquer coisa de teatral e de pitoresco. Trajava um robe indiano com grandes ramagens, um lenço arrumado à maneira de turbante no alto da cabeça; seu peito estava descoberto, segundo o costume dessa capitania. Em torno do pescoço, dois ou três colares de ouro, de um dos quais pendia enorme relicário do mesmo metal. Enfim, sobre um dos ombros estava jogada uma capa de tecido vermelho que ela arranjava de diferentes maneiras durante a conversa.

Na comarca de São João, as mulheres se mostram um pouco mais do que em outras partes da Capitania de Minas; entretanto, como não é ainda hábito comum, e aquelas que aparecem só o fazem para rom-

per um preconceito, mostram muitas vezes certa audácia com algo de repulsivo.

A dona desta casa me contou que tivera um grande rebanho de carneiros e que ela mesma e sua filha fabricavam com as mãos diferentes tipos de tecidos. Mas não há, na região, o costume de guardar os rebanhos, e como passa nesta fazenda um dos caminhos que levam a São João e ao Rio de Janeiro, o rebanho foi massacrado pelos cães dos tropeiros.

.....

## *Capítulo XXV*

FAZENDA DOS PILÕES – CAMINHO DA PARAÍBA NOVO – VENDA DO DÍZIMO DO GADO – PREJUÍZO CAUSADO AOS AGRICULTORES PELOS ANIMAIS SELVAGENS – JURUOCA – O PÁROCO – DESCRIÇÃO DA VILA – NÃO SE ACHA MAIS OURO NESSA REGIÃO – COLHEITA DO MILHO E DO FEIJÃO – CRIAÇÃO DE GADO – PEQUENO NÚMERO DE ESCRAVOS – AGRICULTURAS – EXCURSÕES À SERRA DO PAPAGAIO – QUEDAS-D'ÁGUA – RIO DE JURUOCA – O PINHEIRO DO BRASIL NÃO ATINGE MAIS QUE ALTURAS MEDIANAS – REGO D'ÁGUA – RIO DE BAEPENDI – STA. MARIA DE BAEPENDI – D. GLORIANA, MULHER DO CAPITÃO MEIRELES, PROPRIETÁRIO DE ITANGUÁ.

*F*AZENDA DOS PILÕES, 4 de março, duas léguas. – A dona da fazenda do Retiro me cumulou de gentilezas até o último instante. Porém, esta mulher, que me parecia tão boa e meiga, apenas voltava ao interior da casa, e eu já a ouvia gritar a plenos pulmões e maltratar suas escravas. Tal conduta, aparentemente contraditória, não o é realmente aos olhos dos brasileiros.

Os escravos estão a uma distância infinita dos homens livres; são bestas de carga que se despreza e não se acredita poder conduzir senão com arrogância e por meio de ameaças: dessa maneira, um brasileiro poderá estar cheio de caridade para com um homem de sua raça e ter muito pouco para seus negros, que não encara como seus semelhantes.

Sempre montanhas, pastagens e tufos de matos. Pela metade do caminho seguimos um entroncamento que nos deve levar a Juruoca.

A rota que deixamos e que estávamos seguindo desde Trituba é uma daquelas que vão do Rio de Janeiro a São João e a toda parte meridional da comarca do Rio das Mortes. Ela passa por Santa Cruz e traz o nome de Caminho da Paraíba novo.

Paramos em uma fazenda situada num vale, onde fui muito bem recebido. O dono da casa me ofereceu partilhar de seu jantar; à noite, me fez tomar café com leite e arrumou as camas para mim e meus homens. O que valia mais nessas gentilezas era o ar de satisfação e de bondade que as acompanhava. Após o jantar, os filhos do meu anfitrião, dos quais os mais velhos tinham de vinte a vinte e cinco anos, pediram respeitosamente a bênção ao pai, beijando-lhe as mãos. Trata-se de um velho hábito caído em desuso na maioria das famílias, mas deve-se notar que os lares onde se conservam esses antigos e respeitáveis costumes são aqueles em que se acham mais virtudes e simplicidade.

Meu anfitrião me confirmou o que me havia sido dito em Ribeirão sobre a quantidade de gado que os criadores podem vender sem causar prejuízo ao seu rebanho, como causa igualmente ao dízimo. É de observar que só se vendem as vacas quando muito velhas para ser levadas. Existe aqui um rebanho de carneiros como na maioria das fazendas desta comarca. Mas meu anfitrião se queixa muito dos danos provocados a esses animais pelos cães domésticos e alguns animais selvagens, denominados cachorros-do-campo. Seria muito importante para os criadores adquirir o hábito de guardar seus rebanhos e ter bons cães pastores; o resultado compensaria amplamente essa ligeira despesa, pois aqui se tosquiavam os carneiros duas vezes por ano, em agosto e no meio da Quaresma.

Não devo esquecer-me de referir que meu anfitrião também me dissera que, após a divisão que os agricultores são obrigados a fazer de suas pastagens, em diferentes espaços verdes, não se pode, numa distância de duas léguas, alimentar mais de seiscentas a setecentas cabeças de gado bovino.

JURUOCA, 5 de março, três léguas. – Esta manhã, meu anfitrião me ofereceu café com leite e sonhos; mas julguei que seria impossível ir até às quatro ou cinco da tarde com um desjejum tão leve. Devorei às escondidas

didadas um prato de feijão, que cuidadosamente tinha mandado preparar na véspera. A experiência adquirida na minha primeira viagem às custas de meu estômago me fez tomar a decisão de cozinhar feijão mesmo nas casas onde me era oferecido jantar, a fim de que, no dia seguinte, caso não me dessem mais do que uma xícara de café, segundo o costume, tivesse pelo menos à minha disposição algo que me impedisse de morrer de fome.

A região percorrida hoje é muito acidentada e coberta de matas: duas circunstâncias quase sempre coincidentes. Diante de nós, avistamos as montanhas vizinhas à vila de Juruoca, que não passam de um ramo da serra da Mantiqueira, conforme dizem, e no meio das quais se eleva um morro conhecido na região como o do Papagaio. Este morro acaba, segundo me asseguram, num rochedo inacessível e muito alto; mas só pude ver o sopé da montanha, pois havia névoa bem espessa. A quase um oitavo de légua antes de chegar aqui, começamos a descer um vale sombrio, extremamente profundo, ladeado de montanhas cobertas de matas.

O rio de Juruoca desce, pelo que me disseram, do Garrafão (Dama Joana), coleia rapidamente no fundo do vale, e é sobre as bordas desse rio, em meio a montanhas e florestas, que está situada a vila do mesmo nome.

Fundada na margem direita do rio, um pouco acima de seu leito, compõe-se, aproximadamente, vinte e quatro casas. Estas formam três ruas, sendo a principal muito larga e paralela ao rio. A igreja paroquial, localizada na extremidade mais alta dessa rua, é pequena, sem campanário, e não apresenta nada de notável. Há também uma capela e uma outra igreja, construída recentemente pela confraria do Rosário, que a erigiu num morro sobranceiro à vila. Como quase todas as cidades da Capitania de Minas, esta parece pouco habitada nos dias úteis; mas provavelmente se torna mais concorrida nos domingos e feriados. A prova de não ser ela tão deserta como hoje é a presença de algumas lojas bem providas, vendas e até uma botica.

Chegando aqui, dirigi-me à casa do pároco, para quem aquele de São João me dera uma carta. Fui recebido por vários padres num grande vestíbulo cheio de bancos. Estes religiosos me disseram que o pároco estava fazendo a sesta e eu não lhe podia falar. Pus-me a passear de um lado para outro, um pouco chocado pela recepção tão fria e por não me terem convi-

dado para entrar na casa. O pároco afinal apareceu, e sua primeira colhida foi tão sem calor como a de seus confrades; mas paulatinamente nos fomos conhecendo, e acabei constatando que ele era um homem excelente.

JURUOCA, 6 de março. – Havia feito projeto de subir hoje ao Papagaio, mas choveu o dia inteiro, e pude a muito custo passear um pouco pela vila. Ela é a sede de uma paróquia que tem vinte e sete léguas de norte a sul; dezoito de leste a oeste; e que compreende sete sucursais. Antigamente se encontrava muito ouro nas margens do rio Grande e do rio de Juruoca; e é de um estabelecimento de mineiros que a vila deste nome se origina. Hoje em dia, não existem mais lavras entre São João e Juruoca, e mal se contam duas ou três de pouca importância nos arredores daqui. Pelo dizer do pároco, as conjeturas que eu havia tecido sobre a população da vila são perfeitamente prováveis. Durante a semana, ela só é habitada por mercadores, operários e prostitutas. Mas aos domingos e feriados torna-se um ponto de encontro para todos os cultivadores do lugar.

Entre São João e Juruoca colhe-se principalmente milho e feijão; mas esses gêneros não saem daí. A criação de gado bovino e de porcos constitui a principal atividade dos agricultores e quase única fonte de suas rendas.

Cada um deles possui uma tropa de mulas e envia ao Rio de Janeiro seu leite e queijo. Na paróquia de Juruoca e nas imediações, o número de mulatos é pouco considerável, estando os escravos em proporção de um para três, em relação aos homens livres. Os escravos são, na verdade, muito menos necessários nessa região, onde se criam animais, do que naquelas onde se cultiva a cana-de-açúcar, ou se minera ouro.

Não há necessidade de mão de obra numerosa para cuidar dos rebanhos, e além disso, quanto menos escravos, mais os homens livres trabalham de boa vontade. É, portanto, evidente que a escravatura nessa região deverá ir diminuindo à medida que a população aumentar. Uma grande parte dos condutores de bois e de porcos que vão da comarca de São João ao Rio de Janeiro são homens brancos. Numa fazenda, um dos filhos torna-se o guia da caravana, outro se encarrega do cuidado dos rebanhos, um terceiro das plantações, e todos indiferentemente tratam das vacas e fazem os queijos.

As fazendas dessa comarca diferem daquelas confinadas nos desertos de Goiás, ou mesmo em alguns lugares distantes da Capitania de Minas que quase não trazem ganhos ao seu proprietário. A vizinhança do Rio de Janeiro põe as fazendas daqui em uma posição muito favorável. Entretanto, se devo acreditar no pároco de Juruoca, eles não retiram mais de 10% de seu capital sem deduzir as taxas e impostos, e esta avaliação parece bem verossímil. Efetivamente, ao examinar-se o produto do gado, vê-se que o proprietário não pode vender mais que o dízimo. Torna-se necessário ainda encontrar, em outro ramo de comércio, o lucro do capital representado pelos edifícios da fazenda, os escravos e as mulas. As colheitas servem apenas à alimentação da família; é preciso, portanto, que o lucro provenha da venda dos queijos e do toucinho. Mas, se é verdade, como todos asseguram, que o dinheiro dos queijos vai todo na compra de sal, pouco rendimento resta ao proprietário. Indispensável, também, substituir as mulas e escravos que se perdem, comprar ferraduras e pregos para as bestas de carga. E embora a manutenção dos edifícios não seja trabalhosa, pois a madeira provém de seus campos, e o grosso da obra é feito pelos negros, é necessário, entretanto, que, de tempos a tempos, se contrate um carpinteiro, um marceneiro, e que se comprem telhas.

Pelo que me contou o pároco de Juruoca, as boas fazendas da região são listadas nos inventários com um valor de 40 a 50 mil cruzados. Se compararmos a maneira de vida de um francês que tenha pedaço de terra de certo valor, com o modo de viver de um proprietário brasileiro, acharemos os rendimentos do primeiro bem menos consideráveis; mas esse julgamento não expressará a verdade, já que o brasileiro tem de comprar quase tudo a um preço infinitamente mais alto que o francês, ou de qualidade bem inferior, o que dá no mesmo.

SERRA DA JURUOCA, 7 de março, duas léguas. — Os arredores de Carrancas e de Juruoca são muito elevados; a geada atinge anualmente o café; o açúcar e o algodão não conseguem ser cultivados com sucesso. Entretanto, é possível colher um pouco de café quando plantado nas partes mais elevadas. Essa diferença, que a princípio parece bem estranha, se dá porque nos lugares mais altos há menos umidade e, por conseguinte, menos geada. Cultiva-se pouco a mandioca, uma vez que se prefere, com razão, à farinha tirada dessa raiz, a do milho, mais nutritiva e com sabor mais



agradável. Usa-se também o milho para a alimentação dos porcos, mulas, cavalos e aves. Mas, querendo, poderiam se entregar à cultura da mandioca pois, se a geada queima o talo dessa planta, não atinge a raiz. Cultivou-se com êxito o trigo na serra de Juruoca; e os que se dedicavam a essa cultura acabaram por desistir, depois que a ferrugem, que havia por longo tempo poupado suas plantações, as devastou.

O pessegueiro e a macieira dão aqui bons frutos, e já provei, em casa do pároco, uvas excelentes.

Após certas dúvidas causadas pelo temor de atrasos, decidi pernoitar hoje na montanha, em casa do proprietário da fazenda mais próxima do Papagaio, onde espero subir amanhã.

Para me conduzir até essa fazenda, o pároco me deu por guia o irmão desse homem, aprendiz de ourives em Juruoca. Da vila até aqui estivemos sempre em aclive. De vez em quando éramos incomodados por chuvas miúdas mas, à medida que subíamos, o tempo se firmava.

Não somente uma grande extensão se estendia à nossa vista, como também dominávamos vales muito interessantes. Recordo-me de um, entre outros, que se me apresentou aos olhos logo que chegamos aqui em cima. Dele só se percebe parte, que se assemelha a uma planície confinada entre montanhas altíssimas. Num canto existe uma fazenda que, de longe, parece bem grande. O resto do vale é agradavelmente coberto de pastagens e bosquetes; pinheiros majestosos, ou estreitados uns contra os outros ou isolados, se distinguem por sua forma singular e seus tons escuros, entre os diversos vegetais circundantes; enfim, para completar o lindo quadro, uma cascata flui a meia encosta de uma das montanhas que rodeiam o vale e despenca numa floresta sombria, constituindo um lençol prateado.

Após haver descido uma ladeira pedregosa e difícil, chegamos à fazenda onde devíamos passar a noite.

Cercada de bosques e pastagens, ela está situada num vale. A seus pés corre um regato ladeado de árvores e arbustos, entre as quais se distingue o pau-doce, com suas belas espigas floridas amarelo-ouro, e o pinho do Brasil, com formas pitorescas e majestosas. Um filete de água fresca e límpida, desviado do regato, pára diante da casa do proprietário, servindo a suas necessidades. Tal habitação, malgrado o pomposo nome de fazenda que lhe deram, não passa de uma cabana que pode ser incluída

entre as mais pobres de todas aquelas em que parei, desde o começo de minhas viagens.

O dono desse reduto me acolheu muito bem, antes mesmo de saber que eu vinha da parte do seu pároco; mas repetiu-me diversas vezes que não sabia de que maneira acomodar tanta gente e tanta bagagem. Assegurei-lhe que com uma equipagem maior já conseguira me arranjar em lugares tão pequenos quanto esse, e que não teria problemas de acomodação na sua casa. É bom dizer, entretanto, que, embora esse homem nos tivesse cedido inteiramente a sua sala, retirando todos os móveis ali existentes, encontramos grande dificuldade de nos alojarmos. Choveu toda a noite, e temo ser obrigado a renunciar ao projeto que acalentava de subir ao Papagaio.

Enquanto trabalho, as mulheres, segundo o costume de todas as mineiras, enfiam o nariz pela porta para ver o que estou fazendo. Se me volto bruscamente, percebo de relance uma figura se retirando bem depressa. O que digo aqui seria necessário repetir a cada folha deste diário, já que cotidianamente me oferecem essa pequena comédia.

SERRA DE JURUOCA, 8 de março. — Ontem à noite choveu muito, e eu tinha pouca esperança de poder subir hoje ao Papagaio. Esta manhã, o tempo estava muito carregado; porém arrisquei a me pôr em marcha, e desfrutei do melhor tempo possível. As nuvens quase sempre encobriam o sol, mas não tivemos a menor chuva. Para dar uma ideia exata da excursão de hoje, preciso reparar uma omissão feita ontem.

Deveria ter dito que pouco depois de sair de Juruoca, avistamos a chamada serra do Papagaio. Trata-se de uma montanha muito elevada que, lateralmente à vila, parece inacessível, apresentando quatro cumes arredondados, quase do mesmo tamanho, enfileirados uns por trás dos outros, e aos quais se ligam diversas montanhas.

Para ir ao Papagaio, subi na minha mula, levei comigo José, também montado, e nosso anfitrião a pé nos servia de guia. Ao deixarmos sua casa, principiamos a subir e, em breve, estávamos entre vastas pastagens cheias de bosques, cortadas por vales profundos e dominadas por elevadas montanhas. Avistávamos ao mesmo tempo duas cascatas; uma delas, mais afastada, corre em meio a um bosque fechado, na encosta de uma alta montanha; a outra se precipita numa ravina estreita e profunda, coberta de árvores; ela apresenta um volume de água mais considerável do que a

primeira, e tem, pelo que meu anfitrião assegurou, cerca de cinquenta côvados, mas do ponto onde estávamos, só percebíamos uma pequena parte, pois o restante estava escondido pelo barranco.

Prosseguindo nessa marcha, chegamos ao rio de Juruoca, que nasce na montanha vizinha e, nesse lugar, corre sobre um leito de rochedos muito escorregadios. Contou-me o guia que muitas vacas haviam morrido na travessia desse vau. Convidou-me a descer e segurou-me em seus braços. Subindo sempre, varamos gordas pastagens onde se encontram as vacas que dão o leite mais cremoso.

Até a margem do Juruoca, apenas vegetação pouco variada e plantas que medram geralmente nas partes baixas das grandes montanhas da Capitania de Minas, tais como as melastomáceas, já citadas. Minha coleta começou quando atingimos a outra margem do rio, e foi-se tornando mais interessante à medida que subíamos. Já fizera notar que o pinho do Brasil não se eleva além das médias altitudes, e o passeio de hoje acabou de me provar a veracidade dessa observação; pois não me lembro de haver encontrado, acima da casa de meu anfitrião, nenhuma árvore dessa espécie. Ao chegar a um bosque de vegetação medíocre, ficamos de tal maneira embaraçados pelos arbustos e lianas, que foi preciso o nosso guia abrir um atalho estreito com sua faca de caça. Ao sair do bosque, comecei a encontrar as mais belas plantas desta herborização: uma labiada, cujas folhas e flores têm exatamente o gosto e o odor da menta Pouliot; uma composta labiatiflora, crescida como a anterior na margem do bosque e que, por suas belas flores alaranjadas, mereceria ser cultivada em nossos jardins; uma linda escrofulariácea, de flores cor-de-rosa, comum nas pastagens; uma mirtácea com os ramos reunidos em bolotas e cujas flores exalam o mais suave odor.

Além do bosque de que acabo de falar, atravessamos terrenos pantanosos, chegando a um dos pontos mais culminantes da serra. Percorremos mais uma vez magníficas pastagens, alcançando enfim o cume que, dos quatro da serra do Papagaio avistados de Juruoca, parecia o mais afastado.

Não há acordo sobre os nomes que devem ser dados a todas estas montanhas. Entretanto, geralmente se denomina aos quatro cimos serra do Papagaio, e o mais avançado é o Papagaio. Quanto às montanhas vizinhas, anexadas aí, chamam-nas simplesmente, na região, da Serra. Mas

para distingui-la de tantas outras, parece conveniente, como fazem algumas pessoas, chamá-las serra da Juruoca. Pela informação do meu guia, antigamente maior número de animais vivia nessas pastagens elevadas, sendo os proprietários obrigados, às vezes, a ir buscar suas vacas desgarradas até a serra do Papagaio, mas há dez anos ninguém vinha aqui.

Amarradas as mulas, subimos ao píncaro mais recuado, que só apresenta a rocha nua e se eleva absolutamente a pique, a uma altura considerável sobre o Juruoca e os campos que acabávamos de percorrer.

Descendo dessa cumeeira pelo lado oposto ao da subida, atravessamos carrascais que não chegam à altura de um homem e são constituídos, notadamente, por verbenácea, composta, etc. Como o segundo cume é inacessível, foi preciso contorná-lo pela meia-encosta a fim de chegar ao terceiro. Lá, encontramos um bosque cerrado onde nosso guia mais uma vez foi obrigado a abrir-nos uma picada. Foi nessa mata que encontrei congonhas de folhas pequenas e uma orquídea gigantesca. Após sairmos dali, começamos a trepar no terceiro cume, andando entre carrascais e urzes. Neste, vegetava com opulência uma ericácea de fruto muito agradável. O cimo do morro consiste apenas de uma rocha nua, mas entre suas fendas cresce, em grande quantidade, a liliácea e a tillândsia.

A muito pouca distância da casa de nosso anfitrião, já principiávamos a descortinar uma extensa área da região, e o horizonte se estendia à medida que subíamos; mas em nenhuma parte havíamos fruído de uma vista tão bela como no terceiro morro. A serra do Papagaio avança, como já disse, para o nordeste: víamos, de um lado, os campos abertos e ondulados que acabávamos de percorrer, a serra de Carrancas que parece terminada por plataforma perfeitamente lisa; e enfim, junto ao sopé da montanha, a vila de Juruoca e o rio de igual nome, que se mostra em alguns pontos da mata que o margeia.

Do lado oposto, a vista oferece um quadro totalmente diferente, austero e selvagem: as altas montanhas da Mantiqueira que temos sob os olhos. São vales profundos, cumes escarpados, florestas majestosas, em meio às quais três belas cascatas caem obliquamente e, formando nuvens prateadas, contrastam com o tom escuro das árvores que as envolvem. Diante do terceiro morro, está aquele que leva, propriamente, o nome de Papagaio; ligando-se à base do terceiro morro, é separado por uma ravina

muito estreita, mas fora isso, isola-se de todos os lados, elevando-se a pique a uma grande altura.

Contou-me o guia que, com muito esforço, se poderia descer à ravina, e que ele já havia subido até a terça parte da altura do morro, mas nunca pudera chegar à cumeeira. Como nenhuma outra pessoa fora tão longe quanto ele, a imaginação popular da região fantasiava livremente sobre essa montanha. Alguns a situavam em cima de um grande lago, outros aí viam brilhar fogo durante as noites de verão, outros, enfim, achavam que o Diabo tinha sido nela acorrentado por um santo bispo, desde a descoberta do país. O que todos dizem, entretanto, é que a cerca de um terço de altura dessa montanha, a partir do cume, corre uma bela cachoeira, mas não pude verificar esse fato pessoalmente.

Até o cimo da montanha, tinha feito uma soberba coleta de plantas; na volta, recolhi algumas que me haviam escapado, e só retornei à casa de noite.

Entre as plantas interessantes da serra da Juruoca, não deve ser esquecida uma que cresce abundantemente na serra de Ibitipoca. É uma ericácea subarborescente, cujas flores são brancas e cujo fruto, de cor verde e vermelha, e do tamanho de uma groselha, sabe a morango. Chamam-na andorinha na Ibitipoca e imbirí na serra da Juruoca. Nestas últimas montanhas, existem duas espécies de imbirí cujo fruto tem o mesmo sabor.

SERRA DA JURUOCA, 9 de março, uma légua e meia. – Como havia recolhido na serra do Papagaio grande número de plantas interessantes, que não encontrara até o momento em nenhum outro lugar do Brasil, fiz planos de encurtar minha marcha. Durante uma parte do caminho, meu anfitrião ainda me serviu como guia. Atravessamos primeiro um bosque, onde as mulas tiveram muita dificuldade em se livrar dos vários lodaçais, e depois voltamos a entrar nos campos. A região percorrida é muito montanhosa e mostra uma variação entre matas e pastagens. Ao final da caminhada, chegamos a um belo vale onde serpenteia um pequeno córrego, e pinheiros majestosos se agrupam de maneira pitoresca em meio a choupanas.

Íamos pedir hospitalidade a um capitão de milícia, dono de uma casa no outro lado do córrego, mas como este deixou de ser vadeável depois das chuvas, só chegaremos lá amanhã de manhã, e vamos dormir

na casinha pertencente a uma pobre mulher, cujo marido está ausente. Sua morada, suas roupas, as de seus filhos só mostram indignação; mas creio que nas províncias da França central, uma casa tão pobre como esta seria pelo menos mais limpa. Assim como nas outras partes desta capitania.

Mas, se tenho muito de queixar-me da pouca limpeza da dona da casa, não posso deixar de louvar sua boa vontade. Nossos camponeses da França também prestam serviços com a melhor graça do mundo, mas é porque sabem que serão recompensados. Calculam tudo e estabelecem um preço para as menores tarefas, mesmo que sejam quinze minutos de trabalho. Aqui, as pessoas mais pobres dão e servem sem imaginar que têm qualquer direito a uma retribuição; se lhes oferecem alguma coisa, parecem assustadas e prestam novos serviços para mostrar seu reconhecimento.

SANTA MARIA DE BAEPENDI, 10 de março, quatro léguas e meia. — José e Firmiano trouxeram toda a minha bagagem nas costas até o outro lado do riacho, e apenas lá é que as mulas foram carregadas. Região montanhosa a percorrida hoje e muito mais densa de matas do que aquela permeada entre São João d'el-Rei e Juruoca. Muitas vezes o terreno é pedregoso, e o caminho bastante difícil. Quase na metade do percurso, atravessamos uma espécie de povoado pequeno, chamado Rego d'Água. Ele não apresenta nada de notável e é formado, unicamente, por algumas casinhas esparsas num vale sobre a margem do riacho.

Após o Rego d'Água, o aspecto da região muda gradativamente, tornando-se mais austero. Os campos são menos vicejantes, seu verde é mais escuro; enfim, a majestosa e sombria araucária, espalhada pela mata, lembra um pouco os campos gerais. Próximo a Baependi, encontramos o córrego de mesmo nome, costeamos-lo por algum tempo e, depois de haver passado sobre uma ponte de madeira, avistamos a cidade. Situada na encosta de uma colina pouco elevada, ela se compõe de muitas ruas desiguais e irregulares. As casas que as bordeiam, em geral, muito pequenas, longe de anunciar a riqueza. A igreja, fundada sobre a praça pública, não apresenta nada digno de nota.

Fui alójá-me num albergue que, semelhantemente aos de várias cidades do interior, se constitui de muitos quatinhos quadrados, en-

fileirados uns ao lado dos outros. Eles não se comunicam entre si e têm uma entrada para a rua. Não possuem, comumente, mais que um ou dois estrados de camas; iluminam-se com fogo, como nos ranchos. O proprietário do albergue não cobra nada pelo aluguel dos quartos, mas tira seu lucro das provisões que vende aos viajantes e do aluguel dos currais onde põem seus animais.

Encontrei aqui dona Gloriana, mulher do capitão Meireles, proprietário de Itanguá. Como ela estava muito endividada, deixou sua região, vindo estabelecer-se nesta cidade, onde havia casado uma de suas filhas. Tendo-me visto passar na rua, chamou-me e cumulou-me de gentilezas.

.....

## *Capítulo XXVI*

FAZENDA DE PARACATU – CULTURA DO FUMO – POUSO ALTO – CASA DO CAPITÃO MIGUEL PEREIRA – CÓRREGO FUNDO – LINDA REGIÃO – REGISTRO DA MANTIQUEIRA – INSPEÇÃO DAS MALAS – FIRMIANO DOENTE – MATAS VIRGENS – CAMINHOS HORRÍVEIS PARA DESCER A SERRA – PÉ DA SERRA – PORTO DE CACHOEIRA – CULTURA DO CAFÉ E DA CANA-DE-AÇÚCAR – TRAVESSIA DO PARAÍBA – BIFURCAÇÃO DO CAMINHO PARA SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO – RANCHO DOS CANHÕES – CIDADE DE LORENA – VILA DE GUARATINGUETÁ – RIO DE SÃO GONÇALO – RIO DOS MORTOS – MULHERES INDO À MISSA – NOSSA SENHORA DA APARECIDA – CAPELA DO ROSEIRO – CAMINHO MAGNÍFICO – CAMPOS DE INHÁ MOÇA – MATAS VIRGENS – PINDAMONHANGABA – VILA DE TAUBATÉ.

**F**AZENDA DE PARACATU, 11 de março, duas léguas. – Logo que cheguei a Baependi, pus-me a analisar plantas, e imediatamente minha porta foi fechada por um círculo de curiosos, aos quais fui obrigado a pedir, com insistência, um pouco de luz. Cada um conjeturava o objetivo do meu trabalho, mas a conclusão a que chegavam em geral, aqui como em outros lugares, é que minhas plantas se destinam a servir de modelos a desenhos de índias.

Eu esperava ir de Baependi à vila da Campanha, mas, como me haviam assegurado que isso levaria tempo, planejei seguir a rota mais curta: transpor o Registro de Mantiqueira e ganhar o caminho do Rio de Janeiro



a São Paulo. Procedendo assim, acabarei passando duas vezes pelo mesmo lugar; mas minha única intenção atual é abreviar a viagem e seguir o mais cedo possível para o Rio de Janeiro. As diversas compras que tive de fazer na cidade me forçaram a partir muito tarde e não pude percorrer hoje mais de duas léguas.

Antes de chegar aqui, atravessamos uma região montanhosa cortada por vales profundos e cobertos de matas, em meio às quais sempre se destaca a araucária. O calor excessivamente forte nos cansou muito. Menos intenso sempre nos campos, onde o ar circula livremente, ao passo que nas florestas é interceptado por montanhas e árvores elevadas. Não encontro aqui a majestade das grandes matas virgens e não posso deixar de lamentar as belas planícies que havíamos percorrido entre São João e Juruoca, onde fruímos quase sempre de uma paisagem tão extensa, ar puro, recolhendo tão belas plantas.

O dono desta fazenda nos alojou em um quarto, passagem obrigatória para entrar na sala. Como as galinhas e os porcos passeiam em completa liberdade no quarto, somos devorados pelas pulgas e bichos-de-pé.

Já havia dito que a principal ocupação dos proprietários da região que percorri entre São João e Juruoca era a criação de animais. Entretanto, já se começa a cultivar um pouco de fumo nos arredores de Carrancas e de Juruoca; mas à volta de Baependi e da vila de Pouso Alto, onde dormirei amanhã, o povo se dedica quase unicamente a esta cultura, que origina um comércio muito importante entre essa região e o Rio de Janeiro. Mede-se a riqueza dos proprietários pela quantidade de pés de fumo que plantam anualmente, e há quem possua 60.000 pés. O espaço de terreno que daria para um alqueire de milho pode conter 20.000 pés de fumo. Semeia-se esta planta em agosto, setembro e outubro em canteiros preparados e adubados, transportando-se os jovens pés, em dezembro e janeiro, para uma terra que já foi coberta de mato queimado e na qual se teve o cuidado de não deixar subsistir nenhuma ramagem. Vi diversos campos de fumo, e, pelo que dizem os cultivadores, eles não têm o mínimo método em suas plantações. Amanham a terra da colheita, cortam os ramos e galhos que nascem nas juntas das folhas, colhidas assim que amarelecem. Costuma-se semear milho nas terras que, no ano anterior, foram plantadas com fumo, e em seguida deixam-se repousar por dois ou três anos. Asseguram, porém,

que a mesma poderia, sem inconveniente, aguentar a plantação de fumo, vezes seguidas.

POUSO ALTO, 12 de março, quatro léguas. – A região continua montanhosa, cortada por vales profundos e revestida de matas onde sempre se destaca o pinheiro-do-brasil. Passamos por um grande número de casas e fazendas de alguma importância. Posso mencionar, entre outras, a de um capitão Miguel Pereira, cujas construções, bem consideráveis, estão dispostas com uma regularidade incomum nesta região.

Paramos na vila de Pouso Alto, sede de uma paróquia. Construída em anfiteatro sobre a encosta de uma colina, representa uma espécie de pirâmide, da qual a igreja forma o vértice. A colina se estende entre duas montanhas de matas, e no sopé um riacho corre num vale.

Enviei José na frente com a ordem de mostrar meus passaportes ao comandante e de pedir um pequeno alojamento para pernoitar. José voltou e disse-me que o comandante estava no campo e não deixara nenhum representante seu, e que o pároco a quem havia apresentado meus papéis batera-lhe a porta na cara, após restituí-los. Fomos obrigados, então, a buscar um canto numa pequena venda, onde nos ofereceram um quartinho excessivamente sujo e repleto de pulgas.

À noite, testemunhamos uma acirrada disputa entre alguns mulatos. As vilas, como já disse, são habitadas durante a semana pela mais vil canalha: biscateiros, quase sempre de cor, vagabundos e prostitutas.

CÓRREGO FUNDO, 13 de agosto, três léguas. – Região ainda montanhosa e coberta de matas. Passamos diante de várias fazendas, atravessando alguns riachos que correm num leito de cascalho. Deveríamos fazer uma parada numa fazenda chamada Córrego Fundo, pertencente a um homem bastante rico. Estávamos muito próximos dessa habitação, quando José foi perguntar nosso caminho numa pequena casa construída à beira da estrada. Seu proprietário, um suíço que, há cinco anos, é vendedor ambulante nesta parte da província de Minas, disse-nos que provavelmente seríamos mal acolhidos na fazenda do Córrego Fundo, e convidou-nos a ficar em sua casa. Aqui fomos, realmente, muito bem recebidos, sendo até convidado a cear com o dono da casa. Eu havia recolhido no Papagaio tamanha quantidade de plantas que ainda não acabara de examinar, de maneira que trabalhei aqui sem descanso.

Desde quando deixei aquela serra, recolhi de início muito poucas plantas, a fim de me pôr em dia e agora, também, porque minha mula está machucada, obrigando-me a ir sempre a pé, e não me fiando na experiência do meu pessoal, não quero ir na rabeira da coluna.

REGISTRO DA MANTIQUEIRA, 14 de março, três léguas. – Desde que viajo na Capitania de Minas, não conheci ainda região tão linda quanto esta de hoje. Seguimos um vale muito largo, cercado de montanhas pitorescas e repletas de árvores, em meio às quais se distingue sempre a majestosa araucária. Este vale, banhado por um riacho, dá muitas voltas e se tem de atravessar quatro vezes para chegar até aqui, donde o nome de Passa-Quatro. As margens do riacho mostram alternadamente pastagens, bosques com árvores de pouca altura, e terrenos cultivados, entre os quais se notam em determinados lugares grupos de pinheiros. Algumas casinhas tornam a paisagem ainda mais diversa. Diante de nós a serra da Mantiqueira, cujos cumes, muito variados em suas formas, são cobertos de sombrias florestas. Nada mais parecido aos vales da Suíça do que esse que venho descrevendo. O Registro da Mantiqueira, situado bem ao pé da serra, se compõe de inspetoria, da moradia do destacamento e de um rancho, no qual ficam as autoridades encarregadas de pesarem as mercadorias, vindas do Rio de Janeiro. Enfileiram-se esses edifícios em torno de um grande pátio, fechado ao lado da montanha por uma porta de madeira. Como existe o projeto de mudar essa rota, há algum tempo não se fazem reparos nos edifícios do Registro, que se encontram em estado lamentável.

O destacamento estacionado aqui é geralmente composto de soldados do regimento ordinário da Capitania de Minas; mas como uma parte deste foi enviada ao Rio de Janeiro, só ficaram alguns milicianos comandados por um oficial subalterno do regimento. À minha chegada, apresentei-lhe meu passaporte; recebeu-me com polidez, mas quase imediatamente me falou sobre a revista das malas. Disse-lhe que há seis anos viajo pelo Brasil, sem ser incomodado por essa formalidade, não me importando de fato que abrissem minhas malas, mas que eu era portador de uma portaria do Príncipe, dando-me o direito de passar livremente em qualquer parte, e portanto devia reclamar contra qualquer violação do privilégio honroso que me havia sido concedido. O comandante me respondeu que eu não me poderia isentar da revista sem se comprometer,

mas que ela não seria severa. Como me falava com extrema delicadeza, parecendo-me fazer um pedido, não insisti mais. Ofereceu-me um quarto vizinho do seu, uma varanda para colocar as albardas e a bagagem, e um cômodo abandonado para cozinhar. Quando as malas foram dispostas no quarto, entrou sozinho; eu lhe abri duas ou três malas que mal olhou e nada mais me pediu. Desde que, contou-me ele, a população do Brasil aumentou muito, e os meios de comunicação de uma província a outra se multiplicaram, a revista nos registros cessou de cumprir seu papel. Ela é constrangedora para as pessoas de bem; os contrabandistas acham meios de se subtraírem dela, e chega ao Rio de Janeiro muito mais ouro em pó do que se anota nas intendências.

REGISTRO DA MANTIQUEIRA, 15 de março. – O tempo permaneceu horrível todo o dia e, como me garantiram que a passagem da serra estava extremamente perigosa devido à chuva, tomei a decisão de ficar aqui.

Apesar da chuva, muitas caravanas chegaram ontem à noite ao rancho se puseram em marcha esta manhã. Pertencem a ricos particulares da vizinhança e levam fumo ao Rio de Janeiro. Um dos proprietários das caravanas possui 300.000 cruzados e, entretanto, são seus filhos os condutores das mulas. Nas comarcas de Sabará e do Cerro do Frio, os pais fazem muitas vezes sacrifícios enormes para ensejar alguma educação aos filhos; na comarca de São João se dá muito menos importância à instrução. Isso é devido ao fato de os homens mais ricos da região, por exemplo, os que acabo de citar, serem europeus que, na sua pátria, pertenciam às classes mais baixas da sociedade e que não tinham educação. Sua ignorância não os impediu de prosperar, e gozam do prestígio inerente à riqueza. Não devem, pois, sentir a utilidade de promover alguma educação a seus filhos. Os proprietários ricos da região fazem o mesmo que os de Minas Novas: buscam os negros do Rio de Janeiro, vendem-nos a longas prestações aos cultivadores pouco experientes, recebem fumo em troca, ganhando, assim, várias vezes o valor de seu capital.

REGISTRO DA MANTIQUEIRA, 17 de março. – Ainda uma chuva medonha. À noite, Firmiano se queixou de estar doente, e realmente, muito vermelho, queimava em febre alta. Vejo que serei obrigado a lhe dar um vomitório amanhã e, portanto, ficar aqui mais uns dias. Um prolongamento da estada no Brasil me permite reparar algumas perdas que fiz em

meu herbário; mas como me decidi embarcar este ano para a França, quero partir o mais cedo possível, a fim de não chegar no inverno, ao qual já não estou acostumado.

REGISTRO DA MANTIQUEIRA, 17 de março. – Firmiano tomou um vomitório; não mais reclama de dor de cabeça, mas não pára de ter febre; está sempre ardendo e espero que sua doença não seja uma febre maligna. O tempo continua abominável; todos asseguram que a serra ficará muito perigosa e me desespero por não ter passado pela vila da Campanha.

REGISTRO DA MANTIQUEIRA, 18 de março. – Firmiano ainda não goza saúde, e o tempo permanece horrível.

REGISTRO DA MANTIQUEIRA, 19 de março. – Melhorou o tempo. Firmiano está passando bem melhor, e amanhã, se ele tiver forças, partirei. Minha demora aqui me encheu de tristeza e faz-se necessário que eu parta para que as distrações da viagem dissipem um pouco meus temores e minha melancolia.

PÉ DA SERRA, 20 de março, duas léguas e meia. – Ao levantar-nos, o tempo estava magnífico. Firmiano assegurou-me que se achava suficientemente forte para transpor a serra, e nos pusemos a caminho. O comandante do Registro me prometera um de seus soldados para me acompanhar e ajudar José; mas como esse homem ainda não tinha voltado de um passeio que o comandante lhe permitira fazer, partimos sós. Para encontrar caminho, escolhemos uma espécie de desfiladeiro, e de toda parte, montanhas muito mais elevadas do que aquelas que iremos subir e descer. Não paramos de varar matas virgens, mas à nossa volta percebemos cumes revestidos de vegetação mais simples, carrascais e até pastagens. Uma cruz de madeira indica o limite das Capitâneas de Minas e São Paulo. Por enquanto subimos sempre, e o caminho é bastante agradável. Mas quando começa a descida, torna-se apavorante. Desde que estou no Brasil, não me lembro de ter visto trajeto pior. Em vários pontos apresenta forte declive; em quase toda sua extensão é um caminho estreito e profundo, coberto de pedras arredondadas que rolam sob os pés das mulas. As ossadas esparsas de muitos desses animais provam que, apesar de toda a sua segurança, eles morrem frequentemente nessa montanha. Às vezes, esses pobres animais são obrigados a fazer saltos espetaculares, muitas vezes se atolam na lama espessa sob a qual se encontram ainda calhaus arredondados; e normal-

mente é necessário que atravessem buracos, onde correm o risco de escorregar e se precipitar nas profundezas.

Desci a montanha a pé, cansando-me um bocado. Como em todas as matas virgens, raras as plantas floridas.

O pequeno Pedro estava comigo e foi de uma amabilidade extrema. Esse menino se tornou um pouco atrevido, mas o perdoo pelo seu bom humor, sua gentileza e o desejo de se fazer agradável. Ontem, vi-me embaraçado para atravessar um lamaçal; enquanto eu arranjava as plantas, ele me improvisou uma pequena ponte com pedaços de madeira e galhos. Hoje, quando nos deparamos com um riacho, tomou as rédeas de minha mula e a fez passar pelos lugares mais acessíveis. De todos os meus acompanhantes, ninguém se preocupa comigo tanto como ele.

Ao começarmos a descer a montanha, vislumbrávamos de vez em quando uma vista muito ampla. A região, coberta de matas, muito regular, é limitada por uma outra cadeia, a qual se estende paralelamente a esta, e mais próxima do mar. Muito antes de atingir o pé da serra, passamos diante de uma casinhola, onde paramos, e é a primeira que vemos a seguir. Deram-nos asilo numa construção semicoberta, mas não podemos nos queixar, pois nosso anfitrião não estava melhor instalado, apesar de possuir escravos e até um moinho de açúcar.

Deve-se notar que descemos hoje muito mais do que havíamos subido antes, isso demonstra que a parte de Minas donde viemos é muito mais elevada do que esta região. Se precisássemos de mais uma prova, encontra-la-íamos na diferença da produção, já que o café e a cana-de-açúcar não se aclimatam bem do outro lado da serra, e aqui se cultivam as plantas com mais sucesso.

PORTO DA CACHOEIRA, 21 de março, quatro léguas. – Toda a região percorrida hoje é coberta de matas, e o terreno geralmente muito bom. À beira do caminho, numerosas casas e terras cultivadas, mas pouquíssimas habitações de alguma importância. A cerca de légua e meia daqui, passamos por um lugarejo denominado Imbanha, onde vimos uma capela sucursal da paróquia de Lorena. Na primeira légua que fizemos, o percurso era muito regular e não exigiu grande esforço.

À medida que nos aproximávamos daqui, a região se tornou montanhosa, e a mata mais cerrada. Encontrei, em geral, pouquíssimas

espécies de plantas floridas e quase apenas comuns nos arredores do Rio de Janeiro ou em qualquer região de florestas virgens pouco elevadas. Do alto, descortinamos toda a região que se estende entre a cadeia marítima e a serra da Mantiqueira, formando um tipo de bacia compreendida entre as duas cadeias.

A cana-de-açúcar e o café, as plantas mais cultivadas no lugar. Veem-se moinhos de açúcar até junto a casas paupérrimas.

Paramos em uma vila, às margens do Paraíba, denominada Porto da Cachoeira. Com o intuito de fazer amanhã uma viagem mais longa, eu quis atravessar o rio ainda hoje, mas esta passagem nada tem de difícil e se faz em pouquíssimo tempo. Construimos uma barca de três grandes pirogas juntas, sobre as quais estendemos uma prancha com parapeitos de madeira. Oito mulas carregadas e muitas pessoas podem ser transportadas de uma só viagem na barca. Minhas cartas mais uma vez me isentaram do pedágio.

RANCHO DOS CANHÕES, 22 de março, uma légua e meia. – Difícil encontrar algo mais belo que Porto da Cachoeira. Essa vila está construída às margens do Paraíba, na encosta de uma colina, em cujo topo se situa a igreja. O Paraíba deve ter, neste lugar, a mesma extensão que o Loiret quando passa por Plissay. Ele corre lento e majestoso. À esquerda da colina, onde se localiza a vila, existe uma outra ainda coberta por matas virgens, e sobre ela, bem à margem do rio, algumas cabanas esparsas, entremeadas de grupos fechados de bananeiras e laranjeiras. Uma terceira colina, que se eleva à esquerda da vila, foi outrora, como a primeira, revestida de matas, mas boa parte já foi cortada. A vegetação foi substituída por uma fábrica de açúcar e plantações. Logo que se cruza o rio, percebe-se imediatamente o conjunto que acabo de descrever; também ao longe, a serra da Mantiqueira coroada de imensas florestas, não se podendo deixar de contemplar uma paisagem que oferece ao mesmo tempo algo de alegre e de majestoso.

A vila de Cachoeira não passa de uma dezena de casas e é apenas uma sucursal da paróquia de Lorena. Encontram-se aqui algumas lojas e vários ranchos. Os ferreiros são muito numerosos, seus trabalhos gozam de boa fama na região. A vila de Cachoeira é passagem obrigatória para todas as caravanas que se dirigem ao Rio de Janeiro, vindas de Baependi e arredores; elas vão para a capital carregadas de tabaco e voltam trazendo sal. Quase não há um dia, sem que passem algumas pela Mantiqueira e,

consequentemente, pela vila de Cachoeira. Somente ontem, deparamos umas três ou quatro.

A menos de um oitavo de légua de Cachoeira, o caminho se bifurca; tomando-se a direita, vai-se para o Rio de Janeiro; e seguindo pela esquerda, para São Paulo. A região percorrida é arenosa, muito plana e cerrada de matas.

Partimos com o tempo muito encoberto, e logo caiu uma chuva torrencial. Buscamos refúgio num rancho isolado, construído não sei com que desígnio, perto da rota, e aqui fiz descarregarem as malas.

Em toda a volta do rancho, capoeiras quase inteiramente cobertas de goiabeiras, mirtáceas que se encontra em várias outras capoeiras das partes baixas e úmidas das regiões de matas virgens, por exemplo, próximas ao Rio de Janeiro.

VILA DE GUARATINGUETÁ, 23 de março, cinco léguas. – Continuamos a percorrer uma região muito plana, em geral pouco arenosa. Até a cidade de Lorena, a três léguas da vila de Cachoeira, o terreno à direita do caminho é pantanoso e dotado apenas de uma vegetação muito parca, semelhante àquela dos pântanos da paróquia de Santo Antônio da Jacutinga. Veem-se igualmente árvores e arbustos pouco folhosos, de caules raquíticos e galhos poucos extensos. Esta não é a única semelhança desta região com os arredores do Rio de Janeiro. A vegetação, quase a mesma nos menores detalhes. Aqui também as plantas mais cultivadas são a cana, o café, a mandioca, etc. Enfim, o caminho assemelha-se extremamente àqueles que alguém atravessa para dirigir-se do mar às montanhas. A vista difere daquela dos campos, sem nada lembrar a majestade das grandes florestas virgens; mas é ao mesmo tempo extensa e bem aprazível, e as montanhas, que de todos os lados bordejam o horizonte, mostram a variedade da paisagem. Atrás de nós, a serra da Mantiqueira, e adiante, a de Quebra-Cangalha, visível assim que deixamos o Registro e que não passa de um ramo da grande cadeia paralela ao mar. Dessa forma, a região que vou conhecer é uma imensa bacia encerrada entre duas grandes cadeias.

A cidade de Lorena está situada às margens do Paraíba, na extremidade da região plana e pantanosa que descrevi. Não é muito grande, mas sua localização muito feliz. Suas ruas menos largas que as das cidades e vilas da Capitania de Minas; as casas aqui estão comprimidas umas con-



tra as outras; em geral não caiadas, pequenas e só de um pavimento, mas bem conservadas, apresentando seu exterior um ar de limpeza que salta aos olhos. Na rua principal, que percorremos em toda a extensão, muitas lojas bem providas, e entre elas algumas funilarias, o que é muito raro na Capitania de Minas.

A igreja paroquial forma um dos lados de uma pequena praça quadrada. Sobre uma outra praça irregular e ainda menor que a primeira, há uma segunda igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Esta foi a única em que entrei. Não ornada de douraões como as igrejas de Minas, mas somente de pinturas bem grosseiras.

Defronte à igreja do Rosário, a Câmara Municipal, pequeno edifício de um andar, mas muito limpo, cujo rés do chão é, segundo o costume, ocupado pela prisão.

Entre Lorena e Guaratinguetá, o terreno se apresenta menos plano, e as matas evidenciam algum vigor, o que segue a regra geral a ser estabelecida para toda a vegetação do Brasil. Do lugar de onde partimos até aqui, avistam-se muitas casas à esquerda e à direita da rota. Muitas delas com moinho de açúcar; nenhuma com dois pavimentos; e a maioria lembra aquelas casas dos povoados mais pobres da Capitania de Minas. Sempre que lancei os olhos ao seu interior, vi uma rede suspensa e algumas pessoas deitadas nelas. O uso da rede, quase desconhecido na Capitania de Minas, é muito difundido em São Paulo, onde foi aprendido dos índios, outrora bem numerosos nesta região.

Muitas vezes, tive ocasião de notar que em todos os lugares onde havia índios, os europeus, que os destroem, adotam muitos de seus costumes e tomam de empréstimo numerosas palavras de sua língua, e se os mineiros levam uma grande vantagem sobre o resto dos brasileiros, isto se deve certamente à pouca miscigenação com os índios.

A cerca de meia légua de Guaratinguetá, começa-se a perceber a torre de sua igreja paroquial, e a paisagem é ainda embelezada pelo Paraíba, que serpenteia no campo. Situa-se Guaratinguetá a algumas centenas de passos deste rio, sobre uma colina pouco elevada, dominada ela própria por outras colinas. Esta pequena cidade, muito mais longa do que larga, possui ruas estreitas, se comparadas às das cidades e vilas da capitania de Minas. Pequenas as casas na sua maioria, não caiadas, apresentando no

rés do chão gelosias muito estreitas que, segundo o antigo costume, se levantam de baixo para cima, guarnecendo as janelas e as portas. Lojas bem abastecidas indicam que a cidade mantém algum comércio; mas como a maioria das casas está fechada hoje, dia útil, presumo que pertençam a agricultores que só as habitam aos domingos e feriados.

A igreja paroquial é grande, possuindo três altares magnificamente ornados; mas tem uma única torre, não é forrada, e a nave sem janela a torna escura. Existem ainda em Guaratinguetá duas outras igrejas, a de São Gonçalo e a do Rosário. Mas tão pequenas, que não merecem sequer referência.

Quem entra na cidade, vindo do Rio de Janeiro, atravessa, por uma ponte de madeira, um pequeno afluente do Paraíba, denominado rio de São Gonçalo. Vindo do lado oposto, cruza um outro, chamado rio dos Mortos e, desta maneira, a porção mais considerável da cidade está compreendida entre esses dois rios. A Câmara Municipal, ainda não acabada, forma um dos lados de uma praçinha quadrada, que se localiza na parte mais baixa da cidade. Dessa mesma praça sai a única rua que conduz ao rio. Ladeada das mais míseras cabanas, é, ao que parece, só habitada por prostitutas. Na margem do rio, um grande rancho onde se pode encontrar abrigo.

Durante muito tempo só pirogas cortam o rio, mas há pouco instalaram um barco semelhante ao de Porto da Cachoeira. Aqui, o rio é um pouco menos largo do que diante dessa cidade, e a vista do porto está longe de ser tão agradável. As pirogas descem de Mogi das Cruzes até aqui, trazendo tábuas, toucinho e diversos gêneros alimentícios. Podem ainda descer daqui até Lorena. Desta cidade até Cachoeira, a navegação se torna já difícil, e abaixo dessa cidade é interrompida por frequentes catadupas.

Os víveres têm geralmente aqui preços extremamente módicos; mas o que prova como esta região se acha atrasada é que a passagem da legião de São Paulo bastou para torná-la conhecida. As mercadorias, atualmente muito raras, se tornam caras, e não conseguimos encontrar hoje milho, arroz, nem farinha. Experimentamos antes um embarço semelhante em Cachoeira, e a passagem da legião foi também o motivo que deram para a escassez. “Já que vocês não têm feijão, nem toucinho, nem farinha, o que comem então?”, disse José a alguns habitantes da vila. Responderam-

-lhe que viviam de goiabas, bananas e peixes quando os conseguiam pegar, e como, ao dar esta resposta, pareciam admirados da pergunta, está claro que na região muita gente vive miseravelmente, mesmo que não esteja passando nenhuma tropa.

CAMPOS D'INHÁ MOÇA, 24 de março, cinco léguas. – Pernoitamos em um rancho situado na extremidade da vila, e que depende de uma venda próxima.

A região percorrida entre Guaratinguetá e Nossa Senhora da Aparecida é muito agradável. À esquerda, colinas; à direita, o caminho abrange terrenos baixos e úmidos, em meio aos quais serpenteia o Paraíba. Nenhuma habitação demonstra conforto, mas passa-se continuamente diante de uma série de pequenas casas, na maioria vendas. Um ramo de *cactus opuntia*, suspenso junto à porta, faz essas vendas serem reconhecidas como tais pelos transeuntes, de igual maneira que em muitas províncias da França se distinguem os cabarés pelos tufos de visgo que lhes servem de insígnia.

Como hoje é domingo, uma multidão se dirige à missa. Alguns homens a cavalo estavam muito bem vestidos. Encontramos grande número de mulheres também a cavalo e desacompanhadas de qualquer homem. Vestiam, segundo o uso da região, chapéu de feltro e uma espécie de amazona de tecido azul. Há bem poucas que retribuem as saudações que lhes são dirigidas; mantêm-se firmes, não viram a cabeça para nenhum lado, e olham o passante com o rabo do olho. As mulheres pobres andam com as pernas e até os pés nus, vestem saia e camisa de algodão, trazem sobre os ombros um capote ou manta de tecido azul, e na cabeça, um chapéu de feltro. Os traços de sangue índio se distinguem menos facilmente nos camponeses desta região que naqueles dos arredores de São Paulo e da Sorocaba. Entretanto, olhando-os com atenção, percebe-se que há entre eles muitos mestiços.

Além das pessoas que iam à missa em Guaratinguetá, encontramos também negros que conduziam os alimentos. A mesma coisa todos os domingos; é o dia em que os camponeses enviam suas mercadorias à cidade. Quando José procurou ontem milho nas vendas, disseram-lhe que esperasse até domingo.

A menos de uma légua de Guaratinguetá, passa-se diante da capela de Nossa Senhora da Aparecida. A imagem adorada aqui é considerada

milagrosa, gozando de grande fama não somente na região, mas também nas partes mais longínquas do Brasil; vêm peregrinos para cá, segundo dizem, de Minas, Goiás e Bahia, cumprir promessas feitas a Nossa Senhora da Aparecida. A igreja, construída no alto de uma colina, na extremidade de uma grande praça quadrada, é cercada de casas. Possui duas torres com campanário, mas seu interior nada tem de notável. O que há, realmente, é a vista linda que se descortina do alto da colina. Pode-se contemplar uma região aprazível, coberta de matas de pouca altura; o Paraíba aqui descreve elegantes sinuosidades, e o horizonte é emoldurado pela elevada cadeia da Mantiqueira.

A cerca de duas léguas de Nossa Senhora da Aparecida, acha-se sobre a borda do caminho uma pequena igreja, denominada capela do Roseiro e que merece registro. Ao ultrapassarmos a capela, notamos muito menos casas. Marchamos sempre quase paralelamente ao Paraíba, e de tempos em tempos, o vemos por entre as árvores.

O caminho de Guaratinguetá até aqui é verdadeiramente magnífico, e a região tão plana que daria para viajar tranquilamente numa carroça. Depois de Nossa Senhora da Aparecida, um pouco mais adiante, não se veem mais aquelas pequenas árvores, pouco folhosas, de talos raquíticos, galhos muito curtos, casca brancacenta; enfim, esta vegetação de pântanos que já assinalai há poucos dias. Em nenhuma parte se percebem verdadeiras matas virgens; difícil até determinar se a vegetação presente resulta da ação dos homens, ou se foi sempre do jeito que é hoje. Frequentemente os arbustos e árvores estão esparsos em meio às ervas como nas capoeiras que servem de pasto ao gado; algumas vezes mostram-se em formação mais densa. Em espaços consideráveis, eles formam um espesso matagal entremeadado de mimosáceas espinhosas, e quando o caminho adentra a mata, parece ladeado por lindas cercas. Eu mesmo me enganei, e minha imaginação colocou plantações de mandioca e de cana-de-açúcar atrás dessas pretensas cercas, que lembram muito aquelas que circundam os jardins dos arredores do Rio de Janeiro. As plantas floridas não são muito frequentes e quase todas pertencem a espécies comuns em volta da capital. A verdura não é aqui menos fresca nem menos bela que nos arredores do Rio de Janeiro.

A bacia que percorremos torna-se menos larga à medida que avançamos, e, no lugar onde paramos, não passa de um filete d'água. Como o tempo se apresenta soberbo, o caminho perfeitamente regular, sem pedras ou lama, estamos fazendo jornadas um pouco mais longas. Haviam-me indicado o lugar onde estamos agora, como capaz de oferecer relativa comodidade para passarmos a noite, mas só achamos duas vendas miseráveis, que pertenciam a mulheres extremamente pobres e onde nos seria possível dispor nossa bagagem. Tivemos, então, de nos alojar numa pequena casa ainda em início de construção e logo abandonada. Fomos aqui muito incomodados pelos animais, os cães e os gatos da vizinhança que tentavam roubar nossas provisões.

VILA DE TAUBATÉ, 25 de março, cinco léguas. – Continuamente temos encontrado rochedos, mas hoje eles foram ainda mais numerosos que nos dias precedentes. Entre Inhá Moça e Pindamonhangaba, demos com matas incontestavelmente virgens, já que se acham bambus e lianas; entretanto elas têm muito menos vigor que as florestas virgens das regiões montanhosas. Para a vegetação das matas virgens são necessárias duas condições que se acham aliadas nas montanhas: um abrigo contra os ventos e muita umidade. Embora a bacia que percorro atualmente seja bastante plana, ela reúne estas mesmas condições, só que em menor grau. Entre duas cadeias de montanhas, esta bacia recebe as águas que se evolvem de uma e de outra e está por ambas garantida contra os ventos. Sabe-se, porém, que a evaporação deve ser mais rápida em uma região plana do que nos vales estreitos e profundos, ou na encosta das montanhas circundantes. É, portanto, natural da mesma forma que haja matas nesta região e sejam menos vigorosas que as das montanhas.

A cerca de duas léguas de Inhá Moça, o caminho passa ao lado da pequena cidade de Pindamonhangaba. Deixei minha caravana ir adiante e fiquei passeando por alguns instantes. Ela é pouco notável e só tem uma rua. As casas baixas, muito pequenas, mas cobertas com telhas muito limpas, e geralmente bem conservadas. Existem em Pindamonhangaba três igrejas muito pequenas. Cheguei a entrar na principal, achando-a escura e feia.

Um pouco depois de Pindamonhangaba, a vegetação muda inteiramente de característica, mostrando pastagens naturais. Bem diferentes das pastagens mineiras, elas se compõem principalmente de gramíneas

veludas que devem uma tinta acinzentada aos pelos que as cobrem. Em meio a essas gramíneas cresce um pequeno número de espécies pertencentes a outras famílias. Esta não é a primeira vez que vi pastagens semelhantes, características das regiões pouco elevadas e um pouco secas onde há tantas matas. Lembro-me de ter visto semelhantes na parte setentrional da Capitania de São Paulo. Após estas pastagens vêm bosques, depois outras pastagens. Aquelas dos arredores de Taubaté são úmidas e encontrei aqui várias plantas mineiras, particularmente a *hyptis* e a rubiácea. Por tudo isso, pode-se dizer que Pindamonhangaba serve de certa maneira de limite à vegetação do Rio de Janeiro.

Paramos em Taubaté e nos alojamos num albergue de propriedade de uma mulata. O albergue se compõe, segundo o costume, de pequenos quartos, que não se comunicam entre si, e abrem-se para a rua, assim como as celas de um mosteiro, dando acesso todos a um corredor comum.

.....

## *Capítulo XXVII*

DESCRIÇÃO DA CIDADE DE TAUBATÉ – ALBERGUE – JAPEBAÇU – TABUÃO – CARAGUNTA – CAPÃO GROSSO – RAMOS – PIRACANGAVA – JACARAÍ – PAPEIRA – MESTIÇOS DE ÍNDIOS – NOSSA SENHORA DA ESCADA – ÁGUA COMPRIDA – PARASITOS – MOGI DAS CRUZES – O SARGENTO-MOR FRANCISCO DE MELO – INDIFERENÇA POLÍTICA DA POPULAÇÃO – SERRA DO TAPETI – DESCRIÇÃO DA CIDADE DE MOGI – RIO DE JUNDIAÍ – O TAIAMPERA – RIO DO GUAIÃO – PÂNTANOS – INHAZINHA – PENHA – BARBA-DE-BODE – BANANA-DO-BREJO – CASA PINTADA – O TIETÊ – A CAPITANIA DE SÃO PAULO SALVOU O BRASIL – OS IRMÃOS DE ANDRADA E SILVA – TATUAPÉ – SÃO PAULO – GUILHERME – O BRIGADEIRO VAZ – O GENERAL D’OEYNHAUSEN.

**P**IRACANGAVA, 26 de março, uma légua e um quarto. – A cidade de Taubaté, a maior de todas por mim conhecida desde que entrei na capitania de São Paulo, situa-se numa planície e apresenta a forma de um quadrado alongado. Contam-se cinco ruas longitudinais não muito largas, mas bastante limpas, cruzadas por várias outras. As casas próximas umas das outras, só de rés do chão, baixas e cobertas de telhas. Caiadas na fachada em sua maioria, têm quintais com bananeiras e cafeeiros.

A igreja paroquial, bem grande, possui duas torres e cinco altares, além do principal; mas como as de Guaratinguetá e Pindamonhangaba, apenas recebe luz pelos lados da nave, sendo, por conseguinte, bastante escura. Além desta igreja existem em Taubaté três muito pequenas, que só merecem designação de capelas.

Quem vem do Rio de Janeiro passa por um enorme convento pertencente à Ordem dos Franciscanos e que contribui muito para o embelezamento da cidade. Acha-se voltado para ela e dela é separado por imensa praça quadrada, chamada o Campo, coberta de ervas e de vassouras.

Como em todas as cidades do interior do Brasil, a maioria das casas fica fechada durante a semana e habitada somente nos domingos e feriados. Encontram-se em Taubaté operários de diferentes estados, muitos albergues e vendas. Entre estas últimas, há algumas tão mal providas, que é impossível que seu proprietário possa pagar os impostos e viver do lucro auferido daquilo que vende. Acredita-se na região que, se estes homens subsistem, é pelo ganho obtido sobre os objetos roubados que compram aos escravos.

As terras dos arredores de Taubaté são muito apropriadas à cultura da cana-de-açúcar e do café. Antigamente se cultivava mais a cana-de-açúcar, porém, depois que o preço do café sofreu uma alta considerável, os agricultores não querem plantar outra coisa além de café.

Esperava percorrer hoje quatro ou cinco léguas; mas fui obrigado a mandar fazer uma nova albarda, e o artesão só me entregou às quatro horas. Foi preciso mais uma hora para o carregamento e só nos pusemos em rota ao pôr do sol. Estava inclinado a permanecer na cidade até amanhã; mas uma légua hoje seria menos uma légua amanhã; eu temia, além do mais, para José as canseiras da noite.

Esses albergues do interior são péssimos, sendo a proprietária uma mulher, não passam de bordéis, quando é um homem, as prostitutas alugam os quartos e oferecem seus encantos aos viajantes, e se, por acaso, não houver nenhuma no albergue, o proprietário estará sempre pronto a dar todas as informações necessárias para encontrar algumas. Essas mulheres têm, além disso, quase sempre aspecto rude e desagradável.

Para chegar aqui, viajamos à noite; ao longe, os relâmpagos e trovões, e eu receava que a tempestade nos atingisse, mas felizmente chegamos antes que ela começasse. Eu havia tomado a dianteira; o dono do rancho pôs aqui uma lâmpada e, apesar da escuridão, os objetos puderam ser descarregados e arrumados.



Entre Lorena e Taubaté, o pescado se torna abundante, proporcionando bom mercado. O Paraíba o fornece. É vendido fresco, mas se encontra, na maioria das vendas, também seco e salgado.

PIRACANGAVA, 27 de março, quatro léguas e meia. – As ervas felpudas das pastagens que descrevi anteontem não caem no agrado dos cavalos e das mulas. Entre Piracangava e Japebaçu, no espaço de uma légua, atravessamos outras pastagens onde as gramíneas cobertas de pelos são entremeadas de algumas espécies peladas e onde as bestas de carga encontram nutrição mais adequada. As espécies pertencentes a outras famílias, além das gramíneas, são igualmente muito mais comuns nesses campos que percorremos hoje.

Do Japebaçu até aqui, a região é desigual, coberta de matas e continuamente cortada de riachos. Em nenhuma parte as matas têm grande vigor. Tanto maior quanto mais ondulações oferece o terreno. O caminho continua magnífico.

Ao transpormos a serra, experimentamos forte calor. O dia de hoje, principalmente, foi muito quente, com chuvas torrenciais à noite.

Em Japebaçu acha-se uma casa distante apenas uma légua de Piracangava; a aproximadamente meia légua desta, encontra-se outra, chamada Tabuão; Caragunta, situada a uma légua de Tabuão, forma uma espécie de pequeno povoado; em Capão Grosso, agrupam-se outras casas; existe uma habitação em Ramos, uma légua de Caragunta, e há várias que deixarei de mencionar para não ser minucioso demais.

À exceção de uma ou duas, essas casas só demonstram a miséria, e as roupas dos seus moradores comprovam tal ideia. As mulheres trazem a cabeça descoberta, os cabelos desgrenhados; sua única vestimenta consiste numa camisa de tecido grosseiro de algodão, quase sempre rasgado e imundo. Os homens vestem camisa e calção de tecido também de algodão, com um colete de lã, as crianças, só camisa geralmente esfarrapada.

Os moradores às margens do caminho parecem brancos, mas distinguem-se entre muitos deles traços típicos da raça índia. Cabelos louros e olhos azuis são frequentes. Em quase todas as casas, lindas crianças; mas aqueles que chegaram aos doze ou quinze anos já estão perdidos: magros, de olhar desfalecido, tez macilenta e terrosa, o que se deve, sem dúvida, ao regime de desnutrição a que estão submetidos.

Grande parte das casas na beira da estrada são vendas, mas nelas não se encontra nada além de bananas, algumas garrafas de cachaça e um pouco de fumo. Quase todas as vezes que parei nessas vendas para saber o nome da localidade onde estava ou pedir qualquer outra informação, perguntavam-me se não queria comprar alguma coisa; um homem chegou mesmo a me convidar para ir a seu rancho, assegurando-me que nenhum de seus vizinhos vendia mais barato que ele. Em Minas, me disse José, que é mineiro, a pessoa faminta está certa de encontrar, em qualquer parte, um prato de feijão com farinha, sem ser obrigada a pagar. Aqui, pendura-se diante das casas um pedaço de talo espinhoso da figueira-do-inferno para advertir aqueles que, não tendo dinheiro, serão mal recebidos.

VILA DE JACARAÍ, 27 de março, cinco léguas e meia. – A região continua muito irregular, coberta de bosques e pastagens. Ora estas só apresentam plantas herbáceas, ora arbustos mais ou menos numerosos, dispersos em meio às ervas e, às vezes, até mesmo pequenas árvores. Multiplicam-se muito os regatos e quase sempre ladeados por terrenos pantanosos onde a regra são arbustos delgados, fracos, pouco folhosos, como aqueles que já descrevi. Certamente teria encontrado muitas plantas nesses pântanos; mas infelizmente não pude ficar para trás, porque só havia duas mulas para quatro pessoas, e estas precisavam estar juntas para se revezarem.

As espécies nas pastagens são quase todas comuns aos campos da Capitania de Minas; as matas oferecem muito poucas plantas floridas e estas também quase as mesmas.

Ainda não cessamos de caminhar paralelamente à serra da Mantiqueira; mas não víamos mais a de Quebra-Cangalha, que, segundo me disseram, termina na altura de Taubaté. A uma légua e meia de Piracangava, passamos pela cidade de São José sem nela entrarmos. Entre Lorena e Jacaraí não se transita, se não me engano, por nenhuma localidade tão próxima à serra da Mantiqueira. Essa cidade deve às montanhas uma vista muito pitoresca; fora disso, não passa de uma mísera vila composta de casebres baixos e malconservados. A igreja, pequena, só tem uma torre pouco elevada. Encontramos ainda menos casas às margens do caminho e, se isso é possível, ainda mais miseráveis.

Chegando a Jacaraí, aluguei dois pequenos quartos para pernoitar numa casinha situada na entrada da cidade. Como não tive tempo de percorrer esta, só falarei dela com detalhe amanhã.

ÁGUA COMPRIDA, 29 de março, quatro léguas. – Jacaraí, localizada às margens do Paraíba, entre este rio e os pântanos, é maior do que Pindamonhangaba e São José, mas parece pouco habitada. Veem-se alguns sobrados, mas também numerosas casas bem pequenas que demonstram a mais completa penúria. Muito grande, mas pouco ornada, a igreja paroquial, construída em barro batido, não é caiada. Duas outras igrejas, sendo uma fora da cidade, ambas tão pequenas, que não merecem comentário.

Desde Baependi, não cessamos de encontrar pessoas com papeira (bócio). Ela era tão vulgar em Pouso Alto, que meus pequenos índios apelidaram essa aldeia de Vila dos Papos. Mas em nenhum lugar do Brasil essa doença é bastante comum como em Jacaraí. Numerosos indivíduos apresentam o pescoço sobrecarregado com uma tão grossa massa de carne, que a cabeça tomba sobre o peito. Com dificuldade a movimentam, e sua voz adquire um som simultaneamente agudo e surdo. Sem se acharem como os cretinos da Suíça em estado de imbecilidade completa, estes infortunados, entretanto, possuem inteligência limitada e sobrepujam ainda em apatia e estupidez os seus compatriotas que não têm a mesma doença. Alguns a quem perguntei o nome da terra em que habitam não me souberam dizer.

Os traços da raça índia se revelam de maneira mais pronunciada entre os habitantes de Jacaraí do que entre os das outras localidades por onde passei até o presente. E isso não é extraordinário, já que esta região está ainda a uma distância bem considerável de São Paulo, tendo apenas comunicação indireta com o Rio de Janeiro e, por conseguinte, os cruzamentos se tornam menos frequentes. Se essa tez desbotada que caracteriza os descendentes de brancos e índios é geralmente mais pronunciada, os olhos têm geralmente ligeira divergência. Eles são mais estreitos do que entre os europeus de raça pura, o nariz mais chato, os ossos da face mais proeminentes. As fisionomias quase sempre patenteiam brandura e docilidade, mas sempre inexpressivas. Os homens daqui são lentos em seus movimentos; parecem indiferentes a tudo, não mostram a menor curiosidade, falam pouco e bem menos polidos que os mineiros. A pronúncia portuguesa adquire na boca destes últimos uma suavidade inexistente no

português da Europa, mas aqui essa brandura se transforma em moleza; as inflexões, pouco variadas, denunciam algo de infantil que lembra a linguagem dos índios.

Enquanto os mulatos sobejam na Capitania de Minas, rareiam nesta região; os descendentes dos índios são muito pobres para comprar um bom número de escravos, e como as brancas, ou ao menos as mulheres assim parecidas são muito bonitas, não se ocultam e tão fáceis quanto as negras, não há necessidade de se recorrer a essas últimas.

Passa-se o Paraíba em pirogas. Pagam-se dois vinténs por pessoa, quatro vinténs para as mulas e cavalos, mesmo que atravessem o rio a nado, e enfim dois vinténs pela carga de cada animal. Minhas cartas de apresentação me pouparam ainda essa despesa.

Ao partir do Rio de Janeiro, temia que elas não tivessem o mesmo valor que antes. Acreditava que já não iriam reconhecer nenhum privilégio; que se faria pouco caso da assinatura do ministro de Estado e de um passaporte dado pelo sr. João Carlos d'Oeynhausen quando ainda capitão-geral. Era julgar os habitantes deste país como europeus, e deles fazer uma ideia bem falsa. As revoluções operadas em Portugal e no Rio de Janeiro não exerceram nenhuma influência sobre o espírito dos habitantes deste país; eles se mantêm completamente alheios a todas as nossas teorias; a mudança do Governo não lhes fez bem nem mal e, portanto, não demonstram nenhum entusiasmo com isso. Só uma coisa compreendem: é que o restabelecimento do sistema colonial os prejudicaria, porque, se os portugueses fossem os únicos que viessem comprar seu açúcar e seu café, não venderiam mais seus gêneros tão caros. Por outro lado, devotam sempre o mesmo respeito pela autoridade, falando do Rei como o árbitro supremo de sua existência e da de seus filhos. É sempre ao Rei que pertencem os impostos, a passagem dos rios, etc. Eu perguntava a um agricultor, que não me parecia dos mais pobres, se o povo estava contente com o novo governo da capitania: "Dizem que vai melhor que o antigo", respondeu-me ele... "O que há de certo é que, quando alguém apresenta uma petição, não obtém resposta tão depressa como quando nosso capitão-general decidia tudo por si só, e isso é muito desagradável para os que não podem perder tempo." Não foi possível enviar de Jacaraí nenhum miliciano para o Rio de Janeiro; todos fugiram para as matas.

A três léguas de Jacaraí, passamos pela paróquia de Nossa Senhora da Escada, outrora uma aldeia de índios. Há tão poucos deles hoje em dia que não avistei nenhum na vila nem nos arredores. Esta conserva, entretanto, o nome de Aldeia. É construída sobre uma colina pouco considerável que se eleva acima do Paraíba. A maior parte das casas está enfileirada em volta de uma grande praça, e pode-se julgar quanto ela é pobre, pois que pedi, em vão, aguardente de cana em diversas vendas. Há poucos países, no entanto, onde essa bebida seja tão consumida e a tão baixo preço. Ao cruzarmos o Paraíba, a região já não se mostra a mesma: tornou-se muito montanhosa, e desde Jacaraí até aqui sempre atravessamos matas. Fizemos alto em casa de um agricultor que nos permitiu muito cortesmente pernoitarmos em sua casa. Coberta de telhas, é a melhor das habitações que vimos desde Jacaraí. Apesar disso, o dono não veste mais do que um calção e uma camisa de tecido de algodão, tal como os camponeses. Ele não parece nem mais espirituoso nem mais ativo que o resto dos seus compatriotas e, enquanto conversava comigo, catava seus piolhos da cabeça e matava-os sem cerimônia. Em nenhuma parte do Brasil esses parasitos são tão comuns como aqui. As crianças e as mulheres têm a cabeça coberta deles, e estas matam reciprocamente seus piolhos, tranquilamente sentadas na soleira da porta, e nem de longe se importam com os olhares dos passantes.

MOGI DAS CRUZES, 30 de março, quatro léguas. – Durante grande parte da rota, a região continua montanhosa. A cerca de três léguas de Mogi, passa-se diante da fazenda Sabaúna, propriedade dos carmelitas. Quando se chega a três quartos de légua de Mogi, começa-se a perceber essa cidade; o aspecto da região muda inteiramente; há um vale longo e pantanoso revestido unicamente de ervas, cercado, à direita, por montanhas cobertas de matas e bastante altas (a serra do Tapeti), e à esquerda, por algumas colinas. Um aterro bem feito prolonga o caminho no meio dos pântanos e chega-se ao Tietê, cujas águas parecem quase negras, e mal tem a largura do Essonne diante de Pithiviers. Cruza-se o rio por uma ponte de madeira, além da qual o aterro prossegue por algum tempo e logo se está na cidade. Depois de atravessá-la, encontrei José, que tomara a dianteira, estabelecido num albergue à beira da estrada. Este é construído exatamente como os de Baependi e de Taubaté; não me detenho, pois, a descrevê-lo.

Rafael Tobias de Aguiar me dissera, quando veio ao Rio de Janeiro, no mês de janeiro último, que eu procuraria inutilmente um muleteiro em São Paulo para conduzir minhas malas ao Rio de Janeiro; que eu encontraria um muito mais facilmente em Mogi, e, com esse propósito, tivera a gentileza de me dar uma carta para o sargento-mor dessa cidade, o sr. Francisco de Melo. Após haver arrumado minhas plantas, dirigi-me à casa do sargento-mor, onde deparei muitos homens, entre outros alguns padres ocupados em jogar. Mandaram-me sentar, e pouco tempo depois o sargento-mor chegou. Entreguei-lhe a carta do sr. Rafael. Após a ter lido, disse-me que duvidava que se encontrassem nos arredores mulas para alugar; que se achariam mais facilmente em Jacaraí; que ele escreveria a esse respeito a um dos principais moradores dessa cidade. Por via das dúvidas, mandaria procurar um muleteiro no lugar e me convidava a passar em sua casa, de novo, na manhã seguinte. Após essa conversa, ninguém me assegurou mais nada nem me fez nenhuma gentileza, e me retirei, felicitando-me de não me ter alojado na casa do sargento-mor, como fora meu desejo.

INHAZINHA, 31 de março, três léguas e três quartos. – Quando voltei à casa do sargento-mor, o muleteiro ainda não havia chegado. Pus-me a conversar com alguns homens que lá estavam. A maneira de vestir mostrava logo que não eram camponeses; o modo de falar e seus modos não eram tampouco o dos habitantes do campo; mas não os achei muito mais interessantes que estes últimos. A conversa caiu sobre os acontecimentos do Rio de Janeiro. Pareceu-me que esses homens não formavam uma ideia bem clara a respeito, estavam muito pouco a par do objetivo que se propôs na revolução de Portugal; enfim, não conheciam direito os interesses de seu país e suas relações com a mãe-pátria.

Os distúrbios do Rio de Janeiro tinham sido obra dos europeus; as revoluções das províncias foram ação de algumas famílias ricas e poderosas. A massa do povo, indiferente a tudo, parecia dizer como o asno da fábula: “Não bastará sempre que eu carregue minha albarda?”

O muleteiro chegou afinal, e disse que naquele momento não podia alugar suas mulas. Afirmaram-me que eu as encontraria facilmente em São Paulo, mas estou acostumado a essa linguagem e temo sofrer ainda muitos atrasos.

Mogi das Cruzes está situada num vale largo e pantanoso, limitada, de um lado, por umas colinas e, do outro, pela serra do Tapeti, que provavelmente não passa de um ramo da serra da Mantiqueira. Essa pequena cidade apresenta mais ou menos a figura de um paralelogramo. Suas ruas são bastante largas, porém cercadas de casas pequenas e bem feias. Sobre a praça principal, quadrangular, há várias casas de um pavimento, mas não mais bonitas que as outras. A igreja paroquial forma uma das esquinas dessa praça. Muito grande, contudo mal adornada. Três outras igrejinhas, que não vi, são, segundo me disseram, ainda menos bem cuidadas.

Na entrada da cidade, do lado do Rio de Janeiro, um pequeno convento pertencente à Ordem dos Carmelitas. Entrei na igreja e achei a capela-mor decorada com muito bom gosto. Enfileiraram na igreja uma série de grandes figuras que representam o Cristo e diversos santos, e se destinam a ser carregadas nas procissões da Semana Santa. As imagens, de madeira, talhadas em tamanho natural, pintadas e vestidas.

Os habitantes de Mogi e redondezas são geralmente pobres. Suas terras, pouco férteis, e o algodão quase o único produto que exportam. Pelo que me contaram, fabricava-se outrora açúcar nos arredores de Taubaté, mas desde que o preço do café subiu, deixou-se de lado a cana-de-açúcar em favor dos cafeeiros.

Essa cidade é renomada pelas esteiras e cestos que fazem nas vizinhanças. As cores de que as pintam, extraídas dos vegetais da região, têm muita vivacidade, mas desbotam com facilidade. Nos arredores de Jacaraí, planta-se muito café de excelente qualidade. Os agricultores enviam o produto de sua colheita ao Rio de Janeiro ou a Santos. Não possuem tropas de mulas e alugam-nas a muleteiros. Nas proximidades de Taubaté e Jacaraí, criam-se muitos porcos e conduzem-se em varas ao Rio de Janeiro, ou então matam esses animais para expedir o toucinho ao porto de Santos. O comércio de cavalos e mulas constitui ainda um dos recursos da região.

Logo após sair de Mogi, encontramos-nos em pântanos cobertos de uma erva espessa, no meio da qual as eriocauláceas são muito comuns. A uma légua da cidade passamos pelo rio Jundiá, que, perto daí, se lança no Tietê e, meia légua adiante, encontramos o Taiaçã, que se atravessa por uma ponte de madeira, em conserto naquela ocasião; apesar disso,

chegamos ao outro lado sem acidente. Depois de Taiampera vêm matas. Os charcos reaparecem a seguir, depois matas e assim sem interrupção até aqui. Nos pântanos, fizeram um aterro que, em geral, se acha em muito bom estado. Entretanto, depois do rio de Guaião há lamaçais perigosos. As mulas afundavam quase até o peito num lodo negro como tinta. Uma delas caiu duas vezes e foi preciso descarregá-la. Antes de chegar aqui, vimos algumas casinhas à beira do caminho. Aquela onde paramos é mais considerável que as outras. Apesar disso, aí ficamos muito mal acomodados. O pequeno quarto que nos deram não tem porta. O vento penetra de todos os lados, e hoje de noite, principalmente, fez muito frio.

INHAZINHA, 1º de abril, cinco léguas. – De Inhazinha até a Penha, o terreno é geralmente ondulado, e a vegetação se modifica de maneira notável. Às vezes, atravessamos bosquezinhos de uma vegetação bastante vigorosa; outras vezes, quase não se elevam senão à altura de nossas matas de corte, e então aí brota em abundância a bonita melastomatacea que, sobre o mesmo pé, reúne flores brancas e azuis, algumas de um violeta avermelhado, outras de um vermelho purpurino, outras, enfim, que participam dessas duas cores. Muitas vezes se percorrem campos onde se espalham grupos de arbustos; finalmente, veem-se também terrenos pantanosos, cobertos somente de ervas, e outros onde crescem arbustos apertados de casca brancacenta com hastes delgadas, e cujos ramos são curtíssimos.

Nos campos, como os dos arredores de Taubaté, vegeta com opulência a gramínea denominada barba-de-bode, mas que neste momento não está em floração. Os negros formam, com suas hastes unidas, certos cordões que eles apertam com um fio e de que fazem chapéus. Nos pântanos, como nos de Minas, viceja uma arácea de folhas grandes chamada banana-do-brejo. Seus frutos suculentos e dispostos em espiga têm gosto extremamente agradável e de odor suave. Mas é preciso contentar-se em chupá-lo e evitar cuidadosamente pôr na boca o eixo da espiga, cujo sabor é acre e causa dores de garganta.

Perto do local chamado Casa Pintada, a duas léguas e meia de Inhazinha, existe ainda uma péssima passagem, mas conseguimos atravessá-la sem acidente. A paróquia de Nossa Senhora da Penha, como já disse noutra lugar, está situada sobre uma pequena eminência, e serve de miran-



te à cidade de São Paulo. Abaixo dessa vila, cruzando-se o Tietê, encontra-se em seguida um terreno perfeitamente plano até São Paulo. Não devo esquecer-me de relatar que, pouco tempo depois de haver deixado Inhazinha, recomeçamos a divisar a serra da Mantiqueira. Não querendo chegar à noite a São Paulo, onde não saberia como alojar meu mundo e minhas mulas, decidi parar a três quartos de légua da cidade, numa venda da qual depende uma pastagem fechada.

Quando estava trabalhando, vi passar o dr. Melo Franco, que ia a sua casa de campo. Veio a meu encontro, e pedi-lhe permissão para acompanhá-lo alguns instantes. Enquanto caminhávamos, falamos bastante, e a conversa girou quase unicamente sobre os negócios do Brasil. Pode-se dizer, realmente, que a Capitania de São Paulo salvou o Brasil graças à energia com que ela se declarou contra as medidas das Cortes de Lisboa e à fidelidade de que fez prova para com o Príncipe. Essa lealdade é nos paulistas uma espécie de instinto, porém não menos verdadeiro que nada se teria feito aqui, ou se cometeriam talvez mais tolices que noutra lugar, se dois homens de grande talento não tivessem estado à frente do governo: José Bonifácio de Andrada e Silva e seu irmão. Todo o bem que se operou nesta capitania é obra sua.

Entre os brasileiros, muitos há com inteligência natural e facilidade; mas, em geral, não estudam ou fazem uma escolha e não têm ideias adquiridas. Não possuem, portanto, nenhum conhecimento de administração nem qualquer opinião política, e se os habitantes das províncias se desunirem, não será por culpa de sistemas ou teorias, mas por rivalidades entre cidades, ódios de família, preferência a tal indivíduo e não a outro, ou a causas igualmente mesquinhas. A Providência permitiu que dois homens superiores se encontrassem à testa do governo desta capitania, e eles realizaram tudo que quiseram, porque os outros não sabiam fazer nada e eram subjugados pela ascendência desses dois conterrâneos.

TATUAPÉ, 2 de abril. – Eu tinha muitas plantas a etiquetar, e era bem tarde quando parti para a cidade. Fiz-me acompanhar de José e deixei Laruotte, Firmiano, os dois guaranis e a bagagem debaixo do rancho. Desci primeiro à casa de Guilherme (William Hopkins), antigo empregado do Sr. de Woodford, que eu conseguira passar grátis sobre a fragata *Hermione* e que se mostrou tão reconhecido quando da minha primeira estada

em São Paulo. Ele pareceu muito contente de me rever, e se encarregou de mandar lavar minha roupa branca, e já iniciou negociações para me encontrar um muleteiro. Fui procurar o ouvidor, que não encontrei, o velho brigadeiro Vaz, que me permitiu enviar minhas mulas a sua casa de campo, e finalmente o capitão-geral, João Carlos d'Oeynhausen, que me recebeu fidalgamente, e conversamos muito sobre os negócios públicos. Supondo-me um realista exagerado, pareceu a princípio pouco à vontade comigo; sondamo-nos mutuamente durante algum tempo, mas acabou por se entregar inteiramente, ao sentir que eu estava longe de reprovar o comportamento que seguiu.

Quando a revolução começou, os capitães-gerais viram-se na alternativa embaraçosa de se tornarem odiosos ao povo, procurando manter a antiga ordem de coisas, ou desagradarem ao Rei se não sustentavam sua autoridade. Mas logo que este renunciou ao poder absoluto, é claro que os capitães-gerais, que não eram senão seus representantes, deviam fazer o mesmo nas províncias. Acostumados, porém, a governar despoticamente e a receber homenagens, que chegavam quase à adoração, custou-lhes partilhar seu poder, não serem mais que os presidentes de uma junta provisória e tornarem-se os iguais de alguns dos que eles tratavam com tanta superioridade. Eles se persuadiram de que a revolução acabaria por ser sufocada e não se prestaram, senão com repugnância extrema, à execução dos novos decretos. O povo já não via neles mais que defensores interessados da tirania; já não podiam ter partidários, porque ninguém ganharia com a manutenção da antiga ordem de coisas, e eles foram derrubados. É bem verossímil que João Carlos d'Oeynhausen teria a mesma sorte, se não houvesse sido sustentado por José Bonifácio e seu irmão, que sabiam que o capitão-geral era amado pelo povo; e pensaram com razão que os paulistas, ligados como são ao Rei e à sua família, respeitariam mais o novo governo da província se lhe pusessem à testa o homem que fora escolhido pelo Rei e o havia representado até então. Por esse meio, a passagem do antigo regime ao novo foi menos repentina, e o povo do campo e das cidades se acostumou mais facilmente a este último.

.....

## *Capítulo XXVIII*

SÃO PAULO – ALUGUEL DE OITO MULAS PARA A VOLTA – O CORONEL FRANCISCO ALVES – FESTAS DA PÁSCOA DE 1822 – BAIXO DAS BANANEIRAS – MOGI DAS CRUZES – FRIO – ELEITORES – FAZENDA DE SABAÚNA – FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA ESCADA – VILA DE JACARAÍ – VILA DE TAUBATÉ – O POVO NADA GANHOU COM A REVOLUÇÃO – RIBEIRÃO – RANCHO DAS PEDRAS – NOSSA SENHORA DA APARECIDA – RANCHO DE TOMÁS DE AQUINO – FIRMIANO – RANCHO DE SAPÉ – FALSOS RUÍDOS SOBRE A PRISÃO DO PRÍNCIPE NA PROVÍNCIA DE MINAS – RANCHO DA ESTIVA – FERRO IMPORTADO DO ESTRANGEIRO – O PRÍNCIPE ENTRADO EM VILA RICA – COMPOSIÇÃO RIDÍCULA DA JUNTA PROVISÓRIA DE GOIÁS – PLANTACÕES DE CAFÉ – VILA DAS AREIAS – CULTURA DO CAFÉ – UM FRANCÊS – MÁ IMIGRAÇÃO FRANCESA – RANCHO DO RAMOS – A CIDADE DE CUNHA – PAU-D’ALHO – RANCHO DO PEDRO LOUCO – BANANAL – NOTA SOBRE OS BOTOCUDOS – RANCHO DE PARANAPITINGA – RANCHO DOS NEGROS – RIO PIRAÍ – PONTE INACESSÍVEL – RANCHO DO PISCA – VILA DE SÃO JOÃO MARCOS – RANCHO DE MATIAS RAMOS – TROPA DE NEGROS NOVOS – ROSA D’EL REI – A SERRA – VENDA DE TOLEDO – RIO DA TEXURA TRANSBORDADO – MULA ROUBADA – GRANDE VALE NA EXTREMIDADE DO QUAL SE ENCONTRA O RIO DE JANEIRO – TAGUAÍ – PLANÍCIE DE SANTA CRUZ.

**S**ÃO PAULO, 11 de abril. – No dia 3, vim a São Paulo e alojei-me, como na viagem precedente, na casa de campo do coronel Francisco Alves. Imediatamente procurei oito mulas de aluguel para transportar ao Rio de Janeiro as coleções que deixara aqui, e me arranjei com um arriero mediante um de reserva para cada animal. Devíamos partir ontem, mas o tempo está

horrível, e duas das mulas alugadas fugiram. Chove ainda hoje, e duvido que possamos pôr-nos a caminho. No dia seguinte àquele em que me hospedei na casa do coronel Francisco Alves, mandei trazer para lá as vinte caixas que deixara em depósito na casa do general. Já examinei seis pastas de plantas, e, à exceção de uma dúzia de amostras, encontrei o restante no melhor estado possível; troquei-lhes o papel, tornei a fechar as pastas e as fiz cobrir de um encerado que nós mesmos preparávamos. Os insetos estão um pouco sujos, mas não danificados. Não desembulhei inteiramente as aves, mas a primeira camada de cada mala me pareceu muito bem conservada.

Tinha muitas compras a fazer e pequenos trabalhos a encomendar aos operários, e encontrei ainda mais dificuldades do que na minha primeira viagem, por causa das festas da Páscoa de 1822 (7 de abril), que sempre se opunham a qualquer pedido que fizesse. Essas festas atraem aqui grande número de pessoas do campo. Acompanhei parte dos officios religiosos, e fiquei chocado com a desatenção dos fiéis. Ninguém penetra no espírito das festas. Os homens mais distintos tomam parte nelas por hábito, e o povo como um divertimento. No officio de Quinta-Feira Santa, a maior parte dos assistentes comungou pela mão do bispo. Olhavam à direita e à esquerda, conversavam antes desse momento solene e recomeçavam a conversar logo depois. Aliás, há uma circunstância que deve servir de desculpa a essa gente. Ignoram a finalidade e o espírito das cerimônias da religião, e não entendem a língua em que os padres dirigem suas preces ao Senhor. E como inexistente o hábito de levar o livro de missa nas igrejas, não há absolutamente nada que possa fixar a atenção dos fiéis.

Na noite de Quinta-Feira Santa, o altar-mor de todas as igrejas mostrava-se extremamente enfeitado, e os degraus que se elevavam acima do altar em anfiteatro estavam carregados de uma prodigiosa quantidade de tochas. Admirava-se sobretudo a iluminação da igreja do Carmo. As ruas apinhadas de gente que passeava de igreja em igreja, mas unicamente para vê-las e sem a menor aparência de devoção. Vendedores de bombons e doces ficavam sentados no chão à porta das igrejas, e os homens do povo presenteavam as mulheres com quem passeavam. Na Sexta-Feira Santa, os altares das igrejas não estavam despojados, como se pratica entre nós, mas o nicho de cada altar se encontrava encoberto por um pano pintado que representava algum santo.

A primeira igreja que visitei foi a do Carmo. À esquerda e abaixo do altar-mor, haviam colocado uma pequena ferragem vestida e enfeitada representando Nossa Senhora das Dores, e sobre o próprio altar uma figura de Cristo, em tamanho natural, estendida num caixão e recoberta de gaze. Os fiéis começam por beijar a barra do manto da Virgem, depois vão depositar sua oferenda perto da figura de Cristo. Na igreja de Santa Teresa, era debaixo do altar que ficava essa figura. Apenas a catedral tinha um aspecto lúgubre. Mas estava iluminada, e uma longa cortina negra velava o nicho do altar-mor. Diante da cortina, tinham colocado uma enorme cruz da mesma cor, que dela apenas se destacava, e um sudário branco, revestido entre os braços da cruz, parecia de certa forma suspenso no ar. A figura do Cristo, deitada sobre o altar, era escondida por um pano espesso, e somente uma das mãos um pouco estendida aparecia. Os fiéis iam todos beijá-la, depositando esmola numa bandeja. O que prejudicava um pouco o efeito desse conjunto: a presença de um jovem sacristão de camisa e sem gravata que se mantinha sentado displicentemente ao lado da bacia, numa atitude de aborrecimento e de indiferença, as pernas cruzadas e o peito quase inteiramente descoberto.

Lá pelas oito horas, uma procissão saiu da igreja do Carmo.

Em São Paulo, as negras e as mulatas e, em geral, as mulheres do povo só usam na igreja envolver a cabeça e o corpo com um pedaço de pano preto; as mulheres de classe mais elevada levam na cabeça e nos ombros uma mantilha de casimira negra, com a qual ocultam quase inteiramente o rosto, e que é bordada com uma renda larga da mesma cor.

BAIXO DAS BANANEIRAS, 12 de abril, quatro léguas e meia. – Hoje, o tempo estava esplêndido; entretanto, já era muito tarde quando nos pusemos em marcha, e quase noite ao chegarmos aqui. Não há nada a acrescentar ao que já tinha dito sobre a região percorrida. A diversidade que a vegetação oferece, a vista da serra da Mantiqueira, o panorama da cidade de São Paulo, que já se começa a perceber deste lado de Nossa Senhora da Penha, e também o da Vila da Conceição, localizada na vizinhança da Penha, tornam essa região verdadeiramente agradável. O lugar no qual paramos é um povoado composto de várias choupanas, na maioria vendas. Ficamos numa casa ainda não acabada, onde o vento penetra de todos os lados.

MOGI DAS CRUZES, 13 de abril, cinco léguas e meia. – O frio, como eu tinha pensado, acentuou-se esta noite, e cheguei a passá-la muito mal. É na altura do rio Taiaçupeva que deixamos de avistar a serra da Mantiqueira, escondida pela do Tapeti, cuja altura é bem considerável, levando-se em conta que a observamos de um ponto muito mais aproximado. Quando passei por aqui da primeira vez, a erva dos pântanos começava a perder seu viço; mas nesse curto espaço de tempo, se tornou quase amarela, e grande número de plantas feneceu. Acredito que se deve atribuir essa mudança tão rápida ao frio de todas as noites. De qualquer maneira, ainda encontrei enorme quantidade de plantas floridas, das quais algumas eram novas para mim. Em geral, a região que se estende entre Pindamonhangaba e São Paulo é uma daquelas em que há maior variedade de vegetação, e nos meses de outubro e novembro poderiam fazer-se aqui grandes coletas.

Achamos os caminhos muito melhores. Tem-se o cuidado de consertá-los porque o Príncipe, no momento, está em Minas e logo deverá se dirigir a São Paulo. Diariamente, encontramos os eleitores da paróquia que se dirigem a São Paulo para aí elegerem o procurador que, segundo o sistema recentemente adotado, deve representar a província junto ao governo central. Alguns eram seguidos, como também ocorre em Minas, por um negrinho que leva pendurada ao pescoço uma grande caneca de prata pendente de uma longa corrente. A caneca se destina a apanhar água nos regatos sem que seja obrigado a descer do cavalo.

De noite fui à casa do sargento-mor Melo, mas como ele tinha ido às eleições, só encontrei seu filho, rapaz de quinze a dezesseis anos, encarregado do governo da cidade, em lugar do pai. Recebeu-me com muita dignidade, mas mostrava certa dificuldade em responder a questões extremamente simples que eu lhe fazia. Disse-me entretanto, como muitas outras pessoas, que a cultura do algodão era aquela de que os habitantes dos arredores mais se ocupavam e que faziam colchas muito finas e lindas redes. Não se pode cultivar em torno da aldeia nem mesmo a cana-de-açúcar e o café, porque a extrema umidade torna as geadas muito frequentes, mas esses vegetais medram muito bem na serra do Tapeti, que é mais seca. A geada atinge os algodoeiros tanto quanto os cafeeiros, mas não causa nenhum prejuízo, porque não ataca as raízes, e só acontece quando a colheita já está concluída.

FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA ESCADA, 14 de abril, cinco léguas. – Pouco há que acrescentar ao já relatado sobre esta localidade. O terreno que se estende entre Mogi e a freguesia deve ser o mais elevado de toda a região por mim percorrida desde Lorena até São Paulo, já que é intermediário entre duas grandes bacias que se dirigem em sentido contrário: a do Tietê e a do Paraíba. A fazenda de Sabaúna me pareceu bem grande. Aí se planta a cana-de-açúcar para fazer aguardente.

Eu combinara com os tropeiros que fariam sua parada na freguesia de Nossa Senhora da Escada. Mas quando cheguei, não os vi, e me afirmaram que eles haviam parado a alguns tiros de fuzil mais adiante. Realmente, encontrei-os num miserável pardieiro, do tamanho justo para que minhas malas empilhadas coubessem todas. Logo que escureceu, o trovão se fez ouvir e desabou um temporal. A água jorrava de todos os lados através do nosso mísero reduto, sendo muito difícil garantir nossos pertences.

VILA DE JACARAÍ, 15 de abril, três léguas. – Ainda se encontram índios na freguesia de Nossa Senhora da Escada, mas pouco numerosos e de extrema pobreza. Continuamos a encontrar eleitores que se dirigem a São Paulo. Esses cavalheiros são comumente precedidos de uma ou duas mulas carregadas de malas e seguidos de um ou dois escravos a cavalo, que lhes servem de empregados domésticos e aos quais chama pajens; trazem uma caneca de prata, tal como já descrevi. Tais homens, os mais ricos da região, em geral se vestem decentemente. Ostentam na maioria esse ar de suficiência e de contentamento consigo mesmos, encontrado muitas vezes nos paulistas de certa classe, que, no entanto, não lhes exclui a polidez e a complacência, e não é repulsivo como o orgulho dos espanhóis. Estes parecem juntar à estima de si mesmos o desprezo pelos outros.

Nada de notável na passagem do Paraíba. À noitinha fui ver um alferes que detém atualmente o posto de capitão-mor, chamado a São Paulo como eleitor. Declarou-me ele que o Paraíba é navegável desde a freguesia de Nossa Senhora da Escada até Cachoeira. Faziam descer por este rio, até Guaratinguetá e Lorena, tábuas, toucinho, e cerâmica fabricada em Nossa Senhora da Escadinha. Outrora, disse-me ainda o alferes, não se ocupavam nos arredores de Jacaraí senão da cultura do algodão e da criação de porcos; desde algum tempo, contudo, puseram-se a plantar aí

muito café. As exportações se fazem ou diretamente pela estrada de terra, ou muito mais frequentemente por Santos, e então não se é obrigado a passar por São Paulo, porque de Inhazinha há uma estrada que vai juntar-se com a de Cubatão.

FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA ESCADA, 16 de abril, seis léguas. – Nada tenho a acrescentar ao que declarei quando da minha primeira passagem pela região por mim percorrida hoje, a não ser que São José está situada sobre um vasto pantanal e, afirmaram-me, a meia légua do Paraíba.

O rancho em que paramos na freguesia de Nossa Senhora da Escada depende de uma pobre choupana, onde não havia absolutamente nenhuma espécie de móvel. Não encontrei quase nenhum em todas as casas situadas à margem da estrada. Dizem que os habitantes de Jacaraí, moradores na vizinhança dos pântanos, não gozam em geral de boa saúde. Têm geralmente um ar lânguido e uma tez pálida.

VILA DE TAUBATÉ, 17 de abril, cinco léguas e um quarto. – O cantão chamado Caraguatu, ou por corruptela Gravatu, deve certamente seu nome à grande quantidade de bromeliáceas espinhosas, encontradas aí, das quais se fazem sebes pouco elevadas, mas difíceis de transpor. A palavra Caraguatu é indígena e indica essa planta e suas análogas. Desde ontem, encontramos à beira do caminho homens ocupados em repará-lo e em cortar o mato que o margeia. Em Minas, as pessoas obrigadas a reparar as estradas são os proprietários dos terrenos por onde elas passam; aqui, forçam os milicianos a fazer esse trabalho. Segundo a lei promulgada há cerca de um ano, sob o ministério efêmero do conde dos Arcos, esses homens deviam receber um salário, mas o novo regime não elidiu o hábito de não executar as leis. O povo não usufruiu nada com a mudança que se operou. A maioria dos franceses ganhou com a revolução que suprimia privilégios e direitos de que gozava uma casta favorecida. Aqui, nenhuma lei consagrava a desigualdade, todos os abusos eram o resultado do interesse e dos caprichos dos homens poderosos e dos empregados. Mas são estes homens que, no Brasil, se encontram à testa da revolução, pensando só em diminuir o poder do Rei e em aumentar o seu; não cuidaram, de forma alguma, das classes inferiores,



e o pobre lamenta o Rei e os capitães-mores, já que não sabe de quem poderá implorar o apoio.

O sr. José Teixeira e Vasconcelos, presidente da junta provisória de Vila Rica, antigo ouvidor de Sabará, me disse que deixaram inculto durante setenta anos um terreno que pertencera à sua família e onde, antes dessa época, se plantara mamona. Ao cabo dos setenta anos, cortaram as árvores vigorosas que cobriam esse mesmo terreno, e aí cresce de novo a mamona em grande abundância. Esse fato tende a explicar por que as plantas das capoeiras diferem tanto daquelas das matas virgens. Enquanto estas cobrem ainda a terra, os pássaros e os ventos para aí levam sementes que não se desenvolvem, porquanto certas circunstâncias, tais como a falta de ar e de luz, a isso se opõem; mas quando as grandes árvores são abatidas, esses obstáculos desaparecem e a germinação se opera.

Grande número dessas casinholas, vistas à beira do caminho que segui desde Lorena até São Paulo, são habitadas por agregados; os proprietários do terreno moram a alguma distância da estrada, para não serem incomodados pelos passantes. Alguns, contudo, têm suas casas à margem da estrada, mas algumas vezes mal se distinguem das dos agregados. Fora das cidades, não me lembro de haver encontrado uma só delas na capitania de São Paulo que tivesse mais do que o rés do chão.

RIBEIRÃO, 18 de abril, três léguas e meia. — Partimos tarde de Taubaté e só pudemos fazer uma caminhada muito curta. Querendo obter alguns esclarecimentos sobre essa região, desejei à noite visitar o substituto do capitão-mor; porém não fui recebido.

Desde que passamos por aqui pela primeira vez, as pastagens e as casas dos arredores de Taubaté e de Pindamonhangaba amarelecem regularmente, oferecendo muito menos flores, prova de que no inverno devem estar inteiramente ressequidas. Os ranchos encontrados nessa estrada, de São Paulo a Mogi, são muito pequenos, e a maior parte em mau estado, à exceção daquele em que estamos. Ele é mantido por um mineiro que foi, durante onze ou doze anos, soldado do regimento de Vila Rica e que fala dos paulistas com o mais profundo desprezo. Pretende ele que aos homens dessa região, mesmo os mais ricos, falta boa-fé e coragem, e que não se pode contar com a sua palavra. Confirmou-me o que escrevi ontem sobre os habitantes das margens da estrada. Quase todos agregados, que

não possuem nada no mundo e cuja casa e rancho pertencem a proprietários que vivem a certa distância da estrada, para não serem importunados pelos viajantes. Mandam construir ranchos e vendas à beira do caminho e aluga-os a pobres homens a quem entregam seu milho e sua aguardente para vender aos passantes. Além disso, segundo o meu mineiro, as casas dos proprietários não diferem muito das que se veem margeando a estrada. Um paulista que lá se achava, enquanto o mineiro falava daquela maneira, me garantiu que não se sentia chocado com o que ouvia, pois, com efeito, era a verdade.

Estávamos já sob o rancho, quando um bando de pessoas de todas as idades e cores veio se estabelecer aí conosco. São músicos que vão com um “imperador” e seu compadre coletar esmolas para a festa de Pentecostes. Não os encontramos no outro dia, além de Taubaté. De regra, os que esmolam assim para o Espírito Santo não deviam sair de sua paróquia; mas obtêm facilmente permissão de percorrer também as paróquias circunvizinhas.

RANCHO DAS PEDRAS, 19 de abril, seis léguas. – Até Taubaté, não tivemos motivo para nos queixarmos do calor, mas a partir daí, ele começou a se fazer sentir, e hoje foi muito forte. Paramos num rancho aberto de todos os lados, conforme costumam sê-lo nessa região. À noitinha, um vento bem forte se elevou, obrigando a refugiarmo-nos numa venda para aí mudar as plantas. Muitos camponeses lá estavam reunidos; puseram-se a falar dos negócios públicos, usando a linguagem que não cessei de ouvir nesta capitania: “Prometiam-nos tanta felicidade com essa Constituição e, depois que a fizeram, estamos sempre com medo. Cada um estava tranquilo em sua casa, e agora é preciso que deixemos nossas mulheres e nossos filhos para ir correr ao Rio de Janeiro e a Minas! Vale mais sermos governados pelo nosso Rei e pelos generais que ele nos enviava do que por tantas pessoas que disputam entre si e não têm nenhuma piedade do pobre.” É bem verdade que o despotismo dos capitães-mores caía muito mais sobre os principais habitantes do que nos pobres; e quando há, num país, duas classes acima do povo, ele preferirá sempre a mais elevada, porque se acha vingado por ela do desprezo e dos vexames que a outra o fez suportar. É assim que os burgueses do campo são, em Auvergne, muito mais detes-

tados pelos camponeses do que os nobres. Estes, muito melhores para o camponês, porque, aproximando-se deles, receiam menos se comprometer.

Pedras, o nome deste lugar. Provavelmente se encontra um grande rochedo nos arredores.

Durante toda a viagem, Firmiano cumpriu razoavelmente seu serviço; tocou as mulas e ajudou José. Mas quase todas as vezes em que lhe pedi qualquer coisa além disso, ele sempre respondeu de mau humor alguma frase importuna. Atualmente, tenho por ele pouca estima, estando a ponto de mandá-lo retornar a sua terra. Eu pensava em incumbir Laruotte de levá-lo de volta, mas esse pobre rapaz estava se tornando tão lento e tão estúpido que seria, creio, muito risco lhe confiar tal missão<sup>1</sup>.

RANCHO DO TOMÁS D'AQUINO, 20 de abril, cinco léguas. – Subi ao cimo da colina onde está situada a igreja de Nossa Senhora da Aparecida, e mais uma vez gozei da vista deliciosa que já descrevi. Fui ver o capitão-mor de Guaratinguetá, morador próximo à igreja de Nossa Senhora, e comecei por mostrar-lhe a carta de apresentação que me foi dada pelo governo de São Paulo. Desde o primeiro momento, procedeu ele com muita honestidade; entretanto, reparei que seu rosto se contraía à proporção que lia o passaporte. Perguntou-me educadamente, mas com ar temeroso, se eu precisava de alguma coisa, e só retomou um aspecto mais tranquilo quando soube que eu não tinha outro desejo, senão fazer-lhe uma visita. Confirmou-me o que eu já escrevera sobre os habitantes da beira da estrada de São Paulo até aqui e sobre a pobreza da região.

É além de Lorena que se principia a encontrar homens ricos, e todos devem sua fortuna à cultura do café. Começa-se, também, a se dar conta disso nos arredores de Jacaraí, Taubaté e Guaratinguetá; mas até o momento, os homens ricos só se ocupam em plantar cana-de-açúcar, e os pobres o algodão, com o qual fazem tecidos grosseiros.

Encontrei no capitão-mor as mesmas ideias sobre política que entre todos os habitantes da região. Ele fala com respeito e apego do rei e do príncipe e se mostra muito pouco amigo de mudanças. Enquanto o visitava, minhas mulas de carga prosseguiram sempre e só as alcancei a uma légua de Lorena, num grande rancho onde paramos. Meu tropeiro me faz

---

1 E foi, entretanto, o que aconteceu. Laruotte reconduziu Firmiano a Contendas.

empreender longas marchas, o que me cansa muito e me impede de recolher e analisar plantas.

Como Firmiano tivesse machucado o pé, o pobre Laruotte cedeu-lhe seu cavalo. Ele chegou fatigado e sem saber para que lado virava a cabeça; dá voltas como um pião, vai e vem à-toa, e só começou a mudar suas plantas quando já caía a noite. Firmiano, por sua vez, se aproveita de seu cavalo para fazer avançar as mulas o mais rápido que pode. Ele as força a trotar de maneira que minhas malas chegaram todas reviradas. Queixava-me a ele essa noite: “Você pode”, respondeu-me, “procurar um tropeiro que seja melhor que eu!” O que certamente não seria difícil de encontrar; mas seria muita barbaridade tomá-lo ao pé da letra.

Depois que chegamos ao rancho chegou uma caravana e se acomodou. Ela vem de São José e leva fumo para entregar em Pirai, lugar situado na estrada e onde se cultiva muito café.

RANCHO DO SAPÉ, 21 de abril, quatro léguas e meia. – Hoje, deixamos o caminho que vínhamos seguindo desde Minas e, logo depois, entramos numa floresta virgem que lembra em tudo aquela dos arredores do Rio de Janeiro. As árvores lá têm o mesmo vigor, as palmeiras e as cecrópias crescem com a mesma abundância; a verdura dos vegetais mostra tons bem escuros. Poucas plantas estão em flor e só quase espécies comuns, como a *hyptis* n° 764.

Terreno montanhoso, tal a causa do vigor da vegetação. Como esta parte do caminho é bem mais frequentada do que aquela que vai de Lorena a São Paulo, e deste lado desemboca a estrada de Minas, as beiras do caminho são muito habitadas. Desde o entroncamento não se faz um quarto de légua sem encontrar alguma casa, e muitas vezes há várias, umas junto às outras. Tão pobres como aquelas encontradas perto de São Paulo, e na maioria vendas muito mal providas. Paramos num pequeno rancho dependente de uma dessas vendas e, como é muito pequeno, não tivemos o incômodo de sermos importunados por nenhuma outra caravana.

Firmiano continua com o pé machucado e aproveita-se disso para não fazer nada. Já estava deitado quando ainda era dia claro. Logo depois, pedi-lhe que aquecesse água para lavar o pé, a fim de que eu pudesse pensá-lo. Repeti-lhe essa ordem quatro ou cinco vezes, mas nem tomou conhecimento. Enfim, tomado de impaciência, tirei o casaco com que se

cobria, e lhe ordenei imperiosamente que me obedecesse. Então, ele se levantou, jogou sua cama para o alto e saiu correndo pelo mato. O pé machucado não lhe permitia correr muito, de maneira que logo o alcancei e quis forçá-lo a voltar ao rancho. Ofereceu resistência, mas José correu e, pegando-o pelo braço, conseguiu arrastá-lo. Quando estávamos chegando perto do rancho, ele se jogou no chão a pouca distância do mato. Não pude deixar de lamentar por ele, de início; mas a compreensão logo cedeu lugar à cólera. Aproximei-me dele e disse-lhe calmamente que precisava ver que tudo o que eu fazia era para seu bem; que, se o abandonasse, ele seria um desgraçado; que só eu consentiria em fazer a despesa de reenviá-lo de volta à sua terra; que sua conduta me ofendia; e que ofendia também a Deus. Quando acabei de pronunciar as últimas palavras, ele se levantou sem dizer nada e foi se deitar. A ideia de Deus, desde que comecei a instruí-lo, sempre causou nele forte impressão. Nunca se recusou a aprender seu catecismo e mostrou até algum interesse.

O trabalho dos missionários junto aos índios perde uma parte do seu encanto, quando se percebe a facilidade com que adotam nossas ideias, a propensão que têm a nos imitar, o prazer que experimentam nas cerimônias de igreja, o efeito que deve produzir em seus espíritos sem a mínima formação religiosa, a ideia de um Deus único, criador do universo, onipresente, que premia as virtudes e vinga implacável suas falhas.

Ontem, passou por Guaratinguetá um soldado encarregado pelo governo do Rio de Janeiro de levar despachos a São Paulo. Esse homem repetia para todos, e até aos meus tropeiros, que os habitantes de Minas estavam revoltados contra o príncipe e o haviam prendido. Dizia ainda que os despachos de que era portador continham a ordem de fazer marchar contra Minas os paulistas que não se achavam no Rio de Janeiro. Não acreditei em nada daquelas notícias, e tentei provar ao capitão de Guaratinguetá que não tinham fundamento. Ainda mais que conversei com um capitão de milícia, morador na vila de Cachoeira, e ele me afirmou que soube do capitão-mor de Baependi que o príncipe fora muito bem recebido em Minas, em todos os lugares em que se apresentou; que havia avançado até Queluz, mas que lá recebera uma carta do governo de Vila Rica impedindo-o de ir além; que retornou até Barbacena e que os milicianos da comarca de São João lhe ofereceram para marchar contra o governo de Vila Rica. Difícil

acreditar que esse governo tenha levado tão longe a audácia e a cegueira. Mas, se é assim, não há dúvida de que ele sucumba logo, pois tem contra si a opinião pública, que cedo ou tarde acaba por triunfar.

RANCHO DA ESTIVA, 22 de abril, cinco léguas. – Região montanhosa, com matas virgens em toda sua magnificência, poucas plantas floridas. Não se passa um quarto de légua sem encontrar uma venda e um rancho; e muitas vezes bem próximos. Os ranchos são geralmente menores e mais mal construídos que aqueles da rota do Rio de Janeiro e Vila Rica. A roupa das pessoas consiste simplesmente em um grande chapéu de feltro, camisa e calça de tecido grosseiro de algodão. O calor é muito forte e fiquei impressionado hoje com o matiz brilhante que tomou o azul do céu. Às margens do caminho, como nos grandes percursos da Capitania de Minas, teve-se o cuidado de cortar grandes árvores para que a lama seque mais rapidamente, e a vegetação que sucede às matas virgens é de todo igual às das capoeiras.

Encontramos algumas caravanas vindas do termo de Baependi carregadas de fumo e outras que se dirigiam a Minas com carregamentos de sal e ferro. É vergonhoso que num país onde este metal existe em tão grande abundância, ainda se importe do estrangeiro a maior parte do que se emprega. É evidente que seria prestar um serviço ao país taxar o ferro de direitos consideráveis na sua entrada na capitania e forçar assim os habitantes a fazer uso da riqueza que possuem.

Na direção do lugar chamado Paiol, começa-se a descortinar a imponente cadeia paralela ao mar, e seus cumes elevados a grande altura sobre as matas virgens produzem efeito majestoso.

Conversei hoje com um mineiro procedente do Rio de Janeiro, e ele me declarou que o Príncipe, apoiado por vários regimentos de milícia, entrara em Vila Rica, e que vários membros do governo haviam sido postos na prisão, restabelecendo-se, assim, a tranquilidade nessa importante capitania. O governo de Vila Rica era, em grande parte, composto de europeus. Eles se gabavam de se conservar mais facilmente no lugar, caso o Brasil fique submisso às Cortes, e devem ter visto com despeito suas esperanças frustradas. O que prova que esses homens tinham pouco espírito e talento, já que acreditavam poder lutar contra a opinião pública e a preponderância de uma autoridade legítima.

Em São Paulo deram-me os nomes dos membros da junta provi-sória de Goiás. Todos homens ignorantes e ridículos. Um deles é um padre, com o qual eu comia todos os dias à mesa do sr. Fernando Delgado e que lhe servia de bufão. Lembro-me que um dia, falando da simonia, eu afirmava que nenhum padre brasileiro fazia escúpulo a respeito, se bem que seja um caso reservado. – Não há nem sequer um, respondeu-me ele. – E para me provar, pôs-se a recitar em latim a série de impedimentos dirimentes do casamento. Foi mesmo preciso, além disso, escolher os homens que se tinha sob as mãos, e que se podiam encontrar em Goiás?

RANCHO DOS RAMOS, 23 de abril, quatro léguas. – Região sempre montanhosa. Ainda matas virgens, nada de plantas em flor, a não ser algumas espécies desconhecidas, tais como uma composta, cujas flores numerosas espalham um odor de baunilha extremamente agradável. Ainda muitos ranchos e vendas. Hoje comecei a ver, tanto na beira do caminho como a alguma distância, casas um pouco mais cuidadas do que as vendas, habitadas por agricultores ricos. Desde ontem, venho percorrendo plantações de café, hoje já se tornaram mais numerosas, e devem tornar-se ainda mais à medida que me aproximar do Rio de Janeiro. Essa alternativa de plantações de café e de matas virgens, campos de milho, capoeiras, vales e montanhas, ranchos, vendas, essas pequenas habitações cercadas de senzalas e caravanas indo e vindo proporcionam imensa variedade ao aspecto da região. Elas a tornam agradável de visitar.

Após ter feito cerca de duas léguas, cheguei à habitação do capitão-mor de Vila das Areias, situada a um tiro de fuzil da rota. O capitão-mor não estava, mas fui recebido por seu filho, que lamentou muito que eu não ficasse em sua casa. A moradia do capitão mostra um pátio muito pequeno, fechado por uma porteira, ao fundo do qual existem algumas pequenas construções. Como todas as habitações que vi hoje, a casa do proprietário é baixa, pequena, coberta de telhas, construída de pau-a-pique e rebocada de terra cinzenta. O mobiliário da peça onde fui recebido corresponde muito ao exterior e consiste apenas em mesa, banco, um par de tamboretas e pequena cômoda.

A pouco menos de uma légua da casa do capitão-mor encontrava-se a pequena Vila das Areias, situada em um valesinho entre dois morros cobertos de matas. Ela me pareceu inteiramente nova e se compõe

unicamente de duas ruas paralelas, das quais a principal é atravessada pela estrada em toda a sua extensão. A igreja muito grande e construída de tijolos. Só não é caiada. O capitão-mor possui também uma casa na vila, onde fui visitá-lo, sendo muito bem recebido. Pelo que me disseram ele, seu filho e outras pessoas, a cultura do café é inteiramente nova na região e já enriqueceu muita gente.

Tomam-se os jovens pés de café nas velhas plantações; eles começam a produzir com três anos e estão no pleno rendimento com quatro. Sendo a planta ainda jovem, limpa-se a terra duas ou três vezes, mas quando os pés de café já são vigorosos, só se dá um amanho. Estando em pleno desenvolvimento, cada um dá três a quatro libras. Não se cortam as árvores, apenas podam-se os galhos para impedi-los de se altearem muito. A fim de separar a semente de sua casca, moem-se os frutos em pilões de madeira, ou também se servem do monjolo. Assim que o arbusto começa a ficar velho, é cortado, e seus rebentos lançados ao solo para originar novos pés.

O capitão-mor me dissera que eu encontraria um compatriota estabelecido a meia légua da vila. Fui ao lugar indicado e encontrei numa venda um jovem francês que parece ativo e bem-educado, e cuja figura é agradável e espirituosa. Disse-me que nascera em São Domingos, mas que havia passado sua infância nos Estados Unidos e que viera para este país esperando melhorar de vida, com o intuito de tirar seus pais da posição deplorável em que se achavam. Ele compra café aqui para revender no Rio de Janeiro, e sua venda lhe proporciona meios de comprá-lo barato. Particulares pouco ricos, negros, mulatos, todos compram gêneros na sua venda sem pagar e se quitam dando-lhe na época da colheita café bem barato.

Há seis anos, veio a este país uma multidão de franceses atraídos, na maioria, pela reputação de riqueza que gozava na Europa e na esperança de fazer fortuna rapidamente. Na maioria eram militares cuja ambição havia sido frustrada, operários sem prática, aventureiros desprovidos de princípios e de moral. Muitos deles, vendo suas esperanças ruírem, retornaram à Europa, ou foram levar à América espanhola sua ignorância e fatuidade. Entre eles, entretanto, há homens de caráter firme que, vindos ao Brasil com a intenção de enriquecer, têm perseguido essa meta com obstinação, e cujos trabalhos não ficaram sem recompensa. Num país onde os habi-



tantes têm ideias pouco desenvolvidas e estão acostumados à preguiça, o europeu que enxerga mais longe deve necessariamente prosperar, desde que trabalhe com perseverança e tenha boa conduta.

RANCHO DO PEDRO LOUCO, 24 de abril, quatro léguas. – No rancho em que passamos a última noite, estavam dois homens da cidade de Cunha que vão assumir seu posto numa guarita localizada na estrada. De acordo com o que me disseram, a cidade de Cunha está situada junto à grande cordilheira, a nove léguas de Guaratinguetá, quatorze do pequeno porto de Parati e cinco das nascentes do Paraíba. Por estar a cidade encravada numa região alta, a cana e o café não se dão bem nos arredores, mas é abundante a produção de milho e de gêneros alimentícios, dos quais se embarca uma parte em Parati para o Rio de Janeiro. De Guaratinguetá enviam-se também gêneros a Parati, passando pela Vila da Cunha.

Região montanhosa, coberta de matas virgens. O caminho torna-se difícil para as mulas; os ranchos e vendas já começam a rarear. No lugar chamado Pau-d'Alho fica a maior extensão que já vi em todo o trajeto e a única em que a casa do proprietário tem um pavimento, além do rés do chão. Poucas plantas com flor. Muito forte o calor, longas as marchas e começo a sentir-me bastante fatigado. Cheguei ao rancho com uma dor de cabeça insuportável; outras caravanas já se haviam instalado aqui. O sol dardejava seus raios sobre o que restava para nós e acabava por me incomodar, a fumaça dos fogos acesos pelas caravanas me cegava, o vento levava meus papéis, e eu era obrigado a disputar incessantemente um lugar com os cães, porcos e galinhas. Nunca sentira tão claramente o desconforto dos ranchos.

Esta noite, José teve uma pequena disputa com os proprietários da fazenda de que depende o rancho; isso me deu oportunidade de vê-los, e fui recebido muito delicadamente. Eles me confirmaram o que outras pessoas já me haviam dito. Somente há uma vintena de anos, os agricultores começaram a cultivar o café que hoje lhes traz a riqueza. Antes dessa época, quase só se ocupavam de cana-de-açúcar e da criação de porcos. Quando alguém quer fazer uma plantação nova de café, abstém-se de colher os frutos de alguma plantação velha; eles caem sobre a terra, apodrecem, as sementes germinam e transplantam-se os novos pés. É comum cultivar-se milho e feijão entre os cafeeiros. Tira-se, antes, a sujidade da terra e, se for

fazer mais um plantio, limpa-se novamente. Estima-se que um negro pode cuidar de uma plantação de mil pés de café e fazer a colheita dos grãos. Várias pessoas me afirmaram que são precisos três negros para cada dois mil pés.

Quanto mais a gente se aproxima da Capitania do Rio de Janeiro, mais as plantações aumentam em extensão. Há, também, algumas muito importantes nos arredores da cidade de Resende. Os proprietários da região possuem quarenta, cinquenta, oitenta e até cem mil pés de café. Pelo preço que está esse produto, tais cultivadores devem ganhar uma soma enorme. Perguntei ao francês, de que falei ontem, em que empregava seu dinheiro. – O senhor deve notar, me disse ele, que não é construindo belas casas nem mobiliando-as. Eles comem só arroz com feijão; sua toalete lhes custa também muito pouco, não despendem nada, tampouco para a educação de seus filhos, que embrutecem na ignorância; são inteiramente estranhos aos prazeres da sociedade, mas sua riqueza vem do café, e este só pode ser colhido utilizando negros; é, portanto, comprando escravos que eles dissipam todos os seus lucros, e o aumento de sua fortuna serve muito mais para satisfazer sua vaidade do que para aumentar seu lazer. – De tudo que eu disse, vê-se que eles não têm nenhum luxo em sua habitação, e que nada demonstra sua riqueza. Mas é impossível que não se saiba no lugar quantos negros e quantos pés de café possuem; eles se pavoneiam, se comprazem em si mesmos e vivem satisfeitos, não se distinguem realmente do pobre, senão por um inútil renome que se estende a alguns tiros de fuzil de suas casas.

RANCHO DE....., 25 de abril, três léguas e meia. – A região se torna cada vez mais montanhosa. Margeiam o caminho matas virgens muito compactas; em alguns lugares é muito íngreme e difícil. Não vi nenhuma plantação de café; os ranchos e as casas, menos comuns que nos dias precedentes. Passamos, entretanto, a uma meia légua daqui, diante de uma linda habitação pertencente a um açoriano. Em geral, as moradias dos europeus estabelecidos no Brasil apresentam mais simetria que as dos brasileiros; mais bem tratadas, melhor construídas e, se possuem um jardim, este é mais bem arranjado. Por menos engenhoso que seja o europeu, por mais baixa sua classe, deve ter mais ideias do que os brasileiros, que não receberam nenhum tipo de instrução, ou seja, a maioria, mesmo entre os

homens ricos. O português já teve oportunidade de sentir tudo o que o brasileiro poderá ver, e além disso, conhece o seu próprio país, o que lhe dá padrões de comparação estranhos ao sul-americano.

Quando estava próximo da habitação que acabo de citar, o tempo carregou-se de nuvens, e trovões se fizeram ouvir. Tinha ficado muito para trás recolhendo algumas plantas, e pus-me a correr, só alcançando a caravana no momento em que ela entrava neste rancho. Mandei descarregar as malas, e logo depois começou a chuva.

Diante de nosso rancho, há um outro menor, também com uma pequena venda mal provida. Como não havia milho na do nosso rancho, os meus tropeiros recorreram a essa venda vizinha, mas lhes responderam que não o venderiam, porque estávamos hospedados no rancho rival. Quando me transmitiram essa negativa, fui eu mesmo à venda e fiz valer minha qualidade de “homem mandado” e as dificuldades acabaram. Cito esse fato para mostrar que reina entre os proprietários dos ranchos a mesma rivalidade que entre nossos alberguistas. Na grande estrada de Minas por onde passam as caravanas formadas de considerável número de mulas e onde cada uma delas consome grande quantidade de milho, os proprietários buscam conquistar os fregueses aos rivais, tratando os chefes das caravanas com a maior polidez, oferecendo-lhes refeições gratuitas, não lhes fazendo pagar o milho viajam sem seu séquito.

Já em caminho, conversei com dois homens que viajavam como eu, um paulista e outro mineiro. O primeiro mal sabia responder às perguntas mais simples; parecia simplório e embaraçado. O segundo falava com polidez e sem dificuldade; mostrava nas suas frases discernimento e apurmo. Essa diferença é quase geral. Os homens mais ricos da região mostram não somente ignorância extrema, mas também espírito limitado e baixa capacidade de julgamento. Impossível travar com eles qualquer conversa, e prefiro até palestrar com José, que é um simples tropeiro mulato.

RANCHO DE PARANAPITINGA, 26 de abril, uma légua e meia. – Não achamos as mulas na pastagem onde as havíamos deixado; ontem, foi preciso procurá-las em todos os cantos e só pudemos partir ao meio-dia. Sempre matas virgens, montanhas e caminhos acidentados.

A três quartos de légua do rancho onde passamos a noite anterior, encontramos a Vila de Bananal, sede de uma paróquia. A vila situa-se

num vale muito largo, entre morros cobertos de matas, e se compõe de uma única rua. Deu-me a impressão de ter sido fundada recentemente; mas é provável que ganhe importância em breve, porque está localizada no meio de uma região onde se cultiva muito café e cujos habitantes, por conseguinte, obtêm lucro considerável.

Pelo que me disse Firmiano, os botocudos não usam entre si nenhuma fórmula de educação e não se perguntam pelas novidades, nem mesmo em caso de doença. Têm alguns apólogos. Eis um que Firmiano me contou:

O urubu, que outrora era inteiramente coberto de plumas, convidou um dia sua vizinha arara para jantar com ele; mas como lhe foi servida apenas carne de anta, a arara se retirou sem nada comer. Querendo se vingar, ela convida por sua vez o urubu e lhe serve sapucaias. O urubu adora o prato e come grande quantidade, o que faz as plumas de sua cabeça caírem, e a partir dessa época os urubus tornaram-se calvos.

Firmiano sempre me garantiu que os brasileiros nunca foram antropófagos, mas adiantou-me, ao mesmo tempo, que o que deve ter originado essa falsa ideia é o costume que têm de desmembrar seus inimigos mortos.

Atribui-se o bócio à grande frieza das águas. Tal doença, realmente, é comum em certas partes montanhosas do Brasil, onde as águas são muito frias.

RANCHO DOS NEGROS, 27 de abril, quatro léguas e meia. – Região montanhosa, principalmente na vizinhança do rancho onde pernottamos; caminho extremamente difícil, coberto de matas virgens. Desde o lugar chamado Rancho Grande, notam-se muitos terrenos produtivos, outros que, tendo sido cultivados antigamente, são hoje cobertos por imensas capoeiras. Os ranchos estão em grande número, e quase tão grandes como os da estrada do Rio de Janeiro e Vila Rica. Aquele denominado Rancho Grande não podia levar nome mais adequado, porque incontestavelmente o maior rancho já visto por mim desde que estou no Brasil. É coberto de telhas, bem conservado, elevado acima do solo e cercado por uma balaustrada. O proprietário, homem imensamente rico, possui a maior plantação de café do país. Mas para cada rancho passável, encontram-se, em geral, mais de dez em estado decrépito. Os proprietários os alugam junto com

a venda vizinha por altos preços, não se incomodando se há vazamentos por todos os lados. Tenho tanto medo da chuva quando estou dentro de um rancho ou fora dele. Não se concebe, realmente, que o Governo não tome nenhuma medida a esse respeito e que se ocupe tão pouco do que se refere ao comércio; que não assegure nem mesmo àqueles que transportam mercadorias sobre as estradas mais frequentadas lugares onde possam recolhê-las durante a noite, sem medo de que sejam avariadas pela chuva.

Partimos muito tarde. O tropeiro que contratei me faz sempre avançar mais do que eu gostaria. Já são oito horas, e desde as sete da manhã não como nada, além de alguns biscoitos com chá. Esse regime me fatiga excessivamente.

RANCHO DO PISCA, 28 de abril, três léguas. – A região vai ficando cada vez mais montanhosa e, conseqüentemente, não preciso dizer que continua coberta de matas. Em vários pontos, o caminho torna-se muito difícil, percebendo-se que nunca foi consertado. Chegando à margem do rio Pirai, achamo-nos em situação difícil para atravessá-lo. No lugar onde termina a estrada, só existem uma piroga, onde entra água por todos os lados, e uma ponte, formada por uma série de tábuas em fila única, servindo a pedestres. Disseram-nos que, a uma meia légua desse lugar, há uma ponte muito bem feita; mas acrescentaram que só se poderia chegar lá passando por uma picada, onde as mulas se atolam até o peito em lama espessa. O tropeiro de aluguel me ofereceu descarregar as malas e objetos e fazê-los passar pela ponte de pedestres. Aceitei essa oferta, mas apesar da atividade que meus homens mostraram nessa circunstância, só pudemos retomar a marcha ao cabo de uma hora e meia. Quem iria acreditar que numa estrada tão frequentada como esta se encontrem ainda as mesmas dificuldades que deviam ocorrer há cinquenta anos depois do descobrimento do país! Eis o que me contaram a esse respeito:

Faz muito tempo, o rio Pirai formava o limite da Capitania de São Paulo, e assegura-se que, então, a parte do caminho que agora percorremos era muito bem cuidada. Projetaram mudar a rota atual; dessa maneira se evitariam em grande parte os morros, e se encontraria uma boa ponte no lugar onde o caminho vai desembocar. Mas esse trajeto não faria passar a estrada atual perto da cidadezinha de São João Marcos. Os habitantes dessa cidade, achando que iam ter prejuízo com a mudança, se

cotizaram e deram três mil cruzados ao intendente de polícia, o falecido Paulo Fernandes. Este, que não podia exercer nenhuma inspeção sobre os caminhos da Capitania de São Paulo, imaginou fazer mudar os limites desta capitania e fazê-los transportar entre Rancho Grande e o Piraiá, contornando-o por uma linha imaginária e quase impossível de fixar numa região com tantas matas virgens. Então a ponte foi abandonada; o novo caminho foi interrompido e continua-se a passar por São João Marcos. Não há garantia da veracidade de tal história além de um desconhecido, mas é certo que o abandono da ponte, que estava sendo construída e seria tão útil, a torna muito verossímil.

Paramos num grande rancho, onde se acumulam mercadorias de muitas caravanas. Logo que cheguei, pus-me a trabalhar, mas não sabia onde me abrigar do sol; a fumaça dos fogos acesos no rancho me cegava; as galinhas ameaçavam repetidamente voar sobre minha escrivaninha. Nada iguala o incômodo destes barracões.

RANCHO DO PISCA, 29 de abril. – Foi preciso partir esta manhã; faltavam duas mulas; procuramos as duas o dia inteiro e só à noite as encontramos. Meu tropeiro de aluguel mostrou muita irritação por esse atraso, e por ele, tínhamos viajado toda a noite. Estou ansioso por chegar, não apenas para que minhas malas estejam em segurança, mas também para não ter atrás de mim um homem que me empurra sem cessar, fazendo-me avançar mais rápido do que eu gostaria.

RANCHO DE MATIAS RAMOS, 30 de abril, quatro léguas e três quartos. – Sempre montanhas cobertas de matas virgens em meio a muitas plantações de café. Passamos diante de várias fazendas importantes. As construções são dispostas com alguma regularidade. Aquela onde mora o dono é pouco elevada, só de pavimento térreo, mas ampla e provida de grande número de janelas. A uma légua e meia do rancho onde ficamos a noite anterior, o caminho passa a pouca distância da cidade de São João Marcos. Fui visitá-la e, embora só ficasse pouco tempo, pude fazer uma ideia completa, porque possui o tamanho de nossas menores vilas. Está situada num vale entre morros cobertos de matas virgens, capoeiras e plantações de café. As casas são baixas, pequenas e muito feias. As principais estão dispostas em torno de uma praça muito ampla onde se eleva a igreja. Esta, enorme, possui quatro altares além daquele da capela-mor, e é ornada

com bom gosto. Os arredores de São João Marcos tornaram-se famosos pela grande quantidade de café que aí se recolhe. Depois do lugar chamado Arraial, existem dois caminhos que logo se encontram. Meu tropeiro quis seguir o menos frequentado, e viemos parar numa enorme fazenda, cujo proprietário tem fama de muito rico. Mal havia começado a trabalhar, quando um soldado da polícia se apresentou no rancho, querendo saber da minha procedência. Respondi-lhe que vinha de São Paulo. Ele me disse que havia sido enviado para receber aqui a esposa de José Bonifácio de Andrada, ministro de Estado, que seu marido esperava todos os dias. Esse soldado me declarou que era de Minas; acontece que eu conhecia vários de seus parentes, e conversamos durante longo tempo. Como todos os mineiros, ele gaba muito, e não sem razão, a hospitalidade e os hábitos da sua região, e só fala com desprezo dos agricultores da capitania do Rio de Janeiro, aos quais essa virtude é estranha. Ele acrescentou, porém, que o proprietário da fazenda onde estávamos diferia nisso dos seus conterrâneos, e animou-se a ir vê-lo. Vesti-me, e quando chegamos à casa do soldado, mandou um escravo dizer ao dono que eu vinha fazer-lhe uma visita. Enquanto aguardávamos, choveu a cântaros; esperei passar a chuva; como o proprietário não apareceu, aproveitei o primeiro intervalo de tempo suportável para voltar ao meu rancho, bastante aborrecido de haver assim perdido meu tempo.

VENDA DE TOLEDO, 1º de maio de 1822, quatro léguas. – Choveu a noite toda, e o dia estava ainda extremamente coberto quando levantamos; fiquei muito tempo indeciso para saber se me punha a caminho, mas vendo que não chovia mais e sabendo, por outro lado, que existem ranchos ao longo de toda a estrada, decidi partir. Já era muito tarde quando saí do rancho sem ter recebido visita nem do militar de ontem à tarde, nem do proprietário da fazenda. Em seu rancho, junto conosco, uma tropa de negras e negros jovens que um feitor conduzia a uma fazenda próxima a Resende. Todos eles trajavam roupas novas, os homens e as mulheres tinham para se abrigar um cobertor de pano azul; estas vestiam camisa de tecido de algodão e saia colorida; os homens tinham um boné de lã vermelha, camisa de algodão grosseiro. Ontem de noite, o feitor os fez distender esteiras sobre o chão, e eles se deitaram, lado a lado, enrolados em seus

cobertores. Esta manhã, receberam cada um deles uma porção de feijão com farinha e carne-seca.

A chuva danificara um pouco o início do caminho; as mulas escorregavam frequentemente; mas logo alcançamos terra mais seca e mais batida. No espaço de légua e meia, só fizemos subir e descer. Mas no lugar chamado Rosa d'el-Rei, começamos a transpor a serra propriamente dita, quer dizer, a montanha mais alta que atravessa o caminho, do outro lado da qual se encontra a planície que acaba no mar. Percorrem-se, mais ou menos, cinco quartos de légua para chegar ao cume da montanha e nesse pedaço o trecho é bonito, bem traçado e ladeado por muitos ranchos. Eu experimentava, no entanto, uma viva inquietação, o tempo estava muito carregado e temia que uma tempestade irrompesse e que todas as minhas coleções, fruto de tantos dissabores de uma viagem tão longa, se perdessem em poucos instantes. Chegamos sem acidentes ao ponto mais elevado da serra, montanha chamada Pilar da Serra, e como o tempo não me parecia ter piorado, decidi-me a descer. São três quartos de légua do cume ao pé da serra.

O caminho não é tão medonho como o da serra da Mantiqueira, mas apresenta também grandes obstáculos. Possui uma declividade acentuada, quase inteiramente coberto de pedras arredondadas que rolam sob os pés das mulas. Muitas vezes os animais são obrigados a fazer saltos perigosos, correndo o risco de cair a cada instante. Felizmente esse acidente só ocorreu uma vez e, mesmo assim, não resultou em nada desagradável.

Os primeiros ranchos encontrados junto ao sopé da montanha estavam ocupados, o que nos obrigou a andar ainda perto de um quarto de légua antes de podermos parar. O dono de uma pequena venda cedeu-me um quartinho, em que devo dormir e no qual fiz colocar parte de minha bagagem; a outra parte está num pequeno rancho vizinho, onde se afunda na lama e onde foi preciso levantar minhas malas sobre pedaços de madeira.

VENDA DE TOLEDO, 2 de maio. – Disseram-me ontem que, a cerca de uma légua daqui, corre um regato chamado rio da Texura, que é impossível de vadear quando chove; e acrescentaram que, provavelmente, eu seria obrigado a ficar hoje aqui, porque desabara muita água ontem de manhã em toda a região que se estende no sopé da montanha. Esta manhã,



em consequência, enviei José para ver o regato, e ele voltando me declarou que não podia atravessá-lo sem ter água até o pescoço. Fui condenado, portanto, a passar o dia num miserável cubículo, onde minhas malas se amontoam umas sobre as outras e onde três pessoas não podem ficar sem se incomodarem reciprocamente! Fiquei tão contrariado com esse contratempo, que não tive coragem de sair, a não ser quando já estava muito tarde.

Acaso é conveniente que a dezoito léguas de uma capital populosa, num caminho extremamente frequentado, se tenha de parar o dia inteiro quando há chuva, só porque a administração não cuida de fazer um calçamento que, provavelmente, não teria mais de trinta pés? O Brasil é atravessado por uma multidão de caminhos, mas eles são reparados muito mal e muito pouco, principalmente na vizinhança do Rio de Janeiro. Assim, numa região onde seria tão importante favorecer o comércio, torna-se ele de uma extrema dificuldade. Ninguém se ocupa, de maneira alguma, em tornar as estradas praticáveis, e cobram-se impostos enormes pela travessia dos rios. Chegam a exigir onze patacas por um passaporte, e por aí adiante.

Apesar da cheia do regato, muitas caravanas, procedentes de Minas e de São Paulo continuaram a caminhar, mas levam toucinho e fumo. A água não faz nenhum mal à maior parte dos produtos, e quanto ao fumo, que importa que se molhe um pouco – dizem os tropeiros –, ele pesará mais. Outras caravanas vinham do Rio de Janeiro carregadas de sacos de sal, mas elas preferem mil vezes se molhar e perder um pouco de sua carga a se atrasar um dia e ter um grande acréscimo em suas despesas.

VENDA DE TOLEDO, 3 de maio. – Como o tempo esteve bom a noite anterior e todo o dia, poderíamos atravessar o regato sem risco, mas uma das mulas de Antônio não foi encontrada e, para meu grande pesar, foi preciso passar o dia aqui. À noite, um mulato se apresentou na venda e me afirmou que sabia do paradeiro da mula; que ela subira a serra e a tinham prendido na casa de um tal Floriano. Logo que Antônio chegou, repeti-lhe o que dissera o mulato; ele foi falar com esse homem que lhe prometeu conduzi-lo ao lugar onde estava a mula, se quisesse dar-lhe três patacas. Antônio, depois de hesitar muito, se decidiu a seguir o mulato, levando seu irmão com ele. Ao cabo de dez minutos, vi-o retornar, e ele me

disse que, após ter dado alguns passos, o mulato lhe pedira dois mil-réis em lugar das três patacas, e que ele se recusara a dá-los. Então, o mulato, que estava a cavalo, pôs-se a galopar, tomando o caminho da fazenda onde as mulas tinham passado a noite. Era evidente, por essa conversa e pelo que o mulato havia dito antes, que fora ele que pegara a mula. Sabendo que esse mulato era escravo de um homem do Rio de Janeiro, proprietário de uma venda nas vizinhanças, escrevi-lhe uma carta muito franca, dando os fatos detalhadamente e pedindo-lhe que fizesse o mulato confessar a verdade. Dei-lhe a entender polidamente que, se a mula não reaparecesse mais, eu recorreria aos meios judiciários e, ao mesmo tempo, faria valer meu prestígio sem nisso insistir muito, porém, o mais claramente possível.

RANCHO DE....., 4 de maio. – Antes de me deitar, mandei por Antônio a carta de que falei ontem; levou-a logo de manhãzinha e ela produziu o mais feliz efeito. O dono da venda ordenou ao escravo que declarasse onde estava a mula. O escravo confessou que a havia prendido em um pasto de propriedade de seu amo. Antônio me contou que esse pasto ficava em frente à venda. É difícil de acreditar, por isso, que o dono não estivesse a par do roubo do mulato, e o que tende a comprovar isto é que este não foi punido. Principalmente no Rio de Janeiro e nos arredores, aqueles que possuem vendas são receptadores de objetos roubados pelos escravos, e se houvesse nessa região alguma polícia, seus agentes deveriam manter os olhos sempre abertos sobre os donos de vendas ou seus arrendatários.

Percorremos, agora, o grande vale em cuja extremidade está situado o Rio de Janeiro. Hoje não encontramos a menor colina, a não ser em Santa Cruz, e pelo que ouvi dizer o caminho será, de agora em diante, sempre plano até o mar. O terreno, úmido e arenoso, apresenta, às vezes, restos de conchas, o que parece provar que foi outrora coberto pelas águas do mar, e que a baía do Rio de Janeiro se estendia até às montanhas. Atravessamos sem acidente o rio de Texura. A passagem deste, entretanto, oferece ainda perigos para as mulas carregadas de objetos delicados. Na verdade, construiu-se uma ponte sobre o rio, mas, quando chove, a água se estende à direita e à esquerda da ponte. Aí se formaram buracos profundos, onde as bestas de carga podem facilmente cair e molhar sua carga.

A uma légua de Texura e a duas do Rancho de Toledo, acha-se a cidadezinha de Taguaí. Era no passado uma aldeia de índios, sem dúvida fundada pelos jesuítas, quando ainda donos de Santa Cruz. A antiga aldeia estava localizada sobre uma colina a centenas de passos do caminho, e aí se encontram ainda algumas famílias de índios; poucos brancos construíram suas casas à margem da estrada. Aí estabeleceram lojas, vendas; colocaram um pelourinho em meio às brechas que cobrem o terreno entre o caminho e a aldeia, e Taguaí se tornou uma cidade. Entretanto, o nome da aldeia é ainda o que se emprega mais frequentemente na região para designar o lugar.

A cerca de meia légua de Taguaí fica a guarda do mesmo nome. Uma sentinela postada numa guarda, à beira do caminho, disse-me que fosse mostrar meus passaportes a um funcionário, encarregado de cobrar explicações sobre as bagagens dos viajantes. Exibi-lhe a documentação, e ele nada me pediu. O funcionário enviou-me ao comandante da tropa, que me fez toda sorte de gentilezas. Um pouco além da guarnição, passa-se por linda ponte de madeira sobre o riacho de Taguaí. É nesse lugar que começa a imensa planície de Santa Cruz.

.....  
*Notas sobre a agricultura em Rio Pardo*

**A**S TERRAS PRODUZEM duas vezes por ano, quando se alternam o milho e o trigo. Planta-se o trigo de maio a agosto, e se recolhe principalmente em dezembro. Imediatamente após, queima-se a palha e planta-se o milho na mesma terra sem cultivá-la, fazendo-se apenas covas com a enxada para aí colocar a semente. – O milho que se planta na terra onde já se colheu o trigo chama-se *milho do tarde* [?]; plantam-se com ele abóboras. Este milho é aquele que dá mais esperança de uma boa colheita, porque as espigas, antes de sua maturação, recebem as chuvas de fevereiro e março. Chama-se *milho do cedo* o que se planta em outubro e, por conseguinte, em terras onde não se colheu o trigo. Muitas vezes, suas colheitas não são copiosas como as do primeiro, porque ele cresce durante uma estação em que as chuvas se tornam mais raras. Com o milho do cedo, planta-se feijão, que só necessita, nesse país, do sereno das noites.

Quando se planta em mata virgem, abate-se, queima-se, lavra-se a terra à enxada, e pela primeira vez aí se planta sempre milho; corta-se o mato em novembro, queima-se em dezembro; planta-se imediatamente após. A terra não precisa ser limpa. Colhe-se em maio ou junho. Semeia-se o trigo à mão, depois se dá uma capina por cima da semente, pois não surgem senão ervas rasteiras. É inútil limpar a terra. Corta-se o trigo abaixo da espiga, com a foicinha, depois se corta a palha rente à terra para queimá-la.

Já no segundo ano, as raízes das árvores estão bastante podres para se fazer uso do arado, depois da colheita do milho, evitando-se os troncos que não foram queimados. Mas nessa segunda vez, como na primeira, não se trabalha a terra a não ser para cobrir a semente; no final de quatro a cinco anos, cessa-se de plantar milho nessas terras. Após a colheita do trigo, deixa-se crescer a erva até fevereiro; dá-se uma capina e às vezes duas. Semeia-se e dá-se uma nova monda. No plantio do trigo basta arrancar à mão o *cálamo* ou *balanz* [?] e o joio, mas limpam-se à enxada o milho e o feijão. Alguns agricultores usam o arado para tal limpeza, tendo-se o cuidado de colocar uma focinheira nos bois.

Os índios servem-se da charrua atrelada a um só cavalo conduzido por um menino.

Quando se vê que a terra não produz mais como antes, deixa-se repousá-la. Ao final de três a quatro anos pode-se já cortar e queimar as *capoeiras*. Sobre as cinzas, semeia-se o trigo; dá-se uma capinação para cobrir a semente, em seguida, plantam-se no mesmo ano milho e trigo, como nas *roças novas*, e continua-se da mesma forma até que a terra tenha necessidade de novo repouso.

Ao desmatar-se um campo pela primeira vez, dão-se de duas a três capinas, conforme a terra seja mais ou menos forte, e após cada capina passa-se a grade. Semeia-se o trigo pela primeira vez, dando-se sempre com a mão uma segunda capina para cobrir a semente. Nas terras extremamente férteis, plantam-se uma ou duas vezes por ano milho e trigo, em seguida planta-se apenas trigo. Ao fim de quatro ou cinco anos, deixa-se repousar a terra. O trigo chega a reproduzir de dez a cinquenta

por um: cinquenta nas terras férteis; dez nas terras já cansadas. Veem-se terras que produzem até cem por um. Bate-se o trigo com os animais, de igual modo já descrito em Santa Teresa, tendo-se o cuidado de cobrir a eira com a palha para a terra se conservar consistente e uniforme. Para o milho, não se utiliza nenhum batedor, mas se desfazem as espigas à mão. O feijão é batido da mesma forma que o trigo por meio de animais ou com varas.

Planta-se mandioca só nos campos ou nas capoeiras muito antigas, onde não há mais troncos. Antes do plantio, dão-se três capinas, colocando-se mudas, em covas de três palmos de distância uns dos outros. Alguns lavradores colhem-na ao cabo de seis meses, outros ao fim de ano e meio. Planta-se mandioca em outubro para se colher em maio e junho.

Planta-se a mandioca em outubro e, para impedir que a geada faça perecer as mudas, enterram-nas profundamente no solo.

Planta-se arroz; mas é um dos grãos mais incertos por causa da instabilidade do tempo. Quando este é favorável, o arroz rende até duzentos e trezentos e mais por um, mas quando faltam as chuvas, dá muito pouco, e ainda o que se planta em terras pouco úmidas alcança melhor êxito do que aquele que é semeado em terras alagadiças, porque estas últimas, pelo ardor do sol, se transformam para atingir uma dureza extrema e matam a semente. É o arroz cabeludo o que se planta o mais das vezes.

Para se plantar o arroz, dá-se geralmente uma capina com a enxada, limpando-se a terra conforme se deseja.

Algumas pessoas plantam algodão para consumo próprio, mas as geadas lhe fazem muitos estragos. Os algodoeiros só produzem bem nos quatro ou cinco primeiros anos, principalmente no segundo e terceiro. Cortam-se anualmente, rente ao solo, os caules. O algodão é branco e fino, mas de fio curto.

O trigo é vendido em sacos de couro cru, com seis a doze alqueires. O número de alqueires é indicado por sinais na borda do surrão; o negociante adquire o surrão após a declaração do lavrador;

mas esse obriga a colocar sua chancela no surrão e se responsabiliza pela quantidade declarada. Se há reclamações por parte do consumidor, é, então, condenado a pagar seis mil-réis de multa por surrão e um mês de cadeia.

.....  
*Índice onomástico*

**A**

ABREU (marechal) – 350  
AGUIAR, Rafael Tobias de – 531  
ALEGRETE (marquês de) – 58, 61, 62, 66, 119, 140  
ALEXANDRE (padre) – 307, 317, 318, 425  
ALMEIDA, João Rodrigues Pereira de – 51, 52, 107, 126, 147, 487  
ALVES, Francisco (coronel) – 536, 537  
ANDRADA E SILVA – Ver SILVA, José Bonifácio de Andrada e  
ANDRADA, José Bonifácio de – Ver SILVA, José Bonifácio de Andrada e  
ANJO – 489  
ANTERO (coronel) – 440  
ANTÔNIO – 558, 559  
ARCOS (conde dos) – 450, 541  
ARTIGAS – 32, 50, 53, 54, 55, 58, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 101, 102, 119, 132, 169, 177, 195, 229, 244, 245, 247, 255, 263, 265, 267, 270, 272, 274, 276, 290, 291, 320, 345, 451  
AZAMBUJA, Francisco Alves de (capitão) – 276  
AZARA – 234, 269, 286, 287, 320, 403, 404  
AZEVEDO, José Antônio de (capitão) – 51, 60, 441

**B**

BARBOTE, Juan – 167, 168  
BARCA (conde da) – 44, 66

BARREIRO, Miguel (D.) – 183, 193, 195  
BARRETO, João de Deus Mena (coronel, marechal) – 269, 428  
BARRETO, Sebastião (coronel) – 429  
BELAS (marquês de) – 452  
BENKE – 195, 199  
BENTO – Ver CÂMARA, Bento Correia da  
BERNARDES, José – 140, 143  
BEZERRA, José Feliciano – 157, 159, 164  
BONAPARTE – 185, 245  
BOURBON – 52, 220  
BRAGANÇA (casa de) – 264, 290, 489

**C**

CAITI (capitão) – 309  
CÂMARA, Bento Correia da (marechal) – 428, 436  
CÂMARA, Patrício José (tenente-general) – 65, 427, 428, 436  
CANDOLLE – 490  
CARLOS V – 373  
CARVALHO, Filipe (major) – 416, 423, 424  
CARVALHO, Manuel Joaquim de (capitão) – 128, 152  
CASAL (abade) – 130, 133, 175, 371  
CASTRO, Manuel de Portugal e (D.) – 34, 37, 63, 73, 409, 477, 484, 489  
CAVAILLER – 183, 189, 191, 193, 196, 197, 202  
CHAGAS [Chayas] (marechal) – Ver SANTOS, Francisco Chagas dos  
CHAIM, Benedito (D.) – 247



## 566 Auguste de Saint-Hilaire

CHAPRE – 189, 193  
CHAVES, Antônio José Gonçalves – 98,  
102, 108, 109, 110, 111, 113, 114,  
117, 118, 119, 122, 137, 146  
CHEVALIER (capitão) – 196  
CLAUDIANO – Ver PINHEIRO, Clau-  
diano  
CONXAS, Carlos – 154  
CORREIA, Francisco – 141, 143  
COSTA, Tomás da – 316  
CURADO (tenente-general, marechal) –  
64, 93, 242

### D

D. D. D. S. – 102  
D'AZARA – Ver AZARA  
DALBORGA – 185  
DAUN, João Carlos Saldanha de Olivei-  
ra e (general, brigadeiro) – 10, 237,  
239, 241, 243, 244, 245, 250, 254,  
255, 260, 262, 268, 316, 399  
DE JUSSIEU – 334  
DECAZES – 183, 200  
DEL HOST – 183, 185, 188, 190, 195,  
202, 241, 244  
DELEUZE – 192, 196, 197  
DELGADO, Fernando – 548  
DELMONT, Ambroise – 128, 143, 145,  
146, 147, 153, 154  
DEUS, João de – 316, 370, 436  
DIEGO – 455, 472, 473  
DIOGO (D.) – 161, 304, 405  
D'OYENHAUSEN, João Carlos – 186,  
524, 529, 535

### E

EBERT – 173, 175

### F

FALCÃO (coronel) – 257

FERNANDES, Paulo – 81, 399, 467,  
555

FERREIRA, Antônio Cândido – 441

FERREIRA, João Pedro da Silva (sargen-  
to-mor) – 52, 435, 439, 443

FERREIRA, João Pedro de Sousa (major)  
– 60, 61, 62, 129

FIGUEIRA (conde de) – 38, 50, 52, 54,  
58, 70, 80, 85, 91, 102, 118, 119,  
125, 129, 132, 151, 152, 157, 167,  
174, 185, 219, 241, 295, 321, 326,  
336, 369, 410, 425, 440, 445, 451,  
452

FIGUEIREDO, José Joaquim de – Ver  
NEVES, José Joaquim de Figueiredo

FILIFE – Ver CARVALHO, Filipe

FIRMIANO – 31, 34, 37, 39, 63, 73,  
74, 108, 144, 147, 150, 164, 173,  
181, 182, 199, 217, 222, 225, 283,  
294, 295, 296, 298, 299, 300, 311,  
324, 325, 355, 378, 387, 391, 398,  
405, 407, 409, 410, 421, 443, 445,  
459, 468, 483, 509, 513, 514, 534,  
544, 545, 553

FLANGINI (coronel) – 183, 189, 197,  
200

FLEMMING (conde de) – 185

FLORIANO – 558

FONSECA, Inácio José Vicente da (tenen-  
te-coronel) – 11, 249, 254, 257, 260

FONSECA, Joaquim Félix da (sargento)  
– 316

FRANCHET – 192

FRANCISCO I – 373

FRUTUOSO RIVERA – 63, 170

FRY – 52

### G

GALVÃO (coronel) – 11, 249, 254, 257

GAVET – 31, 44, 45, 46

GERTRUDES – 439, 443  
GLORIANA – 497, 508  
GOMES (padre) – Ver RIBEIRO, José  
Gomes  
GOMES, Antônio (capitão) – 426  
GOMES, João – 137  
GONÇALVES, Bento – 149  
GREGÓRIO (D.) – 218, 229  
GUILHERME – Ver HOPKINS, William  
GURJÃO (tenente-coronel) – 188

### H

HAEDA (família) – 241, 250  
HERRERA – 185  
HOPKINS, William – 534

### I

IANDURÉ – 267  
INÁCIO (viúva) – 143  
ISIDORO – Ver MENTRASTE, Isidoro

### J

JACOB (almirante) – 457  
JOÃO XXII (padre) – 206  
JOÃO PEDRO (major) – Ver FERREI-  
RA, João Pedro de Sousa  
JOÃO PEDRO (sargento-mor) – Ver  
FERREIRA, João Pedro da Silva  
JOÃO RODRIGO – 459, 461  
JOÃO VICENTE (coronel) – 254  
JOAQUIM – Ver NEVES, Joaquim  
JOAQUIM JOSÉ – 389, 390, 391  
JOSÉ – Ver JOSÉ MARIANO  
JOSÉ BONIFÁCIO – Ver SILVA, José  
Bonifácio de Andrada e  
JOSÉ EGÍDIO – 31, 44, 88  
JOSÉ FELICIANO – Ver PINHEIRO,  
José Feliciano Fernandes

JOSÉ GONZALO – 461  
JOSÉ MARCELINO – 81, 408, 409  
JOSÉ MARIA – 182, 365, 366, 367,  
368, 374, 399  
JOSÉ MARIANO – 34, 37, 40, 45, 60,  
63, 73, 74, 75, 86, 87, 108, 119,  
127, 129, 142, 143, 181, 188, 195,  
196, 199, 222, 225, 253, 289,  
292, 293, 294, 295, 296, 297,  
298, 300, 309, 310, 311, 324,  
325, 355, 382, 387, 405, 409,  
410, 415, 418, 443, 445, 459,  
476, 481, 482, 486, 495, 503,  
511, 514, 519, 520, 525, 527,  
530, 534, 544, 546, 550, 552, 558

JOSEFA – 426  
JOURDAN – 195  
JOZE IGNACIO – 154  
JUDAS – 327  
JURIEN (almirante) – 173, 174, 189  
JUSTINO – 130

### L

LABNÈGUE – 197  
LAGUNA (barão de) – 126, 219  
LAMBERT, S. – 88  
LARRAÑAGA (padre) – 183, 185, 189,  
197, 198, 210, 212, 226, 233  
LARUOTTE – 73, 74, 86, 108, 203,  
240, 248, 252, 278, 280, 294, 295,  
296, 297, 343, 355, 382, 405, 406,  
409, 410, 443, 445, 476, 534, 544,  
545  
LE CHANTEUR – 196, 197  
LECOR (general) – 50, 62, 63, 64, 93,  
98, 101, 102, 140, 152, 154, 170,  
174, 183, 185, 187, 190, 216, 219,  
245, 247, 250, 265, 267, 269, 270,  
281, 429  
LEFÈVRE-ROUSSAC – 196

568 Auguste de Saint-Hilaire

LEMOS – 75, 126, 143  
LINHARES (conde de) – 436  
LINO, Pedro – 307  
LOBO, José Rodrigo Ferreira (vice-almirante) – 183, 188  
LOPES, Salvador – 389  
LOUREIRO (desembargador) – 466  
LOUZÁ (conde de) – 450  
LUCKOCK – 490  
LUCQUES (príncipe de) – 183, 200  
LUXEMBURGO (duque de) – 175

**M**

M. T. – 113, 114  
MACHADO, João Batista – 477, 487  
MANDURÉ – 267, 268  
MANUEL (D.) – Ver CASTRO, Manuel de Portugal e  
MANUEL JACINTO – 467  
MAOMÉ – 278  
MARCELINO – Ver JOSÉ MARCELINO  
MARIA CLEMÊNCIA – 100  
MARIANO – 386  
MARQUES (coronel) – Ver SOUSA, Manuel Marques de  
MARQUES (tenente-general) – 440, 442  
MARQUES, Manuel – Ver SOUSA, Manuel Marques de  
MARTINS, José Francisco (major) – 276  
MATEUS (major) – Ver TELES, Mateus da Cunha  
MATIAS – 173, 324, 238, 241, 246, 260, 286, 291, 292, 293, 295, 296, 297, 298, 300, 310, 311, 316, 317, 325, 343, 352, 355, 369, 382, 387, 389, 391, 392, 398, 403, 405, 410, 411, 418, 419, 420, 421, 423, 426, 440  
MEIRELES (capitão) – 497, 508

MELO FRANCO (Dr.) – 534  
MELO, Francisco de (sargento-mor) – 524, 531, 539  
MENDES (tenente) – 271  
MENTRASTE, Isidoro (D.) – 218, 232, 233, 234  
MICHEL – 459  
MONTAGNAC – 196, 197  
MORALES, Pedro – 416  
MORE – 183, 193, 196  
MOREIRA (desembargador) – 426  
MORSE – 202  
MÜLLER – 244

**N**

NEUWIED (príncipe de) – 490  
NEVES, Joaquim Figueiredo – Ver NEVES, José Joaquim de Figueiredo  
NEVES, José Joaquim de Figueiredo (sargento-mor) – 191, 208, 209, 246, 247, 289, 290, 291, 296, 297, 300, 324, 325, 375, 382, 394, 405, 410, 416, 426, 427, 432, 435  
NEVES, Tomás Aquino de Figueiredo (capitão) – 427, 428, 431, 435  
NÚÑEZ, Ângelo (D.) – 61, 149, 150, 151, 159, 173, 193

**O**

ORLÉANS (duque de) – 183, 200  
ORTUGUES – 61, 62, 66  
OURIVAS (as) – 185

**P**

PAIVA – 98, 113  
PATRÍCIO (tenente-general) – Ver CÂMARA, Patrício José  
PAULETTE (coronel) – 322, 326, 328, 330, 333, 334, 339, 340, 366, 375, 376, 451, 452

PEDRINHO – 394, 452, 455, 515  
PEDRO – Ver PEDRINHO  
PELLETIER – 192  
PENTEADO, Chico – 342, 349, 351  
PEREIRA, Miguel (capitão) – 509, 511  
PILATOS – 327  
PINHEIRO, Claudiano – 395, 396  
PINHEIRO, José Feliciano Fernandes –  
77, 89  
PINTO, Bernardo da Silveira (general) –  
177  
PIRES – 366  
POMBAL (marquês de) – 118, 244  
PORTUGAL, Tomás Antônio de Vilano-  
va (ministro) – 399, 428  
PRÉGENT – 407, 409  
PUYRREDÓN, M. – 183, 193, 197,  
199, 200, 200-201, 202

## R

RAFAEL – Ver AGUIAR, Rafael Tobias  
de  
RAMÍREZ – 235, 244, 245, 249, 261,  
262, 267, 274, 281, 320, 321, 322,  
340, 345, 366, 372  
RIBEIRO, José Gomes (padre) – 129,  
183, 184, 185, 187, 188, 199, 202,  
209, 219  
RICHELIEU (duque de) – 183, 200  
RODRIGO (D.) – 436  
RODRIGUES, João – Ver ALMEIDA,  
João Rodrigues Pereira de  
RODRIGUES, José (capitão) – 260  
RODRIGUES, Manuel Jorge (coronel,  
general) – 219

## S

SAINT-HILAIRE, Auguste de – 453  
SALDANHA, João Carlos – Ver DAUN,  
João Carlos Saldanha de Oliveira e

SAMPAIO – 326  
SAN MARTÍN – 194, 229  
SANTO AMARO (barão de) – Ver JOSÉ  
EGÍDIO  
SANTOS, Francisco Chagas dos (ma-  
rechal) – 63, 274, 307, 309, 315,  
316, 320, 322, 326, 342, 346, 347,  
348, 350, 351, 352, 357, 358, 359,  
363, 366, 369, 370, 372, 416, 417,  
451  
SILVA, Antônio Bernardino (alferes) –  
303, 312  
SILVA, José Bonifácio de Andrada e –  
524, 534, 535, 556  
SILVEIRA – Ver PINTO, Bernardo da  
Silveira  
SILVEIRA, Francisco Inácio da (padre)  
– 98  
SILVEIRA, Joaquim – 153  
SILVEIRA, José – 398, 412, 413  
SILVÉRIO – 133, 136, 142, 147  
SITI, Francisco Xavier – 307, 320, 321,  
358, 366, 372, 373, 374, 391  
SOLLER – 234  
SOUSA, Antônio Francisco de (D.) –  
218, 219, 220, 221, 222  
SOUSA, Manuel Marques de (tenente-  
-general, coronel) – 84, 86, 108,  
152, 190, 202, 208, 209, 210, 212,  
234  
SOUTHEY – 490  
SOUTO, Antônio Francisco (alferes) –  
307, 313, 215  
SUPLÍCIO – 254

## T

TAQUARI (barão de) – Ver RODRI-  
GUES, Manuel Jorge  
TARGINI – 399  
TEIXEIRA – 127

570 Auguste de Saint-Hilaire

TEIXEIRA, José – 467

TELES, Mateus da Cunha (sargento-  
-mor, major) – 75, 92, 95, 107, 108,  
124, 125, 126, 129, 134, 138, 155,  
164, 180, 184, 208, 224, 226, 227,  
230, 253, 425

TOMÁS ANTÔNIO – 93

TOMÁS AQUINO – Ver NEVES, To-  
más Aquino de Figueiredo

V

VASCONCELOS, José Teixeira e – 542

VAZ (brigadeiro) – 524, 535

VELOSO (D.) – 489

VICENTE (cirurgião-mor) – 435, 436

VIEIRA, José (tenente) – 108, 128, 129,  
130

W

WOODFORD – 534

*Viagem ao Rio Grande do Sul*, de Auguste de Saint-Hilaire, foi composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em papel polen soft 80 g/m<sup>2</sup>, nas oficinas da Secretaria de Editoração e Publicações do Senado Federal – SEGRAF, em Brasília. Acabou-se de imprimir em janeiro de 2019, de acordo com o programa editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.



LIVROS DE ESTRANGEIROS SOBRE O BRASIL  
PUBLICADOS PELO  
CONSELHO EDITORIAL DO SENADO FEDERAL

- O Rio de Janeiro como é (1824 – 1826)*, de C. Schlichthorst  
*Sua Majestade o Presidente do Brasil*, de Ernest Hambloch  
*Viagem ao Brasil*, de Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz  
*Viagem na América Meridional*, de Ch. M. de La Condamine  
*Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*, de Daniel P. Kidder  
*Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, de Richard Burton  
*Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo*, de Auguste de Saint-Hilaire  
*Brasil: Amazonas-Xingu*, do Príncipe Adalberto da Prússia  
*Brasil: Terra e Gente (1871)*, de Oscar Canstatt  
*Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*, de Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied  
*Viagem ao Rio Grande do Sul*, de Auguste de Saint-Hilaire  
*Dois anos no Brasil*, de Auguste-François Biard  
*História do Brasil*, de John Armitage  
*História do Brasil*, (3 vols.), de Robert Southey  
*Nas Selvas do Brasil*, de Theodore Roosevelt  
*No Brasil, do rio São Francisco ao Amazonas*, de Paul Walle

